



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*SIMULACRA CORPORUM SANCTORUM MARTYRUM*

ESTUDO DE UM PATRIMÓNIO EM RISCO E ESTRATÉGIAS PARA A SUA  
VALORIZAÇÃO E SALVAGUARDA

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Doutor em Conservação e Restauro de Bens Culturais

por

*Joana do Carmo Palmeirão*

ESCOLA DAS ARTES

(Janeiro 2023)





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*SIMULACRA CORPORUM SANCTORUM MARTYRUM*

ESTUDO DE UM PATRIMÓNIO EM RISCO E ESTRATÉGIAS PARA A SUA  
VALORIZAÇÃO E SALVAGUARDA

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de Doutor em Conservação e Restauro de Bens Culturais

Por: Joana do Carmo Palmeirão

Sob orientação de: Eduarda Vieira; Teresa Ferreira; Maria Coutinho

ESCOLA DAS ARTES

(Janeiro 2023)

A presente investigação beneficiou de uma bolsa de doutoramento atribuída pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, financiada por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu através do POCH – Programa Operacional Capital Humano (referência SFRH/BD/124061/2016 e bolsa excecional COVID/BD/151708/2021):



Investigadora afiliada do CITAR (Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto) e do Laboratório HERCULES (Universidade de Évora):



A tese foi escrita ao abrigo do Acordo Ortográfico em vigor desde 2009.

O sistema de citação e de referenciação das fontes consultadas foi APA (*American Psychological Association 6th edition*) e o gerenciador automático de referências utilizado foi *Mendeley Desktop*.

É totalmente proibida a reprodução de imagens, tabelas, esquemas ou documentação publicada na presente tese sem expressa autorização dos detentores dos direitos. O contacto deve ser efetuado, por escrito, para o seguinte endereço eletrónico: [jcpalmeirao@gmail.com](mailto:jcpalmeirao@gmail.com)

## Índice

Agradecimentos .....	vi
Resumo .....	viii
Abstract .....	x
Lista de figuras .....	xii
Lista de tabelas .....	xxvii
Lista de siglas e abreviaturas .....	xxx
Introdução.....	1
1. Revisão da Literatura.....	11

### PARTE I

#### DOS CEMITÉRIOS SUBTERRÂNEOS DE ROMA À EXPOSIÇÃO PÚBLICA DAS RELÍQUIAS DOS SANTOS MÁRTIRES

2. As catacumbas de Roma e o culto das relíquias dos santos mártires .....	23
2.1. A origem das perseguições romanas aos cristãos .....	23
2.2. A origem dos cemitérios subterrâneos cristãos de Roma.....	27
2.3. As catacumbas romanas em tempos de perseguição .....	30
2.4. O abandono dos cemitérios subterrâneos .....	36

3.	O culto dos santos mártires na era da Reforma Tridentina .....	39
3.1.	A Reforma Protestante e o Concílio de Trento.....	39
3.2.	Redescoberta e exploração dos cemitérios subterrâneos da Roma Antiga .....	45
3.3.	Administração das catacumbas de Roma .....	47
3.3.1.	Exumação e nomeação dos corpos santos catacumbais.....	57
3.4.	Desvanecimento do culto aos santos mártires catacumbais.....	61
4.	Exposição das relíquias catacumbais para devoção e culto.....	63
4.1.	O relicário de corpo inteiro .....	63
4.2.	Corpo santo, corpo-relicário ou simulacro?.....	67
4.3.	<i>Simulacra</i> em Portugal.....	77

## PARTE II

### *CORPI SANTIEM PORTUGAL*

5.	Inventário nacional de santos mártires catacumbais .....	91
5.1.	<i>Corpi santi</i> em Portugal: ossos desmontados ou simulacros?.....	95
5.2.	Inventário de <i>simulacra</i> em Portugal .....	103
5.2.1.	Diocese de Lisboa.....	103
5.2.2.	Diocese do Porto.....	122
5.2.3.	Diocese de Braga .....	143
5.2.4.	Diocese de Vila Real.....	164
5.2.5.	Diocese da Guarda.....	177

## PARTE III

### ESTUDO CIENTÍFICO DE *SIMULACRA* EM PORTUGAL

6.	Caracterização técnico-material de simulacros em Portugal .....	187
6.1.	Critérios de seleção.....	187
6.2.	Metodologia de análise .....	189
6.2.1.	Inspeção visual e análise microscópica .....	190
6.2.2.	Fotografia e radiografia digitais.....	193
6.2.3.	ATR-FT-IR .....	194
6.2.4.	LC-DAD-MS .....	195
6.2.5.	Py-GC-MS .....	196
6.2.6.	SEM-EDS.....	197
6.3.	Resultados e discussão.....	198
6.3.1.	Santo mártir Marciano (Sobral da Lagoa).....	198
6.3.2.	Santos mártires Vitória, Eleonora e Burcio (Oeiras) .....	225
6.3.2.1.	Santas mártires Vitória e Eleonora .....	225
6.3.2.2.	Santo mártir Burcio .....	249
6.3.3.	Santos mártires Vicente e Frutuoso (Coimbra) .....	262
6.3.3.1.	Santo mártir Vicente .....	262
6.3.3.2.	Santo mártir Frutuoso .....	277
6.3.4.	Santo mártir Fortunato (Guimarães) .....	287

## PARTE IV

### CONSERVAÇÃO E SALVAGUARDA DOS *SIMULACROS* DOS SANTOS MÁRTIRES

7.	<i>Simulacra</i> como bens patrimoniais: reflexão e intervenções realizadas.....	318
----	--	-----

7.1. Estado atual dos <i>simulacra</i> em Portugal .....	318
7.2. <i>Simulacra</i> como bens patrimoniais .....	320
7.3. A conservação das relíquias na ótica da Igreja Católica .....	329
7.3.1. Instrução “As Relíquias na Igreja: Autenticidade e Conservação” (2017) ...	329
7.3.2. “Protocolo” da <i>Regalis Lipsanoteca</i> (2018).....	333
7.4. Intervenções (de conservação e restauro) em <i>simulacra</i> , em Portugal.....	341
7.4.1. Santos mártires Bonifácio e Vitória (Lisboa).....	343
7.4.2. Santa mártir Justina (Lisboa).....	344
7.4.3. Santo mártir Urbano (Lisboa) .....	347
7.4.4. Santos mártires Clemente e Severino (Porto).....	351
7.4.5. Santo mártir Clemente (Bujões) .....	354
7.4.6. Santo mártir Justino (Barcelos) .....	357
7.4.7. Santo mártir Fortunato (Guimarães) .....	358
7.4.8. Vários santos mártires (Ourém) .....	361
7.5. Intervenções (de conservação e restauro) em <i>simulacra</i> , fora de Portugal.....	363
8. Estratégias de conservação e (re)valorização de <i>simulacra</i> em Portugal .....	368
8.1. Identificação, análise e mitigação de riscos em edifícios históricos.....	369
8.2. Estratégias de (re)valorização e exposição dos <i>simulacra</i> .....	382
Considerações finais.....	393
Bibliografia .....	403
Anexos .....	458
Anexo A – Autêntica do <i>Sagrado Corpo do Mártir S. Clemente</i> .....	458

Anexo B – Autêntica do <i>Sagrado Corpo de S. VICENTE M. Adolescente</i> .....	459
Anexo C – “Tr.º de Meza, q[ua] contem a forma da procição do Martir São Clemente (...)” .....	460
Anexo D – “Termo de Abertura do Santo e exame que se fez no Caixão”.....	462
Apêndices.....	464
Apêndice I – Lista de cardeais-vigários, custódios e sacristãos .....	464
Apêndice II – <i>Corpos santos</i> que chegaram a Portugal no século XVII .....	466
Apêndice III – <i>Corpos santos</i> que chegaram a Portugal nos séculos XVIII e XIX .....	471
Apêndice IV – <i>Simulacra</i> em Portugal .....	478
Apêndice V – Fichas de inventário .....	480
Apêndice VI – Rendimento das escolas de são Fortunato .....	620
Apêndice VII – Resultados analíticos .....	622
Apêndice VIII – Intervenções realizadas em Portugal .....	626

## **Agradecimentos**

Começo por exprimir os meus sinceros e profundos agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma, permitiram que esta tese se concretizasse.

À minha orientadora, a professora doutora Eduarda Vieira, pessoa a quem devo o incentivo para a realização da presente investigação, por todo o apoio e orientação. Às minhas coorientadoras, as professoras doutoras Teresa Ferreira e Maria Coutinho, por todo o ânimo, dedicação e conhecimento que consagraram a este trabalho. Ao professor doutor José Ferrão Afonso pelo incentivo e apoio durante o tempo que acompanhou a investigação como coorientador.

Ao doutor Carlos Evaristo, por acreditar no trabalho e pelos importantes contributos ao longo da investigação. Ao Dr. José João Loureiro, por todas as fotografias, dados históricos e demais informações partilhadas e de grande importância para o inventário. Aos investigadores Massimiliano Ghilardi e Gabriela Sánchez Reyes pela colaboração e envio de documentação relevante e complementar à investigação, sem nunca esquecerem o espírito de partilha.

À Dra. Luísa Silva, diretora do Museu dos Biscainhos, que tão generosamente permitiu a consulta do acervo documental, e à professora doutora Teresa Almeida d'Eça pelo amável contributo e ajuda na consulta. Ao Dr. Varico Pereira, vice-presidente da Confraria do Bom Jesus do Monte, pelas demais autorizações, e ao secretário, Sr. Vicente Craveiro Martins, pelo acesso ao arquivo. Ao Dr. Alexandre Salgueiro do Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, pela paciência e contributo. A todos os demais funcionários e funcionárias dos arquivos e bibliotecas que de forma tão prestável apoiaram esta investigação.

A todos os párocos, sacristãos, proprietários, presidentes e diretores de instituições religiosas e culturais que facultaram o acesso e o registo fotográfico das peças: à Irmã Ana Maria Vieira, diretora do convento dos Cardais; ao Pe. Mário Pedras da igreja de santa Maria Madalena; a Fr. Hermínio Araújo, guardião do convento de santo António de Varatojo; ao Pe. José Magalhães da igreja dos Congregados; ao Pe. Agostinho Jardim Moreira da igreja de são Nicolau; ao Pe. Rui Cantarilho da igreja paroquial de Sobral de Monte Agraço; ao presidente Sr. Joaquim de Sousa da Venerável

Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Penafiel; à Dra. Manuela Maia Rebelo da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa; à Dra. Paula Alexandra Costa do Arquivo Histórico e Património Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Almada; ao provedor, Sr. Dr. Eduardo Leite da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães e à Dra. Maria Rui Sampaio da divisão do Património; à Fundação da Casa de Mateus, na pessoa do Dr. Ricardo Mingorance; ao Sr. Maxime Didier do palácio do Mitelo; à Sra. Maria Guilhermina da quinta da Espregueira; ao Sr. Carlos Fragoso e à Sra. Ana Fragoso da quinta de Manique; ao professor doutor Roque Brandão da capela de São Pio; ao coronel Alexandre Maria de Castro de Sousa Pinto da casa da Torre das Pedras; ao Sr. Diogo Belford Henriques pelo acesso ao palácio Caldas e aos demais que, embora não sejam aqui mencionados, o seu contributo será lembrado.

No acesso aos exemplares para o estudo analítico agradeço, em particular, à Dra. Isabel Brigadeiro, chefe de divisão da Cultura da Câmara Municipal de Oeiras e à Dra. Alexandra Batista Fernandes do Departamento de Arte, Cultura e Turismo; ao Pe. Ricardo Figueiredo e ao Pe. Marco Leotta, como párocos de Sobral da Lagoa, e ao Doutor José Félix Duque por facilitar o contacto; ao Pe. Nuno Miguel Santos, reitor do seminário maior de Coimbra, e ao Eng.º Paulo Morgado; ao presidente Sr. António Monteiro de Castro e ao secretário Dr. José Couceiro da Costa da Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.

À professora doutora Luísa Maria Resende, do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por todo o empenho nas traduções do latim e à minha mãe pela disponibilidade e dedicação nas traduções do francês, alemão e italiano. À minha mãe, Dra. Cândida Palmeirão, devo também o importante contributo durante a interpretação das radiografias.

A tantas outras pessoas afáveis e disponíveis que contribuíram com informação relevante para o desenvolvimento do trabalho.

À minha família, em particular ao meu marido, que me acompanhou incondicionalmente ao longo deste percurso.

Por fim, à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, sem cuja bolsa de doutoramento este projeto não teria sido possível.

## Resumo

A presente tese pretende dar a conhecer um património único e ainda desconhecido em Portugal – os *simulacra* – uma tipologia de relicários de corpo inteiro e tamanho natural, produzida entre os finais do século XVII e meados do século XIX, para expor e enaltecer os restos mortais dos primeiros mártires do cristianismo. Exumados dos cemitérios subterrâneos de Roma a partir de 1578, milhares de corpos (*corpi santi*) que se acredita terem morrido como mártires cristãos, foram obtidos pelos membros das elites católicas e leigos para fortalecer a prática religiosa em igrejas, conventos e oratórios por todo o mundo cristão, designadamente Portugal. Intrinsecamente relacionado com a antiga devoção às relíquias sagradas e à fé no seu poder espiritual, e favorecido pela retórica tridentina, esta prática duraria trezentos anos. Produzidos com materiais variados e técnicas de manufatura complexas, os *simulacra* eram vestidos com trajes cerimoniais barrocos e expostos com os atributos de santidade e martírio dentro de urnas-relicário ou altares. Porém, quer as controvérsias sobre a autenticidade dos corpos e seus atributos, quer a atitude anticlerical que marcou o século XIX, puseram fim às exumações.

Uma vez que a investigação sobre os *simulacra* é ainda escassa tanto nacional, como internacionalmente, pretende-se apresentar nesta tese um estudo histórico-artístico e técnico, um inventário nacional, e uma proposta de conservação e salvaguarda dos exemplares em território português. São Clemente (Braga), santa Clara (Porto), são Vicente (Penafiel), santa Justina (Lisboa) são apenas alguns de entre as dezenas de peças inventariadas que testemunham o culto pelas relíquias dos santos mártires em Portugal.

Do ponto de vista da análise dos materiais e das técnicas de manufatura adotados pelos artesãos incumbidos da sua montagem, serão apresentados os resultados analíticos de sete exemplares através de técnicas de imagem (radiografia, OM e SEM), espectroscópicas (EDS & ATR-FT-IR) e cromatográficas (LC-DAD-MS e Py-GC-MS). Apesar da provável origem romana das peças, os resultados obtidos sustentam possíveis produções ou remontagens nacionais.

Finalmente, os simulacros enfrentam hoje processos de deterioração dramáticos e risco de desaparecimento por dissociação. À semelhança de outros países da Europa e Américas, muitos

dos exemplares em Portugal foram tapados, removidos dos altares ou destruídos; mesmo os que permanecem expostos nos espaços sagrados, embora sem culto, foram, com o tempo, esquecidos. Assim, são definidas algumas propostas estratégicas de consciencialização, divulgação e (re)valorização destas peças, através da mobilização comunitária e da transferência de conhecimento intergeracional. Como aqui se defende, os *simulacra* constituem um património de grande valor histórico, cultural e religioso que urge preservar com uma abordagem multidisciplinar, para benefício das gerações presentes e vindouras.

**Palavras-chave:** catacumbas de Roma; *corpi santi* (corpos santos); *simulacra* (simulacros); inventário nacional; caracterização material e técnica; conservação preventiva; salvaguarda.

## Abstract

This thesis intends to make known a unique and still unknown heritage in Portugal – the *simulacra* – a type of full-body, life-size reliquaries, produced between the end of the 17th century and the mid-19th century, to expose and glorify the mortal remains of the first martyrs of Christianity. Exhumed from Rome's underground cemeteries from 1578 onwards, thousands of bodies (*corpi santi*) believed to have died as Christian martyrs, were used by members of the Catholic and lay elites to strengthen religious practice in churches, convents, and oratories throughout the Christian world, namely Portugal. Fundamentally related to the ancient devotion to holy relics and faith in their spiritual power, and favored by Tridentine rhetoric, this practice would last for three hundred years. Produced with varied materials and complex manufacturing techniques, the *simulacra* were dressed in baroque ceremonial costumes and displayed with the attributes of sanctity and martyrdom inside reliquary urns or altars. However, the controversies over the authenticity of the bodies and their attributes, and the anticlerical attitude that marked the 19th century, put an end to the exhumations.

Since research on *simulacra* is still scarce both nationally and internationally, this thesis intends to present a historical-artistic and scientific study, a national inventory, and a proposal for the conservation and safeguarding of specimens in Portuguese territory. Saint Clement (Braga), saint Clare (Porto), saint Vicent (Penafiel), and saint Justine (Lisbon) are just some of the dozens of inventoried pieces that testify the holy martyrs' relics cult in Portugal.

Regarding the analysis made of the materials and manufacturing techniques adopted by the artisans in charge of their montage, the thesis aims to bring forward the analytical results of seven specimens through imaging (radiography, OM and SEM), spectroscopic (EDS & ATR-FT-IR), and chromatographic (LC-DAD-MS and Py-GC-MS) techniques. Despite the probable Roman origin of the pieces, the results obtained support possible national productions or reassembly.

Finally, *simulacra* face today dramatic deterioration processes and the risk of disappearing through dissociation. As in other countries in Europe and the Americas, in Portugal many of the pieces were covered up, removed from altars, or destroyed; even those that remain exposed in sacred spaces,

although without worship, were, over time, forgotten. Thus, some strategic proposals for awareness, dissemination, and (re)valuation of these pieces will be proposed, through involving communitarian mobilization and intergenerational knowledge transfer. As defended in the present thesis, the *simulacra* constitute a heritage of great historical, cultural, and religious value that must be preserved with a multidisciplinary approach, for the benefit of present and future generations.

**Keywords:** catacombs of Rome; *corpi santi* (holy bodies); *simulacra* (simulacra); national inventory; material and technical characterization; preventive conservation; safeguard.

## Lista de figuras

Fig. 1 – Simulacro do corpo do santo mártir Eugénio (1742), igreja de santo António dos Congregados, Porto. © Joana Palmeirão.....	79
Fig. 2 – Simulacro do corpo da santa mártir Prima (1770), palácio do Mitelo, Lisboa. © Joana Palmeirão.....	79
Fig. 3 – Simulacro do corpo do santo mártir Vicente (1826), igreja de Nossa Senhora do Carmo, Penafiel. © Joana Palmeirão.....	79
Figs. 4 e 5 – Esquerda: simulacro do corpo do santo mártir Paulo (1746), casa da Torre das Pedras, Paredes da Beira. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Vitório (s.d.), palácio Caldas, Lisboa. © Joana Palmeirão.....	82
Figs. 6 e 7 – Esquerda: simulacro do corpo do santo mártir Peregrino (1703), igreja do extinto convento dos Cardais, Lisboa. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Liberato (1779), igreja do seminário maior de Coimbra, Coimbra. © Joana Palmeirão .....	82
Figs. 8 e 9 – Esquerda: simulacro do corpo da santa mártir Clara (1798), igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Porto. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Benedito (1870), igreja do extinto convento de santo António de Varatojo, Torres Vedras. © Joana Palmeirão.....	82
Figs. 10 e 11 – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor das rendas metálicas e gazes aplicadas nos membros superiores e inferiores, respetivamente, do simulacro do corpo do santo mártir Marcos (1704), palácio Mateus, Vila Real. © Joana Palmeirão .....	83
Figs. 12 e 13 – Fotografias de pormenor das rendas metálicas nos membros superiores e inferiores, respetivamente, do simulacro do corpo do santo mártir Clemente (1778-80), santuário do Bom Jesus do Monte, Braga. © Joana Palmeirão .....	84
Figs. 14 e 15 – Fotografias de pormenor do tecido no rosto e nos membros superiores e inferiores do simulacro do corpo da santa mártir Felicidade (1770-1800), igreja do extinto convento de santo António dos Capuchos, Guimarães. © Joana Palmeirão .....	84

Figs. 16 e 17 – Fotografias de pormenor das aberturas nos membros inferiores e superiores, respetivamente, do simulacro do corpo do santo mártir Bonifácio (s.d.), igreja de são Nicolau, Lisboa. © Joana Palmeirão.....	84
Figs. 18 e 19 – Esquerda: simulacro do corpo da santa mártir Felicidade (1770-1800), igreja do extinto convento de santo António dos Capuchos (Guimarães). © Joana Palmeirão. Direita: <i>corposanto di santa Clementina, Parrochia dei Ss. Quirino e Michele Arcangelo (Correggio, Itália)</i> . Foto gentilmente cedida por Massimiliano Ghilardi.....	87
Figs. 20 e 21 – Esquerda: simulacro do corpo do santo mártir Fortunato (1787), igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (Guimarães). © Joana Palmeirão. Direita: <i>corposanto di san Fidele, Chiesa di San Filippo Neri (Montefiore dell'Aso, Itália)</i> . Foto gentilmente cedida por Massimiliano Ghilardi .....	87
Figs. 22 e 23 – Esquerda: cópia da estampa devocional (gravura) do simulacro do corpo do santo mártir Justino (capela privada da casa da Espregueira, Barcelos). Direita: pormenor da subscrição no canto inferior esquerdo. Documento gentilmente cedido pela proprietária da casa da Espregueira .....	89
Figs. 24 e 25 – Esquerda: retábulo-relicário no coro baixo da igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, Lisboa. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Peregrino. © Joana Palmeirão .....	103
Figs. 26, 27 e 28 – Esquerda e centro: fachada e altar da capela de Nossa Senhora do Pilar da quinta de Manique, Manique de Baixo. Direita: simulacro do corpo da santa mártir Agatemera. © Joana Palmeirão .....	105
Figs. 29, 30 e 31 – Esquerda e centro: simulacros dos corpos das santas mártires Vitória e Eleonora nos altares laterais da capela de Nossa Senhora das Mercês do palácio do marquês de Pombal, Oeiras. Direita: vitrina com o simulacro do corpo do santo mártir Burcio, embutida na parede lateral da capela-mor. © Joana Palmeirão.....	110
Figs. 32, 33 e 34 – Esquerda e centro: simulacro do corpo da santa mártir Prima em urna própria, depositada na capela do Senhor Jesus dos Perdões do palácio do Mitelo, Lisboa. Direita: cartela em	

papel com a inscrição que identifica o nome da santa e a catacumba romana. © Joana Palmeirão .....	113
Figs. 35, 36 e 37 – Esquerda e centro: simulacro do corpo do santo mártir Benedito em urna própria, sob o altar da capela de Nossa Senhora das Dores do extinto convento de santo António de Varatojo, Torres Vedras. Direita: cartela em madeira com o nome do santo. © Joana Palmeirão .....	116
Figs. 38, 39 e 40 – Esquerda e centro: fachada e capela-mor da igreja de são Sebastião, Sobral da Lagoa. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Marciano em urna própria, sob o altar principal. © Joana Palmeirão & Joana Pina.....	121
Figs. 41, 42 e 43 – Esquerda e centro: simulacros dos corpos dos santos mártires Severino e Eugénio nos altares das capelas laterais da igreja de santo António dos Congregados, Porto. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Clemente na capela colateral. © Joana Palmeirão .....	122
Fig. 44 – Urnas-relicário contendo os simulacros dos corpos dos santos mártires Aurélio e Pacífico, localizadas na capela de são Vicente no claustro da sé do Porto. © Joana Palmeirão .....	128
Figs. 45, 46 e 47 – Esquerda e centro: simulacro do corpo do santo mártir Vicente em urna própria no banco do retábulo lateral da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Penafiel. Direita: ex-votos deixados pelos fiéis por devoção ao santo. © Joana Palmeirão.....	131
Figs. 48 e 49 – Esquerda: <i>Nota</i> com os nomes dos santos (com autêntica), enviada com a carta de 2 de julho de 1825 por Bento Cosmelli ao tesoureiro da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Penafiel. Direita: carta enviada no dia 31 de outubro de 1826 por Cosmelli ao tesoureiro, intitulada “Couta da Despeza q□. Emportou à Condução do S. Viçente Martir, Mosso de Roma athe a Cid.º de Lx.º”. © VOTNSCP AMP (documentos digitalizados).....	133
Figs. 50 e 51 – Capa e primeiras folhas do livro de “Registos de milagres e missas”, onde consta a história do martírio de são Vicente e de suas irmãs (VOTNSCP, 1829). © VOTNSCP AMP (documentos digitalizados).....	137
Fig. 52 – Estampa devocional de <i>S. Vicente Moço Martir</i> e 1ª página do registo de milagres do santo no livro “Registo de milagres e missas” (VOTNSCP, 1829, fols. 2v–3r). © VOTNSCP AMP (documentos digitalizados).....	139

Figs. 53, 54 e 55 – Ex-votos pintados oferecidos a são Vicente, expostos na sacristia da igreja de N. Sra. do Carmo, Penafiel. © Joana Palmeirão .....	141
Figs. 56, 57 e 58 – Esquerda e centro: fachada e altar das relíquias do santuário do Bom Jesus do Monte, Braga. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Clemente. © Joana Palmeirão .....	143
Figs. 59, 60 e 61 – Esquerda e centro: fachada e altar do Sagrado Coração de Jesus da igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, Guimarães. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Fortunato. © Joana Palmeirão .....	151
Figs. 62, 63 e 64 – “Livro de Receita, e Despesa da Irmandade de N. S. <sup>ra</sup> da Consolação, e Santos Passos...” do Aquivo da RINSCSP (cota 37), onde estão registadas as despesas com a primeira festa e seguintes, e os rendimentos de são Fortunato, no período compreendido entre 1748 e 1834 (capa, fl. 155v e fl. 205v). © RINSCSP e Joana Palmeirão .....	155
Figs. 65, 66 e 67 – Esquerda e centro: fachada e altar lateral da capela de Nossa Senhora dos Prazeres do palácio de Mateus, Vila Real. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Marcos. © Joana Palmeirão .....	164
Figs. 68 e 69 – Documento intitulado “[Certidão de autenticação, Declaração de Doação e Reconhecimento] da relíquia do Corpo de São Marcos trazido de Roma pelo Santo Arcediago Diogo Álvares Mourão e oferecido a seu irmão Matias Álvares Mourão, Morgado da Prata” com data de 1704 e 1705 (SICM/SC04, G. 1889.9). © SICM – Fundação da Casa de Mateus (documentos digitalizados) .....	165
Figs. 70 e 71 – Documento intitulado “Autêntica de Roma para envio do corpo de São Marcos Mártir à Casa de Mateus”, com data de 21 de março de 1705 (SICM G. 1960.2, 22234_1-2). © SICM – Fundação da Casa de Mateus (documentos digitalizados) .....	170
Figs. 72, 73 e 74 – Esquerda e centro: fachada e retábulo colateral da igreja de são Bento, Louriçal do Campo. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Fiel exposto no seu andor, onde é transportado anualmente em procissão. © Joana Palmeirão .....	177
Figs. 75, 76 e 77 – Procissão de são Fiel durante o festejo anual em Louriçal do Campo (agosto de 2014). Fotos gentilmente cedidas por Carlos Domingues.....	184

Fig. 78 – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Marciano, igreja paroquial de São Sebastião, Sobral da Lagoa, Óbidos (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC).....	198
Figs. 79 e 80 – Fotografias de pormenor do rosto e da coroa de flores do simulacro do santo mártir Marciano. © Joana Palmeirão .....	199
Figs. 81, 82, 83, 84, 85 e 86 – Fotografias de pormenor das vestes do simulacro do santo mártir Marciano. © Joana Palmeirão .....	202
Figs. 87, 88, 89, 90, 91, 92 – Fotografias de pormenor do simulacro do santo mártir Marciano. © Joana Palmeirão.....	204
Fig. 93 – Radiografia frontal e integral do simulacro do corpo do santo Marciano (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	205
Fig. 94 – Pormenor dos membros inferiores, nos quais se observa a rede metálica interna e as várias fraturas nos ossos. © Luís Piorro (LJF DGPC).....	205
Fig. 95 – Radiografia parcial do rosto do simulacro do santo mártir Marciano (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	207
Fig. 96 – Exemplo de um esquema de apoio na identificação das fibras têxteis (algodão, linho, cânhamo e seda). Extraído de Tímár-Balázs & Eastop, 1998, p. 5 .....	209
Figs. 97, 98 – Da esquerda para a direita: fotografia da zona de fratura (pescoço), de onde se retirou a amostra do enchimento fibroso (amostra M2) e imagem da secção longitudinal da amostra obtida ao microscópio de campo claro (100x). © Joana Palmeirão .....	210
Figs. 99 e 100 – Imagens da secção longitudinal da amostra MF1 (papel corado) obtidas ao microscópio de campo claro (200x), nas quais se observa um aglomerado de fibras vegetais. As fibras de linho/cânhamo são identificáveis na figura da direita. © Joana Palmeirão .....	210
Figs. 101 e 102 – Esquerda: perfil cromatográfico da amostra do bordado verde-escuro do manto (M28), no qual se identificam os corantes: indigóide (azul ácido 74): 1 e 2 – indigóide, e o lírio-dos-tintureiros: 3 – luteolina-di-glucosídeo, 4 – luteolina-glucosídeo, 5 – apigenina-glucosídeo, 6 – luteolina-glucosídeo, 7 – luteolina e 8 – apigenina. Direita: perfil cromatográfico da amostra do tecido de veludo (M18), no qual se identifica o corante cochinilha: 1 – ácido carmínico, 2 – dcIV e 3 – dcVII. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão.....	212

Figs. 103, 104 e 105 – Fotografias das amostras M20, M23 (ambas em prata dourada) e M10 (liga de prata dourada), obtidas ao microscópio estereoscópico (20x, 50x, 32x, respetivamente). © Joana Palmeirão .....	216
Fig. 106 – Imagem SEM (BSE) e mapas de distribuição elementar (EDS), da amostra M19 (liga de prata dourada), com deteção de prata (Ag), cobre (Cu) e ouro (Au). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	216
Fig. 107 – Mapa de distribuição elementar (EDS) da amostra M15. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	219
Figs. 108 e 109 – Fotografias do alfinete recolhido do manto (M26), com destaque para a zona com corrosão, obtidas pelo microscópio estereoscópico (7,8x e 25x). © Joana Palmeirão .....	221
Fig. 110 – Imagem SEM (BSE) e mapas de distribuição elementar (EDS), da amostra M26 (alfinete), com deteção de cobre (Cu), zinco (Zn), estanho (Sn) e cloro (Cl). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	221
Fig. 111 – Cromatograma da amostra M1 (rosto), cujos biomarcadores sugerem a presença de cera. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) .....	222
Figs. 112 e 113 – Fotografia do rosto de onde foi recolhida a amostra M1, seguida do espectro de FT-IR. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	223
Figs. 114 e 115 – Da esquerda para a direita: imagens da secção longitudinal da amostra de cabelo (M3) e da amostra da sobancelha (M5), obtidas ao microscópio de campo claro (100x e 200x). © Joana Palmeirão .....	224
Figs. 116 e 117 – Fotografia do cabelo de onde foi recolhida a amostra M3, seguida do espectro de FT-IR. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	224
Fig. 118 – Fotografia geral do simulacro do corpo da santa mártir Vitória, capela do palácio do marquês de Pombal, Oeiras (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC).....	226
Figs. 119 e 120 – Fotografias de pormenor do rosto e da coroa do simulacro da santa mártir Vitória. © Joana Palmeirão.....	227
Figs. 121, 122 e 123 – Fotografias de pormenor da indumentária (vestido, corpete e manto) do simulacro da santa mártir Vitória. © Joana Palmeirão .....	229

Fig. 124 – Fotografia geral do simulacro do corpo da santa mártir Eleonora, capela do palácio do marquês de Pombal, Oeiras (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	229
Figs. 125, 126 e 127 – Fotografias de pormenor da indumentária (meias, sapatos e lenço) do simulacro da santa mártir Eleonora. © Joana Palmeirão .....	230
Figs. 128 e 129 – Fotografias de pormenor da montagem da máscara de cera da santa Vitória (esquerda) e da santa Eleonora (direita). © Joana Palmeirão .....	232
Figs. 130 e 131 – Fotografia de pormenor da peruca da santa Vitória (esquerda) e imagem do sistema de montagem obtida por Dino-Lite (direita). © Joana Palmeirão e Margarida Nunes .....	232
Figs. 132, 133 e 134 – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor das lacerações e perdas volumétricas (santa Vitória), e das manchas esbranquiçadas na cera do rosto (santa Eleonora)..	233
Fig. 135 – Radiografia frontal do simulacro do corpo da santa mártir Vitória (após montagem e edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	234
Fig. 136 – Radiografia parcial e frontal do peito, onde é evidenciado o trabalho dos passamanes e a aplicação profusa de alfinetes (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	234
Fig. 137 – Radiografia frontal e parcial do simulacro do corpo da santa mártir Eleonora (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC).....	235
Figs. 138 e 139 – Radiografias parciais e frontais do rosto e da região toracoabdominal (esquerda), e dos pés (direita) do simulacro do corpo da santa mártir Eleonora. © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	235
Fig. 140 – Radiografia parcial das coxas, onde se observam pequenos arames delgados. © Luís Piorro (LJF DGPC).....	236
Figs. 141 e 142 – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do tecido da palma (E14), obtidas ao microscópio estereoscópico (23x) e ao microscópio de campo claro (200x). © Joana Palmeirão .....	237
Figs. 143, 144 e 145 – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do tecido bordado do corpete (V17), obtidas por Dino-Lite e ao microscópio de campo claro (100x e 200x). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	238

Figs. 146, 147, 148 e 149 – Da esquerda para a direita: imagens das amostras das pétalas da coroa (V5) e do ramo de flores (E3), obtidas ao microscópio estereoscópico (12,5x e 7,8x). © Joana Palmeirão .....	238
Figs. 150 e 151 – Imagens da amostra da pétala do ramo de flores (E3) obtidas ao microscópio estereoscópico (20x) e ao microscópio de campo claro (100x). © Joana Palmeirão .....	238
Figs. 152 e 153 – Fotografias de pormenor das folhas de palma e dos ramos de flores dos simulacros das santas mártires Eleonora (esquerda) e Vitória (direita). © Joana Palmeirão .....	241
Fig. 154 – Perfil cromatográfico da amostra da palma (E14), no qual se identifica o lírio-dos-tintureiros: 1 e 2 – luteolina-di-glucosídeo, 3 – luteolina-glucosídeo, 4 – apigenina-glucosídeo, 5 – luteolina e 6 – apigenina; e o índigo ou pastel-dos-tintureiros: 7 – indigotina. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão .....	243
Figs. 155, 156 e 157 – Da esquerda para a direita: imagens do bordado a ouro do vestido onde se observa a aplicação de canotilhos e da amostra do canotilho (V16), obtidas por Dino-Lite e por microscopia estereoscópica (20x), e imagem SEM (BSE) da mesma amostra, na qual é visível o douramento a toda a volta (técnica <i>cast, drawn and rolled</i> ). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão	245
Figs. 158 e 159 – De cima para baixo: imagem SEM (BSE) da amostra V9, na qual é visível o douramento a toda a volta (técnica <i>cast, drawn and rolled</i> ) e a presença de estrias longitudinais, e espectro de EDS da análise pontual da mesma amostra (ponto branco). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	246
Figs. 160 e 161 – De cima para baixo: imagens SEM (BSE) e espectros de EDS do núcleo de Cu (ponto 1 – 100%) e do prateamento a toda a volta do fio de feira (amostra V18). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	247
Figs. 162 e 163 – Da esquerda para a direita: espectros de FT-IR das amostras de cera do rosto (V24) e do cabelo (V3) do simulacro da santa Vitória, os quais registam as bandas características de cera de abelha e de resíduos de lípidos, amidas e cistinas, respetivamente (compare-se com os espectros de são Marciano, figs. 113 e 117). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	248
Fig. 164 – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Burcio, capela do palácio do marquês de Pombal, Oeiras (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF   DGPC) .....	249

Figs. 165 e 166 – Fotografias de pormenor da folha de palma e do ramo de flores do simulacro do santo mártir Burcio. © Joana Palmeirão .....	250
Figs. 167, 168 e 169 – Fotografias de pormenor da cabeça do simulacro do santo mártir Burcio. Na fig. 168 assinalam-se os pequenos aglomerados de papel (círculos brancos). © Joana Palmeirão	250
Figs. 170, 171, 172, 173, 174 e 175 – Fotografias de pormenor da indumentária e do leito do simulacro de são Marciano. © Joana Palmeirão.....	253
Figs. 176, 177 e 178 – Fotografias de pormenor da rede metálica interna e da modelagem dos tecidos com arames finos ( <i>pteryges</i> ). © Joana Palmeirão .....	254
Figs. 179 e 180 – Fotografias de pormenor da coxa (massa castanha-avermelhada) e joelho (sistema de costura da gaze), do membro inferior direito. © Joana Palmeirão.....	254
Figs. 181 e 182 – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor do tecido do rosto dos simulacros dos santos mártires Aurélio (J. Palmeirão, 2015, p. 168) e Burcio, respetivamente, nas quais se observa a sobreposição de gazes simples. © Joana Palmeirão .....	255
Figs. 183 e 184 – Fotografias da tampa do vaso de sangue dos simulacros dos santos mártires Burcio (esquerda) e Aurélio (direita). © Joana Palmeirão.....	256
Figs. 185, 186 e 187 – Da esquerda para a direita: fotografias dos elementos encontrados junto ao simulacro de são Burcio: embrulho com ossos, folha de palma e pequeno ramo de flores. © Joana Palmeirão.....	256
Fig. 188 – Radiografia frontal e integral do simulacro de são Burcio (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF   DGPC) .....	257
Figs. 189, 190 e 191 – Da esquerda para a direita: fotografia de pormenor do tecido do rosto (sobreposição de gazes) e imagem da gaze (amostra B8), obtida ao microscópio estereoscópico (20x); e fotografia à lupa binocular do suporte têxtil do rosto do simulacro do santo mártir Aurélio (J. Palmeirão, 2015, p. 168). © Joana Palmeirão .....	258
Figs. 192 e 193 – Da esquerda para a direita: fotografia da zona de recolha da amostra B2 com imagem do entrelaçamento da gaze (por Dino-Lite), e imagem da fibra de seda, obtida ao microscópio de campo escuro (100x). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	261

Figs. 194, 195 e 196 – Da esquerda para a direita: fotografia à lupa binocular do revestimento do osso do simulacro do santo mártir Aurélio (J. Palmeirão, 2015, p. 175), e imagens da frente e do reverso da amostra B1, obtidas por Dino-Lite. © Joana Palmeirão .....	262
Fig. 197 – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Vicente, capela de são Miguel do seminário maior de Coimbra (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	262
Figs. 198 e 199 – Fotografias de pormenor da coroa de flores e do rosto do simulacro do santo mártir Vicente. © Joana Palmeirão .....	263
Figs. 200, 201, 202, 203, 204 e 205 – Fotografias de pormenor da indumentária do simulacro de são Vicente. © Joana Palmeirão .....	265
Figs. 206, 207 e 208 – Fotografias de pormenor do enchimento, do leito, da base da urna-altar, da almofada e do suporte trapezoidal. © Joana Palmeirão .....	266
Figs. 209, 210 e 211 – Fotografias de pormenor do estado de conservação da urna-altar e da indumentária do simulacro de são Vicente. © Joana Palmeirão.....	267
Figs. 212, 213 e 214 – Imagens das patologias identificadas no rosto do simulacro de são Vicente, obtidas por Dino-Lite. © Margarida Nunes .....	267
Figs. 215, 216, 217, 218, 219 e 220 – Imagens de pormenor dos tecidos e passamanes da indumentária do simulacro do santo mártir Vicente, obtidas por Dino-Lite. Da esquerda para a direita: gaze, renda e tafetá lavrado e espolinado (em cima); cetim espolinado, galão tecido e galão de renda (em baixo). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	267
Fig. 221 – Esquema representativo do posicionamento dos ossos das pernas (retângulos brancos). © Joana Palmeirão.....	269
Figs. 222 e 223 – Fotografias do fémur direito do simulacro do santo mártir Vicente. © Joana Palmeirão .....	269
Figs. 224 e 225 – Da esquerda para a direita: fotografias representativas do sistema de montagem dos fémures e do pé esquerdo. © Joana Palmeirão.....	270
Figs. 226, 227 e 228 – Radiografias frontais e parciais do simulacro do santo mártir Vicente (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	271

Figs. 229 e 230 – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do enchimento (Vic3), obtidas ao microscópio estereoscópico (0,78x) e ao microscópio de campo claro (200x). © Joana Palmeirão .....	273
Figs. 231 e 232 – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do rosto (Vic2), obtidas ao microscópio estereoscópico (2,00x) e ao microscópio de campo claro (200x). © Joana Palmeirão .....	274
Fig. 233 – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Frutuoso, igreja da Sagrada Família do seminário maior de Coimbra (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	277
Figs. 234 e 235 – Fotografias de pormenor do simulacro de são Frutuoso. © Joana Palmeirão .	278
Figs. 236, 237, 238, 239, 240 e 241 – Fotografias de pormenor da indumentária do simulacro do santo mártir Frutuoso. © Joana Palmeirão .....	280
Fig. 242 – Montagem com imagens de pormenor dos tecidos e passamanes da indumentária do simulacro do santo mártir Frutuoso, obtidas por Dino-Lite. Legenda: 1 – tafetá, 2 – tecido lavrado, 3 e 4 – tecido de tafetá espolinado a lâmina e fio metálico, respetivamente, 5 e 6 – bordado direito sobre tecido de cetim (com canotilhos e lantejoulas). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão ....	281
Fig. 243 – Montagem com imagens de pormenor dos tecidos e passamanes da indumentária do simulacro do santo mártir Frutuoso, por Dino-Lite. Legenda: 1 – lhama, 2 – renda metálica (de bilros) e tafetá com decoração a lâmina metálica, 3 – tafetá com decoração metálica (lâminas, canotilhos e lantejoulas), 4 – renda metálica (de bilros), 5 – renda de tule e 6 – osso (falange). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	282
Figs. 244 e 245 – Fotografias de pormenor do estado de conservação dos tecidos e passamanes do simulacro do santo mártir Frutuoso. © Joana Palmeirão .....	282
Figs. 246 e 247 – Fotografias de pormenor das costelas (lateral esquerda do tronco) e fratura do dedo indicador da mão esquerda do simulacro do santo mártir Frutuoso. © Joana Palmeirão ...	283
Fig. 248 – Radiografia frontal e integral do simulacro do santo mártir Frutuoso (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF DGPC) .....	284

Figs. 249, 250 e 251 – Da esquerda para a direita: local de recolha da amostra F1 (ombro direito), imagem da amostra obtida ao microscópio estereoscópico (32x) e imagem do corte estratigráfico obtida ao microscópio de campo escuro (200x). © Joana Palmeirão .....	285
Fig. 252 – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Fortunato, igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, Guimarães. © Joana Palmeirão.....	287
Figs. 253, 254 e 255 – Fotografias de pormenor da folha de palma, do rosto e da coroa de flores do simulacro de são Fortunato (antes da intervenção). © Joana Palmeirão.....	288
Figs. 256, 257, 258, 259, 260 e 261 – Fotografias de pormenor da indumentária do simulacro de são Fortunato. © Joana Palmeirão.....	290
Figs. 262, 263 e 264 – Fotografias de pormenor da espada e do “VAS SANGVINIS” que acompanham o simulacro de são Fortunato. © Joana Palmeirão .....	291
Figs. 265 e 266 – Fotografias de pormenor dos ornamentos metálicos (folhas ou chapas policromas de formato geométrico). © Joana Palmeirão.....	293
Figs. 267 e 268 – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor das manchas enegrecidas (cetim) e esverdeadas (lhama) de oxidação, resultantes do envelhecimento e degradação dos adesivos. © Joana Palmeirão.....	293
Figs. 269, 270 e 271 – Fotografias de pormenor da descoloração acentuada dos tecidos da almofada, do manto e da túnica, e da presença de bolores no tecido da perna. © Joana Palmeirão .....	294
Figs. 272, 273 e 274 – Fotografias de pormenor da base cartonada (parte traseira do simulacro), e dos suportes de papel das <i>pteruges</i> e do remate superior da sandália direita. © Joana Palmeirão..	295
Figs. 275, 276, 277, 278, 279 e 280 – Fotografias de pormenor do interior do simulacro (cabeça e peito), com uma câmara de inspeção visual ou boroscópio. © Joana Palmeirão.....	296
Fig. 281 – Esquema representativo do sistema de montagem interno (bacia), observado pela câmara de inspeção visual ou boroscópio. © Joana Palmeirão .....	297
Figs. 282, 283 e 284 – Fotografias de pormenor da mão direita e do pé esquerdo do simulacro de são Fortunato. © Joana Palmeirão.....	298

Figs. 285, 286, 287, 288, 289 e 290 – Fotografias de pormenor dos sistemas de sustentação e de fixação do manto, da padiola, dos membros superiores (antebraço esquerdo e mão direita) e do crânio. © Joana Palmeirão.....	299
Figs. 291, 292, 293 e 294 – Fotografias gerais da frente e do reverso do simulacro do santo mártir Fortunato (em cima) e do <i>corpo-relicario de san Hermión</i> (em baixo), localizado na <i>Parroquia de Lagos de Moreno (Jalisco, México)</i> , cujas relíquias foram exumadas em 1789 do cemitério de santa Ciriaca, e exposto em 1791. © Joana Palmeirão e © Gibran Huerta, INAH. Fotos gentilmente cedidas por Gabriela Sánchez Reyes .....	300
Figs. 295, 296 e 297 – Da esquerda para a direita: imagens da secção longitudinal da amostra For15.2 e imagem da secção transversal da amostra For19, nas quais se identificam as fibras de algodão e linho/cânhamo. © Joana Palmeirão .....	302
Figs. 298 e 299 – Da esquerda para a direita: imagens das secções longitudinal e transversal da amostra For14.1, nas quais se identificam as fibras de seda. © Joana Palmeirão.....	302
Figs. 300, 301 e 302 – Da esquerda para a direita: imagem da amostra For2 (rosto) obtida ao microscópio estereoscópico (32x) e imagens da secção longitudinal obtidas ao microscópio de campo claro (100x e 200x), nas quais se identificam as fibras de seda. © Joana Palmeirão.....	302
Fig. 303 – Perfil cromatográfico das fibras salmão da túnica (For8.1), no qual se identifica o pau-brasil: 1 – brasileína e 2 – urolitina C. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão .....	306
Figs. 304, 305 e 306 – Da esquerda para a direita: imagens SEM (BSE) e mapas de distribuição elementar (EDS), da amostra For15.1. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	308
Figs. 307, 308 e 309 – Da esquerda para a direita: fotografia através da lupa binocular, imagem SEM (BSE) e mapa de distribuição elementar (EDS) da amostra For12.3 (técnica <i>cast, drawn and rolled</i> ). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	308
Figs. 310 e 311 – Esquerda: fotografia da área contaminada da amostra For15.1, através de lupa binocular. Direita: imagem SEM (BSE) e mapas de distribuição elementar (EDS) da mesma área. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	310

Figs. 312 e 313 – Da esquerda para a direita: imagens das secções longitudinal e transversal da amostra For1, obtidas ao microscópio de campo claro (100x e 200x). © Joana Palmeirão.....	311
Figs. 314 e 315 – Montagens com imagens das secções longitudinal e transversal da amostra For31, nas quais se identificam as fibras de algodão (esquerda) e de linho/cânhamo (direita). © Joana Palmeirão .....	312
Figs. 316 e 317 – Da esquerda para a direita: imagens obtidas pelo microscópio estereoscópico das várias contas e missangas encontradas na indumentária do santo mártir Fortunato (7,8x), e da amostra For21 (20x). © Joana Palmeirão.....	313
Figs. 318 e 319 – Imagens obtidas ao microscópio estereoscópico da amostra For22 (frente e verso) (0,78x). © Joana Palmeirão.....	314
Figs. 320, 321, 322 e 323 – Da esquerda para a direita, em cima: fotografias gerais dos simulacros dos santos mártires Bonifácio e Vitória, incluídas nas fichas de inventário do Patriarcado de Lisboa de 1975. © Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra. Em baixo: fotografias gerais obtidas em 2019. © Joana Palmeirão.....	343
Figs. 324 e 325 – Fotografias do simulacro do corpo da santa mártir Justina, antes da intervenção (1994). Fotos gentilmente cedidas pela Dra. Antónia Tinturé (DGPC).....	344
Figs. 326, 327, 328 e 329 – Da esquerda para a direita, em cima: fotografias gerais e de pormenor do simulacro da santa mártir Justina antes da intervenção (1994). Fotos gentilmente cedidas pela Dra. Antónia Tinturé (DGPC). Em baixo: fotografias gerais e de pormenor do simulacro, depois da intervenção (2020). © Joana Palmeirão.....	346
Figs. 330 e 331 – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor do vaso de sangue do simulacro da santa mártir Justina durante a intervenção de 1994 (foto cedida pela Dra. Tinturé (DGPC)) e em 2020 (© Joana Palmeirão) .....	347
Figs. 332 e 333 – Fotografia geral e pormenor do simulacro do corpo do santo mártir Urbano na sua aparência original, antes do roubo do crânio e da intervenção de 1996. Foto pertença do Sr. Miguel Santos (fonte original: “Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra”, folha n.º 33, junho de 1982) .....	348

Figs. 334 e 335 – Fotografias do simulacro do santo mártir Urbano depois da intervenção (2019). © Joana Palmeirão.....	351
Figs. 336 e 337 – Da esquerda para a direita: fotografias gerais dos simulacros dos corpos dos santos mártires Clemente e Severino (2019). © Joana Palmeirão.....	351
Figs. 338, 339, 340, 341, 342 e 343 – Fotografias de pormenor dos simulacros dos santos mártires Eugénio (coluna da esquerda) e Severino (coluna da direita), depois da intervenção do último (2019). © Joana Palmeirão.....	353
Figs. 344 e 345 – Da esquerda para a direita: fotografias do simulacro do corpo do santo mártir Clemente dentro da urna-relicário e no local da intervenção, antes da intervenção ( <i>ca.</i> 2010-12). Fotos gentilmente cedidas pelo Sr. Manuel Velhas (Casa Clemente, Braga) .....	354
Figs. 346, 347, 348 e 349 – Da esquerda para a direita: fotografias gerais e de pormenor do simulacro do santo mártir Clemente antes da intervenção ( <i>ca.</i> 2010-12) e depois da intervenção (2018). Fotos gentilmente cedidas pelo Sr. Manuel Velhas (coluna esquerda) e © Joana Palmeirão (coluna direita) .....	356
Figs. 350 e 351 – Fotografias gerais do simulacro do corpo do santo mártir Justino (2021). © Joana Palmeirão.....	357
Figs. 352, 353, 354 e 355 – Fotografias de pormenor do simulacro do corpo do santo mártir Justino (Barcelos), após a intervenção (2021). © Joana Palmeirão.....	358
Figs. 356, 357, 358, 359, 360 e 361 – Fotografias de pormenor do estado de conservação do simulacro do santo mártir Fortunato antes (coluna de cima) e durante a intervenção (coluna de baixo) (2020). © Joana Palmeirão.....	359
Figs. 362 e 363 – Fotografias gerais do simulacro do santo mártir Fortunato, antes e depois da intervenção (2020). © Joana Palmeirão.....	360

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Períodos de interrupção no envio de simulacros para Portugal, tendo por base os exemplares inventariados e datados. © Joana Palmeirão.....	101
Tabela 2 – Itinerário da trasladação, procissão e festividade do simulacro do corpo do santo mártir Clemente, desde a casa do doador Francisco Ventura Maciel até ao SBJM, em Braga. © Joana Palmeirão .....	148
Tabela 3 – Identificação dos corantes por LC-DAD-MS das amostras selecionadas do simulacro do corpo do santo mártir Marciano. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão .....	213
Tabela 4 – Caracterização das lâminas e fios laminados da indumentária do simulacro de são Marciano, por SEM-EDS (média dos valores percentuais dos elementos químicos, obtidos a partir do corte transversal dos elementos metálicos). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	215
Tabela 5 – Caracterização dos alfinetes recolhidos do simulacro de são Marciano, por EDS. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	220
Tabela 6 – Espectros de FT-IR e bandas de IR identificadas nas amostras E3 e V5. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	241
Tabela 7 – Identificação dos corantes por LC-DAD-MS das amostras selecionadas dos simulacros das santas mártires Vitória e Eleonora. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão .....	242
Tabela 8 – Caracterização dos elementos metálicos do simulacro da santa mártir Vitória, por SEM-EDS (média dos valores percentuais dos elementos químicos, obtidos a partir do corte transversal dos elementos metálicos). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	244
Tabela 9 – Espectro de FT-IR e bandas de IR identificadas na amostra B8 (rosto). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão.....	260
Tabela 10 – Espectros de FT-IR (esquerdo: 1 – suporte ceroso; direito: 3 – camada cromática) e bandas de IR identificadas para cada material. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	276
Tabela 11 – Elementos detetados por SEM-EDS da amostra Vic2 (rosto). © Joana Palmeirão ..	276

Tabela 12 – Elementos detetados por SEM-EDS da amostra F1. © Joana Palmeirão.....	286
Tabela 13 – Espectro FT-IR da amostra F1 (camada 2) e bandas de IR identificadas para cada material. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	286
Tabela 14 – Espectros de FT-IR das amostras For2, For7 e For8, e bandas de IR identificadas em cada amostra. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	304
Tabela 15 – Identificação dos corantes por LC-DAD-MS das amostras selecionadas do simulacro de são Fortunato. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão.....	306
Tabela 16 – Caracterização das lâminas e fios laminados da indumentária do simulacro do santo mártir Fortunato, por SEM-EDS (média dos valores percentuais dos elementos químicos, obtidos a partir do corte transversal dos elementos metálicos). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão..	307
Tabela 17 – Espectros de FT-IR das amostras For1 e For31, e bandas de IR identificadas em cada amostra. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	312
Tabela 18 – Espectros de FT-IR e bandas de IR identificadas nas duas estruturas da amostra For21. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	314
Tabela 19 – Espectros de FT-IR e bandas de IR identificadas nas amostras For22 e For24. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão .....	315
Tabela 20 – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro), do simulacro da santa mártir Justina (Lisboa). © Dra. Lídia Fernandes e Joana Palmeirão .....	345
Tabela 21 – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro), do simulacro do corpo do santo mártir Urbano (Lisboa). © Sr. Miguel Santos e Joana Palmeirão ..	350
Tabela 22 – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro) do simulacro do santo mártir Clemente (Bujões). © Sr. Manuel Velhas e Joana Palmeirão.....	355
Tabela 23 – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro) do simulacro do santo mártir Fortunato (Guimarães). © Joana Palmeirão.....	360
Tabela 24 – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro) dos simulacros pertencentes à <i>Regalis Lipsanobeca</i> (Ourém). © Joana Palmeirão (fonte: Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).....	363

Tabela 25 – Etapas definidas para o <i>corpo-relicário</i> de <i>san Hermión</i> , descritas por Laura Milán Barros (2019). © Laura Milán Barros e Joana Palmeirão .....	367
Tabela 26 – Identificação das fontes de risco (que incidem diretamente na materialidade das peças) e análise do seu impacto na conservação dos <i>simulacra</i> . © Joana Palmeirão .....	374
Tabela 27 – Níveis de impacto e recomendações de conservação preventiva para mitigação dos riscos associados à degradação dos <i>simulacra</i> . © Joana Palmeirão .....	379

## Lista de siglas e abreviaturas

### Siglas

AAV – Archicicio Apostolico Vaticano

ADP – Arquivo Distrital do Porto

AHCBJM – Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte

AMB – Acervo do Museu dos Biscainhos

AMP – Arquivo Municipal do Porto

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

AMP – Arquivo Municipal de Penafiel

ATR-FT-IR – Espectroscopia de infravermelho por transformada de Fourier no modo de reflexão total atenuada

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

CBJM – Confraria do Bom Jesus do Monte

CCPL – Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa

CCR – Centro de Conservação e Restauro

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CMP – Câmara Municipal do Porto

DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

DRCN – Direção Regional da Cultura do Norte

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IJF – Instituto José de Figueiredo

INAH – Instituto Nacional de Antropologia e História (México)

LC-DAD-MS – Cromatografia líquida acoplada a um detetor por arranjo de díodos e à espectrometria de massas

MB – Museu dos Biscainhos

O.F.M. – Ordem dos Frades Menores

Py-GC-MS – Cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massas, com pirólise

SCMA – Santa Casa da Misericórdia de Almada  
SCMG – Santa Casa da Misericórdia de Guimarães  
SBJM – Santuário do Bom Jesus do Monte  
SICM – Sistema de Informação da Casa de Mateus  
SNBCI – Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja  
RNOD – Registo Nacional de Objetos Digitais  
RINSCSP – Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos  
SEM-EDS – Microscopia eletrónica de varrimento com espectrometria de raios-X dispersiva de energias  
SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico  
UCP – Universidade Católica Portuguesa  
VOTNSCP – Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Penafiel

### **Abreviaturas**

a. C. – antes de Cristo  
alt. – altura  
Bp. – Bispo  
°C – grau *Celsius*  
*ca.* – cerca (lat. *circa*)  
cân. – cânone  
Cap. – capela  
compr. – comprimento  
conv. – convento  
C&R – Conservação e Restauro  
d. – desde  
d. C. – depois de Cristo  
Emb. – embaixador  
eV – eletrão-volt  
ex. – exemplo

ex-conv. – extinto convento  
Exmo. – Excelentíssimo  
Fig(s). – figura(s)  
Fr. – Frei  
fr. – francês  
gr. – grego  
grav. – gravador  
Igr. – igreja  
imp. – imperador  
impr. – impressor  
in. – inglês  
it. – italiano  
kV – quilovolt  
larg. – largura  
lat. – latim  
m. / m. *ca.* – morreu / morreu cerca  
M.<sup>es</sup> – marquês  
mg – miligrama  
mL – mililitro  
mm – milímetro  
Mons. – Monsenhor  
Mpx - Megapixel  
m/z – relação massa/carga  
n. / n. *ca.* – nasceu / nasceu cerca  
N. – Nosso / Nossa  
nm – nanómetro  
n.º – número  
Obs. – observações  
p. – papa  
Pa – Pascal (unidade padrão de pressão)

Pe. – padre  
pl. – plural  
pt. – português  
r. – rei  
s.d. – sem data  
sing. – singular  
spp. – espécies  
S. / Sto. / Sta. – são / santo / santa  
Sr. / Sra. – Senhor / Senhora  
SS. – Santíssimo/a  
V – volt  
v – volume  
 $\delta$  – vibração de flexão  
 $\mu\text{A}$  – microampère  
 $\mu\text{g}$  – micrograma  
 $\mu\text{L}$  – microlitro  
 $\nu$  – vibração por estiramento  
 $\nu_{\text{asym}}$  – vibração por estiramento assimétrica  
 $\nu_{\text{sym}}$  – vibração por estiramento simétrica



## Introdução

A devoção inspirada nos ossos sagrados dos mártires é contemporânea do surgimento do cristianismo. Desde as perseguições romanas no século I, os seus restos mortais – de todos aqueles que teriam derramado o seu sangue pela fé em Cristo –, foram assumidos como intercessores entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Os fiéis viam assim as suas preces mais próximas de Deus quando tocavam ou veneravam as relíquias dos santos mártires. Este culto viria a ser renovado nos dias de encerramento do Concílio de Trento (3 e 4 de dezembro de 1563), com a emissão do decreto “Da invocação, veneração, e Relíquias dos santos, e das Sagradas Imagens”. À renovada legitimidade do culto dos santos e da veneração das suas relíquias aliou-se a descoberta, no dia 31 de maio de 1578, da entrada para um antigo cemitério subterrâneo cristão numa vinha nos arredores de Roma. Este acontecimento marcaria indelevelmente a história moderna da Igreja Católica: abria-se o caminho para três séculos de exumações maciças dos ossos dos primeiros cristãos da história do cristianismo, apelidados de *corpi santi* (corpos santos) ou santos catacumbais.

Os cemitérios subterrâneos ou catacumbas de Roma viriam a ser os maiores fornecedores de ossos sagrados dos primeiros mártires do cristianismo, tornando a distribuição de relíquias um fenómeno religioso sem precedentes. Milhares de esqueletos de homens, mulheres e crianças, assumidos como vítimas das perseguições imperiais romanas, foram exumados dos seus locais de repouso (*loculi*) e distribuídos pelos territórios católicos para disseminar a fé cristã e a devoção dos fiéis. Igrejas, conventos e oratórios, espalhados por todo o Ocidente católico, encheram-se com as relíquias desses santos mártires, para veneração pública e privada, quer para aumentar o prestígio das comunidades religiosas, paróquias e igrejas, quer para substituir as relíquias destruídas durante o movimento iconoclasta que se seguiu à Reforma Protestante, em particular nos países europeus de língua alemã.

Os procedimentos de exumação, autenticação e distribuição estavam sob a autoridade e vigília de três personagens eclesiásticas: o sacristão pontifical, o cardeal-vigário e o custódio das relíquias sagradas. Os primeiros ossos exumados das catacumbas romanas foram enviados desmontados dentro de caixas de madeira, atadas e seladas, e com a documentação legal atestando a sua

autenticidade (autênticas). Só mais tarde, em pleno período barroco, a Igreja Católica encorajou a produção de uma tipologia específica de recetáculos devocionais de corpo inteiro e de tamanho natural, para acolher e exibir os ossos dos santos catacumbais, que simulava o seu corpo físico – muito distinta do tradicional relicário medieval antropomórfico. Produzidos com materiais de qualidade e técnicas de manufatura variadas e complexas, por freiras ou artesãos especializados na arte da renda e do bordado, e na moldagem de tecido, pasta de papel, gesso ou cera, os simulacros dos corpos dos santos mártires (*simulacra corporum sanctorum martyrum*) foram ricamente vestidos com roupas cerimoniais barrocas, como legionários romanos ou virgens, em posição lateral ou jacente e exibidos com os elementos representativos da sua santidade e do martírio (coroa de flores, ramo de flores, auréola, folha de palma, cristograma Chi-Rho, vaso de sangue). Expostos em urnas-relicário em talha policromada e/ou dourada envidraçadas, e de grandes dimensões (produzidas em Roma ou especificamente encomendadas para a sua exposição), ou no interior dos altares, estes simulacros serviram como modelos de virtude e triunfo sobre a dor e a morte por uma fé excepcional em Deus, consolidando nos fiéis a recompensa de uma vida eterna com Cristo.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, os recetáculos foram-se transformando, estilística, técnica e materialmente, passando de corpos “ossudos” (característicos do período barroco), para modelações realistas em cera, o que terá levado, na maioria das vezes, a que fossem confundidos com “múmias”, “corpos mumificados” ou “corpos incorruptos”. Porém, a partir do século XIX, o fervor religioso em torno destas peças esmoreceu. Pesquisas arqueológicas desacreditaram os *corpi santi* como mártires do cristianismo primitivo pela falta de credibilidade do vaso de sangue (*vas sanguinis*), reconhecido séculos antes pela Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas (a 10 de abril de 1668) como testemunho irrefutável do martírio. A produção de simulacros viu-se ainda limitada pela consequente proibição das exumações catacumbais pela Santa Sé, em 1881. As guerras revolucionárias, a secularização dos bens da Igreja e a consequente descristianização também contribuíram para o desvanecimento da devoção dos santos mártires. No século XX, com o Concílio do Vaticano II (1962) e a revisão do calendário romano, os mártires ainda a culto sem evidências históricas que apoiassem esse estatuto foram removidos do calendário litúrgico. Assim, a veneração popular declinou acentuadamente. Em consequência, muitos

simulacros foram tapados ou removidos dos espaços sacros e votados ao esquecimento. Com o tempo, as autênticas que acompanhavam os ossos perderam-se e, com elas, as suas origens e o seu valor.

Em Portugal, o processo foi semelhante ao resto do mundo ocidental. Durante mais de século e meio – salvo os períodos de conflitos políticos, corte de relações diplomáticas com o papado, revoluções ou catástrofes naturais –, reis, príncipes, nobres, irmandades, conventos e igrejas também encomendaram e receberam os tão desejados ossos venerandos dos mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Porém, à semelhança de outros países europeus e americanos, os *simulacra* em Portugal estão em risco iminente de desaparecimento. Banidos do culto público, tapados ou removidos das urnas ou altares, estes recetáculos devocionais foram deixados ao esquecimento e negligenciados pelo clero, devotos e público em geral, e pelas entidades privadas que os detêm.

É a falta de conhecimento sobre estas peças, suas características, origens e valor, que está a montante do facto de a maior parte dos proprietários – Igreja, Estado ou privados – não saber como lidar com elas. Ou, noutros casos ainda, não dispor de mecanismos, nomeadamente técnicos e materiais, para o fazer. Assente no mesmo desconhecimento, os fiéis creem estar na presença ou de imagens religiosas (imaginária), ou de corpos incorruptos. É, de resto, esta crença que tutela uma parte significativa dos exemplares inventariados em contexto nacional, uma vez que os devotos acreditam estar na presença dos cadáveres físicos dos mártires falecidos, dos santos “de carne e osso”. Também no universo académico há uma falta de conhecimento generalizada sobre os *corpi santi* e os recetáculos do tipo *simulacra* criados para sua maior glória e devoção.

É justamente diante da urgência em criar um campo de estudos que documente histórica e materialmente estas peças, com vista à sua preservação, manuseio ou mesmo devoção fundada em conhecimento, que surgiu a presente investigação de doutoramento. A temática teve origem ainda no mestrado que, dado o escopo limitado da dissertação, se centrou apenas no caso de estudo do simulacro (*imagem-relicário*) do santo mártir Aurélio pertencente à sé do Porto. Tal projeto permitiu, no entanto, despertar para a relevância do tema, merecedor de uma investigação aprofundada e multidisciplinar.

A investigação de doutoramento afigura-se, pois, como uma oportunidade para contribuir com conhecimento inovador, em prol da salvaguarda de um património pouco conhecido e em risco de desaparecimento por dissociação. Integrando os contributos da História da Arte, da Ciência da Conservação e da Conservação e Restauro, mediante uma visão multi e interdisciplinar, a tese que aqui se apresenta teve como principal objetivo chamar a atenção para a existência de exemplares em Portugal, para a sua riqueza histórica e material, assim como para a realidade que enfrentam atualmente e a correlativa urgência na sua preservação.

A presente tese de doutoramento está dividida em quatro partes principais, num total de sete capítulos, antecedidos pela revisão da literatura (capítulo 1). Atendendo à pertinência de alguns estudos de investigadores internacionais para o tema em análise abre-se com uma revisão dos últimos quarenta anos de investigações e publicações. Pretende-se que estas primeiras notas apoiem a leitura do corpo do trabalho, não só pelo facto de que muita informação foi recolhida das obras referenciadas – em especial sobre a redescoberta e a administração das catacumbas romanas –, de autores como Philippe Boutry, Massimiliano Ghilardi, Jean-Marc Ticchi, entre outros; mas também porque ocorrerão comparações com exemplares internacionais, estudados por alguns dos autores assinalados, nomeadamente Massimiliano Ghilardi, Gabriela Sánchez Reyes, Ana Caroline Pfeiffer, etc. A revisão da literatura assinala ainda a existência de poucos estudos científicos e de conservação a título internacional, bem como a carência de estudos similares em Portugal.

Diante do esparso conhecimento sobre o tema e atendendo à importância dos antecedentes históricos para uma boa compreensão destas peças, a parte I tem início nos alvares do cristianismo, focando especificamente as origens dos cemitérios subterrâneos de Roma utilizados para sepultura dos primeiros cristãos, vítimas das perseguições imperiais (capítulo 2). Esta primeira abordagem facilitará a compreensão do impacto que a descoberta dos cemitérios ou catacumbas de Roma teve em pleno período pós-Reforma Católica, explicando ainda de que forma é que a administração das catacumbas romanas e as dinâmicas envolvidas nos processos de exumação, autenticação, nomeação e distribuição dos esqueletos desses primeiros cristãos incentivaram a disseminação do culto pelas relíquias dos santos mártires entre os séculos XVII e XIX (capítulo 3). Qual a origem dos *corpi santi*? Porque foram enviados para o Ocidente católico? Sob que autoridade? Como eram

distribuídos? Procurará responder-se a estas questões, abordando ainda de que modo é que os esqueletos dos santos catacumbais chegavam aos locais de destino e como eram expostos à veneração. Os ossos eram enviados montados? Quando foi produzido o primeiro simulacro? Com que intuito? Quem os produzia? São apenas algumas das interrogações que orientam esta parte do trabalho, embora com limitações inevitáveis, visto que as fontes documentais sobre este assunto são escassas, e só muito recentemente é que foi alvo de investigação académica internacional.

Assim, e precisamente por se tratar de um tema emergente e pouco explorado, os investigadores têm tido liberdade para nomear estas peças consoante as suas origens, morfologia ou materialidade, talvez até introduzindo preferências pessoais. Neste sentido, e partindo da revisão literária, inclui-se igualmente na parte I uma abordagem às diferentes nomenclaturas adotadas pelos investigadores que estudam o tema, a fim de esclarecer qual a terminologia mais adequada a estas peças devocionais (capítulo 4). Por fim, será dada especial atenção às transformações técnico-materiais dos simulacros, tendo por base os exemplares inventariados em Portugal (1703-1870) e a comparação com exemplares internacionais, já estudados por outros investigadores de Itália e do México.

Analisadas as origens, os processos de distribuição e o modo expositivo dos *corpi santi*, a parte II visa não só compreender o seu percurso existencial desde Roma até e após a sua chegada a Portugal, entre os séculos XVII e XIX, mas também o culto e a prática devocionais que lhes eram (e são) dirigidos, e aos seus *simulacra*, no contexto cultural e religioso nacional (capítulo 5). Procurar-se-á responder, entre outras, às seguintes perguntas: quantos *corpi santi* vieram para Portugal? Vieram como ossos desmontados ou em *simulacra*? Quem os encomendou? Como e quando chegaram? Para onde foram trasladados? É no seguimento destas questões que se apresentará o inventário nacional, que parte do pressuposto de que o primeiro simulacro chegou a Portugal no ano de 1703. Na elaboração deste inventário constata-se, numa primeira fase, que muitos *corpi santi* poderão ter desaparecido, ou mesmo sido destruídos, durante o grande terramoto de Lisboa (1755), as três invasões francesas (1807-11), a guerra civil e a consequente extinção das ordens religiosas (1828-34), e a Implantação da República (1910), originando a perda de muita informação *in situ*. Supõe-se que outros possam permanecer em solares, palácios ou paços dos séculos XVIII e XIX, atualmente em estado de abandono, impedindo o seu registo. Não obstante, através da consulta de fontes

históricas (manuscritas, impressas ou iconográficas) em bibliotecas e arquivos públicos e privados, algumas disponíveis online, documenta-se esse percurso para alguns dos exemplares. A procura de novos elementos sobre a origem e o contexto geral destas peças irá permitir compreender as relações entre os “agentes” e/ou os “encomendadores” e a Santa Sé, e de que modo é que esses ossos sagrados e seus recetáculos de corpo inteiro foram obtidos e trazidos para Portugal. Trata-se, sem dúvida, do trabalho mais moroso e complexo de toda a investigação, na medida em que exige a consulta de uma grande diversidade de obras: monografias de história local, guias histórico-artísticos, catálogos, histórias eclesiásticas, memórias paroquiais, inventários de extinção, inventários artísticos, inventários dos bens da Igreja, coleções de “registos de santos”, fichas de inventário do Patriarcado, além da restante documentação em arquivo (livros de atas, livros de receita e despesa, livros de esmolas, etc.). Este levantamento visa mapear o número e o fluxo de *simulacra* que chegaram ao país, distribuídos por diocese.

A cada peça identificada e descrita procura-se o correspondente registo fotográfico, acesso só possível pelos contactos com as entidades culturais e proprietários privados que detêm a sua tutela – a quem se agradecerá individualmente. Contactos que, de resto, se revelam da maior importância pois, além do acesso, disponibilizam informações e documentação fora do escopo dos arquivos e fontes acima indicadas. As informações recolhidas são apresentadas em fichas de inventário desenvolvidas no âmbito desta tese e criadas especificamente para esta tipologia de recetáculos devocionais (*simulacra*), complementadas depois com o diagnóstico do estado de conservação. As fichas de inventário podem ser consultadas nos Apêndices.

Considerando a natureza compósita dos *simulacra* e as suas particularidades estilísticas e técnicas, a parte III objetiva apresentar os resultados das campanhas de trabalho realizadas entre 2019 e 2020, por meio de uma abordagem técnica e analítica. No total, foram analisados sete casos de estudo, como se verá em maior detalhe no capítulo 6. Após a seleção dos exemplares pertencentes a diferentes instituições culturais e religiosas no norte e centro do país, procede-se ao seu estudo científico com técnicas de exame de área e pontuais para a caracterização dos materiais e compreensão das tecnologias empregues na sua produção. Depois do estudo da *imagem-relicário* do santo mártir Aurélio, antes indicado, em contexto de mestrado, este pode ser considerado o segundo

estudo científico realizado em *simulacra* e o primeiro a estudar exemplares em ceroplástica, ambos em contexto nacional. Mediante o recurso a técnicas de análise portáteis e laboratoriais caracteriza-se física, química e morfológicamente os materiais que compõem as peças (têxteis, fios metálicos, metais, papel/cartão, cera, gesso, adesivos, etc.), e fornecem-se dados para a compreensão do sistema de montagem, mediante a identificação da estrutura interna que fixa os ossos e sustenta a indumentária. Para o estudo dos têxteis (fibras e corantes) e dos elementos metálicos (lâminas, fios laminados, fios de feira, alfinetes, etc.) procede-se à recolha de amostras representativas das vestes e dos passamanes. São igualmente recolhidas amostras de papel/cartão, gessos e ceras dos atributos, das estruturas de suporte e dos rostos dos exemplares examinados. Decorações como contas, folhas metálicas policromas e lantejoulas são também analisadas. Os ossos no interior são identificados, quantificados e avaliados em termos de posição anatómica e montagem. No geral, são utilizadas técnicas de imagem (radiografia, OM e SEM), espectroscópicas (EDS & ATR-FT-IR) e cromatográficas (LC-DAD-MS e Py-GC-MS). As roupas de alta qualidade que vestem os simulacros são identificadas e descritas por meio da observação das técnicas de tecelagem, bordados, decorações metálicas e padrões decorativos. Com base na informação entretanto recolhida de que estas peças seriam vestidas com vestuário romano, como legionários e virgens, tentou-se cruzar esse dado histórico com o rigor técnico das vestimentas identificadas nos simulacros. Com base nos resultados, são também analisadas as diferenças e semelhanças dos aspetos técnicos, materiais e decorativos entre os casos de estudo nacionais e os exemplares internacionais, em alguns casos, facilitadas pelo contacto com outros investigadores do tema.

Estas peças devocionais assumiram no passado e no seio das comunidades católicas funções comunicativas relevantes – espirituais, culturais e mesmo políticas e/ou propagandísticas –, adquirindo valores simbólicos ou significados (intangíveis) relacionados com os sentimentos e emoções que suscitavam nos crentes. Porém, a partir de meados do século XIX, a sua receção enfrenta uma transformação social e religiosa significativa, que viria a culminar no entendimento que hoje se tem delas. Assim, a análise dirigida a estas peças deve ter em consideração duas vertentes: por um lado, os simulacros ainda expostos à veneração pública e, portanto, com uma forte carga cultural (religiosa, espiritual) e simbólica; por outro, os simulacros disfuncionais que,

apesar de ainda permanecerem em contexto sacro, perderam a sua função e valores originais, como peças de culto, tornando-se meros objetos físicos destituídos dessa função original – e aqui se defende deverem ser enquadrados num processo de patrimonialização. É nesta última vertente que surge a dificuldade de posicionar estas peças face às teorias contemporâneas da conservação do património. A mitigação ou exclusão do culto a que muitas destas peças foram votadas provocou mudanças profundas na sua função, nos seus valores e no seu contexto expositivo. Pode desde já adiantar-se que muitas foram negativamente afetadas por negligência, danos intencionais e degradação pela passagem do tempo, enquanto outras enfrentam circunstâncias devastadoras do ponto de vista da sua conservação. À exceção de alguns simulacros em que o seu culto ainda se encontra muito arraigado na cultura popular, tendo sobrevivido até aos dias atuais, a maioria destes exemplares em Portugal (e no estrangeiro) não tem lugar na Igreja. Diante da realidade atual dos *simulacra* em Portugal, a parte IV e última é direcionada à salvaguarda deste património esquecido ou ignorado e em risco iminente de desaparecimento. Após uma prévia abordagem patrimonial destas peças, são analisadas as instruções canónicas e os protocolos atualizados e direcionados às relíquias sagradas na ótica da Igreja Católica, seguindo-se as intervenções (de conservação e restauro) realizadas nos últimos trinta anos em Portugal, cujas informações foram obtidas por meio de questionários escritos e/ou entrevistas. São também apresentadas algumas intervenções e metodologias de abordagem científica e de intervenção técnica (conservação e/ou restauro), aplicadas nos casos internacionais, algumas obtidas pelo contacto acima referido. Através de uma descrição sumária das intervenções dentro e fora do país é evidenciando o (des)conhecimento da natureza e essência das peças, e as possíveis soluções adotadas pelos intervenientes perante a diversidade de patologias, materiais e técnicas empregues na sua produção (capítulo 7).

Embora se ambicionasse, no início da investigação, o desenvolvimento de protocolos de conservação (higienização, montagem, manuseamento, transporte, armazenamento) e de metodologias de intervenção técnica (conservação preventiva, conservação curativa e restauro), cedo esta intenção se mostrou inoperante. Tal deveu-se à inventariação de um número de exemplares muito acima do esperado, além da consciencialização da sua natureza compósita

complexa e única, a partir da qual se propõe a distinção de três categorias distintas de simulacros em Portugal.

Ao contrário dos museus, arquivos e bibliotecas, onde existe uma grande diversidade de documentação bibliográfica ao nível da conservação preventiva, e conhecimento e disponibilidade para a sua implementação, os edifícios históricos de carácter religioso carecem, muitas vezes, de estratégias e medidas de manutenção e controlo adaptadas às particularidades dos seus espaços e ao clima envolvente, e à singularidade do seu património histórico-artístico móvel, designadamente de um planeamento estratégico de conservação preventiva. Muito embora uma grande parte deste património esteja localizado no interior dos recintos sagrados (catedrais, mosteiros, igrejas, capelas, oratórios, ...), estes locais apresentam, com frequência, condições microclimáticas que propiciam a deterioração dos bens patrimoniais que albergam, uma vez que são particularmente suscetíveis a flutuações acentuadas de humidade relativa e de temperatura. Tendo por base os agentes de deterioração definidos por Robert Waller e Stefan Michalski, no oitavo e último capítulo são avaliados os riscos e o seu impacto na preservação das peças inventariadas, no sentido de perceber de que modo é que o ambiente nos edifícios histórico-religiosos afeta a sua estabilidade e conservação, e que medidas podem ser aplicadas com vista à sua salvaguarda (capítulo 8). Procura-se, assim, através de recomendações práticas de conservação (preventiva), maioritariamente de baixo custo, de aplicação imediata e sustentáveis, apoiar e enriquecer as diversas entidades e agentes com conhecimentos técnicos. E alertar para a urgência de preservar este património em risco; preservação que pode ser levada a cabo não apenas por conservadores-restauradores, mas por todos os intervenientes que lidam diariamente com as peças. Por último, são apresentadas algumas estratégias de (re)valorização dos exemplares negligenciados e em estado de abandono, incitando ao espírito de comunidade, de partilha e de aprendizagem entre as gerações mais velhas e devotas e as gerações mais jovens, as quais urge educar e incentivar à preservação deste património religioso uma vez que, nas palavras de Paula Menino Homem, resultarão em *profissionais sensíveis, amigos e orgulhosos do seu Património*.

No final são tecidas algumas considerações finais ao trabalho desenvolvido onde se sintetizam as problemáticas iniciais e as respostas e resultados obtidos ao longo da investigação.

As referências bibliográficas, ao abrigo da norma APA, podem ser consultadas no final do documento. A tese compõe-se ainda de anexos e apêndices, devidamente referenciados no corpo do trabalho.

Deve ainda considerar-se que, com o intuito de tornar a leitura acessível a diferentes públicos-alvo, todos os textos originais transcritos no texto ou em nota são traduzidos para português. Embora tal seja recorrente em toda a tese, é particularmente frequente na parte I. Por sua vez, para as fontes manuscritas e impressas, muitas delas inéditas, transcritas parcial ou integralmente no texto ou nos anexos, é assumida a língua original.

Sempre que se entendeu necessário, optou-se pela colocação das definições terminológicas em nota, ao invés de um glossário, para facilitar a compreensão imediata do termo utilizado.

## 1. Revisão da Literatura

Nos finais do século XX, os *corpi santi* e os seus recetáculos de corpo inteiro foram de certa forma redescobertos, como em tempos foram os ossos neles contidos. Datam maioritariamente dos últimos quarenta anos os estudos sobre os santos das catacumbas e os seus recetáculos; contudo, trata-se de uma abordagem tímida que ganha maior expressão nos últimos vinte anos com publicações, apresentações orais e pesquisas académicas (Achermann, 1979; Baciocchi, Boutry, Duhamelle, Fabre, & Julia, 2011; Baciocchi & Duhamelle, 2016; Báez Hernández, 2018; Boutry, 1979, 2016; Boutry, Fabre, & Julia, 2009a, 2009b; Bouza Álvarez, 1990; Budzyński et al., 2021; Cuggiò, 2016; Dahan, 2014; Duhamelle & Baciocchi, 2016; Ghilardi, 2015, 2018a, 2020; Guyard, 2016; Koudounaris, 2013; Litaker, 2020; Sánchez Reyes, 2021b; Ticchi, 2016). Embora seja um tema promissor, esta tipologia ainda é largamente desconhecida na maioria dos países, incluindo Portugal.

Em 1979, Philippe Boutry abriu as portas para o estudo académico dos corpos santos das catacumbas romanas. Após a consulta dos arquivos do custódio em Roma, o autor divulgou a transladação maciça de corpos santos em cera (*saints de cire*) pela Europa católica romana, particularmente para as zonas fronteiriças, para satisfazer uma demanda litúrgica após as grandes destruições de relíquias. Com efeito, segundo as pesquisas do autor, entre 1800 e 1881, mais de mil e trezentos santos catacumbais foram exportados para a França para substituir as relíquias destruídas durante a Revolução Francesa (1789-99). Tal noção foi reforçada, anos mais tarde, por Trevor Johnson (1996), ao afirmar que os santos das catacumbas romanas chegaram à Baviera após a grande destruição de relíquias durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-58). Em 2009, Yves Gagneux abordou o estado de conservação deplorável dos simulacros em França, causado pelo

*período de vandalismo litúrgico (période de vandalisme liturgique)* que caracterizou os anos de 1960-70<sup>1</sup> (2009, p. 2).

Sobre as celebrações em torno das trasladações dos santos catacumbais (*Katakombenheiligen*) ou dos esqueletos decorados para os países da Europa Central, destacam-se as obras de Hansjakob Achermann (1979) e de Albrecht Burkardt (2009). As publicações de José Luis Bouza Álvarez (1990) e de Paul Koudounaris (2013) devem também ser destacadas pela grande pertinência histórica e documental sobre os procedimentos de extração, montagem, inspeção, trasladação e culto de *imágenes-relicario* (terminologia adotada por Bouza Álvarez) ou *Katakombenheiligen*, entre os séculos XVI e XIX, respetivamente para a Galícia e para a Alemanha, Suíça e Áustria.

O ano de 2009 destaca-se ainda pela publicação, em dois volumes, da obra “Relíquias modernas. Cultos e usos cristãos dos corpos santos das Reformas às Revoluções” (“Reliques modernes. Cultes et usages chrétiens des corps saints des Réformes aux Révolutions”), editada por Philippe Boutry, Pierre-Antoine Fabre e Dominique Julia, a qual visa compreender como os corpos santos romanos se tornaram objetos de culto ou de controvérsia entre os séculos XVI e XX, em França.

A obra de 1979 de Philippe Boutry viria a ser republicada em 2016 – agora com os registos inéditos do sacristão pontifical (1713-1936) dos Arquivos de Roma –, num trabalho coletivo de elevada qualidade e de grande relevo para o tema em análise, e fruto de uma longa investigação, intitulado: “Relíquias romanas: invenção e circulação dos corpos santos das catacumbas” (“Reliques romaines: invention et circulation des corps saints des catacombes à l’époque moderne”), editada por Stéphane Baciocchi & Christophe Duhamelle (Baciocchi & Duhamelle, 2016). Nesta publicação incluem-se vários autores de renome, nomeadamente: Albrecht Burkardt, Cécile Vincent-Cassy, Christophe Duhamelle, Jean-Marc Ticchi, Jean-Pascal Gay, Marie-Elizabeth Ducreux, Massimiliano Ghilardi, Nicolò Cuggiò, Philippe Boutry, Pierre-Antoine Fabre, entre muitos outros. Entendida como uma visão geral do fenómeno em massa que foi a disseminação dos *corpi santi* romanos, a publicação

---

<sup>1</sup> Como evidenciado por Gagneux, o corpo de cera de são Teodoro, localizado na igreja de *Saint-Paul-Saint-Louis*, é o único exemplar sobrevivente em Paris, dos muitos recetáculos devocionais em cera (com os ossos dos santos mártires catacumbais), exportados para a França.

inclui investigações que incidem, em particular, nos procedimentos de exumação, de aquisição e de distribuição dos ossos sagrados das catacumbas de Roma para diferentes países da Europa (Alemanha, França, Polónia, Holanda, Itália, Suíça, Espanha, Portugal) e Américas (México), entre 1578 e o século XIX, compartilhando informações e fontes inéditas; explorando a descoberta (*inventio*) e a disseminação das relíquias; descrevendo peregrinações, cerimónias e trasladações; abordando as configurações espaciais; etc. Embora os números sejam inconclusivos, a distribuição magnânima dos corpos santos das catacumbas romanas é reforçada pelos vários autores, com o apoio dos registos do *custode* e do *sagrista* (Arquivos Romanos).

Em 2011, Stéphane Baciocchi e Christophe Duhamelle, num trabalho conjunto com Philippe Boutry, Pierre-Antoine Fabre e Dominique Julia, publicaram um livro intitulado “A distribuição dos corpos santos das catacumbas nos tempos modernos – de Roma às Nações” (“La distribution des corps saints des catacombes à l’époque moderne – de Rome aux Nations”), apresentado pela primeira vez em 2009 no simpósio “Pratiques du Transnational. Terrenos, preuves, limites” (Baciocchi et al., 2011). Este trabalho expõe os primeiros resultados da investigação sobre a disseminação dos corpos santos como objetos transnacionais (*objet transnational*).

Publicações mais recentes sobre o tema dos corpos santos e da sua disseminação nos países católicos são da autoria de: Miguel Javier Guelbenzu Fernández (2016) em Navarra; Frans Ciappara (2017) em Malta; Noria Litaker (2017, 2020) na Baviera; Radoslaw Budzyński e coautores (2021) na Polónia e Lituânia; Montserrat Báez Hernández (2018, 2021, 2022) e Gabriela Sánchez Reyes (2021b) no México. Destaca-se ainda o trabalho minucioso do arqueólogo e investigador italiano Massimiliano Ghilardi, sobre a história e topografia das catacumbas de Roma, bem como a invenção e autenticação dos corpos sagrados, com as suas inúmeras publicações sobre o tema (2005, 2010, 2012, 2013, 2016b, 2018a, 2019a, 2020).

Em Portugal, embora sem um enfoque direto no tema em análise, as obras de William Telfer (1932), Jorge Cardoso (1652, 1657, 1666) e António Caetano de Sousa (1744), e João Baptista de Castro (1747) confirmam a trasladação e respetiva localização desses corpos sagrados exumados das catacumbas romanas. Acrescem as obras historiográficas de Agostinho Rebelo da Costa (1789) e de Carlos de Passos (1935), que facultam breves referências sobre a trasladação para a cidade do

Porto. Mais recentemente, destaca-se a obra “Retábulos relicários” (Lameira, Evaristo, & Loureiro, 2016) de Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro, com registos fotográficos de alguns destes recetáculos devocionais (ou *simulacra*) em Portugal.

Não obstante o vasto leque de publicações sobre a origem e exportação dos corpos dos santos mártires romanos, as investigações alicerçadas na aplicação de métodos de exame e análise no estudo dos materiais e das técnicas de manufatura dos seus recetáculos de corpo inteiro são recentes e, ainda, escassas (Alterauge, Becker, Berndt, Jackowski, & Lösch, 2016; Etxeberría et al., 1999; Ghilardi, 2013, 2019b; Kristóf et al., 2015; Milán Barros, 2019; Montes Marrero, 2017; J. Palmeirão, 2015; Pfeiffer, 2005; Prader, 2012; Sánchez Reyes, 2021a; Sánchez Reyes, Velázquez Ramírez, & Montes Marrero, 2016). Estas investigações visam compreender o método de montagem das peças ósseas e conhecer os materiais utilizados, avaliar o estado de conservação das relíquias antes das intervenções de conservação e restauro e, mais raramente, testar a autenticidade dos ossos. Em 2005, Anna Caroline Pfeiffer escreveu: *a pesquisa científica dos corpos santos está apenas no início (Die wissenschaftliche Erforschung der Heiligen Leiber steht am Anfang* (2005, p. 134)). De facto, desde então, embora tenham sido publicadas algumas investigações de cariz académico, a quantidade de estudos científicos em torno destas peças devocionais é ainda muito baixa. Não obstante, é possível reunir um pequeno número de publicações de grande impacto. Assim, em contexto europeu apenas se conhecem, até ao momento, três artigos publicados e três teses, quase todos originários da Europa Central<sup>2</sup>, às quais se adita a dissertação de mestrado da autora, de 2015, e as publicações subsequentes dessa mesma investigação.

---

<sup>2</sup> A particularidade dos estudos oriundos da Europa Central reside no facto de os ossos dos santos catacumbais (*Katakombenheiligen*) terem sido montados por monges ou freiras em conventos ou mosteiros-produtores locais (*Hersteller-Kloster*), maioritariamente em mosteiros femininos (*Frauenklöster*), como evidenciado por Anna Pfeiffer (2005, pp. 4, 19). Ou seja, os ossos foram sujeitos a processos artísticos característicos de cada mosteiro. Neste sentido, cada região tinha o seu próprio estilo na articulação e decoração dos esqueletos catacumbais. Outros autores como Hansjakob Achermann (1979), Ulrike Strasser (1999), Rita Hoidn (2001), Paul Koudounaris (2013) e Noria Litaker (2017, 2020), abordam os procedimentos de aquisição, transladação e produção destes esqueletos articulados, característicos dos países da Europa Central (Alemanha, Suíça, Áustria, etc.), com enfoque documental e arquivístico.

O estudo de Francisco Etxeberria e coautores, datado de 1999, pode ser assumido como uma primeira abordagem à técnica de produção de (nove) exemplares<sup>3</sup> localizados no País Basco (Espanha). Segundo os autores, estes corpos são equivocadamente denominados como *momias* (1999, p. 312). Cinco dos nove corpos apresentavam esqueletos articulados com todos os ossos e em posição anatómica, permitindo aos autores concluir que aqueles *foram realizados por artesãos familiarizados com a anatomia do esqueleto humano*<sup>4</sup>.

Sobre a técnica de montagem, os autores explicam: *na verdade consiste na reconstrução do esqueleto completo e perfeitamente articulado com um envoltório em malha de arame que dá volume ao corpo*<sup>5</sup>. Além desta malha ou rede metálica (*red metálica*), os autores identificaram arames muito finos atravessados nas extremidades dos ossos para lhes dar solidez e permitir a sua articulação. Os corpos foram vestidos com roupas exuberantes (*ropajes vistosos muy decorados*) sobre a rede metálica, ocultando a estrutura interna (Etxeberria et al., 1999, p. 312). Por fim, foram deitados sobre um suporte e colocados em urnas de vidro. Quanto aos materiais utilizados, os autores distinguiram, nalguns casos, a presença de luvas de tecido e véu (*velo*) no rosto e, noutros, a aplicação de cera nas mãos e rosto, sendo que em ambas as situações o objetivo, como escreveram, era o de *impedir a observação direta do osso (impedir la visión directa del hueso)* (1999, p. 312).

Embora os autores não tenham publicado imagens dos corpos santos, foram encontradas algumas fotografias do corpo de são Vicente de Álava (País de Basco) numa página *online* da autoria de Ander Gondra Aguirre (2019). Nesta mesma página é inclusive ilustrado o estudo radiográfico (s/ data) realizado no corpo de são Vicente de Acate (1722), localizado na Sicília (Itália). Segundo Gondra Aguirre, são Vicente de Acate apresenta grandes semelhanças com são Vicente de Álava, tendo sido também identificado um esqueleto praticamente completo com uma estaca metálica (*barra metálica*)

---

<sup>3</sup> Santa Deodata, são Fidel, duas santas Columba, santo Inocente, são Vicente, santa Faustina, são Felicíssimo e são Domício, provenientes de Roma entre 1729 e 1928 (Etxeberria et al., 1999).

<sup>4</sup> Tradução livre do original: (...) *los cuerpos fueron realizados por artesanos conocedores de la anatomía del esqueleto humano* (Etxeberria et al., 1999, p. 312).

<sup>5</sup> Tradução livre do original: *En realidad se trata de la reconstrucción del esqueleto completo y perfectamente articulado con una envoltura de malla de alambre que logra dar el volumen corporal* (Etxeberria et al., 1994, pp. 47).

a atravessar o crânio e que serve de apoio à coluna vertebral, assim como uma rede metálica que envolve o esqueleto (Gondra Aguirre, 2019). As semelhanças com o simulacro e as radiografias de santo Aurélio da sé do Porto (1740), são também notórias (Gondra Aguirre, 2019; J. Palmeirão, 2015). De facto, neste último caso, além da identificação de um esqueleto quase completo, arames finos foram utilizados para unir as peças ósseas, em particular as de menor dimensão. Uma rede metálica interna foi igualmente identificada como estrutura envolvente do esqueleto (J. Palmeirão, 2015; J. Palmeirão, Ferreira, Afonso, & Vieira, 2019).

O estudo de Lilla Alida Kristóf e coautores (realizado em 2012 e publicado em 2015) foi, segundo os próprios, o primeiro exame radiológico realizado na Europa Central direcionado ao estudo e análise desta tipologia de recetáculos devocionais. Com enfoque na Paleoradiologia<sup>6</sup>, os autores recorreram à radiografia convencional e à tomografia computadorizada para avaliar os restos mortais dos santos mártires Cristina e Agostinho, pertencentes à igreja de *St. Gotthard* em *Mosonmagyaróvár* (Hungria). Sem danificar as peças, os exames radiológicos permitiram reunir informações sobre as características internas dos esqueletos, incluindo a técnica de montagem, assim como o estado de conservação das relíquias e as particularidades da indumentária exterior (bordados, rendas e outras decorações metálicas). Estas informações viriam a auxiliar o plano de intervenção de conservação e restauro dos exemplares, a ser realizado por conservadores-restauradores (Kristóf et al., 2015).

O estudo de Amelie Alterauge e coautores, publicado em 2016, incidiu sobre os corpos dos santos Cândido e Clara, pertencentes ao Museu Histórico *Blumenstein* em *Solothurn* (Suíça). O estudo visou a avaliação da autenticidade das relíquias, mediante o recurso à radiografia e à datação por radiocarbono<sup>7</sup>. Com base nas imagens radiográficas, os autores concluíram que os esqueletos, quase

---

<sup>6</sup> A Paleoradiologia é o estudo não-invasivo de restos arqueológicos (humanos, animais ou objetos culturais), utilizando técnicas radiográficas como a radiografia (raios-X), a tomografia computadorizada (CT) e suas variantes (Previgliano, Ceruti, Arias Aráoz, González Diez, & Reinhard, 2005).

<sup>7</sup> Sobre a autenticidade das relíquias, os autores escreveram: *significa que os restos realmente são originários das catacumbas romanas da antiguidade tardia e não foram recuperados de cemitérios medievais ou modernos locais para a fabricação de uma falsificação* (tradução livre do original: (...) *authenticity means that the remains actually originate from the late antique Roman catacombs and were not recovered from local medieval or modern cemeteries for the manufacture of a forgery* (Alterauge et al., 2016, p. 573)). A datação por

completos, foram montados por artesãos com um bom conhecimento anatómico do corpo humano. Uma armação metálica complexa (*a metal frame construction*), assim como uma haste de sustentação (*iron rod*) foram detetadas nas imagens radiográficas (Alterauge et al., 2016, p. 576). Enquanto a armação metálica envolve o esqueleto, a haste de ferro liga o crânio ao tórax, terminando na bacia, como observado nos estudos de Etxeberria e co-autores (1999) e de J. Palmeirão (2015). Pequenos arames foram igualmente detetados nas extremidades dos ossos, como também verificado nos estudos anteriores.

Cerca de dez anos antes, em 2005, Anna Caroline Pfeiffer apresentaria a sua tese de doutoramento, na qual se destacam os aspetos técnico-materiais de nove corpos santos (*Heilige Leiber*), localizados em mosteiros e museus na Alta Suábia (Alemanha). Para o estudo dos santos esqueléticos (*Skeletttheiligen*), montados em mosteiros-produtores femininos da Alta Suábia<sup>8</sup>, a autora recorreu a diferentes métodos de exame invasivo e não-invasivo (Pfeiffer, 2005, p. 3). Sobre os resultados, a autora escreveu:

*A maioria das obras monásticas barrocas são fabricadas em arame – principalmente fios de ouro e prata – cola, tecido, papel, pergaminho e cera. Eles constituem a matéria-prima do trabalho do mosteiro. Existem também outros materiais, como gemas coloridas e pedras de vidro, areia, mica, lantejoulas, pérolas verdadeiras e falsas, palha e muito mais<sup>9</sup>.*

Além da modelagem dos rostos, os olhos artificiais (em vidro ou em cera) e os cabelos naturais (ou em fios de ouro, ou fios de prata), realçam a naturalidade dos corpos ou, pelo menos, tentam alcançá-la, uma vez que a modelagem dos rostos nunca chega a ocultar, na totalidade, o crânio

---

radiocarbono trouxe informações relevantes sobre os esqueletos, localizando-os entre os séculos II e IV d. C. (santa Clara), e entre os séculos III e V d. C. (são Cândido), confirmando a origem das relíquias sagradas. Importa, no entanto, realçar que os resultados obtidos dizem respeito apenas aos fragmentos analisados. O sexo e a idade (estimada) dos indivíduos foram igualmente identificados.

<sup>8</sup> Reveja-se nota n.º 2.

<sup>9</sup> Tradução livre do original: *Die meisten barocken Klosterarbeiten sind aus Draht - vor allem Gold- und Silberdraht-, aus Leim, Stoff, Papier, Pergament und Wachs gefertigt. Sie bilden die Grundstoffe der Klosterarbeit. Daneben finden sich noch andere Materialien, wie zum Beispiel bunte Edel- und Glassteine, Sand, Glimmer, Pailletten, echte und falsche Perlen, Stroh und vieles mehr* (2005, p. 28).

subjacente, resultando numa aparência algo macabra<sup>10</sup>, bem distinta da delicadeza e realismo dos rostos em ceroplastia (cera). Na tese de Pfeiffer é ainda recorrente a referência às gazes de seda (*Seidengazze*) a envolver os ossos, em especial o crânio.

Por sua vez, a tese de mestrado de Natalie Prader (2012) aborda o estudo analítico de um exemplar atribuído a são Plácido, localizado no Museu de Arte e História de Friburgo (*Musée d'art et d'histoire Fribourg*), na Suíça. À semelhança dos *Katakombenbeiligen* estudados por Anna Pfeiffer, são Plácido foi decorado no local de destino, mais concretamente nas regiões alpinas, em particular no cantão de Friburgo (Suíça francesa). Segundo Prader, com o passar do tempo, os corpos foram destruídos, despojados ou deslocados dos locais de culto, sendo hoje raramente encontrados nos locais originais; muitos deles estão atualmente expostos em museus, como é o caso de são Plácido. Foi feito o diagnóstico da peça, sendo depois submetida a estudo analítico, recorrendo à microscopia, endoscopia e radiografia, e realizada uma intervenção de conservação e restauro (pela autora)<sup>11</sup>. Os materiais mais identificados por Prader foram a seda, a cera, a resina e a cola animal, à semelhança do estudo de Pfeiffer.

Em Portugal, destaca-se a dissertação de mestrado da autora (2015) sobre o estudo analítico e microbiológico, e a intervenção de conservação curativa da *imagem-relicário* de santo Aurélio, pertencente à sé do Porto. Este foi o primeiro estudo científico em Portugal e serviu de alicerce para a presente investigação de doutoramento.

No continente americano, mais precisamente no contexto latino-americano, destaca-se a publicação pioneira de Gabriela Sánchez Reyes e coautores (2016), sobre o estudo radiográfico de *cueros-relicario* em ceroplastia, no México. O estudo radiológico digital permitiu aos autores analisar o sistema construtivo, identificar a quantidade e localização dos ossos no interior dos *relicarios*, assim como avaliar o estado de conservação das relíquias. Para o estudo em questão, importa destacar a análise radiológica do *corpo-relicario* de são Clemente Flavio. Os autores concluíram que o trabalho

---

<sup>10</sup> A título de exemplo, veja-se os relicários exemplarmente fotografados e publicados por Paul Koudounaris (2013).

<sup>11</sup> Para além do estudo analítico, Prader fornece recomendações de conservação e restauro, em particular para o material osteológico.

em cera foi aplicado apenas aos membros visíveis do corpo (cabeça, antebraços, mãos, pernas e pés), enquanto que as restantes partes, protegidas pela indumentária, são compostas por *um corpo de tecido cheio de algodão (un cuerpo de tela relleno con algodón)* (Sánchez Reyes et al., 2016, p. 60), com alguns ossos dispersos, fragmentados e em posição não anatómica. Foi igualmente identificada a presença de arames finos (*alambres delgados*), aparentemente de reforço e sustentação dos ossos (Sánchez Reyes et al., 2016, p. 61). Segundo Sánchez Reyes e coautores, os elementos em cera foram construídos utilizando cera líquida em moldes (*vaciado en moldes*), e o método de união foi efetuado com arames finos. Além da modelagem da cera, o realismo do corpo foi acentuado com elementos postiços: olhos de vidro (de meia esfera), dentes superiores e inferiores (*posiblemente con alguna pasta de carbonato de cálcio a juzgar pela alta radiodensidade*<sup>12</sup>), pestanas, cabelo e veias salientes nas mãos<sup>13</sup>. Em 2017, Gabriela Sánchez Reyes apresentou, em formato de comunicação oral (publicado em 2019), no “Ceroplastics – International Congress on Wax Modeling” (Londres), presidido por Roberta Ballestriero<sup>14</sup>, o seu trabalho pioneiro sobre *relicarios* modelados em cera, apelando à criação de uma base de dados internacional para o registo desta tipologia de objetos devocionais e a necessidade de definir uma terminologia adequada<sup>15</sup> (Sánchez Reyes, 2019).

O trabalho de licenciatura de Ana Luísa Montes Marrero (2017) é, igualmente, pioneiro. Focado no estudo de *cueros-relicario* em ceroplástica, em especial no de são Plácido, Montes Marrero abre portas para a identificação dos materiais e para a compreensão das técnicas de manufatura dos simulacros em ceroplástica recorrendo, à semelhança da publicação de 2016, à radiografia. A originalidade do

---

<sup>12</sup> Tradução livre do original: (...) *posiblemente con alguna pasta de carbonato de calcio a juzgar por la alta radiodensidad* (Sánchez Reyes et al., 2016, p. 61).

<sup>13</sup> Segundo os autores, estas são sugeridas por arames finos embutidos na cera.

<sup>14</sup> A tese de doutoramento de Roberta Ballestriero (2013), intitulada “Efigie, cadáver e corpo doente em ceroplástica” (“Efigie, cadáver y cuerpo enfermo en la ceroplástica”), pode ser entendida como uma contribuição introdutória no campo dos modelos figurativos em cera.

<sup>15</sup> No mesmo ano, Sánchez Reyes criou um projeto internacional intitulado “Corpi Santi Project. International Network and Database”, no qual se incluem especialistas do México, Itália, Portugal, Canadá e Colômbia. O projeto visa o estudo e inventário desta tipologia de recetáculos devocionais de corpo inteiro e foi apresentado, no formato de comunicação oral, em novembro de 2018 no workshop “Labs, Art and Relics” (Bruxelas, Bélgica), em coautoria com as professoras doutoras Eduarda Vieira (CITAR-UCP) e Teresa Ferreira (Laboratório HERCULES).

estudo reside no facto de Montes Marrero ter identificado são Plácido como produção nacional, bem como a respetiva autoria.

Em 2018, o *cuervo-relicario* de *san Hermión*, localizado em Lagos de Moreno (Jalisco, México) foi alvo de estudo por uma equipa a cargo da investigadora Gabriela Sánchez Reyes (Milán Barros, 2019; Sánchez Reyes & Milan, 2018). À semelhança do artigo de 2016, Sánchez Reyes recorreu à radiografia digital, mas também ao registo 3D superficial (Sánchez Reyes, 2021a).

As publicações mais recentes do investigador italiano Massimiliano Ghilardi têm focado a atenção nos recetáculos romanos, de corpo inteiro, produzidos pelo médico cirurgião e modelador de cera (*ceroplasta*), Antonio Magnani, inventor do primeiro corpo santo em ceroplástica (*corpisanti in ceroplastica*) (2013, 2016b, 2017, 2018b, 2019b). As criações de Antonio Magnani, produzidas a partir do último quartel do século XVIII, cedo se espalharam por outros países católicos, com grandes semelhanças em termos de pose, materiais, decorações e vestuário, quase como se fossem produzidos à escala industrial (Ghilardi, 2017). Os estudos de Massimiliano Ghilardi são maioritariamente de carácter documental e carecem de um estudo científico rigoroso apoiado em técnicas de análise laboratoriais. Alguns dos exemplares produzidos por Magnani foram inclusive identificados em Portugal, como é o caso do simulacro de são Fortunato pertencente à Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (Guimarães), cujo contexto e estudo analítico foram apresentados na “RelicS 2021 – 1<sup>st</sup> Internacional Conference on Relic Studies”, Portugal, na qual participaram investigadores como Massimiliano Ghilardi, Gabriela Sánchez Reyes, Montserrat Báez Hernández, Luísa Montes Marrero e Ruth Sargent Noyes, que trouxeram a público a complexidade do tema dos simulacros e partilharam as suas investigações.

Na linha das problemáticas da conservação, destacam-se as teses supramencionadas de Anna Pfeiffer (2005), Natalie Prader (2012), Joana Palmeirão (2015) e Ana Montes Marrero (2017). Em 2018, Carlos Evaristo, fundador, curador e conservador da *Regalis Lipsanoteca* (santuário de relíquias), localizada em Ourém, e fundador do Apostolado para as Relíquias Sagradas, entre outras funções, redigiu um protocolo de atuação durante as intervenções em relíquias sagradas, incluindo os *simulacra*, tendo por base os procedimentos canónicos e as atuações da Igreja que visam garantir a preservação de relíquias sagradas.

No que diz respeito às fontes da *World Wide Web*, *sites*, *blogs* e fóruns também são fontes valiosas de partilha que ocasionalmente podem fornecer informações e fotografias inéditas (@sendusyourmartyr, n.d.; “Corposantos,” n.d.; Elparigolon, 2014; Flickr, n.d.; Loureiro & Evaristo, 2018; Meldelen, 2011; Nyra, 2016; Osselaer, Rossi, Smeyers, & Tuybens, 2021; Paula, 2012; Sclano, 2009).

Nos últimos quatro anos, a presente investigação de doutoramento centrou-se no estudo histórico e científico dos exemplares inventariados em Portugal. Ao estabelecer um inventário nacional (J. Palmeirão, Ferreira, Afonso, & Vieira, 2018), a consulta da documentação histórica, por vezes inédita, confirmou a origem romana dos ossos sagrados, o seu valor religioso e a devoção popular a eles associada. Quanto à análise científica, destacou as técnicas e os materiais adotados na sua manufatura.

Sendo o trabalho desenvolvido até ao presente bastante inovador e de forte impacto nacional e internacional, a investigação serviu de base para um projeto novo<sup>16</sup>, o qual pretende contribuir para um conhecimento mais aprofundado e detalhado destas peças, que assumiram um papel importante na vida devocional da Igreja Católica Romana entre o século XVII e meados do século XIX. O projeto visa igualmente posicionar a investigação portuguesa entre as suas congéneres a uma escala europeia e mundial.

---

<sup>16</sup> O projeto intitula-se “Holy Bodies | An Atlas of the Corpi Santi in Portugal” (“Santos Corpos | Um Atlas dos Corpi Santi em Portugal”) (2022.01486.PTDC) e foi submetido ao “Concurso de Projetos de I&D em Todos os Domínios Científicos - 2022”, tendo sido aprovado em julho de 2022.

**PARTE I**

**DOS CEMITÉRIOS SUBTERRÂNEOS DE ROMA À EXPOSIÇÃO PÚBLICA DAS  
RELÍQUIAS DOS SANTOS MÁRTIRES**

## 2. As catacumbas de Roma e o culto das relíquias dos santos mártires

*'Os triunfos da fé não estão acima do solo nas nossas esplêndidas igrejas', disse o frade, olhando para nós, enquanto paramos para descansar numa das passagens baixas, com ossos e poeira a cercar-nos por todos os lados.*

*'Eles estão aqui! Entre os túmulos dos mártires!'<sup>17</sup>*

(Dickens, 1846, p. 199)

### 2.1. A origem das perseguições romanas aos cristãos

A lei romana, especificamente a “Tábua X”<sup>18</sup>, estabelecia que qualquer túmulo, independentemente da crença ou raça do defunto, devia ser respeitado:

*Quer o defunto tenha sido pio ou ímpio, adorador de deuses romanos ou estrangeiros, ou ainda um seguidor das religiões de Este ou bárbaras, o seu local de enterramento era considerado por lei 'locus religiosus', tão inviolável quanto um templo<sup>19</sup>.*

---

<sup>17</sup> Tradução livre do original: *'The Triumphs of the Faith are not above ground in our splendid churches', said the friar, looking round upon us, as we stopped to rest in one of the low passages, with bones and dust surrounding us on every side. 'They are here! Among the Martyrs' Graves!'*

<sup>18</sup> A “Lei das Doze Tábuas” (“Duodecim Tabulae”) foi o primeiro documento legal, escrito, do direito romano, elaborado no período da República romana, no qual se basearam todos os corpos jurídicos do Ocidente. Por sua vez, a “Tábua X” determinava normativamente o respeito devido aos funerais, túmulos e mortos, a fim de evitar o crime de violação (furto ou profanação) dos sepulcros, por ladrões ou inimigos do falecido (Steinberg, 1982; “The Twelve Tables,” 2005). Importa constatar que tanto a inumação como a cremação eram práticas consideradas legais perante a lei romana, como evidenciado pela norma 1. *Que nenhum morto seja sepultado ou cremado no interior da cidade* (tradução livre do original: *1. A dead person shall not be buried or burned in the city*) (“The Twelve Tables,” 2005). Segundo Philippe Ariès, o respeito pelos defuntos e a honra prestada às suas sepulturas devia-se ao medo que os Antigos tinham pelos mortos e o receio de que estes regressassem para perturbar os vivos. Por isso, os enterramentos eram realizados sempre fora das cidades. Só mais tarde, com a crença na ressurreição em Cristo pelos antigos cristãos, foi diminuindo o temor pelos mortos, como esclarece o autor: *Como se passou tão depressa da antiga repugnância à nova familiaridade? Pela fé na ressurreição dos corpos, associada ao culto dos antigos mártires e dos seus túmulos* (1988, p. 43).

<sup>19</sup> Tradução livre do original: *Whether the deceased had been pious or impious, a worshipper of Roman or foreign gods, or a follower of Eastern or barbaric religions, his burial-place was considered by law a 'locus religiosus', as inviolable as a temple* (Lanciani, 1892, p. 307).

Assim, pagãos, judeus e cristãos desfrutavam dos mesmos privilégios; enquanto os primeiros adotaram a prática de cremação dos seus mortos; judeus e cristãos podiam praticar livremente os seus rituais fúnebres, nomeadamente, a prática de sepultamento<sup>20</sup>, uma vez que a lei estabelecia a sacralidade e inviolabilidade de qualquer túmulo (Ariès, 1988; Jaugey, 1901; Lanciani, 1892).

No século I d. C, os romanos pagãos não faziam distinção entre judeus e cristãos. A colónia judaica sempre desfrutou de privilégios e proteção em Roma; vivia em paz e prosperidade, livre de praticar a sua fé e os rituais religiosos próprios do seu culto, em sinagogas<sup>21</sup> (Lanciani, 1892). Assim, quando surgiram os primeiros cristãos (judeus-cristãos)<sup>22</sup>, os pagãos assumiram-nos como uma seita judaica ao invés de uma nova crença, o que, naturalmente, favoreceu a sua propagação e a da doutrina de Cristo (Lanciani, 1892; Teja, 1990). Uma indistinção que, embora se revelasse irrelevante para os romanos (pagãos), urgia os judeus a separar a sua causa da dos recém-convertidos. De facto, a relação para os judeus estava longe de ser pacífica. Uma guerra dogmática viria a intensificar-se, estando na génese dos processos de perseguição, como se subentende da descrição de Rodolfo Lanciani:

*A responsabilidade das perseguições que tiveram lugar no primeiro século deve ser-lhes atribuída [aos Judeus], e não aos romanos, cuja tolerância em matéria religiosa se tinha tornado quase regra de estado<sup>23</sup>.*

---

<sup>20</sup> A prática de sepultamento foi assumida como um meio para a ressurreição corpórea baseada no exemplo do corpo ressuscitado de Cristo (Romanos 1:4; Atos 17:31-32; 1 Coríntios 15), estando a ressurreição cristã intimamente ligada à integridade (corporal). Por esta razão, os cristãos romanos adotaram a prática de inumação ao invés do costume pagão de cremar os seus mortos (Ariès, 1988; Lanciani, 1892). Além disso, a prática de cremação era um procedimento caro e, por isso, pouco acessível para os cristãos pobres; razão, também, pela qual estes adotaram o sepultamento (subterrâneo) privado, como se verá adiante (Nicolai, 2019; Withrow, 1874).

<sup>21</sup> A colónia judaica mais antiga de Roma ficava na Transtiberina, atual Trastevere (bairro em Roma, Itália). Para uma leitura mais detalhada do tema recomenda-se, a título de exemplo, Jeffers (1995), Simon & Benoit (1987) e Teja (1990).

<sup>22</sup> Os primeiros cristãos foram, na realidade, judeus convertidos ao cristianismo. O conflito existente entre judeus e cristãos estava relacionado com o advento do Messias. Sobre o assunto consulte-se, por exemplo, Borgen (1996), Simon & Benoit (1987) e Teja (1990).

<sup>23</sup> Tradução livre do original: *The responsibility for the persecutions which took place in the first century must be attributed to them, not to the Romans, whose tolerance in religious matters had become almost a state rule* (1892, p. 311).

Entre 41 e 53 d. C. – ainda sem o reconhecimento oficial da distinção entre cristãos e judeus –, o imperador Cláudio (imp. 41 - m. 54) ordenou a expulsão geral da cidade de Roma. De acordo com alguns escritos – entre eles o do historiador romano Suetónio (n. 69 - m. 122) –, os judeus provocaram distúrbios em resposta à ascensão do cristianismo (Simon & Benoit, 1987; Suetonius, 1889). As autoridades viram-se, assim, na obrigação ou de reconhecer o cristianismo como uma nova religião perante a lei, ou de o condenar (Lanciani, 1892).

O regresso à cidade deu-se cinco anos mais tarde e apoiando-se na lei romana, que via o judaísmo como uma religião livre e aceitava todos os que se quisessem converter, os judeus difamaram os cristãos sob a forma de uma seita religiosa obscura que conspirava contra o Estado e contra os deuses (Lanciani, 1892). Esta atitude viria a estar na base das perseguições cristãs. Sobre estas, Tácito (n. ca. 56 - m. ca. 117), historiador romano, revelou informações importantes. Escreveu que a 18 de julho de 64, sob o Império de Nero (imp. 54 - m. 68), deflagrou o grande incêndio de Roma<sup>24</sup>, evento que viria a contribuir decisivamente para a história do cristianismo. Logo após a extinção do fogo começaram a circular rumores acerca do envolvimento do imperador, nomeadamente a ideia de que teriam sido os seus homens a provocar o incêndio<sup>25</sup>. O facto de Nero ter aproveitado para construir um luxuoso palácio e uma enorme estátua em sua honra nas áreas destruídas pelo fogo agravou, naturalmente, as suspeitas. O imperador apressou-se a procurar um bode expiatório para a autoria do incêndio; encontrou-o nos cristãos que eram então olhados pela população de Roma como uma seita religiosa que praticava atos abomináveis e supersticiosos. Os cristãos viram-se, pouco depois, acusados de crime político-religioso, não tanto pelo incêndio, mas por ódio contra a humanidade (*odio humani generis*) e pela sua conduta supersticiosa (*exitiabilis superstitio*), anarquista,

---

<sup>24</sup> Segundo Tácito, que à data do incêndio tinha ca. de oito anos de idade, este deflagrou nas lojas com matérias inflamáveis, nas redondezas do Circo Máximo (*Circus Maximus*). Devido ao vento forte, o fogo rapidamente se alastrou a diversos bairros, durante vários dias, destruindo grande parte da capital do Império. Foi, inclusive, considerado pelo próprio, o pior e mais terrível desastre ocorrido na cidade de Roma por ação do fogo (Church & Brodrigg, 1876, sobre o incêndio veja-se Livro XV, cap. 38 e seguintes; Ribeiro, 1985).

<sup>25</sup> Apesar de Nero não se encontrar na cidade na altura do incêndio, a sua reputação como *louco vaidoso e tirano cruel* (não apenas por alguns historiadores romanos da época, mas também pelos cronistas cristãos dos séculos subsequentes), levou a que fosse considerado, por muitos, culpado pelo incêndio de Roma (Church & Brodrigg, 1876; Ribeiro, 1985).

ateísta e de alta traição (Church & Brodribb, 1876; Lanciani, 1892). As calúnias difundidas pelos judeus contribuíram para a validação das acusações, facilmente aceites pela população, e para a distinção do cristianismo como um grupo separado do judaísmo. Assim, Nero, aproveitando a discórdia religiosa entre judeus e cristãos, serviu-se destes últimos para desviar a atenção da sua figura e dirimir as delações que recaíam sobre si:

*Consequentemente, para se livrar dos rumores, Nero criou bodes expiatórios e infligiu as mais refinadas torturas numa classe odiada pelas suas abominações, chamada de cristãos pela população. Cristo, de onde o nome teve origem, sofreu a penalidade máxima durante o reinado de Tibério, pelas mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos, e uma superstição mais pernicioso, assim contida por agora, irrompeu novamente não apenas na Judeia, a primeira fonte do mal, mas também em Roma, onde todas as coisas hediondas e vergonhosas de todas as partes do mundo encontram o seu centro e se tornam populares. (...) Cobertos [cristãos] com peles de animais, eles foram rasgados por cães e deixados a apodrecer, ou crucificados, ou condenados às chamas e queimados para servirem de iluminação noturna quando a luz do dia se tivesse extinguido<sup>26</sup>.*

De acordo com o historiador Tácito, Nero ofereceu os seus jardins para os *espetáculos* de tortura enquanto assistia entre a multidão (Church & Brodribb, 1876; Penna, 1994). A ferocidade do imperador acabou por suscitar um sentimento de compaixão entre a população em relação aos cristãos, uma vez que o seu massacre, escreveu o historiador: *não era, ao que parecia, para o bem comum, mas para saciar a crueldade de um único homem (for it was not, as it seemed, for the public good, but to glut one man's cruelty)* (Church & Brodribb, 1876, p. 305). O imperador Nero foi, portanto, corresponsável pela primeira grande e devastadora perseguição aos cristãos, dentro e fora de Roma, a qual marcaria, irremediavelmente, a história da Igreja (Church & Brodribb, 1876; Ribeiro, 1985).

Após o assassinio de Nero, seguiram-se trinta anos de paz e de prosperidade para os cristãos. Porém, com o imperador Trajano (imp. 98 - m. 117), as perseguições regressaram. Plínio, *o Jovem*,

---

<sup>26</sup> Tradução livre do original: *Consequently, to get rid of the report, Nero fastened the guilt and inflicted the most exquisite tortures on a class hated for their abominations, called Christians by the populace. Christus, from whom the name had its origin, suffered the extreme penalty during the reign of Tiberius at the hands of one of our procurators, Pontius Pilatus, and a most mischievous superstition, thus checked for the moment, again broke out not only in Judaea, the first source of the evil, but even in Rome, where all things hideous and shameful from every part of the world find their centre and become popular. (...) Covered with the skins of beasts, they were torn by dogs and perished, or were nailed to crosses, or were doomed to the flames and burnt, to serve as a nightly illumination, when daylight had expired* (Church & Brodribb, 1876, p. 305).

governador da Bitúnia (n. 61 - m. 114), escreveu uma missiva ao imperador Trajano, ca. 112, solicitando diretrizes a considerar num processo contra os cristãos<sup>27</sup>. Tal fonte é reveladora da inexistência de legislação específica para o efeito. Enquanto minoria, os cristãos eram, esporadicamente, levados à justiça e acusados de impiedade e ateísmo, sendo o suficiente para condenar os agitadores e conter a sua expansão e ação. Porém, à medida que o número de fiéis crescia, este procedimento revelava-se cada vez mais incapaz para travar a expansão do cristianismo (Simon & Benoit, 1987). Conseqüentemente, o culto cristão foi reconhecido como ilegal e as punições ganharam proporções inimagináveis, abrindo portas para dois séculos de perseguições:

*Os fiéis estavam condenados a não ter tréguas nos dois séculos seguintes, salvo as benesses que obtinham da gentileza pessoal ou tolerância de imperadores e magistrados. Os que pertenciam ao judaísmo continuavam a usufruir de proteção e privilégios, mas o que aconteceu com a cristandade é que ora era perseguida, ora tolerada; de tal modo que, mesmo sob imperadores que abominavam a severidade e derramamento de sangue, os fiéis estavam à mercê do primeiro vagabundo que se lembrasse de os acusar de impiedade<sup>28</sup>.*

## 2.2. A origem dos cemitérios subterrâneos cristãos de Roma

A origem das catacumbas romanas remonta ao tempo da Roma pagã, muito antes do cristianismo. Com efeito, muito antes dos primeiros cristãos, os judeus já depositavam os seus defuntos em cemitérios subterrâneos, uma vez que se opunham à prática romana pagã de cremar os seus mortos. Escavações funerárias foram encontradas nas colinas da Judeia, na Ásia Menor, nas Ilhas Egeias, na

---

<sup>27</sup> Plínio, *Carta 96* (Stadler, 2018). O imperador Trajano respondeu nos seguintes termos: *Carta 97: [1] Meu caríssimo Segundo, seguiste o procedimento que devias ao analisar as causas dos processos daqueles que foram denunciados diante de ti como cristãos. Na verdade, não se pode estabelecer uma norma geral que imponha, por assim dizer, alguns critérios absolutamente rígidos. Os cristãos não devem ser perseguidos. Se forem denunciados e a culpa provada, devem ser castigados. No entanto, aquele que nega ser cristão e o demonstre de fato, isto é, venerando aos nossos deuses, embora se suspeite de ter sido cristão no passado, deve obter a absolvição por sua retratação. [2] Quanto às denúncias anônimas que podem aparecer fixadas em lugares públicos, não devem servir a nenhum tipo de acusação, pois é uma prática detestável e imprópria de nosso tempo* (Stadler, 2018).

<sup>28</sup> Tradução livre do original: *The faithful were doomed to have no respite for the next two centuries, except what they could obtain at intervals from the personal kindness and tolerance of emperors and magistrates. Those of the Jewish religion continued to enjoy protection and privileges, but Christianity was either persecuted or tolerated, as it happened; so that, even under emperors who abhorred severity and bloodshed, the faithful were at the mercy of the first vagrant who chanced to accuse them of impiety* (Lanciani, 1892, p. 313).

Sicília e no sul de Itália. Em Roma, a população judaica também adotou a prática de sepultamento em catacumbas, extramuros da cidade (de acordo com a lei romana), separando os seus mortos dos gentios, entre os quais habitavam (Lanciani, 1892). Foi, no entanto, aos cristãos que ficaram associadas as longas galerias subterrâneas, utilizadas para sepultura de fiéis e, mais tarde, de mártires. O termo “catacumba” é usado arqueologicamente para definir uma rede subterrânea complexa de galerias e câmaras funerárias (*cubicula*), utilizada como cemitério comunitário pelos cristãos do cristianismo primitivo (Jaugey, 1901; Nicolai, 2019). Porém, como explica J. Jaugey, a palavra teve origem num lugar específico em Roma, que mais tarde se popularizou:

*A palavra ‘catacumba’ na origem, teve apenas uma significação local: designava a parte da via Appia, que corresponde á segunda milha das actuaes barreiras de Roma, e debaixo da qual estão os mais notaveis cemiterios christãos. Um d’estes, o de S. Sebastião, chamava-se, no século IV, o cemitério ‘ad catacumbas’ (...) O numero e a importancia dos cemiterios christãos d’esta parte da via Appia foi o que lhe grangeou aquelle nome, que os mesmos pagãos acceitaram, pois o circo construido por Maxencio perto de S. Sebastião chamou-se ‘circus ad catacumbas’. A pouco e pouco foi-se generalizando esta denominação local, e tornou-se, na lingua vulgar, o nome commum de todos os cemiterios christãos (1901, pp. 278–279).*

Adotando os costumes funerários dos judeus, os primeiros cristãos utilizaram as catacumbas para sepultamento dos seus defuntos, originando as primeiras grandes necrópoles cristãs, localizadas nos arredores de Roma. Apoiando-se na imposição da Igreja do *dever de não misturarem os seus restos mortaes com os dos pagãos*, no final do século II, a comunidade cristã viu-se obrigada a enterrar os defuntos em locais adaptados, quer ao aumento exponencial da comunidade, quer às suas condições económicas e adequados às práticas funerárias cristãs, as quais assentavam na crença da ressurreição da carne (a partir de Cristo), e previam práticas e rituais como orações pelos defuntos e culto funerário (Jaugey, 1901, p. 279; Nicolai, 2019). Os sepultamentos duraram até ao século V, porém, a partir do século IV, com o Édito de Milão (313) e a consequente legalização da religião cristã e o fim das perseguições, os sepultamentos subterrâneos tornam-se cada vez mais raros, passando depois a espaços exclusivamente dedicados ao culto dos mártires e locais de peregrinação, como se falará mais adiante (Jaugey, 1901; Nicolai, 2019).

No que diz respeito aos cemitérios subterrâneos, deve precisar-se que não foram, na sua origem, locais públicos de sepultamento para os cristãos em tempos de perseguição. Na verdade, a sua construção foi, numa primeira etapa, projetada pelas famílias romanas abastadas e convertidas à nova religião, para sua sepultura e dos seus familiares (jazigos familiares<sup>29</sup>). Não pretendendo ver os seus restos mortais misturados com os dos escravos ou dos pobres, que *eram enterrados em fôssas communs, ditas 'puticuli'*, mandaram construir câmaras funerárias e hipogeus (subterrâneos) sob mausoléus superficiais<sup>30</sup> nos seus jardins ou vinhedos (Jaugey, 1901, p. 279; Withrow, 1874). Terão sido justamente os patrícios convertidos a permitirem o sepultamento dos cristãos pobres ou escravos nas proximidades dos seus jazigos ou hipogeus<sup>31</sup>, sob as suas terras, ou seja, sob os jardins ou campos (como os grandes espaços vinícolas), que possuíam em áreas suburbanas:

*Quando os hypogeus primitivos em torno dos quaes se desenvolveram as catacumbas, não eram ainda mais que jazigos de familia, os fieis eram abi sepultados principalmente em sarcophagos, situados no chão raso ou mettidos em carneiros (...) A primeira galaria á esquerda d'este corredor mostra a transição do uso dos sarcophagos para o dos carneiros oblongos ('loculi'), abertos na grossura das paredes (...)* (Jaugey, 1901, p. 290).

Mais do que por razões de segurança, os cemitérios foram construídos no subsolo como forma de aproveitamento do espaço disponível, uma vez que com o aumento demográfico e a prática crescente da inumação aumentavam os pedidos de cemitérios, fazendo subir exponencialmente o custo das terras. A lei romana, como se viu, interditava mesmo o sepultamento dentro da cidade de Roma, que teria de ocorrer extramuros, acabando por incitar ao recurso do subsolo. Certo é que, além do baixo custo dos recursos disponíveis fora dos muros da cidade de Roma, o uso dos

---

<sup>29</sup> Estes jazigos privados eram compartimentos destinados a sepultamentos de grupo de familiares, criados ou clientes das famílias ricas. O caso mais emblemático foi o da família nobre dos Cecílios, em cujo jazigo repousou o corpo de santa Cecília, virgem e mártir (Jaugey, 1901).

<sup>30</sup> A intenção seria, provavelmente, a de imitar o Santo Sepulcro, o túmulo escavado na rocha onde Jesus Cristo teria sido sepultado (Lanciani, 1892; Withrow, 1874).

<sup>31</sup> Deve sublinhar-se ainda o facto de se tornar progressivamente importante para os cristãos abastados recém-convertidos, nomeadamente no desenvolvimento da vivência cristã, a responsabilidade de cuidar dos membros menos providos da comunidade, oferecendo os seus espaços fúnebres para sepultamento dos *seus irmãos na fé* (Jaugey, 1901, p. 279; Nicolai, 2019).

cemitérios subterrâneos permitia à comunidade desfrutar de maior segurança e liberdade para as práticas cristãs (Lanciani, 1892; Nicolai, 2019; Withrow, 1874).

Com o tempo, muitos dos terrenos cemiteriais privados foram sendo doados à Igreja<sup>32</sup> (ou adquiridos), tornando-se património eclesiástico. O primeiro cemitério doado à Igreja foi o cemitério privado da família dos Cecílios, localizado na Via Ápia (catacumba de Calisto), *o qual constituiu o primeiro cemitério oficial*<sup>33</sup> (Jaugey, 1901, p. 279).

Em suma, os cemitérios subterrâneos desenvolveram-se em torno dos hipogeus primitivos e privados, dando origem aos primeiros cemitérios oficiais e comunitários (públicos) para o enterro dos fiéis – ricos e pobres –, onde as práticas fúnebres cristãs eram aceites ou toleradas, salvo durante as perseguições imperiais (Jaugey, 1901).

### 2.3. As catacumbas romanas em tempos de perseguição

Se, numa fase inicial, os cemitérios subterrâneos foram locais de enterramento privado, durante as perseguições dos séculos seguintes estes locais recônditos (afastados das cidades e no subsolo) passariam a constituir um local de encontro<sup>34</sup>, onde os cristãos podiam enterrar os seus mortos –

---

<sup>32</sup> À época, a Igreja era encarada como uma associação de apoio, isto é, uma *corporação funeraria* ou um *collegio de sociedade inferior*, onde os ricos tinham o lugar de *bemfeitores*. Estes *collegios funerarios* podiam possuir bens móveis e imóveis, o que *explica como é que no terceiro século muitas catacumbas deixaram de ser propriedades particulares, para se tornarem propriedades das corporações cristãs*, como explica J. Jaugey (1901, p. 280).

<sup>33</sup> Com o desejo de criar uma catacumba (cemitério comunitário), o papa Zeferino (p. 199 - m. 217) confiou a administração do cemitério na Via Ápia ao primeiro diácono (e papa sucessor) Calisto (p. 217 - m. 222 d. C.), lançando os fundamentos da propriedade eclesiástica. Será, no entanto, o papa Fabiano (p. 236 - m. 250 d. C.), a dividir pelos diáconos os distritos civis de Roma, bem como os cemitérios para uso eclesiástico, em sete circunscrições administrativas: 1. da Via Ápia, 2. de Pretextato, 3. *ad duas lauros*, 4. da Via Nomentana, 5. da Via Salaria, 6. da nova Via Aurelia e 7. da Via Aurelia e da Via de Porto. Estas mantiveram-se até 257, ano em que o édito de perseguição do imperador Valeriano (imp. 253 - 260 d. C) proibiu a entrada nos cemitérios cristãos, sob pena de morte (Jaugey, 1901, p. 281).

<sup>34</sup> Às catacumbas ficará indelevelmente associada a ideia de local de culto secreto ou refúgio durante as perseguições, embora este fator não tenha sido o responsável pela sua formação, como se viu.

muitos deles martirizados em nome da fé –, bem como praticar os seus rituais fúnebres e recorrer a símbolos cristãos<sup>35</sup>.

Na segunda metade do século III voltaram os *dias de terror* com o imperador romano Décio<sup>36</sup> (imp. 249 - m. 251), e seus sucessores Galo (imp. 251 - m. 253) e Valeriano (imp. 253 - 260 d. C.) (Lanciani, 1892, p. 314). Valeriano emitiu em agosto de 257 um édito Imperial que interferia com os direitos da Igreja sobre os cemitérios. Com o propósito de abolir a sociedade cristã, Valeriano proibiu o culto público e as reuniões, assim como a entrada nos cemitérios cristãos, sob pena de morte. Embora as entradas de algumas galerias tenham sido barradas, os cristãos providenciaram outros acessos como meio de iludir essas proibições:

*A esta época pertencem os trabalhos executados para dar à catacumba de Callisto saídas secretas, a fim de permittirem aos christãos escapulirem-se para o campo em caso de sobresalto* (Jaugey, 1901, p. 281).

Depois de Valeriano, o imperador Galiano (imp. 253 - m. 268), seu filho, ordenou, em 260, o fim das perseguições e a restituição das propriedades à Igreja (Jaugey, 1901). Contudo, em 303, as ações persecutórias são retomadas por Diocleciano (imp. 284 - 305) – a par com os restantes tetrarcas: Maximiano, Galério e Constâncio Cloro, embora este último com uma posição mais moderada –, naquela que foi considerada a mais sangrenta e última perseguição aos cristãos no Império Romano. Não só se assumiu uma atitude de violenta repressão contra cristãos (incluindo perseguições, aprisionamento, interdição de culto, obrigatoriedade de retoma de rituais romanos como o do sacrifício, etc.), em particular no território oriental do Império Romano, como os espaços de culto foram confiscados e destruídos:

---

<sup>35</sup> No século XVI, estes viriam a ser o ponto chave na identificação dos primeiros mártires do cristianismo, levando à exumação em massa de milhares de esqueletos das galerias subterrâneas de Roma (atente-se nota n.º 43). Retomar-se-á este assunto, *infra*, subcapítulo 3.2 e seguintes.

<sup>36</sup> Décio emitiu um decreto a ordenar que todos os cidadãos do Império realizassem um sacrifício pagão aos deuses romanos e ao bem-estar do imperador, na presença de testemunhas. Todos os que se recusaram, incluindo cristãos, foram torturados e executados, entre eles o papa Fabiano (p. 236 - m. 250) (Scarre, 1995). Será a partir desta data que as atitudes persecutórias transcendem as iniciativas isoladas ou a ação localizada de funcionários locais, e se expandem para a emissão de éditos legais proibindo certas práticas cristãs com pena de prisão e morte.

*A última perseguição, a de Diocleciano e seus parceiros, foi a mais longa e cruel de todas elas. Num período de dez anos, não houve um dia de misericórdia diante dos 'ecclesia fidelium'. O historiador Eusébio, testemunha ocular, refere (...) o número de sofrendores era de tal modo grande, que não se conseguia manter o registo de todos eles nos arquivos da Igreja (...). Ainda temos uma tradição local, não totalmente infundada, de dez mil cristãos que foram condenados a trabalhar na pedreira para as Termas de Diocleciano, deixados à morte depois da dedicação do edifício<sup>37</sup>.*

Durante as perseguições, os túmulos dos mártires e os santuários foram protegidos pelos fiéis, a fim de evitar a sua profanação pelos pagãos, mediante o furto dos túmulos ou a obstrução das galerias<sup>38</sup>. As saídas secretas de que eram munidas as catacumbas permitiam aos fiéis a fuga para os campos com as relíquias dos santos mártires, as quais viriam a ser depositadas em cemitérios improvisados:

*Encontram-se nas catacumbas vestígios dos trabalhos executados á pressa pelos fiéis, para furtarem os tumulos dos martyres ás profanações dos pagãos. Algumas galarias foram entulhadas, para interceptar os caminhos que conduziã aos santuarios mais venerados. (...) improvisaram-se na mesma epocha cemiterios menos amplos e menos regulares, para recolherem as reliquias dos martyres e os despojos mortaes dos outros fiéis (Jaugey, 1901, pp. 282–283).*

Não obstante a força que a intolerância aos cristãos ainda mantinha a Oriente, Roma cessou as perseguições em 306, no período do imperador Maxêncio (imp. 306 - m. 312), embora a restituição dos cemitérios à Igreja só se tenha concretizado a partir de 310. A paz consolidou-se definitivamente em 312, com a derrota de Maxêncio por Constantino (imp. 306 - m. 337) – o primeiro imperador cristão de Roma – e com a emissão do Édito de Milão, de 313, que assegurou à Igreja a liberdade de culto, a edificação de igrejas, e a posse definitiva dos santuários e dos cemitérios subterrâneos (Jaugey, 1901; Lanciani, 1892).

---

<sup>37</sup> Tradução livre do original: *The last persecution, that of Diocletian and his colleagues, was the longest and most cruel of all. For the space of ten years not a day of mercy shone over the 'ecclesia fidelium'. The historian Eusebius, an eye-witness, says (...) the number of sufferers was so great that no account could be kept of them in the archives of the Church (...). We have still a local tradition, not altogether unfounded, of ten thousand Christians who were condemned to quarry materials for Diocletian's Baths, and who were put to death after the dedication of the building (Lanciani, 1892, p. 314).*

<sup>38</sup> Terá sido o caso da catacumba de Calisto, onde se encontrava, além da câmara funerária da santa Cecília (veja-se nota n.º 29), a cripta dos papas com os túmulos de nove bispos de Roma do século III (Jaugey, 1901; Nicolai, 2019).

Os cemitérios cristãos viriam a transformar a paisagem suburbana de Roma. O crescimento exponencial da comunidade cristã, aliado à falta de espaço devido ao custo da terra, levou, como se referiu, ao uso do subsolo, o qual permitia a criação de áreas extensas para grupos de sepulturas e cujo espaço podia ser sucessivamente ampliado mediante a abertura de uma rede de galerias sinuosas (Nicolai, 2019). Para além daqueles que terão sido vítimas da crueldade dos imperadores romanos, acrescem os inúmeros fiéis que queriam que a sua última morada fosse perto do túmulo de um mártir da Igreja Católica (enterro *ad sanctos*)<sup>39</sup>, pela crença na sua intercessão e proteção (Lucas 16:9):

*o motivo principal do enterro 'ad sanctos' foi assegurar a proteção do mártir, não apenas ao corpo mortal do defunto [contra os profanadores de sepulturas], mas também a todo o seu ser, para o dia do despertar e do juízo* (Ariès, 1988, p. 45).

Refere Maria Isabel Roque (2004) que o desenvolvimento do culto dos mártires terá a montante a recuperação do costume romano de honrar os heróis, dando continuidade a rituais antigos, designadamente o *refrigerium* – uma refeição comemorativa tomada perto dos túmulos dos mártires<sup>40</sup>. Tal aproximaria fiéis e mártires como forma de garantir proteção e salvação, justificando o progressivo aparecimento de altares junto ou sobre os seus túmulos e da sua crescente sacralização pela aproximação das relíquias dos mártires:

---

<sup>39</sup> Sobre este assunto escreveu o abade Prosper Guéranger: *Mas os fiéis de Roma não limitaram sua veneração às Catacumbas com peregrinações piedosas ou a visitas sagradas, eles tiveram a alegria de escolher poder ser enterrados ali, consolados nesse pensamento, que no dia da ressurreição eles se levantariam para ir a Deus na companhia dos mártires. De acordo com os Consulados marcados em um certo número de inscrições, pode-se concluir com certeza que essa devoção era familiar aos cristãos principalmente durante os séculos IV e V. Os Soberanos Pontífices desse período também queriam descansar à sombra desses cofres humildes e gloriosos sob os quais dormiam seus antecessores martirizados* (tradução livre do original: *Mais les fidèles de Rome ne bornèrent pas leur vénération envers les Catacumbes à de pieux pèlerinages, à des visites saintes, ils se plurent à y choisir leur sépulture, consolés dans cette pensée, qu'au jour de la résurrection ils se lèveraient pour aller à Dieu dans la compagnie des martyrs. D'après les Consulats marqués sur un certain nombre d'inscriptions, on peut conclure avec certitude que cette dévotion fut familière aux chrétiens principalement durant les quatrième et cinquième siècles. Les Souverains-Pontifes de cette époque aimèrent aussi à reposer à l'ombre de ces humbles et glorieuses voûtes sous lesquelles dormaient leurs prédécesseurs martyrs* (1839, p. 8)).

<sup>40</sup> Segundo Philippe Ariès, o termo *refrigerium* tinha duplo significado, sendo *ao mesmo tempo a morada dos bem-aventurados e a refeição ritual oferecida no seu túmulo* (1988, p. 38).

*A dupla origem da mesa agáptico-eucarística e de local sagrado sobre o túmulo dos mártires marcam a forma essencial do altar, que se tornará definitiva ao longo do período seguinte: uma mesa fixa, construída em materiais duráveis e nobres, na qual se inseriam as relíquias sagradas* (Roque, 2004, p. 29).

Com efeito, grupos de sepulturas foram surgindo em torno das câmaras sepulcrais (com os túmulos dos mártires<sup>41</sup>) e ao longo das galerias subterrâneas onde, graças às características do solo pela antiga exploração mineira de pozolana<sup>42</sup>, milhares de cadáveres foram inumados em covas ou nichos retangulares estreitos (*loculi*)<sup>43</sup>, dispostos verticalmente ao longo das paredes (Jaugey, 1901; Nicolai, 2019; Withrow, 1874):

---

<sup>41</sup> Dentro das câmaras (*cubicula*), o túmulo principal era coberto por uma placa de mármore ou de pedra e sobrepujado por um nicho arqueado ou arco denominado de arcossólio (*arcosolium*), decorado com pinturas alusivas a temas cristãos. Construído em função do mártir ali sepultado, o arcossólio terá sido utilizado para a celebração eucarística servindo o túmulo do mártir como mesa de altar (Jaugey, 1901; Roque, 2004).

<sup>42</sup> De origem vulcânica, a pozolana era uma espécie de terra ou areia macia minerada há séculos pelos romanos para uso diário, muito antes da chegada do cristianismo. Misturada com cal, a pozolana transformava-se numa argamassa resistente e duradoura, tendo sido utilizada na construção de pontes e da maioria dos edifícios da capital do Império Romano (Guéranger, 1839; Seymour, 1850). Graças às particularidades deste material, *menos duro do que a pedra, mais consistente do que o saibro* (Jaugey, 1901, p. 288), os romanos cavaram, por vários quilômetros de distância, sob os subúrbios de Roma, uma vasta rede de labirintos subterrâneos. Apesar de a exploração das minas de pozolana ter cessado antes das catacumbas serem utilizadas como cemitérios, a sua existência favoreceu certamente este uso: *Estas pedreiras ou minas de pozolana, há muito que tinham deixado de ser exploradas pelos Romanos. Pareciam estar esgotadas; em todo o caso, deixaram de funcionar como minas antes ainda desses eventos da história cristã que estavam destinados a lançar sobre as Catacumbas um interesse e charme inesfáveis* (tradução livre do original: *These quarries or mines of pozzolana had long ceased to be worked by the Romans. They seem to have been exhausted; at all events, they have been closed as mines before those events of Christian history which were destined to shroud the Catacombs with an ineffaceable interest and charm* (Seymour, 1850, p. 251)).

<sup>43</sup> Estes nichos ou covas, escavados em filas de seis ou oito na grossura das paredes das longas galerias subterrâneas, eram fechados com barro cozido e lápides de mármore (ou de pedra), onde podiam constar inscrições (epitáfios) com a identificação do defunto (em latim ou grego), o dia ou o ano da sua morte e símbolos cristãos, gravados ou pintados, muito embora as sepulturas primitivas fossem muitas vezes anepigráficas. Só mais tarde, possivelmente depois do imperador Constantino e o Édito de Milão (313), é que se começaram a introduzir símbolos cristãos mais explícitos e epitáfios mais descritivos sobre o defunto, assim como pinturas alusivas aos episódios das perseguições. Os símbolos cristãos mais antigos e comuns eram a âncora, o peixe, a pomba e o tema do Bom Pastor e, mais tarde (após Constantino), o cristograma Chi-Rho ou monograma de Cristo que resulta visualmente no entrelaçamento das letras X e P (Jaugey, 1901; Lanciani, 1892; Nicolai, 2019). J. Jaugey (1901) aborda esta temática em maior detalhe nas pp. 288–300, as quais se recomenda uma leitura mais atenta. O título de mártir podia ser indicado com a letra M ou, mais tarde, com a palavra MARTYR, ou através de símbolos como a folha de palma, o vaso tingido de sangue (*phiale rubricata*), o cristograma ou os instrumentos de tortura; abreviaturas como SANG ou SA de SANGUIS (sangue) podiam também ser encontradas, por associação ao martírio e ao vaso de sangue (Bouza Álvarez, 1990; Ghilardi, 2010; Jaugey, 1901; Koudounaris, 2013).

*Estas passagens são estreitas, variando geralmente entre três e seis pés de largura, e sete a dez de altura. São bastante toscas, ásperas e rugosas, apresentando-se, além das associações que lhe dão um interesse tão profundo, como nada mais do que poços, galerias e passagens de qualquer mina. São frias, húmidas e escuras, constituindo-se como uma espécie de gigantesco favo de mel, que se estende por quilómetros em diferentes direções no subsolo (...)*<sup>44</sup>.

As catacumbas eram escavadas no subsolo de pozolana, um material próximo ao da *areia*, termo que terá sido alterado pelos romanos de *arena*, ou *arenaria* (e que, por vezes, vem referido nos atos originais dos santos mártires) para *coemeteria*, com as devidas implicações semânticas. Do grego antigo, “cemitério” – quer fosse no subsolo ou à superfície –, passaria a designar o último lugar de repouso dos cristãos ou o espaço de sono e não o de desaparecimento pois, *a morte é sono e não destruição (la mort est un sommeil et non une destruction)*<sup>45</sup> (Ariès, 1988; Guéranger, 1839, p. 3; Jaugey, 1901).

Existem cerca de sessenta cemitérios subterrâneos ao longo das principais vias romanas, como a Via Ápia, a Via Salaria, a Via Labicana, a Via Ostiense, a Via Tiburtina e a Via Nomentana<sup>46</sup>,

---

<sup>44</sup> Tradução livre do original: *These passages are narrow, ranging generally from three to six feet in width, and from seven to ten in height. They are very rude, and rough, and rugged, presenting in themselves, apart from the associations which give them so deep an interest, nothing whatever beyond the shafts, galleries, or passages of any mine. They are cold, damp, and dark, and constitute a sort of gigantic honey comb-work, extending for miles in different directions under ground (...)* (Seymour, 1850, p. 250).

<sup>45</sup> Philippe Ariès escreveu também que, no cristianismo antigo, *o sono não passava da espera de um despertar feliz, no dia da ressurreição da carne, e que até aos nossos dias, as orações em intenção dos defuntos serão ditas para o 'repouso' das suas almas, pois, como escreveu, o repouso é ao mesmo tempo a imagem mais antiga, mais popular e mais constante do além* (1988, pp. 34, 36).

<sup>46</sup> Sobre os cemitérios, leia-se o que escreveu Prosper Guéranger: *O primeiro desses 'cemitérios', praticado sob o 'Campo Vaticano', famoso em Marcial e Juvenal pela qualidade dúctil das argilas que dele extraíam, foi aberto a partir do primeiro século, durante essa terrível perseguição de Nero, que, de acordo com Tácito, pereceu uma grande multidão, 'ingens multitudo', pessoas de todas as idades, de qualquer sexo e qualquer condição. O segundo e o terceiro séculos viram a abertura de um grande número de outros sendo os principais de Calisto sob a via 'Ápia', o de Priscila sob a via 'Salaria', o de Calepódio sob a via 'Aurelia', o de Lucina sob a via 'Ostiense', o de Ciriaca sob a via 'Tiburtina', o de Inês sob a via 'Nomentana', etc. (...) Quanto aos nomes sob os quais essas numerosas regiões subterrâneas são discernidas nos monumentos da antiguidade e até hoje, eram algumas de alguns mártires famosos que haviam sido depositados ali, outras de cristãos opulentos que haviam consagrado sua riqueza ao arranjo e ao ornamento desta última residência dos seus irmãos. Assim, os santos mártires Calepódio e Agnes, o papa Calisto, as piedosas senhoras Priscila, Lucina, Ciriaca, etc. para sempre anexaram seus nomes aos vários bairros da Roma subterrânea* (tradução livre do original: *Le premier de ces 'cimetières', celui qui fut pratiqué sous le 'Champ Vatican', célèbre dans Martial et Juvénal pour la qualité ductile des argiles qu'on en tirait, fut ouvert dès le premier siècle, durant cette terrible persécution de Néron, laquelle, au rapport de Tacite, fut périr une grande multitude, 'ingens multitudo', de personnes de tout âge, de tout sexe et de toute condition. Le deuxième et le troisième siècle en virent ouvrir un grand nombre d'autres dont les principaux sont celui de Calixte sous la voie 'Appia', celui de Priscille sous la voie 'Salaria', celui de Calepodius sous la voie 'Aurelia', celui de Lucine sous la voie 'Ostiensis', celui de Cyriaque sous la voie 'Tiburtina', celui d'Agnes sous la voie 'Numentana', etc. (...) Quant aux noms sous lesquels ces nombreuses régions souterraines sont discernées dans les monuments de l'antiquité et aujourd'hui encore, ils étaient tantôt ceux de quelque*

recebendo a designação de mártires importantes enterrados no local, ou a eles associados, como a já referida catacumba de Calisto na Via Ápia. Estes cemitérios labirínticos, com corredores e ramificações de vários quilómetros, construídos em plano horizontal e até sete andares, não tinham ligações entre si, ou mesmo à cidade de Roma, sendo abertos em terrenos elevados: *mais altos do que o nível das águas* (Jaugey, 1901, p. 288; Nicolai, 2019; Withrow, 1874). Se, como se indicou, as paredes estavam preenchidas com *loculi* – dispostos em filas de seis ou oito –, a par dos corpos enterrados no chão raso e nas *cubicula* que se abriam de ambos os lados (Lanciani, 1892), o número de defuntos era extraordinariamente elevado, como evidenciou Rodolfo Lanciani:

*Assumindo que estas galerias conseguiriam comportar dois corpos por metro, o número de cristãos enterrados nas catacumbas nas três milhas [quase 5 km] desde as portas de Sérvio, pode ser estimado num mínimo de 1,752,000<sup>47</sup>.*

#### 2.4. O abandono dos cemitérios subterrâneos

Após quatro séculos de perseguições e sepultamentos na escuridão, o direito de propriedade da Igreja sobre as catacumbas viria a ser o início do fim dos cemitérios subterrâneos. Como suprarreferido, após a derrota do imperador Maxêncio (imp. 306 - m. 312), em 312, os cemitérios foram finalmente restituídos à Igreja.

Devido à prática de enterramento dos fiéis junto dos túmulos dos mártires ou procura dos locais mais próximos, as sepulturas passaram a ser abertas por *fossores* (mineiros ou coveiros) a troco de dinheiro, o que levou à destruição total ou parcial de alguns túmulos de mártires, incluindo pinturas e inscrições dos séculos anteriores (Jaugey, 1901). Terá sido o papa Dâmaso (p. 366 - m. 384) a

---

*fameux martyr qu'on y avait déposé, tantôt ceux des chrétiens opulens qui avaient consacré leurs richesses à l'arrangement et à l'ornement de cette dernière demeure de leurs frères. Ainsi, les saints martyrs Calepodius et Agnès, le pape Calixte, les pieuses dames Priscille, Lucine, Cyriaque, etc. attachèrent pour jamais leurs noms aux divers quartiers de Rome souterraine* (1839, p. 3)). Para uma descrição mais detalhada das catacumbas (elementos arquitetónicos, símbolos e inscrições, identificação e localização, entre outras informações), veja-se J. Jaugey (1901), em particular as pp. 288–304.

<sup>47</sup> Tradução livre do original: *Assuming these galleries to be capable of containing two bodies per metre, the number of Christians buried in the catacombs, within three miles from the gates of Servius, may be estimated at a minimum of 1,752,000* (1892, pp. 319–320).

renovar o culto pelos mártires e a reavivar nos fiéis *o desejo de repousarem ao pé d'elles*, mediante a abertura de galerias (cujas entradas tinham sido bloqueadas durante as perseguições), para o acesso aos túmulos dos mártires, assim como o restauro de inúmeras inscrições (estas viriam a ser destruídas durante o cerco de Roma pelos Godos em 537-38) (Jaugey, 1901, p. 284; Nicolai, 2019). Depois das primeiras invasões, até às invasões dos Lombardos em 753, os papas continuaram a conservar e a restaurar os cemitérios e suas basílicas, incluindo os túmulos, inscrições e pinturas sobreviventes, incitando a peregrinação aos cemitérios dos antigos mártires e a celebração de missas nas catacumbas.

Embora durante o reinado de Constantino e nos seguintes se tenha mantido, mas com menor frequência, a prática de enterramento subterrâneo e o desenvolvimento das catacumbas, foram aumentando os sepultamentos em cemitérios superficiais e a edificação de basílicas – construídos sobre as próprias catacumbas e as criptas dos célebres mártires –, mantendo-se as catacumbas abertas para visita dos peregrinos (Jaugey, 1901; Roque, 2004). Durante este período foram, inclusive, criados hospícios para os peregrinos, edifícios para caridade e de habitação, e acessos diretos às criptas dos mártires:

*Assim rodeados ou cobertos de edificios, os cemiterios e as basílicas offereciam, no meio da planicie deserta, o aspecto de pequenos burgos habitados e fortificados. Os peregrinos de todas as nações sabiam o caminho para elles; temos ainda preciosos itinerarios do seculo VII, que enumeram os santuarios, que se visitavam em volta de Roma, e os tumulos dos martyres, junto dos quaes se praticavam devoções* (Jaugey, 1901, p. 287).

Com as invasões bárbaras dos séculos seguintes (VI-VIII) – Godos, Hunos e Lombardos – e os cercos da cidade de Roma, aliados aos inúmeros saques, estragos e profanações nas igrejas e nos cemitérios subterrâneos (incluindo das sepulturas dos mártires), foi aumentando a sensação de insegurança fora dos muros da cidade. Por esta razão, o costume de enterrar os mortos nos cemitérios localizados nos campos, por cima das catacumbas, foi-se perdendo e as catacumbas foram sendo, gradualmente, deixadas ao abandono; não, sem antes, os Santos Padres conseguirem transferir para as igrejas milhares de relíquias de mártires dos cemitérios subterrâneos, como foi o caso do corpo de santa Cecília que hoje repousa na igreja com o mesmo nome (Guéranger, 1839;

Jaugey, 1901; Nicolai, 2019). Consta que o papa Pascoal (p. 817 - m. 824), seguindo o exemplo do papa Paulo I (p. 757 - m. 767), trasladou das criptas subterrâneas *para Roma dois mil e trezentos corpos no dia 20 de Julho de 817* (Jaugey, 1901, pp. 287–288). As trasladações das relíquias dos mártires para as igrejas de Roma duraram até ao século XI (Jaugey, 1901).

Além do medo imposto pelas invasões bárbaras, os deslizamentos de terra (facilitados pelo tufo calcário), terão, com o tempo, bloqueado as entradas das catacumbas<sup>48</sup>. Num cenário de perigo iminente, os fiéis e peregrinos deixaram de frequentar os cemitérios suburbanos e os espaços subterrâneos, uma vez que também os corpos dos mártires *mais famosos* tinham já sido trasladados para as igrejas e basílicas à superfície, dentro dos muros da cidade de Roma (Guéranger, 1839, p. 9). As catacumbas foram, na sua maioria, abandonadas<sup>49</sup>, ficando esquecidas durante vários séculos. A redescoberta acidental de um hipogeu cristão numa vinha na Via Salaria, em 1578, traria uma nova luz a estes cemitérios, ampliada com as subseqüentes explorações arqueológicas por Antonio Bosio (n. 1575 - m. 1629), como se falará, com maior detalhe, no subcapítulo 3.2.

---

<sup>48</sup> *Acampados sob seus muros, em vários momentos, os godos e os lombardos penetraram nessas terras cuja abordagem não era proibida, e eles estupraram um grande número de túmulos ali, como atestam as crônicas. Por isso, nos intervalos da paz, os Soberanos Pontífices apressaram-se a transportar para as igrejas de Roma os corpos dos mártires mais famosos que ainda não haviam sido levantados de seus túmulos. (...) As obras de conservação e embelezamento das Catacumbas pararam neste momento. Desde então, deixamos de manter e apoiar os cofres; os corpos dos mártires foram autorizados a descansar em suas cavernas solitárias, que as numerosas extrações anteriores associadas à violência dos bárbaros haviam diminuído consideravelmente; um vago terror se espalhou entre as almas e quase totalmente fechou a entrada das criptas para os habitantes de Roma e para os peregrinos. Enquanto histórias sinistras amedrontavam a imaginação e defendiam o ambiente ousado desses lugares anteriormente frequentados, numerosos e sérios deslizamentos de terra foram sucessivamente interceptando todos os caminhos e tornou a prática cada vez mais perigosa (tradução livre do original: *Campés sous ses murs, à diverses époques, les Goths et les Lombards pénétrèrent dans ces souterrains dont l'abord n'était en aucune manière défendu, et ils y violèrent un grand nombre de sépulcres, comme les chroniques en font foi. C'est pourquoi, dans les intervalles de paix, les Souverains-Pontifes s'empresèrent de transporter dans les églises de Rome les corps de ceux des plus fameux martyrs qu'on n'avait pas levés encore de leurs tombeaux. (...) Les travaux de conservation et d'embellissement dans les Catacombes s'arrêtent à cette époque. Depuis lors, on cessa d'entretenir et d'étayer les voûtes; on laissa reposer dans leurs grottes solitaires les corps des martyrs que le nombreuses extractions précédentes jointes aux violences des barbares avaient considérablement diminués; une vague terreur se répandit dans les âmes et ferma presque entièrement l'entrée des Cryptes aux habitants de Rome et aux pèlerins. Pendant que des histoires sinistres effrayaient les imaginations et défendaient aux plus audacieux les abords de ces lieux autrefois si fréquentés, des éboulemens nombreux et graves se firent successivement, interceptèrent de toutes parts les voies et en rendirent la pratique de plus en plus périlleuse* (Guéranger, 1839, p. 9)).*

<sup>49</sup> Um dos poucos cemitérios que permaneceu aberto e continuou a ser frequentado por peregrinos foi o situado sob a igreja de São Sebastião (*cæmeterium ad catacumbas*) (Jaugey, 1901).

### 3. O culto dos santos mártires na era da Reforma Tridentina

*O costume de transferir de Roma para outros Países as Relíquias santas e os Corpos dos Santos Mártires que se encontram nos Cemitérios era, como já foi dito, para propagar o culto Divino aos seus Santos e aumentar a devoção dos Fiéis, que as procuravam com grande demanda.*<sup>50</sup>

(Boldetti, 1720, p. 691)

#### 3.1. A Reforma Protestante e o Concílio de Trento

Em 1517, o monge agostinho e teólogo alemão, Martinho Lutero (n. 1483 - m. 1549), afixou na porta da igreja de Todos os Santos em Vitemberga, Alemanha, as suas “95 teses” contra as indulgências (“Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum”). Lutero escolheu o dia de Todos os Santos, o dia do ano em que ocorria a exposição da coleção de relíquias do castelo de Vitemberga, para dar nota pública dos seus protestos contra a venda de indulgências e outros abusos da Igreja, incluindo o culto das relíquias (Luther, 1997; MacGrath, 2011). A posição de Lutero contra as práticas abusivas do clero iniciaria um processo que viria a abalar os fundamentos teológicos e pastorais do cristianismo (Tingle, 2015), conhecido como Reforma Protestante.

Vinte e seis anos mais tarde, em 1543, João Calvino (n. 1509 - m. 1564), um reformador protestante francês, publicou um dos seus livros mais famosos, o “Tratado das Relíquias” (“Traitté des reliques”). Posicionando-se como inimigo da idolatria ou da falsa religião, João Calvino criticava os ritos idólatras ou supersticiosos ligados ao culto dos santos e das relíquias, e aqueles que os praticavam (Eire, 2015). O livro de Calvino também destacava o aumento exponencial de falsas relíquias como resultado do seu comércio abusivo por impostores, assim como o número absurdo

---

<sup>50</sup> Tradução livre do original: *IL costume di tramandare da Roma in altri Paesi le sagre Reliquie, e i Corpi de' Santi Martiri, che si ritrovano ne i Cimitri, fu, come s'è detto, a sine di propagare il culto Divino ne' Santi suoi, e per accrescere la divozione de' Fedeli, che con grande istanza le ricercarono.*

de relíquias existentes do mesmo santo, como corpos, braços, pernas, cabeças, dedos, cordão umbilical, cabelos, lágrimas, sangue e muitas mais, ou fragmentos do mesmo objeto como a cruz, a coroa de espinhos, o manto de Jesus, entre outros. No seu “Traitté...”, Calvino advertia o leitor, sugerindo:

*(...) enquanto as pessoas procuravam relíquias, quer de Jesus Cristo ou de Santos, tornaram-se tão cegas que se algum nome imposto sobre um qualquer lixo lhes fosse apresentado, recebê-lo-iam sem nenhuma análise ou julgamento; assim, os ossos de burro ou cão que um qualquer vendedor ambulante asseverava serem ossos de mártir, eram devotamente recebidos sem alguma hesitação<sup>51</sup>.*

As “95 Teses” de Martinho Lutero e o “Tratado das Relíquias” de João Calvino foram rapidamente copiados, reimpressos, traduzidos e amplamente distribuídos por toda a Europa durante o século XVI. Enquanto Lutero enfatizava a corrupção eclesiástica (com enfoque nas indulgências), Calvino e os seus seguidores lutavam contra todos os pontos materiais de contato com o divino, como a prática ancestral da veneração das relíquias e das imagens sagradas, e sugeriam duramente a sua abolição em busca do preceito calvinista *Soli Deo gloria* (*glória somente a Deus*), enfatizando as Escrituras como modelo para a prática eclesiástica (Ditchfield, 2015; Eire, 2015; Luther, 1997; Tingle, 2015).

Apesar de as críticas luteranas e calvinistas serem distintas, os seus líderes mais representativos ambicionavam a reforma das práticas e doutrinas do cristianismo, impondo uma profunda mudança na piedade católica da Europa ocidental (Ditchfield, 2015). O movimento iconoclasta do século XVI foi, portanto, uma consequência da Reforma Protestante e da sua oposição à invocação e ao culto dos santos e das suas relíquias, assim como à veneração das imagens sagradas, preconizado particularmente pelo movimento calvinista e pela cruzada contra a idolatria (manifesta nessas práticas eclesiásticas). Assim, imagens, pinturas e relíquias foram retiradas ou saqueadas dos locais de culto, esmagadas e destruídas (Ditchfield, 1993; Julia, 2009). O Sacro Império Romano-

---

<sup>51</sup> Tradução livre do original: *(...) where people were seeking for relics, either of Jesus Christ or the saints, they became so blind that whatever name was imposed upon any rubbish presented to them, they received it without any examination or judgement; thus the bones of an ass or dog, which any hawker gave out to be the bones of a martyr, were devoutly received without any difficulty* (1854, p. 221).

Germânico vivia a maior convulsão intelectual, política, social e teológica alguma vez conhecida na Europa (Ditchfield, 1993; MacGrath, 2011; Tingle, 2015).

A resposta chegou com o Concílio de Trento (1545 - 1563), através da clareza e do foco dos seus decretos (Ditchfield, 2007). Nos últimos dias do concílio (3 e 4 de dezembro de 1563), foi emitido um decreto que legitimava histórica e teologicamente o culto dos santos e a veneração das relíquias e imagens sagradas – “Da invocação, veneração, e Relíquias dos santos, e das Sagradas Imagens” (“de invocatione, veneratione, et reliquiis sanctorum, et sacris imaginibus”) (Igreja Católica, 1781) –, devido à pressão de Carlos de Lorena-Guise (n. 1524 - m. 1574), cardeal de Lorena<sup>52</sup>.

Na XXV sessão do Concílio de Trento, a Igreja Católica Romana reafirmou a autoridade da tradição da Igreja enfatizando o papel das relíquias sagradas como intercessoras entre o mundo dos vivos e o dos mortos, e a invocação dos santos como meio de alcançar os benefícios de Deus através de Jesus Cristo, como descrito:

*Que também os santos corpos dos Santos Mártires, e de outros santos vivem com Christo, que foram membros vivos de Christ, o e templo do Espírito Santo, que elle ha de resuscitar, e glorificar para a vida eterna, pelos quaes faz Deus aos homens muitos benefícios, devem ser venerados pelos Fiéis (...)* (Igreja Católica, 1781, p. 349).

Por conseguinte, o culto público das relíquias e a peregrinação aos corpos dos santos – como práticas de devoção –, foram plenamente legitimadas pelo concílio, perante as críticas anteriores e depois de reduzida a confiança católica nas pessoas santas e lugares sagrados (Julia, 2009; Tingle, 2015). O espírito de regulação que emergiu de Trento, incorporando e redefinindo as normas existentes na forma de decretos, também estabeleceu os parâmetros para o uso da iconografia e da arte; o decoro e o respeito pelo culto das relíquias tiveram de ser reajustados para evitar práticas supersticiosas (severamente criticadas por Calvino). Nesse sentido, os bispos foram instruídos a educar as suas paróquias no uso dos restos sagrados, e a orientar os artistas para garantir a qualidade e “decência” das imagens nas igrejas e lugares sagrados; caso contrário, eram aplicadas punições

---

<sup>52</sup> O Reino de França estava à beira de uma guerra civil religiosa, uma guerra entre católicos e protestantes calvinistas (huguenotes) que duraria trinta e seis anos (1562-98) (Ditchfield, 2015; Eire, 2015).

(Borromeo, 1985; Bouza Álvarez, 1990; Calvin, 1854; Ditchfield, 1993, 2015; Eire, 2015; Gallegos, 2004; Zuriaga Senent, 2015). Segundo as diretrizes tridentinas, todas as relíquias tinham de ser oficialmente autenticadas, e as novas relíquias não deveriam ser exibidas publicamente para veneração sem o reconhecimento formal e a aprovação do bispo local (Ditchfield, 2015). As canonizações foram também restabelecidas em 1588 com a canonização papal de são Diogo de Alcalá, atendendo a que nenhum santo tinha sido declarado desde 1523<sup>53</sup>. Nestes casos, a reforma tridentina do processo de canonização ou do processo de santificação exigia novas provas de santidade e mais rigorosas, sob a administração dos departamentos da Cúria Romana, como a Sagrada Congregação dos Ritos e Cerimónias, criada em 1588 (Ditchfield, 2015; Tingle, 2015).

As normas formais legisladas pelo Concílio de Trento para a veneração dos santos e das suas relíquias, bem como para a produção de imagens sagradas, eram extremamente rigorosas, condenando toda a superstição e idolatria, recorrendo, para tal, a uma arte de grande austeridade e contenção. Incentivados pelos padres conciliares, os usos tradicionais da arte religiosa inspiraram uma nova era de interesse no estudo dos monumentos cristãos primitivos como igrejas, batistérios, cemitérios e cultura material em geral (Finney, 2017). Assim, e aplicando os decretos conciliares, o arcebispo de Milão, Carlos Borromeu (n. 1538 - m. 1584), publicou em 1577 as suas “Instruções para a construção e mobiliário das igrejas” (“Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae”), um manual prático e detalhado sobre como renovar os espaços interiores das igrejas, direcionado aos clérigos e artistas instruídos pelos bispos. Guiado pelas teorias reformistas da “decência” e do decoro, o capítulo XVI das “Instructiones...” de Carlos Borromeo descreve onde e como deveriam

---

<sup>53</sup> A canonização surgiu no século XII como forma de evitar exageros e impor algum bom senso e cautela na atribuição do título de santidade. Reservado apenas à Santa Sé, este processo consiste na confirmação de que um fiel católico é digno de ser considerado “santo”, após uma análise cuidada da sua vida, obras e milagres. Assim, como escreveu Jorge Tavares: *a Igreja reservou para si, até hoje, o exclusivo de decidir quem deverá ser canonizado (...)* *De facto, só a Canonização universaliza o Culto de um Santo* (2004, pp. 7–8). Só depois, então, é que o fiel católico pode ser oficial e universalmente cultuado e assumido como intercessor e modelo de santidade. O processo de canonização era (e ainda é) precedido por um outro, o da beatificação, o qual consistia na atribuição do estatuto de “beato” e a validação do seu culto (local), num determinado território (Tavares, 2004).

ser conservadas e expostas as relíquias sagradas dentro dos templos (Borromeo, 1985; Gallegos, 2004).

Envolvida por uma atmosfera renovada de fervor religioso pelas santas relíquias, a redescoberta acidental, em 1578 (quinze anos após Trento), de um cemitério romano dos primeiros séculos do cristianismo, há muito esquecido, foi entendida como uma resposta eminentemente espiritual perante os ataques da Reforma Protestante: abria-se o caminho para um mundo inexplorado e inesgotável de *vestigia* da época mais “heroica” da história da Igreja (Boutry, 2016; Ditchfield, 1993).

Encorajados pelo decreto da XXV sessão do Concílio de Trento, aliado à descoberta de um vasto depósito de ossos de mártires<sup>54</sup>, os três séculos seguintes seriam períodos intensos de fé, peregrinação e migração maciça – e, de certo modo, abusiva de relíquias sagradas – para os quatro cantos da cristandade, apelidados de *martyrmania* por Simon Ditchfield (2015, p. 152). A este respeito, escreveu Philippe Boutry:

*(...) desde o início, a exploração do depósito andou de mãos dadas com a sua descoberta; e a pedido urgente dos devotos que ocorreram de todo o universo católico, de empreendedores piedosos em corpos santos, imediatamente, sem discernimento, começaram a esvaçar os 'loculi' das catacumbas<sup>55</sup>.*

Cesare Baronio (n. 1538 - m. 1607), membro da Sociedade dos Oratorianos ou Ordem de São Filipe Neri<sup>56</sup> publicou, em 1586-7, a sua edição comentada do “Martirologio Romano”<sup>57</sup> (“Martyrologium

---

<sup>54</sup> Escreveu Philippe Boutry, que esses mártires eram entendidos como *intercessores vindos dos primeiros séculos da história da salvação para confrontar e santificar pelo exemplo de seu testemunho heroico o povo de Deus desamparado pela profunda rutura inscrita na história da igreja por Lutero e Calvino* (tradução livre do original: (...) *intercesseurs venus des premiers siècles de l'histoire du salut pour conforter et sanctifier à l'exemple de leur témoignage héroïque le peuple de Dieu désespéré par la profonde rupture inscrite dans l'histoire de l'Église par Luther et Calvin* (2016, p. 226).

<sup>55</sup> Tradução livre do original: (...) *dès l'origine, l'exploitation du gisement va-t-elle de pair avec sa découverte; et à la demande instante des dévots accourus de tout l'univers catholique, de pieux entrepreneurs en corps saints ont-ils d'emblée, sans discernement, commencé à vider les 'loculi' des catacumbes* (2016, p. 227).

<sup>56</sup> Filipe Neri (n. 1515 - m. 1595) terá popularizado as catacumbas romanas, com as suas vigílias noturnas na catacumba de São Sebastião (em homenagem às relíquias dos primeiros mártires cristãos) e com as procissões que liderou entre as sete principais basílicas de Roma (Ditchfield, 1993; Finney, 2017).

<sup>57</sup> O “Martirologio Romano” é um livro litúrgico que inclui milhares de nomes de santos e santas, mártires ou não-mártires e beatos honrados, há mais de dois mil anos, pela Igreja Católica (Igreja Católica, 2014; Tavares, 2004).

Romanum’). Este catálogo hagiográfico de santos reconhecidos pela Igreja – na sua maioria, mas não exclusivamente, mártires –, organizados por cada mês do calendário, foi fortemente influenciado pelos inúmeros corpos de desconhecidos encontrados dentro das catacumbas recém-descobertas, assumidos como mártires de Roma (Ditchfield, 2015; Finney, 2017). A este propósito, leia-se a explicação de Simon Ditchfield:

*O Calendário Romano incluía apenas os nomes dos santos que foram martirizados na Cidade Eterna ou cujos ossos foram enterrados lá. Mas também continha os nomes daqueles santos não mártires (confessores) que desfrutavam de um culto universal oficialmente reconhecido. De facto, para um santo gozar do estatuto de culto universal, a sua inclusão no Martirologio Romano era obrigatória<sup>58</sup>.*

O tráfico de relíquias dos santos mártires das catacumbas romanas – entendidos, pois, como testemunhas do sofrimento pela fé em Cristo –, foi um fenómeno religioso sem precedentes na história moderna da Igreja Católica, quer como resultado de favores pessoais de papas e elites católicas para aumentar o estatuto e o prestígio das comunidades religiosas, paróquias e igrejas (como se verá ao longo da presente tese), quer pela resposta à demanda litúrgica após as grandes destruições de relíquias durante a Reforma Protestante, particularmente nos países europeus de língua alemã (Baciocchi et al., 2011; Baciocchi & Duhamelle, 2016; Boutry, 1979, 2016; Boutry et al., 2009b, 2009a; Bouza Álvarez, 1990; Ciappara, 2017; Dahan, 2014; Ghilardi, 2015; Johnson, 1996; Koudounaris, 2013).

Os séculos seguintes foram, também, períodos intensos de debate e de severas críticas perante essas práticas (Baciocchi & Duhamelle, 2016; Boutry, 2016; Julia, 2009; Rebillard, 2016). A “Dissertação sobre o culto dos santos desconhecidos” (“Dissertation sur le culte des saints inconnus”)<sup>59</sup> do monge beneditino Jean Mabillon (n. 1632 - m. 1707) é um dos exemplos mais evidentes da

---

<sup>58</sup> Tradução livre do original: *The Roman Calendar only included the names of those saints who had been martyred in the Eternal City or whose bones had been buried there. But it also contained the names of those non-martyr (confessor) saints who enjoyed an officially recognized, universal cult. Indeed, for a saint to enjoy universal cult status, his or her inclusion in the Roman Martyrology was mandatory* (2015, p. 173).

<sup>59</sup> Obra de 1698, também conhecida como “Carta a Teófilo” (“Lettre à Théophile”) (Mabillon, 1698).

indignação contra as exumações indiscriminadas e as devoções a elas associadas (Boutry, 1979; Mabillon, 1698), autor de quem se falará, sucintamente, mais adiante.

### 3.2. Redescoberta e exploração dos cemitérios subterrâneos da Roma Antiga

A 31 de maio de 1578, escavadores de pozolana que trabalhavam numa vinha na Via Salária em Roma (*Via Salaria Nova*) – uma estrada romana que começava na antiga *Porta Collina* em Roma –, encontraram, acidentalmente, a entrada para as galerias de um antigo cemitério subterrâneo paleocristão (*coemeterium Jordanorum*)<sup>60</sup>, preservado desde a Antiguidade Tardia (Boutry, 2016; Ghilardi, 2015, 2018a; Lanciani, 1892). Este acontecimento fortuito marcaria, durante o período moderno, a exploração dos cemitérios subterrâneos dos primeiros cristãos da Roma Antiga, chamando a atenção de inúmeros fiéis – entusiasmados por rezar sobre os túmulos dos primeiros mártires –, bem como de eruditos<sup>61</sup>, estudantes e pioneiros da arqueologia cristã<sup>62</sup>. As explorações subsequentes reabririam ao público as passagens para dezenas de cemitérios e, conseqüentemente, o caminho para um mundo inexplorado de corpos santos (*corpi santi*)<sup>63</sup> das origens apostólicas do cristianismo (Boutry, 2016; Ghilardi, 2013). Nas palavras de Philippe Boutry, as catacumbas ofereciam *um terreno novo e fértil de meditação e devoção, de ensino e de polémica (un terrain neuf et fécond de méditation et de dévotion, d'enseignement et de polémique* (2016, p. 226).

---

<sup>60</sup> Este viria a denominar-se de catacumba de Priscila, embora, atualmente, seja considerado um cemitério anónimo (Ditchfield, 2017).

<sup>61</sup> O papa Gregório XIII (p. 1572 - m. 1585) enviou de imediato um grupo de especialistas para confirmar a veracidade da descoberta e avaliar a autenticidade do cemitério e das relíquias nele encontradas (Ghilardi, 2018a).

<sup>62</sup> Neste campo destaca-se Antonio Bosio (n. ca. 1575-6 - m. 1629), autor de “Roma subterrânea” (“Roma sotterranea”), obra publicada, após a sua morte, em 1632. Bosio lançou os fundamentos da arqueologia cristã ao redescobrir e explorar cerca de trinta cemitérios paleocristãos da Antiguidade (Ghilardi, 2013; Jaughey, 1901). O próprio escreveu, a respeito dos túmulos nas galerias subterrâneas: *esses túmulos são, na sua maioria, ou de Mártires, ou de Santos Confessores, e Cristãos da Igreja primitiva* (tradução livre do original: (...) *questi sepolcri sono per la maggior parte, ò di Martiri, ò di Santi Confessori, e Christiani della primitiva Chiesa* (1632, p. 201).

<sup>63</sup> *Corpi santi* (italiano) é a expressão mais utilizada por investigadores internacionais, especialistas do tema, para referir os restos mortais dos santos mártires encontrados e exumados das catacumbas ou cemitérios subterrâneos de Roma. Sobre esta e outras expressões atente-se, *infra*, subcapítulo 4.2.

Com base em evidências epigráficas e simbólicas, fruto das escavações e explorações arqueológicas, os corpos santos das catacumbas foram identificados como os primeiros mártires cristãos da Roma Antiga, vítimas das perseguições imperiais. Consequentemente, os seus restos mortais foram exumados em massa e enviados para toda a cristandade, para devoção dos fiéis católicos (Boutry, 2016; Ditchfield, 2017). Itália, França, Alemanha, Suíça, Hungria, México, Brasil, Espanha e Portugal, entre muitos outros, acolheram os *corpi santi* autenticados como mártires do cristianismo primitivo (Baciocchi & Duhamelle, 2016; Báez Hernández, 2018; Boutry, 1979, 2016; Bouza Álvarez, 1990; Dahan, 2017; De Rossi, 1864; Ditchfield, 1993, 2017; Ducreux, 2016; Etxeberria et al., 1999; Ghilardi, 2013, 2019b; Johnson, 1996; Julia, 2009; J. Palmeirão, 2015; Pfeiffer, 2005; Prader, 2012; Sánchez Reyes, 2019).

A exumação, autenticação e distribuição dos corpos dos santos mártires catacumbais regeram-se pelos vários documentos (1656-1863) publicados pela Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas (*Sacrae Congregationis Indulgentiis Sacrisque Reliquiis*)<sup>64</sup>, alguns anteriores à sua criação. Esta nova congregação, que viria a ser representada pelo cardeal-vigário de Roma (*cardinale vicario*)<sup>65</sup>, foi instituída pelo papa Clemente IX (p. 1667 - m. 1669) a 4 de agosto de 1667 e erigida, solenemente, pelo breve de 6 de julho de 1669 (Boutry, 2016; Ticchi, 2016). Por sua vez, o custódio (*custode delle Sagre Reliquie*)<sup>66</sup>, sob a autoridade do cardeal-vigário ou do seu adjunto (vice-gerente do

---

<sup>64</sup> Embora a congregação seja aqui realçada pela importância que teve na administração das catacumbas e na exumação das relíquias dos santos mártires das catacumbas de Roma, o seu foco de atuação primário foram as indulgências e as relíquias sagradas romanas no geral. Sobre a congregação veja-se a definição de *Congregazione delle Indulgenze e sagre Reliquie* em G. Moroni (1842, pp. 216–219).

<sup>65</sup> O cardeal-vigário de Roma ou vigário-geral de Sua Santidade respondia à diocese de Roma (vicariato), cuja administração dirigia. Era ainda representante da Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas. Em 1672 foi-lhe atribuída a jurisdição das catacumbas romanas pelo papa Clemente X (p. 1670 - m. 1676). Sobre o cardeal-vigário de Roma atente-se à definição de *Vicario Generale di Roma del Papa* em G. Moroni (1853, pp. 64–104). Consulte-se ainda a lista de cardeais, entre os séculos XVII e XIX, no Apêndice I.

<sup>66</sup> O custódio das relíquias sagradas respondia ao cardeal-vigário e ao vice-gerente, seu auxiliar. O cargo foi criado pelo cardeal-vigário Gasparo Carpegna em função do breve *Ex commissae* de 13 de janeiro de 1672. As relíquias exumadas das catacumbas eram guardadas e conservadas pelo custódio na Lipsanoteca antes de serem distribuídas pelos devotos, em troca de uma autorização assinada pelo vigário ou pelo seu adjunto. A partir do século XIX, o custódio dirigia a sua própria administração composta por outros eclesiásticos e pelos escavadores (*cavatori*) ou mineiros (*fossori*), e por um vice custódio (*sotto custode*). Este viria a ser nomeado custódio após a morte do seu predecessor (Boutry, 1979, 2016; Ticchi, 2016). Consulte-se, no Apêndice I, a lista de custódios entre os séculos XVII e XIX.

vicariato de Roma), e o sacristão pontifical (*monsignor sagrista* ou *sagrista del Papa*)<sup>67</sup>, tinham papéis relevantes nos processos de exumação, autenticação e distribuição, e na conservação das catacumbas de Roma, como se verá em maior detalhe no subcapítulo seguinte (Boutry, 1979, 2016; Ghilardi, 2015; Guéranger, 1839; Ticchi, 2016).

A exploração das catacumbas romanas durou até ao último quartel do século XIX (1881), data em que o papa Leão XIII (p. 1878 - m. 1903) proibiu a exumação das santas relíquias das galerias subterrâneas. Certo é que, volvidos três séculos, o culto às relíquias dos santos mártires já estava profundamente enraizado por todo o mundo cristão (Bacocchi et al., 2011; Boutry, 1979, 2016; Ghilardi, 2019b; Ticchi, 2016).

### 3.3. Administração das catacumbas de Roma

Embora não se pretenda aqui abordar em pormenor os vários textos (éditos, decretos e breves) publicados sobre as catacumbas romanas – instruindo as prática de exumação, conservação e distribuição dos corpos santos<sup>68</sup> –, importa referir aqueles que maior impacto tiveram para o tema em análise.

Ainda antes da criação da Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas (1667), destaca-se o édito do cardeal-vigário Marzio Ginetti de 4 de julho de 1656, por ordem do papa Alexandre VII (p. 1655 - m. 1667), que obrigava os proprietários dos terrenos com acesso às catacumbas a declarar a existência de entradas e fechá-las, sob pena de multa<sup>69</sup>. Deste modo, a

---

<sup>67</sup> O sacristão, agostiniano e bispo *in partibus* de Porfírio, era representante da família pontifical, responsável pela sacristia pontifical e prefeito do sacrário apostólico (*Praefectus Sacrarii Apostolici* – expressão muito comum nas autênticas, como se verá em alguns exemplos *infra*, capítulo 5, parte II). O sacristão residia na residência pontifical ou palácio do Quirinal (*Palazzo del Quirinale*). Sobre este oficial veja-se a definição de *Sagrista del Papa* em G. Moroni (1853, em particular as pp. 171–175). Consulte-se a lista de sacristãos, entre os séculos XVII e XIX, no Apêndice I.

<sup>68</sup> Sobre os vários textos, recomenda-se a leitura atenta de Jean-Marc Ticchi (2016, pp. 175–186).

<sup>69</sup> Assume-se como mais provável que os proprietários de outros terrenos (vinhas, jardins, pomares, etc.) se tenham confrontado com a possibilidade desses locais terem acesso direto aos cemitérios subterrâneos dos alvares do cristianismo. Supõe-se, por isso, que o acesso não-autorizado às catacumbas, a exumação ilegal e o tráfico de relíquias tenham sido práticas frequentes por essas vias, caso contrário, a Santa Sé não teria tido a necessidade de promulgar tal

entrada nas catacumbas e a exumação de corpos santos estavam proibidas, e o acesso às catacumbas reservado a pessoas com uma autorização escrita do cardeal-vigário ou do seu adjunto (vice-gerente). O édito de 3 de janeiro de 1668, do mesmo cardeal Marzio Ginetti, retomou, por ordem do papa Clemente IX (p. 1667 - m. 1669), o de 1656, reforçando a obrigatoriedade de obter uma autorização para qualquer documento notarial relativo às relíquias que nunca receberam culto público (Ticchi, 2016). Por conseguinte, sem a documentação obrigatória, as relíquias nunca poderiam ser expostas publicamente para veneração, como promulgado na XXV sessão do Concílio de Trento (veja-se, *supra*, subcapítulo 3.1).

Não obstante os decretos emitidos e a clara interdição do acesso aos cemitérios subterrâneos, o comércio de relíquias mantinha-se ativo, assinalando a ineficácia dessas mesmas decisões. O decreto de 1668, após a criação da Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas, é particularmente importante. Com o intuito de controlar o processo de exumação e o tráfico de relíquias catacumbais, no dia 10 de abril, a congregação decretou que a inscrição da folha de palma (*palmam*) e o vaso manchado de sangue (*vas sanguinis*) – ambos encontrados no exterior e no interior, respetivamente, do *loculus* (cova/nicho retangular) do defunto –, eram os sinais indiscutíveis do martírio (*martyrii signa*)<sup>70</sup>, ou seja, os únicos elementos que permitiam distinguir (durante as

---

édito. Veja-se as palavras do abade Prosper Guéranger: *Antes de tudo, deve-se saber que (...) ninguém pode, sem autorização superior, entrar nessas passagens subterrâneas. É feita defesa, sob pena de excomunhão, mesmo para aqueles que possuem em suas propriedades algumas das aberturas que levam às Catacumbas, para descer até lá e, caso obtenham permissão, é proibido remover qualquer objeto. O autor explicou ainda que essas precauções foram tomadas para tranquilizar a piedade dos fiéis contra o perigo de ver relíquias falsas ou duvidosas expostas* (tradução livre do original: *D'abord, il faut savoir que (...) el n'est permis à personne, sans autorisation supérieure, de pénétrer dans ces souterrains. Défense est faite, sous peine d'excommunication, même à ceux qui ont sur leur propriété quelqu'une des ouvertures conduisant aux Catacombes, d'y descendre, et au cas qu'ils en obtinssent la permission, il est pareillement défendu d'enlever quelqu'objet que ce soit. (...) ces précautions ont été prises pour rassurer la piété des fidèles contre le danger de voir exposer des reliques fausses ou douteuses* (1839, p. 15)).

<sup>70</sup> O monge beneditino Jean Mabillon (n. 1632 - m. 1707) escreveu a sua “Dissertation sur le culte des saints inconnus” (“Dissertação sobre o culto dos santos desconhecidos”) trinta anos após o decreto de 1668, depois da sua visita às catacumbas de Roma. Mabillon referiu que o processo de identificação dos restos mortais dos santos mártires, adotado pela congregação, era duvidoso, acreditando terem ocorrido vários abusos no passado, embora defendesse que a palma unida ao vaso de sangue (e apenas estes) fossem sinais inconfundíveis do martírio (Boutry, 2016; Guéranger, 1839). Sobre os *martyrii signa*, escreveu: *Mas talvez essas palmas unidas a vasos manchados de sangue se tornem provas mais certas. A Congregação das Indulgências e das Relíquias de Roma, sendo consultada sobre este assunto, fez verdadeiramente saber que era esse o seu sentimento; e no decreto que fez a 10 de Abril de 1668, relatado pelo mesmo Papebrock [Daniel Papebrock], ela declarou 'que as palmas juntas com os vasos manchados de sangue seriam consideradas como marcas muito certas da verdade das relíquias'; adiando o exame dos*

escavações) entre simples cristãos e os cristãos martirizados durante as perseguições imperiais<sup>71</sup>. Sobre as duas provas do martírio veja-se ainda o que escreveu o abade Guéranger:

*(...) a 'palma' é um indício provável que passa ao estado de certeza, se o vaso de sangue for encontrado com ela. Para entender toda a autoridade desse último sinal, é preciso lembrar que os primeiros cristãos, em enterrando os corpos dos mártires e em lavando as suas feridas, tiveram o cuidado de coletar ao mesmo tempo o sangue que derramaram. Esta precaução foi inspirada no desejo de dar um enterro mais completo aos combatentes de Cristo, e também no de perpetuar a memória da sua vitória. Esse facto é constante nos monumentos mais sérios, e não faltam exemplos nas 'Actas sincera Martyrum', publicadas por D. Ruinart. Contentar-nos-emos em recordar o martírio de São Cipriano, no qual vemos que os fiéis espalham panos no chão, ao redor do santo Bispo, para receber o sangue no momento em que o carrasco cortaria a sua cabeça (...)*<sup>72</sup>.

---

outros sinais para outro momento, esse decreto tem sido cumprido até agora. E certamente nada pode ser determinado com mais sabedoria, supondo que se tenha a certeza de que esses vasos estão realmente manchados de sangue, e que os antigos não os colocaram nos sepulcros, cheios de perfumes, odores e outras coisas semelhantes. Finalmente, essas cruzes e essas outras marcas relatadas acima podem muito bem provar que aqueles cujos corpos estão enterrados nesses túmulos são Cristãos, mas não que sejam santos, muito menos mártires (tradução livre do original: *Mais peut-être que ces palmes jointes à des vases teints de sang deviennent des preuves plus assurées. La Congregation des Indulgences & des Reliques de Rome étant consultée sur cette matiere, fit veritablement connoître que c'étoit-là son sentiment ; & dans le decret qu'elle forma le 10 Avril 1668, au rapport du même Papebrock, elle declara 'quel les palmes jointes aux vases teints de sang seroient regardées comme des marques tres certaines de la verité des reliques'; remettant l'examen des autres signes à un autre temps, l'on s'en est tenu jusqu'à présent à ce decret. Et certes rien ne peut être plus sagement déterminé, supposé qu'on soit assuré que ces vases sont veritablement teints de sang, & que les anciens ne les mettoient point dans les sepulcres, remplis de parfums, d'odeurs & d'autres choses semblables. Enfin ces croix, & ces autres marques cy-dessus rapportées, peuvent bien prouver que ceux dont les corps sont enterrez dans ces tombeaux, estoient Chrétiens, mais non pas qu'ils soient saints, encore moins martyrs* (1698, pp. 12–13)).

<sup>71</sup> Massimiliano Ghilardi escreveu a este respeito: *A questão, como é evidente, estava relacionada com o reconhecimento de uma série de 'sinais' – 'sinais muito certos' – que as sepulturas tinham de possuir e que, durante décadas de debates, haviam sido reconhecidos por congregações convocadas pelas autoridades eclesiásticas e depois definitivamente aprovadas pela 'Sagrada Congregação dos Ritos e Cerimónias'. O mais certo dos sinais, além das inscrições nas quais aparecem referências explícitas ao martírio, era o chamado 'vaso de sangue', recipiente – geralmente vítreo – no qual, segundo a 'vulgata' da época, teria sido recolhido pelos fiéis o sangue das testemunhas da fé imediatamente após o martírio sangrento (...) A caça ao 'vaso de sangue' sempre guiou a mão dos escavadores e dos Custódios nas escavações subterrâneas (...) (tradução livre do original: *La questione, come evidente, era legata al riconoscimento di una serie di 'segni' – 'certissima signa' – che le sepolture dovevano possedere e che nel corso di lunghi decenni di dibattiti erano stati riconosciuti da apposite congregazioni convocate dalle autorità ecclesiastiche e poi definitivamente approvati dalla 'Congregatio pro Sacris Ritibus et Caeremoniis'. Il più certo dei segni, oltre alle iscrizioni nelle quali comparivano rimandi espliciti al martirio, era il cosiddetto 'vaso di sangue', recipiente – solitamente vitreo – nel quale, secondo la 'vulgata' del tempo, sarebbe stato raccolto dai fedeli il sangue dei testimoni della fede subito dopo il martirio cruento (...) La caccia al 'vaso di sangue' guidò sempre la mano dei fossori e dei Custodi nelle escavazioni sotterranee (...)* (Ghilardi, 2015, pp. 191–192)).*

<sup>72</sup> Tradução livre do original: *(...) la 'palme' est un indice probable qui passe à l'état de certitude, si le vase de sang s'y trouve joint. Pour comprendre toute l'autorité de ce dernier signe, il faut se rappeler que les premiers chrétiens, en ensevelissant les corps des martyrs et en lavant leurs blessures, étaient attentifs à recueillir en même temps le sang qu'ils avaient répandu. Cette précaution leur était inspirée par le désir de donner une plus complète sépulture aux athlètes du Christ, et aussi de perpétuer la mémoire de leur victoire. Ce fait est constant par les monumens les plus graves, et les exemples n'en manquent pas dans les 'Actas sincera Martyrum', publiés par D. Ruinart. Nous nous*

Quatro anos mais tarde, no édito de 8 de janeiro de 1672, é reforçada a obrigatoriedade em obter uma *autorização escrita e selada do cardeal-vigário (l'autorisation écrite et scellée du cardinal vicaire)*, para entrar nas catacumbas e exumar as relíquias dos santos mártires (Ticchi, 2016, p. 178). Por sua vez, a exumação tinha de ocorrer na presença de um clérigo nomeado pelo cardeal-vigário, que soubesse identificar os locais, as inscrições e os sinais de martírio definidos pela congregação. No final, o clérigo colocaria as relíquias em caixas (Ticchi, 2016).

O breve apostólico *Ex Commissae nobis*<sup>73</sup> de 13 de janeiro de 1672, promulgado pelo papa Clemente X (p. 1670 - m. 1676), enfatizou os textos anteriores, em particular, a obrigatoriedade de: (1) obter uma autorização escrita e selada do cardeal-vigário para a exumação dos corpos santos; (2) estar um clérigo presente (escolhido pelo cardeal) durante a exumação, sob pena de excomunhão; (3) apresentar uma carta do ordinário para as relíquias dos santos mártires<sup>74</sup> destinadas ao culto público. Estas últimas, por sua vez, tinham de ser previamente examinadas e aprovadas pelo cardeal-vigário ou pelo seu representante. A entrada nas catacumbas estava, finalmente, proibida a visitantes, a menos que tivessem uma autorização do cardeal-vigário (Boutry, 2016; Ghilardi, 2015; Ticchi, 2016). As petições e doações eram registadas nos arquivos, registo que deveria incluir os nomes dos mártires, os nomes das catacumbas de onde tinham sido exumados, os nomes dos requerentes e os nomes das igrejas onde se depositariam as relíquias para veneração e culto público, como enfatizado pelo abade Abbot Dumax na sua obra de 1864, sobre a descoberta (*inventio*) das relíquias de santa

---

*contenterons de rappeler le martyre de saint Cyprien, dans lequel on voit que les fidèles étendirent des linges sur la terre, autour du saint Evêque, afin de recevoir le sang au moment où le bourreau lui trancherait la tête (...)* (1839, pp. 12–13).

<sup>73</sup> “XCII. Diversae Ordinationes circa extractionem Reliquiarum ex Coemeteriis Urbis, & Locorum, circumvicinorum, illarumque custodiam, & distributionem” (Igreja Católica, 1733).

<sup>74</sup> Jean-Marc Ticchi refere que existiam exceções, nomeadamente, quando os corpos santos eram oferecidos aos grandes príncipes ou altos prelados, ou quando se tratavam de relíquias pequenas, estando estas destinadas ao povo (Ticchi, 2016).

Aurélia (*Sainte Aurélie*): *A cada partida, escrevemos nos registos públicos ao lado do nome do mártir o da pessoa, da cidade ou da igreja a quem foi concedido o precioso depósito*<sup>75</sup>.

No mesmo breve de 1672, o papa Clemente X atribuiu total autonomia ao seu vigário-geral, cardeal (1671-1714) Gasparo Carpegna<sup>76</sup>, concedendo-lhe jurisdição e autoridade para escavar nos cemitérios sagrados de Roma e para exumar os corpos santos, de acordo com o critério de distinção definido pela congregação<sup>77</sup>. O cardeal tinha, também, o poder de nomear um custódio das relíquias sagradas (*custode delle Sagre Reliquie*), o qual, entre outras funções, ficava encarregue da Lipsanoteca onde seriam armazenados os restos sagrados até à sua distribuição (Boutry, 1979, 2016; Ghilardi, 2015; Ticchi, 2016). Posto isto, no édito do dia 30 de janeiro do mesmo ano, o cardeal Carpegna delegou para o primeiro *custode* (1672-87), Giovanni Vincenzo Guizzardi, a responsabilidade de orientar as exumações<sup>78</sup>, assegurar o transporte e a conservação das relíquias<sup>79</sup>, emitir as autênticas<sup>80</sup> e, finalmente, distribuir as relíquias pelo clero e fiéis<sup>81</sup>, em troca de uma autorização assinada pelo

---

<sup>75</sup> Tradução livre do original: *A chaque départ, on inscrit sur des registres publics à côté du nom du martyre celui de la personne, de la ville ou de l'église à qui est accordé le précieux dépôt* (1864, p. 24). Sobre a localização atual dos registos do *monsignor sagrista* e do *custode* recomenda-se a consulta de Philippe Boutry (2016, pp. 232–233).

<sup>76</sup> Para mais informações sobre o cardeal Gasparo Carpegna remete-se para G. Moroni (1841, pp. 101–102).

<sup>77</sup> A título de exemplo, Anna Pfeiffer refere na sua tese que: *em 1701, o Barão Rauber e o Barão Adalbert von Falckenstein receberam os ossos, sangue, placa mortuária e autêntica de São Díscooro da catacumba romana Ciriaca do vigário-geral papal Cardeal Gaspar Carpegna em Roma* (tradução livre do original: *Im Jahr 1701 erhielten Baron Rauber und der Freiherr Adalbert von Falckenstein vom päpstlichen Generalvikar Kardinal Kaspar Carpegna in Rom die Gebeine, das Blut, die Grabplatte und die Authentik des heiligen Dioscorus aus der römischen Cyriaca-Katakomben* (2005, p. 65).

<sup>78</sup> O que incluía supervisionar as escavações, em concreto, os *cavatori* ou *fossores*; identificar os *martyrii signa* (segundo o decreto de 1668); recolher as inscrições presentes nos *loculi*; abri-los e recolher o conteúdo (por norma, o vaso de sangue); assim como, reconhecer os ossos e exumá-los (Boutry, 2016; Ticchi, 2016).

<sup>79</sup> O custódio detinha a responsabilidade de selar as relíquias em caixas de madeira, armazená-las na Lipsanoteca e assegurar a sua segurança (Boutry, 2016; Ticchi, 2016).

<sup>80</sup> O custódio tinha ainda autoridade para emitir os “certificados” ou “atestações” de autenticidade, comumente designadas de autênticas (Boutry, 2016; Ghilardi, 2019b; Ticchi, 2016). Como se verá no capítulo do inventário nacional (parte II), estes documentos certificam ao ordinário ou ao novo proprietário a legitimidade dos corpos santos, informando sobre o local e as circunstâncias da sua descoberta (*inventio*).

<sup>81</sup> Massimiliano Ghilardi, na sua publicação intitulada “O Custódio das Relíquias e dos Cemitérios” (“Il Custode delle Reliquie e dei Cimiteri?”), explica que as principais tarefas do custódio consistiam em: reconhecer, exumar, conservar e distribuir as relíquias dos mártires catacumbais, sendo a sua responsabilidade principal a de distinguir os corpos dos mártires dos não-mártires: *O verdadeiro cargo do Custódio era o de reconhecer os corpos dos mártires nas sepulturas dos cemitérios distinguindo-os dos defuntos genéricos comuns, tarefa muito delicada que exigia grandes habilidades histórico-religiosas e uma sensibilidade*

vigário ou pelo vice-gerente. Este édito viria a reforçar o breve de 13 de janeiro do papa Clemente X com o intuito de limitar o acesso às catacumbas, a fim de evitar a sua profanação e a exumação ilegal de relíquias (Boutry, 1979, 2016; Ghilardi, 2015; Ticchi, 2016).

Os éditos do cardeal Carpegna de 19 de fevereiro de 1704 e de 20 de março de 1713 viriam a ser uma renovação do anterior (1672), uma vez que se continuavam a verificar entradas ilegais (sem autorização) nas galerias subterrâneas. Por conseguinte, foram estabelecidas várias medidas, nomeadamente: coimas para os simoníacos; obrigatoriedade em comunicar ao cardeal-vigário ou ao custódio a lista de entradas nas catacumbas, bem como o seu encerramento; proibição da extração de pozolana, e no caso de serem encontradas novas entradas para as galerias subterrâneas, estas deveriam ser relatadas ao cardeal-vigário ou ao custódio. Os guardas dos portões da cidade também deveriam notificar no caso de encontrarem caixas ou cestas com ossos humanos. Reiterou-se, ainda, a obrigatoriedade de ser apresentada uma carta do ordinário da diocese (bispo) das igrejas que pretendiam adquirir relíquias para o culto público (Ticchi, 2016).

O édito de 4 de outubro de 1716 do cardeal-vigário (1715-17) Niccolò Caracciolo destaca-se, entre outros assuntos, pelo foco dado à redação das autênticas com a finalidade de asseverar a autenticidade das relíquias. Assim, estas deviam:

*(...) ser reconhecidas e autenticadas por nós [cardeal-vigário] ou pelo Mons. vice-gerente ou ser pedidas gratuitamente ao custódio ou aos notários do nosso tribunal, caso contrário (...), as relíquias dispensadas de outro modo, não serão consideradas autênticas*<sup>82</sup>.

Além do cardeal-vigário e do seu custódio, um outro personagem eclesiástico tinha acesso aos cemitérios subterrâneos e autoridade perante todos os processos inerentes às relíquias catacumbais.

---

*devocional muito particular* (tradução livre do original: *Il vero officio del Custode era quello di riconoscere nelle sepolture dei cimiteri i corpi dei martiri distinguendoli dai comuni generici defunti, compito delicatissimo che richiedeva grandi competenze storico-religiose ed una sensibilità devozionale del tutto particolare* (2015, p. 191)).

<sup>82</sup> Tradução livre do original: *(...) être reconnues et authentifiées par nous ou par Mgr vice-gérant ou être demandées gratuitement audit custode ou aux notaires de notre tribunal, faute de quoi (...), les reliques dispensées d'une autre façon ne seront pas considérées comme authentiques* (Ticchi, 2016, p. 181).

Trata-se do sacristão pontifical (ou sacristão do papa) e bispo de Porfírio. A descrição de Prosper Guéranger aclara sobre as funções de cada oficial:

*Apenas duas pessoas em Roma têm o direito de realizar escavações: o Cardeal-Vigário de Sua Santidade, e o Prelado encarregado da Sacristia Pontifícia, que é sempre condecorado com o título de Bispo de Porfírio 'in partibus'. Esses dois personagens presidem a uma administração que mantém durante seis meses do ano, a partir de novembro, um certo número de mineiros constantemente ocupados em limpar os caminhos intercetados das várias criptas. Se esses trabalhadores descobrirem alguma tumba com os sinais da 'palma' e 'do vaso de sangue', farão imediatamente a sua declaração à pessoa eclesiástica encarregada, quer pelo Cardeal-Vigário, quer pelo Bispo de Porfírio, para o reconhecimento e para a abertura dos túmulos. Ele desce imediatamente às Catacumbas acompanhado por vários membros da sua administração, e muitas vezes também por alguns estrangeiros que solicitaram esse favor<sup>83</sup>.*

Porém, como descrito por Marcantonio Boldetti<sup>84</sup> (1720), as relações entre ambos os clérigos – cardeal-vigário e sacristão pontifical – eram conflituosas. Tal deu origem a que o custódio (sob a jurisdição do cardeal-vigário) e o sacristão trabalhassem com as suas próprias equipas de escavadores (*cavatori*) ou mineiros (*fossore*s), notários e outros eclesiásticos, e em locais distintos.

Atendendo à sua relação com o papa – *assistente ao trono papal, prelado doméstico, íntimo e palatino do Papa*<sup>85</sup> –, o sacristão pontifical tinha ligações com a clientela mais importante, nomeadamente com

---

<sup>83</sup> Tradução livre do original: *Deux personnes seule ment dans Rome ont le droit de faire exécuter des fouilles; le Cardinal-Vicaire de Sa Sainteté, et le Prélat préposé à la Sacristie pontificale, lequel est toujours décoré du titre d'Evêque de Porphyre 'in partibus'. Ces deux personnages président une administration qui entretient six mois de l'année, à partir de novembre, un certain nombre d'ouvriers mineurs occupés constamment à déblayer les sentiers interceptés des diverses Cryptes. Si ces ouvriers viennent à découvrir quelque tombeau muni des signes de la 'palme' et 'du vase de sang', ils vont aussitôt faire leur déclaration au personnage ecclésiastique préposé, soit par le Cardinal-Vicaire, soit par l'Evêque de Porphyre, à la reconnaissance et à l'ouverture des sépulcres. Celui-ci descend immédiatement aux Catacombes accompagné de plusieurs membres de son administration, et souvent aussi de quelques étrangers qui ont sollicité cette faveur* (1839, p. 15).

<sup>84</sup> Marcantonio Boldetti foi custódio das sagradas relíquias entre dezembro de 1700 e dezembro de 1749 (veja-se Apêndice I). A sua casa ardeu em 1737, o que levou à destruição de todos os registos dos custódios relativos às exumações de corpos santos até à data do incêndio (Boutry, 2016; Ghilardi, 2015; Ticchi, 2016).

<sup>85</sup> Tradução livre do original: (...) *assistente al soglio pontificio, prelato domestico, intimo e palatino del Papa* (Moroni, 1853, p. 171).

altos dignitários da Igreja e nobres<sup>86</sup>, a quem o pontífice oferecia frequentemente (muitas vezes, pessoalmente) as relíquias dos santos mártires catacumbais<sup>87</sup> (Boutry, 2016; Ticchi, 2016).

À semelhança do custódio, o sacristão também realizava os passos anteriormente mencionados – identificação, reconhecimento, exumação, armazenamento, autenticação e distribuição dos ossos das catacumbas –, embora de modo independente. Quanto ao armazenamento das relíquias, o sacristão armazenava-as na Lipsanoteca pontifícia do palácio Apostólico (sacristia pontifical), onde residia, para posterior distribuição, a pedido do papa<sup>88</sup> (Boutry, 2016; Ticchi, 2016). Sobre a distribuição das relíquias por ambas as entidades, Philippe Boutry explica:

*Os peregrinos e visitantes piedosos vêm procurar ao custódio, por vezes em grandes quantidades, ou para o pequeno número de convidados do Pontífice, à sacristia pontifical, corpos santos que depois são dispersos por todos os santuários da Europa católica<sup>89</sup>.*

No início do século XIX foram retomadas as escavações<sup>90</sup> pelo custódio (1801-12) Giacinto Ponzetti, uma vez que as invasões francesas quase pararam a distribuição dos corpos santos (Boutry, 1979, 2016).

Quase dois séculos passados desde a criação da Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias (1667), a 6 de janeiro de 1852 é criada a Comissão Pontifícia para Arqueologia Sacra, que adquiriu

---

<sup>86</sup> Recorde-se que a esta clientela – com quem *devemos agir com mais liberalidade (il faut agir avec plus de libéralité)*, como escreveu Jean-Marc Ticchi –, não eram exigidas autorizações para a aquisição dos corpos santos (2016, p. 185).

<sup>87</sup> Esta ligação tornar-se-á mais evidente ao longo da presente tese, no tocante a alguns corpos santos que vieram para Portugal.

<sup>88</sup> *A ‘Custódia’ é como a sede dos mártires saídos das catacumbas. Lá, estes heróis, estas heroínas da fé primitiva aguardam as ordens do vigário de Jesus Cristo para irem levar às igrejas de diferentes partes do mundo a ajuda tripla da sua presença, dos seus exemplos e das suas orações* (tradução livre do original: *La ‘Custode’ est comme le quartier général des martyrs sortis des Catacombes. Là, ces héros, ces héroïnes de la foi primitive attendent les ordres du vicaire de Jésus-Christ pour aller porter aux églises des différentes parties du monde le triple secours de leur présence, de leurs exemples et de leurs prières* (Dumax, 1864, p. 24)).

<sup>89</sup> Tradução livre: *Pèlerins et pieux visiteurs viennent chercher à la custode, en quantités parfois massives, ou pour le petit nombre des hôtes du Pontife, à la sacristie pontificale, des corps saints qui sont dispersés ensuite dans tous les sanctuaires de l’Europe catholique* (2016, p. 230).

<sup>90</sup> Sobre o número de exumações e distribuições ocorridas no século XIX vejam-se, pelo seu elevado rigor documental, as publicações de Philippe Boutry de 1979, em particular as pp. 884–895, e de 2016, em particular as pp. 231, 236–249. O autor identificou, inclusive, o envio de três corpos santos para Portugal, entre 1800 e 1850 (Boutry, 1979, 2016).

toda a autoridade perante os cemitérios subterrâneos de Roma. A sua criação justificou-se pela comprovada falta de conhecimento arqueológico dos custódios<sup>91</sup> – alvo de crítica pelos eruditos no início do século. Neste período, como escreveu Philippe Boutry, *as controvérsias arqueológicas logo desacreditariam os corpos santos*<sup>92</sup>. Consequentemente, e por ordem dos papas Gregório XVI (p. 1831 - m. 1846) e Pio IX (p. 1846 - m. 1878), a exploração das catacumbas passou para a supervisão dos

---

<sup>91</sup> Desde então, de facto, temos nomeado para guardar os cemitérios os ignorantes em vez de estudiosos, e pessoas que se importam mais com suas próprias comodidades do que com o amor e a busca ativa dos cemitérios sagrados (tradução livre do original: *Depuis lors, en effet, on a nommé à la garde des cimetières des ignorants à la place des savants, et des gens qui se soucient davantage de leurs propres commodités que de l'amour et de la recherche active des cimetières sacrés* (Fausti, 1942, p. 132, como citado em Boutry, 2016, p. 235)).

<sup>92</sup> Tradução livre do original: (...) *les controverses archéologiques n'allaient pas tarder à jeter le discrédit sur les corps saints* (1979, p. 920). Estas controvérsias colocavam em causa não só a autenticidade dos corpos dos santos mártires, desacreditando os elementos de identificação prescritos pela sagrada congregação durante as escavações e exumações (epitáfios, símbolos, a palma, mas, principalmente, o vaso de sangue), mas também o caráter cristão das catacumbas romanas alegando, com base em dados arqueológicos e epigráficos, que os túmulos pagãos se misturavam com os dos fiéis. Jean Mabillon, aceso crítico, escreveu: *É verdade que encontramos nestes cemitérios quantidades de Inscrições de pagãos, que os Fiéis arrancaram dos lugares onde eles tinham sido colocados para fechar as suas sepulturas: mas muitas vezes gravavam do outro lado das suas inscrições, as inscrições dos cristãos; de maneira que se lê na mesma pedra de um lado as inscrições em honra dos pagãos e do outro inscrições em honra de Cristãos, e por isso eles procuravam colocar a inscrição pagã do lado de dentro do sepulcro, para que não aparecesse a inscrição que designa o corpo do Cristão* (tradução livre do original: *Il est vray qu'on trouve dans ces Cimetieres quantité d'Inscriptions de payens, que les Fideles arracheroient des lieux où elles avoient esté mises pour enfermer leurs tombeaux: mais ils gravoient souvent de l'autre côté de ces Inscriptions, des Inscriptions de Chrétiens; de sorte qu'on lit sur une même pierre d'un côté des Inscriptions en l'honneur des payens & de l'autre des Inscriptions en l'honneur des Chrétiens, & pour lors ils avoient soin de mettre l'Inscription payenne en dedans le sepulcre, pour ne laisser paroître au dehors que l'Inscription qui designoit le corps du chrétien* (1698, p. 15)). Outros autores se seguiram nas críticas ao processo, mas somente nos finais da primeira metade do século XIX, por influência das investigações arqueológicas, é que estas críticas foram ouvidas. Consequentemente, não só as escavações e exumações cessaram, como o culto aos santos mártires esmoreceu pela falta de provas irrefutáveis de que as relíquias que os fiéis veneravam pertenciam, verdadeiramente, aos mártires do cristianismo primitivo. Em 1838, o arqueólogo Désiré Raoul-Rochette (n. 1789 - m. 1854) escrevia: *A minha intenção não é tratar aqui de uma questão que foi debatida durante três séculos por muitos escritores de todas as partes, talvez, se assim posso dizer, com mais zelo e calor do que independência e boa-fé e na qual foram envolvidas mais considerações religiosas do que argumentos científicos. Não teria eu, para sustentar uma discussão que tão facilmente degeneraria em querela, as mesmas razões para propor a meu favor que recomendaria a todos os seus adversários o nosso piedoso e erudito Padre Mabillon, e que, no entanto, não foram de nenhuma ajuda para ele nesta controvérsia. Limitar-me-ei, portanto, segundo a regra a que me determinei, a expor à ciência os fatos adquiridos, considerando-os sob o relatório arqueológico, e tirando deles as únicas induções autorizadas pela própria natureza dos monumentos* (tradução livre do original: *Mon intention n'est pas de traiter ici une question qui a été débattue depuis trois siècles entre beaucoup d'écrivains de tous les partis, peut-être, s'il m'est permis de le dire, avec plus de zèle et de chaleur que d'indépendance et de bonne foi, et dans laquelle on a fait intervenir plus de considérations religieuses que d'arguments scientifiques. Je n'aurais pas, pour soutenir une discussion qui pourrait dégénérer si facilement en une querelle, les mêmes motifs à faire valoir en ma faveur, qui recommandaient auprès de tout ses adversaires notre pieux et savant père Mabillon, et qui ne lui furent pourtant d'aucune ressource dans cette controverse. Je me bornerai donc, suivant la règle que je me suis prescrite, à exposer les faits acquis à la science, en les envisageant uniquement sous le rapport archéologique, et en tirant les seules inductions qu'autorise la nature même des monuments* (1838, p. 236)). Sobre os argumentos de Raoul-Rochette quanto à interpretação do vaso de sangue veja-se, em particular, pp. 236–254.

arqueólogos<sup>93</sup> e de um conservador (*conservatore dei sacri cimiteri*)<sup>94</sup>, uma nova função, cuja autoridade competia com a do custódio (Boutry, 1979, p. 920, 2016). Ignorando as controvérsias (em particular, sobre o *vas sanguinis*), a Sagrada Congregação dos Ritos renovou a 10 de dezembro de 1863, o decreto de 1668 (10 de abril) sobre os elementos de distinção entre *simples cristãos enterrados perto de seus irmãos, e autênticos mártires honrados como tal*<sup>95</sup> (Boutry, 1979; Ticchi, 2016). Porém, nessa altura, as exportações já tinham cessado (ainda antes do estabelecimento da Comissão Pontifícia para Arqueologia Sacra) e as exumações eram muito limitadas (Boutry, 2016). A última exumação conhecida é a dos santos *Largiono* e *Crescentia*, no dia 26 de fevereiro de 1864 (Ferrua, 1944, como citado em Boutry, 1979, p. 920), ano da publicação da obra “La Roma sotterranea cristiana” do arqueólogo Giovanni Battista de Rossi, onde o autor comprovava a falsa origem do vaso de sangue. Verdade é que estudos posteriores aos vasos “manchados” de sangue, encontrados nas catacumbas, viriam a revelar a presença de substâncias inorgânicas, ao invés de sangue, como a tradição defendia<sup>96</sup> (Achermann, 1979; Hassett, 1907). Perante as evidências científicas, em 1881, por ordem do papa Leão XIII (p. 1878 - m. 1903), as exumações dos cemitérios cristãos foram, solenemente, proibidas, sem qualquer exceção (Boutry, 1979, 2016).

---

<sup>93</sup> Philippe Boutry refere-se a este período como o do nascimento da arqueologia cristã com as obras do arqueólogo Giovanni Battista de Rossi (n. 1822 - m. 1894), autor da obra “A Roma subterrânea cristã” (“La Roma sotterranea cristiana”), publicada em vários volumes a partir de 1864. Embora De Rossi tenha dado continuidade aos estudos do arqueólogo Antonio Bosio (veja-se nota n.º 62), o autor baseou-se no conhecimento científico (garantias arqueológicas e epigráficas) (Boutry, 1979; Jaugey, 1901).

<sup>94</sup> Em 1842, o papa Gregório XVI promoveu para o cargo o jesuíta Giuseppe Marchi (mestre do arqueólogo Giovanni Battista de Rossi) que, por sua vez, tinha criticado o processo de reconhecimento e exumação das relíquias dos santos mártires. Marchi apoiou-se em conhecimento científico, em concreto, na arqueologia e epigrafia, durante o reconhecimento dos corpos santos (Boutry, 2016).

<sup>95</sup> Tradução livre do original: (...) *simples chrétiens inhumés près de leurs frères, et martyrs authentiques et honorés comme tels* (Boutry, 2016, p. 250).

<sup>96</sup> Veja-se, *supra* (nota n.º 70), a crítica de Jean Mabillon ao vaso de sangue.

### 3.3.1. Exumação e nomeação dos corpos santos catacumbais

São vários os relatos de como o vigário de Roma e o bispo de Porfírio procediam à exumação dos corpos dos santos mártires, alguns já transcritos no subcapítulo anterior. O abade Prosper Guéranger, que presenciou o processo de exumação no ano de 1837, descreveu-o, com maior detalhe:

*Primeiro examinam-se os sinais de martírio; assim, se os três tijolos ou placas de mármore estão inteiros, então não há dúvida de que o túmulo nunca poderia ter sido aberto. Se aparecer algum defeito na realidade dos sinais, ou na integridade do sepulcro, é proibido ir além e devemos sair. Caso contrário, o túmulo é aberto imediatamente. Os trabalhadores destacam cuidadosamente a ampola de sangue, removendo mesmo o pedaço de cimento endurecido que o contém; reserva-se a pedra, geralmente a pedra do meio, se oferecer uma inscrição; finalmente os ossos são gentilmente removidos um a um e depositados numa caixa preparada para esse fim, onde, depois de cuidadosamente fechada, cruzamos tiras, nas quais é aplicado imediatamente o selo do Cardinal-Vigário ou o do Bispo de Porfírio<sup>97</sup>.*

O mesmo se aplicava ao processo de nomeação (ou “batismo”) dos santos anónimos. Este processo estava também a cargo do cardeal-vigário e do sacristão pontifical. Como complemento ao relato de Guéranger, veja-se o que escreveu o já mencionado monge Jean Mabillon:

*Eis como tudo se desenrola. Depois de algumas orações, se encontrarmos nestes antigos Cemitérios de Roma algum túmulo que ainda não foi aberto, e que esteja marcado com o Nome de Jesus, de uma palma, uma pomba, uma imagem do Pastor, ou algum outro sinal semelhante; nós abrimos, tiramos os ossos do corpo que haviam sido colocados lá; e não duvidamos de sua santidade, se encontrarmos um nome na pedra, independentemente do modo como esteja gravado, ou se encontrarmos neste túmulo um vaso de vidro tingido, como se acredita, do sangue do mártir. Nós damos em seguida estes ossos para serem limpos a certas pessoas nomeadas para o cargo; após o que o Cardeal Vigário, ou o Bispo Sacristão da Capela Pontifícia, que é Agostinho, impõe um nome a este novo Santo, se ele não o tiver. Depois ele coloca-o numa caixa que ele sela. Finalmente, um dos dois, isto é, o Cardeal*

---

<sup>97</sup> Tradução livre do original: *On examine d'abord les indices du Martyre; puis, si les trois briques ou plaques de marbre sont entières, en sorte qu'il soit hors de doute que le tombeau n'a jamais pu être ouvert. S'il apparaît quelque défaut dans la réalité des signes, ou dans l'intégrité du sépulcre, il est défendu de passer outre et on se retire sans avoir rien fait. Dans le cas contraire, on procède immédiatement à l'ouverture du tombeau. Les ouvriers détachent avec précaution l'ampoule de sang, en enlevant même le morceau de ciment durci qui la contient; on réserve la pierre, ordinairement celle du milieu, si elle offre une inscription; enfin les ossements sont enlevés doucement l'un après l'autre et déposés dans une caisse préparée à cet effect, et sur laquelle, après l'avoir soigneusement fermée, on croise des bandelettes, sur lesquelles est appliqué immédiatement le sceau du Cardinal-Vicaire ou celui de l'Evêque de Porphyre (1839, pp. 15–16).*

*Vigário ou o Bispo Sacristão da Capela do Papa, dá cartas testemunhais (...) para 'que se possa expor essas relíquias à veneração dos Fiéis' em alguma Igreja ou Capela à escolha*<sup>98</sup>.

Portanto, existiam dois tipos de corpos exumados das catacumbas romanas: os dos santos anônimos e os dos santos de nome próprio (*nominis proprii*)<sup>99</sup>. Os primeiros eram (re)“batizados”, após a sua descoberta, devido à ausência de inscrições ou epitáfios que indicassem o seu nome. Estes eram também denominados de “santos desconhecidos” ou “santos novos”<sup>100</sup>. Nos segundos, uma inscrição com o nome do defunto estava presente no respetivo *loculus*, sendo esse o nome que a Santa Sé adotava aquando da sua distribuição.

Embora a ausência de um nome não afetasse a santidade do corpo, como escreveu Prosper Guéranger, havia, naturalmente, preferência pelos corpos com nome próprio<sup>101</sup>. Quanto à origem do nome de batismo, esta é esclarecida pelo mesmo autor:

---

<sup>98</sup> Tradução livre do original: *Voici de quelle maniere le tout se passe. Après quelques prieres, si l'on trouve dans ces anciens Cimetieres de Rome quelque tombeau qui n'ait pas encore esté ouvert, & qui soit marqué d'un Nom de Jesus, d'une palme, d'une colombe, d'une image de Pasteur, ou de quelqu'autre signe semblable; on l'ouvre, on en tire les os du corps qui y avoit été mis; & l'on ne doute point de sa sainteté, si l'on rencontre un nom sur la pierre, de quelque maniere qu'il y soit gravé, ou si l'on trouve dans ce tombeau un vase de verre teint, comme on le croit, du sang du martyr. On donne ensuite ces os pour les nettoyer à des certaines personnes preposées à cet office; après quoy le Cardinal Vicaire, ou l'Evêque Sacristain de la Chapelle Pontificale, qui est Augustin, impose un nom à ce nouveau Saint, s'il n'en a pas. Puis il le met dans une boiste qu'il scelle. Enfin, l'un des deux, c'est-à-dire le Cardinal Vicaire, ou l'Evêque Sacristain de la Chapelle du Pape, donnent des lettres testimoniales (...), tendantes 'à ce qu'on puisse exposer ces reliques à la veneration publique des Fideles' dans quelque Eglise ou Chapelle que l'on voudra choisir (1698, pp. 24–25).*

<sup>99</sup> O costume é impor um nome a esses santos desconhecidos, e eles são comumente chamados de 'Santos Batizados', ao contrário de outros que são chamados de 'Santos de Nome Próprio: Nominis Proprii' (tradução livre do original: *L'usage est d'imposer un nom à ces saints inconnus, et on les appelle vulgairement 'Saints Baptisés', à la différence des autres qu'on appelle 'Saints de Nom Propre: Nominis Proprii' (1839, p. 17)).*

<sup>100</sup> Veja-se as palavras de Philippe Boutry: *A longa explicação do abade de Solesmes [Prosper Guéranger] toca aqui num dos pontos fracos da veneração dos corpos sagrados: a possibilidade, senão a legitimidade, de uma hagiografia. A relíquia sem voz das catacumbas por si só se mostra insuficiente para nutrir de maneira substancial a piedade do século. O santo deve receber um nome, condição anterior à roupa com que deve ser vestido, que é a forma mais evocativa da sua apresentação aos fiéis, suporte essencial para o culto, as ladainhas e os cânticos, e para a formação de uma história, mesmo que breve. O processo de nomear os corpos sagrados oferecia, assim, um pretexto para a imaginação (tradução livre do original: *La longue explication de l'abbé de Solesmes touche là à l'un des points faibles de la vénération des corps saints: la possibilité, sinon la légitimité d'une hagiographie. La relique muette des catacombes s'avère à elle seule insuffisante à nourrir la piété du siècle d'une manière substantielle. Aussi le saint doit-il être nommé, condition préalable à son habillement, qui est la forme la plus évocatrice de sa présentation aux fidèles, support indispensable au culte, aux litanies et aux cantiques, et à la formation d'un récit, même sommaire. Le procédé de nomination des corps saints offrait ainsi pré-texte à l'imagination (2016, p. 255)).**

<sup>101</sup> *A ausência do nome dos primeiros [Santos Batizados] em nada abala a certeza de seu martírio e, consequentemente, de sua santidade; mas, como na privação de noções em que se encontra em relação a esses santos, as menores indicações são sempre de um preço muito alto, não*

*Na impotência em que nos encontramos de atribuir o verdadeiro nome de um Mártir procuramos, pelo menos, aproximar-nos mais dele, conferindo-lhe para o nome um adjetivo latino que lembra a sua coragem, a sua devoção ou a recompensa que ele recebeu. Estes são os nomes de 'Generoso', 'Perseverante', 'Fiel', 'Coroado', 'Afortunado', 'Fértil', etc. Esta imposição de um nome, portanto, não ocorre com o intuito de enganar o povo, pois, pelo contrário, temos sempre o cuidado de designar no relatório de descoberta que entregamos com o corpo, se o santo é de 'nome próprio' ou 'sem nome'; mas nisto simplesmente cedemos à necessidade reconhecida por todos os homens de designar cada objeto por um nome especial<sup>102</sup>.*

Fé e imaginação estavam de mãos dadas no momento de escolher um nome para o novo santo. Os oficiais eclesiásticos (muitas vezes, a pedido dos devotos) tinham por hábito atribuir aos esqueletos anónimos um nome de batismo associado a uma virtude moral cristã, sinónimo de coragem e devoção. Evitava-se, assim, repetir os nomes dos santos principais da Igreja como António, Domingo, Francisco, Lourenço, entre outros, embora tenham sido frequentes os nomes de santos populares (legitimados pela Igreja Católica) ou de outros santos mártires conhecidos, como Clemente, Vicente, Bonifácio, Pio, Marcos, Clara, ..., pela vontade dos devotos que desejavam, em honra dos antigos, atribuí-los aos “santos novos”. Os nomes podiam também ser concedidos em homenagem ao destinatário ou patrono do mosteiro ou igreja que iria receber as sagradas relíquias. Utilizando as palavras do teólogo e jurista Jean Aymon (n. 1661 - m. 1734) (certamente, com alguma crítica à mistura), os devotos atribuíam os nomes da mesma forma *como fazem os Padrinhos e as Madrinhas apresentando as Crianças no Batismo*<sup>103</sup>. Noutros casos, o nome de batismo acentuava o

---

*se pode culpar quem busca obter preferencialmente as relíquias de um santo de 'nome próprio' (tradução livre do original: L'absence du nom pour les premiers n'ébranle en rien la certitude de leur martyre, et par conséquent de leur sainteté; mais comme dans le dénuement de notions où l'on se trouve à l'égard de ces saints, les plus légères indications sont toujours d'un très-grand prix, on ne peut blâmer ceux qui cherchent à obtenir de préférence les reliques d'un saint de 'nom propre' (Guéranger, 1839, p. 17)).*

<sup>102</sup> Tradução livre do original: *Dans l'impuissance où l'on se trouve d'assigner le véritable nom d'un Martyr, on cherche du moins à s'en rapprocher, en lui conférant pour nom un adjectif latin qui rappelle son courage, son dévouement, ou la récompense dont il est entré en possession. Tels sont les noms de 'Generosus', 'Constans', 'Fidelis', 'Coronatus', 'Faustus', 'Felix', etc. Cette imposition de nom n'a donc pas lieu dans l'intention de tromper le peuple, puisqu'au contraire on a toujours soin de désigner sur le procès-verbal de découverte que l'on délivre avec le corps, si le saint est de 'nom propre' ou 'innommé'; mais en cela on cède tout simplement à la nécessité reconnue par tous les hommes de désigner chaque objet par une appellation spéciale (1839, pp. 17–18).* Prosper Guéranger continuou explicando que este costume era muito sério, uma vez que remontava à mais alta Antiguidade, *como todas as práticas da Igreja Romana (comme toutes les pratiques de l'Eglise Romaine), finaliza (1839, p. 18).*

<sup>103</sup> Tradução livre do original: (...) *comme sont des Parains, & les Maraines en présentant des Enfants au Batême (Aymon, 1726, p. 298).*

anonimato dos corpos ao adotar expressões como “anonymus”, “incognitus”, etc. (Bouza Álvarez, 1990; Koudounaris, 2013). Por fim, escreveu Jean Aymon:

*a Congregação entrega essas Relíquias nas mãos do Vigário e do Sacristão do Papa que as distribuem àqueles que as pedem e dão-lhes Certificados ou Cartas autênticas da verdade dessas Relíquias, assinando uma espécie de recibo e de agradecimento na parte inferior de seus Registos por aqueles a quem eles favorecem ‘gratuitamente’ ou a qualquer preço de algumas parcelas desse Tesouro inesgotável<sup>104</sup>.*

O abade Jean Mabillon foi, uma vez mais, um crítico ativo dos procedimentos da sagrada congregação, neste caso em concreto, do processo de nomeação dos corpos santos desconhecidos, ao escrever:

*Em primeiro lugar, a maioria destes Santos, longe de serem certos, são, pelo contrário, incertos e duvidosos, e não têm provas, nem marcas, nem nenhum testemunho assegurando a sua santidade. (...) Nós tiramos dois tipos de corpos destas Catacumbas; alguns não têm nem nome nem inscrição, outros têm um dos dois, ou mesmo ambos, isto é, um nome e uma inscrição. O Cardeal Vigário ou o Bispo Sacristão da Capela Pontifícia têm costume de impor nomes aos primeiros e é por isso que eles são chamados de batizados, o que frequentemente causa muita confusão, particularmente quando se dá a estes novos santos nomes dos santos autenticamente reconhecidos<sup>105</sup>.*

Como acentua Mabillon, o costume de batizar os santos anónimos levou, inevitavelmente, ao surgimento de inúmeros *corpi santi* com o mesmo nome, os quais viriam a ser venerados nas várias igrejas, conventos e oratórios espalhados por todo o mundo católico<sup>106</sup>. A necessidade de batizar os

---

<sup>104</sup> Tradução livre do original: (...) *la Congrégation remet ces Reliques entre les mains du Vicaire, & du Sacristain du Pape, qui les distribuent à ceux qui les demandent, & leur donnent des Attestations, ou Lettres authentiques de la vérité de ces Reliques, en faisant signer une espece de reçû, & de remerçiment au bas de leurs Registres, par ceux qu'ils favoritent 'gratis', ou à quelque prix que ce soit, de quelques parcelles de ce Trésor inépuisable* (1726, p. 298).

<sup>105</sup> Tradução livre do original: *Premierement la plûpart de ces Saints, bien loin d'être certains, sont au contraire incertains & douteux, & n'ont aucunes preuves, aucunes marques, ni aucuns témoignages assurez de leur Sainteté. (...) On tire de deux sortes de corps de ces Catacombes; les uns n'ont ni nom ni inscription, les autres ont l'un des deux, ou même l'un & l'autre, c'est-à-dire, un nom & une inscription. Le Cardinal Vicaire ou l'Evêque Sacristan de la Chapelle Pontificale, ont coûtume d'imposer des noms aux premiers, & c'est pour cela qu'on les appelle baptisez, ce qui cause souvent beaucoup de confusion, particulièrement l'orsqu'on donne à ces nouveaux saints, les noms des saints autenticquement reconnus* (1698, pp. 9, 11).

<sup>106</sup> Com efeito, estes “santos novos” sempre suscitaram algumas dúvidas na crença popular, em particular quanto à sua origem, atendendo a que todas as igrejas, mosteiros, capelas, ..., querem ser detentores do corpo do santo mártir “original”. Sobre este ponto bastará, inevitavelmente, pensar no caso muito concreto das relíquias de são Vicente, em

corpos anónimos decorria dos pedidos dos devotos mas também, possivelmente, da escassez de corpos com nomes próprios, atendendo a que seria decerto difícil encontrar inscrições e epitáfios intactos, em particular após os longos períodos de saques e de destruição na sequência das invasões dos povos de origem germânica, como se viu anteriormente (subcapítulo 2.4).

### 3.4. Desvanecimento do culto aos santos mártires catacumbais

Como referido acima, o século XIX, em particular o início da segunda metade, foi dominado por controvérsias arqueológicas e evidências científicas que desacreditaram os santos mártires das catacumbas de Roma. As garantias estabelecidas durante a exumação das várias centenas de restos mortais dos “supostos” mártires do cristianismo primitivo foram finalmente postas em causa. O vaso ou ampola, contendo (alegadamente) o sangue do mártir, decretado pela Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias (10 de abril de 1668) como testemunho inquestionável do martírio (*martyrii signa*), não era mais considerado prova fidedigna para distinguir entre simples cristãos e mártires autênticos, uma vez que análises científicas apontam para a inexistência de sangue nos recipientes vítreos analisados (Achermann, 1979; Hassett, 1907). Consequentemente, a última exumação oficial ocorreu a 26 de fevereiro de 1864, antes sequer da proibição desta prática pelo papa Leão XIII em 1881 (Boutry, 1979, 2016; Ghilardi, 2016a; Ticchi, 2016).

Os séculos XIX e XX foram, para mais, dominados por princípios intelectuais, científicos e anticlericais que encorajaram a descristianização europeia, tanto nas comunidades católicas como nas protestantes. Assim, primeiro a Revolução – *grande destruidora de relicários (grande dévastatrice des reliquaires* (Boutry, 1979, p. 909)) –, inspirada nos ideais do “século das luzes”, seguida da extinção

---

Portugal. Como relata o Pe. João Baptista de Castro no seu “Mappa de Portugal”, o *sagrado corpo do invicto Martyr S. Vicente* chegou ao porto de Lisboa no ano de 1173 – *trasladado do Promontorio sacro do Algarve* –, onde foi depositado na igreja de santa Justa a 15 de setembro (1758, pp. 504–505, 556). Porém, além deste corpo santo, foram identificados, na presente investigação, mais três corpos com a reputação de serem, para a população local, o corpo do “verdadeiro” são Vicente. O mesmo se aplica ao corpo de são Clemente, cujo inventário possibilitou a descoberta de, pelo menos, cinco corpos vindos de Roma. Aliás, durante o inventário nacional foi sugerida, por mais do que uma vez, a visita ao corpo de são Clemente no santuário do Bom Jesus de Braga *por ser lá que está o “verdadeiro” corpo do santo*. Sobre o assunto veja-se, em maior detalhe, subcapítulo 5.2. (parte II).

das ordens religiosas e da venda pública das propriedades e terras confiscadas da Igreja (processo de secularização), foram as principais causas dessa descristianização (Boutry, 1979; Coutinho, 1970). Mais do que nunca, assistiu-se a uma intervenção ou suplantação do Estado nos assuntos internos da Igreja, influenciada pela “época das luzes e da ciência” da centúria anterior, em que o progresso intelectual, político e social dos novos tempos era contrário aos fundamentos da fé. Por conseguinte, o comportamento, a mentalidade e o estatuto social do clero foram severamente ditados pelas atitudes anticlericais (Coutinho, 1970).

A revisão do calendário romano decretada pelo Concílio do Vaticano II (1962) também contribuiu para a mitigação ou mesmo abandono do culto aos santos mártires. Aqueles homens e mulheres santos, considerados mártires, mas para os quais não existiam evidências históricas que apoiassem esse estatuto e o culto que lhes era direcionado, foram removidos do calendário litúrgico (Igreja Católica, 1969; II Concílio do Vaticano, 1963). O culto popular aos santos mártires declinou acentuadamente. Outrora modelos cristãos do triunfo e da vitória sobre a morte por uma fé excepcional em Deus, os mártires das catacumbas foram gradualmente vistos com indiferença. Condenados ao esquecimento pela Igreja e pela Ciência, os restos mortais dos mártires e muitos dos seus preciosos relicários foram retirados das igrejas, alguns enterrados nos cemitérios ou destruídos, outros tapados ou armazenados e negligenciados pelo clero e pelas elites privadas (Boutry, 1979; Dahan, 2014; Koudounaris, 2013).

## 4. Exposição das relíquias<sup>107</sup> catacumbais para devoção e culto

*Os ossos relíquia sem adornos são inexpressivos, anónimos, talvez até repugnantes. Sem a devida identificação e matriz cultural - o que as fontes medievais chamam de veneração adequada - as relíquias permanecem inertes. O relicário, em certa medida, possibilita ou mesmo constitui o poder da relíquia.*<sup>108</sup>

(Hahn, 1997, p. 28)

### 4.1. O relicário<sup>109</sup> de corpo inteiro

Mais de um século após a redescoberta dos cemitérios subterrâneos de Roma, começou a ser produzida uma tipologia específica de recetáculos com o intuito de acolher e exibir os esqueletos dos santos mártires catacumbais<sup>110</sup>. Artesãos crentes, ou mesmo sacerdotes<sup>111</sup>, criaram relicários de

---

<sup>107</sup> A palavra “relíquia” advém do latim *reliquiae*, um que significa *resto* ou *remanescente*. É, pois, a partir do étimo que se sustenta a definição de relíquias como restos (mortais), objetos ou fragmentos de alguém ou algo que já não existe, podendo ser de natureza histórica, cultural ou religiosa (Lameira et al., 2016; Wharton, 2006). As de natureza religiosa são, como descreve António Camões Gouveia, *corpos ou alguma parte deles, da Virgem Maria e dos santos, e os objectos de que se serviram em vida ou santificaram pelo seu contacto (...)*, sendo a maioria *fragmentos ósseos de mártires e de santos, (...) que garantiam determinadas ajudas, protecções e intercessões* (2001, p. 120). José de Freitas Carvalho sustenta que as relíquias podiam, também, ser de *beatos, veneráveis e de gente como tal venerada* (2001, p. 95).

<sup>108</sup> Tradução livre do original: *Unadorned relic bones are inexpressive, anonymous, perhaps even repugnant. Without proper identification and a cultural matrix - what medieval sources call a proper veneration - relics remain inert. The reliquary in some sense enables or even constitutes the power of the relic.*

<sup>109</sup> O relicário consiste num género particular de recetáculo com o intuito de proteger (ou conservar), embelezar e expor as relíquias sagradas, sejam elas de primeira ou quarta classe.

<sup>110</sup> Importa referir que, numa primeira fase, os ossos dos santos mártires foram distribuídos sem qualquer montagem, dentro de caixas de madeira simples (*capsula lignea*), atadas e seladas (Ghilardi, 2018b). Muitas destas relíquias acabariam por ser colocadas dentro de relicários devocionais dispendiosos como pequenas urnas ou cofres, ou relicários antropomórficos (como os modelos medievais do braço relicário ou do busto relicário), produzidos com metais nobres (prata, ouro, ébano, carapaça de tartaruga, marfim, etc.) e pedras preciosas, para uso na liturgia e culto (Hahn, 1997). Estes relicários eram, por norma, produzidos no local de destino, segundo o gosto de reis, príncipes, prelados, bispos ou nobres (Grave, 2021; Hahn, 2010, 2012).

<sup>111</sup> Investigações recentes revelaram que os relicários produzidos em Roma eram preferencialmente produzidos por sacerdotes (homens), estando totalmente desaconselhado o manuseio das relíquias sagradas por homens e mulheres casados, o que ia ao encontro das diretrizes estabelecidas por Carlos Borromeo (Ghilardi, 2018b, 2019b). Em contrapartida, nos países da Europa Central (Suíça, Alemanha, Áustria, etc.), sabe-se que a produção destes relicários

corpo inteiro, adotando a representação do legionário romano ou *mártir-soldado*<sup>112</sup> para os homens e da virgem – vestida como matrona romana – para as mulheres. Esta tipologia de relicários começou a ser produzida nos finais do século XVII<sup>113</sup> e esteve em voga durante todo o século XVIII, prolongando-se até à segunda metade do século XIX.

Distinto dos relicários medievais antropomórficos em madeira e/ou metais nobres (Bynum & Gerson, 1997; Hahn, 1997, 2010, 2012), o recetáculo moderno pretendia – quer pelo seu tamanho e formato, quer pelo uso de materiais novos e técnicas mistas –, simular o corpo físico do herói morto, cuja alma estava no céu, junto de Cristo, por quem oferecera a sua vida. Incitava, assim, os vivos a meditar na sua própria culpa (piedade pessoal), como uma visão profética da sua própria ressurreição entre a comunidade dos salvos (Bouza Álvarez, 1990; Nagel, 2010; Vance, 1991). Nas palavras de Alexander Nagel, a relíquia como *vanitas*, (...) *poderia servir como um lembrete de que a vida do corpo é breve e como um poderoso incentivo para nos concentrarmos nas preocupações do espírito enquanto estamos vivos*<sup>114</sup>.

---

ocorria nos locais de destino (e não em Roma) e, muitas vezes, em conventos femininos (Achermann, 1979; Koudounaris, 2013; Krausen, 1966; Pfeiffer, 2005; Polonyi, 1994; Prader, 2012).

<sup>112</sup> Definição adotada por José Luis Bouza Álvarez: *O mártir-soldado, vestido em estilo romano e com o crismom no peito, leva a palma na mão direita e o vaso de sangue aos pés* (tradução livre do original: *El mártir-soldado, vestido a la romana y con el crismom en el pecho, lleva palma en la mano derecha y el 'vas sanguinis' a los pies* (1990, p. 206)).

<sup>113</sup> Crê-se que o primeiro relicário desta tipologia, produzido em Itália, seja o de são Cesário (*San Cesario Martire*), de 1695, que ainda hoje se venera na igreja de *Santa Maria Maggiore* em Vasto (Redazione Viaggiando Italia, 2020; Spatocco, 2014). Renova-se o agradecimento ao arqueólogo e especialista em arqueologia sacra, Massimiliano Ghilardi, pela partilha desta informação e contributo para a presente investigação. Sobre o corpo santo, escreveu o médico e historiador Luigi Marchesani (n. 1802 - m. 1870) na sua “História de Vasto” (“Storia di Vasto”): *Muitas relíquias sagradas são preservadas aqui. O corpo inteiro de S. Cesáreo mártir vestido de guerreiro, ao qual se junta uma ampola de vidro, que contém seu sangue, foi extraído do Cemitério de Cástulo e doado a Cesare [César] Michelangelo d'Avalos a 9 de maio de 1695, com o direito de doá-lo a Sta. Maria, no dia 3 de novembro do mesmo ano. As pessoas de Vasto, que o usavam como protetor, principalmente nos riscos de tremores, concorrem com esmolas para celebrar a festa de 3 de novembro* (tradução livre do original: *Molte sacre reliquie qui si conservano. Il corpo intero di S. Cesareo martire vestito da guerriero, cui sta unita un'ampolla vitrea, che ne contiene el sangue, fu estratto dal Cimitero di Castuli e donato a Cesare Michelangelo d'Avalos nel di 9 Maggio 1695, con facoltà di regalarlo a S. Maria, como nel giorno 3 Novembre dello stesso anno ei fece. I Vastesi, che lo ànno a protettore, specialmente ne' rischi de' tremuoti, concorrono con limosine a farne celebrar la festa nel di 3 Novembre* (1838, p. 246)). Repare-se, a título de curiosidade, nas semelhanças entre o nome do santo e o do donatário.

<sup>114</sup> Tradução livre do original: (...) *could serve as a reminder that the life of the body is brief and as a powerful incentive to concentrate on concerns of the spirit while we are alive* (2010, p. 211).

A representação física do mártir – como recetáculo protetor e enaltecedor das relíquias sagradas – concedia às comunidades católicas acesso visual e tangível ao divino (como veículo de milagres), enquanto funcionava como modelo devocional didático e difusor da fé cristã (e restaurador do culto das relíquias nas devoções religiosas populares<sup>115</sup>) (Bouza Álvarez, 1990; Capelão, 2011b; Ditchfield, 2007; Hahn, 2010; Zuriaga Senent, 2015). Incentivados pela estética e espetáculo barrocos<sup>116</sup>, tecidos em seda com temáticas vegetalistas de grande beleza e ricamente bordados com fios de ouro e prata, por vezes decorados com joias e pedras semipreciosas, foram utilizados para fabricar as vestes dos santos mártires, fosse para exaltar a sua presença celeste – como recordação da glória que estava reservada aos de verdadeira fé<sup>117</sup> –, fosse para despertar a atenção dos devotos e peregrinos (Ghilardi, 2015, 2020; Koudounaris, 2013).

---

<sup>115</sup> Segundo Philippe Boutry, os *santos de cera (saints de cire)* – contendo os ossos dos *juvens santos (jeunes saints)* –, foram enviados para a França para substituir as relíquias destruídas pela Revolução (1789-99) (1979, p. 909). Sobre esta variante, mais tardia, falar-se-á novamente *infra* (subcapítulo 4.3.).

<sup>116</sup> Encarado como o estilo artístico da Contrarreforma, o barroco *foi o instrumento propagandístico da Igreja pós-tridentina* (Brás, 2012, pp. 226–227), fazendo-se sentir na produção artístico-religiosa ao longo dos séculos XVII e XVIII. Servindo-se das imagens como instrumentos eficazes de persuasão, os séculos XVII e XVIII presenciaram um aumento significativo da produção artística, em contexto sacro, de representações materiais e sensíveis com finalidades catequéticas (Eusébio, 2000). Assim, o rigor nas representações iconográficas foi, no barroco, *a grande arma de Trento* tendo contribuído, como escreveu José Manuel Tedim: para *conduzir as massas populares à aceitação das orientações pretendidas pelas instituições religiosas e políticas* (2012, p. 181). Neste sentido, a festa barroca era baseada na encenação e animada artística e visualmente pela arquitetura, azulejaria, escultura, pintura, talha, ourivesaria, paramentaria e indumentária litúrgica; juntos *exploravam o mundo das sensações do crente* (N. M. Ferreira-Alves, 1989, p. 43), *predispondo-os afetivamente para a captação e interiorização da palavra divina* (Eusébio, 2000, p. 251). Em suma, aproveitando a pompa, o esplendor e a teatralidade característicos da arte barroca, a Igreja Católica adaptou-os às festividades e cerimónias religiosas, promovendo a difusão do culto das relíquias dos santos mártires por meio de uma cultura simbólica (Bouza Álvarez, 1990; Brás, 2012; Gómez Zorraquino, 2010; Tedim, 2012).

<sup>117</sup> A *Nova Jerusalém*, segundo o “Apocalipse de São João” (Apocalipse 21:1 - 22:25), é uma cidade celestial feita de ouro e pedras preciosas – *Os muros eram de jaspe e a cidade estava construída com ouro puro, semelhante ao puro cristal* (Apocalipse 21:18) –, que estava destinada aos servos fiéis a Deus. Alguns autores sugerem, inclusive, que a decoração das vestes dos mártires catacumbais pretendia evocar esta última morada (celeste), onde os mártires estariam, entre os abençoados, a repousar sob a proteção de Deus (Ghilardi, 2020; Koudounaris, 2013). O Pe. João Baptista de Castro no seu “Mappa de Portugal” escreveu a este respeito: *Que Igreja ha entre a multidão de tantas, que em hum dia festivo não tenha semelhança com a que se descreve no Apocalypse de S. Joaõ? As paredes cubertas de ouro, e seda; os coros cheyos de armonias; os Altares brilhando com chuveiros de luzes; nas caçoulas recendendo o almiscar; as flores nos ramalhetes: tudo suspensaõ dos sentidos, incentivo da devoção, e pasmo dos estrangeiros* (1747, pp. 30–31).

O modelo jacente em repouso (*somno pacis*), enquanto aguarda a ressurreição para a vida eterna, foi o mais utilizado na representação dos mártires das catacumbas (Bouza Álvarez, 1990, p. 347). Sobre este modelo escreveu Philippe Ariés:

*Reconhecem nestes vivos-não vivos, nestes mortos que vêem, os sujeitos da primeira e mais antiga liturgia dos funerais, que é uma liturgia de adormecidos, de repousantes (...). Na verdade, não são nem vivos despreocupados nem agonizantes dolorosos nem mortos putrescíveis nem também ressuscitados na glória, mas eleitos que esperam no repouso ('requies') e na paz a transfiguração do último dia, a ressurreição (1988, p. 283).*

Assume-se, assim, como provável, que o corpo em repouso adotado nestes relicários tenha origem na representação do jacente da arte funerária, uma vez que os túmulos com efígies foram frequentes nos séculos anteriores (Ariès, 1988)<sup>118</sup>.

O modelo deitado em posição lateral e apoiado sobre o cotovelo foi igualmente utilizado, tendo sido inclusive, em termos cronológicos, o primeiro a ser adotado na produção dos simulacros dos santos mártires – entre finais do século XVII e a primeira metade do século XVIII – como se verá no subcapítulo 4.3. Sobre este modelo, também escreveu Philippe Ariès:

*No século XVI, um modelo novo e sábio, também ele limitado à grande arte funerária, e sem outra posteridade, testemunha da tendência para não se satisfazer com o repousante, e a substituir-lhe um tema mais dramático: é o semijacente, ou assente sobre o cotovelo. O defunto está meio deitado, o seu busto está direito e apoia-se sobre um dos braços, o outro podendo segurar um livro. Inspirada na estatuária etrusca-romana, e também num gesto simbólico (o da cabeça apoiada sobre a mão que, nos frescos de Giotto, significa já a meditação melancólica), esta atitude agradava aos artistas dos séculos XVI e XVII na medida em que se prestava às fantasias da sua imaginação: o moribundo, meio erguido, era apoiado no seu leito de morte pela religião ou acordado no sarcófago pelo génio da Fama ou pelo anjo da Ressurreição (1988, p. 286).*

Por sua vez, o *livro* a que se refere Ariés foi substituído pela folha de palma – por norma, localizada na mão esquerda –, símbolo da condição de cristãos martirizados. Além deste, foram exibidos outros elementos representativos do martírio como a coroa e/ou o ramo de flores, o vaso de sangue

---

<sup>118</sup> Embora se trate de um tema pertinente, a possível ligação entre ambas as representações não será aqui alvo de análise, mas assunto para futuras investigações.

e o monograma de Cristo (ou cristograma Chi-Rho<sup>119</sup>). Nos “mártires-soldados”, a espada e, por vezes, o elmo e, mais raramente, o escudo, foram também expostos junto dos modelos descritos.

Dentro dos altares ou no interior de urnas-relicário<sup>120</sup> envidraçadas, em madeira policromada e/ou talha dourada, de grandes dimensões, estes recetáculos devocionais de corpo inteiro e de tamanho natural foram, por fim, expostos à veneração em igrejas, conventos e oratórios por todo o mundo católico.

#### 4.2. Corpo santo, corpo-relicário ou simulacro?

Ao longo dos séculos, os relicários adotaram diferentes formas, estilos e dimensões. As relíquias para as quais foram encomendados, a criatividade artística do artífice, a variedade de materiais e técnicas à sua disposição e o gosto do cliente (ou patrono), assim como o estatuto socioeconómico do último, contribuíram em grande medida para a sua produção (Hahn, 2010; Thunø, 2018). Todas estas variantes tornaram possível a produção de relicários de grandes dimensões (ex.: cofre-relicário, cruz-relicário, estátua-relicário, relicários antropomórficos, etc.), para exposição em altares e relicários de pequenas dimensões ou portáteis (ex.: medalhão-relicário, encólpio cruciforme, etc.), para devoção particular (N. C. Guedes, Roque, & Guerreiro, 2004). Por sua vez, os relicários antropomórficos<sup>121</sup> foram projetados para a exposição pública de relíquias insignes (ossos inteiros ou fragmentos) de santos e mártires. Como o próprio nome indica, estes recetáculos assumem a forma das partes constituintes do corpo humano, *reproduzindo a parte específica do corpo de onde foi retirada*

---

<sup>119</sup> Reveja-se, *supra*, nota n.º 43.

<sup>120</sup> Por “urna-relicário” entenda-se a definição na obra “Thesaurus...”: *receptáculo para relíquias, de grande dimensão, em forma de caixa de secção quadrangular, tambo piramidal e com, pelo menos, uma face envidraçada, permitindo ver o conteúdo* (N. C. Guedes et al., 2004, p. 111). A cobertura nem sempre é piramidal sendo esta, por vezes, reta, à semelhança de uma arca ou caixa-relicário com vidro na face frontal.

<sup>121</sup> Para Cynthia Hahn, os relicários antropomórficos – *shaped-reliquaries* (terminologia da autora) – eram relicários portáteis, produzidos originalmente para a devoção privada e, só mais tarde, transferidos para o culto público (Hahn, 2010). Sobre esta tipologia de relicários recomenda-se a leitura de algumas das suas publicações (Hahn, 1997, 2010, 2012).

a relíquia<sup>122</sup> (N. C. Guedes et al., 2004, fig. 403). Por conseguinte, podem encontrar-se relicários com a forma de cabeças, costelas, braços, coxas, pés e de outras partes da anatomia humana. Além de comunicarem visualmente a forma física da relíquia que (supostamente) estaria no interior, protegendo-a e glorificando-a, os relicários antropomórficos impressionavam os fiéis através da sua morfologia, criatividade e beleza, por meio de ornamentos (figurativos e simbólicos) e materiais preciosos (ouro, joias e pedras preciosas). O artífice deveria, assim, honrar o santo ou pessoa venerável a quem pertenciam as relíquias e atrair os devotos, incitando-os à meditação e veneração:

*(...) parece claro que patronos e artistas medievais criaram relicários com a esperança de moldar as almas dos seus espectadores. Por outras palavras, a forma do relicário tinha mais a ver com o seu impacto no espectador do que com a apresentação de informação sobre o seu conteúdo. (...) Os relicários tinham que, no mínimo, homenagear os santos com um belo produto; no máximo, produzir um efeito espetacular que, com uma beleza extraordinária e maravilhosa, deslumbraria peregrinos, visitantes e congregações. Acreditando que poderiam despertar o ardor dos fiéis através da apresentação ambiciosa de relíquias, bispos, abades e abadesas foram ativos na busca de projetos novos, marcantes e significativos<sup>123</sup>.*

Embora exista uma vasta lista de relicários antropomórficos<sup>124</sup>, assim como variadas investigações e publicações que incidem sobre a simbologia e materialidade destes objetos devocionais (destacam-se apenas algumas como Bynum & Gerson, 1997; Hahn, 1997, 2010, 2012; M. de F. Machado, 2003; Montgomery, 2010; Nagel, 2010; Thunø, 2018), o recetáculo figurativo, de tamanho natural, contendo os esqueletos ou uma parte substancial dos corpos santos exumados das catacumbas de

---

<sup>122</sup> Novamente, Cynthia Hahn refuta esta definição afirmando que, muitas vezes, o contentor não corresponde ao conteúdo: *relicários em forma de braço não contêm necessariamente relíquias de braço ou mão; na verdade, na maioria das vezes eles possuem uma coleção de relíquias (reliquaries in the shape of an arm do not necessarily contain arm or hand relics; indeed most often they hold a collection of relics* (2010, p. 166).

<sup>123</sup> Tradução livre do original: *(...) it seems clear that medieval patrons and artists created reliquaries with the hope of shaping the souls of their viewers. In other words, the form of the reliquary had more to do with its impact on the viewer than its presentation of information about its contents. (...) Reliquaries had to, at the least, honor the saints with a beautiful product; at the most, produce a spectacular effect that would, with surpassing and wondrous beauty, bedazzle pilgrims, visitors, and congregations. Believing that they might rouse the ardor of the faithful through the ambitious presentation of relics, bishops, abbots, and abbesses were active in seeking new, striking, and significant designs* (Hahn, 2010, pp. 163–164).

<sup>124</sup> Na obra “Thesaurus...” são referidas, pelo menos, dez tipologias de relicários antropomórficos: *braço-relicário, cabeça-relicário, costela-relicário, coxa-relicário, dedo-relicário, Joelho-relicário, mão-relicário, pé-relicário, perna-relicário e relicário de crânio (ou crânio-relicário)* (N. C. Guedes et al., 2004, figs. 403, 405, 424, 425, 440, 458, 460, 491, 492, 513).

Roma, carece de uma terminologia universal. À semelhança do relicário antropomórfico medieval, o recetáculo moderno pretendia comunicar a forma física da relíquia – neste caso em concreto, a integridade física ou corpórea<sup>125</sup> dos santos das catacumbas –, glorificando o conteúdo por meio da decoração exuberante. Neste sentido, um relicário de corpo inteiro (assumindo a presença de uma quantidade generosa de ossos no interior) teria um maior impacto do que um relicário parcial ou de meio-corpo, como os já descritos relicários antropomórficos. Mas que nome atribuir a esta tipologia de relicários?<sup>126</sup>

Durante a revisão da literatura (reveja-se, *supra*, capítulo 1) foi possível concluir que a terminologia adotada pelos vários investigadores que estudam o tema dos mártires catacumbais e seus relicários figurativos é bastante variada, para não dizer incerta e, por vezes, errónea. De facto, nos últimos quarenta anos (1979-2022) têm surgido várias designações para identificar a mesma tipologia de recetáculos, traduzindo-se claramente num obstáculo, não apenas para a identificação do assunto em questão, mas, também, para a catalogação universal destes objetos devocionais, a qual é urgente definir. Investigadores de Itália, França, México, Canadá, Alemanha, Suíça, Polónia, Dinamarca, Espanha e Portugal têm baseado as suas decisões terminológicas, maioritariamente na:

- (1) origem das relíquias ou contexto da sua identificação nas catacumbas romanas e no reconhecimento da sua dimensão religiosa, especificamente santa;
- (2) morfologia e materialidade dos relicários;
- (3) combinação das duas anteriores;
- (4) aparência enigmática dos recetáculos figurativos.

---

<sup>125</sup> A prática de “remontagem” do corpo fragmentado dos mártires foi, inclusive, descrita em vários relatos de martírios do cristianismo primitivo (Klein, 2010; Lake, 1917). Isto baseava-se na fé católica na ressurreição – tendo como exemplo máximo o corpo ressuscitado de Cristo (Romanos 1:4; Atos 17:31-32; 1 Coríntios 15) –, e na intercessão e proteção dos mártires (Lucas 16 :9) (Bynum, 1991; Klein, 2010; Strasser, 1999).

<sup>126</sup> A necessidade de uma terminologia universal para a mesma tipologia de relicários foi já enfatizada por Gabriela Sánchez Reyes na comunicação apresentada em 2019 no *Ceroplastics - International Congress on Wax Modelling* (Sánchez Reyes, 2019).

Para uma melhor compreensão do que aqui se pretende afirmar apresentam-se, de seguida, as terminologias adotadas (nas respetivas línguas) pelos diversos investigadores ou autores, segundo as decisões acima enumeradas:

## 1. Relíquia

### 1.1. Origem/contexto (pl. *santos das catacumbas* ou *santos catacumbais*):

- *katakombenheiligen* (Achermann, 1979; Koudounaris, 2013; Pfeiffer, 2005),
- *catcomb saints* (Johnson, 1996).

### 1.2. Dimensão religiosa (sing.(pl.) *corpo(s) santo(s)*):

- *heilige leiber* (Pfeiffer, 2005),
- *corps saints* (Baclocchi et al., 2011; Boutry, 1979),
- sing. *corpo santo* / pl. *corpi santi* (Ciappara, 2017; Ghilardi, 2013),
- *holy bodies* (diversos autores, como tradução de *corpi santi*).

## 2. Relicário

### 2.1. Morfologia (sing. *imagem-relicário, corpo-relicário, relicário-estátua, escultura-reliquia*):

- *imagen-relicario* (Bouza Álvarez, 1990),
- *corp-reliquiare* (Rey, 1999),
- *relicários-estatuas* (R. Ballestriero, 2013),
- *imagem-relicário* (J. Palmeirão, 2015, tradução da terminologia adotada por Bouza Álvarez, 1990),
- *cuervo-relicario* (Sánchez Reyes et al., 2016, tradução da terminologia adotada por Rey, 1999),
- *relic-sculpture* (Budzyński et al., 2021).

## 2.2. Morfologia e técnica (sing. *corpo em cera*, *corpo-relicário em cera/ceroplástica*):

- *corps en cire* (Gagneux, 2009),
- *relicario-cuerpo de cera* (R. Ballestriero, 2013),
- *cuerpos-relicario en ceroplástica* (Sánchez Reyes et al., 2016).

## 3. Relíquia e relicário

### 3.1. Combinação (pl. *santos de cera*, *corpos santos em ceroplástica*, *esculturas-relíquia dos corpos santos catacumbais*):

- *saints de cire* (Boutry, 1979),
- *corpisanti in ceroplástica* (Ghilardi, 2017),
- *corpisanti catacomb relic-sculptures* (Budzyński et al., 2021).

## 4. Outros

### 4.1. Aparência enigmática (sing.(pl.) *múmia(s)* e *corpo(s) incorrupto(s)*):

- *momias* (como enfatizado por Etxeberria et al., 1999; Guelbenzu Fernández, 2016),
- *incorrupt corpses / corpos incorruptos* (denominação popular).

Com base no esquema apresentado, as expressões *corpo(s) santo(s)*, *santos das catacumbas*, *imagem-relicário*, *corpo-relicário* e *estátua-relicário* são as mais utilizadas, sendo a expressão *escultura-relíquia* a mais recente (2021). Em contexto popular são frequentes os termos *múmia* ou *corpo incorrupto*.

Perante a definição de relicário antropomórfico – como recetáculo que reproduz a parte constituinte do corpo humano de onde provém a relíquia (N. C. Guedes et al., 2004, figs. 403, 509) –, a expressão *corpo-relicário* poderia ser assumida como a terminologia mais correta. Contudo, esta não consta nos inventários nacionais de objetos de cariz religioso (M. J. V. de Carvalho, 2004; Direção-Geral do Património Cultural, 2010; N. C. Guedes et al., 2004; J. H. P. da Silva & Calado, 2005).

Por sua vez, a expressão *imagem-relicário* (da autoria de José Luis Bouza Álvarez<sup>127</sup>) consta nas “Normas de Inventário. Escultura” (2004). Aqui, a palavra *imagem* substitui a palavra *estátua* para *representações esculpidas de carácter maioritariamente religioso*, ou seja, quando produzidas pelos *mestres de imaginária* (M. J. V. de Carvalho, 2004, p. 22; Mocholí Martínez, 2013). Por conseguinte, *imagem* insere-se no campo da *escultura (imaginária)* e subcategoria de *escultura de vulto*<sup>128</sup>. No “Dicionário de termos de Arte e Arquitectura” vem também referido que *imagem* é a *denominação geral que se aplica à reprodução impressa de um desenho, pintura ou escultura*, podendo ser uma *estátua colocada em nicho ou altar, com fins devocionais* ou, como na Idade Média, uma figura esculpida, ou seja, *estátuas ou estatuetas abrindo-se no meio e deixando ver no interior relíquias ou baixos-relevos*, as quais se denominavam de *‘imagem de abrir’* (J. H. P. da Silva & Calado, 2005, p. 201) (o negrito é original). Seguindo este raciocínio, *imagem-relicário* deve ser interpretada à semelhança de *estátua-relicário*, como definido no glossário “Thesaurus...”:

*Estátua ou estatueta em que se inserem recetáculos de relíquias, colocados num ou em vários compartimentos no corpo das estátuas, na base ou num recipiente de formas variadas sustentado pela figura* (N. C. Guedes et al., 2004, fig. 446).

Considerando que as “estátuas”, do ponto de vista material, são produzidas com materiais maciços, como madeira, gesso, pedra, metal, mármore, entre outros (M. J. V. de Carvalho, 2004; J. H. P. da Silva & Calado, 2005), quando incluída na *imaginária*, a expressão *imagem-relicário* (ou *escultura-relicário*) refere-se às típicas esculturas de vulto, de corpo inteiro, de santos, da Virgem Maria ou de Cristo,

---

<sup>127</sup> *Outras vezes, são imagens-relicário de tamanho natural, em pasta de cera, madeira ou outro material, que abrigam o esqueleto de algum santo desconhecido da tradição eclesíastica (...)* (tradução livre do original: *En otras ocasiones, son imágenes-relicario de tamaño natural, en pasta de cera, madera o algún otro material, que cobijan el esqueleto de algún santo desconocido para la tradición eclesíastica (...)*) (Bouza Álvarez, 1990, p. 18). A mesma expressão foi adotada pela autora durante a investigação de mestrado (J. Palmeirão, 2015; J. do C. Palmeirão, Vieira, Pintado, Costa, & Monteiro, 2014).

<sup>128</sup> *Uma escultura de vulto é aquela cujo volume corresponde pelo menos a ¾ do volume real de um corpo ou de um objecto, podendo apresentar-se trabalhada na íntegra (frente, perfis e costas) e ser um vulto pleno, trabalhada apenas em três lados (frente e perfis) e ser um vulto a ¾ com as costas sem trabalho, planas ou escavadas, ou ser apenas um meio vulto* (M. J. V. de Carvalho, 2004, p. 20) (o negrito é original). Grande parte dos relicários de tamanho natural inventariados em Portugal são esculturas de vulto a ¾, atendendo ao facto de que a parte posterior (costas) está oculta pelo manto ou tem uma aparência inacabada. O mesmo foi constatado por Pfeiffer, Prader, Sánchez Reyes e outros investigadores (Pfeiffer, 2005; Prader, 2012; Sánchez Reyes, 2021; Sánchez Reyes et al., 2016).

expostas nos nichos dos retábulos e veneradas à semelhança dos relicários de meio-corpo (como os bustos-relicários ou as cabeças-relicários) e, por vezes, com pequenas aberturas ou recetáculos onde são colocadas as relíquias dos santos e santas que supostamente representam (N. C. Guedes et al., 2004; Hahn, 1997; Mocholí Martínez, 2013; Montgomery, 2010). De facto, com base nas leituras anteriores, a expressão pode ser facilmente confundida com as peças de imaginária (esculturas de santos), não sendo, por isso, adequada para definir a tipologia de relicários que aqui se analisa.

Retomando a expressão *corpo-relicário*, embora esta não conste nos guias de inventário, segue uma lógica semelhante aos dos relicários antropomórficos. Ou seja, do mesmo modo que um braço-relicário ou pé-relicário (ambos “relicários de partes do corpo”) terão, à partida, um osso inteiro ou fragmento do braço ou pé da pessoa venerada, respetivamente, o *corpo-relicário*, expressão mais generalista (como “relicário de corpo inteiro”) abrigará, à partida, vários ossos do corpo humano, independentemente da sua localização anatómica. A expressão *corpo* é, por si, um indicativo do número elevado de ossos que o relicário possui, muito embora possa não ser imediatamente perceptível o tamanho do relicário.

Uma outra designação utilizada por diversos investigadores (confronte-se esquema anterior) é a expressão “corpo santo” – *corpo santo* (it.), *corp saint* (fr.) ou *holy body* (in.) –, que tem origem nas primeiras exumações das catacumbas romanas<sup>129</sup>. Por esta razão, não faz distinção entre a primeira demanda de ossos (enviados sem qualquer montagem, dentro de caixas de madeira), e a segunda demanda (ossos organizadas e enviados, mais tarde, dentro de recetáculos figurativos e de tamanho natural), muita embora os autores internacionais utilizem muitas vezes esta expressão para se referirem à segunda variante<sup>130</sup>.

---

<sup>129</sup> “Sagrado corpo” (*Sacrum Corpus*) ou “sagrado corpo do santo” (*Sacrum Corpus Sancti*) foram, desde cedo, as expressões utilizadas pela Santa Sé para identificar os corpos exumados das catacumbas romanas, como se depreende das diversas autênticas (em latim) que acompanhavam os corpos e que sobreviveram até aos dias de hoje (veja-se alguns exemplos, *infra*, subcapítulo 5.2., parte II). Crê-se, por isso, que a designação *corpo santo* (e as respetivas traduções) tenha origem nas expressões latinas, justificando a sua utilização frequente.

<sup>130</sup> Como se demonstrará no subcapítulo 5.1. (parte II), esta dupla utilização poderá induzir em erro.

Outros autores fixaram-se mais na materialidade dos relicários. A expressão *relicário em ceroplástica* tem sido a mais utilizada por ser, também, esta variante, a mais estudada pelos referidos autores. Esta expressão refere-se apenas aos relicários figurados em cera que constituem, em termos cronológicos, o último modelo produzido para expor os ossos dos santos mártires catacumbais (confronte-se, *infra*, subcapítulo 4.3). Embora a expressão *ceroplástica*<sup>131</sup> seja utilizada para apelidar este último modelo, por razões óbvias, não se adequa aos relicários produzidos com outros materiais, como a seda, a pasta de papel ou o gesso. Mais, devido à representação naturalista do corpo humano, possibilitada pela qualidade excepcional do trabalho de ceroplástica – levando os fiéis a acreditar estarem na presença dos corpos verdadeiros dos santos mártires –, estas peças são muitas vezes confundidas e apelidadas, erroneamente, por *corpos incorruptos*<sup>132</sup>.

Durante a presente investigação foi indicada a existência de uma outra expressão, a qual, apesar de não ter sido utilizada por nenhum dos investigadores ou autores supramencionados, pode ser entendida como o termo litúrgico oficial e mais antigo (utilizado pela Igreja Católica), para descrever os relicários que simulam o corpo humano e encerram os restos mortais dos santos (mártires). Consiste na expressão em latim *simulacra sanctorum* que em português se traduz como *simulacros de santos*, e foi utilizada nos séculos XVIII e XIX<sup>133</sup> (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a). O termo foi oficialmente utilizado pela Sagrada Congregação dos Ritos:

---

<sup>131</sup> *Arte de fazer figuras de cera* (C. de Figueiredo, 2010, p. 415).

<sup>132</sup> Portugal não é exceção, como se verá no capítulo seguinte. Facto curioso é o de que, apesar de estes recetáculos figurativos serem, muitas vezes, apelidados de “corpos incorruptos” ou “de carne e osso”, as pessoas não sabem, por norma, o que é ou como é visualmente um corpo integral não deteriorado (*totum integrum*), isto é, um corpo que não se decompôs após a morte (Malo, 2013, p. 44). Carlos Evaristo escreveu a este respeito: *Deve ter-se em conta que incorrupção não significa perfeição e, portanto, embora muitos corpos incorruptos sejam considerados perfeitamente incorruptos, a verdade é que a maioria deles não tem aparência de vida. Aqueles corpos de Santos que a têm foram, certamente, embalsamados, retocados ou camuflados* (tradução livre do original: *It should be noted that incorruption does not mean perfection and so although many incorrupt bodies are said to be perfectly incorrupt, the truth is that the majority of them have do not have a life-like appearance. Those bodies of Saints that do, have certainly been embalmed, touched up / camouflaged* (2018, p. 6)).

<sup>133</sup> Um particular agradecimento ao doutor Carlos Evaristo pela chamada de atenção para a existência desta terminologia. Carlos Evaristo, arqueólogo de profissão, é presidente e fundador do Instituto de Arqueologia Sacra; presidente e co-fundador da Fundação Histórico-Cultural Oureana; fundador da *International Crusade for Holy Relics / Apostolate for Holy Relics* (ICHR) (*Cruzada Internacional para as Relíquias Sagradas / Apostolado para as Relíquias Sagradas*), e fundador e conservador da *Regalis Lipsanoteca* (Real Lipsanoteca), o segundo maior santuário de relíquias do mundo, localizado no Castelo de Ourém, Portugal. Evaristo é também fundador do Museu Reitor Padre Manuel Francisco

*Esta sanção, que proíbe se coloquem as Relíquias ou os Simulacros de Santos sobre o Altar em que está exposto o Sacramento, não só prevalece na oração das quarenta horas, mas também em quaisquer outras exposições, que menos ou mais solenemente se fazem ao longo do ano, quando o Sacramento é colocado no Trono. Observo que isto foi declarado à maneira da regra geral da ‘Sagrada Congregação dos Ritos em Aquino (?) no dia 2 de Setembro de 1741’<sup>134</sup>.*

*As ‘Relíquias’, ‘Imagens’, ‘Simulacros de Santos’ não devem ser levadas nas procissões sob o baldaquim. (...) O baldaquim não deve ser transportado nas Preces Públicas em que se levam imagens, simulacros ou relíquias de santos, porque se adequa unicamente ao Santíssimo Sacramento e, onde vigora o costume, também às Relíquias dos instrumentos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>135</sup>.*

Como se depreende da leitura dos excertos, é notória a diferenciação entre “reliquias”, “imagens” e “simulacros”<sup>136</sup>, tratando-se as duas últimas de categorias distintas e assumidas pela sagrada congregação. Embora a expressão *simulacra* (pt. *simulacros*) possa ainda suscitar algumas dúvidas<sup>137</sup>, as citações transcritas acima (entre muitas outras existentes nos vários volumes da coleção da sagrada congregação) testemunham o seu uso nos circuitos eclesiásticos, no sentido de reproduções figuradas de corpos de santos.

---

Borges do Santíssimo Milagre de Santarém, secretário episcopal e perito consultor para o Vaticano em Iconografia Sacra, Relíquias e Relicários. Carlos Evaristo dedica-se, há mais de 25 anos, ao estudo e reautenticação de relíquias sagradas em Portugal e no estrangeiro (Evaristo, 1999, 2000; Evaristo, Evaristo, & Serafin, 1988; Evaristo & Farah, 2022; Evaristo & Serafin, 1998; Lameira et al., 2016). A 31 de agosto de 2020, Carlos Evaristo recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* em Filosofia pela Universidade Pedagógica Nacional Dragomanov de Kiev, Ucrânia (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2021).

<sup>134</sup> Tradução do original: *Haec sanctio, quae jubet, ne super Altare, in quo Sacramentum exponitur, apponantur Reliquiae, aut Simulacra Sanctorum, nedum obtinet in oratione quadraginta horarum, verum etiam in aliis quibuscumque expositionibus, quae minus, magisque solemniter per annum fiunt, collocato Sacramento in Throno. Id declaratum video per modum regulae generalis a ‘Sac. Rit. Congregatione in Aquen. die 2. Septembris 1741’ (Congregação dos Ritos, 1825, p. 24).*

<sup>135</sup> Tradução do original: *‘Reliquiae’, ‘Imagines’, ‘Simulacra Sanctorum’ in Processionibus deferri non debent sub Baldachino. (...) Baldachinum non esse deferendum in publicis Supplicationibus, in quibus circumferuntur Imagines, Simulacra, Reliquiae Sanctorum, quia competit dumtaxat SSmo Sacramento, et, ubi viget consuetudo, etiam Reliquiis instrumentorum Passionis D. N. J. C (Congregação dos Ritos, 1826, pp. 254, 245).*

<sup>136</sup> No “Dicionário de Latim-Português” da Porto Editora, o termo *simulacrum* (pl. *simulacra*) é descrito como uma (...) *imagem, representação figurada (quer pela pintura, quer pela escultura, quer em relevo), retrato, imitação, reprodução (...)* (2017, p. 605).

<sup>137</sup> Carlos Evaristo refere ainda que o termo “simulacra” pode ser aplicado às imagens que cobrem um corpo incorrupto ou parcialmente incorrupto (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020).

Importa ter em consideração um outro fator que em nenhum dos autores supramencionados foi alvo de análise e que diz respeito aos limites entre “reliquia” e “relicário”. Ou seja, até onde vai a reliquia e onde começa o relicário?<sup>138</sup>

Com base na relação de proximidade entre as relíquias sagradas e o santo ou beato a quem pertenciam, a Igreja Católica definiu três classes de relíquias. As de primeira classe dizem respeito a todos os elementos provenientes diretamente do corpo, como ossos ou partes do corpo (ex.: dentes, unhas, cabelo, músculos, órgãos e afins). Aqui se incluem, também, o sangue, as lágrimas, o suor e a saliva, assim como as cinzas resultantes da cremação do corpo. Todos os objetos que pertenceram ao santo ou que foram santificados pelo seu contacto em vida ou após a morte, como roupas, livros, móveis e objetos pessoais ou os locais que frequentou, locais de aparições, etc., estão incluídos na segunda classe de relíquias. As de terceira classe são todas aquelas que tocaram nas relíquias das classes anteriores; nesta incluem-se as relíquias de contacto (do latim *brandeum*, *brandea*), nomeadamente as *Verónicas*, as fotografias e todos os objetos que tenham tocado em relíquias insignes. As *brandea* são, por vezes, confundidas com as relíquias de segunda classe, em particular com os objetos santificados após a morte de um santo (Capelão, 2011a; M. J. V. de Carvalho, 2004; Lameira et al., 2016). Uma quarta classe, mais recente e inferior às restantes, tem vindo a ser defendida por alguns autores. Esta pode incluir *um pano ou objeto que tenha sido tocado num terço ou num retrato (Vera Efigie)* ou numa *fotografia tirada a um santo* (Lameira et al., 2016).

Se se considerar a composição técnico-material dos exemplares analisados na presente investigação (capítulo 6, parte III), os revestimentos aplicados sobre os esqueletos dos santos mártires catacumbais (reliquias de primeira classe), sejam eles estruturas metálicas, indumentária ou máscaras (de tecido, gesso ou cera), estão, em certa medida, em contacto direto com as relíquias no interior. Assim, e tendo por base as quatro classes de relíquias acima descritas, alguns destes elementos externos – assumidos no conjunto, por praticamente todos os autores, como o “relicário”

---

<sup>138</sup> Um especial agradecimento ao consultor do projeto e colega José João Loureiro pela chamada de atenção para este ponto de vista.

propriamente dito –, deveriam, na verdade, ser entendidos como relíquias de terceira classe (reliquias de contacto ou *brandea*)<sup>139</sup>. Aliado a esta perspetiva está o facto de que estas peças são habitualmente expostas no interior dos altares ou em relicários de grandes dimensões (urnas-relicário).

De facto, se se ponderar nos limites entre relíquia e relicário definidos pela Igreja Católica, nenhuma das denominações até aqui analisadas assumem esta dupla conotação (como “relíquia” e “relicário”). A expressão *simulacro de santo* apenas se refere a uma representação ou réplica do corpo do santo (mártir), enquanto *corpo-relicário* apenas acentua o aspeto formal e estilístico das peças, como um recetáculo de corpo inteiro. Em nenhum dos casos é acentuado o estatuto cultural e sacralizado associado à relíquia propriamente dita. Em contrapartida, a expressão *corpo santo* reforça o carácter puramente sagrado sem, no entanto, realçar o trabalho artístico destas peças. Perante todos estes fatores crê-se que a classificação destes objetos devocionais permanece em aberto, não fossem eles tão complexos quanto a sua materialidade. Crê-se, por isso, não existir “a” designação, mas várias possíveis terminologias, embora *corpo santo* pareça ser consensual entre quase todos os investigadores que estudam o tema. Não obstante, pelas diversas razões apresentadas, e a favor de uma coerência neste campo de estudos e comunicabilidade com bibliografia internacional, adotar-se-ão, para já, as expressões “corpo santo” ou “sagrado corpo”<sup>140</sup> e “simulacro”, este último pelo seu uso mais antigo em contexto litúrgico.

### 4.3. *Simulacra* em Portugal

Durante o processo de inventariação dos simulacros dos santos mártires em Portugal (atente-se, *infra*, capítulo 5, parte II), e da inspeção visual de mais de cinquenta exemplares, concluiu-se ser possível subdividi-los em três categorias distintas. A presente subdivisão apoiou-se em três fatores:

---

<sup>139</sup> Crê-se, por isso, serem mais corretamente entendidos como “corpos-relíquia” do que “corpos-relicário”.

<sup>140</sup> Reveja-se, *supra*, nota n.º 129.

(1) a data de produção (quando existente) ou a data de chegada dos simulacros a Portugal<sup>141</sup>, (2) a posição dos corpos e (3) os materiais utilizados (em particular no rosto e nos membros superiores e inferiores).

Quanto à posição dos simulacros, foram identificadas três variantes:

(I) modelo deitado em posição lateral com o cotovelo (normalmente o direito) apoiado sobre o suporte (leito<sup>142</sup> ou padiola), ou a almofada. A cabeça, posicionada em direção ao observador, repousa sobre a mão do mesmo braço. Por norma, as pernas estão fletidas, podendo estar ligeiramente elevadas do suporte ou apenas a perna contrária à do braço que está assente (fig. 1);

(II) modelo jacente com o corpo e a cabeça totalmente apoiados, mas mantendo a posição lateral da primeira variante. A cabeça assenta sobre uma ou duas almofadas, ou sobre o braço. Este, por sua vez, pode encontrar-se em repouso sobre a(s) almofada(s) ou acompanhando o tronco. Trata-se de uma posição intermédia, que se defende poder consistir numa passagem gradual da primeira para a terceira variante (fig. 2);

(III) modelo jacente em *somno pacis* (posição decúbito dorsal), com a cabeça geralmente apoiada sobre duas almofadas e posicionada em direção ao teto ou inclinada para o observador. Os joelhos podem estar ligeiramente fletidos e inclinados em direção ao observador ou em posição elevada em relação ao suporte, ou esticados, embora esta última posição seja menos frequente. A(s) mão(s) assenta(m) sobre o suporte, peito e/ou anca (fig. 3).

A primeira (I) posição é também a mais antiga, tendo sido utilizada na primeira e na segunda categorias de simulacros (veja-se *infra*), datados da primeira metade do século XVIII. A segunda posição (II) surge ainda na primeira categoria de simulacros, embora seja mais frequente na segunda. Por fim, a terceira posição (III) é comum na segunda e na terceira categorias de simulacros.

---

<sup>141</sup> Importa ter em consideração, como também se verá no capítulo seguinte, vários dos simulacros inventariados já não possuem os respetivos documentos de autenticação (ou *autenticá*), ou qualquer outro documento que indique a data de exumação e/ou de trasladação.

<sup>142</sup> Pela impossibilidade de movimentar os simulacros, ao contrário da padiola, optou-se pela denominação de leito.



**Fig. 1** – Simulacro do corpo do santo mártir Eugénio (1742), igreja de santo António dos Congregados, Porto. © Joana Palmeirão



**Fig. 2** – Simulacro do corpo da santa mártir Prima (1770), palácio do Mitelo, Lisboa. © Joana Palmeirão



**Fig. 3** – Simulacro do corpo do santo mártir Vicente (1826), igreja de Nossa Senhora do Carmo, Penafiel. © Joana Palmeirão

Nas três posições descritas, a direção mais frequente é a da inclinação para o lado esquerdo, do ponto de vista do observador, estando a palma (normalmente) apoiada na mão esquerda, como exemplificado nas figuras anteriores<sup>143</sup>.

Tendo por base os materiais utilizados no rosto, distinguem-se as três categorias suprarreferidas:

(1) crânios expostos ou revestidos por uma fina gaze de seda, deixando antever a estrutura óssea. Por vezes, este recobrimento prolonga-se até à parte superior do peito (figs. 4 e 5).

(2) crânios cobertos por várias gazes de seda sobrepostas, cruas<sup>144</sup> ou pintadas, distinguindo-se da categoria anterior pela demarcação volumétrica do nariz, lábios, queixo e bochechas. Dentro desta categoria incluem-se também os crânios revestidos por materiais moldáveis (pasta de papel, gesso ou cera) policromados, mas nos quais se denota ainda um tratamento imaturo ou tosco do rosto<sup>145</sup>, o que permite distingui-la da categoria seguinte (figs. 6 e 7).

(3) crânios escondidos por máscaras de tecido<sup>146</sup>, gesso, madeira (?)<sup>147</sup> ou cera, mimetizando o rosto humano. A maioria destes simulacros possuem perucas, barbas, sobrancelhas e pestanas (pintadas ou aplicadas), e olhos de vidro, acentuando a fisicalidade e realismo do corpo humano<sup>148</sup>. As pareências são ainda mais evidentes nos simulacros em ceroplástica (figs. 8 e 9).

A primeira categoria (1) foi comum na primeira metade do século XVIII. Atualmente existem poucos exemplares, entre os quais se incluem os simulacros dos santos mártires Paulo e Félix (1746),

---

<sup>143</sup> Atente-se, também, às fichas de inventário n.º 19, 7 e 27, respetivamente (Apêndice V).

<sup>144</sup> Com frequência, o crânio ainda é visível por baixo quando observado de perto.

<sup>145</sup> Crê-se tratar-se da primeira tentativa em representar, realisticamente, o rosto humano. Com o tempo, esta representação foi-se tornando cada vez mais realista.

<sup>146</sup> Este tecido é normalmente composto pela sobreposição de tafetás de seda, com apontamentos de cor nos olhos, nariz e lábios. A transparência característica do tecido permite, por vezes, vislumbrar os ossos no interior.

<sup>147</sup> Atendendo ao facto de que não foi possível observar de perto todos os simulacros inventariados em Portugal e que alguns têm uma aparência dúbia, sendo difícil distinguir, à vista desarmada, entre gesso ou madeira policromados, optou-se por colocar este último material como hipótese. Um exemplo muito concreto é o simulacro da santa mártir Clara, localizado na igreja do Bonfim (Porto) (confronte-se fig. 8 e ficha de inventário n.º 26 (Apêndice V)).

<sup>148</sup> Por esta razão, como suprarreferido, são muitas vezes confundidos como corpos incorruptos ou corpos “de carne e osso”.

e dos santos mártires Vitório e Urbano (s.d.). Todos os exemplares foram representados na posição I.

Os simulacros da segunda categoria (2) datam do início até ao último quartel do século XVIII. De entre os exemplares sobreviventes constam, por ordem cronológica, na posição I: os simulacros dos santos mártir Peregrino (1703), Marcos (1704), Severino e Eugénio (1742) (fig. 1), Aurélio e Pacífico (1749); e na posição II: os simulacros dos santos mártires Clemente (1778-80), e Fortunato e Liberato (1779) (fig. 7), estes três produzidos com materiais moldáveis (possivelmente pasta de papel e/ou gesso).

A terceira e última categoria (3) data do terceiro quartel do século XVIII (1770) e vai até ao último simulacro inventariado (1870). Nesta incluem-se todos os simulacros nos quais é evidente um nível elevado de realismo no rosto. O clímax da representação mimética é alcançado nos finais do século XVIII pelo recurso à cera (ceroplástica) ou gesso (ou, ainda, madeira?). Dos vários exemplares inventariados incluem-se, na posição II: os simulacros dos santos mártires Burcio e Prima (fig. 2)<sup>149</sup> (1770), Justina (1777), Vitória (1779) e Frutuoso (s.d.); e na posição III: os simulacros dos santos mártires Felicidade (1770-1800), Clemente (1782), Vicente (1785), Fortunato (1787), Bonifácio (1790), Justino (1793), Clara (1798), Vicente (fig. 3) (1826), Fiel (1851), Benedito (1870), entre outros.

---

<sup>149</sup> Crê-se que a deformação acentuada no rosto do simulacro da santa Prima não seja original. Aliás, esta é muito similar aos simulacros das santas mártires Justina (1777) e Vitória (1779), embora só esta última seja original (confronte-se fichas de inventário n.º 7, 9 e 23, respetivamente (Apêndice V)). Como se verá no capítulo 7 (parte IV), o simulacro da santa mártir Justina foi alvo de intervenção em 1994.



**Figs. 4 e 5** – Esquerda: simulacro do corpo do santo mártir Paulo (1746), casa da Torre das Pedras, Paredes da Beira. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Vitório (s.d.), palácio Caldas, Lisboa. © Joana Palmeirão



**Figs. 6 e 7** – Esquerda: simulacro do corpo do santo mártir Peregrino (1703), igreja do extinto convento dos Cardais, Lisboa. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Liberato (1779), igreja do seminário maior de Coimbra, Coimbra. © Joana Palmeirão



**Figs. 8 e 9** – Esquerda: simulacro do corpo da santa mártir Clara (1798), igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Porto. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Benedito (1870), igreja do extinto convento de santo António de Varatojo, Torres Vedras. © Joana Palmeirão

As três categorias podem ainda ser subdivididas em duas variantes, consoante os materiais utilizados nos membros superiores e inferiores (antebraços, mãos, pernas e pés), e respetiva composição formal. Assim, encontram-se:

(a) simulacros com os membros revestidos com rendas metálicas, gazes de seda (lisas ou lavradas), ou outros tecidos. Devido ao espaçamento das rendas e transparência dos tecidos, estes materiais favorecem, na maioria das vezes, a visibilidade das relíquias no interior. Por norma, as mãos (e, por vezes, os pés) estão revestidas por malhas metálicas prateadas. Esta variante foi utilizada no simulacro mais antigo (1703) e esteve em uso até 1780, abrangendo as três categorias (1, 2 e 3) de simulacros (figs. 5, 10–13).

(b) simulacros cujos membros foram, salvo raras exceções, revestidos com o mesmo material utilizado no rosto (tecido, gesso, madeira (?) ou cera). Alguns simulacros possuem aberturas nos membros através das quais é possível observar as relíquias no interior, enquanto noutros os ossos estão totalmente ocultos. Esta variante é tardia, em uso entre 1770 e 1870 estando, por isso, associada à terceira categoria (3) de simulacros (figs. 14–17).



**Figs. 10 e 11** – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor das rendas metálicas e gazes aplicadas nos membros superiores e inferiores, respetivamente, do simulacro do corpo do santo mártir Marcos (1704), palácio Mateus, Vila Real. © Joana Palmeirão



**Figs. 12 e 13** – Fotografias de pormenor das rendas metálicas nos membros superiores e inferiores, respetivamente, do simulacro do corpo do santo mártir Clemente (1778-80), santuário do Bom Jesus do Monte, Braga. © Joana Palmeirão



**Figs. 14 e 15** – Fotografias de pormenor do tecido no rosto e nos membros superiores e inferiores do simulacro do corpo da santa mártir Felicidade (1770-1800), igreja do extinto convento de santo António dos Capuchos, Guimarães. © Joana Palmeirão



**Figs. 16 e 17** – Fotografias de pormenor das aberturas nos membros inferiores e superiores, respetivamente, do simulacro do corpo do santo mártir Bonifácio (s.d.), igreja de são Nicolau, Lisboa. © Joana Palmeirão

Segundo pesquisas recentes desenvolvidas pelo investigador italiano Massimiliano Ghilardi, a partir do pontificado de Clemente XVI (p. 1769 - m. 1774) e durante o de Pio VI (p. 1775 - m. 1799), a maioria dos simulacros importados e exportados para veneração foram produzidos no atelier, em Roma, de Antonio Magnani (n. 1743 - m. 1808) – médico cirurgião e modelador de cera (*ceroplasta*) –, natural de Sorano (Itália) (Ghilardi, 2013, 2017, 2018b, 2019b, 2019a). O sacristão pontifical e bispo de Porfírio (*sagrista del Papa*)<sup>150</sup> encomendava diretamente a manufatura dos simulacros a Antonio Magnani<sup>151</sup>, que viria a tornar-se cirurgião pontifício (*chirurgo pontificio*). Devido à sua atividade como *recompositor dos restos esqueléticos catacumbais* (*ricompositore di resti scheletrici catacombali*), Magnani foi nomeado “Restaurador de Corpos Santos da Capela Pontifícia” (*Ristauratore de’ Corpi Santi della Cappella Pontificia*), cargo oficialmente criado para ele e extinto após a sua morte (Ghilardi, 2019b, p. 39).

As produções de Magnani rapidamente se espalharam pela Europa e Américas, com grandes parecidozas entre si, como explica Ghilardi:

*A partir de então, por quase quarenta anos, um número impressionante de corpos santos saiu de suas mãos, todos eles substancialmente idênticos em suas poses, caixas, decorações e roupas, quase como se fosse uma produção em série produzida em escala industrial*<sup>152</sup>.

A única variante, como descreve Ghilardi, residia nas vestes dos mártires: os corpos de sexo masculino vestiam vestes militares romanas como soldados de Cristo (*milites Christi*), com armadura, espada e capacete emplumado decorado com escamas; enquanto os de sexo feminino, esposas de Cristo (*sponsae Christi*) e virgens, eram representados com vestidos longos e delicados com motivos florais. Independentemente do sexo, as crianças eram vestidas com túnicas curtas. Homens,

---

<sup>150</sup> Primeiro foi Francesco Saverio Cristiani (n. 1729 - m. 1800), sacristão entre 1782 e 1800 e, mais tarde, Giuseppe Bartolomeo Menocchio (n. 1741 - m. 1823), sacristão entre 1800 e 1823 (Catholic-Hierarchy, n.d.; Ghilardi, 2018b; Malvestiti, n.d.) (atente-se Apêndice I).

<sup>151</sup> Segundo Ghilardi (2018b), o cirurgião demorava cerca de um mês e meio de trabalho.

<sup>152</sup> Tradução livre do original: *Da allora, per quasi un quarantennio, dalle sue mani uscirono un numero impressionante di corpisanti, tutti sostanzialmente identici tra loro nelle pose, nelle casse, negli apparati decorativi e nelle vesti, quasi si fosse trattato di una produzione seriale prodotta su scala industriale* (2017, p. 207).

mulheres e crianças possuíam ainda mantos de cor azul-celeste decorados com estrelas metálicas<sup>153</sup> (2019b, pp. 45–50).

Embora Massimiliano Ghilardi atribua a Antonio Magnani o papel de *inventor de corpos santos em ceroplástica* (*‘inventore’ dei corpisanti in ceroplastica*), os seus primeiros simulacros não foram produzidos em cera<sup>154</sup>. De facto, quando se compara os exemplares estudados por Ghilardi<sup>155</sup> com os casos de estudo nacionais, são todos produzidos em tecido (e não cera), sendo este elemento visível no rosto e nos membros superiores e inferiores. Em Portugal foram imediatamente identificados quatro exemplares: santo mártir Clemente<sup>156</sup> (1770-1800), em Bujões; santos mártires Felicidade (1770-1800) e Fortunato (1787), em Guimarães; e santo mártir Bonifácio (1790), na Lixa<sup>157</sup> (figs. 18–21).

---

<sup>153</sup> Atente-se ao estudo detalhado do simulacro do santo mártir Fortunato (subcapítulo 6.3.4, parte III).

<sup>154</sup> Isto é igualmente confirmado pelo autor quando afirma que o primeiro *corposanto* produzido por Antonio Magnani foi o de santa *Felicissima*, exumada em 1769 do cemitério de santa Ciriaca e enviada para Sorano em 1772 (Ghilardi, 2019b). O simulacro da santa mártir foi originalmente representado na primeira posição (I), ou seja, deitada lateralmente sobre o seu lado direito com o cotovelo apoiado sobre as almofadas e a cabeça assente sobre a mão do mesmo braço. Como observado *supra*, estes exemplares não eram representados em cera. Em contrapartida, os modelos em ceroplástica assumiam a terceira posição (III), jacentes (decúbito dorsal), com a cabeça apoiada sobre as almofadas. Atualmente, o simulacro de santa *Felicissima* está localizado na *Collegiata di San Niccolò* (Sorano) e assume a terceira posição descrita, fruto de *uma recomposição integral que mudou completamente e distorceu a sua aparência original (una integrale ricomposizione che ne ha completamente modificato e stravolto l’aspetto originario)*, como explica Ghilardi. O autor refere também que o rosto da santa é composto por uma máscara de gesso (*pesante maschera in gesso*) (Ghilardi, 2019b, pp. 37–38; Sclano, 2009). Segundo Ghilardi, o último *corposanto* produzido por Magnani foi o da santa *Fortunia* enviado para Poggio Cinolfo (Itália), em 1808 (2018, 2019b).

<sup>155</sup> Reitera-se o sincero agradecimento ao investigador Massimiliano Ghilardi por partilhar as suas descobertas e permitir a publicação das fotografias, por ele recolhidas, dos simulacros produzidos por Antonio Magnani.

<sup>156</sup> Com base no estudo comparativo realizado na presente investigação foi possível atribuir uma nova datação ao simulacro do santo mártir Clemente que, até à data da sua inventariação, estava datado de 1626. À luz das evidências históricas e documentais aqui apresentadas, esta data era inexequível. Assim, assume-se, como data provável, a sua produção entre 1770-1800. A mesma datação foi atribuída ao simulacro da santa mártir Felicidade (Guimarães).

<sup>157</sup> Durante esta pesquisa foi encontrada uma página *online* com fotografias e informações relativas a um santo mártir Vicente, em La Malahá (Granada) (Amezcuca, 2014; RTVE, 1977). As semelhanças entre este simulacro e os vários exemplares inventariados em Portugal da segunda metade do século XVIII como, por exemplo, os simulacros dos santos mártires Fortunato (Guimarães) e Bonifácio (Lixa), são evidentes.



**Figs. 18 e 19** – Esquerda: simulacro do corpo da santa mártir Felicidade (1770-1800), igreja do extinto convento de santo António dos Capuchos (Guimarães). © Joana Palmeirão. Direita: *corposanto di santa Clementina, Parrocchia dei Ss. Quirino e Michele Arcangelo (Correggio, Itália)*. Foto gentilmente cedida por Massimiliano Ghilardi



**Figs. 20 e 21** – Esquerda: simulacro do corpo do santo mártir Fortunato (1787), igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (Guimarães). © Joana Palmeirão. Direita: *corposanto di san Fidele, Chiesa di San Filippo Neri (Montefiore dell'Asso, Itália)*. Foto gentilmente cedida por Massimiliano Ghilardi

Os estudos inéditos de Massimiliano Ghilardi reconheceram também a predominância de *corpi santi* exumados da catacumba de santa Ciríaca, que eram posteriormente montados pelo médico cirurgião (Ghilardi, 2019b). Assim, depreende-se que o corpos acima identificados foram, também eles, exumados do cemitério de santa Ciríaca<sup>158</sup>.

---

<sup>158</sup> Subentende-se, também, pela informação de Ghilardi, que esta catacumba estaria sob a jurisdição do sacristão pontifical.

Um outro simulacro em Portugal foi também identificado como uma produção de Antonio Magnani. O corpo do santo mártir Justino (Barcelos) foi adquirido junto do papa Pio VI (p. 1775 - m. 1799), no ano de 1793<sup>159</sup>, tendo sido, também ele, exumado da catacumba de santa Ciríaca. Embora o pontificado, a datação e a exumação coincidam com as restantes produções de Magnani, a materialidade e composição formal do simulacro distinguem-no dos casos anteriormente identificados<sup>160</sup>. Sabe-se, no entanto, que foi Antonio Magnani a produzir o simulacro, pelo simples e quase impercetível facto de que no registo do santo (estampa devocional), pertença da casa da Espregueira, surge, no canto inferior esquerdo, a subscrição: *A. Magnani Vest.*, confirmando inequivocamente a sua montagem no atelier do cirurgião<sup>161</sup> (figs. 22 e 23).

Massimiliano Ghilardi crê, no entanto, que terá sido Magnani a abrir as portas para a produção de “relicários” em ceroplástica, os quais viriam a surgir em maior número a partir dos finais do século XVIII e perdurariam até à segunda metade do século XIX:

*O artista superou-se. O mercado da santidade em ceroplastia, graças também à estreita colaboração entre médicos e modeladores de cera, após as primeiras experiências de Magnani, explodiu na primeira metade do século XIX, favorecendo o desenvolvimento de uma próspera economia relicária - gerida pelas hierarquias eclesiásticas - ainda hoje ignorada por historiadores económicos do início da era moderna. Os corpos santos das catacumbas romanas - esqueletos anónimos sem passado e, sobretudo, sem qualquer hagiografia, mas que simulavam na cera a podridão da carne associada à santidade martirizada - conquistaram assim, de forma esmagadora, uma identidade visual tangível, representando nas comunidades dos fiéis que os solicitaram e os acolheram como*

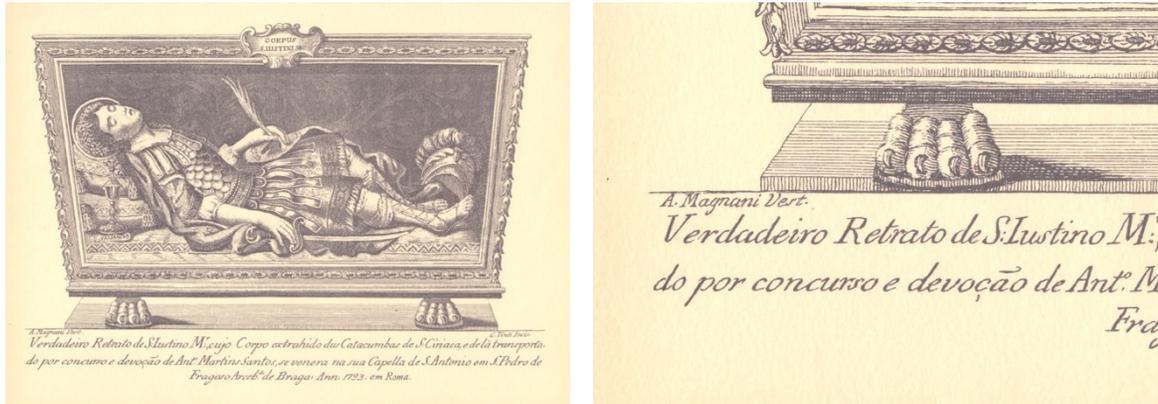
---

<sup>159</sup> Consta que o irmão do fundador e proprietário da capela e da casa da Espregueira, Mateus Martins dos Santos (também ele fundador e padroeiro da capela), que viveu muitos anos em Roma, era *amigo do papa*, quem, por sua vez, não só lhe ofereceu para a capela *imensas Indulgencias, Graças e Privilegios, raramente concedidos*, como lhe concedeu *o corpo de São Justino, o qual foi acompanhado, desde Roma, e até ser collocado na Capella, pelo dito Mathens Antonio dos Santos* (J. Passos, 2020, pp. 7–8; E. de C. de C. A. Soares, 1938, pp. 9–10) (o sublinhado é original). Reitera-se o agradecimento à senhora Maria Guilhermina Espregueira, proprietária da casa da Espregueira, por permitir o registo fotográfico do santo, por partilhar toda a documentação na sua posse (incluindo a gravura e as fontes citadas) e consentir a sua publicação na presente tese.

<sup>160</sup> Além do revestimento (aparentemente) em gesso, no rosto e nos membros inferiores e superiores, o simulacro apresenta algumas diferenças significativas com os outros exemplares de Magnani, em particular ao nível da posição (ex.: mão esquerda e pernas) e da decoração das vestes. Confronte-se ficha de inventário n.º 43 (Apêndice V).

<sup>161</sup> Perante os factos, assume-se a hipótese de o simulacro ter sido alvo de uma intervenção ou *recomposição integral* (recorrendo às palavras de Ghilardi), no passado, embora a mesma não seja do conhecimento dos proprietários atuais. O simulacro do santo mártir Justino voltará a ser alvo de análise no subcapítulo 7.4.6. (parte IV).

santos padroeiros uma presença real da época heroica do cristianismo primitivo e um vínculo essencial com Roma, centro indiscutível da apostolicidade da Igreja antiga e moderna<sup>162</sup>.



**Figs. 22 e 23** – Esquerda: cópia da estampa devocional (gravura) do simulacro do corpo do santo mártir Justino (capela privada da casa da Espregueira, Barcelos). Direita: pormenor da subscrição no canto inferior esquerdo. Documento gentilmente cedido pela proprietária da casa da Espregueira

<sup>162</sup> L'artista aveva superato se stesso. Il mercato della santità in ceroplastica, grazie anche alla stretta collaborazione tra medici e ceroplasti, dopo le prime sperimentazioni di Magnani, esplose nella prima metà dell'Ottocento, favorendo lo sviluppo di una fiorentissima economia reliquiale – gestita dalle gerarchie ecclesiastiche – ancora oggi ignorata dagli storici dell'economia della prima età moderna. I corpisanti delle catacombe romane – anonimi scheletri senza passato e, soprattutto, senza alcuna agiografia ma che simulavano nella cera l'imputrescibilità della carne associata alla santità martiriale – conquistarono così in modo prepotente una tangibile identità visiva, rappresentando nelle comunità dei fedeli che li richiesero e li accolsero quali santi patroni una presenza reale dell'età eroica del primitivo cristianesimo ed un legame imprescindibile con Roma, centro indiscusso dell'apostolicità della Chiesa antica e moderna (2017, pp. 208–209).

**PARTE II**

***CORPI SANTIEM PORTUGAL***

## 5. Inventário nacional de santos mártires catacumbais

*Muito deve a Igreja Lusitana à providencia de Deos, pois permittio fosse ella das primeiras de Hespanha, que se enriquecesse com o precioso thesouro dos veneraveis corpos dos Santos. Como Portugal em todo este tracto Hispanico foy o primeiro Reino, que abraçou a Fé de Christo, era justo que tambem o fosse na posse, e veneraçã das inestimaveis Reliquias, verdadeiros penhores da eternidade.*

(J. B. de Castro, 1747, pp. 304–305)

Não obstante, a existência em Portugal dos restos mortais dos santos mártires catacumbais estar assinalada desde os finais do século XVI, não se dispunha até à data de qualquer inventário ou listagem que asseverasse a sua existência e localização. Em 2001, José Adriano de Freitas Carvalho escreveu que não estava ainda feito:

*nem, talvez, sequer começado – 'um' (não 'o') inventário, ainda que genérico, das relíquias – de santos, mártires, beatos e veneráveis e de gente como tal venerada – que, ao longo dos tempos (...) foram chegando e por aqui [Portugal] se foram fixando ou dispersando, e sempre comovendo – durante muito ou pouco tempo, lembradas ou esquecidas –, a piedade de todos (...)*<sup>163</sup> (2001, p. 95).

---

<sup>163</sup> Desde então surgiram alguns trabalhos de investigação relevantes para o tema. Exemplo disso são: a tese de doutoramento de Rosa Maria dos Santos Capelão (2011a) direcionada ao culto das relíquias em Portugal entre os séculos XVI e XVII, e as teses de mestrado de Marta Isabel Romão Saloio (2016) sobre relicários dos séculos XVI e XVIII produzidos em Portugal, e de João Francisco Brites Grave (2021) sobre relicários portugueses em metal dos séculos XVII e XVIII. Muito embora cada tese foque uma tipologia ou período específicos, as três podem ser entendidas como um primeiro passo para a realização de um inventário nacional sem, obviamente, esquecer o trabalho excepcional de Jorge Cardoso (1652, 1657, 1666), mais tarde complementado por D. António Caetano de Sousa (1744) e o terceiro volume da obra de João Baptista de Castro (1747), que serão abordados mais adiante. Apesar de ser evidente um crescente interesse em torno do tema das relíquias e relicários em Portugal, o inventário destes bens ainda tem um longo caminho a percorrer, pelas dificuldades que um projeto desta envergadura acarreta – *Poderia mesmo programar-se um vasto projecto de investigação que, sistematicamente, começasse por passar a pente fino esse insigne e formidável depósito de saber e erudição que é o 'Agiológico Lusitano' - as crónicas monásticas..., as actas capitulares..., as colecções de memórias edificantes e as monografias de história local podem igualmente fornecer preciosas pistas - e, depois, fosse inventariando..., datando..., estabelecendo ou tentando estabelecer origens e doadores de relicários e tesouros de relíquias de catedrais..., colegiadas..., igrejas paroquiais..., casas religiosas..., pequenas capelas públicas ou senhoriais...,etc.* (J. A. de F. Carvalho, 2001, p. 97) –, sem esquecer os terríveis acontecimentos que afetaram o

Foi no sentido de colmatar (em parte) essa falta, que a presente investigação propôs, como um dos objetivos principais, a realização do inventário dos corpos dos santos mártires que de Roma chegaram a Portugal. Ainda que se trate de uma parcela muito pequena do que seria *um inventário* das inúmeras relíquias *de santos, mártires, beatos e veneráveis e de gente como tal venerada* em território nacional, conseguiu alcançar-se um número considerável de “corpos santos” que, até à data, eram desconhecidos ou mal identificados. Pretende-se, acima de tudo, – e apesar de inacabado<sup>164</sup> –, que este inventário venha a ser um contributo para o(s) corajoso(s) investigador(es) que venha(m), no futuro, assumir esse projeto hercúleo que, nas palavras de José de Freitas Carvalho, seria obter *um autêntico relicário nacional* (J. A. de F. Carvalho, 2001, p. 97).

Para a realização do presente inventário recorreu-se, numa primeira fase, a diversas obras históricas, entre elas os quatro volumes do já citado “Agiologio Lusitano...”; o terceiro e quinto volumes (1747, 1758) do “Mappa de Portugal” do Pe. João Baptista de Castro, mais concretamente os capítulos *VI. Das Sagradas Relíquias mais notáveis, que se veneraõ em alguns Santuarios deste Reino*<sup>165</sup> (1747, pp. 304–378) e *II. Da Cidade de Lisboa*<sup>166</sup>, respetivamente, constituindo a obra historiográfica de Agostinho

---

país, como o grande terramoto de Lisboa (1755), as três invasões francesas (1807-11), a extinção das Ordens Religiosas (1834) e a subsequente secularização dos seus bens e venda em hasta pública, e a Implantação da República (1910), entre outros acontecimentos de origem natural (catástrofes) ou humana (vandalismo, roubo), etc. Todos estes acontecimentos levaram, num determinado período ou local, à destruição, perda ou extravio de documentação valiosa sobre a trasladação e autenticidade de inúmeras relíquias, bem como à destruição, corrupção ou desaparecimento deste *precioso thesouro*, como se verá ao longo do presente capítulo.

<sup>164</sup> Ainda que se tenha dedicado quatro anos de investigação neste inventário nacional, dificilmente se pode assumir que esteja concluído. As razões para tal são variadas e serão abordadas ao longo do presente capítulo, sendo a imensidão de capelas privadas pertencentes a casas senhoriais em Portugal, entre os séculos XVIII e XIX, – muitas, lamentavelmente, em situação de abandono –, talvez a principal delas.

<sup>165</sup> Este capítulo pode ser interpretado como o segundo inventário nacional de relíquias em Portugal, sendo o primeiro o já referido “Agiologio Lusitano...”. A particularidade da obra de João Baptista de Castro incide na descrição de relíquias e relicários existentes por todo o país antes do grande terramoto de 1755. Muitas destas relíquias viriam, inclusive, a ser destruídas no terramoto ou nos incêndios subsequentes, como se verá *infra*. De grande valor histórico-documental, embora de menor importância para a presente investigação, é também o capítulo *VII. Das Imagens milagrosas*, do mesmo autor (J. B. de Castro, 1747, pp. 379–446).

<sup>166</sup> São de particular importância as referências do autor às consequências do grande terramoto de Lisboa no dia 1 de novembro de 1755, o qual levou à destruição e desaparecimento de inúmeras obras de imaginária e relíquias pertencentes a igrejas, conventos e mosteiros. Veja-se, a título de exemplo, o que o autor escreveu a respeito das *Imagens de vulto* e os *corpos inteiros* dos santos Liberato e Bono, pertencentes ao convento da *Santíssima Trindade*, na freguesia do *Santíssimo Sacramento*, a qual foi fortemente abalada pelo terramoto: *350 Achava-se elle [convento] quasi na ultima perfeição*

Rebello da Costa (1789) um testemunho da presença de corpos santos e outras relíquias insignes na cidade do Porto; o primeiro volume da obra de Boaventura Maciel Aranha intitulada “Cuidados da morte, e descuidos da vida...” (1761); a coleção “Corografia Portuguesa...” de António Carvalho da Costa (1706-12); a coleção “Portugal antigo e moderno...” (1873-1890) da autoria de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, pelas informações que nela constam sobre as cidades, vilas, freguesias e aldeias de norte a sul de Portugal; o semanário “Archivo Pittoresco”; várias “Memórias” (incluindo as paroquiais de 1758); histórias eclesiásticas; guias histórico-artísticos e monografias de história local, entre outras obras, cujas referências irão sendo indicadas ao longo deste capítulo.

Para um estudo mais direcionado, mais concretamente sobre os corpos santos pertencentes a extintos conventos e mosteiros, irmandades ou confrarias recorreu-se, quando possível, aos livros de inventário, atas da Mesa, livros de despesa e receita, livros de registo de esmolas, registos de milagres e missas, registos de pagamento, entre outros documentos, assim como aos certificados de autenticidade (autênticas) quando existentes. Todos estes documentos foram consultados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), nos Arquivos Municipais, nos Arquivos das Irmandades e no Archivio Apostolico Vaticano (AAV), os quais serão referenciados na devida altura. Os “Inventários de extinção” (pós-1834) na versão digital (<http://digitalq.arquivos.pt>) e o “Inventário Artístico de Portugal”, nas versões impressa e CD-ROM, foram também alvo de análise, assim como as fichas do inventariante José Bénard Guedes Salgado, pertença do “Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra”<sup>167</sup>. Não menos importante, foi a

---

*reputado entre os magníficos da Corte, quando aos violentos impulsos do sempre memoravel tremor de terra cedendo a grandeza do edificio, em breves minutos se vio prostrado (...) acabando de transformar tudo em cinzas o implacavel incendio, que immediatamente lhe suocedeo. Consumiraõ-se nesta lamentavel desgraça mais de cem Imagens de vulto, que ornavão os dezoito Altares da Igreja. (...) 351 Não ficou sendo menos deploravel a perda de innumeraveis Reliquias, que occupavaõ, e enchiaõ quatro Altares; entre as quaes erão preciosas as de dous corpos inteiros de S. Liberato, e S. Bono: hum Santo Lenho de meyo palmo de alto, e hum dedo polegar de largo: hum espinho da Coroa do Senhor, e o Sudario santo tocado no verdadeiro (...)* (J. B. de Castro, 1758, pp. 680–681).

<sup>167</sup> Os inventários dos Bens Culturais da Igreja, disponíveis *online* (<https://bensculturais.inwebonline.net/>) foram igualmente consultados. As Comissões de Arte Sacra das diversas dioceses foram também contactadas. Infelizmente o seu contributo foi diminuto na medida em que apenas um simulacro (são Fiel mártir) se encontra devidamente inventariado nos referidos inventários. Facto que reforça a urgência na realização do inventário nacional inicialmente proposto.

consulta das coleções de “Registos de Santos” (estampas religiosas de pequeno e médio formato)<sup>168</sup>, pertencentes à Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), ao Acervo do Museu dos Biscainhos (AMB) e a arquivos privados, que vieram a tornar-se uma fonte de grande valor para o inventário nacional. As coleções de ex-votos pintados<sup>169</sup>, em particular as privadas, foram também analisadas, como testemunhas de um culto vivo em torno destes corpos. Estes e outros recursos bibliográficos constituíram fontes de informação vitais, sem as quais não teria sido possível chegar ao nível de inventariação alcançado. Além das fontes referidas, o contacto (via telefone ou e-mail) com os sacristãos e párocos, assim como as conversas com populares, fiéis e proprietários privados foram igualmente relevantes para o estudo em questão, uma vez que a partilha oral é, por vezes, o único meio de recolha de factos curiosos, lendas e crenças locais.

Um último recurso, que permitiu uma pesquisa direcionada, foi a *blogosfera*, ou seja, os populares *blogs* pessoais e os *blogs* temáticos. De facto, a consulta destes recursos eletrónicos tornou possível a descoberta de alguns exemplares<sup>170</sup>, bem como estampas, festividades e lendas a eles associados, desconhecidas nas fontes supracitadas. Não obstante, dado o perfil não académico e sem validação científica deste recurso, a informação recolhida foi escrupulosamente analisada.

---

<sup>168</sup> Os «registos» (...) caracterizam-se pela representação de vultos do agiologio, por meio de gravuras, abertas em madeira ou placa de cobre, estampas essas que os fiéis adquirem como recordação, a trôco de donativo lançado na salva da igreja, quando da festividade consagrada à imagem ali figurada e erecta no mesmo templo (...) Demonstam o cuidado com que foram executados por apreciados gravadores, tais como Debrie, estrangeiro que residiu com demora neste país, António Joaquim Padrão, Raimundo Joaquim da Costa, lente da cadeira de desenho da Academia Politécnica do Pôrto, e outros reputados cultores da arte de buril (G. C. Leite, 1939, p. 50). A título de curiosidade, Raimundo Joaquim da Costa (n. 1778 - m. 1862) foi autor da maioria das estampas recolhidas durante o inventário e datadas do século XIX. Sobre os “registos de santos” veja-se também Goulão, 1995.

<sup>169</sup> Entenda-se aqui ex-voto pintado ou *quadro ex-voto*, as pequenas pinturas sobre madeira ou tela (mas também sobre papel ou outros materiais, consoante a cronologia), oferecidas e colocadas pelos crentes junto aos altares, em troca de um milagre ou intercessão do santo, após uma súplica. Uma pequena legenda acompanha a cena pintada do momento da intercessão identificando, na maioria das vezes, o crente a quem foi concedido o milagre, a doença ou maleita, o santo e a data. *Em Portugal, a inscrição começa geralmente pela expressão MILAGRE QUE FEZ* (N. C. Guedes et al., 2004, fig. 498). Sobre os ex-votos veja-se, também, Cabral, 1989a.

<sup>170</sup> A título de exemplo, os simulacros de são Fiel (Louriçal do Campo) e de são Clemente (Bujões) foram encontrados (e inventariados) por intermédio dos *blogs* “Louriçal do Campo” de Carlos Domingues (2010) e “Bujões - Memórias e Personagens” do historiador José Ventura Paula (2012), respetivamente.

### 5.1. *Corpi santi* em Portugal: ossos desmontados ou simulacros?

Se bem que a investigação se tenha focado, inicialmente, no período de três séculos (séculos XVII, XVIII e XIX), este acabaria por se ver reduzido aos dois últimos séculos. Esta decisão deveu-se à inexistência – mais tarde confirmada<sup>171</sup> e comprovada *infra* –, de simulacros em Portugal antes do início do século XVIII. Esta conclusão não foi, de todo, imediata. Aliás, a leitura das fontes supracitadas, em particular das obras de Jorge Cardoso e de João Baptista de Castro, gerou algumas dúvidas, como se exemplificará de seguida.

Segundo consta no primeiro volume do “Agiologio Lusitano...”: em 1600 e 1610, a igreja do convento Franciscano das Chagas em Vila Viçosa recebeu *tres corpos inteiros, a saber S. Hilario B. & M.[.] S. Clemente Martyr, & o da gloriosa S. Anastacia, que todos forão trazidos a elle com solemne procissão, & pompa*, os quais foram obtidos em Roma por D. José de Melo, agente na Cúria Romana (1604-08), e arcebispo de Évora (1611-33) (J. Cardoso, 1652, p. 530(b), 26 de fevereiro). Sobre o corpo de santo Hilário, Cardoso escreveu ainda que *seu miraculoso corpo foi tirado do cemiterio de Calixto, no Pontificado do Papa Paulo V. [p. 1605 - m. 1621] com expressa licença sua, & trasladado com grande applauso, & regozijo por D. Ioseph de Mello a este observante convento, onde se venera no choro com outras sanctas reliquias religiosissimamente* (J. Cardoso, 1657, p. 482(b), 9 de abril). Por sua vez, o Pe. João Baptista de Castro no seu “Mappa de Portugal” escreveu que *no Mosteiro das Chagas existem os veneraveis corpos de trez Santos Martyres, a saber Santo Hilario, S. Clemente, e Santo Anastasio*<sup>172</sup> (1747, p. 376, 74 Villa Viçosa).

Embora as expressões utilizadas por ambos os autores – *veneraveis corpos* ou *corpos inteiros (...)* de *Santos Martyres*<sup>173</sup>, – possam sugerir serem estes os primeiros esqueletos *inteiros*, exumados dos cemitérios

---

<sup>171</sup> Reveja-se nota n.º 113.

<sup>172</sup> Embora se denote um equívoco na identificação do sexo, as relíquias de santo/a Anastácio/a surgem sempre com as dos santos Hilário e Clemente, o que sugere tratar-se do mesmo corpo santo.

<sup>173</sup> As referências anteriores dizem respeito às relíquias de santos catacumbais procedentes do cemitério de São Calisto e enviadas para a igreja de São Roque (Lisboa) em 1594, por intermédio do provincial de Portugal, Pe. João Álvarez que se encontrava em Roma, após ter sido chamado pelo papa Clemente VIII (p. 1592 - m. 1605), para assistir à assembleia eleitoral da Companhia de Jesus: *Evidentemente, o Papa fez disso uma ocasião para permitir a ‘extração’ da catacumba de São Calisto, para que os Padres que partiam, depois da ‘Comitia’, levassem de volta as relíquias para as suas províncias* (tradução livre do original: *Evidently the Pope made it an occasion for permitting ‘extraction’ from the catacomb of St. Callixtus, so that the departing Fathers, after*

subterrâneos de Roma e enviados para Portugal, possivelmente em recetáculos de tamanho natural, no “Inventário Artístico de Portugal” a informação é contraditória, já que Túlio Espanca escreveu que no distrito de Évora existiam:

*uma caixa de madreperola, engastada em prata, com relíquia de S. Clemente Mártir, oferecida por D. João de Melo e Castro, quando bispo de Silves, e outra com relíquias de Santo Anastácio, dada pelo mesmo, sendo já Arcebispo de Évora e Inquisidor Geral do Reino; um cofre de tartaruga, guarnecido de prata, contendo relíquias de Santo Hilário (...)* (Academia Nacional de Belas Artes, 2000).

Os vários acontecimentos socio-político-económicos que abalaram Portugal nos últimos três séculos levaram ao desaparecimento e à destruição de muitas relíquias insignes e, em casos muito concretos, a danos irreparáveis destes espólios sagrados<sup>174</sup>. Assim, de forma isolada, esta informação poderia indicar serem estas *reliquias* quiçá sobreviventes do que em tempos foram os esqueletos inteiros dos santos catacumbais. Porém, quando esta informação é analisada juntamente com a descrição de Jorge Cardoso a respeito do *corpo* de são Clemente – que este se guardava *em cofre com grande veneração, na capella do choro, com outras sanctas reliquias* (1657, p. 56 (b), 5 de março) –, tem-se a confirmação de que se trataria de um relicário de pequenas dimensões<sup>175</sup>, com materiais de qualidade e de custo elevado. Isto é, ainda, confirmado na descrição *infra*:

---

*the ‘Comitia’, should take back relics to their provinces* (Telfer, 1932, p. 170)). Muitas mais relíquias terão chegado a são Roque como se presume da leitura da mesma obra: *Aparentemente ainda havia mais relíquias catacumbais por vir, trazidas pelos delegados que retornavam de Roma* (tradução livre do original: *Apparently there were still more catacomb relics to come, brought by the returning delegates from Rome* (Telfer, 1932, pp. 168–170)). Referências ainda mais antigas são as *inestimáveis relíquias* dos santos mártires Silvano, Ciriaco e Rufino trazidas pelo conde de Vila Franca, D. Manuel da Câmara, a ele oferecidas pelo papa Gregório XIII (p. 1572 - m. 1585) *em reconhecimento de certo donativo, que offereceo à Igreja; para as guerras que trazia naquelle tẽpo*, as quais *se guardão em cofres de vidraças* no seu oratório em Viana do Castelo. Neste último caso, não foi possível confirmar a data em que chegaram ao Reino – *o anno se ignora, mas como o ditto Pontifice foi creado a 13. de Maio de 1572 i este illustre Heroe falleceo no de 1580. julgamos que veria neste intermedio, com as dos Sanctos Martyres Cyriaco e Rufino* (J. Cardoso, 1666, pp. 75(b), 84-85(b), 5 de maio) –, nem sequer se sabe se foram retiradas das catacumbas de Roma. Importa, no entanto, assinalar que, desde a notícia da redescoberta das catacumbas (1578), parece terem sido estas relíquias as primeiras (noticiadas), com destino a Portugal.

<sup>174</sup> Túlio Espanca escreveu, inclusive, que o distrito de Évora *foi dos mais sacrificados com o saque e imposto da guerra do tempo de Junot, em 1807-1808 (...)* (1975, p. XXXIII).

<sup>175</sup> Como observado anteriormente, os simulacros dos santos mártires eram colocados no interior de relicários de grandes dimensões denominados de “urnas(-relicário)” (por vezes, também, de “caixões”, “caixas” ou “maquinetas”). Por conseguinte, a expressão “cofre”, por norma de menores dimensões, diz respeito aos relicários utilizados para a

*Além destas Relíquias, tem o corpo de S. Venancio Martyr, de quem se faz menção no Agiologio, a 18 de Mayo; o corpo de Santa Eufemia, Virgem Martyr, e Relíquias insignes de Santa Luzia, Virgem Martyr; de S. Donato Martyr; de S. Urbano Martyr; de Santa Peregrina, Virgem Martyr; e S. Maximo Martyr, e todas estão em cofres decentes de evano, com crystaes guarnecidos, outros de tartaruga, e marfim, obra de todo o primor* (A. C. de Sousa, 1744, p. 466, 6 de agosto).

Descarta-se, assim, a possibilidade dos *corpos* dos santos mártires Hilário, Clemente e Anastácia/o serem os primeiros simulacros a chegar a Portugal.

Um outro exemplo diz respeito aos quatro corpos dos santos Caio, Vital, Teodora e Cristina, exumados das catacumbas de Calisto no mesmo pontificado do papa Paulo V (p. 1605 - m. 1621) e com breve passado a 8 de setembro de 1620 (J. Cardoso, 1657, pp. 678-679(b), 22 de abril; 387(b), 1 de abril). Os seus *corpos* foram trazidos para Portugal no mesmo ano<sup>176</sup> a expensas de Heitor de Sela Falcão<sup>177</sup>, arcediogo de Braga e sobrinho do fundador do (extinto) mosteiro de santa Clara ou convento de são Luís de Pinhel (Guarda), onde foram depositados *em particular capella, fabricada para o intênto no claustro* (J. Cardoso, 1657, pp. 741(b), 28 de abril; J. B. de Castro, 1747, pp. 363–364, 54 Pinhel). Embora os autores supracitados tenham utilizado as expressões *sagrado corpo...*, *corpo de...*, *corpos inteiros de Santos*, o que poderia indicar, à semelhança do caso anterior, terem sido enviados para Portugal em recetáculos de corpo inteiro ou simulacros, Augusto Pinho Leal esclarece a dúvida:

---

colocação dos ossos desmontados, mesmo que pertencentes a um esqueleto completo. Por sua vez, o cofre era produzido em metais preciosos e munido de fechadura (N. C. Guedes et al., 2004; Hahn, 2012).

<sup>176</sup> O corpo de santa Cristina foi oferecido, no ano de 1604, pelo papa Clemente VIII (p. 1592 - m. 1605) ao marquês de Vilhena e embaixador de Castela na Cúria Romana, D. João Pacheco, *e da sua mão passou à de Joaõ Corbo* que, por sua vez, ofereceu o corpo a Heitor de Sela Falcão que o depositou no convento de são Luís em Pinhel (A. C. de Sousa, 1744, p. 272(b), 24 de julho). Apesar de não constar a data da deposição do corpo da santa no referido convento, supõe-se que a trasladação tenha decorrido no ano de 1620 com os restantes corpos santos. A título de curiosidade, deixa-se aqui a informação de que no convento de são Francisco em Tentúgal (diocese de Coimbra) *se conserva com decente veneraçãõ, dentro na Capella môr, na parede junto ao Altar da parte do Evangelho, em particular Sacrario buma grande parte da cana do braço, que está metida dentro de hum fermoso meyo corpo desta Santa [Cristina], que por industria de Fr. Luiz da Natividade, Guardiaõ daquelle Convento, alcançou do Mosteiro de São Luiz de Pinhel, onde se conserva seu corpo, com outros cinco* (A. C. de Sousa, 1744, p. 272(b), 24 de julho).

<sup>177</sup> Segundo Jorge Cardoso, vieram *seis corpos inteiros de Sanctos, que trouxe de Roma Heitor da Sela Falcão (...)* (1657, p. 387(b), 1 de abril), embora não especifique o nome dos outros dois. Estes vêm indicados na obra de Augusto Pinho Leal, como se verá de seguida.

*Houve n'este convento [Santa Clara] muitas reliquias, dadas pelo fundador—e grande parte dos corpos de seis santos—S. Cayo, papa e martyr—S. Marcello, tambem papa e martyr—S. Sixto e S. Vital, martyres—e Santa Christina e Santa Theodora, virgens e martyres. Foram estas reliquias dadas pelo arceediago Heitor de Sella Falcão, e estavam mettidas em um grande armario dourado, com 18 gavetas em 3 fileiras de 6, e com vidros para poderem ser vistas e veneradas pelos fiéis (1876, p. 86).*

Tem-se aqui, novamente, uma ideia de como seria o relicário onde estariam expostas as relíquias dos mártires catacumbais. Pinho Leal não só esclarece tratar-se de *grande parte dos corpos*, como explica que os mesmos foram colocados em gavetas envidraçadas à moda dos expositores para relíquias descritos por Carlos Borromeo nas suas “Instruções para a construção e mobiliário das igrejas” (“Instructiones fabricae et supellectilis ecclesasticae”) (Borromeo, 1985, veja-se em particular as pp. 32–38). Confirma-se, portanto, não serem estes (ainda) os primeiros simulacros a chegar a Portugal.

Perante esta análise<sup>178</sup>, facilmente se identificou nas obras “Agiologio Lusitano...” e “Mappa de Portugal”, entre outras, o recurso frequente a expressões como: *...o corpo de...*, *...os corpos inteiros de Santos...*, *...o sagrado corpo...*, *...os veneráveis corpos...*, etc. De facto, estas expressões nem dizem respeito aos ossos enviados dentro de recetáculos figurativos (*simulacra*)<sup>179</sup>, nem aos esqueletos inteiros dos santos mártires catacumbais<sup>180</sup>, como se veio a verificar nas palavras de Jorge Cardoso:

---

<sup>178</sup> Estes e outros exemplos podem ser consultados no Apêndice II.

<sup>179</sup> O mais provável é que tenham chegado a Portugal em pequenas caixas de madeira (atente-se nota n.º 110).

<sup>180</sup> Com base na descrição de Prosper Guéranger, durante a abertura dos lóculos no interior das catacumbas romanas, a recolha do esqueleto na íntegra era impraticável devido ao nível de fragilidade dos ossos, como se depreende da leitura: *Na abertura do túmulo, o corpo geralmente aparece deitado de costas; os ossos, em certo estado de depressão, mantiveram seu lugar, de modo que é fácil, com leves noções de anatomia, determinar a idade e até o sexo. (...) A consistência dos ossos é devida à maior ou menor humidade da atmosfera das várias criptas. Observou-se que aqueles com temperatura mais seca apresentam os corpos em um estado geralmente menos sólido; mas, em geral, na maior parte, uma porção mais ou menos considerável dos ossos cai em pó ao primeiro toque. O crânio, mandíbulas, ossos dos braços e pernas são as partes que geralmente mantêm a maior solidez; mas tudo é recolhido com igual respeito* (tradução livre do original: *A l'ouverture du tombeau, le corps apparaît ordinairement couché sur le dos; les ossemens dans un certain état de dépression, ont néanmoins gardé leur place, en sorte qu'il est facile, avec de légères notions d'anatomie, de déterminer l'âge et même le sexe. (...) La consistence des ossemens est en raison du plus ou moins d'humidité répandue dans l'atmosphère des diverses Cryptes. On a remarqué que celles dont la température est plus sèche présentent les corps dans un état généralement moins solide; mais dans toutes, pour l'ordinaire, une portion plus ou moins considérable des ossemens tombe en poussière au premier attouchement. Le crâne, les mâchoires, les os des bras et des jambes sont les parties qui gardent généralement le plus de solidité; mais tout est recueilli avec un égal respect* (1839, p. 16)).

*O que se ha de entender de algũas reliquias, q̄ lã ficassem, pois para nõs dizermos, q̄ possuímos seu corpo, não he necessario, q̄ esteja com todas partes integrantes. Verificãdo-se neste modo, possuir a nossa Metropolitana de Lisboa, o de seu patrono S. Vicēte, e S. Cruz de Coimbra, o de S. Theotónio: sendo que do primeiro vemos muitas reliquias nas mais das Cathedraes deste reino, e do segundo quasi todas pelos Mosteiros de sua Ordem (1657, p. 679(b), 22 de abril).*

Supõe-se, no entanto, que estas expressões começaram a ser utilizadas para distinguir entre as relíquias dos santos mártires exumados dos cemitérios subterrâneos de Roma<sup>181</sup> e as relíquias provenientes de outros locais.

A partir desta confirmação foi então possível dar início ao inventário nacional dos recetáculos modernos figurativos, de corpo inteiro e tamanho natural, ou simulacros dos corpos dos santos mártires catacumbais – abreviando o termo para “simulacro(s)”. Com base nas informações recolhidas (confronte-se Apêndices II, III e IV), o primeiro simulacro confirmado (e que ainda existe), a chegar a Portugal, foi o do santo mártir Peregrino, oferecido pelo Pe. Fr. João de Santa Teresa, da Congregação de Itália, a 19 de setembro de 1703, ao extinto convento dos Cardais (Lisboa) (Vieira & Raposo, 2003, p. 146).

A tabela no Apêndice IV engloba todos os simulacros inventariados ainda existentes<sup>182</sup> – inteiros ou danificados, originais ou alterados –, no período compreendido entre 1703 e 1870. Nos casos em que foi encontrada uma data associada à sua produção, à sua chegada a Portugal ou à sua transladação<sup>183</sup>, foi assumida a ordem cronológica, ficando para último os simulacros sem datação. Para um melhor entendimento da sua distribuição geográfica e quantidade, os exemplares foram

---

<sup>181</sup> Leia-se, a título de curiosidade, o que Jorge Cardoso escreveu sobre o corpo de santo Eugénio (1619): *De cujo Breve se colligem duas cousas. A primeira ser S. Eugenio 'Martyr', e não 'Confessor'. A segunda ser tirado seu Corpo do 'Cemiterio de Calixto', e não da Basilica de S. Pedro, aonde todos os Autores o fazem sepultado. A culpa disto (sem duvida) tem os Notarios, como pouco curiosos em seu officio, e menos experimentados, pois de quatro Eugénios que ouve na Igreja, não consta, que fosse algum Martyr, senão todos Confessores (1666, p. 505(b)).*

<sup>182</sup> Sobre os simulacros confirmados, mas que já não existem, como os dos santos mártires Plácido, Cândida e Vítor, entre outros, veja-se Apêndice III.

<sup>183</sup> Entenda-se aqui “trasladação” como o ato de deposição solene das relíquias numa igreja, capela ou altar, dando assim início ao culto público (da Igreja ou liturgia) ou privado (piedade popular ou devoções quotidianas).

distribuídos por diocese<sup>184</sup>. Assim, de um total identificado de cinquenta e quatro exemplares<sup>185</sup>, Lisboa e Porto foram as dioceses que mais receberam simulacros<sup>186</sup>.

Importa considerar que o envio dos simulacros entre 1703 e 1870 não foi contínuo. Com efeito, o rompimento das relações diplomáticas com a Santa Sé (1728-32<sup>187</sup>; 1760-70<sup>188</sup>; 1834-42), as dioceses

---

<sup>184</sup> Importa ter em atenção que vários simulacros estão atualmente descontextualizados e, por isso, localizados numa outra diocese que não aquela para onde foram trasladados originalmente. Estes casos estão devidamente assinalados, segundo consta na legenda que acompanha a tabela (Apêndice IV).

<sup>185</sup> Crê-se, no entanto, ser este número muito inferior ao número real de exemplares que vieram de Roma desde os inícios do século XVIII (e talvez ainda finais do século XVII). Segundo informação recentemente partilhada pela investigadora Gabriela Sánchez Reyes (dezembro de 2022), consta que existem inúmeros registos (nos Arquivos de Roma) de *corpi santi* enviados para Portugal.

<sup>186</sup> Um facto curioso é a ausência de simulacros no sul do país. Durante a investigação foram encontrados dois esqueletos, um no extinto convento do Salvador em Évora e outro na sé de Portalegre. Embora no primeiro tenha sido identificado um esqueleto quase completo e disposto, aparentemente, em posição anatómica, além de arames finos a envolver os ossos e um tecido adamascado sobre o esqueleto, este não apresenta uma montagem segundo os modelos aqui analisados. O exemplar em Portalegre é um caso interessante pela inscrição que consta no tampo da urna onde está exposto: *SACRUM CORPUS CUM VASE SANGUINIS RESPERSO ES INFRANCTO / SANCTI FIDELIS MARTIRIS EX CEMETERIO CALEPODII EXTRACTUM*. Embora a inscrição indique que o corpo de são Fiel foi retirado do cemitério de são Calepódio com o vaso de sangue quebrado, não vem referida a data da sua exumação ou transladação. As poucas peças ósseas que compõem o esqueleto estão dispersas sobre aglomerados de algodão juntamente com o suposto vaso de sangue, dentro de uma urna de madeira envidraçada. Esta foi encontrada em 2019 no interior do altar da capela de são Tiago do claustro da sé de Portalegre. Sobre a capela sabe-se, apenas, que foi erigida em 1790, tendo o altar recebido privilégio papal no dia 10 de março (P. Figueiredo & Matos, 2013). Quando aos restos mortais de são Fiel, não se sabe se foram colocados originalmente no altar da capela ou se já existiam na sé. Neste sentido, este pode tratar-se de um exemplar dos primeiros corpos santos enviados sem montagem ou, em último caso, ser um exemplar mais tardio, sinónimo de que o sul de Portugal não seguiu as tendências do norte e centro. Renova-se o agradecimento ao colega e consultor do projeto, José João Loureiro, por fazer chegar as informações sobre os dois esqueletos, e ao Pe. Bonifácio Bernardo por partilhar a descoberta do esqueleto de são Fiel.

<sup>187</sup> Rompimento das relações diplomáticas entre a Coroa e a Santa Sé por esta não atender ao pedido português de nomear como cardeal o núncio apostólico em Portugal. O novo núncio chegou a Lisboa a 17 de novembro de 1732, ano em que foram restabelecidas as relações diplomáticas (Jácome, 2020; Ministério dos Negócios Estrangeiros, n.d.).

<sup>188</sup> Novo corte de relações diplomáticas com a Santa Sé por consequência da expulsão do núncio apostólico em Lisboa no dia 15 de julho de 1760 (J. de Castro, 1939; Ministério dos Negócios Estrangeiros, n.d.). As relações foram reatadas dez anos mais tarde por influência do secretário de Estado, Sebastião José de Carvalho e Melo (n. 1699 - m. 1782), 1º conde de Oeiras e futuro marquês de Pombal. Os quatro simulacros que vieram para Portugal em 1770 foram oferecidos ao secretário de Estado pelo papa Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774), como agradecimento pelos seus esforços e intervenção na reconciliação entre Portugal e a Santa Sé (veja-se, *infra*, subcapítulo 5.2.1., em particular **Santos mártires Vitória, Eleonora e Burcio (1770)**).

vacantes (1716-40)<sup>189</sup>, além dos já referidos terramoto de Lisboa (1755), invasões francesas (1807-11)<sup>190</sup>, guerra civil portuguesa (1828-34) e conseqüente extinção das ordens religiosas (1834)<sup>191</sup>, foram períodos de interrupção no envio de simulacros para Portugal (tabela 1). Como se verá ao longo do subcapítulo seguinte, a aquisição de *corpi santi* implicava uma relação particularmente próxima do “agente” e/ou do “encomendador” com a Cúria Romana ou, diretamente, com o papa.

**Tabela 1** – Períodos de interrupção no envio de simulacros para Portugal, tendo por base os exemplares inventariados e datados. © Joana Palmeirão

Ano	Nome	Localização atual	Cidade/vila
1703	<i>Peregrino</i>	Igreja de N. Sra. da Conceição dos Cardais	Lisboa
1704-5	<i>Marcos</i>	Capela de N. Sra. dos Prazeres (palácio de Mateus)	Vila Real
1716-40	Dioceses vacantes		
1728-32	Rompimento das relações diplomáticas com a Santa Sé, no tempo de D. João V (r. 1706 – m. 1750)		
1740-45	<i>Agatemera</i>	Cap. de N. Sra. do Pilar (quinta de Manique)	Manique de Baixo
1742	<i>Severino</i>	Igr. de Sto. António dos Congregados	Porto
	<i>Eugénio</i>		

<sup>189</sup> A respeito das dioceses vacantes, Afrânio Jácome escreveu: *Entre 1716 e 1740, as dioceses vacantes não foram preenchidas. Esta interrupção se deu como uma forma de pressão da Coroa portuguesa para obter da Santa Sé o compromisso de oficializar a antiga prática do rei de Portugal de indicar seu preferido para ocupar um bispado, e o papa ratificar* (2020, p. 278).

<sup>190</sup> A primeira entrada em Portugal das tropas francesas ocorreu em novembro de 1807 (comandada pelo general Junot), seguindo-se uma segunda entrada em março de 1809 (comandada pelo marechal Soult) e uma terceira e última em junho de 1810 (comandada pelo marechal Massena), cujas tropas se retiraram em abril de 1811. As igrejas, capelas e confrarias foram obrigadas a remeter todo o ouro e prata (à exceção das peças para uso litúrgico) à Casa da Moeda em Lisboa por decreto do imperador Napoleão Bonaparte, o qual impunha a Portugal a contribuição de guerra de cem milhões de francos (G. C. Leite, 1939; Moraes & Costa, 2004; J. P. F. da Silva, 2012), como se pode depreender do artigo 4.º desse decreto: *Todo o ouro e prata de todas as Igrejas, capellas e confrarias da cidade de Lisboa e seu termo serão conduzidos à Casa da Moeda e recebidos pela Thesouraria della, debaixo da inspeção e ordem do provedor da mesma casa, no termo de quinze dias, não ficarão nas Igrejas mais do que as peças de prata necessárias à decencia do culto, das quais peças se remeterá uma lista, assinada pela pessoa ou pessoas encarregadas da administração e guarda desses objectos, o portador receberá da thesouraria da casa da moeda um recibo em forma autentica. Toda a pessoa convencida de fraude, seja a respeito da declaração dos objectos existentes, seja dos objectos deixados às Igrejas, seja de ter desviado alguns objectos em utilidade sua, será condenada a pagar o quadruplo do objecto não declarado ou desviado* (Pimenta, 1937, p. 33).

<sup>191</sup> A extinção civil das casas religiosas portuguesas ocorreu em 1834 após a vitória liberal da guerra civil entre liberais e miguelistas. Assinado por D. Pedro IV, o decreto de extinção das ordens religiosas foi publicado a 30 de maio de 1834, no qual eram declarados extintos todos os conventos, mosteiros, hospícios, colégios e outras casas das ordens religiosas regulares, e os seus bens expropriados e incorporados na Fazenda Nacional. Todos os conventos masculinos foram imediatamente encerrados. Nos conventos femininos, as religiosas tiveram permissão de permanecer até à morte da última professa estando, porém, proibida a admissão de noviças (ANTT, 2016).

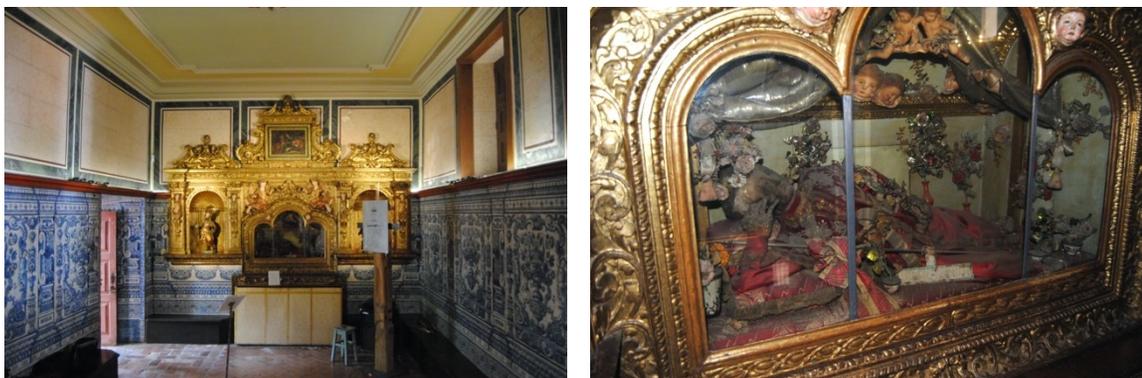
1746	<i>Paulo</i> <i>Félix</i>	Cap. de N. Sra. da Assunção (casa da Torre das Pedras)	São João da Pesqueira
1749	<i>Aurélio</i> <i>Pacífico</i>	Cap. de S. Vicente (sé do Porto)	Porto
1755	Terramoto de Lisboa (1 de novembro de 1755)		
1756	<i>Sabina</i>	<i>Regalis Lipsanotheca</i>	Ourém
1760	<i>Vicente</i>	Cap. de S. Miguel (seminário maior de Coimbra)	Coimbra
1760-70	Corte de relações entre Portugal e a Santa Sé, no tempo de D. José I (r. 1750 – m. 1777)		
1770	<i>Burcio</i> <i>Eleonora</i> <i>Vitória</i>	Cap. de N. Sra. das Mercês (palácio do marquês de Pombal)	Oeiras
	<i>Prima</i>	Cap. do Senhor Jesus dos Perdões (palácio do Mitelo)	Lisboa
	1770-1800	<i>Felicidade</i>	Igr. de Sto. António dos Capuchos
1777	<i>Justina</i>	Igr. de Sto. António	Lisboa
1779	<i>Fortunato</i> <i>Liberato</i>	Igr. da Sagrada Família (seminário maior de Coimbra)	Coimbra
	<i>Vitória</i>	Igr. da Lapa	Porto
1778-80	<i>Clemente</i>	Santuário do Bom Jesus do Monte	Braga
1782/3	<i>Clemente</i>	Igr. de Sto. António dos Congregados	Porto
1783	<i>Severino</i>	Santuário de Nossa Senhora da Agonia	Viana do Castelo
1785	<i>Vicente</i>	Igr. de S. Nicolau	Porto
1787	<i>Fortunato</i>	Igr. de N. Sra. da Consolação e Santos Passos	Guimarães
1790-91	<i>Exupério</i>	Basílica da Estrela	Lisboa
1793	<i>Justino</i>	Cap. de Sto. António de Lisboa (casa da Espregueira)	Barcelos
1798	<i>Clara</i>	Igr. do N. Sr. do Bonfim	Porto
1807-11	Invasões francesas		
1826	<i>Vicente</i>	Igr. de N. Sra. do Carmo	Penafiel
1828-34	Guerra civil portuguesa		
1834-41	Extinção das ordens religiosas e corte das relações diplomáticas com a corte pontifícia		
1851	<i>Fiel</i>	Igr. de S. Bento	Louriçal do Campo
1870	<i>Benedito</i>	Igr. do ex-conv. de Sto. António de Varatojo	Torres Vedras

Atendendo ao número elevado de exemplares inventariados serão apresentados, de seguida, apenas alguns casos de estudo, com o intuito de dar a conhecer alguns aspetos relativos à aquisição, envio, exposição e culto dos simulacros dos santos mártires catacumbais<sup>192</sup>, em contexto nacional. A ordem aqui apresentada seguirá a da tabela do Apêndice IV.

## 5.2. Inventário de *simulacra* em Portugal

### 5.2.1. Diocese de Lisboa

#### Santo mártir Peregrino (1703)<sup>193</sup>



**Figs. 24 e 25** – Esquerda: retábulo-relicário no coro baixo da igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, Lisboa. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Peregrino. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo do santo mártir Peregrino está localizado, em espaço próprio, no retábulo-relicário no coro baixo da igreja do extinto convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais

---

<sup>192</sup> Para cada um dos exemplares inventariados – à exceção dos simulacros localizados na *Regalis Lipsanoteca* (Ourém) – foi atribuída uma ficha de inventário, que pode ser consultada no Apêndice V. Em cada uma das fichas constam os seguintes tópicos: a identificação e localização; a informação documental; a caracterização e descrição; o estado de conservação; as fontes consultadas e o anexo fotográfico dos respetivos simulacros. A numeração das fichas segue a ordem da tabela no Apêndice IV.

<sup>193</sup> Ficha de inventário n.º 1 (Apêndice V).

(ou Cardaes) de Jesus, da Ordem das Carmelitas Descalças<sup>194</sup>, freguesia da Misericórdia, concelho de Lisboa.

Numa pequena legenda<sup>195</sup> sobre o altar, pode ler-se o seguinte:

*Nosso P<sup>re</sup> Frey João Joseph de S<sup>ta</sup> Thereza da Congregação de Italia vindo de Roma a este reino para paçar as missoins de Inglaterra deu a este Cmto Sendo Priora delle a M<sup>te</sup> Threzeza de Jezuz M<sup>te</sup> este sagrado corpo do S<sup>to</sup> Martir Peregrino assim inteiro e vestido como esta em os dezanove de Setembro de 1703 com obrigação que todas as Religiosas delle o devão muito recomendar a N. S<sup>ra</sup> em suas orações e depois de Sua Morte Rezar todos os annos em o dia que lbe chegar a noticia hum Responsorio em Comunidade pela Sua Alma em perpetuo. // Esta obrigação se conpre aos 3 dias de Novembro.*

Segundo fontes consultadas, o altar-relicário foi realizado propositadamente para expor o corpo santo (Vieira & Raposo, 2003). Em 1703 terminavam as obras de construção do convento podendo, por isso, ter-se tratado de uma oferenda por essa ocasião (T. Vale, Gomes, & Correia, 2004).

Apesar do terramoto de 1755 ter causado vários danos no edifício<sup>196</sup>, o simulacro de são Peregrino chegou até aos dias de hoje. Crê-se, ainda, que o facto de o convento ter sido cedido à Congregação das Irmãs Dominicanas de santa Catarina de Sena no ano de 1877 (um ano após a extinção do convento)<sup>197</sup>, terá tido uma grande influência na sobrevivência do simulacro; mantendo, inclusive, a sua localização original (Mégre & Carvalho, 2019).

---

<sup>194</sup> O convento foi fundado em 1681 por D. Luísa de Távora e extinto a 12 de abril de 1876, por ocasião da morte da última religiosa (ANTT, 1876; J. B. de Castro, 1758; Mégre & Carvalho, 2019).

<sup>195</sup> Desconhece-se a fonte original.

<sup>196</sup> Escreveu João Baptista de Castro: *Teve grande ruina pelo terremoto este Mosteiro [de N. Sra. da Conceição], e assim as Religiosas mandaraõ erigir barracas na sua cerca, onde ainda se conservaõ, em quanto se repara o Mosteiro, e Igreja* (1758, p. 627).

<sup>197</sup> No “Inventário de Extinção do Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais de Jesus de Lisboa” é confirmada a sua presença na *Verba n<sup>o</sup> 107*, onde consta: *No coro de Baixo - Um altar com o competente frontal contendo a ossada de S. Peregrino (cruz e Christo) 157* (ANTT, 1876, fol. 16).

**Santa mártir Agatemera (1740-45)**<sup>198</sup>



**Figs. 26, 27 e 28** – Esquerda e centro: fachada e altar da capela de Nossa Senhora do Pilar da quinta de Manique, Manique de Baixo. Direita: simulacro do corpo da santa mártir Agatemera. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo da santa mártir Agatemera está localizado na capela privada de Nossa Senhora do Pilar pertencente à quinta de Manique<sup>199</sup> (ou do marquês das Minas<sup>200</sup>), situada em Manique de Baixo, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. O simulacro está exposto dentro de uma urna em talha dourada com duas portadas envidraçadas frontais, localizada no banco do retábulo principal.

Nos últimos dois séculos foram várias as grafias utilizadas para o nome da santa: *Agathaméra*, *Acataméra*, *Agatheméra*, *Agataméra*, *Agatamera*, *Aguedamera* (“A capela de São Sebastião,” 1963, pp. 22, 25; A. Almeida, Pinho, Teles, & Caldas, 2019, pp. 33–34; Barruncho, 1873, p. 71), sendo reconhecida nos dias de hoje como: *Agatemera*.

---

<sup>198</sup> Ficha de inventário n.º 2 (Apêndice V).

<sup>199</sup> Em 2019, um grupo de investigadores sob a direção de João Bernardo Galvão Teles fez um relatório de elevado teor documental sobre a quinta de Manique e respetiva capela, a pedido dos proprietários atuais. No relatório consta que a capela de Nossa Senhora do Pilar foi edificada pelo sargento-mor Francisco Correia (n. 1632 - m. 1681) e sua mulher, na segunda metade do século XVII (1677-79?). O núcleo (quinta e ermida) foi adquirido em hasta pública por Manuel de Sande de Vasconcelos em 1718 (A. Almeida et al., 2019). Reitera-se o agradecimento à empresa LMT Abreu Loureiro, Correia de Matos e Galvão Teles – Consultores em História e Património, na pessoa do Dr. João Bernardo Galvão Teles, por ter autorizado a utilização do referido relatório na presente investigação.

<sup>200</sup> De acordo com o mesmo estudo, o marquês das Minas só esteve na quinta no século XIX (A. Almeida et al., 2019).

Depreende-se das várias fontes consultadas, que a santa Agatemera sempre suscitou alguma curiosidade. Em 1983 foi publicado um pequeno artigo sobre a capela e a referida santa, onde consta uma tentativa do autor em obter informações junto das entidades eclesíásticas, mas, infelizmente, sem sucesso:

*Tentámos esclarecer o caso, que se encontra envolvido num certo mistério, e para isso recorremos a várias fontes, inclusivamente ao Patriarcado de Lisboa e à Nunciatura Apostólica, que, por seu turno, dirigiu o assunto para a Biblioteca Secreta do Vaticano. (...) Do Patriarcado de Lisboa foi-nos dada a seguinte informação: «[...] Nada sabe acerca do assunto; no arquivo da Cúria não há nada a esse respeito [...]» (...) E, por último, por intermédio da Nunciatura Apostólica de Lisboa, que consultou o Arquivo Secreto do Vaticano: «[...] Cumpre-me, pois, informar que, infelizmente, as buscas de arquivo efectuadas naquela repartição não deram qualquer resultado [...]» (“A capela de São Sebastião,” 1963, p. 22).*

No artigo consta também que os habitantes, ex-proprietários e *actual proprietária* da quinta detinham a mesma informação, sem mais detalhes, de que a *múmia* tinha sido oferecida ao marquês das Minas pelo papa<sup>201</sup>. Com efeito, sobre a chegada do simulacro a Portugal, pouco se sabe em concreto.

Na obra “Registo fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos histórico-administrativos”, sobre a *ermida de N.ª Sr.ª da Piedade*, pode ler-se o seguinte:

*No altar, em vitrina, há o corpo de uma donzela mumificada, a que chamam Santa Agateméra. Segundo Borges Barruncho, teria sido oferecida pelo papa à antiga família Sande. No entanto, mais uma vez o P.e Fortunato Lopes de Oliveira diz que a ermida: «... tem romagem em vinte e nove de Setembro com três dias de feira, a Santa Agatamera é franca.» // Pelo que não poderia ter sido a família de Sande de Vasconcelos que a trouxe para Manique visto que já existia antes (G. Cardoso, Miranda, & Teixeira, 2009, p. 323).*

---

<sup>201</sup> *Tentando saber, para além da tradição e da lenda, qual o conhecimento que algum dos ex-donos teriam do caso, entrámos em contacto com a Sr.ª Condessa de Azambuja, filha dos ex-proprietários da quinta, que muito amavelmente nos elucidou: «[...] Ovi sempre dizer a meu pai que a múmia fora oferecida ao marquês das Minas por um papa. Qual, não sei [...]» (“A capela de São Sebastião,” 1963, p. 22). Esta informação iria manter-se durante séculos, como evidenciado pela equipa de João Galvão Teles: No livro ‘Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa’, da autoria de Anne de Stoop, editado pela primeira vez em 1986, para além de breve descrição da propriedade, nomeadamente no que ao seu património azulejar diz respeito, aventou-se uma ideia que também haveria de instalar-se até ao presente: a de que a Quinta de Manique pertencera no século XVII ao marquês das Minas, D. Francisco de Sousa (1610- 1674), o qual, sendo embaixador em Roma, teria trazido daí o relicário que ornamenta o altar da capela. Tudo isto afirmado ‘segundo a tradição’, sem qualquer fonte documental que o sustentasse (A. Almeida et al., 2019, p. 6).*

Por sua vez, Pedro Borges Barruncho escreveu que:

*No logar de Manique de baixo, freguezia de Alcabideche, ha uma rica ermida, pertencente ao sr. marquez das Minas, toda ella feita do referido marmore. (...) Existe n'esta ermida, no altar-mór, dentro em maquineta, uma 'mumia', que se diz ser de santa 'Agatbamera', dada pelo Papa...á antiga familia 'Sande'. É pouco conhecida esta curiosa reliquia (1873, pp. 70–71).*

Os dois excertos denotam, claramente, opiniões contrárias. No relatório suprarreferido, sob a direção de João Galvão Teles, os investigadores creem na veracidade da afirmação de Pedro Barruncho, ou seja, de que terá sido Manuel de Sande de Vasconcelos (n. 1684? - m. 1745)<sup>202</sup>, cavaleiro da Ordem de Cristo, tesoureiro-mor da Junta dos três Estados e proprietário da quinta de Manique desde 1718<sup>203</sup>, a trazer as relíquias de santa Agatemera (A. Almeida et al., 2019; Guimarães, 1873), escrevendo ser:

*crível que o corpo da santa tenha sido para ali trazido a mando de Manuel de Sande de Vasconcelos, cujo estatuto social e financeiro tornariam possível a respectiva aquisição. Assinale-se que o mercador tivera negócios com a cúria de Roma (A. Almeida et al., 2019, p. 34).*

Em 1750, as relíquias de santa Agatemera deram origem à confraria com o mesmo nome e à instituição, pelo rei D. João V, de uma feira local, a realizar anualmente no dia 29 de setembro<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> Manuel de Sande de Vasconcelos (surge também designado como Manuel de Sande Vasconcelos, Manuel de Sande e Vasconcelos ou Manuel Sande de Vasconcelos) foi, tal como o pai, mercador e contratador, tendo, inclusive, trabalhado com o progenitor no Brasil (A. Almeida et al., 2019; Novinsky, 1974). Em 1727 foi agraciado com a Ordem de Cristo (ANTT, 1727).

<sup>203</sup> Os autores conseguiram apurar que a quinta foi adquirida por Manuel de Sande *por arrematação em praça pública na cidade de Lisboa por dívida ao Sereníssimo Estado da Casa de Bragança* do antigo proprietário Fernando Correia (A. Almeida et al., 2019, p. 29).

<sup>204</sup> No documento digitalizado das “Memórias Paroquiais” pode ler-se o seguinte: (...) *huma Irmida na quinta de Rodrigo de Sande a que chamão Nossa Senhora do [Pi]lar, tem [romaria] em vinte e nove de Setembro com tres dias de fei[ra], a Santa Agath[e]mera he franca* (ANTT, 1758a, p. 497). Na obra “As freguesias dos distritos de Lisboa e Setúbal nas memórias paroquiais de 1758. Memórias, História e Património”, sob a coordenação de José Viriato Capela, consta uma *Romagem com 3 dias de feira em S<sup>ta</sup>. Ágata*, na ermida de N. Sra. do Pilar no lugar de Manique, Alcabideche (Cascais) (2016, p. 832). No original (ANTT, 1758a, p. 497), o nome da santa apresenta alguma dificuldade de leitura, mas dificilmente se poderá transcrever como *Santa Agata [mártir]*, como consta igualmente no relatório de 2019 (A. Almeida et al., 2019, p. 34). Sobre a informação de que a quinta é de *Rodrigo de Sande*, os autores esclarecem: *Juridicamente, a Quinta de Manique não era de Rodrigo de Sande, sobrinho e cunhado do falecido Manuel de Sande de Vasconcelos, mas seria ele porventura quem apoiaria a irmã na gestão da*

(A. Almeida et al., 2019). João Galvão Teles e colaboradores chegam mesmo a afirmar que a relíquia terá sido colocada no altar *não muitos anos antes destas decisões eclesiástica e régia*, ou seja, poucos anos antes de 1750. Nesta altura, a relíquia já era alvo de devoção popular e de uma romaria intensa, razão pela qual o rei terá instituído três dias de feira franca para o culto da santa (A. Almeida et al., 2019, p. 34). Pelo texto de Pedro Barruncho pode, no entanto, assumir-se que em 1873 a relíquia já não era conhecida, ou seja, os *tres dias de feira* e a romaria já não deveriam acontecer há muitos anos.

Perante os factos analisados, crê-se que o simulacro da santa mártir Agatemera terá sido depositado no altar da ermida de Nossa Senhora do Pilar entre 1740-45 – período compreendido entre as dioceses vacantes e o rompimento das relações diplomáticas com a Santa Sé (1716-40) (tabela 1) e o ano da morte de Manuel de Sande de Vasconcelos<sup>205</sup>.

Existe, ainda, uma particularidade que o distingue dos restantes exemplares inventariados. Junto ao altar da capela observa-se uma placa funerária epigrafada, que terá sido encontrada e exumada das catacumbas de Roma juntamente com os ossos da santa. Trata-se de uma interessante placa funerária paleocristã, possivelmente datada do século III<sup>206</sup>, com inscrição do nome, dia e mês da morte da defunta: *AGATEMERA // D IN P XII KL // FEB*. Por extenso, obtém-se a seguinte leitura e tradução:

*AGATEMERA // D[ecessit] / [eposit] IN P[ace] XII K[a]L[endas] // FEB[ruarias]*

*AGATEMERA // M[orreu] / D[epositada] EM P[az] [no] XII [12º dia] [das] C[a]L[endas] [de] // FEV[ereiro]*  
(21 de janeiro)

---

*propriedade e que ali passaria algumas temporadas, figurando por vezes como padrinho nos baptismos de crianças do lugar de Manique* (A. Almeida et al., 2019, p. 34).

<sup>205</sup> Um outro fator que se mostra aqui relevante para a datação do simulacro são as parecenças, a nível das vestes, com o simulacro do santo mártir Félix (Paredes da Beira), trasladado no dia 24 de setembro de 1746 (confronte-se fichas de inventário n.º 2 e n.º 51 (Apêndice V)).

<sup>206</sup> Deve-se a possibilidade de datação, bem como a tradução do epitáfio ao professor doutor Armando Redentor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes), a quem se agradece a amável colaboração.

O ano da sua morte não consta na placa, mas, como suprarreferido, a placa poderá corresponder ao século III d. C. A ausência de elementos epigráficos<sup>207</sup> poderá corroborar esta hipótese.

Sobre o nome da santa, que tantas dúvidas suscitou ao longo dos séculos, Pedro Barruncho escreveu: *Assim é chamada geralmente na localidade, mas parece-nos ser corrupção de 'Agathonica', santa de que falla o martyrologio, onde não vem 'Agathaméra'.* Aqui são claramente perceptíveis as dúvidas geradas pelos nomes dos santos e santas que não constam no martirologio, mas que, ainda assim, são alvo de devoção. De facto, santa Agatamera não é um nome comum. Já a versão masculina foi utilizada e aparece nos “Acta Sanctorum” (3 de Abril): *DE SANCTO AGATHEMERO MARTYRE IN MYSLA*<sup>208</sup> (Henschenio & Papebrochio, 1866, pp. 243–244). Tal como o nome *Agathemerus*, o nome *Agatamera* provém do grego<sup>209</sup> (D’encarnação, 1984).

---

<sup>207</sup> A placa em questão é lisa, sem quaisquer incisões ou inscrições, além do já referido epitáfio (veja-se ficha de inventário).

<sup>208</sup> Antiga Ásia Menor, atual Turquia.

<sup>209</sup> Este resulta da junção de *agathê* (gr. ἀγαθή) que significa ‘boa’, ‘justa’ com *heméra* (gr. ἡμέρα), que significa ‘dia’ (donde provêm palavras como ‘efêmero’ e ‘efeméride’). No entanto, interpretando, o sentido do nome deveria ser ‘vida boa’ ou ‘justa’ - não ‘boa vida’ no sentido que atualmente atribuímos a esta designação. Informações cedidas pelo doutor Martinho Soares do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, a quem se agradece a amável colaboração.

**Santos mártires Vitória, Eleonora e Burcio (1770)**<sup>210</sup>



**Figs. 29, 30 e 31** – Esquerda e centro: simulacros dos corpos das santas mártires Vitória e Eleonora nos altares laterais da capela de Nossa Senhora das Mercês do palácio do marquês de Pombal, Oeiras. Direita: vitrina com o simulacro do corpo do santo mártir Burcio, embutida na parede lateral da capela-mor. © Joana Palmeirão

Os três simulacros estão localizados na capela privada do palácio do marquês de Pombal, sob a invocação de Nossa Senhora das Mercês<sup>211</sup>, na vila e concelho de Oeiras, distrito de Lisboa. Os simulacros dos corpos das santas Vitória e Eleonora estão expostos em urnas-relicário em talha dourada, de estilo *Rocaille*, com aberturas frontal e laterais (sem vidro), localizadas sob os altares laterais da capela; a primeira no lado da Epístola (direito) e a segunda no lado do Evangelho (esquerdo). Os altares estão fechados por uma portada envidraçada com moldura em talha dourada, a partir da qual se observam os simulacros (figs. 29 e 30). Por cima do vidro, ao centro, lêem-se as inscrições em letras capitulares douradas: *SACRUM CORPUS. / S. VICTORIAE. M.* e *SACRUM*

---

<sup>210</sup> Fichas de inventário n.º 4, 5 e 6 (Apêndice V). Veja-se, também, subcapítulos 6.3.2. (parte III), sobre o estudo analítico realizado nos três simulacros.

<sup>211</sup> Nossa Senhora das Mercês era padroeira da família Carvalho, por quem Sebastião José de Carvalho e Melo (n. 1699 - m. 1782), 1º conde de Oeiras (1759) e marquês de Pombal (1770), tinha grande afeto. A capela privada ficou concluída em 1762 (Museu de Lisboa, 2014).

CORPUS. / S. ELEONORÆ. M., respetivamente, as quais se traduzem por: *SAGRADO CORPO* / [DA] M[ÁRTIR] S[ANTA] VITÓRIA ou *ELEONORA*<sup>212</sup>.

O simulacro do corpo do santo mártir Burcio está localizado em vitrina própria, embutida na parede da capela-mor, do lado esquerdo do altar principal (Evangelho) (fig. 31). O corpo assenta sobre um suporte em estuque com cartela central, onde se lê a seguinte inscrição em letras capitulares douradas: *CORPVS / S. BURTIONIS. M. / PROPRIO NOMINE REPERTU* [sic]. Esta pode traduzir-se por: *CORPO DO M[ÁRTIR] S[ÃO] BURCIO / ENCONTRADO [COM O SEU] NOME PRÓPRIO*, indicando que o nome do santo foi encontrado junto dos ossos aquando da sua exumação<sup>213</sup>.

Segundo João de Saldanha Oliveira e Sousa, marquês de Rio Maior, os corpos foram oferecidos (juntamente com *os ossos de Santa Prima*<sup>214</sup>) pelo papa Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774) ao marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo:

*O Marquês de Pombal foi, pois, tôda a sua vida, católico sincero e apologistas das Ordens religiosas. Nem se compreenderia que, se fôsse incrédulo ou fiel pouco devoto, o presenteasse o Pápa Clemente XIV com as ossadas completas de 4 santos. Destas preciosíssimas relíquias, as de Santa Leonor, Santa Vitória e S. Burcio ainda se veneram na linda capela de Oeiras* (J. de S. O. e Sousa, 1934, p. 22).

Quanto à data de chegada das relíquias à capela do marquês de Pombal não existem dados concretos. Existem, no entanto, alguns factos históricos que ajudaram a determinar uma data provável para a sua transladação. Assim, sabendo ter-se tratado de um presente do papa Clemente XIV ao marquês de Pombal – como agradecimento pelas diligências e negociações do secretário de Estado no reatamento das relações *entre a Cúria de Roma e a Côte de Lisboa* (decreto de 25 de agosto

---

<sup>212</sup> O nome pode ser traduzido para Eleonora, Eleonor, Leonora ou Leonor (a forma mais recente do nome). Ao longo da presente investigação adotar-se-á a versão mais antiga do nome: Eleonora.

<sup>213</sup> Reveja-se, *supra*, nota n.º 99.

<sup>214</sup> Veja-se, *infra*, **Santa mártir Prima (1770)**.

de 1770)<sup>215</sup> –, configura-se como mais provável o ano de 1770. Neste mesmo ano, no dia 17 de setembro, o conde de Oeiras viria a ser agraciado com o *Título de Marquês de Pombal* por decreto do rei D. José I (Smith, 1872; J. de S. O. e Sousa, 1934, pp. 24; 167–168).

De facto, após a reconciliação, o papa Clemente XIV mandou cunhar *medalhas comemorativas, para distribuir aos príncipes católicos* e foram celebradas *solemnidades religiosas* em Lisboa e Roma (J. L. de Azevedo, 1922, p. 300). Alguns presentes foram, inclusive, enviados ao 1º marquês de Pombal: *Três retratos seus [do papa] (...): um a óleo, outro lavrado em camafeu de precioso anel e o terceiro delicadamente miniaturado, com sua rica moldura de prata* (Barbosa, 1863; J. de S. O. e Sousa, 1934, p. 26). Fr. Claudio da Conceição escreveu no seu “Gabinete Histórico” que no dia 17 de dezembro de 1770, por intermédio do nuncio Inocencio Conti e em audiência pública, Clemente XIV entregou vários presentes por ocasião do aniversário da futura rainha D. Maria II, entre eles *uma caixa de pedra, contendo o corpo de Santo Innocencio Martyr*, oferecido ao senhor D. Pedro, príncipe do Brasil. Ao marquês de Pombal foram oferecidos *dois baixos relevos em prata* (Conceição, 1881, pp. 362–363). Pela descrição das valiosas dádivas por Fr. Claudio da Conceição considera-se que os corpos dos santos mártires não foram oferecidos na mesma altura ao marquês de Pombal, uma vez que o tamanho de tais oferendas não passaria despercebido. Na verdade, as relíquias podem ter sido oferecidas meses antes, incluídas entre os *privilégios para a Capela de Oeiras* ou entre as *valiosas oferendas*, como se depreende do seguinte excerto:

*Clemente XIV cumulou de honras ao Marquês de Pombal, mandando-lhe o seu retrato, dando privilégios para a Capela de Oeiras, indulgências, distinções pessoais, que muito compraziam ao Estadista, e dando-lhe absoluta condescendência em assuntos do governo eclesiástico. Em Junho de 1770 chegou a Lisboa o novo Nuncio [Inocencio Conti], que se fez acompanhar de luzida embaixada e valiosas oferendas tendo sido recebido com excepcionais honras e, a 25 de Agosto, um decreto anunciava o restabelecimento das relações com a Santa-Sé, nos termos anteriores do rompimento de 1760 (Catálogo da coleção de quadros,*

---

<sup>215</sup> O papa terá escrito diretamente ao secretário de Estado e não ao rei de Portugal incitando às negociações para o reatamento das relações diplomáticas (J. de S. O. e Sousa, 1934, pp. 22–23, 170). A partir daqui as relações entre o papa e o marquês de Pombal seriam muito próximas, como sugere o Pe. José de Castro na sua obra “Portugal em Roma”: *O Marquês de Pombal consegue tudo de Clemente XIV. O Papa dá-lhe um Breve de altar portátil para D. João da Bemposta e o Marquês pede permissão para se dizer missa no Palácio Real (...) o que lhe é concedido, e insiste-se na Bula de Inquisidor Geral para Dom José e o Papa dá-lha (...) O Papa fazia tudo; e Pombal aceitava tudo e queria ainda mais* (1939, pp. 347–349).

*gravuras, estampas, móveis, esculturas, adornos e outros objectos de arte do Palácio do Senhor Marquez de Pombal em Oeiras. Exposição no Palácio ex-Camarido, por amável e honrosa cedência da Nunciatura Apostólica de Lisboa, 1939, p. 17).*

John Smith escreveu ainda, como agradecimento ao conde de Oeiras:

*Para prova ainda maior da estima particular e alta consideração e respeito em que tinha o caracter de Pombal, mandou-lhe um anel com o seu retrato, e este n'uma curiosa miniatura feita a oleo, e duas pequenas esculturas de prata. // Porém o que para Pombal se tornou mui lisonjeiro aos olhos de todos os bons catholicos foi a dadiva de quatro corpos inteiros de santos, dos quaes tres, Santa Leonor, Santa Victoria e S. Burcio, o actual herdeiro de Pombal conserva cuidadosamente na capella do seu palacio em Oeyras. O quarto, Santa Prima está na casa da Redinha (1872, p. 205).*

Assim, depreende-se que os *quatro corpos inteiros* tenham sido oferecidos ao então secretário de Estado e conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, no mês de junho de 1770, pouco depois do nuncio Inocencio Conti chegar a Lisboa e restabelecidas as relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé.

### **Santa mártir Prima (1770)**<sup>216</sup>



**Figs. 32, 33 e 34** – Esquerda e centro: simulacro do corpo da santa mártir Prima em urna própria, depositada na capela do Senhor Jesus dos Perdões do palácio do Mítelo, Lisboa. Direita: cartela em papel com a inscrição que identifica o nome da santa e a catacumba romana. © Joana Palmeirão

Como observado acima, o simulacro do corpo da santa mártir Prima é um dos *quatro corpos inteiros de santos* ou *ossadas completas* oferecidos ao marquês de Pombal pelo papa Clemente XIV no ano de

---

<sup>216</sup> Ficha de inventário n.º 7 (Apêndice V).

1770 (Smith, 1872, p. 205; J. de S. O. e Sousa, 1934, p. 22). Embora o marquês de Rio Maior não especifique a localização do simulacro de santa Prima, John Smith esclarece a dúvida, como se viu *supra*, informando que o mesmo se encontra na *casa da Redinha* (Smith, 1872, p. 205). Atualmente o simulacro está localizado na capela privada do Senhor Jesus dos Perdões pertencente ao palácio do Mitelo (ou Metelo) na freguesia de Arroios, concelho de Lisboa, em urna própria na capela-mor, do lado do Evangelho. Junto aos pés da santa lê-se a inscrição: *Sacrum Corpus Sanctæ Primæ Mart. / cum hoc proprio Nomine repertæ è Cæ / meterio S. Callepodij cum Vase Sanguis* (fig. 34), que se pode traduzir por: *Corpo sagrado da Márt[ir] Santa Prima / descoberta com este Nome próprio no Ce / mitério [de] S[ão] Calepódio com Vaso de Sangue.*

Quanto à localização original da santa mártir, na obra “O culto de Maria no Patriarcado” consta que na *Quinta do Montalvo* (será de Montalvão) existia *uma Capela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, e nela (...) um sepulcro de vidro com os restos mortais de Santa Prima. Esta capela pertence hoje aos sucessôres do Conde da Redinha* (Moita, 1927, p. 236). Sobre o *Conde da Redinha* sabe-se, por decreto de 20 de agosto de 1776, que el-rei D. José I agraciou o filho secundogénito do marquês de Pombal, José Francisco Maria Adão Macário de Carvalho e Daun (n. 1753 - m. 1821) com o título de conde da Redinha, fazendo-lhe mercê da quinta de Montalvão. Esta quinta, localizada na freguesia de Santa Maria dos Olivais (Lisboa), passaria a ser propriedade da família Carvalho Daun e Lorena pelo casamento, a 24 de setembro do mesmo ano, do conde da Redinha, José Francisco de Carvalho Melo e Daun, com sua segunda mulher, D. Francisca Maria de Paula do Pópulo Albuquerque da Silveira e Lorena (sobrinha paterna do marquês de Távora, D. Francisco de Assis) e futura condessa da Redinha (Galvão-Telles, 2007; E. Pereira & Rodrigues, 1912).

Uma vez que a quinta de Montalvão só passou a ser propriedade do segundo filho do marquês de Pombal em 1776 (seis anos após a chegada do *corpo inteiro* de santa Prima), crê-se que durante este período o simulacro tenha permanecido no palácio do marquês em Oeiras, juntamente com os seus companheiros<sup>217</sup>. Só mais tarde, possivelmente no mesmo ano em que o filho foi agraciado com o

---

<sup>217</sup> Um facto curioso é o de que na capela de Nossa Senhora das Mercês, no palácio do marquês de Pombal em Oeiras, existe uma vitrina similar à de são Burcio localizada na parede oposta (lado da Epístola). Atualmente, esta vitrina está

título de conde da Redinha, o marquês de Pombal terá oferecido o corpo da santa, para que aquele pudesse colocá-lo na capela da sua quinta. A quinta de Montalvão já não existe<sup>218</sup>, o que poderá justificar a trasladação do simulacro de santa Prima para o palácio do Mitelo. Não obstante, não foi possível apurar em que ano é que o simulacro foi trasladado. Sabe-se, apenas, que este chegou ao palácio do Mitelo por via familiar, mais concretamente pela marquesa de Pomares, descendente do marquês de Pombal e proprietária do palácio do Mitelo<sup>219</sup> (N. de Araújo, 1992, p. 39, como citado em Queiroz, 2013, p. 85).

Atualmente, o palácio do Mitelo – até há poucos anos em completo estado de abandono –, encontra-se em processo de reabilitação para reabrir em modalidade de turismo rural (<https://www.santaprima.com/en/lisbon/>).

---

vazia, mas poderá ter sido o expositor original do simulacro de santa Prima antes da sua trasladação para a capela da quinta de Montalvão.

<sup>218</sup> Em meados do século XX, a zona dos Olivais sofreu uma grande intervenção urbanística, levando ao desaparecimento de inúmeras quintas, entre elas a quinta de Montalvão (Galvão-Telles, 2007).

<sup>219</sup> D. Maria Manuela de Brito e Castro de Figueiredo e Melo (Daun e Lorena, por parte da mãe), marquesa viúva de Pomares, foi proprietária do palácio no início do século XX (Pinto, 1985).

## Santo mártir Benedito (1870)<sup>220</sup>



**Figs. 35, 36 e 37** – Esquerda e centro: simulacro do corpo do santo mártir Benedito em urna própria, sob o altar da capela de Nossa Senhora das Dores do extinto convento de santo António de Varatojo, Torres Vedras. Direita: cartela em madeira com o nome do santo. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo do santo mártir Benedito está localizado em urna própria, sob o altar da capela lateral de Nossa Senhora das Dores (vulgarmente conhecida como capela das relíquias<sup>221</sup>), segunda capela do lado da Epístola, na igreja do extinto convento de santo António de Varatojo na cidade e concelho de Torres Vedras, distrito e diocese de Lisboa. Numa cartela em madeira na face frontal da urna observa-se a inscrição em latim: *CORPUS BENEDICTI MARTYRIS* (fig. 37).

A particularidade deste simulacro reside na sua vinda tardia para Portugal sendo, de acordo com o inventário realizado, o simulacro mais próximo da época atual (tabela 1).

Embora não exista documentação oficial sobre a doação e transladação do simulacro do santo mártir Benedito à igreja do convento, encontra-se publicado no “Boletim Mensal das missões franciscanas e ordem terceira”, o processo de doação/aquisição do sagrado corpo em Roma, narrado por Fr. Alexandre dos Santos (O.F.M.) no ano de 1948, sobre o qual se voltará a falar mais adiante.

---

<sup>220</sup> Ficha de inventário n.º 11 (Apêndice V).

<sup>221</sup> Informação cedida por Fr. Hermínio Araújo (guardião do convento), a quem se reitera o agradecimento pela amável receção e visita à igreja e convento de santo António de Varatojo durante o registo fotográfico, e pelo acesso à documentação existente no arquivo.

Sobre tal simulacro, importa referir que após a extinção das ordens religiosas (1834) e o consequente abandono do convento e seminário<sup>222</sup>, Fr. Agostinho da Anunciação<sup>223</sup> terá regressado à sua casa de família, em Louriçal do Campo, onde viria a fundar o célebre colégio de São Fiel<sup>224</sup>, em 1851 (Araújo (O.F.M.), 1993; Santos (O.F.M.), 1948). Mais tarde, em 1861, juntamente com o seu confrade Fr. Joaquim do Espírito Santo<sup>225</sup> (n. ? - m. 1878) e mais alguns franciscanos, regressaram ao seminário (civilmente extinto) de Varatojo, onde restauraram a comunidade varatojana e onde viria a ser *a casa-mãe da nova Província Franciscana em Portugal* (Lopes, 1976, p. 325). Nessa altura, Fr. Agostinho da Anunciação já tinha sido nomeado confessor da infanta D. Isabel Maria de Bragança (n. 1801 - m. 1876), filha de D. João VI e regente de Portugal (pela morte de seu pai), passando a maior parte do

---

<sup>222</sup> O convento de Varatojo foi transformado em seminário de missionários apostólicos, dependentes do Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores, em março de 1680, sob a direção do venerável Pe. Fr. António das Chagas (n. ? - m. 1682) e assim permaneceu até à extinção civil das casas religiosas portuguesas em 1834 (Araújo (O.F.M.), 1993; Ribeiro (O.F.M.), 2005). Embora a extinção oficial do convento tenha sido proferida a 8 de março de 1834, o abandono do convento decorreu no ano anterior à assinatura do decreto da extinção por D. Pedro IV (28 de maio de 1834), precisamente no dia 25 de julho de 1833 (Lopes, 1976; Ribeiro (O.F.M.), 2005). Explica Fr. Bartolomeu Ribeiro que a *fuga precipitada* da comunidade de Varatojo foi consequência do clima de guerra que se sentia pelas lutas entre liberais e miguelistas, e da legislação anti congreganista publicada antes do decreto oficial (Ribeiro (O.F.M.), 2005, p. 21). Uma vez que o simulacro de São Benedito veio para o Varatojo vários anos após a extinção do convento, não se considera relevante destacar o impacto do decreto liberal no recheio do convento. Para mais detalhes sobre o tema, aconselha-se a leitura atenta do artigo de Fernando Félix Lopes (1976), no qual vêm descritos, entre outros assuntos, os últimos dias do seminário e a sentença de extinção do mesmo.

<sup>223</sup> José Bento Gaspar Ribeiro (n. 1808 - m. ca. 1874-5), nascido em Louriçal do Campo, tomou o hábito franciscano no seminário de Varatojo a 20 de março de 1830, adotando o nome religioso de Fr. Agostinho da Anunciação. Além da sua atividade como confessor e capelão da casa da infanta D. Isabel Maria, fundou vários colégios no tempo da forçada exclausura após a extinção das ordens (e a expulsão dos frades do convento de Varatojo), sendo exemplo disso o orfanato e colégio de São Fiel, na sua terra natal, e o colégio de São José em Torres Vedras. O padre contribuiu ativamente para a restauração da vida franciscana no Varatojo, onde fundou dois colégios (feminino e masculino) e foi guardião do convento entre 1867 e 1870 (Araújo (O.F.M.), 1993; Lopes, 1976; Ribeiro (O.F.M.), 2005).

<sup>224</sup> Atente-se, *infra*, **Santo mártir Fiel (1851)**.

<sup>225</sup> O Pe. Fr. Joaquim do Espírito Santo comprou o edifício antigo (convento, igreja e cerca) ao herdeiro do conde barão da Torre de Moncorvo em dezembro de 1860, após este último ter comprado o edifício conventual (excluída a igreja) e a cerca, em hasta pública, no ano de 1845 (Araújo (O.F.M.), 1993; Noé & Silveira, 2003; Ribeiro (O.F.M.), 2005). Pinho Leal confirma ambas as compras, escrevendo: *Os liberais venderam tudo isto, ao sr. João Fejo de Magalhães Coutinho, feito barão da Torre, em 13 de agosto de 1847, e visconde do mesmo título, em 3 de agosto de 1870. O comprador vendeu este mosteiro e suas dependências, ao Rev.<sup>mo</sup> Sr. padre frei Joaquim do Espírito Santo, que fora religioso d'este seminário, e que reside aqui com outros companheiros e familiares* (Leal, 1882, p. 206). O Pe. Fr. Joaquim do Espírito Santo viria, assim, a readquirir o convento e a restaurar a vida franciscana, após a extinção. Na sua lápide tumular, localizada na sala do capítulo no atual edifício conventual, pode ler-se o seguinte epitáfio: *Aqui descansam os ossos do Reverendo Padre Fr. Joaquim do Espírito Santo Missionário Apostólico e Restaurador deste Seminário em Janeiro de 1861. Faleceu na cidade de Santarém em 3 de Agosto de 1878.*

seu tempo em Lisboa. Este facto permitiu-lhe viajar duas vezes a Roma como capelão da infanta (Araújo (O.F.M.), 1993; Santos (O.F.M.), 1948). *Tal circunstância*, explicou Fr. Alexandre dos Santos no “Boletim Mensal...”, *facilitou-lhe ser admitido à amizade e até familiaridade de Pio IX* (Santos (O.F.M.), 1948, p. 224).

Terá sido na terceira e última viagem da infanta a Roma, em 1870, que o papa Pio IX (p. 1846 - m. 1878) ofereceu o simulacro do santo mártir Benedito a Sua Alteza, na presença do seu capelão, como se depreende da leitura:

*Na última audiência - a da despedida - à qual assistiu fr. Agostinho - e no fim dela, o Santo Padre levantou-se e convidou-os para outra sala. // Aqui muito familiar e presenteiro mostrou-lhes uma caixa artística, onde jazia o corpo inteiro dum formosíssimo jovem mártir, apenas com esta inscrição: // CORPUS SANCTI BENEDICTI MARTYRIS // É o esqueleto todo recoberto de cera e vestido de precioso traje de patricio romano, de seda bordada a ouro. Jaz deitado sobre o lado direito. A mão direita estendida ao longo do corpo; a esquerda segurando uma palma verde. A cabeça coroada de louro repousa graciosamente sobre almofadas; na garganta um golpe resumindo sangue; aos pés uma âmbula de sangue coagulado. // Todo ele respira estranha harmonia de paz e felicidade, que não é deste mundo, sobretudo o rosto docemente melancólico. // Verdadeiro prodígio de inspiração sobrenatural esta admirável estátua jacente!... // Aos dois — e naturalmente à comitiva — surpreendidos disse o Papa: // — É o corpo dum Mártir encontrado nas catacumbas, anónimo, a quem pusemos o nome de ‘Benedito’, pois todos os mártires são ‘beneditos’. // O Papa oferece-o gostosamente a V. Alteza, em despedida, com a Sua Bênção Apostólica, com votos de verdadeira e duradoira felicidade, garantia das Bênções divinas. Seja esta oferta sinal do aprazimento pelos sentimentos de filial amor e obediência de V. Alteza ao Vigário de Jesus Cristo. // Quem poderá descrever a alegria e admiração de todos perante um rasgo destes do Santo Padre?!... // Que sentiram, mormente a Infanta, objecto de semelhante dádiva?!... // Extasiada só pôde dizer entre lágrimas, eloquentes mais que muitas palavras: // — Santo Padre!... Ó Santo Padre!... (Santos (O.F.M.), 1948, pp. 225–226).*

Esta é, de facto, uma descrição interessante e de grande valor histórico e documental para o estudo em análise. Através do texto são obtidos alguns factos relevantes sobre a exumação e doação do simulacro do corpo do santo mártir Benedito, anteriormente descritos (confronte-se, acima, subcapítulo 3.3.1, parte I). Assim, num primeiro ponto, tem-se a confirmação do processo de nomeação ou “batismo” dos corpos anónimos, ou seja, a atribuição de um novo nome, neste caso em concreto não por opção do requerente, mas por decisão da Santa Sé, que optou por uma virtude cristã pois, *todos os mártires são ‘beneditos’*, isto é, abençoados. Um segundo ponto, efeito da relação

próxima da infanta com o papa, é a confirmação da oferta pessoal de corpos santos pelo próprio<sup>226</sup>. Um terceiro e último facto é a prova de que o corpo já veio montado de Roma, como *simulacrum*, à semelhança de tantos outros inventariados em Portugal.

Em suma, o simulacro de são Benedito terá chegado a Portugal no mesmo ano de 1870<sup>227</sup> como oferenda pessoal do papa Pio IX à princesa de Portugal, D. Isabel Maria, por ocasião da sua última visita à cidade eterna. Por sua vez, a infanta ofereceu o simulacro ao varatojano Pe. Fr. Agostinho da Anunciação, sendo trasladado<sup>228</sup> para a igreja do convento de Varatojo e depositado *debaixo do altar da capela de Nossa Senhora das Dores*, onde atualmente se encontra (Santos (O.F.M.), 1948, p. 226). Fr. Alexandre dos Santos escreveu ainda que a *insigne relíquia era fervorosamente venerada pelo povo destas redondezas* (Santos (O.F.M.), 1948, p. 226).

A localização e a proveniência do corpo santo são confirmadas na obra de Pinho Leal, sendo evidenciada a sua materialidade<sup>229</sup>:

---

<sup>226</sup> Pode-se, inclusive, assumir que o corpo santo foi adquirido pelo seu sacristão (e não pelo cardeal-vigário ou pelo custódio) (atente-se, *supra*, subcapítulo 3.3. (parte I)).

<sup>227</sup> Importa destacar que no texto original consta uma anotação a lápis ao lado da data de 1870, na qual se lê: *ou 1857?*. De facto, em 1870 o envio de corpos santos catacumbais era uma prática severamente criticada pela comunidade académica. Embora, como se viu, as exumações só tenham sido proibidas no ano de 1881 pelo papa Leão XIII, consta que a última exumação conhecida ocorreu no ano de 1864, a qual coincidiu com a publicação da obra “La Roma sotterranea cristiana” do arqueólogo Giovanni Battista de Rossi. Não obstante, convém referir que apesar das exumações terem cessado, muitos corpos ficaram armazenados nas Lipsanotecas do custódio das sagradas relíquias e do sacristão pontifical. Assim, depreende-se que o sagrado corpo de são Benedito tenha sido exumado anos antes do seu envio. Supõe-se até que o mesmo já estivesse montado e, porventura, exposto noutra local antes de ser oferecido à infanta portuguesa.

<sup>228</sup> Desconhece-se a realização de qualquer festividade em torno do processo de trasladação das relíquias para a igreja do convento. Sabe-se apenas que a trasladação coincidiu com o aniversário dos 400 anos do lançamento da primeira pedra aquando da fundação do convento por D. Afonso V (em cumprimento de uma promessa que fizera a santo António e a são Francisco de Assis pelo sucesso nas conquistas do norte de África) (Ribeiro (O.F.M.), 2005).

<sup>229</sup> Ao contrário de outros exemplares em cera, assumidos como corpos incorruptos devido ao trabalho de ceroplástica. Fr. Bartolomeu Ribeiro fez, também, menção à relíquia na sua obra, descrevendo-a como *corpo artisticamente composto em cera, a esconder as ossadas, e vestido com ricos brocados de seda* (Ribeiro (O.F.M.), 2005, p. 29).

*No altar de Nossa Senhora das Dores, estão as reliquias de São Benedito, romano, martyr. Vieram de Roma. É a ossada completa d'este santo, primorosamente coberta de cera* (Jornal “A Esperança”, 1879, como citado em Leal, 1882, p. 205).

A infanta terá, também, oferecido alfaias à igreja do convento de Varatojo, mas *com o advento da República desapareceu tudo ...*, como descrito por Fr. Alexandre dos Santos (Santos (O.F.M.), 1948, p. 226). Face à Implantação da República (5 de outubro de 1910), a comunidade varatojana começou a dispersar no dia 7 de outubro, seguindo-se o arrolamento dos bens do convento e da igreja e, por fim, o encerramento das suas portas (Ribeiro (O.F.M.), 2005). A igreja conventual seria salva e conservada, quer pela sua classificação como Monumento Nacional por decreto de 16 de junho de 1910, quer pela criação da Irmandade de Santo António, cujos estatutos foram aprovados a 28 de março de 1918 e os bens nela contidos entregues no dia 21 de maio do mesmo ano<sup>230</sup> (Araújo (O.F.M.), 1993; Ribeiro (O.F.M.), 2005). Escreveu Fr. Bartolomeu Ribeiro, que essa iniciativa foi assumida pelo franciscano Pe. José Pedro Ferreira que *a custo salvou valores artísticos e de uso litúrgico na igreja do Convento* (Ribeiro (O.F.M.), 2005, p. 27). Ao referido franciscano deve-se, muito provavelmente, a salvaguarda do simulacro de São Benedito, ao contrário do que aconteceu a tantos outros com o *advento da República*<sup>231</sup>. O último corpo santo a chegar a Portugal viria, assim, como uma bênção a Varatojo, cuja igreja conventual – ao contrário de tantas outras que em tempos existiram em Portugal –, sobreviveu até aos dias de hoje, na sua plenitude arquitetónica, artística e espiritual.

---

<sup>230</sup> A 26 de outubro de 1928, o edifício, a cerca anexa e as dependências do extinto convento foram cedidos às Missões Franciscanas Portuguesas, por decreto do dia 15 do mesmo mês continuando, até hoje, a ser *o lar paterno para os filhos de S. Francisco em Portugal* (Araújo (O.F.M.), 1993; Ribeiro (O.F.M.), 2005, p. 25).

<sup>231</sup> Reveja-se, a título de exemplo, os casos dos santos mártires Cândida e Plácido de Moimenta da Beira (Apêndice III).

### Santo mártir Marciano (século XIX)<sup>232</sup>



**Figs. 38, 39 e 40** – Esquerda e centro: fachada e capela-mor da igreja de são Sebastião, Sobral da Lagoa. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Marciano em urna própria, sob o altar principal. © Joana Palmeirão & Joana Pina

O simulacro do corpo do santo mártir Marciano está localizado em urna própria, sob o altar principal da igreja paroquial de são Sebastião de Sobral da Lagoa, na atual freguesia de Santa Maria, São Pedro e Sobral da Lagoa, concelho de Óbidos, distrito de Leiria e diocese de Lisboa.

Segundo relatos orais dos habitantes locais, o simulacro foi *encontrado por uma família de Sobral no caminho de Santarém*, chegando a Sobral da Lagoa *num carro de bois com palha há dois séculos atrás*. Esta história terá sido contada pelos descendentes da dita *família de Sobral* e passada de geração em geração. À chegada, o corpo terá sido oferecido à igreja e a transladação marcada por *uma grande festa*<sup>233</sup>.

---

<sup>232</sup> Ficha de inventário n.º 17 (Apêndice V). Veja-se, também, subcapítulo 6.3.1. (parte III), sobre o estudo analítico realizado no simulacro.

<sup>233</sup> Deve-se um especial agradecimento ao senhor Carlos, zelador da igreja, pelas informações valiosas do tempo dos seus bisavós. Uma das senhoras que confirmou a mesma descrição (Fátima Reis) relatou um acontecimento curioso, o qual tentar-se-á descrever sumariamente: no tempo da sua juventude, um senhor da catequese tinha por hábito assustar as meninas dizendo que o santo se mexia durante a noite, mudando de posição, e que se sentava no cadeirão da igreja. Anos mais tarde, quando um dia a dita senhora limpava a urna, o vidro partiu e ao desequilibrar-se entrou dentro da mesma. O susto foi tal, que a senhora saiu a correr dizendo que o santo a tinha puxado. Como se verá no subcapítulo 6.3.1. (parte III), o pescoço em cera apresenta uma fratura, que a mesma senhora confirmou ter resultado desse episódio, uma vez que, ao levantar-se, apoiou-se na zona do pescoço.

À falta de provas documentais configura-se como mais provável a vinda do corpo em meados do século XIX coincidindo, possivelmente, com a desamortização dos bens da Igreja (pós-1834), sendo possível, inclusive, que o simulacro tenha sido comprado em hasta pública pela respetiva família de Sobral da Lagoa.

### 5.2.2. Diocese do Porto

#### Santos mártires Severino (Silvério), Eugénio (1742), e Clemente (1782/3)<sup>234</sup>



**Figs. 41, 42 e 43** – Esquerda e centro: simulacros dos corpos dos santos mártires Severino e Eugénio nos altares das capelas laterais da igreja de santo António dos Congregados, Porto. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Clemente na capela colateral. © Joana Palmeirão

Os simulacros dos corpos dos santos mártires Severino, Eugénio e Clemente estão localizados na igreja de santo António dos Congregados do extinto convento de santo António da Porta dos Carros ou da Congregação do Oratório de S. Filippe de Neri do Porto<sup>235</sup>, distrito e diocese do Porto.

---

<sup>234</sup> Fichas de inventários n.º 18, 19 e 20 (Apêndice V).

<sup>235</sup> Sobre a Congregação do Oratório do Porto veja-se Eugénio dos Santos (1982), em particular as pp. 98–111 e Joaquim Ferreira-Alves (1993).

Os simulacros dos santos Severino e Eugénio não estão expostos ao público<sup>236</sup>. Estão ambos depositados nos altares das duas primeiras capelas laterais da igreja, o primeiro no altar do Sagrado Coração de Jesus (lado da Epístola) e o segundo no altar de são João Batista (lado do Evangelho). Por sua vez, o simulacro de são Clemente encontra-se em espaço próprio no banco do retábulo da capela colateral da Sagrada Família (transepto), no lado da Epístola.

Quanto à localização original dos simulacros, o Pe. Agostinho Rebelo da Costa, na sua “Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto”, escreveu que os dois primeiros *Corpos* foram colocados na capela-mor<sup>237</sup>:

*(...) na Capella Mór os Corpos de ‘S. Severino’, e de ‘Santo Eugenio’, este da parte do Evangelho, aquelle da Epistola, ambos estão depositados em Urnas preciosas, e assim mesmo o Corpo de ‘S. Clemente Martyr’, e outras muitas reliquias* (1789, p. 116).

Pela descrição do autor, aliada à realidade atual, depreende-se que as *Urnas preciosas* não perduraram até aos dias de hoje. Sobre estas, sabe-se que vieram de Roma e que foram muito dispendiosas, como se verá mais adiante.

---

<sup>236</sup> Ambos os altares estão tapados por uma portada frontal. De acordo com informações disponibilizadas pelo sacristão da igreja, onde trabalha há mais de 34 anos, este só tomou conhecimento da existência dos corpos há pouco mais de uma década, durante a realização de obras no interior da igreja por ordem da Mesa da Irmandade de Santo António dos Congregados, sob a reitoria do monsenhor cónego António dos Santos. O sacristão explicou, inclusive, que a descoberta dos corpos se deveu a um encontro fortuito, quando se aperceberam da presença de ganchos laterais em ambos os altares. A abertura das portadas frontais deixou entrever os simulacros, os quais foram, na mesma altura, alvo de intervenção (sobre este assunto veja-se, na presente tese, subcapítulo 7.4.4. (parte IV)). Consta que o simulacro de são Clemente, à época tapado com cortinas, terá sido descoberto no mesmo ano e, também ele, intervencionado. Quanto à proveniência dos corpos dos santos Severino e Eugénio, correm rumores na igreja de que terão chegado ao Porto num grupo de quatro, mas que devido à falta de espaço na igreja para expor o conjunto, dois deles foram enviados para a catedral do Porto (tratando-se, certamente, dos santos Aurélio e Pacífico). Esta informação foi partilhada pelo atual reitor da Irmandade, o senhor padre José Magalhães que, por sua vez, obteve a informação de um antigo funcionário da igreja. Ao senhor padre renova-se o agradecimento por autorizar o registo fotográfico dos três simulacros e permitir a consulta e a publicação, na presente tese, da documentação pertença do Arquivo da Igreja dos Congregados.

<sup>237</sup> Como se verá, também os simulacros dos corpos dos santos Aurélio e Pacífico foram colocados, originalmente, na capela-mor da sé do Porto (veja-se, *infra*, **Santos mártires Aurélio e Pacífico (1749-50)**).

Importa igualmente salientar um facto curioso e que tem dividido alguns autores. Diz respeito ao nome *Severino*. Com efeito, numa pequena tabuleta fixa à parte interna da portada frontal do respetivo altar pode ler-se a inscrição em letras capitulares: *S. SILVÉRIO / PAPA E MÁRTIR / ANO 536 A 537*. Sobre o nome correto – *Severino* ou *Silvério* –, a consulta de fontes documentais permitiu confirmar ser o primeiro o nome original do corpo santo<sup>238</sup>. Henrique Duarte e Sousa Reis na sua obra “Para a verdadeira história antiga e moderna da cidade do Porto”, datada entre 1861-76, transcreveu duas cartas de elevado interesse histórico, não apenas para a igreja dos Congregados, como também para a compreensão do processo de transporte dos corpos santos. Numa dessas cartas, assinada em Lisboa a 26 de janeiro de 1742, pode ler-se o seguinte:

*Carta do R.<sup>do</sup> [Reverendo] Padre Manoel Teixeira [sic]. // M. R. P. [Mui Reverendíssimo Padre] Prepozito, já escrevi huma em que dava a noticia, de S. Mag.<sup>e</sup> [Sua Magestade] que D.<sup>s</sup> [Deus] G.<sup>de</sup> [Grande?] fazer a mercê de dar a essa Congregação os dois Corpos de Santo Eugenio e de S. Severino com as urnas, tudo preciso, não só pelas reli [Fol.] 176 quias taõ singulares, mas pelas urnas em que vaõ, que dizem não sei se cada huma custara cinco mil Cruzados, se ambas: emfim presente de hum Principe da Igreja a S. Mag.<sup>e</sup> que gabou o de bom. // (...) Saberá que eu e o R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Domingos Pereira fomos dar os agradecimento ao Senr<sup>~</sup> Bispo do Porto pelo gosto que teve de se nos dar estas prendas. // Disse hontem o P.<sup>e</sup> Domingos Pereira sabindo nós do Paço, que S. Meg.<sup>e</sup> [sic] dissera, que os gastos ate entrarem nessa caça corriaõ por sua conta; (...) // Por ora vaõ as authenticas d'elles pelo correio, seguras em suas bolças. (...) // Fico para obedecer á Pessoa de V.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup> a quem peço que faça com que se não falte a todo o applauzo a estas reliquias chegadas, que sejaõ a essa caça, do que faraõ huma relação porque conste a S. Mag.<sup>e</sup> do apreço que fazem da sua dadiva taõ preciosa. // Lisboa Congregação do Oratorio 26 de Janeiro de 1742. // De V.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup> Subd.<sup>a</sup> muito obrig<sup>a</sup> Manoel Ferreira (Reis & BPMP, 1999, p. 147).*

Na segunda carta, com data do dia seguinte, lê-se ainda:

*Carta do M.R.P. Domingos Pereira da Congregação de Lisboa ao M. R. P. Prepozito Nuno de Guimaraens. // Já V.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup> ao chegar desta carta terá noticia por outra do P.<sup>e</sup> Manoel Ferreira de huma dadiva de grande estima que S. Mag.<sup>de</sup> manda para a Igreja d'essa Congregação, que saõ dois corpos de Santos, que o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Bispo d'essa Diocese offerocio a S. Mag.<sup>de</sup> os quaes estaõ belamente ornados em duas urnas ou caixas de talha. O dito Senhor dezeja muito que se pozessem em parte onde tivessem culto. // Succedeo dizer-me o P.<sup>e</sup> Manoel Ferreira que o apontasse eu a S. Mag.<sup>e</sup> essa Igreja da Congregação que tinha*

---

<sup>238</sup> Em última análise, não poderiam ser as relíquias do papa são Silvério (p. 536 - m. 537). Segundo fontes históricas, o seu corpo foi trasladado no ano seguinte ao da sua morte para a catedral de Ponza, em Itália (Kirsch, 2012).

*bom modo para se poderem expôr em duas Capellas (...) estes dias andamos praticando o modo da condiçaõ, e se se haviaõ de embarcar em alguns [sic] navio dos mercantes, [Fol. 175v.] que estaõ para bir ou na Náo de guerra, e como ao Provedor pareceo melhor que fosse nesta; boje dei parte a S. Mag.<sup>e</sup> que o approvou, e me disse que o gasto da conduçaõ corria por sua conta: supposto que a Náo não entrava dentro, poderá levar a prevençaõ de estarem d'avizo; para que se mandem duas barcas fóra para n'ellas se tirarem os dois caixoes, em que vão mettidas as urnas, e S. Mag.<sup>e</sup> as manda sigellar [selar; colocar selo], para que se não abraõ na Alfandega, para o que manda ordem. // (...) Lisboa Congregaçaõ do Oratorio 27 de Janeiro de 1742 (Reis & BPMP, 1999, p. 144).*

Comprova-se, assim, não só a identidade dos simulacros – Severino e Eugénio –, como a sua origem. Ambos vieram de Roma (dentro de urnas em talha), a mando do bispo do Porto, D. Frei José Maria da Fonseca Évora (n. 1690 - m. 1752)<sup>239</sup> quem, por sua vez, os ofereceu a el-rei D. João V (r. 1706 - m. 1759). A pedido do Pe. Domingos Pereira do convento da Congregaçaõ do Oratório de Lisboa, os corpos santos foram doados, por D. João V, ao convento do Porto para serem expostos ao culto. Henrique Reis refere ainda que a embarcaçaõ *entrou no Porto no dia 1º de Março do indicado ano [1742]* (Reis & BPMP, 1999, p. 144).

Embora se tenha a confirmaçaõ, na primeira carta, do envio das autênticas *pelo correio, seguras em suas bolças*, estas não constam no Arquivo da Irmandade dos Congregados.

Quanto à cerimónia de trasladaçaõ dos corpos santos para a igreja do extinto convento, o “Livro de Despesas” da irmandade faz mençaõ, apenas, a despesas muito gerais, registadas nos meses de fevereiro e março de 1742 (ANTT, 1742). A título de exemplo, no dia 15 de fevereiro registou-se a entrega de *dr.<sup>o</sup> [dinheiro] a Miguel p.<sup>a</sup> comprar duas duzias de prezuntos p.<sup>a</sup> hum presente q.<sup>do</sup> vierão os Santtos de Lx.<sup>a</sup>*, no total de 17\$990 reis<sup>240</sup>. No dia 28 de fevereiro (um dia depois da carta do Pe. Domingos Pereira) registaram-se as seguintes despesas: *dr.<sup>o</sup> que entreguei ao P.<sup>e</sup> R.<sup>o</sup> Vertim (?) q.<sup>lho</sup> forão p.<sup>a</sup> trazer os Corpos dos Santtos* no valor de 6\$400 e *dr.<sup>o</sup> a Miguel p.<sup>a</sup> comprar diverssas couzas em q.<sup>e</sup> entrarão coatro duzias de galinbas q.<sup>do</sup> vierão os Santos*, no valor de 15\$670 (ANTT, 1742, fol. 189v). No dia 12 do mês de

---

<sup>239</sup> Dom Frei José Maria da Fonseca e Évora foi embaixador de D. João V em Roma e bispo do Porto entre 1739 e 1752 (T. L. M. Vale, 2010).

<sup>240</sup> Real (pl. reis) – antiga moeda no reino de Portugal, que durou até à Implantaçaõ da República (Moraes & Costa, 2004).

março registou-se o que parece ter sido a última despesa associada à vinda dos corpos santos: *dr.º que despendi com os gastos q<sup>e</sup> se fizerão com a vinda dos Santos em Lx<sup>a</sup> vindo p<sup>a</sup> esta caza*, no total de 10\$640 (ANTT, 1742, fol. 190v).

O simulacro do santo mártir Eugénio está identificado por tabuleta homóloga à do santo mártir Severino, na qual pode ler-se: *STO. EUGÉNIO / PAPA - SANTO / ANO 653 A 657*. O seu nome é assegurado por uma pequena cartela de papel na mão esquerda: *S· EUGENIJ M· / Nomine Proprio*<sup>241</sup>, confirmando ser este o seu nome próprio. Ambas as tabuletas consistem, claramente, em adições recentes, possivelmente datadas do início do século XX. De facto, na “Guia histórica e artística do Porto”, da autoria de Carlos dos Passos, é já assumido o nome de são Silvério:

*Modestas são as quatro capellas, com retábulos Império. No de S. João Baptista estão os corpos de S. Silvério e Santo Eugénio, os quais com o de S. Clemente, no transepto, e com as respectivas urnas ofereceu á igreja D. João V, em 1742 (1935, p. 97).*

Um novo equívoco surge com a leitura do excerto anterior, uma vez que Carlos de Passos afirma que o corpo de *S. Clemente* terá chegado à igreja juntamente com os *corpos de S. Silvério e Santo Eugénio*, no referido ano de 1742. Esta informação é imediatamente rejeitada com a leitura da autêntica do *Sagrado Corpo do Mártir S. Clemente*, que se conserva no Arquivo da Irmandade dos Congregados (Anexo A). Assinada no ano de 1782/3 pelo bispo de Porfírio e sacristão do palácio apostólico, Fr. Francesco Saverio Cristiani<sup>242</sup>, sabe-se que os restos mortais foram exumados da catacumba de santa Ciríaca<sup>243</sup> e enviados com um vaso com o seu sangue. Portanto, as relíquias de são Clemente chegaram a Portugal décadas depois dos outros dois exemplares. Não obstante, ignora-se quem ofereceu o simulacro à congregação e quando ocorreu a trasladação das relíquias, atendendo ao

---

<sup>241</sup> Registe-se a ausência de cartela homóloga no simulacro do santo mártir Severino. Aliás, crê-se que a ausência desta cartela tenha sido a causa para a incorreta identificação do corpo santo.

<sup>242</sup> Francesco Saverio Cristiani (n. 1729 - m. 1800) foi sacristão pontifical entre 1782 e 1800 (Malvestiti, n.d.). Reveja-se Apêndice I.

<sup>243</sup> Reveja-se nota n.º 158.

facto de que na documentação da Congregação do Oratório do Porto existente no ADP e no ANTT não consta qualquer informação a este respeito. Sabe-se, no entanto, que a capela onde o simulacro foi colocado, dedicada à Sagrada Família, era (e ainda é) um conceituado altar ou capela de relíquias<sup>244</sup> – pelos mais de quarenta recetáculos distribuídos ao longo do retábulo –, sendo a mais importante pela sua grandeza, *hum oso inteiro da perna asima do Joelho* de São Ângelo mártir (J. J. B. Ferreira-Alves, 1993, p. 403, como citado em José, 1741; N. M. Ferreira-Alves & Ferreira-Alves, 1981). Sobre este mesmo altar, pela descrição nas “Memórias da Congregação do Oratório da Cidade do Porto...” do Pe. Bento José, de 1741 – transcrito, parcialmente, por Joaquim Ferreira-Alves (1993) – depreende-se que o simulacro de São Clemente tenha sido colocado no lugar onde, à época, existia um presépio:

*(...) entre a banquetta, e a tribuna aonde estão os Santíssimos Peregrinos ha hum grande vão, que ordinariamente esta cuberto a talha do mesmo retabolo, mas levadissa, porque se tira no tempo do Natal, para se ver hum engraçado presepe [presépio], pella variedade mindeza e perfeição das figuras* (J. J. B. Ferreira-Alves, 1993, pp. 398–399, como citado em José, 1741).

Quanto à deslocação dos simulacros dos santos Silvério e Eugénio dentro da igreja não foi encontrada documentação que informe da data dessa movimentação, mas depreende-se que terá sido por motivos similares ao ocorrido com tantos outros corpos, em particular com os santos Aurélio e Pacífico, como se verá adiante. Henrique Reis (1999) escreveu que a capela-mor foi alvo de obras nos anos de 1825 ou 1826. Anos mais tarde, durante o Cerco do Porto (1832-33), serviu o convento de arsenal do exército libertador comandado pelo duque de Bragança, D. Pedro IV, *sendo a igreja profanada destinada a Depozito dos bens moveis e livros dos Conventos extinctos*, como escreveu o mesmo autor (Reis & BPMP, 1999, p. 136). Carlos de Passos adiantou ainda que a *igreja foi concedida á Confraria de Santo António* em 1836 (1935, p. 95), o que certamente terá permitido a salvaguarda dos simulacros e a sua conservação até aos dias atuais.

---

<sup>244</sup> Eugénio dos Santos aborda a importância das relíquias para os oratorianos, sendo o seu culto incrementado pela aquisição de inúmeras relíquias de santos e santas (com autênticas de Roma e licença para veneração pública). Escreveu o autor que *os três primeiros quartéis do século XVIII foram o período áureo de aquisição de relíquias por parte dos oratorianos nortenbos* (1982, p. 234). Os altares de Santa Ana, do Santo Cristo e de São Francisco de Sales (atual Sagrado Coração de Jesus) também dispunham de um vasto espólio de relíquias (J. J. B. Ferreira-Alves, 1993).

**Santos mártires Aurélio<sup>245</sup> e Pacífico (1749)<sup>246</sup>**



**Fig. 44** – Urnas-relicário contendo os simulacros dos corpos dos santos mártires Aurélio e Pacífico, localizadas na capela de São Vicente no claustro da sé do Porto. © Joana Palmeirão

Os simulacros dos corpos dos santos mártires Aurélio e Pacífico estão localizados na capela de São Vicente, no claustro anexo à igreja de Santa Maria do Porto (sé do Porto). Cada um dos simulacros é identificado através de uma pequena cartela de papel suspensa na folha de palma, com o nome: *S. AURELII M.* e *S. PACIFICI M.*, respetivamente.

Desde o estudo realizado na *imagem-relicário* de santo Aurélio mártir (J. Palmeirão, 2015; J. do C. Palmeirão, Vieira, Pintado, Costa, & Monteiro, 2014), foram encontradas novas fontes documentais que permitiram estabelecer uma data mais aproximada da vinda dos exemplares de Roma para o Porto<sup>247</sup>, bem como alguns detalhes inéditos sobre a sua encomenda.

Na obra “Portugal em Roma” do Pe. José de Castro, pode ler-se a seguinte informação:

*Quando partiu de Roma o Dom Frei José Maria da Fonseca de Évora para o seu bispado do Pôrto [1740], ex-ministro de Portugal junto da Santa Sé, deixou encarregado de terminar algumas incumbências José Zarlatti. Entre outras deixou-lhe dois corpos de santos — S. Aurélio e S. Pacífico — que sendo vestidos com ricos hábitos bordados a ouro e colocados em duas*

---

<sup>245</sup> O simulacro de santo Aurélio foi alvo de estudo pela autora durante a investigação de mestrado, decorrida entre os anos de 2013-15 (J. Palmeirão, 2015).

<sup>246</sup> Fichas de inventário n.º 21 e 22 (Apêndice V).

<sup>247</sup> Durante a investigação de mestrado concluiu-se, como provável, o período compreendido entre os anos de 1746 e 1768 (J. Palmeirão, 2015).

*magníficas urnas, foram nestes dias transportados para o palácio do Duque de Bracciano onde concorreu nobreza e povo (...) Tudo se embalou em 19 caixões que foram mandados a Génova em dois carros-matos e daqui foram mandados num navio a Lisboa e daqui para o Pôrto, acompanhado tudo de um familiar do referido Prelado (1939, pp. 257–258).*

Este documento não só comprova que os corpos santos foram adquiridos pelo bispo D. Fr. José Maria da Fonseca Évora (b. 1739 - m. 1752)<sup>248</sup> e que em 1740 ainda estavam em Roma, como clarifica o meio de transporte. As encomendas viajaram, por terra, de Roma até ao porto de Génova, seguindo para Lisboa por via marítima.

Segundo Teresa Vale, antes de vir para Portugal, o bispo do Porto terá encarregado Giuseppe Zarlatti (*José Zarlatti*) de *acompanhar a conclusão de diversas peças que encomendara*<sup>249</sup> (T. L. M. Vale, 2010), entre as quais se incluíam os dois corpos santos. No seu estudo, a autora encontrou o que, aparentemente, será a informação original numa das passagens do “Diario Ordinario (Num. 4959)” de Antonio Chracas:

*(...) dois Corpos Santos, denominados S. Aurélio e S. Pacifico, vestidos com ricos mantos bordados a ouro e colocados em duas magníficas urnas, levadas nos últimos dias e transportadas para o Palácio do Exmo. Sr. Duque de Bracciano, onde muita nobreza e povo acorreu para observar o nobre trabalho não menos inferior que as urnas, as muitas vestimentas sagradas bordadas a ouro e prata e um altar portátil recém-inventado com grande quantidade de metais dourado. Um total de 11 pacotes foram enviados para Génova nestes dias em ‘filuconi’ (?), e de lá, de navio para Lisboa e em seguida para o Porto, acompanhados por um membro da família do prelado<sup>250</sup>.*

---

<sup>248</sup> Recorde-se que, em 1742, os simulacros dos santos mártires Severino e Eugénio (igreja dos Congregados, Porto) tinham sido adquiridos, em Roma, pelo mesmo bispo, quem, por sua vez, os ofereceu ao rei D. João V.

<sup>249</sup> Estas peças referem-se, maioritariamente, a obras de ourivesaria encomendadas à oficina de Antonio Arrighi (n. 1687 - m. 1776), ourives romano, conhecido e requisitado pela Coroa portuguesa. Segundo Teresa Vale (2010, 2015), Fr. José Maria Fonseca Évora, na qualidade de embaixador de D. João V em Roma e como bispo do Porto, encomendou várias obras de ourivesaria à oficina familiar dos Arrighi, entre outras peças (escultura, pintura, etc.).

<sup>250</sup> Tradução livre do original: *(...) due corpi Santi, nomati S. Aurelio, e S. Pacifico, quali essendo stati vestiti con ricche vesti ricamate d'oro, e collocati in due magnifiche Urne, furino queste, ne' giorni scorsi trasportate nel Palazzo dell'Ecc.mo Sig. Duca di Bracciano, ove concorse molta Nobiltà e Popolo per osservare il nobile lavoro non meno delle medesime Urne, che di molti Paramenti sacri ricamati d'oro, e d'argento, ed un Altare portabile di nuova invenzione, con quantità di metalli dorati, che in tutto composti numero 11 colli sono stati mandati in questi giorni a Génova in due filuconi, e di lì con vascello a Lisbona, per indi passare a Porto, accompagnati da un Familiare del sudetto Prelato* (T. L. M. Vale, 2010). Renova-se o agradecimento à colega de doutoramento e amiga, Alexandra Marco, pela tradução do excerto.

De facto, a informação é muito próxima da do Pe. José de Castro, sendo o mais provável que este tenha recorrido à mesma fonte. No texto de Antonio Chracas, com data de 3 de maio de 1749, o mesmo refere que os *pacotes foram enviados para Génova nestes dias*. Ora, *nestes dias* subentende-se que numa data próxima à do Num. 4959 do “Diario Ordinario”, portanto, no mesmo mês e ano.

Após a sua chegada, as urnas e os respetivos simulacros foram depositados em cada um dos lados da capela-mor da sé do Porto, como se depreende da descrição do Pe. Agostinho Rebelo da Costa:

*Nos dous lados do Altar Mór estão depositados em preciosas urnas os corpos de dous Santos Martyres: da parte do Evangelho o de S. Pacífico; e da Epistola o de Santo Aurelio* (1789, p. 59).

Antes de serem armazenados na sacristia antiga ou espaço de arrecadação – onde foram (re)descobertos em 2013<sup>251</sup> –, as urnas e os simulacros foram transferidos para os altares dos topos do transepto<sup>252</sup>, e daí para a Capela de São Vicente no claustro (...) <sup>253</sup> (N. M. Ferreira-Alves, 2002, p. 123), para onde retornaram em 2014 (J. Palmeirão, 2015), estando atualmente expostos para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

---

<sup>251</sup> Veja-se, *infra*, nota n.º 525 (parte IV).

<sup>252</sup> *Nos topos do transepto, com altares de embrechados marmóreos, repousam os corpos de S. Pacífico e Santo Aurélio* (C. de Passos, 1935, p. 15).

<sup>253</sup> Como evidenciado na dissertação de mestrado, os trabalhos de restauro levados a cabo pela DGEMN (a partir de 1927), contribuíram, em parte, para o armazenamento dos santos mártires e o seu conseqüente esquecimento (N. M. Ferreira-Alves, 2002).

### Santo mártir Vicente (1826)<sup>254</sup>



**Figs. 45, 46 e 47** – Esquerda e centro: simulacro do corpo do santo mártir Vicente em urna própria no banco do retábulo lateral da igreja de Nossa Senhora do Carmo, Penafiel. Direita: ex-votos deixados pelos fiéis por devoção ao santo. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo do santo mártir Vicente, *moço e mártir* (denominação pela qual o santo é conhecido entre os penafidelenses) está localizado em urna própria, no banco do segundo retábulo lateral, do lado da Epístola, da igreja de Nossa Senhora do Carmo pertença da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Penafiel (VOTNSCP), distrito e diocese do Porto.

O culto a são Vicente de Penafiel é, no presente, ainda muito intenso e a crença na sua incorruptibilidade generalizada pela comunidade penafidelense<sup>255</sup>. Curiosamente, é também um dos simulacros mais tardios, tendo chegado a Portugal no ano de 1826, e o exemplar mais bem documentado<sup>256</sup>. A aquisição tardia do simulacro de são Vicente deveu-se à construção da igreja

---

<sup>254</sup> Ficha de inventário n.º 27 (Apêndice V).

<sup>255</sup> No panfleto publicitário de divulgação da igreja do Carmo consta a seguinte informação: *Logo após a construção da Igreja [inaugurada em 1812], a Ordem Terceira do Carmo fez uma promessa à Santa Sé, na qual o primeiro Santo a chegar ao Vaticano viria para Penafiel. Em 1826, realizou-se desejo, ao ser enviado pelo Vaticano para Penafiel, o Corpo de São Vicente Moço e Mártir! O cabelo é natural, e o corpo encontra-se incorrupto. Fonte de uma enorme devoção pelas gentes de Penafiel, são lhe atribuídos vários milagres. A sua festa comemora-se na oitava após a Festa da Nossa Senhora do Carmo [16 de julho], com missa em sua honra.*

<sup>256</sup> A documentação pertencente à VOTNSCP encontra-se, provisoriamente, no Arquivo Municipal de Penafiel (AMP), entidade responsável pela digitalização e posterior disponibilização *online* do acervo documental da irmandade. A documentação de relevo para o tema em análise tem a designação de “Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço”, cota PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878), no qual se inclui todo o processo de autenticação e trasladação de Roma para Penafiel (AMP, 2008).

atual, inaugurada em 1812<sup>257</sup>.

Tentar-se-á, de seguida, com base na documentação existente, dar a conhecer o processo de aquisição, nomeação, autenticação e trasladação do sagrado corpo e respetivo simulacro, bem como o culto em torno de são Vicente, *moço e mártir*.

Numa correspondência de 2 de julho de 1825, assinada por Bento Cosmelli<sup>258</sup>, consta que a Mesa da Ordem Terceira do Carmo terá solicitado à Cúria Romana um corpo com o nome de são Maurício. Porém, não existindo um corpo com este nome que se fizesse acompanhar da respetiva autêntica, foi sugerido ao tesoureiro da Ordem Terceira do Carmo, António Joaquim de Carvalho, a seleção de um outro nome de entre os vários dispostos, por ordem alfabética, numa pequena lista anexa à carta, como se subentende da leitura:

*Pelo que respeita à Corpo Santo, diz que não há S. Maurício martir, e que somente há os que vem na Nota junta, dos quaes pode Vir á autentica, e poderão escolher outro Santo, ou á qui Chamarlhe S. Maurício mas sem autentica de baixo deste nome (...)* (VOTNSCP, 1825a).

Pode, inclusive, observar-se na referida *Nota* (fig. 48), a marcação de alguns nomes (como possíveis opções): *S. Prosperi m[ártir].*, *S. Placidi m.*, *S. Pii m.*, *S. Simpliciani m.*, entre outros, incluindo uma santa *Victoriae m.* e o futuro *S. Vincentis m.*

Relativamente à montagem do simulacro e respetiva urna, Bento Cosmelli escreveu:

*(...) e que em quanto á Vestimenta, e Urna que dezejava saber quanto querião gastar para se governar, em consequença – Em quanto á os pedidos Jubileos diz, que sendo ò Anno Santo, não se concede outro Jubileo, e que somente se poderão alcançar para*

---

<sup>257</sup> No panfleto publicitário suprarreferido (nota n.º 255) consta que a igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo foi construída sobre a antiga capela de santo António Velho, datada de meados do século XVII e destruída durante as invasões napoleónicas.

<sup>258</sup> Bento Cosmelli (n. ? - m. ?) era um negociante (ou banqueiro), natural de Génova, morador na rua Larga de S. Roque em Lisboa (P. C. Silva, 1888). Como observado anteriormente, Génova era reconhecida pelo seu porto, a partir do qual se procedia ao envio dos corpos santos de Roma para Portugal.

*o Anno proximo (...) avisandome dó que determinarem para ó fazer siente aó Amigo de Roma (...)* (VOTNSCP, 1825a, fols. 1r-1v).

Note-se a existência de um *Amigo de Roma* na carta de Cosmelli, o que leva a supor que este último tratar-se-ia de um intermediário podendo, por isso, ser considerado o “agente” nesta aquisição em particular. Uma outra nota importante a considerar diz respeito à montagem do simulacro e à aquisição da urna, que dependiam, segundo a carta de Cosmelli, das capacidades financeiras do requerente. Conclui-se, também, pela datação da carta enviada pelo mesmo, que a encomenda do simulacro decorreu no ano de 1825.

S. Jacundini m.	S. Modestini m.	S. Simplicii m.	S. Tranquilliani m.
S. Innocentii m.	S. Modestini m.	S. Simplicii m.	S. Victorii m.
S. Innocentii m.	S. Modestini m.	S. Simplicii m.	S. Victorii m.
S. Innocentii m.	S. Modestini m.	S. Simplicii m.	S. Victoriani m.
S. Justi m.	S. Nonianandi m.	S. Simplicii m.	S. Victoriani m.
S. Juste m.	S. Nonianandi m.	S. Simplicii m.	S. Urbani m.
S. Justini m.	S. Optati m.	S. Simplicii m.	S. Urbani m.
S. Justini m.	S. Optati m.	S. Simplicii m.	S. Urbani m.
S. Justini m.	S. Prati m.	S. Severi m.	S. Urbani m.
S. Justine m.	S. Prati m.	S. Severi m.	S. Urbani m.
S. Justine m.	S. Prati m.	S. Severi m.	S. Urbani m.
S. Jacundini m.	† S. Prosperi m.	S. Severini m.	† S. Victorii m.
S. Jacundini m.	S. Prosperi m.	S. Severini m.	† S. Victorii m.
S. Jacunde m.	S. Pacifici m.	S. Severini m.	S. Victorii m.
S. Liberati m.	S. Pacifici m.	S. Sereni m.	S. Venusti m.
S. Lucidani m.	† S. Placidi m.	S. Sereni m.	S. Venusti m.
S. Lucidi m.	S. Placidi m.	S. Sereni m.	† S. Vincentii m.
S. Lucide m.	† S. Pii m.	S. Salvati m.	S. Vincentii m.
S. Lucei m.	S. Pii m.	S. Salvati m.	S. Vincentii m.
S. Luctantii m.	S. Pii m.	S. Speciosi m.	S. Vincentii m.
S. Luceus m.	S. Pii m.	S. Speciosi m.	S. Vincentii m.
S. Luceus m.	S. Reparati m.	S. Speciosi m.	S. Veracundi m.
S. Magni m.	S. Reparati m.	S. Speciosi m.	S. Valentini m.
S. Maximi m.	S. Reparati m.	S. Theophili m.	S. Vincentii m.
S. Maxime m.	S. Reparati m.	S. Theophili m.	S. Vincentii m.
S. Modesti m.	S. Redempti m.	S. Tranquilli m.	S. Veracundi m.
S. Modesti m.	S. Redempti m.	S. Tranquilli m.	† S. Vitalii m.
S. Modesti m.	S. Restituti m.	S. Tranquilli m.	S. Venerandi m.
S. Manuete m.	S. Restituti m.	† S. Theodori m.	S. Venerandi m.
S. Magni m.	† S. Simpliciani m.	S. Theodori m.	S. Urbani m.
S. Modestini m.	S. Simpliciani m.	S. Tranquilli m.	S. Urbani m.

The image shows a handwritten document on aged paper. At the top, it is dated "Lisboa 31 de Outubro 1826". The text is written in a cursive script and lists various expenses, with some items followed by numerical values. At the bottom, there is a signature and the date "1826".

**Figs. 48 e 49** – Esquerda: *Nota* com os nomes dos santos (com autêntica), enviada com a carta de 2 de julho de 1825 por Bento Cosmelli ao tesoureiro da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Penafiel. Direita: carta enviada no dia 31 de outubro de 1826 por Cosmelli ao tesoureiro, intitulada “Couta da Despeza q□. Emportou à Condução do S. Viçente Martir, Mosso de Roma athe a Cid.º de Lx.”. © VOTNSCP | AMP (documentos digitalizados)

Resolvidas as questões do nome, numa outra carta remetida por Bento Cosmelli ao mesmo tesoureiro, com data de 31 de outubro de 1826 (Lisboa), vêm descritas as despesas com a vinda das relíquias, intitulada “Couta da Despeza q□. Emportou à Condução do S. Viçente Martir, Mosso de Roma athe a Cid.º de Lx.” (VOTNSCP, 1826a) (fig. 49). Tal como a anterior, trata-se de um documento de grande valor para o inventário dos corpos santos, pela sua raridade, uma vez que

constam as despesas discriminadas de todo o processo de envio do *Corpo Santo de S. Viçente Martir* para Portugal. Pode então ler-se:

*Á que Segue hé Conta dó Custo, & Gastos de huma Urna que Contem ó Corpo Santo de S. Viçente Martir, e Varias Reliquias que de Sua Ordem mandei Vir de Roma, & remeti pelo Barco á Vapor aõ Sr Luis Józê Fonseca dó Porto, em Conformidade da Sua Ordem.*

Seguem-se as despesas:

<i>Emporta toda á Despeza em Roma, inclusive portes de Cartas, e agencia dó Amigo de Roma reduzida á dinheiro Portuguez</i>	130\$600
<i>Trasnporte por terra de Roma pará ó Porto de Seu embarque aó Navio que ó Levou para Genova</i>	12\$240
<i>Frette aó dito Navio, &amp; Avaria grossa</i>	16\$320
<i>Gastos em Genova por dezimbarque, Alfandega, e Barco para ó reimbarq.º aõ Navio Leão para Lisboa</i>	8\$910
<i>Frette pago aõ Capp.º [capitão] dó dito Navio</i>	9\$830
<i>Regalo [gorjeta] aó Contramestre pelo Cuidado que teve de estivar [acomodar] ó Caixão em bom Lugar</i>	3\$200
<i>Gastos no Lazoureto [lazareto?] de Lisboa, descarga no mesmo, arumação, e remessa para á Alfandega</i>	7\$480
<i>Despezas ná Alfandega de Lisboa, descarga, arumação, e embarque para ó Porto, e Barco para Bordo</i>	6\$250
<i>Frette paga aó Barco á Vapor Sobres (?) Palmos Cubitos 101 ____ (?) 80. por Palmo Cubito</i>	8\$080
<i>Minha agencia, de Reçeber, e remeter, e portes de Varias Cartas escritas, &amp; Reçebidas respetiva á esta encomenda</i>	19\$200

A partir das despesas transcritas conclui-se, portanto, que as relíquias viajaram, por terra, de Roma até ao porto da mesma cidade, onde embarcaram com destino a Génova. Após reembarque seguiram até Lisboa em navio e, de seguida, em barco a vapor para o Porto onde terão sido recebidas pelo Sr. Luís José de Fonseca. Sobre o último itinerário (Porto – Penafiel) nada consta na documentação.

Só as viagens (embarque, desembarque, gorjeta, arrumação e alfândega), totalizaram 72\$310 reis. Os restantes gastos, relativos a todo o processo de aquisição do corpo santo em Roma e à agência (que terá tratado das correspondências entre a Mesa da Ordem e Roma) ficaram nos 149\$800 reis. Duzentos e vinte e dois mil, cento e dez reis (222\$110) foi o custo assumido pela Mesa da Venerável Ordem Terceira do Carmo de todas as despesas com a vinda do simulacro de São Vicente e respetiva urna, e de mais outras doze relíquias de santos, igualmente solicitadas pela Ordem Terceira do Carmo, e cujas autênticas estão incluídas no “Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço” (VOTNSCP, 1825b).

Além das despesas anteriormente transcritas, foram também registados os seguintes gastos (VOTNSCP, 1826b):

<i>Custo do Breve para o Jubileu, e Dito para a Missa propria de S. Vicente Martir, Agência em Roma, e portes de Contas de Lisboa para Roma</i>	16\$000
<i>Porte da Carta Com os Breves</i>	2\$365
<i>Sellos dos Dittos</i>	3\$200
<i>Regio Benepláçito</i>	1\$920
<i>Agência em Lisboa</i>	6\$400
	29\$885
<i>Siguro do corr.º [correio?] em Junho 12 – 1826</i>	\$300
	30\$185

Relativamente ao processo de exumação do sagrado corpo sabe-se onde e quando o mesmo decorreu, e sob que autoridade, pela consulta do respetivo documento de autenticação (autêntica<sup>259</sup>), assinado no dia 24 de maio de 1826 (Anexo B) (VOTNSCP, 1826c).

Vários pontos podem ser retirados da leitura da autêntica: (1) o documento foi assinado pelo custódio ou guardião das sagradas relíquias (*Sacrarum Reliquiarum Custodem*), Damiano Orlandi<sup>260</sup>,

<sup>259</sup> Segundo Angelo Pimentel (1955), a autêntica foi encontrada nos anos 50 do século XX pelo tesoureiro da Ordem Terceira do Carmo.

<sup>260</sup> Damiano Orlandi foi custódio entre 17 de março de 1825 e 27 de outubro de 1836 (veja-se Apêndice I).

sob a autoridade do cardeal (1821?-34) Giacinto Placido Zurla, vigário-geral de Roma (*Notizie per l'anno M.D.CCC.XXV. dedicate all'Emo e Rmo Principe il Signor Cardinale Bartolommeo Pacca Vescovo di Porto e S. Rufina, Sotto-Decano del Sagro Collegio e Pro-Datario di Sua Santità*, 1825); (2) as relíquias foram oferecidas à *Ordem Terceira da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo* (um ramo da Ordem do Carmo), de Penafiel; (3) as relíquias foram exumadas da catacumba de santa Ciríaca no dia 28 de janeiro de 1826 (quatro meses antes da redação da autêntica), por ordem do papa Leão XII (p. 1823 - m. 1829); (4) o *Sagrado Corpo de S. Vicente M.* é apelidado de *Adolescente* tratando-se, por isso, dos restos mortais de um jovem mártir, daí a denominação popular de o *moço*. Um quinto e último ponto, não menos importante, diz respeito ao modo como é descrito o *Sagrado Corpo*. Segundo a autêntica, este foi oferecido *reduzido a fragmentos*. Subentende-se desta expressão que no interior do simulacro existam apenas alguns *fragmentos* do esqueleto.

Numa outra autêntica, assinada dias antes da autêntica anterior, a 15 de maio de 1826, é de facto comprovada a dimensão das relíquias: (...) *reconhecemos as sagradas partículas dos ossos do Mártir S. Vicente (...)*, como a sua colocação *numa caixa de prata, de forma oval, munida de dois cristais bem fechada e atada com um cordão de seda, de cor vermelha*. Com efeito, esta terá sido a disposição original dos restos mortais de São Vicente antes da sua colocação no interior do recetáculo figurativo (ou, eventualmente, terá sido a caixa colocada dentro do simulacro).

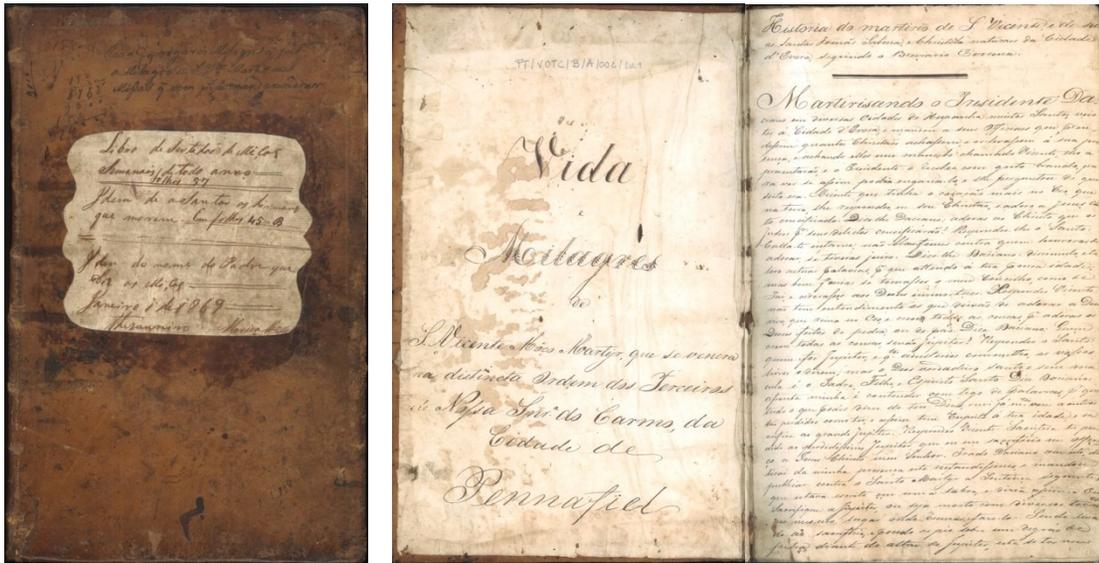
Além da documentação suprarreferida, consta também o Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, assinado a 15 de fevereiro de 1826<sup>261</sup>, no qual é concedida autorização para a celebração de missa solene *na Festa de S. Vicente Martyr, cujo Corpo se acha collocado em hum Altar Collateral (...)*, e *hé venerado pelos Fieis com muita Religião (...)*, aprovada *na Dominga dentro da oitava da Commemoração da Bemaventurada Virgem Maria do Monte do Carmo na Igreja da Ordem dos Carmelitas da Cidade, denominada, vulgo, de Penafiel (...)* (Sagrada Congregação dos Ritos, 1827, fol. 1).

Uma vez adquirido o simulacro, foi necessário dar a conhecer a vida santa e milagrosa de *S. Vicente Mõço Martyr* aos fiéis. O livro “Registo de milagres e missas” abre com a *Historia do martirio de S.*

---

<sup>261</sup> A tradução do decreto data de 9 de julho de 1827 e foi realizada pelo notário apostólico Carlos Joaquim Teixeira.

Vicente, e de suas Santas Irmãs Sabina, e Christela [sic] naturais da Cidade d'Evora, seguindo o Breviario Evorense<sup>262</sup> (VOTNSCP, 1829, fol. 2r).



**Figs. 50 e 51** – Capa e primeiras folhas do livro de “Registos de milagres e missas”, onde consta a história do martírio de são Vicente e de suas irmãs (VOTNSCP, 1829). © VOTNSC | AMP (documentos digitalizados)

Conta a história que os oficiais de Daciano, quando foram á Cidade d'Evora, prenderam um *mancebo* cristão, de nome Vicente. Apesar da insistência de Daciano para que o jovem adorasse os deuses pagãos (*Deoses immortaes*), Vicente foi sempre fiel a Cristo tendo convertido *muitas almas para Deos* durante o período em que esteve preso. Vicente acabaria por fugir com as irmãs p.<sup>a</sup> a Cidade d'Ávila (Espanha) onde foram, mais tarde, presos e martirizados:

(...) *postos a tormentos fora da Cidade lhes desconjuntarão os membros, e os atormentarão de diversas maneiras; e pondo-lhes finalmente as cabeças sobre pedras lhes derão com páus em cima, e assim acabarão o seu cruellissimo martyrio, e forão gozar da gloria eterna (...)* e deixarão ali sem sepultura os Santos Corpos expostos aos caens, e aves (...) (VOTNSCP, 1829).

<sup>262</sup> Note-se aqui, novamente, a necessidade de atribuir aos santos mártires catacumbais uma hagiografia reconhecida pela Igreja. Para que estes “santos novos” tivessem a receção esperada era necessário atribuir-lhes uma identidade, uma história, um culto, ou seja, uma hagiografia (veja-se nota n.º 100).

Conta a tradição que uma serpente protegeu os seus restos mortais de um judeu, que acabaria por se reverter à fé cristã e dar sepultura aos santos mártires:

*O Judeo tornando a si, foi á Cidade, e lançado aos pes dos sacerdotes pediu, e recebeu o Bauptismo, e depois edeficou, e dedicou uma grande Igreja á honra d'estes Santos Martyres, no mesmo lugar onde sepultou seus corpos (VOTNSCP, 1829).*

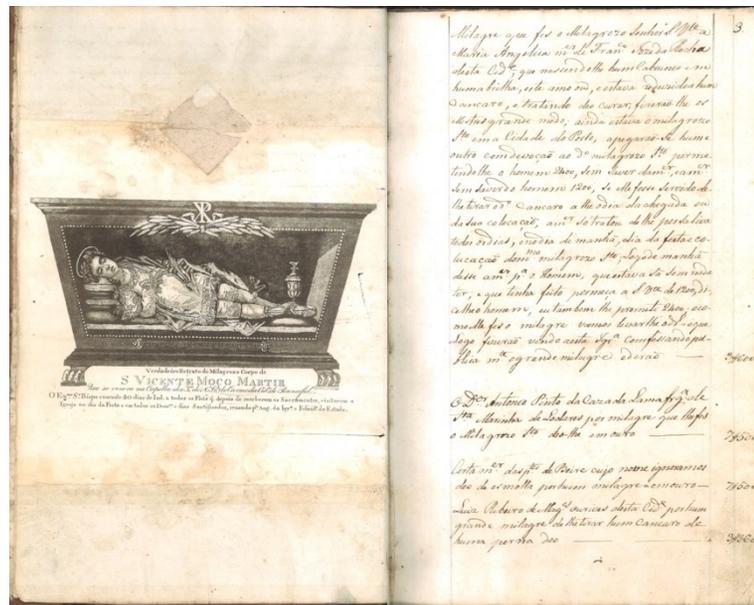
Os mártírios de são Vicente e de suas irmãs Sabina e Cristeta vêm confirmados no “Martirologio Romano”, com data de 27 de outubro (Igreja Católica, 1916). Os três eram naturais de Ébora (de Carpetânia) em Espanha (e não de Évora, Portugal), e morreram em Ávila, *ca.* 305 d. C. O equívoco levou a que fossem identificados como mártires de Évora. Consta ainda que no local onde morreram foi erguida uma basílica em sua honra, basílica de são Vicente, onde ainda hoje se encontram os seus restos mortais em sepulcro próprio (Repetto, 2007).

Posto isto, a Ordem Terceira do Carmo de Penafiel não só teve a possibilidade de escolher o nome do sagrado corpo exumado das catacumbas de Roma – daquele que viria a atrair os fiéis e peregrinos à igreja de Nossa Senhora do Carmo –, como pôde atribuir-lhe uma vida milagrosa e reconhecida no “Martirologio Romano”. Sugerem-se, assim, duas hipóteses: (1) a hagiografia foi atribuída ao corpo de são Vicente após a sua vinda, uma vez que este veio identificado como um santo mártir adolescente (*S. Vincentii M. Adolescentuli*); ou (2) os mesários selecionaram o nome do santo a partir da *Nota* que lhes foi remetida por Bento Cosmelli, com base na hagiografia do jovem mártir “eborense” e na possibilidade de terem as relíquias de um santo de nacionalidade portuguesa na sua igreja<sup>263</sup>. Não obstante, e independentemente das origens do seu nome, consta no livro supramencionado que *o Milagrozo Senhor S. V.<sup>te</sup>* realizou muito milagres ao povo de Penafiel (VOTNSCP, 1829, pp. 3–50). Efetivamente, os primeiros milagres registados decorreram quando *ainda estava o milagrozo S.<sup>to</sup> em a Cidade do Porto*, em troca de esmolas, missas, orações, ex-votos

---

<sup>263</sup> Como se viu anteriormente, o culto de um santo com nome próprio ou de um santo com uma hagiografia reconhecida pela Igreja tinha (e tem) um peso em termos de fé e devoção superiores a um santo anónimo ou sem uma história de vida.

(pintados e em cera) ou bens (ouro, prata, animais<sup>264</sup>, velas e azeite *p.<sup>a</sup> a Lanpeda do Santo*) (VOTNSCP, 1829, p. 3). Era também frequente os devotos, em sinal de agradecimento ao santo pelas graças recebidas, aparecerem acompanhados com *mais molheres*, com *mossinhas donzellas* ou *com huma novena de meninas a cantar os loubores ao Snr<sup>o</sup>.*, ou *a cantar pellas ruas*, a *darem humas voltas a roda da Igreja* em oração (por vezes, de joelhos), e/ou com o padre (ou um clérigo) da respetiva freguesia *p.<sup>a</sup> dizer a Missa pedida no altar do Santo Marte Milagroso* (VOTNSCP, 1829, pp. 6, 13–15, 21, 39).



**Fig. 52** – Estampa devocional de *S. Vicente Moço Martir* e 1ª página do registo de milagres do santo no livro “Registo de milagres e missas” (VOTNSCP, 1829, fols. 2v–3r). © VOTNSC | AMP (documentos digitalizados)

Os milagres mais registados são as curas de cancro, tumores (ex.: caroços na cabeça e no pescoço), reumatismos, dores intensas (ex.: nos membros, rins, dentes, menstruação, etc.), membros partidos (ex.: atropelamento) e febres intensas vendo-se, com frequência, nestes casos, as expressões: *malina* (o mesmo que maligna ou doença infectocontagiosa) e *molestia* (o mesmo que doença ou enfermidade). Por vezes aparece, também, a cura da doença das *bixigas* (bexigas, comumente

<sup>264</sup> A título de curiosidade, para a cura das dores de um braço de uma devota, esta prometera a são Vicente que (...) *lbe daria o Milhor frango q<sup>o</sup> . tive.<sup>o</sup>* [tivesses] (...). Noutra cura, o devoto prometeu (...) *o seu borrhno ou o seu vallor se o Santo Marter* [Mártir] *dese sande a sua Maij* [mãe] (...) (VOTNSCP, 1829).

conhecida por varíola), nas crianças. O milagre da ressuscitação encontra-se, igualmente, registado. Nestes casos, ou nas curas de doenças graves em que o devoto estaria *gravemt.<sup>e</sup> doente ...*, às *portas da morte...*, *em tam grande prigo* [perigo] *de (perder a) vida...* ou *com poucas esperanças de vida ...*, a mortalha era, frequentemente, deixada sobre o altar do santo em sinal de gratidão pela graça recebida e *p.<sup>a</sup> memoria* do sucedido, juntamente com a referida oferta<sup>265</sup>. Os devotos eram, maioritariamente, da cidade de Penafiel ou de freguesias vizinhas do *Bispado do Porto*. Transcrevem-se, de seguida, dois de entre as dezenas de milagres concedidos pelo são Vicente de Penafiel (atente-se, também, nota n.º 265 e páginas seguintes):

*(...) hum menino de coatro Annos por nome Camilo filho de Anna Maria da frg.<sup>a</sup> [freguesia] de Vitarais (?) Bispado do Porto naseulbe [nasceu-lhe] na caveca [cabeça] hum temor ou cancro atras da oreilha esquerda já estava mais cresida do que húm OBô. [ovo] de galinha e mt.<sup>o</sup> duro fazendo-celbe mt.<sup>os</sup> Remedios corativos a nada obedecia apegandoce súa tia Caterina, com Sam V.<sup>te</sup> [São Vicente] mosso marter [mártir] com mt.<sup>a</sup> fé: e devoção. lbe tirace este temor ou cancro deste seu subrinbo de tan tenra Idade padecendo simillbante molestia oferecendo-lbe o Santo hum pescosso de sera e tres vinteis em prata e húa volta de Joelbos a volta da Igr.<sup>a</sup> e húm Rozário se o Santo Marter lbe-tirar simillbante mal da caveca q̄. lbe toma em the [até] o mejo [meio] do pescosso em hua coarta feira lbe fes esta offerita ou oferecimt.<sup>o</sup>: e na outra coarta feira seguinte Já, nada tinha q̄ nestes oito dias. por Intrececaõ. do Nosso Santo Marter ficou sam [são] sem lbe ficar sinal algum ficou sam e perfeito. Vindo sua tia Catarina a esta Igr.<sup>a</sup> agradesser o Santo o favor Referido e satisfazer e conprir a sua promessa q̄ tudo satisfes em o dia 8 de marco de 1832 (VOTNSCP, 1829, p. 38).*

*Estevão Ferreira da Cidade do Porto, estando sua m.<sup>er</sup> [mulher] Anna Freire com uma enfermidade desenganada pelos facultativos que não escapava, e infallivelm.te morria, a ponto de terem já em caça o Caixão, e cêra, e tendo not.<sup>a</sup> [notícia] dos milagres que fazia o Milagroso Santo, seu marido se apegou com tanta fé e devoção ao d.<sup>o</sup> Santo que recoperou Saude, e no dia*

---

<sup>265</sup> Veja-se, a título de exemplo: (...) *Anna de Maireles (...)* *grave-mt.<sup>e</sup> emferma com huma Mallina estáva as portas da morte, Invocando com mt.<sup>a</sup> fé: o patrocino, do gloriozo Sam Vicente Marter neste Igreja q̄. lbe vallesse nesta Súa afflicãõ. offerecendo-lbe a sua Mortalha teve logo Saude q̄. dezejava vindo a este Logar, agradesser-lbe a merce, q̄. o Santo lbe fizera, trouce a Mortalha vestida, com mt.<sup>os</sup> gente q̄. acompanhou deixando a Mortalha depondorada e corenta reis em dinheiro em 7 de Junbo de 1829... \$040 (VOTNSCP, 1829, p. 9); (...) *vindo conprir a súa promessa e agradecer a merce q̄. o Santo lbe fizera lbe trouce a súa mortalha de seda e húa tocha (...)* *na comp.<sup>a</sup> [companhia] de seus Pais e húa novena de meninas q̄. acompanbaraõ. a dar as voltas a Roda da Igr.<sup>a</sup> e a doente com a tocha na mam azeza [na mão, acesa] e seus Pais acompanhando este; com as lagremas nos olhos de gosto e contentamento de ver o grande Milagre q̄. o nosso Santo lbe fes deixou sobre o seu Altar a mortalha e a tocha e doze vinteis em prata em o dia 28. de Marco de 1830...340rç [reis] (VOTNSCP, 1829, p. 25); (...) *os seus Pais foraõ. dar com ella Morta e fria querendo-se amortalhar e con grande f: [fé] pediraõ. m.<sup>to</sup> a São V.<sup>te</sup> Marter na sua Igr.<sup>a</sup> lbe desse Vida a súa mennina lbe daria a sua Mortalha (...)* *Em breves dias ficou a menina com saude vindo seus Pais e a menina amortalhada a esta Igr.<sup>a</sup>: agradecer o santo o favor Referido deixaraõ. a Mortalha sobre o Altar em o dia 8 de Setembro de 1831 (VOTNSCP, 1829, p. 35).***

*25 de Maio de 1842 vierão tributar seus cultos de agradecim.to e trazerem uma boa mortalha que deixarão* (VOTNSCP, 1829, fol. 49).

Mais de cinquenta folhas de registos (entre 1826<sup>266</sup> e 1855) descrevem os milagres que Deus realizou por intercessão do *Milagroso Santo Marter* e as oferendas de agradecimento dos fiéis. Existiu, de facto, uma *devoção fervorosa e dillatada* ao jovem mártir, a qual permaneceu (embora diminuindo de intensidade) até aos dias de hoje, como confirmam os ex-votos em cera e fotografias<sup>267</sup> sobre o altar onde está depositada a urna-relicário com o simulacro (fig. 47). Na sacristia da igreja observam-se, ainda, três ex-votos pintados, alusivos a essa devoção mais antiga (figs. 53–55).



**Figs. 53, 54 e 55** – Ex-votos pintados oferecidos a são Vicente, expostos na sacristia da igreja de N. Sra. do Carmo, Penafiel. © Joana Palmeirão

Em dois dos três ex-votos (figs. 54 e 55) pode ler-se o nome dos devotos e as doenças para as quais terão suplicado por intercessão:

*Milagre q̄ . fez o Glorioso S. Vicente Martir a Luiz Ribeiro de / \_\_\_\_\_(?) Ourives desta Cidade, q̄ . tendo hum cancaro em huma perna à 26 annos (...)*<sup>268</sup>

---

<sup>266</sup> Embora a data inicial esteja definida como 1829, o mais provável é que o primeiro registo seja anterior, uma vez que, como suprarreferido, o primeiro milagre registado ocorreu quando o simulacro de são Vicente estava ainda na cidade do Porto, provavelmente, a aguardar transporte para a cidade de Penafiel onde seria exposto à veneração pública.

<sup>267</sup> De entre as várias fotografias observam-se algumas de bebés, crianças pequenas e jovens, provavelmente dos fiéis a quem são Vicente concedeu as suas graças em favor de promessas ou oferendas.

<sup>268</sup> O restante da inscrição está cortado pela moldura.

*Millagre que fês S. Vicente Moço Martir a João de Souza méstre alvardeiro que estando doente vrevemente [brevemente] / o pos Saõ -*

Apesar de não constarem as datas nos ex-votos, existem dois milagres no “Registo de milagres e missas” com referência aos devotos Luís Ribeiro e João de Souza. Embora o último não possa ser associado com toda a certeza ao milagre registado<sup>269</sup>, o de Luís Ribeiro trata-se, claramente, do mesmo milagre, como se depreende da leitura:

*Luíz Ribeiro de Mg.<sup>es</sup> [Magalhães] ourives desta Cid.<sup>e</sup> por hum grande milagre de lhe tirar hum cancaro de huma perna deo 3\$360 (VOTNSCP, 1829, p. 3).*

Este é o quarto milagre registado, ocorrido em 1829. Facto curioso é que o ex-voto foi oferecido vinte e seis anos após o milagre, *ca.* 1855. Talvez por essa razão, o ex-voto consiste numa pintura a aguarela sobre papel e não na “tradicional” pintura a óleo sobre madeira ou tela. Outros ex-votos foram também ofertados a são Vicente, como os antropomórficos ou os objetos em cera<sup>270</sup>, como clarifica o seguinte exemplo:

*(...) estando Józze Pereira (...) gravemente emfermo de dores q□ . padecia em huã perna q□ . para dar húma passada hera apegado a húm Pau com mt.<sup>o</sup> custo e dores q□ . padecia na dita perna por mt.<sup>o</sup> tempo oferecendosse com grande fé: e devocaõ. ao gloriozoz Sam V.<sup>te</sup> marter nesta Igr.<sup>a</sup> huã moleta de sera logo alcançou Saude por sua intercessão. Cujó favor vejo [veio] agradecer-lhe e conprir a sua promessa em o dia 5 de junbo de 1831 (VOTNSCP, 1829, p. 34).*

Por fim, persiste ainda a crença de que o santo abre os olhos de cada vez que ocorre um milagre por sua intercessão.

---

<sup>269</sup> *No mesmo mes e anno succedeu q□ João de Souza do logar de vila Cova Bispado do Porto gravemt.<sup>e</sup> infermo as portas da Morte procedido de húmas maleitas súa Irmam [irmã] por nome Anna Moreira valendoce do patrocínio do glorioso Sam V.<sup>te</sup> Marter na súa Igr.<sup>a</sup> offerecendo-lhe mt.<sup>o</sup> devota-m.<sup>te</sup> a sua oferta se alcançace de Deos a saude a seu Irmão. logo conheceu milhoras já se acha com perfeita saude aqui vejo [veio] e sua Irmam agradecer o santo o favor Referido deixou a sua oferta ....\$480 Em o dia 20 de setembro de 1829 (VOTNSCP, 1829, p. 20).*

<sup>270</sup> *Objecto de vários tipos, oferecido por uma graça pedida ou recebida. Pode consistir num objecto de uso comum (muleta, ramo de noiva, roca, grillbetas, chapéu, etc.), ou feito expressamente (ex-voto antropomórfico, placa ex-voto, quadro ex-voto, barco ex-voto, etc.). Apresenta, geralmente, uma data e uma inscrição relativa ao acontecimento e ao doador (N. C. Guedes et al., 2004, fig. 450).*

### 5.2.3. Diocese de Braga

#### Santo mártir Clemente (1778-80)<sup>271</sup>



**Figs. 56, 57 e 58** – Esquerda e centro: fachada e altar das relíquias do santuário do Bom Jesus do Monte, Braga. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Clemente. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo do santo mártir Clemente está localizado no interior do altar da capela colateral (capela das relíquias<sup>272</sup>) sita no transepto, do lado da Epístola, do santuário do Bom Jesus do Monte (ou de Braga), na freguesia de Tenões, cidade, distrito e diocese de Braga.

O acesso e consulta da documentação pertencente ao Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte (AHCBJM)<sup>273</sup> permitiu a recolha de dados relevantes sobre a doação do sagrado corpo à CBJM, bem como a trasladação, procissão e deposição das relíquias no santuário. As esmolas e

---

<sup>271</sup> Ficha de inventário n.º 41 (Apêndice V).

<sup>272</sup> O altar, capela ou santuário das relíquias é um dos grandes pontos de interesse do santuário do Bom Jesus do Monte (SBJM), onde, ainda hoje, concorrem muitos peregrinos e devotos. Sobre o altar destacam-se cinquenta e sete bustos-relicários com relíquias dos mais diversos santos, dispostos por ordem hierárquica até ao topo, onde se expõe uma custódia com uma relíquia do Santo Lenho. Quanto ao simulacro de são Clemente, a informação divulgada pela Confraria do Bom Jesus do Monte (CBJM) é a de que se trata de um soldado romano do século III convertido ao cristianismo e cujo corpo, com o esqueleto no interior, foi reconstruído em cera e gesso.

<sup>273</sup> Para a presente investigação foram consultados os seguintes documentos: “004-Breve do Santuário do Bom Jesus do Monte (cópia)”, 1778 (cota 3); “003-Atas da Mesa”, 1770-1838 (cotas 30, 31 e 32); “003-Despesas”, 1760-1863 (cotas 728, 729, 730); “007-Documentos de Despesa”, 1758-1813 (cotas 1031, 1032, 1033); “004-Receita”, 1758-93 (cotas 770, 771); “001-Legado de D. Rodrigo de Moura Teles: Receita e despesa”, 1752-1805 (cota 966); “004-Inventários”, 1729 e 1808 (cotas 761, 762); “011-Livro de recebimentos do tesourado das esmolas”, 1808-63 (cota 772).

despesas com o corpo santo, entre outras informações relevantes – não apenas para a investigação em curso, mas por se tratar de informação inédita –, foram igualmente recolhidas e serão apresentadas de seguida.

Nas atas da Mesa de 6 de agosto de 1778 consta que Francisco Ventura Maciel Aranha<sup>274</sup> ofereceu à confraria *hum sanctuario de preciosas reliquias* [sic] *que lhe vierão de Roma pera se collocarem na Cappela Mor do Bom Jesus do Monte*<sup>275</sup> (CBJM, 1778b, fol. 75v). Embora as *preciosas reliquias* não se encontrem identificadas na presente ata, voltam a ser mencionadas no termo da Mesa de 5 de julho de 1780. Aqui é descrito o simulacro do santo mártir Clemente, além das mais de oitenta e duas relíquias – todas com as respetivas autênticas – oferecidas por Francisco Ventura Maciel Aranha à confraria, bem como a referência aos breves, bulas, graças e indulgências pelos papas Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774) e Pio VI (p. 1775 - m. 1799), tudo vindo de Roma. Sobre o simulacro, pode ler-se o seguinte:

*Mais hum caixão de madeira bem acabado, e dourado em p.<sup>tes</sup> pela de fora com seu vidro na fronteira, sellado, e lacrado, pelos outros lados com os S.<sup>tos</sup> ossos, e cabeça de hum Martir chamado São Clemente, organizados em forma homana, e ricam.<sup>te</sup> vestidos de sedas de ouro, e prata em forma, e traje militar, e parte do sangue derramado em seu martirio, mettido em hum cofre dourado juncto ãos pes do m.<sup>o</sup> corpo, como melhor consta da respectiva authentica (...)* (CBJM, 1780d, fol. 95r–v).

---

<sup>274</sup> Francisco Ventura Maciel Aranha, natural de São João de Souto (Braga), era bacharel em Cânones e formado em Leis, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e cavaleiro fidalgo da Casa Real. Veio a ser juiz presidente da CBJM entre 1782-84. Seu pai, Boaventura Maciel Aranha foi *banqueiro de letras romanas e um notável escritor* (Peixoto, 2011, p. 254). A título de curiosidade, Boaventura Aranha foi autor da obra “Cuidados da morte, e descuidos da vida...”, onde constam as vidas e ações memoráveis de santos e santas, dos varões ilustres e dos servos de Deus.

<sup>275</sup> Pela leitura das atas, e apesar da intenção do doador, as relíquias nunca chegaram a ser colocadas na capela-mor. Aliás, na mesma ata, a Mesa mandou fazer *hum risco p.<sup>a</sup> a Cappela de São Rodrigo*, na qual viriam a ser colocadas as relíquias oferecidas por Francisco Maciel Aranha (CBJM, 1778b, fol. 75v), e no termo da Mesa de 29 de março de 1779 determinou-se que se acrescentasse ao retábulo da dita capela (ou altar de São Rodrigo) o que fosse *preziço p.<sup>a</sup> m.<sup>or</sup>* [maior] *acomodação, e veneração da[s] S.<sup>tas</sup> Relíquias* (CBJM, 1779, fol. 80r). Pela ata de 20 de agosto do ano anterior, sabe-se que o retábulo foi realizado pelo mestre entalhador João da Silva pelo valor de 80\$000, com a condição de que o mesmo ficasse terminado até ao final de janeiro de 1779 (CBJM, 1778a, fol. 76r–v).

No que concerne aos documentos relativos às relíquias incluíam-se:

*Quarenta, e hũa atestaçoens authenticas de Prelados de Roma, e authorizadas na Provizoria desta cid.<sup>e</sup>, por onde consta a legitimid.<sup>e</sup> das reliquias collocadas em todo o Altar dellas, que se acha erecto na Principal Capêlla do mesmo Sanctuario, alem das m.<sup>tas</sup> pastas de Agnus Dei, de que está guarnecido o Altar, ou retabolo das mesmas, e são as reliquias, que se seguem (...) Mais as autenticas de sincoenta, e oito relicarios redondos de filagrana de prata com seus cristaes, e sellos em cada hum p.<sup>a</sup> se collocarem nos meios corpos q<sup>o</sup> esta confraria mandou fazer á sua custa (...) (CBJM, 1785, fols. 177v–178r).*

Em 1782, na ata de 10 de abril, a Mesa determinou que todos os breves do Jubileu e das Indulgências, *Authenticas das preciosiss.<sup>as</sup> reliquias das sobred.<sup>as</sup> Imagens, Costodias, e Ossos organizados do valerozo Martir São Clemente*, bem como outros documentos de igual importância, fossem encadernados num livro<sup>276</sup>, de modo a que os vários papeis ficassem todos juntos e à guarda da confraria (CBJM, 1782a, fol. 128v).

Quanto à aquisição das relíquias por Francisco Ventura Maciel sabe-se, apenas, que o *donante* tinha conhecimentos na Cúria Romana, uma vez que o mesmo terá *laborioz<sup>am</sup>.<sup>te</sup> trabalhado por seos Procuradores, e Amigos conceguir as seg.<sup>tes</sup>, e particulares reliquias (...)* (CBJM, 1780d, fol. 94v). Infelizmente, em nenhuma das atas e restantes documentos se conseguiu obter mais informações sobre o modo de aquisição das relíquias. Sabe-se, ainda, que era o mesmo Francisco Aranha que encomendava as verónicas, contas, rosários, livrinhos e medalhas de chumbo de Roma para venda, no santuário, aos romeiros<sup>277</sup>. Assume-se, assim, que o *D.<sup>or</sup> Fran.<sup>co</sup> Ventura Maciel* teria bons contactos na Santa Sé.

Atendendo ao facto de que a trasladação (e procissão) *do Invicto Martir São Clemente* para o SBJM foi realizada, apenas, em junho 1780, ano em que surge, pela primeira vez, a referência ao mesmo nas

---

<sup>276</sup> Os documentos só viriam a ser encadernados em 1785, como consta na ata de 14 de setembro do mesmo ano, uma vez que só a 3 de julho é que *forão entregues os breves do Jubileu, indultos, e mais graças, como tambem as authenticas das preciosas reliquias, que ja estão collocadas em hum Altar collateral da Capêlla Principal do m.<sup>mo</sup> Santuario (...)* (CBJM, 1785, fol. 176r). O dito livro, assim como as autênticas descritas já não se incluem na documentação do AHCBJM.

<sup>277</sup> Pode ler-se na ata da Mesa de 3 de janeiro de 1781: *(...) foi proposto, q<sup>o</sup> ão D.<sup>or</sup> Fran.<sup>co</sup> Ventura Maciel Cavalleiro profêço na Ordem de Christo se havia recomend.<sup>o</sup> huas vironicas, e varias contas de Roma com indulgencias p.<sup>a</sup> comover os Romeiros ás esmolos, por conta do q<sup>o</sup> foi apresentado o rol da despeza de tudo (...)* (CBJM, 1781, fol. 103r).

atas da Mesa (10 de maio<sup>278</sup>), e uma vez que não existe a sua autêntica no AHCBJM, não é possível confirmar se o *corpo santo* veio juntamente com as restantes relíquias, ou seja, no ano de 1778, ou se terá chegado dois anos mais tarde, em 1780. Existem, no entanto, alguns indícios que sugerem ser a segunda opção a mais plausível: (1) o facto de o simulacro não ter participado na procissão da imagem do BJM em 1779, ao contrário das restantes relíquias<sup>279</sup> (embora, neste caso, o seu tamanho e peso possam ter sido um entrave); (2) com base na leitura da ata de 10 de maio de 1780:

*(...) abi foi porposto pello dito S.<sup>r</sup> Juis, que Fran.<sup>co</sup> Ventura Maciel aranha m.<sup>or</sup> [morador] na Rua de S. João desta cid.<sup>e</sup> tinha dado a esta confraria huma quantidade de reliquias, e entre ellas mandara vir de Roma hum corpo santo organizado de S. Clemente e que tinha gosto de dar a esta confraria p.<sup>a</sup> se collocar no Altar das mesmas reliquias no mesmo Santuario do Bom Jesus do Monte (CBJM, 1780a, fol. 89v).*

Repare-se como vem descrito que o doador tinha gosto que o *corpo santo* fosse colocado no *Altar das mesmas relíquias*, como que sugerindo que estas já estariam colocadas no altar aquando da doação ou recebimento do corpo santo a Braga. Terceiro e mais relevante: a data da *procição, e festivid.<sup>e</sup> do Invicto Martir São Clemente* só foi decidida na mesma ata de 10 de maio de 1780<sup>280</sup>, o que implicaria, caso o simulacro tivesse chegado em 1778, que este teria permanecido em casa do doador cerca de dois anos até à sua trasladação para o Monte Espinho, o que parece pouco provável<sup>281</sup>. Isto não implica que o simulacro não possa ter sido “encomendado” em Roma e doado (verbalmente) à

---

<sup>278</sup> *Termo de Meza em que se determinou a porçisam p.<sup>a</sup> o corpo santo hir p.<sup>a</sup> o Bom Jesus (...)* (CBJM, 1780a, fols. 89v–90r). Realça-se que nem todos os termos de Mesa foram precedidos por um título. No caso de existirem, e quando de fácil leitura, estes foram indicados nas respetivas referências bibliográficas, após as datas dos termos.

<sup>279</sup> 6. *Sabio da Sé Primaz aquella prodigioza nova Imagem do Bom Jesus do Monte p.<sup>a</sup> o seu Sanctuario na tarde do dia 13. do referido mez de Setembro, e anno de 1779 (...)* 7. *Hiaõ ão dipois em duas alas, e com suas cruzez às m.<sup>tas</sup> Confrarias, e Irmandades, Cõmunidades Religiozas, e Clerigos desta cidade de sobrepelizes, e pelo meyo delles 28. de Dalmaticas, q<sup>o</sup> levavaõ em as mãos cada hum o sen meyo corpo dos Sanctos, q<sup>o</sup> esta confraria havia mandado fazer p.<sup>a</sup> se collocarem com as suas preciosissimas reliquias no Altar collateral da p.<sup>te</sup> do Evang.<sup>o</sup> da Igr.<sup>a</sup> mayor do mencionado Sanctuario. Vinha proximo ão ultimo delles, e nos hombros de seis sacerdotes ã referida devotissima Imagem de Jesus Christo crucificado em o sobred.<sup>o</sup> andor (...), e por fim ã sagrada reliquia do S.<sup>to</sup> Lenho dentro de hua custodia (...)* (CBJM, 1782b, fols. 123v–124r).

<sup>280</sup> (...) e p.<sup>a</sup> a sua collocação. se determinou, se poceze o corpo santo na Igr.<sup>a</sup> de S. João do Souto, e que no dia catorze deste mes fosse em porçisam, p.<sup>a</sup> a Igr.<sup>a</sup> de S. Vitor e que no dia seg.<sup>te</sup> de madorgada fosse conduzido p.<sup>a</sup> o Santuario, e p.<sup>a</sup> tudo se fazer com disença [decência] se convocasse algumas Irmandades p.<sup>a</sup> o a companharem de S. João p.<sup>a</sup> S. Vitor, e que toda a despeza que se fizer com o Andor e mais despezas fosse a custa da confraria (...)

<sup>281</sup> A trasladação dos simulacros era, por norma, realizada no mesmo mês ou ano da sua chegada a Portugal.

confraria em 1778 – durante a entrega das restantes relíquias –, e ter chegado a Braga somente em 1780. Ainda assim, são meras suposições. Por este motivo, considera-se como período provável para a vinda do simulacro para Braga, o período compreendido entre os anos de 1778 e 1780.

Todo o itinerário da procissão e festividade do mártir são Clemente surge, assim, detalhadamente descrito na ata de 5 de julho de 1780<sup>282</sup>, que, pela sua raridade, se encontra transcrito, na íntegra, como Anexo C e resumido na tabela 2. Apesar de ter sido inicialmente estabelecido o dia 14 de maio para a procissão, a mesma não se veio a realizar (segundo nota lateral no manuscrito), nem seguiu o itinerário pré-estabelecido (atente-se nota n.º 280). A procissão e festividade só viriam a realizar-se nos dias 24 e 25 de junho de 1780, como definido na ata da Mesa de 16 de junho:

*(...) foi Acordado, q[ue] na tarde do dia 24. do d.º me[se] [junho], e anno [1780] se fizece a procissão do corpo de São Clemente p.ª o q[ue] se collocace, e pozece em a Cathedral desta cid.ª p.ª ef.º [feito] de ser conduzido com solemnid.ª p.ª a Igr.ª de São Víctor (... ) e assim tambem sea a festa do m.º S.º, q[ue] se há de fazer em o Santuario do Sr. do Monte no dia 25. do sobred.º me[se], e anno (CBJM, 1780b, fol. 93v) (o sublinhado é original).*

Da leitura da referida ata de 5 de julho de 1780, entende-se que a procissão durou três dias completos, com paragem em três igrejas de Braga<sup>283</sup> antes de chegar ao santuário no Monte Espinho (tabela 2). A procissão foi acompanhada de música, sinos, foguetes, luminárias, ..., e de todas as instituições religiosas bracarenses, com a presença assinalável de público para ver e venerar as relíquias sagradas.

Quanto às despesas assumidas pela CBJM, foram encontrados os respetivos recibos (*vilhetas*) no AHCBJM. Os gastos com o andor<sup>284</sup>, armação, música, sermão, entre outras despesas, totalizaram

---

<sup>282</sup> *Tr.º [Termo] de Meza, q[ue] contem a forma da procição do Martir São Clemente, á Sua collocação e festivid.ª* (CBJM, 1780c, fols. 96v–99v).

<sup>283</sup> Constatou-se que foi adotado o mesmo percurso assumido durante a trasladação e procissão da imagem do BJM para o mesmo santuário, entre os dias 8 e 14 de setembro de 1779, tendo sido este descrito com maior detalhe: *(...) foi pelo Terreiro da mesma Sé [de Braga], Rua dos Açougues Velhos, Rua Nova de Souza, Gallaria, Rua do Souto, Porta do Souto, Campo de S.ª Anna, Senhora á Branca, e athé á Igreja de São Víctor em hua magestosa Procição (...)* (CBJM, 1782b, fol. 123v). Supõe-se, portanto, tratar-se de um percurso habitual assumido pela confraria: sé de Braga – igreja de São Vítor – SBJM.

<sup>284</sup> No recibo n.º 60 sabe-se, inclusive, que o andor para o transporte e exposição do simulacro demorou quatro dias a ser realizado (CBJM, n.d., fol. 1r)

quarenta mil, novecentos e oitenta e cinco reis (40\$985), como consta do recibo n.º 35, com data de 20 de maio de 1782. A estas despesas acrescem os gastos com a cera e o aluguer das tochas, segundo recibo n.º 23, com data de 23 de junho de 1780, no total de 3\$176 (CBJM, 1780e).

**Tabela 2** – Itinerário da trasladação, procissão e festividade do simulacro do corpo do santo mártir Clemente, desde a casa do doador Francisco Ventura Maciel até ao SBJM, em Braga. © Joana Palmeirão

<b>22 de junho</b>	noite	<i>Caixão</i> conduzido desde a casa de Francisco Ventura Maciel (São João do Souto) até à igreja dos Terceiros
<b>23 de junho</b>	dia	As relíquias e os selos foram examinados pelo desembargador provisor da Corte com dois notários Exposição do <i>caixão</i> sobre um andor feito a expensas da confraria, na igreja dos Terceiros, para veneração das relíquias
	noite	<i>Caixão</i> levado em procissão, sobre o andor, desde a igreja dos Terceiros até à sé de Braga, acompanhado de muitas luzes, povo e sinos de toda a cidade Deposição do <i>caixão</i> no lado do Evangelho diante do altar da imagem do Senhor da Agonia
<b>24 de junho</b>	manhã	Concorreram muitos fiéis, incluindo D. Gaspar, arcebispo Primaz de Braga, para visitar e venerar as relíquias de são Clemente
	tarde	Andor conduzido por seis sacerdotes, em procissão, desde a sé de Braga até à igreja de são Vítor, para veneração dos fiéis Procissão acompanhada de todas as confrarias, irmandades, comunidades religiosas e clérigos da cidade de Braga, muita música e repiques dos sinos das torres de toda a cidade
	noite	Andor conduzido, em procissão, até ao santuário do Bom Jesus do Monte, aplaudido com repiques, luminárias, fogo e fogueiras
<b>25 de junho</b>	madrugada	Simulacro colocado no altar colateral da parte do Evangelho da capela-mor do santuário, juntamente com a custódia com o Santo Lenho
	dia	Festividade e missa solene com canto, órgão e sermão
	tarde	Fim da cerimónia com o hino “Te Deum Laudamus” em cantochão e órgão

Apesar das informações recolhidas sobre a trasladação, procissão e festividades *do Invicto Martir São Clemente*, a partir de 1780 surgem muito poucas referências ao simulacro, quer nas “Atas da Mesa” (cotas 30 a 32 do AHCBJM), quer nos livros de “Despesas” (cotas 728 a 730 do AHCBJM). A maioria das referências diz respeito ao retábulo original (capela de são Rodrigo), onde foram expostas as mais de oitenta relíquias, ou ao novo retábulo (*Santuário das Relíquias*), concluído nos

finais da segunda década do século XIX<sup>285</sup>, para expor todas as relíquias pertencentes à confraria ou, ainda, às encomendas e despesas com as estampas de são Clemente<sup>286</sup>. Das várias referências encontradas apresentam-se, de seguida, as mais relevantes que dizem respeito ao simulacro de são Clemente<sup>287</sup>:

- 1780, 25 de junho** (...) p.<sup>a</sup> na madrugada do dia 25. do mesmo mez, e anno amanhecer, como amanheceo posto [o santo mártir] com a d.<sup>a</sup> costodia em o Altar collateral da p.<sup>te</sup> do Evangelho da Capella môr do m.<sup>o</sup> Sanctuario (...) (fol. 98)
- 1782, 13 de maio** (...) e q. mais se concluisse o remate do camarim do corpo sancto, e mais do retabolo daquelle altar (...) (fol. 141v)
- 1807, 5 de janeiro** (...) visto o haver m.<sup>ta</sup> devoção com o corpo de S. Clemente que se-acba no Sanctuario, e p.<sup>a</sup> haver de se-adquirirem mais esmolas era bom o mandar-se abrir huma estampa do seu retrato, e fazer-se a chapa p.<sup>a</sup> se fizerem registos de sua Imagem, se-resolveu (...) abrir a d.<sup>a</sup> chapa (...) (fol. 152v)
- 1836, 28 de agosto** (...) p.<sup>r</sup> [por] estarem mui safadas as duas chapas, de S. Clemente, e a peq.<sup>ma</sup> do Sm<sup>r</sup>. Bom Jesus, resolveo-se se mandassem abrir novam.<sup>te</sup> (...) (fol. 229v)
- 1837, 29 de janeiro** (...) apresentou o N. J.<sup>r</sup> Zelador das Medidas o S.<sup>r</sup> João Baptista Antunes Guimaraes, as chapas das Estampas pequenas do S.<sup>r</sup> Bom Jesus, e S. Clemente, cujas emportarão a q.<sup>ta</sup> de cincoenta e dous mil e oitocentos reis; e agora novam.<sup>te</sup> se auctorizou, p.<sup>a</sup> Elle d.<sup>a</sup> Zelador mandar estampallas, onde julgasse mais conveniente (...) (fol. 232r)

---

<sup>285</sup> Último retábulo a ser concluído após as obras da nova igreja (santuário atual). Segundo a ata de 27 de maio de 1784, uma vez *examinados os alicerces do novo Templo do Santuario*, a Mesa decidiu lançar a primeira pedra no dia 1 de junho de 1784, tendo sido, para o efeito, convidado o desembargador e provisor da Corte e Arcebispado de Braga o doutor Pedro Paulo de Barros Pereira (CBJM, 1784, fol. 168r). A antiga igreja foi demolida no ano de 1804, por ameaçar ruína, como consta no termo da Mesa de 23 de julho: (...) *seria util o demolirse a Igr.<sup>a</sup> Velha ou parte dela, p.<sup>a</sup> evitar não só a ruína q. podia causar o estado em q. se achavão as paredes, mas taobem com a pedra da d.<sup>a</sup> Igreja Velha, se podia aumentar as paredes do Novo Templo* (...) (CBJM, 1804, fol. 115v). O risco do novo templo foi projetado pelo arquiteto Carlos Luís Ferreira Amarante (Massara, 1988; Peixoto, 2011).

<sup>286</sup> No ano de 1784 foi registada a despesa *Com bua Vilbeta do conserto das Caças da Benda e o Caixão de S. Clim.<sup>te</sup> e tilbados quatro mil e seis sentos e septenta reiz... 4\$670* (fol. 61v); e em 1807 a despesa *com o M<sup>e</sup> [Mestre] Escultor Manoel Joaq.<sup>m</sup> com as Estatuas, e Xapas de S. Clem.<sup>te</sup> por 5 Vilbetas de n.<sup>o</sup> 1<sup>a</sup> a 5 sessenta e nove mil seis contos e des ... 69\$610* (fol. 103v). Informações recolhidas dos Livros de “Despesas”: 1760-1854 (cota 728) e 1782-1808 (cota 729) (CBJM, 1808b, 1854). No recibo n.<sup>o</sup> 63, com data de 27 de janeiro de 1810 vem, ainda, o importe com o por [pôr] *meia vidraça nova no oratorio de S. Clemente* (CBJM, 1810).

<sup>287</sup> Informações recolhidas das “Atas da Mesa”: livro n.<sup>o</sup> 2 – 1770-86 (cota 30), livro n.<sup>o</sup> 3 – 1786-1809 (cota 31) e livro n.<sup>o</sup> 4 – 1809-38 (cota 32) (CBJM, 1786, 1809b, 1838).

Sobre a devoção ao santo mártir Clemente é possível avançar, com base no registo das esmolas recolhidas da caixa<sup>288</sup>, que as quantias não eram muitos avultadas, principalmente quando comparadas com as esmolas recolhidas das caixas da *Igreja*, das *Capellas* (presume-se que as da “via dolorosa”, no exterior) e do *S.º* (assume-se que da imagem do BJM). Denotam-se alguns altos e baixos, com um pequeno aumento nos anos entre 1794-97 (registo anual) e 1806-08 (registo de 3 anos), mas nada que corrobore a afirmação de existir uma devoção muito marcada pelas relíquias de são Clemente<sup>289</sup>. Acresce ainda o facto de que não foram encontrados registos de esmolas diretamente para são Clemente<sup>290</sup>, mas sim para as obras de construção do *Santuário das Relíquias*<sup>291</sup> com o objetivo de, quando terminado, serem colocadas todas as relíquias pertencentes à confraria (incluindo o simulacro), doadas por Francisco Ventura Maciel e, mais tarde, por outros benfeitores<sup>292</sup>. Recorde-se que aquando da doação do simulacro à confraria, este foi descrito como os *S.ºs ossos, e cabeça de hum Martir chamado São Clemente* (CBJM, 1780d, fol. 95r). Rodeado de tantas outras relíquias de santos canonizados e reconhecidos pela Santa Sé, como é o caso particular dos santos apóstolos, de são Martinho de Dume, de santo António de Lisboa, de santa Clara de Assis,

---

<sup>288</sup> Note-se que o registo discriminado das esmolas compreende um período muito curto (1785-1819), ao contrário do que se verá no registo de esmolas ao santo mártir Fortunato (*infra*, **Santo mártir Fortunato (1787)**).

<sup>289</sup> É importante ter em consideração que só existe uma caixa de esmolas para toda a capela ou santuário das relíquias (fig. 58). Assim, embora a caixa no altar (onde está exposto o simulacro) tenha a legenda *ESMOLAS para S. CLEMENTE*, não é possível determinar se as esmolas eram ofertadas apenas ao santo ou se também eram direcionadas às outras tantas dezenas de relíquias expostas à veneração, no mesmo retábulo.

<sup>290</sup> Encontrou-se apenas um registo, nos anos de 1791-92, onde consta que ao valor das esmolas da *Caixa de S.º Clímº* acresceu o valor de 4800 reis *que lhe derão (...)* (CBJM, 1793, fol. 122v).

<sup>291</sup> Foram entregues à confraria várias esmolas de devotos e benfeitores para a feitura do retábulo das relíquias. Na ata do dia 30 de outubro de 1809 foi registada a (...) *quantia de cincoenta mil r.º q.º deu de esmola Manoel Antonio Peixotto p.º a ajuda de fazer-se o retabulo do quarto, e ultimo altar q.º falta dos do corpo da Igreja (...)* (CBJM, 1809a, fol. 192r). No mesmo ano e mês foi registada, inclusive, uma esmola de oitenta mil reis (80\$000) de Francisco José de Basto *p.º o ultimo Retavolo* (CBJM, 1863, fol. 6r). Na ata de 5 de maio de 1819 foi ainda declarado que *Joze Balthazar Alvares de Villa Real dera de esmola cincoenta mil r.º em metal para a obra da escaiola da Capella aonde tem de se collocarem as Sagradas Reliquias (...)* e que a confraria recebeu *de Pedro Antonio Calheiros desta Cidade a quantia de quatro mil, e oito centos reis em metal, a qual applicara para a obra da Capella do Sanctoario das Reliquias, e da dita quantia se-deu por entregue para ajuntar ás mais esmolas que em seu poder [2.º Mordomo] tem para à mesma obra* (CBJM, 1819, fols. 60r, 61r).

<sup>292</sup> Na ata do dia 21 de agosto de 1808 lê-se que (...) *deo de esmola o d.º Nosso Irmão Manoel Joze Gomes huma Reliquia com sua authentica collocada dentro de hum oratorio com sua vidraça, a qual he a Cabeça de S. Donato Martir p.º se collocar na Capella do Sanctuario das Reliquias, q.º tem de se fazer* (CBJM, 1808a, fol. 179r).

entre muitos outros, crê-se que a confraria tinha plena consciência da origem das relíquias de São Clemente, sabendo tratar-se dos restos mortais de um santo mártir de nome Clemente. Crê-se, por isso (como comprova a documentação consultada) não ter existido uma devoção e um culto muito acentuados em torno do sagrado corpo, ao contrário do que se verificou para o Bom Jesus do Monte ou para as capelas da “via dolorosa”, uma vez que estes dois últimos foram os grandes focos de atração do santuário e de devoção dos romeiros (Massara, 1988; Peixoto, 2011).

### **Santo mártir Fortunato (1787)**<sup>293</sup>



**Figs. 59, 60 e 61** – Esquerda e centro: fachada e altar do Sagrado Coração de Jesus da igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, Guimarães. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Fortunato. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo do santo mártir Fortunato está exposto em urna própria, no banco do retábulo da primeira capela lateral (lado do Evangelho), da igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos<sup>294</sup> em Guimarães, distrito e diocese de Braga. A igreja pertence à Real Irmandade

---

<sup>293</sup> Ficha de inventário n.º 42 (Apêndice V). Veja-se, também, o estudo analítico e a intervenção de conservação realizados no simulacro, subcapítulos 6.3.4. e 7.4.7., respetivamente.

<sup>294</sup> Conhecida também como igreja de São Gualter, seu padroeiro. Originalmente situada no Campo da Feira da vila de Guimarães – local que lhe atribuiu, à época, a denominação de igreja do Campo da Feira (ou do Senhor do Campo da Feira) – a igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos está, atualmente, localizada no largo de São Brás, em pleno centro da cidade de Guimarães. Quanto à denominação de igreja de São Gualter, esta deve-se à presença da efígie de São Gualter durante muitos anos na dita igreja: *Frente ao altar do Sagrado Coração de Jesus, encerra-se o emvidraçado de Nossa Senhora da Mãe de Deus, S. José e o Menino (...). Vem depois S. Gualter, um dos padroeiros de Guimarães, imemoriais feiras francas em sua honra, antiga Irmandade em S. Francisco, agora a renascer nos Santos Passos, por cima da jacente de S. Fortunato, relíquias a virem de longe. À direita está o de S. Judas Tadeu (muito milagroso, até vem gente do Porto), por baixo o Senhor Morto, num esquife pronto*

de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (RINSCSP)<sup>295</sup>.

A primeira referência ao simulacro data do dia 11 de dezembro de 1787, como consta no “Livro de Receita, e Despesa da Irmandade de N. S.<sup>ra</sup> da Consolação, e Santos Passos...”<sup>296</sup>, que corresponde à transladação e exposição pública das relíquias na igreja. De acordo com o referido documento, o corpo esteve exposto na *Real Colegiada* (de Nossa Senhora da Oliveira) até ao dia da cerimónia da transladação, porém, não vem indicado quando é que o simulacro chegou à Real Colegiada. Em contrapartida, sabe-se o valor das despesas suportadas pela RINSCSP para *mandar vir o S.<sup>to</sup> de Roma* (RINSCSP, 1748, fols. 153r, 155v), como se transcreve:

<i>Despendi Com dr.<sup>o</sup> [dinheiro] q. Se deu ao Banqueiro q. mandou vir as Sagradas Reliquias do</i>	
<i>Corpo S.<sup>to</sup></i>	200\$000
<i>D.<sup>i</sup> [Despendi] Com o premio q. Se deu ao mesmo Banqr.<sup>o</sup> por ordem da Meza</i>	6\$400
<i>D.<sup>i</sup> Com a Comducão do S.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> ezta v.<sup>a</sup> [vila]</i>	6\$400

Duzentos e doze mil e oitocentos reis (212\$800) foram os gastos assumidos pela Mesa da Real Irmandade para a vinda das tão desejadas relíquias de Roma, entre os quais se incluem o pagamento e o prémio (bónus) ao banqueiro, e o transporte do simulacro até Guimarães. Logo se somaram as

---

*a sair na procissão* (Moraes & Costa, 2004, p. 144). Supõe-se que seja este o motivo para o simulacro do santo mártir Fortunato ser identificado, equivocadamente, pelo nome do santo português. Devido às obras decorridas no ano de 2020 na igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, a efígie de são Gualter foi deslocada para a igreja de são Francisco, na mesma cidade, onde hoje se encontra exposta junto à imagem jacente do mesmo santo. Esta contém, no seu interior, os ossos do santo, redescobertos em 2009 durante as obras de restauro de um altar lateral da igreja (S. Silva, 2009).

<sup>295</sup> Para a presente investigação foram consultados os seguintes documentos, segundo consta no inventário do Arquivo da RINSCSP: cota 23 – “Livro índice e termos de entradas de Irmãos e Irmãs”; cota 31 – “Livro de registo das contas da Cera”; cota 37 – “Livro de receita e despesa da Irmandade”; cota 42 – “Alvará de licença para benzer dois Altares Laterais da Igreja”; cota 46 – “Livro de esmolas e despesas com festividades de S. Fortunato”; cota 48 – “Livro de assento dos defuntos sepultados na igreja”; cota 52 – “Livro de registo das contas da Cera”; cota 53 – “Livro de Inventário da Irmandade”; cota 97 – “Livro de Inventário da Irmandade”; cota 100 – “Rendimento das esmolas”; cota 176 – “Contas de festividades e procissões”; cota 188 – “Livro de registo de esmolas”; cota 196 – “Livro da conta de capital”; cota 216 – “Despesas com procissões e passos”; cota 358 – “Livro de receita e despesa da Cera”.

<sup>296</sup> O manuscrito abrange o período temporal entre 1748 e 1834, ano do último registo do tesoureiro da RINSCSP.

despesas da primeira festividade do santo, perfazendo um total de 27\$210 (RINSCSP, 1748, fols. 155v–156r):

<i>D.<sup>e</sup> [Despendi] Com alfinetes[,] Brochas e mais mendezas [miudezas] p.<sup>a</sup> a armação: da Colucação. e feita</i>	1\$035
<i>D.<sup>i</sup> Com a L.<sup>ca</sup> [licença] de Braga p.<sup>a</sup> a prociçzão</i>	0\$300
<i>D.<sup>i</sup> Com o pintor pella pintura da estampa do S.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> bir no guião. da prociçzão da Colucação. delle</i>	0\$960
<i>D.<sup>i</sup> Com esguião.<sup>297</sup> br.<sup>co</sup> [branco] p.<sup>a</sup> nelle pintar a ezstampa</i>	0\$360
<i>D.<sup>i</sup> Com nozes pellas Ruas ao pazzar da prociçzão.</i>	1\$420
<i>D.<sup>i</sup> Com dois Homens. p.<sup>a</sup> alimpar as Ruas p.<sup>a</sup> pazzar a prociçzão</i>	0\$200
<i>D.<sup>i</sup> Com nozes p.<sup>a</sup> a feita do mesmo S.<sup>to</sup> na nozça Igr.<sup>a</sup></i>	0\$610
<i>D.<sup>i</sup> Com vellas p.<sup>a</sup> as Luminarias primr.<sup>a</sup> e seg.<sup>da</sup> ves na nozça Igr.<sup>a</sup> e na Colegiada</i>	1\$200
<i>D.<sup>e</sup> Com papel p.<sup>a</sup> bolitas (?) p.<sup>a</sup> a prociçzão.</i>	0\$080
<i>D.<sup>i</sup> Com alug.<sup>r</sup> [aluguer] de baeta<sup>298</sup> Brenca (?) [branca?] p.<sup>a</sup> fazer a tarimba na Colegiada</i>	0\$240
<i>D.<sup>i</sup> Com o armador q<sup>o</sup>. a fes</i>	\$360
<i>D.<sup>i</sup> Com as Luminarias de tegellas q. fes Mattias Com matriais [materiais,] fazellas e pollas [fazê-las e pô-las]</i>	1\$965
<i>D.<sup>e</sup> Com tambores[,] gaitas e clarinz no pr.<sup>o</sup> dia q<sup>o</sup>. a prociçzão. não Sabio e no dia da sabida della</i>	3\$600
<i>D.<sup>e</sup> Com o Sermão. da feita na nozça Igr.<sup>a</sup></i>	2\$400
<i>D.<sup>i</sup> Com a muzica da feita</i>	3\$600
<i>D.<sup>e</sup> Com q.<sup>m</sup> fez as Letras p.<sup>a</sup> as figuras da prociçzão.</i>	0\$480
<i>D.<sup>i</sup> Com o pintor q. pintou o Caijção. do altar aonde se colou o S.<sup>to</sup> q<sup>o</sup>. não. Servio</i>	2\$045
<i>D.<sup>i</sup> Com Romper o altar p.<sup>a</sup> se meter a urna do S.<sup>to</sup></i>	1\$100
<i>D.<sup>i</sup> Com taboas</i>	0\$640
<i>D.<sup>i</sup> Com madr.<sup>a</sup> [madeira] p.<sup>a</sup> o Caijção. das esmollas do S.<sup>to</sup></i>	0\$400
<i>D.<sup>i</sup> Com o armador na feita do S.<sup>to</sup> por Seu trabalho[,] cedas e galoins [sedas e galões] p.<sup>a</sup> o andor e Tribuna da Igr.<sup>a</sup></i>	2\$400
<i>D.<sup>i</sup> Com o Carpintr.<sup>o</sup> q<sup>o</sup>. fes o Caijção p.<sup>a</sup> as esmollas do S.<sup>to</sup></i>	1\$000
<i>D.<sup>e</sup> Com a ferraije p.<sup>a</sup> o mesmo</i>	0\$700

<sup>297</sup> Esguião – tecido fino de linbo ou de algodão (M. P. da Costa, 2020, p. 57).

<sup>298</sup> Baeta – tecido de lã (ou algodão) grosseiro e felpudo (M. P. da Costa, 2020, p. 28).

Repare-se nas despesas relativas ao caixão do altar e à urna do santo. Pela leitura das mesmas, subentende-se que a irmandade terá projetado um espaço para a exposição do corpo, mas como *não Servio*, procedeu-se à abertura do altar primitivo para *se meter a urna do S.<sup>to</sup>*. Esta tratar-se-ia, muito provavelmente, da urna-relicário original, onde o corpo terá vindo de Roma e que se mantém atualmente<sup>299</sup>.

As despesas para a acomodação e exposição do corpo continuaram no ano seguinte (1788), totalizando 34\$440 (RINSCSP, 1748, fols. 160v–161r):

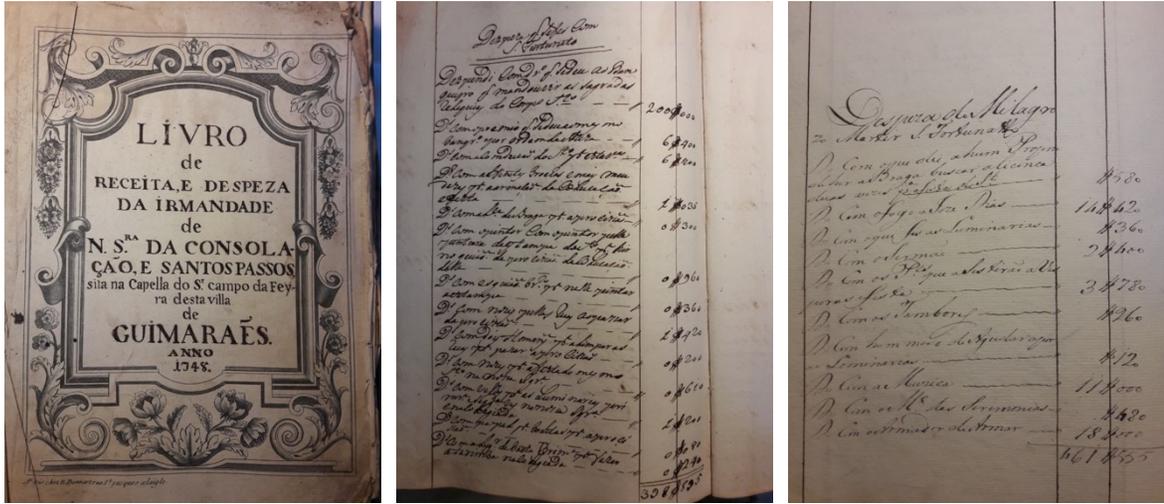
D. [Despesa] <i>Com os Ferros para os Cortinados</i>	\$080
D. <i>Com pintar a Caixa das esmolas</i>	\$560
D. <i>Com hum breve de Roma</i>	7\$020
D. <i>Com hua Grade e Madeira p.<sup>a</sup> o altar do Santo</i>	6\$000
D. <i>Com pintura della</i>	3\$800
D. <i>Com ferage [ferragem] p.<sup>a</sup> a m.<sup>ma</sup> [mesma]</i>	1\$560
D. <i>Com hum Libro p.<sup>a</sup> a Sentar as esmolas</i>	\$340
D. <i>Com coatro Cobados [4 côvados<sup>300</sup>] de Seda de Ramos para hum Curtinado do Caixão do S.<sup>to</sup></i>	9\$600
D. <i>Com o feitio e mais aparelhos</i>	5\$480

Relativamente ao breve de Roma, o qual teve o custo de sete mil e vinte reis<sup>301</sup>, é desconhecida a sua localização. No entanto, através de um edital pertença da RINSCSP, sabe-se que o breve foi concedido em 1788 pelo papa Pio VI (p. 1775 - m. 1799). O ano de 1788 foi, portanto, o ano oficial do culto ao santo mártir Fortunato em Guimarães.

<sup>299</sup> Baseia-se esta suposição nas semelhanças entre a urna do simulacro de são Fortunato e a de outros exemplares internacionais (Budzyński et al., 2021; Ghilardi, 2013, 2019; Redazione, 2017). A única diferença é a ausência dos pés (de leão) na base, possivelmente, cortados para o encaixe da urna no retábulo atual.

<sup>300</sup> Côvado – *antiga medida de cumprimentos, equivalente a 66 centímetros* (C. de Figueiredo, 1996a, p. 725).

<sup>301</sup> Somando esta despesa ao valor gasto para a vinda das relíquias de Roma (212\$800) obtém-se o total de duzentos e dezanove mil, oitocentos e vinte reis (219\$820).



**Figs. 62, 63 e 64** – “Livro de Receita, e Despesa da Irmandade de N. S.<sup>ra</sup> da Consolação, e Santos Passos...” do Aquivo da RINSCSP (cota 37), onde estão registadas as despesas com a primeira festa e seguintes, e os rendimentos de são Fortunato, no período compreendido entre 1748 e 1834 (capa, fl. 155v e fl. 205v). © RINSCSP e Joana Palmeirão

As esmolos começaram desde cedo a acumular. Estas tiveram início ainda no tempo de permanência do sagrado corpo na Real Colegiada, rendendo 12\$760. Seguiu-se o período, após a primeira festa, entre 12 de dezembro de 1787 e o dia 13 de janeiro de 1788 (um mês), em que se obteve o rendimento de 17\$011<sup>302</sup>. As esmolos podiam ser em dinheiro, pão ou bens (animais, peças de ourivesaria, tecidos, etc.). Apresentam-se, de seguida, alguns dos bens ofertados a são Fortunato nos anos seguintes à sua trasladação (RINSCSP, 1788)<sup>303</sup>:

1788	R. [Recebi] <i>hum pato que derão de esmolla</i> (fl. 1r)	\$300
1789	R. <i>tres touros que vierão ao Santo</i> (fl. 1v)	46\$800
1790	R. <i>hum touro q̄ deu Joze Leyte da frg.<sup>a</sup> de S. Paiyo de vizella</i> (fl. 2r)	11\$075
1793	R. <i>huã esmola particular</i> (fl. 4r)	19\$080
1798	R. <i>endeo o ouro q̄ se vendeo do S.<sup>to</sup> a varias pessoas</i> (fl. 9v)	48\$340

<sup>302</sup> As primeiras esmolos foram recolhidas *desde a hida do mesmo S.<sup>to</sup> p.<sup>a</sup> a Real Colegiada atbe o dia Vespora da festa q. se lhe fes na nozra Igr.<sup>a</sup>*, e as segundas esmolos *desde doze de Dezbr.<sup>o</sup> q̄ foy a outro dia da festa do S.<sup>to</sup> the [até] 13 de Janr.<sup>o</sup> de 88* (RINSCSP, 1748, fol. 153r).

<sup>303</sup> Apesar do manuscrito se intitular “Livro de esmolos e despesas com festividades de S. Fortunato” (cota 46), compreendendo o período entre 1788 e 1859, também constam as receitas da igreja, nas quais se incluem as esmolos retiradas da caixa do Senhor dos Passos e das caixas da vila.

1799	<i>Rendeo hua esmolla de hua Razza de trigo</i> (fl. 11r)	1\$200
	<i>Rendeo o mesmo Santo huma Razza e quarto e quartella de trigo que deu hum deboto do Porto p.<sup>ta</sup> mão de Ignacio Joze de Souza desta v.<sup>a</sup> [vila]</i> (fl. 15r)	1\$575
1804	(...) <i>os milagres de prata e ouro cujos se venderão ão ourives Fran.<sup>co</sup> Teixr.<sup>a</sup> que Rendeão</i> (fl. 15r)	19\$000
1808	<i>R. huns brincos que se venderão</i> (fl. 17v)	2\$300
1810	<i>R. de hum Tecido de fina grana</i> (fl. 19v)	2\$500
1831	<i>R. 2 Abitos d'Anjinbo de S.<sup>to</sup> Fortunato</i> (fl. 379r)	\$480

À parte dos bens, do pão e do dinheiro – este retirado da *Caixa* ou *Caixão* de são Fortunato na presença, habitualmente, do provedor e secretário – faziam também parte do rendimento do santo, as *medidas e Estampas*, os *Reziztos*, os *Sinais*, as *missas Cantadas*, a *Sera das Missas* e a *Sera da banquetta* (RINSCSP, 1748).

As esmolas ao santo mártir Fortunato foram, sem dúvida, uma fonte essencial de rendimento da RINSCSP. Era tal a devoção pelo santo “português” (voltar-se-á a este assunto mais adiante) que, como escreveram Maria Pereira de Moraes e José Couceiro da Costa, a *caixa das esmolas de S. Fortunato, sempre repleta, ajuda a finalizar as obras da Igreja do Senhor do Campo da Feira*, concluída em 1798<sup>304</sup> (Moraes & Costa, 2004, p. 55).

Para uma melhor compreensão da importância das relíquias de são Fortunato na comunidade vimaranense, as esmolas registadas entre 1788 e 1808 (um período de vinte anos)<sup>305</sup> foram reunidas em tabela e podem ser consultadas no Apêndice VI (tabela VI-A). Como se pode constatar, em 1788, num período de dez meses (27 de janeiro a 30 de novembro<sup>306</sup>) rendeu a caixa de são Fortunato 260\$818 de um total de 291\$248 reis. Só neste primeiro ano, a Mesa conseguiu pagar a

---

<sup>304</sup> Embora só tenha ficado concluída em 1798, a igreja abriu ao culto em 1785, como se depreende da leitura de Inácio de Vilhena Barbosa: (...) *Assim que se acabou o corpo da egreja, foi benzido e aberto ao culto em 16 de outubro de 1785. A capella-mór, principiada em 1789, só ficou concluída em 1798. (...) Interiormente está ornada com singeleza, mas com muito aceio. As despesas do culto correm por conta da irmandade, que abi faz celebrar as suas festas com bastante solemnidade* (1864, p. 93).

<sup>305</sup> Valores recolhidos do “Livro de esmolas e despesas com festividades de S. Fortunato” (cota 46) e do “Livro de receita, e despeza da Irmandade de N. S.<sup>ra</sup> da Consolação, e Santos Passos...” (cota 37).

<sup>306</sup> Recorde-se que a cerimónia de trasladação decorreu no dia 11 de dezembro de 1787.

despesa total com a vinda das relíquias de Roma (219\$820), sobrando ainda a quantia de quarenta mil, novecentos e noventa e oito reis. Nos cinco anos seguintes, as esmolas foram aumentando substancialmente, alcançando em 1793 um total em dinheiro de 531\$003, mais de duzentos mil reis do que no ano de 1788. A partir de 1793, as esmolas foram diminuindo gradualmente, com uma descida bastante acentuada, por razões óbvias, no final da primeira década do século XIX. Repare-se nos anos sublinhados (de cinco em cinco anos), perfazendo quase duas décadas de esmolas: em 1788 rendeu (em dinheiro) a caixa das esmolas de são Fortunato 260\$818; em 1793<sup>307</sup> rendeu a mesma 531\$003; em 1798 rendeu 355\$580; em 1803 rendeu 135\$959 e, em 1808 rendeu a caixa o valor mais baixo, um total de 70\$480<sup>308</sup>.

Além do volume de esmolas a são Fortunato é igualmente interessante constatar a diferença de valores das esmolas (em dinheiro), entre as relíquias de são Fortunato e o Senhor dos Passos. Veja-se, a título de exemplo, o registo de esmolas recolhidas no ano de 1798:

*Aos 29 do mes de Dezembro do anno de 1798 Se abriu o Caixam de S. Fortunato e juntam.<sup>te</sup> o do Snr [dos Passos] na prezença do Ill.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Provedor[,] Secretario e Thizour.<sup>o</sup> e Se achou em o Caixão do S.<sup>r</sup> [Senhor] 3170 [3\$170] e no do S.<sup>to</sup> Com o pão q. forão Coatro alqr.<sup>es</sup> e meio Cento e vinte e dous mil e setecentos e coarenta [122\$740] E por ser Verdade (...)*  
(RINSCSP, 1788, fol. 9v).

De facto, este registo não é um caso isolado e as diferenças são bastante acentuadas nos anos que se seguem. Observe-se, de seguida, os valores das esmolas (em dinheiro) de são Fortunato e do Senhor dos Passos, num período de dez anos (1799-1809), sendo as do primeiro, claramente, mais elevadas, como se constata na tabela VI-B do Apêndices VI. Um século depois (1896-1900), as

---

<sup>307</sup> Neste ano, o volume de esmolas foi tão elevado que foi necessário abrir a caixa seis vezes ao ano. No ano seguinte, a caixa foi aberta quatro vezes, porém, nos dez anos seguintes, a média de aberturas da caixa foi de três vezes ao ano, passando, nos anos seguintes, a uma média de duas aberturas anuais. Entre 1896 e 1900, a abertura da caixa passou a ser semestral e as esmolas eram registadas na sua totalidade sob a designação de *Caixas diversas* ou *Varias caixas*.

<sup>308</sup> Importa referir que as esmolas não terminaram por aqui, muito pelo contrário. Segundo a documentação consultada (cotas 37, 46 e 188), as esmolas ofertadas a são Fortunato foram recolhidas e registadas entre 1787-1833 (cota 37), entre 1788-1811 (cota 46) e, mais tarde, entre 1896-1908 (cota 188), como realçado na nota anterior.

diferenças mantêm-se, apesar de ser notória uma menor disparidade, reflexo da descida acentuada das esmolas ofertadas a São Fortunato desde o início do século XIX.

Perante tal desigualdade coloca-se a seguinte pergunta: como é que um santo, de origem romana, poderia ter uma devoção tão grande ou – arrisca-se mesmo dizer –, superior à do Senhor dos Passos? Supõe-se que a resposta para esta questão esteja na crença infundada da origem das relíquias. A comunidade vimaranense ainda hoje acredita estar na presença, não de um santo romano, mas dos ossos do santo Fortunato de Évora, um santo português, à semelhança do tão popular santo Gualter, religioso franciscano, enviado em missão a Portugal por São Francisco de Assis no início do século XIII<sup>309</sup>. No livro da RINSCSP publicado em 2004, e até aqui várias vezes referenciado, pode ler-se o seguinte:

*A Irmandade procura umas relíquias milagrosas a chamarem a devoção e as esmolas. // São as de S. Fortunato, dado como mártir da Igreja de Évora no século IV (Moraes & Costa, 2004, p. 54).*

Sobre este santo Fortunato de Évora escreveu ainda Augusto Soares de Pinho Leal:

*Pouco tempo depois de S. Vicente e suas irmãs derramarem em Avila o seu sangue pela santa religião de Jesus Cristo, em Evora eram pela mesma causa martirizados 18 confessores da fé, á qual tinham sido convertidos por S. Vicente. Eram estes — S. Felix (guia e chefe de seus companheiros) outro S. Felix, e os santos Lucio, Fortunato, Eusebio, Martinho, Herodes, Antigonio, Januario, Tortulla, Calixto, Gaviano, Quiriolo, Donato e Quinto, e tres soldados das tropas imperiaes, chamados Basilio, Eutropio e Cleonico. Os 15 primeiros eram eborenses, mas ignora-se a naturalidade dos militares. // Foram martirizados pelo proconsul Asclepiades, que, depois de os fazer soffrer os mais incomportaveis tormentos, os fez degolar, em 3 de março do anno 304 de Jesus Christo (1874, p. 116).*

Também no “Dicionário de santos” de Jorge Campos Tavares vem referido o nome santo, *Mártir lusitano de Évora*, que viveu no século IV. Sobre a sua morte há, no entanto, uma pequena divergência pois, Jorge Tavares acresce que *com ele padeceram também Aquileu e Félix, durante as perseguições de*

---

<sup>309</sup> Todos os anos o santo é homenageado nas Festas Gualterianas que ocorrem em Guimarães, desde 1906, no primeiro fim de semana de agosto (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, n.d.).

*imperador Severo. Foram os três martirizados em Valencia de Alcántara*, ou seja, em Espanha (2004, p. 59). Excetuando o local da sua morte, o espaço temporal e a nacionalidade mantêm-se.

Seria, portanto, a este cristão martirizado no ano de 304, de nome Fortunato e natural de Évora, que se acredita(va) pertencerem os ossos trasladados para a igreja *do Senhor do Campo da Feira*, nos finais do século XVIII. Talvez agora se entenda, um pouco melhor, a disparidade de esmolas documentada *supra*, justificadas pela enorme devoção que o povo de Guimarães tinha por este “santo português”.

Não obstante a naturalidade eborense atribuída ao corpo santo, essa informação não consta em nenhum dos documentos consultados do Arquivo da RINSCSP. Por outro lado, foi encontrada a seguinte anotação no “Livro de Inventário da Irmandade” (cota 53)<sup>310</sup>: (...) *hum Resplandor de Prata, e Espada*<sup>311</sup> q□ *tem Santo Fortunatto de Beja (...)* (RINSCSP, 1804, fol. 12r). A mesma referência foi encontrada num artigo *online* publicado pela Ecclesia, em 2006, sobre os quatrocentos e dez anos da Real Irmandade, onde as relíquias são também atribuídas ao *São Fortunato, de Beja* (Ecclesia, 2006). Note-se que não se pretende aqui desvendar a qual das cidades terá pertencido o santo mártir – quanto mais não seja por se saber que os ossos são provenientes da cidade de Roma (facto igualmente confirmado no “Livro de Receita, e Despeza da Irmandade de N. S.<sup>ra</sup> da Consolação...”) –, mas sugerir, como causa para tantas esmolas ofertadas ao santo mártir Fortunato, a crença enraizada na comunidade vimaranense de o mesmo ser de naturalidade portuguesa. Sem dúvida, isto explicaria a grande devoção pelo santo e o elevado número de oferendas, comparativamente com o Senhor dos Passos. Certo é que, independentemente da sua nacionalidade<sup>312</sup>, passados mais

---

<sup>310</sup> Título original: “Este Libro, ha de Servir p.<sup>a</sup>: o Inventr.<sup>o</sup> de todos Os Ornam.<sup>tos</sup> trastes, e Alfaias, pertençentes á Irmandade, do S.<sup>r</sup> dos S.<sup>tos</sup> Passos da Igr.<sup>a</sup> do Campo da Feira, desta Villa de Guim<sup>as</sup> 1804<sup>7</sup>”. Apesar da data indicada, o inventário abrange outras datas, sendo de relevo para o assunto em análise os anos de 1841 e de 1847.

<sup>311</sup> Repare-se que a espada foi colocada na listagem dos ornamentos de prata.

<sup>312</sup> *Fará sentido, aliás, insistir em sublinhar a nacionalidade de um Santo? Sobre são João de Deus (ou João Cidade), santo alentejano, João Ameal colocou a questão anterior, à qual respondeu: Na verdade, os raros que à Santidade se elevam deixam de caber nos limites exíguos de uma pátria e tornam-se expoentes de glória universal. Parece absurdo reduzi-los à estatura comum, avaliá-los à luz de perspectivas ultrapassadas. (...) Pela grandeza espiritual que o toca, pelo valor da sua missão e do seu exemplo, o Santo não está apenas fora do tempo, que vitoriosamente domina; está, de igual sorte, fora do espaço – visto alargar sem limites a sua presença edificante. Localizá-lo, equivale a desconhecer o que tal presença significa para a humanidade inteira... (1957, pp. 196–197).*

de duzentos e trinta anos desde a chegada das relíquias a Guimarães, são Fortunato é, ainda hoje, venerado como santo português.

As festividades em honra de são Fortunato eram realizadas, anualmente, no final do mês de agosto. À exceção do ano da trasladação e exposição pública das relíquias na igreja do Campo da Feira (1787), que decorreram em dezembro, as festas só tiveram início, oficialmente, em 1794<sup>313</sup> tendo, excetuando algumas interrupções, durado até ao século XX (Moraes & Costa, 2004). As festividades eram um momento importante para a irmandade e para a vida da comunidade. As despesas integravam, habitualmente, os padres, os sermões, a música, o fogo, os tambores, as luminárias, as ervas, as nozes e a armação, variando ligeiramente de ano para ano, dependendo de alguma despesa extra, algum arranjo ou um ano particularmente mais festivo, como num aniversário, por exemplo. Porém, pelos registos, subentende-se que o simulacro nunca saiu em procissão, o que não invalida a sua exposição fora da urna-relicário durante o tempo da festa, para visita e veneração dos devotos locais eromeiros.

Nos anos seguintes à deposição do simulacro no altar da igreja encontraram-se várias ocorrências de despesas suportadas pela RINSCSP. No mesmo ano da trasladação, em 1787, foi registada a despesa de mil trezentos e vinte reis (1\$320) na produção da estampa do santo (reveja-se, *supra*, as primeiras despesas). Em 1792, o tesoureiro registou as seguintes despesas (RINSCSP, 1748, fols. 176r–176v):

<i>Com Covado e m.º [côvado e meio] de Damasco p.ª aCreçentar ao Cortinado</i> <sup>314</sup> <i>do Altar de S.</i>	
<i>Furtunato</i>	1\$440
<i>Com o feitio ao aCreçimo do Altar de S. Afurtunato</i>	\$240

---

<sup>313</sup> *Despeza do Milagrozo Martir S. Fortunatto* (fig. 64) (RINSCSP, 1748, fol. 191r).

<sup>314</sup> No “Livro de Inventário da Irmandade” (cota 53) foram registadas, em 1841, várias cortinas para encerrar a urna-relicário, algumas muito usadas, como se constata: (...) *Item huma Portada de Damasco roxo com sanefa do Insarram.º* [encerramento] *da Urna de S.º Fortunato, com galão de retros uzada // Item huma do d.º de Damasco verm.º com galão do novo // Item huma do d.º de Seda verm.ª [vermelha] m.º uzada // Item huma do d.º de Damasco com galão e franja p.ª (?) uzada // Item hum Insarram.º de tafeta verm.º novo do d.º* (RINSCSP, 1804, fol. 23r). Isto apenas reforça a hipótese de que a urna era regularmente aberta para exposição do simulacro, atendendo ao facto de que o sistema de abertura/fecho da cortina está localizado no interior da urna, junto à portada frontal envidraçada.

<i>Com 8 Canadas</i> <sup>315</sup> <i>de Azeite p.<sup>a</sup> os bidros de S. Afurtunato</i>	3\$695
<i>Com meia Resma de papel empreñado p.<sup>a</sup> os editais do Givileo [Jubileu] do d.<sup>o</sup> Santo</i>	1\$980

Em 1793 foi registada a despesa com *Indulgencia no Altar de S. Fortunato*, bem como *papel* e *Licencas* para os editais (RINSCSP, 1748, fol. 183r). Em 1800 observam-se as despesas com *hua Vara*<sup>316</sup> e *tres Coartos* [de *olandelha*<sup>317</sup> branca] *p.<sup>a</sup> a bandeira*<sup>318</sup> *de S. Fortonato* (\$360), *de Retros branco* e *estopa* (RINSCSP, 1748, fol. 226v). No ano seguinte, são registados custos com as despesas com a lâmpada do santo (RINSCSP, 1748, fols. 232r–232v), como se observa:

<i>D.<sup>i</sup> Com o Limpar a Lanpada de estanbo</i>	\$800
<i>D.<sup>i</sup> Com o Pintor de dourar o ferro da lanpada do Santo Fortunato</i>	3\$120
<i>D.<sup>i</sup> Com o ferro para a mesma</i>	3\$600
<i>D.<sup>i</sup> Com o Latueiro de fazer a goarnição p.<sup>a</sup> o d.<sup>o</sup></i>	2\$400

No ano de 1802 (RINSCSP, 1748, fols. 236r–236v), lê-se ainda:

<i>D. Com huma panela p.<sup>a</sup> o Caixão de S.<sup>to</sup> afortunato</i>	1\$320
<i>D. Com pintar o pau da Bandr.<sup>a</sup> [bandeira] do S.<sup>to</sup></i>	2\$200
<i>D. Com q.<sup>m</sup> foi buscar a Seda a Braga p.<sup>a</sup> o ornam.<sup>to</sup></i>	\$780

Em 1807, vinte anos após a transladação das relíquias, encontra-se a despesa *com incarnar o Santo, e compor a espada de S. Fortunato*, no valor de 2\$990 reis (RINSCSP, 1748, fol. 266v). Presume-se ser esta a primeira intervenção realizada no simulacro de são Fortunato. Em 1808 surge nova despesa,

<sup>315</sup> Canada – *antiga medida portuguesa, igual a 1 litro e 4 decilitros* (C. de Figueiredo, 1996a, p. 499).

<sup>316</sup> Vara – *antiga medida de comprimento, equivalente a onze decímetros* (C. de Figueiredo, 1996b, p. 680).

<sup>317</sup> A palavra “olandelha” não consta no dicionário. No “Novo Dicionário da língua portuguesa” lê-se o seguinte: *olbandilhas m. Bras. O mesmo que farricoco. (...) (Por 'hollandilhas', allusão ao pano dêsse nome, usado talvez por farricocos 'ou' em armações fúnebres)* (C. de Figueiredo, 2010, p. 1413). O termo foi encontrado num outro documento, como se transcreve: *O Provedor-mor da Fazenda Real mande dar a cada um dos Soldados de dois terços da guarnição desta Praça três côvados de olandelha para forrarem as fardas que agora se lhe deram (...)* (Ministério da Educação e Saude, 1942, p. 141).

<sup>318</sup> No “Livro de Inventário da Irmandade” (cota 53), no ano de 1841, está listada a dita bandeira: *Item huma bandeira aseada de S<sup>to</sup> Fortunato velha* (ARINSCSP, 1804, fol. 25r).

nomeadamente com *a reforma das Estampas de S. Fortunato* (2\$720) (RINSCSP, 1748, fol. 276v). Neste mesmo ano foi, inclusive, entregue uma esmola de 100\$000 reis (um valor bastante avultado, entenda-se) *que deixou Rodrigo Antonio Guim<sup>es</sup> da cid<sup>e</sup> do Porto p.<sup>a</sup> a]uda das obras de S. Fortunato e do Snr.* (RINSCSP, 1748, fol. 275v). Não foi possível, no entanto, confirmar para quais *obras de S. Fortunato* era destinada a esmola, mas deduz-se que tenham sido para as mesmas registadas no ano anterior.

No ano de 1809<sup>319</sup>, observa-se a despesa *com 12 goldras (?) [.] 6 espelhos e tres Arcos de fero [ferro] p.<sup>a</sup> o fero da Lampeda de S. Fortunato* (3\$345). Em 1813, 1815 e 1816 surgem novas despesa com as *estampas de S. Fortunato* e, em 1815, 1817 e 1821, as despesa com as medidas do santo (RINSCSP, 1748, fols. 306v, 316r, 334v):

<i>Com fitas p.<sup>a</sup> medidas de S. Furtun.<sup>o</sup></i>	8\$580
<i>Com o pintor de pintar 16 dz.<sup>s</sup> [dúzias] de medidas de S. Furtunato</i>	1\$980
<i>Com 96 c.<sup>os</sup> [côvados] 1/2 de fitas sortedas [sortidas] p.<sup>a</sup> md.<sup>as</sup> [medidas] de S. Fortunato</i>	6\$390
<i>Com pinturas e Letras o Pintor das m.<sup>mas</sup></i>	2\$700
<i>Com o feitiço das medidas do Santo</i>	\$280

Em 1817 surge também a despesa com *huma chave p.<sup>a</sup> o Caixão de S. Fortunato* (\$300)(RINSCSP, 1748, fol. 316v). Em 1829, nova despesa com a lâmpada de S. Fortunato (RINSCSP, 1748, fol. 369r):

<i>Com Pratiar, e a Limpar a Lampeda de S. Fortunato</i>	2\$000
<i>Com hua Campainha p.<sup>a</sup> a m.<sup>ma</sup> e Pratiar</i>	\$360

---

<sup>319</sup> Segundo os registos de 1809, os franceses entraram com violência na igreja, como se depreende da despesa com *o Carpintr.<sup>o</sup> de Compor as portas da Igr.<sup>a</sup> qd.<sup>o</sup> vierão os Francezes* (\$360) (RINSCSP, 1748, fol. 280r). Sobre os “Termos de entregas das Pratas...” de 1 de fevereiro de 1808 (atente-se nota n.º 190), Alfredo Pimenta escreveu sobre a *Prata da Irmã.<sup>e</sup> da Igr.<sup>a</sup> do Campo da feira desta V.<sup>a</sup>*, o seguinte: *Aos vinte, eoaatro de (...) Marco de mil oito centos eoitto nesta villa deguimarains (...) foi entregue aprata seguinte: Huma Lampeda, huma cruz[.] huma bacia de pedir, hum tribulo, huma naveta e colber, duas piramides e pezou vinte e coatro arateis* (1940, p. 153).

No ano de 1830, além de várias despesas com imaginária<sup>320</sup>, registou-se a despesa com *Sacras Novas p.<sup>a</sup> o Altar de S.<sup>to</sup> Afortonato* (3\$600) e *mais huas medidas* para o santo, bem como uma nova intervenção na relíquia (RINSCSP, 1748, fols. 357v, 374v):

*D. com hum concerto que Se fês na Reliquia de S.<sup>to</sup> Afortunato*

1\$680

À falta de informação adicional, não foi possível identificar o tipo de intervenção realizada.

Por fim, constatou-se na documentação consultada, à semelhança da santa Agatemera, uma grande disparidade de grafias para o nome do santo: *Fertunato* (1788<sup>321</sup>), *Fertonato* (1800), *Furtunato* (1790), *Fortunato* (1791), *Fortunatto* (1794), *Fortonato* (1801), *Forttonato* (1801), *Afurtunato* (1792), *Afortunato* (1802), *A.Fortunato* (1805), *Afortonato* (1821), *Afurtunato* (1825), *Afortonacto* (1827), *Afortenato* (1833) e *Frutunato* (1832). Excetuando os erros gramaticais, o nome Fortunato vem do latim *fortunatus* que significa “feliz”, “afortunado”, “homem de sorte” ou “próspero”<sup>322</sup>, possível reflexo da prosperidade que o sagrado corpo trouxe à Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos e à vila de Guimarães.

---

<sup>320</sup> A título de curiosidade, foram registadas as despesas com: *concerto da Cabeleira do Snr; com 2 olhos de Vidro p.<sup>a</sup> a Imagem nova e com quem os meteo, com huas mãos novas e com a Diadema do S.<sup>r</sup> e Resplandores p.<sup>a</sup> os S.<sup>tos</sup> da Igr.<sup>a</sup>* (RINSCSP, 1748, fols. 374v, 375r, 375v, 376r).

<sup>321</sup> Os anos correspondem à primeira utilização do nome.

<sup>322</sup> Recorde-se que os nomes de batismo atribuídos aos corpos dos santos mártires catacumbais podiam advir de uma virtude moral cristã (reveja-se, *supra*, subcapítulo 3.3.1. (parte I)). Assim, Félix era sinónimo de “feliz” ou “bem-sucedido”; Pacífico, “homem da paz” ou “sereno”; Aurélio, “filho do ouro”, etc.

#### 5.2.4. Diocese de Vila Real

##### Santo mártir Marcos (1704-5)<sup>323</sup>



**Figs. 65, 66 e 67** – Esquerda e centro: fachada e altar lateral da capela de Nossa Senhora dos Prazeres do palácio de Mateus, Vila Real. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Marcos. © Joana Palmeirão

O simulacro do corpo do santo mártir Marcos está localizado no banco do retábulo lateral, do lado do Evangelho, da capela de Nossa Senhora dos Prazeres<sup>324</sup> anexa ao antigo palácio ou solar de Mateus (atual Fundação da Casa de Mateus), na freguesia de Mateus, concelho de Vila Real, distrito e diocese de Vila Real.

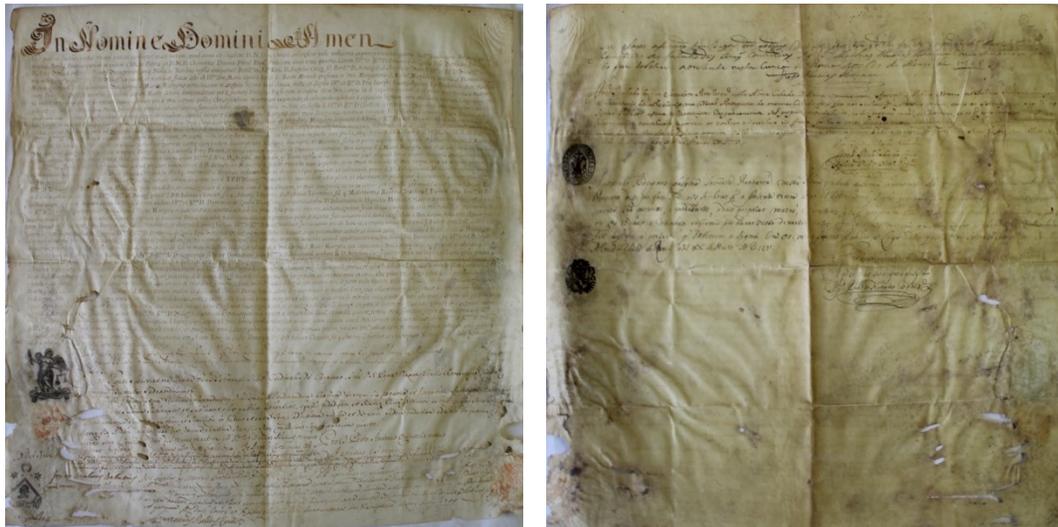
A consulta da documentação existente no Arquivo da Casa de Mateus (SICM – Sistema de Informação da Casa de Mateus), permitiu o estudo aprofundado deste exemplar setecentista sendo, tal com o simulacro do santo mártir Vicente de Penafiel, um dos exemplares mais bem

---

<sup>323</sup> Ficha de inventário n.º 48 (Apêndice V).

<sup>324</sup> Existiu, em tempos, uma capela dedicada à mesma padroeira em (São João de) Arroios, freguesia meira com Mateus, datada de 1641. Mais tarde, a pedido do 3º morgado de Mateus, António José Botelho Mourão (n. 1688 - m. 1746), foi construída uma nova capela, no local atual, a qual seria terminada pelo seu filho D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (n. 1722 - m. 1798), fidalgo da Casa Real, militar de carreira e 4º morgado de Mateus. De acordo com uma inscrição na fachada da nova capela, esta só ficou concluída em 1750. A inauguração foi mais tardia, tendo ocorrido apenas em 1759 (Moura, 2002). As razões que levaram à construção da nova capela serão referidas mais adiante. Como também se verá, foram frequentes os equívocos entre ambas as freguesias – Arroios e Mateus –, nomeadamente quanto à localização da capela de Nossa Senhora dos Prazeres e ao sagrado corpo de São Marcos.

documentados em Portugal<sup>325</sup>.



**Figs. 68 e 69** – Documento intitulado “[Certidão de autenticação, Declaração de Doação e Reconhecimento] da relíquia do Corpo de São Marcos trazido de Roma pelo Santo Arcebispo Diogo Álvares Mourão e oferecido a seu irmão Matias Álvares Mourão, Morgado da Prata” com data de 1704 e 1705 (SICM/SC04, G. 1889.9). © SICM – Fundação da Casa de Mateus (documentos digitalizados)

O documento intitulado “[Certidão de autenticação, Declaração de Doação e Reconhecimento] da relíquia do Corpo de São Marcos trazido de Roma pelo Santo Arcebispo Diogo Álvares Mourão e oferecido a seu irmão Matias Álvares Mourão, Morgado da Prata” (figs. 68 e 69), impresso em pergaminho e redigido em latim e italiano, fornece dados relevantes sobre a origem, montagem, doação e envio das relíquias de São Marcos. Na verdade, este documento consiste num documento público (*publico Instrumento*)<sup>326</sup> ou ata notarial, no qual o notário dá conta dos procedimentos realizados nos dias 1 de abril, 12 e 17 de maio, e 7 de julho de 1704<sup>327</sup>, em Roma. No verso do documento consta ainda a data de 20 de março de 1705, que corresponde à data da doação do

---

<sup>325</sup> Devido à importância da documentação consultada para o tema em análise, aliada ao seu caráter inédito, os documentos serão transcritos ao longo do corpo do trabalho ou nos Anexos.

<sup>326</sup> O termo *Bulla de atestação* aparece num outro manuscrito, para se referir a este documento público.

<sup>327</sup> Trata-se, na verdade, da junção de vários documentos notariais à semelhança de uma ata, autenticada pelo respetivo notário (com assinatura e selo), e assinada por todos os presentes.

simulacro de são Marcos pelo *Santo Arcediago* Diogo Álvares Mourão (n. 1673 - m. 1744) ao seu irmão, doutor Matias Álvares Botelho Mourão (n. 1669 - m. ca. 1730), conhecido por *Morgado da Prata*, pai do 3º morgado de Mateus, António José Botelho Mourão (n. 1688 - m. 1746). Sobre este assunto, falar-se-á mais adiante. Por agora, veja-se a descrição do notário sobre a origem e montagem das relíquias.

Após a indicação dos nomes e cargos das testemunhas presentes, entre elas o vice-gerente do cardeal vigário de Roma<sup>328</sup>, Domenico Zauli<sup>329</sup> e o seu secretário, Angelo Curzi, o notário descreveu:

*(...) expôs e narrou [Angelo Curzi] ao mencionado Ilustríssimo e Reverendíssimo Sr. Vice-gerente [Domenico Zauli] que o Ven.[erável] Corpo do Mártir S. Marici [sic] lhe tinba sido dado pela Ilustríssima Sor.[or] Maria Grazia Iozzi de Reata, freira professa no Ven. Mosteiro de Sta. Maria Madalena, da Ordem de S. Domingos no Monte Quirinal da Cidade [Roma], fechado no interior de uma caixinha de madeira bem fechada, ligada [ou atada], e munida com o selo do Ilustríssimo, e Reverendíssimo Sr. Pr. Giuseppe Eusani Aquilani, Bispo Porfiriano, Prefeito do Sacrário do Pontífice, enquanto vivia. Tinba lhe sido entregue como presente, à mesma Sor. Maria Grazia, pelo dito Prefeito do Sacrário do Pontífice (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).*

Relativamente à montagem do corpo, lê-se de seguida:

*Desejando [Angelo Curzi] que o mesmo Ven.[erável] Corpo fosse retirado da dita caixinha, fosse unido num só, vestido com vestes elegantes, e que fosse colocado numa caixa [ou arca] maior, e mais decente, para expor, e colocar o dito Ven. Corpo para veneração pública dos fiéis Cristãos, mostrou a dita caixinha de madeira, coberta, em volta, com papel ondulado [marmoreado?] com o comprimento de três palmos, aproximadamente, e a altura de um palmo [ $\pm$  66 cm de comprimento x 22 cm de altura], ligada, a toda a volta, aproximadamente no meio, com uma fita de seda de cor vermelha, e munida com o selo do dito Ilustríssimo, e Reverendíssimo Prefeito gravado com cera vermelha hispânica em vários locais com a seguinte inscrição, na parte superior da mesma caixinha = O Corpo do Mártir S. Marcos com uma vasilha de Sangue, descoberto no tempo do Pontificado do Papa Clemente X, pede e suplica humildemente que a dita caixinha seja aberta, que lhe seja retirado o selo, e que o mesmo*

---

<sup>328</sup> Recorde-se que, ainda antes da instituição da Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas (1667-9), o édito do cardeal-vigário Marzio Ginetti de 4 de julho de 1656, por ordem do papa Alexandre VII (p. 1655 - m. 1667), referia que o acesso às catacumbas estava reservado a pessoas com uma autorização escrita do cardeal-vigário ou do seu adjunto (vice-gerente) (atente-se, *supra*, subcapítulo 3.3. (parte I)).

<sup>329</sup> Domenico Zauli (n. 1638 - m. 1722) foi bispo de Veroli (Itália) e vice-gerente de Roma entre 1701 e 1712 (Cheney, 2020).

*Ven. Corpo seja selado pelo Senhor Sebastiano de Hipolito, Ministro designado pelo dito Eminentíssimo, e Reverendíssimo Sr. Cardeal Vigário para, no momento presente, unir, e ao mesmo tempo dispor as Sagradas Relíquias, com o fim de unir os ossos separados do dito Ven. Corpo, torná-lo um de novo e vestir o mesmo Corpo com vestimentas elegantes, e colocá-las numa caixa conveniente, etc.* (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).

Como se pode depreender da leitura dos excertos transcritos, a exumação dos restos mortais do santo mártir ocorreu vários anos antes do pedido de montagem do simulacro. Sabe-se, inclusive, que as relíquias foram oferecidas à soror *Maria Graçia* pelo então bispo de Porfírio e sacristão pontifical, Giuseppe Eusani<sup>330</sup>, após terem sido descobertas (juntamente com o vaso de sangue) no tempo do papa Clemente X, ou seja, entre 1670 e 1676, período no qual terá decorrido a exumação do corpo santo. Permanece, no entanto, a dúvida sobre de qual das catacumbas terá decorrido a exumação das relíquias.

Depreende-se, também, da leitura do segundo excerto, que terá sido solicitado ao Sr. Sebastiano de Hipolito a união dos ossos e a sua colocação dentro do simulacro atual, isto no tempo do pontificado do papa Clemente XI (p. 1700 - m. 1721). Assim, após a abertura da caixa pelo vice-gerente, Domenico Zauli, *por insistência do mencionado Reverendíssimo Sr. Angelo*, e de uma breve oração às relíquias, aquele ordenou:

*que o dito Ministro Sr. Sebastiano declarasse por juramento que iria unir corretamente os ossos separados, e tornar o dito Ven. Corpo um só, e mesmo que alguma pequena parte tivesse sido removida, ou entregue a outra pessoa, vesti-lo com vestes elegantes, e depositá-lo, e colocá-lo numa Caixa decente (...)* (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).

Sebastiano de Hipolito foi, portanto, o ministro<sup>331</sup> designado para unir e vestir os ossos de São Marcos, e colocá-los em caixa própria (ou urna-relicário)<sup>332</sup>. Após algumas pesquisas, conclui-se que

---

<sup>330</sup> Giuseppe Eusani foi sacristão pontifical (*sagrista del Papa*) entre 9 de março de 1669 e 23 de abril de 1692 (veja-se Apêndice I).

<sup>331</sup> Entenda-se aqui *ministro* como sinónimo de padre ou sacerdote.

<sup>332</sup> Repare-se na naturalidade com que é aceite a possibilidade de não existirem partes do esqueleto, podendo estas terem sido removidas ou oferecidas: (...) *e mesmo que alguma pequena parte tivesse sido removida, ou entregue a outra pessoa, vesti-lo (...)* (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).

o referido ministro tinha o hábito de produzir estas peças, uma vez que o mesmo foi autor da montagem do corpo de *San Vittorio*, em 1703<sup>333</sup>.

No dia 12 de maio, o notário, juntamente com outras testemunhas, bem como o já mencionado Sebastiano de Hipolito, reuniram-se *no Palácio da residência habitual* do vice-gerente:

*No mesmo ano [1704], indicação, e Pontificado [Clemente XI] que acima, no dia 12 de Maio (...) compareceu o já mencionado Sr. Ministro Sebastiano de Hipolito, (...), que expôs, e referiu ao já mencionado Ilustríssimo, e Reverendíssimo Sr. Vice-gerente, que o Ven. Corpo do Mártir S. Marcos, com os ossos separados entre si no passado último dia 1 de Abril, etc. tinha sido selado, e recomposto por si, e tornado um só e vestido com vestes elegantes, e colocado no interior de uma caixa ornamentada, num quarto que existe na sua casa habitual [na Via dei Coronari, em Roma] e, por essa razão, pede e insiste que seja proporcionado o acesso à dita casa, para que o d.[ito] Ven. Corpo seja visto, e para identificar o Ven. Corpo, para que a caixa seja munida e selada com o selo de Sua Autoridade Ilustríssima, etc. (...) Esta caixa, com o d. ven. Corpo acomodado, e colocado no seu interior, vestido com vestes, foi devidamente contemplada e observada com ponderação pelo d. Ilustríssimo, e Reverendíssimo Sr. Vice-gerente (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).*

Pela leitura do excerto depreende-se que Sebastiano de Hipolito terá montado o simulacro entre o dia 1 de abril e o dia 12 de maio, ou seja, em menos de mês e meio<sup>334</sup>.

Segue-se a descrição do simulacro e respetiva caixa, em língua vulgar (*vulgari idiomate*), ou seja, em italiano<sup>335</sup>:

*A Caixa dentro da qual é colocado o dito Ven. Corpo de S. Marcos Mártir é de madeira de Cipreste branco revestido no exterior, e no interior por tafetá de cor púrpura, com aproximadamente 6,19 palmos de comprimento [± 1,32 m], três palmos de altura*

---

<sup>333</sup> (...) *Sr. Vice-gerente ordenou, por mim, que o dito Ministro Sr. Sebastiano declarasse por juramento que iria unir corretamente os ossos separados, e tornar o dito Ven. Corpo um só (...)* (tradução do original: (...) *Dominus Vicesgerens mandauit per me prestari iuramentum predicto Domino Sebastiano Ministro, de fideliter vniendo ossa separata, & in vnum reducendo predictum V. Corpus (...)* (Gemine, 1705, p. 50). Note-se as semelhanças do texto, em ambos os documentos. Aqui, tal como no documento referente a são Marcos, Sebastiano de Hipolito teve de prestar juramento de que iria unir corretamente os ossos do santo.

<sup>334</sup> Pela envergadura e a qualidade do trabalho, muito embora não exista qualquer referência sobre esta possibilidade no documento transcrito, supõe-se que a montagem tenha sido realizada com o apoio de uma equipa de trabalho, num atelier ou oficina, possivelmente do próprio. Como observado acima (subcapítulo 4.3., parte I), segundo Massimiliano Ghilardi, o médico cirurgião e *ceroplasta* Antonio Magnani demorava cerca de mês e meio a montar as peças.

<sup>335</sup> Renova-se o agradecimento à colega de doutoramento e amiga Alexandra Marco pela disponibilidade e dedicação na tradução.

[± 66 cm], e cerca de dois palmos e meio de largura [± 55 cm] com dois cristais [vidros], e sua Moldura igualmente de Cristal na frente, cuja moldura de cristal é fechada, e fixa na dita Caixa de madeira com quatro parafusos de ferro nas extremidades da mesma caixa, ou seja dois para cada lado. Dentro desta caixa é colocado o d. Ven. Corpo de São Marcos Mártir vestido de Soldado Herói de Damasco de cor vermelho vivo adornado com rendas de ouro falso com o seu manto de tafetá de cor azul turquesa com espada de madeira, e com a palma, e o vaso de Sangue na mão, coroa de flores de diferentes espécies, e cores, com o diadema de cobre prateado na cabeça, máscara de véu [gaze?] na cabeça e pescoço, luvas nas mãos, e sandálias nos pés em \_\_\_\_ (?) deitado sobre uma \_\_\_\_ (?) de tafetá vermelho com listas brancas, e duas almofadas forradas do mesmo tafetá vermelho com listas brancas, e no meio dos cristais \_\_\_\_ (?) na parte de dentro está fixa uma Cartela com a seguinte inscrição = Corpo do Mártir São Marcos [Corpus S. Marci Mar.] = (...) (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).

Terminada a descrição do venerável corpo e respetiva urna, esta foi fechada e selada pelo vice-gerente e confiada a Angelo Curzi. Depois do que aparenta ser uma descrição formal das testemunhas (aqui o texto já se apresenta de difícil leitura), pode ainda ler-se: *Em Roma a partir dos nossos aposentos no dia dezassete do Mês de Maio no milésimo septingentésimo quarto ano* [17 de maio de 1704] (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r). Importa ainda destacar as duas frases seguintes que, apesar da presença de algumas lacunas no documento, indicam:

(...) \_\_\_\_ (?) ofereço o acima \_\_\_\_ (?) d.[ito] Corpo de S. Marcos mártir ao SS.[antíssimo] Sr. D. Diego Alvares murano português: Na fé Dado (?) em Roma neste dia 7 de julho de 1704. Eu Angelo Curzi \_\_\_\_ (?) (...) (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1r).

Ou seja, o simulacro e respetiva caixa, à guarda de Angelo Curzi desde o dia 17 de maio de 1704, foram oferecidos no dia 7 de julho do mesmo ano ao Pe. Diogo Álvares Mourão, arcediogo e português, pertencente à casa dos morgados<sup>336</sup> de Mateus<sup>337</sup>. No verso do mesmo documento consta

---

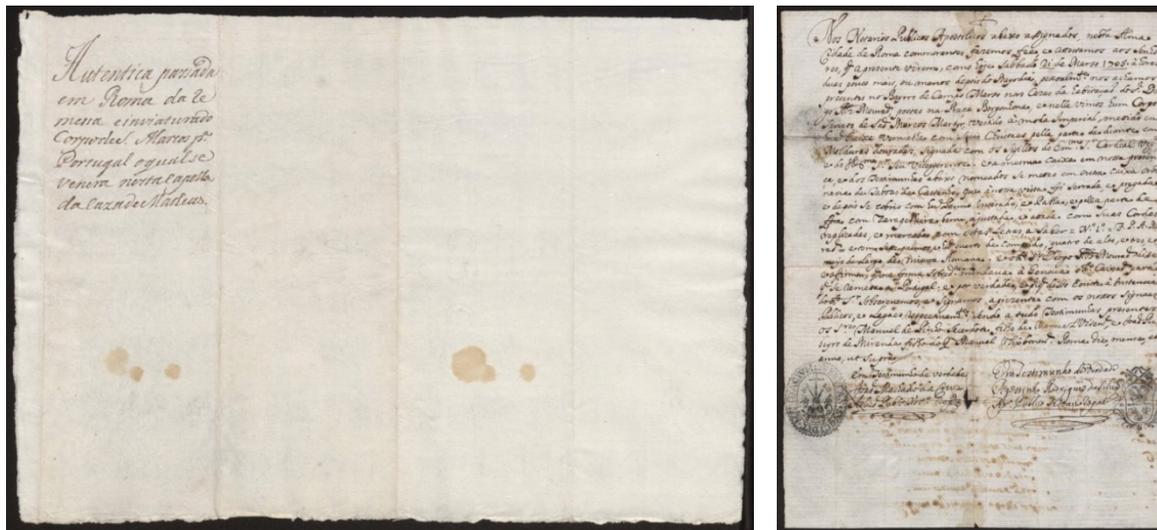
<sup>336</sup> Os morgadios em Portugal foram extintos em 1863. Sobre as consequência dessa extinção no património da casa de Mateus veja-se Vasco Graça Moura (2002).

<sup>337</sup> Diogo Álvares Mourão (n. 1673 - m. 1744) viveu vinte anos na Cúria Romana (d. 1698), onde se relacionou com vários cardeais e eclesiásticos, e mais dezasseis anos na sua quinta de Sabrosa (Vila Real). Foi arcediogo de Labruge (sé de Braga) e da Covilhã (sé da Guarda) (Capela, Matos, & Castro, 2006). Como suprarreferido, o *Santo Arcediogo*, título que lhe foi atribuído, era irmão de Matias Álvares Mourão (n. 1669 - m. ca. 1730) e tio do seu sobrinho homónimo, António José Botelho Mourão (n. 1688 - m. 1746), que foi quem mandou construir a nova capela de Nossa Senhora dos Prazeres em Mateus (Fundação da Casa de Mateus, 2021; Moura, 2002).

o ato de doação (em português) do simulacro de São Marcos ao seu irmão, Matias Álvares Mourão, morgado de Mateus, com data de 20 de março de 1705 (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1704, fol. 1v):

*Em \_\_\_\_ (?) afinado (?) em vigor dão poderes \_\_\_\_ (?) dou o dicto sancto corpo de São Marcos Martir com todas as facultades \_\_\_\_ (?) consedidas do \_\_\_\_ (?) Mathias Alvares Mouram meo Irmão em fee do que \_\_\_\_ (?) apresente nesta Curia de Roma aos 20 de Marso de 1705*

*Diogo Alvares Mouram*



**Figs. 70 e 71** – Documento intitulado “Autêntica de Roma para envio do corpo de São Marcos Mártir à Casa de Mateus”, com data de 21 de março de 1705 (SICM G. 1960.2, 22234\_1-2). © SICM – Fundação da Casa de Mateus (documentos digitalizados)

Um outro documento, intitulado “Autêntica de Roma para envio do corpo de São Marcos Mártir à Casa de Mateus” (figs. 70 e 71), descreve o processo de envio do simulacro de Roma para Portugal, no dia seguinte ao ato de doação do *sancto corpo* a Matias Álvares Mourão. Na verdade, este documento não se trata de uma autêntica – no sentido de documento ou certificado de autenticação que tem vindo a ser referido e analisado ao longo da presente tese –, mas de uma outra ata notarial (à semelhança do documento anterior), com data de 21 de março de 1705, na qual os *Notarios Publicos*

*Apostolicos*<sup>338</sup> descrevem o processo de inspeção do simulacro do corpo do santo mártir antes do seu envio para Portugal. Assim, pode ler-se:

*(...) hoje sabbado 21 de Marso 1705. à horas duas pouco mais, ou menos depois do meyodia, pessoalmen<sup>te</sup>. nos achamos presentes [Notários Públicos Apostólicos] no Bayrro de Campo Marso [Campo Marzio, Roma] nas Caças da habitação do S.<sup>r</sup> Diogo Alz. Mourão, postas na Praça Borgonbona, e nella vimos hum Corpo Santo de São Marcos Martyr, vestido à moda Imperial, mettido em huã Caixa vermelha com seus Christaes pella parte de diante com Molduras douradas, signada com os Sigillos do Em.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Cardeal Vig.<sup>rio</sup>, e do Ills.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup> Seu Vicesgerente (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1705, fol. 1).*

Os notários descrevem, inclusive, o processo de embalamento da *caixa* (urna), como se transcreve:

*(...) a mesma caixa em nossa presença, e dos testemunhas abaxo nomeados se metteo em outra caixa ordinaria de taboas de Castanho, que à nossa vista foi serrada, e pregada, e depois se cobrio com hũ Panno inserado, e Palha, e pella parte de fora com Zarapelbeira bem ajustada, e attada com suas Cordas treplicadas, e marcada com estas Letras, a saber = N.<sup>o</sup> I.<sup>o</sup> = F. P. A. Mourão = e tem sette palmos, e hũ quarto de comprido, quatro de alto, e tres, e meyo de largo, de misura Romana. e o d.<sup>to</sup> S.<sup>r</sup> Diogo Alz. Mourão disse, e afirmou, q<sup>ue</sup> na forma sobred.<sup>a</sup> mandava à Genova o d.<sup>o</sup> Caixaõ para q<sup>ue</sup> se remetta a Portugal (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1705, fol. 1).*

Pela cronologia dos acontecimentos sabe-se, portanto, que o Pe. Diogo Álvares Mourão esteve na posse do simulacro desde o dia 7 de julho de 1704 até ao dia 20 de março de 1705, dia em que ficou registada a doação das relíquias ao seu irmão, tendo procedido ao envio das mesmas no dia seguinte, a partir de Roma. A análise do documento permite também confirmar, tal como observado em casos anteriores, o envio do simulacro de Génova, seguindo por barco para Portugal.

Embora não se tenha encontrado nenhum documento que descreva o processo de trasladação das relíquias para a capela do palácio de Mateus, crê-se que esta tenha ocorrido no mesmo ano do envio das relíquias, ou seja, em 1705.

---

<sup>338</sup> Os notários públicos apostólicos, os senhores João Machado da Cruz e Agostinho Rodrigues da Silva, ambos sacerdotes bracarenses da cidade de Roma, foram os mesmos que presenciaram à doação do simulacro a Matias Álvares Mourão.

Quase três anos após o ato de doação e o envio das relíquias para Portugal, a 3 de agosto de 1708 são registados, em documento próprio, o ato de visitação, e a abertura e o exame do *caixão* de são Marcos (Anexo D). Todo o procedimento foi presidido pelo arcebispo Primaz, D. Rodrigo de Moura Teles<sup>339</sup>.

Quanto à capela de Nossa Senhora dos Prazeres, sabe-se que era pertença dos morgados de Mateus, cita em Arroios, freguesia meeira com Mateus (nota n.º 324). Aliás, foi apenas em 1743 que António José Botelho Mourão (n. 1688 - m. 1746), 3º morgado de Mateus e filho de Matias Álvares Mourão, solicitou ao arcebispo de Braga licença<sup>340</sup> para *poder transferir, e fazer de novo* a capela de Nossa Senhora dos Prazeres *mais quarenta passos (...) p.<sup>a</sup> a p.<sup>te</sup> [parte] do nascente*, com o intuito de separar a capela das casas e para *mayor honra, e gloria de Deos, e de nossa Srã dos Prazeres, como tambem p.<sup>a</sup> melhor poder collocar m.<sup>tas</sup> Reliquias<sup>341</sup> (...) sem lugar determinado na dita cap.<sup>a</sup> pella sua estreiteza* (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1743a, fol. 2r). A nova capela seria terminada pelo seu filho e 4º morgado de Mateus, D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (n. 1722 - m. 1798), em 1750 (Moura, 2002). Quanto à localização original do simulacro, pode ler-se o seguinte:

*Enquanto ás Reliquias, hécerto, ter o supp.<sup>te</sup> [suplicante] o corpo inteiro de S. Marcos martir, e outras mt.<sup>as</sup> mais em numero concideravel, todas com atestaçam do Sm.<sup>o</sup> [Santíssimo] P. Clemente XI: e destas só tem debaixo do altar da dita capella o*

---

<sup>339</sup> Dom Rodrigo de Moura Teles (n. 1644 - m. 1728) foi arcebispo Primaz de Braga desde 1704 até à sua morte. Foi, entre outros cargos, sumilher da cortina do Rei (d. 1678) e bispo da diocese da Guarda (d. 1694). Maria Milheiro escreveu a respeito do arcebispo: *Como bom anunciador e executante das manifestações de piedade pós-tridentina, impulsionou a devoção dos Santos e o culto das Relíquias, o que deu origem a uma multiplicação de escultura religiosa e à renovação de altares e retábulos. Nas suas visitas passava minuciosa inspecção às igrejas, capelas, altares, retábulos, sacristias, imagens e alfaias litúrgicas, ordenando a substituição de tudo o que considerava degradado ou menos condigno* (2003, p. 108).

<sup>340</sup> A licença foi concedida pelo arcebispo a 14 de novembro de 1743 e assinada pelo Pe. Baltasar Alves Pereira, pároco de são Martinho de Mateus. O ano de 1743 ficou também marcado pela reedificação de um palácio *melhor* e a demolição do antigo. Como explica Vasco Graça Moura: *O palácio sucedeu a outro palácio, assim como era de esperar que a uma capela importante sucedesse outra ainda mais importante* (2002, p. 17).

<sup>341</sup> Na obra “Portugal Antigo e Moderno”, Augusto Pinto Leal descreveu algumas dessas relíquias: *Na capella de Nossa Senhora dos Prazeres, d'esta freguezia, estão o corpo inteiro de S. Marcos, martyr; parte do corpo de Santa Clara, martyr; parte do corpo de S. Bento, martyr; uma grande cruz feita de pau do 'santo lenho'; parte dos cabellos de Nossa Senhora e parte do seu ven; e parte da corda, dos espinhos, da esponja e do tumulo de Jesus Christo* (1873, p. 238).

*corpo do mencionado santo; e as mais as tem reclusas em bua goarda roupa; pois na dita capella, p.<sup>ta</sup> sua estreiteza, nam [não] há sitio apto para se collocarem* (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1743b, fol. 2).

Atendendo ao espaço diminuto da capela primitiva, esta teria um único altar (altar-mor), onde estava depositado o *corpo inteiro* de são Marcos. Este facto é confirmado num outro documento, de 1715, no qual Matias Álvares Mourão escreveu: (...) *concorrem m.<sup>tos</sup> Sacerdotes. que sera impossivel dizerem todos missa em hum 'so' altar que tem a capella (...)* (SICM – Fundação da Casa de Mateus, 1715, fol. 1r).

Sobre a nova e atual capela, Abel Botelho publicou em 1902 um artigo sobre a casa de Mateus, na altura propriedade e casa senhorial dos condes de Vila Real<sup>342</sup>, com base *no que vira numa visita à casa e também em informações que só podiam ter-lhe sido prestadas pelo 3º Conde, D. José Luís* (Moura, 2002, p. 37). De entre as várias coleções existente no *velho palacio de Matheus*, Abel Botelho descreveu as relíquias existentes na capela:

*Curiosa e magnificente tambem, d'uma magnificencia rara em residencias de particulares é a elegantissima capella do palacio. (...) a linda capella de Matheus, além de um formoso exemplar de architectura, é um preciosissimo repositorio de reliquias e alfaias mysticas, taes e tantas como poucas egrejas mais, incluindo as cathedraes, se vangloriarão de possuir boje em Portugal. Não exaggero. (...) São dezenas e dezenas de pequeninos frascos e bocêtas, de todas as fórmias e feitios, — uns pyramides, outros em caixilhos como paineis, outros oblongos como esquifes, redondos outros, sobre peanhas, como custodias, — (...) todos contendo minusculas esquirolas e venerandos restos de santos, lascas de ossos franjados do tempo, poeiras inclassificaveis; sellados todos e canonicamente authenticados por algum lacre com sinêta cardinalicio, e o competente documento abonatorio da identidade da procedencia* (1902, pp. 613–614).

Descritas as várias relíquias, de entre muitas outras, as de *S. Sebastião, S. Lourenço, S. Domingos e S. Paulo*, o autor descreveu ainda:

*Mas o mais precioso e interessante d'este inapreciavel mostruario de coisas santas, ingloriamente refugado para aquelle recanto inédito de provincia, vêm a ser: o corpo inteiro de S. Marcos, que se vê no primeiro altar do lado da Epistola, deitado, com o seu*

---

<sup>342</sup> O 1º conde de Vila Real, D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos (n. 1785 - m. 1855), era filho de D. José Maria do Carmo de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos (n. 1758 - m. 1825) – 5º morgado de Mateus e editor de *Os Lusíadas* –, neto do já referido 4º morgado de Mateus, D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (n. 1722 - m. 1798) (Moura, 2002).

*fato romano autentico, e empunhando o copo e a palma do martyrio entre as mãos mumificadas, cujo tecido inconsistente é resguardado por uma subtilissima rêde de prata ; e parte do corpo de S. Bento e de S. Clara, que se guardam do lado do Evangelho, no altar fronteiro. Só o corpo de S. Marcos custou em Roma 600\$000 réis. O custo total de todo o relicario, cuidadosamente mettido a rol, verba a verba, por D. Luiz de Sousa Botelho [4º morgado de Mateus]<sup>343</sup>, monta a muitos centos de mil cruzados (Botelho, 1902, pp. 613–614).*

Sobre o valor do simulacro supõe-se que a informação lhe tenha sido fornecida oralmente pelo conde de Vila Real, uma vez que no Arquivo da Casa de Mateus não existe qualquer documento com esses dados.

Relativamente ao culto e romaria associados às relíquias de São Marcos (hoje inexistentes), é possível ter uma pequena alusão nas “Memórias Paroquiais” de 1758, redigidas após o grande terramoto de Lisboa de 1755<sup>344</sup>. No mesmo documento consta que a construção da nova capela do morgado de Mateus durava há mais de doze anos<sup>345</sup>. Assim, como resposta à pergunta nº 14, pode ler-se:

*A esta mesma capella [Arroios] acode muita gente de romagem em dia da mesma senhora [dos Prazeres] por estar nese dia exposto o Corpo de São Marcos martir Irmão de S. Marceliano, e alem deste dia em todo anno sempre concorre gente ainda q com menos frequencia (ANTT, 1758b, p. 567).*

Confirma-se, portanto, que a capela tinha grande afluência de fiéis e peregrinos, principalmente durante o dia de Nossa Senhora dos Prazeres, quando o *Corpo de São Marcos martir* estava exposto à

---

<sup>343</sup> Vasco Graça Moura na sua obra “Figuras em Mateus” (2002) fez menção ao equívoco de Abel Botelho, uma vez que as relíquias foram adquiridas pelo avô de D. Luís António de Sousa Botelho (e não pelo próprio), o já mencionado Matias Álvares Mourão, como se pôde comprovar pela documentação analisada.

<sup>344</sup> As “Memórias Paroquiais” de 1758 consistiram num questionário direcionado aos párocos sobre a devastação provocada pelo grande terramoto de 1755. No seguimento da pergunta nº 13: *Se tem algumas ermidas e de que santos e se estão dentro, ou fora do lugar e a quem pertencem?*, a pergunta nº 14 procurava saber: *Se acodem a elas romagem, sempre ou em alguns dias do ano e quais são estes?* (Braga, 2014, p. 12).

<sup>345</sup> 13. (...) *tem mais a capella de N. Senhora dos Prazeres que he do Morgado de Matheus, e se lhe anda fazendo hua capella nova, cujas obras duraõ ha doze annos, e obrada com todo o primor, e magnificencia (...)* (ANTT, 1758b, p. 566). Mais adiante pode ainda ler-se: (...) *a capella de N. Senhora dos Prazeres a qual ainda existe na capella antiga da mesma casa em quanto se lhe não completa a nova que se anda fabricando* (ANTT, 1758b, p. 569).

veneração pública<sup>346</sup>. Esta festa tinha (e ainda tem) lugar no domingo seguinte ao da Páscoa, ou de Pascoela (ou Quasímodo) (Conde, 2012).

Segundo a tradição cristã, Marcos e Marceliano (referidos como irmãos no excerto anterior) foram irmãos de martírio a 18 de junho do século IV (*ca.* 304) e os seus corpos enterrados na catacumba de Balbina, junto da Via Ardeatina. Nada mais se sabe sobre o seu martírio e as suas vidas (Igreja Católica, 2014; Repetto, 2007). Torna-se, assim, evidente a crença dos devotos (de Arroios e, mais tarde, de Mateus) e dos romeiros que visitavam a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, de estarem na presença do mártir, de nome Marcos, venerado como santo pela Igreja Católica.

Um quadro ex-voto exposto na sacristia da capela confirma esta devoção e crença pela ação milagrosa de são Marcos<sup>347</sup>. Embora não tenha sido possível identificar a data de produção do ex-voto (ou de concessão do milagre), conseguiu transcrever-se parte da legenda, neste caso em particular, localizada na parte superior do quadro:

MILAGRE · Q · FES · S · MARCVS EM · D · PAVLLA F<sup>A</sup> · DE ÍO / ACHIM REBELLO DE QVEROS  
E · D · M<sup>A</sup> · DE MESQ<sup>A</sup> · E CARV<sup>O</sup> · / MORADORES NA SVA Q<sup>A</sup> DO BRVNHEDO C<sup>O</sup> · DE  
PENAGVIAM · / DE ALIVRAR DE HV<sup>A</sup> MELANCONIA MORTAL ·

*Milagre que fez S. Marcos em D. Paula Francisca (?) de Jo / aquim Rebelo de Queirós e D. Maria de Mesquita e Carvalho / moradores na sua quinta do Brunbedo Campo (?) de Penaguião de (a)lívrrar de uma melancolia mortal.*

---

<sup>346</sup> Em 1902, Abel Botelho escreveu que a romaria à capela da casa de Mateus tinha, também, um outro propósito: *O povo de Matheus e redondezas visita com particular devoção esta capella, aonde o attrabe a efficacia milagrosa das cinzas d'um outro santo, (mas este é nosso compatricio), e que estão cuidadosamente guardadas e selladas n'um caixote. É S. Fructuoso, abbade de Constantim, que morreu em 1764, em cheiro de santidade, e foi depois canonizado, sendo reconhecidamente tido como advogado 'contra os cães damnados, bichos venenosos, sezões, maleitas, malinas e dôres de ossos'. Também os devotos, para obterem os favores celestiaes pela intercessão de S. Bento, costumam ir depositar no seu altar cestinhos com ovos* (Botelho, 1902, p. 614). Pela curiosidade do tema e descrição minuciosa do autor, sugere-se a leitura atenta de todo o documento (disponível online).

<sup>347</sup> Na pintura a óleo observam-se, no canto inferior esquerdo, os devotos em posição de súplica perante o corpo de são Marcos, deitado sobre o seu lado direito e a cabeça apoiada sobre a mão do mesmo lado, com a espada e o elmo na frente. Sobre a cabeça, lê-se a inscrição *S. MARCVS*. Ao fundo, destaca-se uma capela, provavelmente a antiga capela de Nossa Senhora dos Prazeres.

Numa das divisórias da casa de Mateus encontra-se uma outra pintura a óleo, sobre madeira, representando um santo mártir. O interesse desta pintura reside no facto de o santo estar representado na mesma posição do simulacro de são Marcos, bem como na proximidade do comprimento do quadro com o da urna-relicário. Tendo em conta que, segundo as “Memórias Paroquiais”, o *Corpo* não era exposto permanentemente – *acode muita gente de romagem em dia da mesma senhora [dos Prazeres] por estar nese dia exposto o Corpo de São Marcos* –, confronta-se a hipótese de ter existido uma portada frontal<sup>348</sup> que permitia ocultar o simulacro nos restantes dias do ano. Reforça-se, no entanto, tratar-se apenas de uma conjectura, uma vez que não foi possível confirmar o sistema de encaixe da (suposta) portada na face frontal da urna (ou *caixa*)-relicário.

Por fim, e a título de curiosidade, transcreve-se uma pequena descrição do que era a viagem de Lisboa a Mateus em pleno século XIX, deixando à imaginação a viagem de transporte do *caixão* do simulacro de são Marcos no início do século XVIII:

*A jornada a Traz-os-Montes hé trabalhosa, por tanto hé necessario escolher e fazer que lhe dem hum dia em boa carruagem em que a faça com vagar, demorando-se para descansar hum dia em Coimbra, alguns no Porto, e depois os que lhe parecer em os nossos Maroleiros [morgadio de Moroleiros] (Gallut, 1970, p. 325, como citado em Moura, 2002, p. 67).*

O marquês de Fronteira e Alorna, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, escreveu também nas suas “Memórias...”: *Com difficuldde marchámos sobre Villa Real, por causa dos pessimos caminhos* (1928, p. 152).

---

<sup>348</sup> Atendendo à datação do simulacro (1704-5), isto vai ao encontro do seu bom estado de conservação (confronte-se ficha de inventário n.º 48 (Apêndice V)).

## 5.2.5. Diocese da Guarda

### Santo mártir Fiel (1851)<sup>349</sup>



**Figs. 72, 73 e 74** – Esquerda e centro: fachada e retábulo colateral da igreja de são Bento, Louriçal do Campo. Direita: simulacro do corpo do santo mártir Fiel exposto no seu andor, onde é transportado anualmente em procissão. © Joana Palmeirão

O último simulacro que será analisado no presente capítulo é o do corpo do santo mártir Fiel, que está atualmente localizado em espaço próprio no banco do retábulo colateral, do lado do Evangelho, da igreja paroquial de são Bento, na freguesia de Louriçal do Campo, concelho de Castelo Branco e diocese da Guarda.

Este exemplar tem duas particularidades que o distinguem dos restantes casos inventariados: (1) segundo fontes consultadas (que serão analisadas mais adiante), o simulacro é entendido como um trabalho nacional, (2) embora não seja raro o culto e romaria a estas peças devocionais, este simulacro é o único que ainda sai em procissão, durante as Festas anuais em honra de são Fiel e santo António em Louriçal do Campo, como também se falará mais à frente.

Quanto à aquisição do simulacro de são Fiel, existem duas hipóteses. Uma que defende que terá sido o padre franciscano, frei Agostinho da Anunciação (n. 1808 - m. *ca.* 1874-5)<sup>350</sup>, a pedir a Roma as relíquias insignes aquando da inauguração do colégio para meninos órfãos (orfanato) em Louriçal

---

<sup>349</sup> Ficha de inventário n.º 53 (Apêndice V).

<sup>350</sup> Recorde-se que foi o mesmo frade, devido à sua ligação com a infanta D. Isabel Maria de Bragança, que levou o simulacro de são Benedito para o convento de santo António de Varatojo (Torres Vedras). Reveja-se, *supra*, **Santo mártir Benedito (1870)**, em particular a nota n.º 223.

do Campo, no ano de 1851<sup>351</sup> (Araújo (O.F.M.), 1993; Santos (O.F.M.), 1948). Nesta primeira hipótese inclui-se a variante de que, em vez de Fr. Agostinho, terá sido a infanta D. Isabel Maria de Bragança – *protectora do colégio* e de quem aquele era confessor –, a adquirir o sagrado corpo junto da Santa Sé, em busca de um padroeiro para os meninos órfãos (Martins, 2006, p. 829; Simões, 2017). De facto, numa estampa religiosa da coleção de “Registos de Santos” da BNP (n.º de inventário 0712)<sup>352</sup>, lê-se, na parte inferior, a seguinte inscrição: *S. FIEL MARTIR // Cuja insigne Reliquia se venera no seu Seminario de Orphãos no Bispado de Castello Branco*, o que confirma a presença do simulacro no orfanato, possivelmente até ao incêndio que destruiu o colégio em 1858 (Araújo (O.F.M.), 1993). A partir de uma outra inscrição na mesma estampa – *ORPHANO TU ERIS ADJUTOR / DO ORFHÃO TU SERAS O PROTECTOR* – conclui-se, também, que São Fiel foi padroeiro dos meninos órfãos. Assim, por influência do santo mártir, o colégio viria a adotar o seu nome. Ainda na mesma estampa, lê-se uma outra inscrição, em latim: *SACR. CORP. SANC. FIDELIS M. CUM VAS. VIT. SANG. RESP. EX. CÆMET. CYRIAC. EXTRACT.*, cuja tradução será apresentada mais à frente.

Sobre esta primeira hipótese, embora com diferenças quanto à data de fundação do colégio, escreveu Ernesto Martins:

*Em 1852 institui [Fr. Agostinho da Anunciação] o ‘Colégio’ em S. Fiel para crianças órfãos e pobres, dando-lhe o nome do Mártir S. Fiel. Pedo a Roma o ‘Sagrado Corpo de S. Fiel’, moldando e ornando as relíquias, segundo a veneração pública àquele Santo. (...) Frei Agostinho decidiu no início da fundação do ‘Seminário de órfãos’ (1852), levar as relíquias do Mártir S. Fiel para a povoação do Louriçal do Campo. Aquelas relíquias tinham vindo de Roma, para Lisboa, tendo o Arcebispo de Mitylene, D. Manuel, assinado a provisão do pedido de trasladação e exposição das Relíquias de S. Fiel (Despacho a 25/11/1851, Registado fl. 228 L. 26 da Câmara Eclesiástica) (2006, pp. 829–830).*

---

<sup>351</sup> Em 1873, o orfanato passou a colégio jesuítico destinado ao ensino particular e, em 1919, a reformatório, direcionado à reeducação de menores sob a tutela do Estado (ensino público). Para mais detalhes, recomenda-se a leitura atenta de Ernesto Martins (2006).

<sup>352</sup> Veja-se a estampa na respetiva ficha de inventário.

Logo de seguida, escreveu ainda:

*Posteriormente, uma senhora de Lisboa (família de D. Francisco D'Almada) entregou as relíquias do santo àquele religioso [Fr. Agostinho da Anunciação], que solicita, por requerimento, ao Cardeal Patriarca de Lisboa – D. Guilherme, a licença para que o Sagrado Depósito do Santo fosse exposto e venerado publicamente na paróquia da Igreja de S. Bento do Lourçal do Campo. O original dessa perfeição do Santo (modelagem em cera), realizada em Braga, ardeu no incêndio do Colégio, em 1858. Feito isto, foi o sagrado corpo trasladado para aquela povoação (Martins, 2006, fol. 830).*

Embora façam parte do mesmo texto, este segundo excerto diz, na verdade, respeito à segunda hipótese sobre a vinda do sagrado corpo para Portugal. Nas memórias do Pe. Cândido Mendes de Azevedo – jesuíta e professor do colégio entre 1896-1902 –, citadas por José Mendes Rosa, lê-se o seguinte:

*(...) as santas relíquias não foram dadas por Pio IX nem a Frei Agostinho nem à Sra. Infanta. Foram trazidas de Roma com outras muitas em finais do século 18º ou princípios do 19º e conservaram-se em Lisboa em poder de uma senhora titular, que o meu informador supõe ser da casa dos Soutos D'El Rei, a qual as deu a Frei Agostinho. Este obteve o seu reconhecimento pelo Cardeal Patriarca D. Guilherme, que o autorizou a mandá-las modelar em cera (Rosa, 2004, p. 24–25, como citado em Simões, 2017, p. 3).*

Desta segunda hipótese surge, portanto, a variante de que a *modelagem em cera* foi realizada em Braga e o simulacro trasladado, posteriormente, para a igreja matriz de Lourçal do Campo, como reforçado por Ernesto Martins (2006, p. 830).

Parece, no entanto, existir alguma incongruência nos factos. Segundo Ernesto Martins, as relíquias estariam primeiro no orfanato, tendo sido transferidas, após o incêndio de 1858, para a igreja de Lourçal do Campo. Mas se o *original* em cera, produzido em Braga, ardeu em 1858, onde foi produzido o simulacro atual?

Em contrapartida, José Mendes Rosa (citando as memórias do Pe. Cândido de Azevedo), não refere a destruição do simulacro no incêndio do colégio. Aliás, o simulacro modelado em cera é, à partida, o que ainda hoje se encontra exposto na igreja de Lourçal.

Para tentar esclarecer algumas destas dúvidas mostrou-se necessário analisar o “Despacho” da Câmara Eclesiástica, assinado em Lisboa no dia 25 de novembro de 1851<sup>353</sup>, e mencionado por Ernesto Martins (reveja-se, *supra*, a primeira citação), e a “Provisão” do cardeal-patriarca de Lisboa, D. Guilherme I, com data de 30 de novembro do mesmo ano. Por serem os únicos documentos passíveis de serem consultados para este exemplar em particular transcrevem-se, de seguida, os documentos na íntegra. Ora, leia-se:

*Eminentissimo Senhor,*

*O P.º Fr. Agostinho d' Annuniação, da extincta Casa de Missionários Apostolicos de Varatojo, junto a Torres Vedras, havendo obtido licença de Vossa Eminencia para extrair o Sagrado Corpo de S. FIEL Martyr, do caixão em que de Roma foi conduzido a este Reino, para o mandar modelar, e ornar, segundo o modo e maneira porque á veneração pública costumão ser expostos os Sagrados Corpos dos Santos Martyres: Vem hoje, obedecendo ás ordens de Vossa Eminencia, apresentar este trabalho, declarando e jurando, que elle assistira pessoalmente a esta Obra na Cidade de Braga, sem que nunca a perdesse de vista, e achára todos os signaes de intactas estas Reliquias, de que nem elle, nem outra alguma pessoa extrahio a mais leve particula. Tambem declara e jura que ele achára dentro do mesmo caixão um Vaso de vidro sobre cal, e um escripto que dizia = Sacrum Corpus Sancti Christi Martyris Fidelis cum vase vitreo sanguine resperso, ex Cemiterio Ceriacae extractum. [Sagrado Corpo do Santo Mártir de Cristo Fiel, com um vaso de vidro aspergido com sangue, extraído do Cemitério de Ciriaca] = O que tudo vai collocado do melhor modo que foi possível junto no Corpo do Santo Martyr, sem a mais leve alteração, não se acrescentando a estes objectos senão o necessario para o seu ornato. E por isto ser verdade*

*P. a Vossa Eminencia que, para maior honra e gloria de Deos, conceda licença para que este Sagrado Deposito seja exposto á veneração pública na Parochial Igreja de S. Bento do Louriçal do Campo, no Bispado de Castello-Branco. — E R. M.*

*DESPACHO.*

*Sendo este Requerimento assignado pelo requerente se passe Provisão, Lisboa 25 de Novembro de 1851. — Mitylene.*

*Aos que esta Nossa Provisão virem. Saude e Benção.*

---

<sup>353</sup> O original, que se encontra na igreja de Louriçal do Campo, foi fotografado e publicado por Carlos Domingues no seu blog sobre Louriçal do Campo ([https://louricaldocampo.com/martir\\_sfiel.htm](https://louricaldocampo.com/martir_sfiel.htm)), a partir do qual foi possível transcrever o documento.

*Fazemos saber que por parte do Presbítero Fr. Agostinho d'Anunciação, Missionario Apostolico do extinto Seminario de Varatojo, Nos foi representado que, por auctorização Nossa, havia feito extrahir da respectiva Urna as Reliquias do Sagrado Corpo do Martyr S. FIEL, que a estes Reinos havia sido remettido de Roma em a sobredita Urna; e que a mandára modelar e ornar para ali ser convenientemente exposta á veneração dos Fieis na Igreja de S. Bento do Louriçal do Campo, no Bispado de Castello-Branco Nosso Suffraganeo. E porque elle representante tinha assistido a todo esse processo, e reconhecêra a existencia intacta do sobredito Sagrado Deposito, bem como de um Vaso de vidro, que o acompanha, e que contém algumas gotas de Sangue do Corpo do mesmo Santo Martyr, pedio-Nos que approvassemos a trasladação para nova Urna, e auctorizassemos a exposição das Reliquias do Sagrado Corpo do Martyr S. FIEL na Igreja Parochial de S. Bento do Louriçal do Campo, no Bispado de Castello-Branco Nosso Suffraganeo na fórma requerida.*

*E para assim se cumprir mandamos expedir esta Nossa Provizão, que, por Delegação Nossa, vai assignada pelo Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Nosso Vigario. Dada em Lisboa sob Sello da Chancellaria a 30 de Novembro de 1851.*

MANOEL, 'Arcebispo de Mitylene'.

(...)

*José Maria de Souza Conceiro (?), Secretario-da Camara Ecclesiastica, escrivi.*

*Provizão porque Vossa Eminencia Ha por bem auctorizar a trasladação e exposição das Reliquias do Sagrado Corpo do Martyr S. FIEL. — 'Gratis.'*

*P. por Despacho de 25 de Novembro de 1851.*

*Registada a fl. 228 L. 26 da Camara. — Couceiro. (?)*

Após a leitura particularmente atenta de ambos os documentos, confirma-se um facto deveras importante. Segundo a “Provizão” de 30 de novembro, não terá sido o *Sagrado Corpo de S. FIEL Martyr* sujeito à modelação e ornamentação em Braga, mas sim a *Urna* onde o mesmo terá vindo de Roma. Ora, releia-se:

*(...) havia feito extrahir da respectiva Urna as Reliquias do Sagrado Corpo do Martyr S. FIEL (...) e que a mandára modelar e ornar para ali ser convenientemente exposta á veneração dos Fieis (...).*

Mais à frente lê-se também:

*(...) pedio-Nos que approvassemos a trasladação para nova Urna, e auctorizassemos a exposição das Reliquias do Sagrado Corpo do Martyr S. FIEL (...).*

Apesar do “Despacho” suscitar algumas dúvidas de interpretação, uma vez que a frase (...) *para o mandar modelar, e ornar* (...) pode dizer respeito quer ao *caixão em que de Roma foi conduzido a este Reino*, quer ao *Sagrado Corpo de S. FIEL Martyr*, parece que a provisão esclarece bem a questão. Neste sentido, Fr. Agostinho da Anunciação terá obtido *licença* ou *autorização* do cardeal-patriarca de Lisboa para retirar as *Relíquias* da referida *Urna* para que esta pudesse ser adequada ao *modo e maneira porque (...) costumão ser expostos os Sagrados Corpos dos Santos Martyres* – diga-se, com dignidade –, para veneração dos fiéis.

Outras ilações podem também ser retiradas da leitura dos referidos documentos:

1. Em nenhum dos documentos vem indicado que Fr. Agostinho da Anunciação solicitou o corpo santo à Santa Sé. Sabe-se apenas que este veio de Roma e que as relíquias foram exumadas do cemitério de santa Ciríaca<sup>354</sup>, juntamente com um vaso de sangue. Deste modo, as relíquias poderão, de facto, ter pertencido à senhora da *casa dos Soutos D'El Rei, da família de D. Francisco D'Almada*<sup>355</sup> e, mais tarde, doadas ao padre Fr. Agostinho (quiçá por intermédio da sua relação com a infanta D. Isabel Maria).
2. No ano do “Despacho” (1851), o *Sagrado Corpo* já estava em Portugal tratando-se, portanto, da primeira referência do mesmo em território nacional;
3. Não é referida qualquer *modelagem em cera*<sup>356</sup>, apesar desta materialidade estar inequivocamente associada ao simulacro de são Fiel (recorde-se, por exemplo, das memórias do Pe. Cândido Mendes, transcritas *supra*);

---

<sup>354</sup> Pela ausência da expressão *Nomine proprio* ou *proprio Nomine (nome próprio)*, supõe-se que se trate de um santo “batizado”, como tantos outros.

<sup>355</sup> D. Francisco de Almada e Mendonça foi visconde de Vila Nova de Souto d'El-Rei (título nobiliárquico criado por D. José I por decreto de 17 de maio de 1774). D. Francisco, primo do marquês de Pombal, foi por longos anos ministro de Portugal junto da Santa Sé. Segundo informação disponibilizada no *site* da SIPA sobre o palácio Pereira Forjaz, o mesmo D. Francisco de Almada e Mendonça *terá sido responsável pela encomenda e realização em Roma do retábulo-relicário da capela do palácio* (MrJam, 2012). Segundo fontes fotográficas, sabe-se que existiam dois simulacros de crianças (atualmente desaparecidos) na capela do palácio Forjaz. Sobre estes, veja-se Apêndice III.

<sup>356</sup> Pela observação do simulacro, aquando da visita e registo fotográfico do mesmo, o rosto parece ter sido trabalhado em madeira. Porém, sem uma análise mais direta da peça, não é possível confirmar o material utilizado. Denotam-se,

4. Quer no “Despacho”, quer na “Provizão” foi autorizada a exposição das *Relíquias do Sagrado Corpo* na igreja paroquial de são Bento de Louriçal do Campo, para veneração pública, sugerindo que aquelas foram enviadas diretamente para a igreja paroquial. Mas, segundo consta na estampa devocional descrita anteriormente, sabe-se que a *insigne Reliquia* também esteve no orfanato, o qual viria a adotar o seu nome. Apesar de não existirem mais dados concretos sobre a sua localização, assume-se que o simulacro esteve no orfanato até ao incêndio de 1858 tendo sido, posteriormente, trasladado para a igreja paroquial após a destruição do colégio<sup>357</sup>.

5. Apesar de em ambos os documentos ser referido o vaso de sangue, o mesmo não se encontra junto ao simulacro atual. Aliás, se se comparar o simulacro com a estampa devocional suprarreferida, o exemplar atual já não será o original<sup>358</sup>, tendo sido alvo, no passado, de uma recomposição ou remontagem.

A segunda particularidade deste simulacro é o culto e a festividade que lhe são dirigidos. No quarto domingo do mês de agosto, durante as Festas em honra de são Fiel e de santo António, festas estas participadas por muitos fiéis, peregrinos e curiosos, o simulacro sai em procissão (figs. 75–77) (Domingues, 2011; *Festas e Romarias - Louriçal do Campo*, 2013). Consta ainda que, devido às

---

inclusive, alguns preenchimentos de fissuras e fendas no rosto. Segundo relatos orais, o simulacro foi restaurado há, aproximadamente, uns dez anos atrás.

<sup>357</sup> Sobre o colégio de são Fiel, a informação é por si bastante escassa. Ernesto Candeias Martins escreveu a este respeito: *No período de 1852-1882 há pouca informação documental que ilustre e caracterize a vida desse estabelecimento, assim como, no período compreendido de 1882-1910, já que no período final da Monarquia e na República destruiu-se muita documentação referida à Igreja, reforçando: No período de ‘Colégio de Órfãos’ a documentação desapareceu por completo, havendo algumas informações de fontes secundárias (...) Na fase do ‘Orfanato’ não há nenhum documento ou manuscrito, tendo-nos servido de fontes secundárias e da imprensa da época, para reconstruir este período* (2006, pp. 827–828). Perante estas descrições, pode-se afirmar que a estampa devocional (pertença da BNP) e o “Despacho” da Câmara Eclesiástica são, provavelmente, os únicos documentos sobreviventes com respeito ao simulacro do corpo do santo mártir Fiel.

<sup>358</sup> Afirmação igualmente suportada pela observação da indumentária e pela comparação do simulacro com outros exemplares inventariados (do mesmo período).

temperaturas elevadas que caracterizam o mês de agosto, o andor sai ao final do dia, com o intuito de evitar quaisquer danos na cera<sup>359</sup>.

A intercessão do santo mártir Fiel é também ela reconhecida pelos devotos, não fosse o andor ter sido oferecido por um italiano pela cura milagrosa de sua mulher<sup>360</sup>.



**Figs. 75, 76 e 77** – Procissão de são Fiel durante o festejo anual em Louriçal do Campo (agosto de 2014). Fotos gentilmente cedidas por Carlos Domingues

Como demonstrado ao longo do presente capítulo, os santos mártir Peregrino (1703), Agatemera (1740-45), Vitória, Eleonora, Burcio e Prima (1770), Benedito (1870) e Marciano (século XIX) da

---

<sup>359</sup> Informação obtida por via oral por um dos habitantes de Louriçal de Campo.

<sup>360</sup> Informação obtida da mesma fonte (nota anterior).

diocese de Lisboa; os santos mártires Severino, Eugénio (1742), Clemente (1782/3), Aurélio e Pacífico (1749) e Vicente (1826) da diocese do Porto; os santos mártires Clemente (778-80) e Fortunato (1787) da diocese de Braga; o santo mártir Marcos (1705) da diocese de Vila Real, e o santo mártir Fiel (1851) da diocese da Guarda, são apenas alguns testemunhos do culto das relíquias dos santos mártires em Portugal, entre os séculos XVIII e XIX. Sabe-se, inclusive, segundo fontes consultadas, que alguns *simulacra* foram oferecidos pessoalmente pelo papa ou obtidos diretamente na Cúria Romana – através das autoridades administrativas das catacumbas –, e enviados, a partir da cidade portuária de Génova, para Lisboa. Eram, de seguida, conduzidos para as cidades, vilas ou aldeias portuguesas onde, por vezes, eram recebidos com muita música, festa e romaria intensa. Como também se viu, alguns cultos persistiram até à atualidade, através de festas, procissões e peregrinações, embora com menor intensidade; alguns, inclusive, fundados na crença dos devotos locais e romeiros de estarem na presença das relíquias de um santo “de carne e osso” ou de um santo português.

**PARTE III**

**ESTUDO CIENTÍFICO DE *SIMULACRA* EM PORTUGAL**

## 6. Caracterização técnico-material de simulacros em Portugal

*É esta a razão por que a santa mãe Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objectos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural. A Igreja julgou-se sempre no direito de ser como que o seu árbitro, escolhendo entre as obras dos artistas as que estavam de acordo com a fé, a piedade e as orientações veneráveis da tradição e que melhor pudessem servir ao culto.*

(II Concílio do Vaticano, 1963, art.º 122)

### 6.1. Critérios de seleção

Os simulacros dos santos mártires são bens de cariz religioso de particular interesse técnico, quer pela sua diversidade material, quer pelo recurso a técnicas de produção mistas e complexas. Em Portugal, o seu estudo torna-se ainda mais premente. A escassez ou ausência de trabalhos científicos nacionais contribuiu, muitas vezes, para uma interpretação errónea e, conseqüentemente, à perda irreversível deste património religioso (confronte-se, *infra*, capítulo 7 (parte IV)).

Embora o número de simulacros em igrejas e oratórios em Portugal seja extenso, como observado na parte II da presente tese, a seleção dos casos de estudo para análise foi particularmente difícil. Em primeiro lugar, devido à inacessibilidade dos exemplares; em segundo, pela ausência de resposta por parte das entidades detentoras destas peças. Por conseguinte, os critérios de seleção para um estudo analítico em pormenor basearam-se: (1) na acessibilidade e (2) na originalidade dos exemplares. A primeira, como se poderá depreender, dependeu não só das autorizações por parte das instituições às quais foi solicitado o acesso às peças, mas também do acesso propriamente dito aos simulacros, atendendo ao facto de que muitas das urnas-relicário foram milimetricamente encaixadas nos retábulos, tornando o acesso ao tardo deveras difícil e um risco para a sua segurança e conservação. A segunda, que diz respeito à originalidade ou autenticidade dos exemplares, foi

igualmente fundamental para a seleção, considerando que interessava estabelecer comparações entre os diferentes exemplares, percebendo diferenças e semelhanças entre si. Para tal, foi ainda importante eleger exemplares de diferentes períodos cronológicos<sup>361</sup>.

Assim, para a realização do presente estudo, foram selecionados sete simulacros<sup>362</sup>, pertencentes a diferentes instituições culturais e religiosas, em contexto nacional. A saber:

- Santo mártir Marciano – Igreja paroquial de são Sebastião em Sobral da Lagoa (Óbidos);
- Santos mártires Eleonora, Vitória e Burcio – Palácio do marquês de Pombal (Oeiras);
- Santos mártires Vicente e Frutuoso – Seminário maior de Coimbra (Coimbra);
- Santo mártir Fortunato – Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (Guimarães)<sup>363</sup>.

Muito embora estejam todos expostos em espaços sagrados, o simulacro de são Fortunato é o único que ainda é objeto de devoção.

Tendo em vista os objetivos propostos inicialmente, em particular a caracterização dos materiais e a compreensão das tecnologias empregues na produção dos simulacros, procedeu-se ao estudo

---

<sup>361</sup> A ausência de resposta por parte de algumas entidades, bem como a impossibilidade de aceder a outros exemplares limitou consideravelmente a seleção dos casos de estudo. Não obstante, crê-se ter obtido um grupo de estudo variado.

<sup>362</sup> Os primeiros seis exemplares foram submetidos, em 2019, ao concurso PT-MOLAB - E-RIHS (Laboratório HERCULES - <http://www.e-rihs.pt/Molab.html>), tendo sido solicitado o acesso aos serviços de fotografia e radiografia digitais. Após aprovação do projeto (julho de 2019), durante as campanhas de trabalho (fevereiro e março de 2020) procedeu-se, igualmente, à amostragem e observação microscópica com microscópios digitais portáteis Dino-Lite (equipa técnica: Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Ferreira, Mestre Margarida Nunes e Dr. Luís Piorro (LJF|DGPC)). O estudo analítico do simulacro de são Fortunato (Guimarães) decorreu no ano seguinte às campanhas de trabalho da unidade móvel PT-MOLAB. Durante o período pandémico e por motivo de obras na igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos foi solicitada pela Mesa da Real Irmandade a intervenção de conservação e restauro do simulacro e respetiva urna (veja-se, *infra*, subcapítulo 7.4.7. (parte IV)). Durante a intervenção foi permitido o registo fotográfico, a amostragem e o estudo analítico para fins de investigação. Renova-se o agradecimento à Mesa da RINSCSP, em particular ao presidente Sr. António Monteiro de Castro e ao secretário Dr. José Couceiro da Costa, por criarem as condições favoráveis para o estudo do simulacro e permitirem a sua divulgação. O estudo analítico de todos os exemplares selecionados decorreu entre os anos de 2019 e 2021.

<sup>363</sup> Apesar de não ter sido viável um estudo mais aprofundado do simulacro de santo Aurélio (objeto de estudo na investigação de mestrado), foi também considerado o estudo anteriormente realizado, tendo sido possível estabelecer algumas comparações a nível de posição, composição, materiais e técnicas de execução com os exemplares analisados em contexto de doutoramento, as quais serão referidas ao longo do presente capítulo.

científico dos casos de estudo selecionados mediante técnicas de exame de área e pontuais. Os respetivos equipamentos, fundamentos e aplicações serão sumariamente descritos *infra*. De seguida, serão apresentados os resultados individuais dos diferentes exemplares analisados.

## 6.2. Metodologia de análise

Perante a complexidade técnica e material destes objetos compósitos, a metodologia de análise visou dois objetivos principais de estudo: (1) a caracterização multicamada, com foco nas técnicas de produção e montagem das relíquias e dos simulacros (estruturas internas e externas); (2) a identificação e a caracterização química e morfológica dos materiais existentes: têxteis, metais, papel/cartão, gessos, ceras, adesivos, entre outros. Alguns padrões e processos de degradação foram também identificados e analisados.

Numa primeira etapa, foram realizados exames globais ou de área, não invasivos, como a observação à vista desarmada e à lupa simples, a observação ao microscópio e boroscópio portáteis, a fotografia digital com luz visível e a radiografia com radiação X. Estas técnicas de registo e de diagnóstico permitiram obter uma primeira leitura das características físicas das peças sem qualquer interferência na sua estrutura. Numa segunda etapa, foram realizadas análises pontuais, após recolha de micro amostras, com vista à caracterização morfológica e química dos materiais. Para o estudo dos têxteis (fibras e corantes) e dos elementos metálicos (lâminas, fios laminados, fios de fieira, alfinetes, etc.) procedeu-se à recolha de amostras representativas das vestes e dos passamanes<sup>364</sup>. O objetivo passou por identificar e comparar a morfologia e natureza das fibras, identificar os corantes e caracterizar os fios metálicos (as ligas metálicas e a fibra têxtil do interior do fio laminado ou alma). Para além destes elementos, foram recolhidas amostras de papel/cartão, gessos e ceras dos atributos, das estruturas de suporte e dos rostos dos simulacros. Decorações como contas, folhas

---

<sup>364</sup> Entenda-se por “passamanes” todas as guarnições têxteis, como cordões, franjas, galões, borlas, etc., as quais podem ser tecidas em teares (manuais ou mecânicos) ou produzidas pelo entrelaçamento de fios de seda, fios dourados e prateados (T. Alarcão & Carvalho, 1993; M. P. da Costa, 2004). O processo de entrelaçamento é considerado precursor da renda de bilros (Calado, 2003). Assim, todos os galões de renda identificados nos exemplares analisados foram produzidos segundo essa técnica.

metálicas policromas, lantejoulas, etc., foram também recolhidas e analisadas. A amostragem foi realizada, maioritariamente, em zonas de lacuna ou de áreas ocultas.

Para o efeito, foram utilizadas várias técnicas de análise, nomeadamente: a microscopia estereoscópica, a microscopia de campo escuro e de campo claro, e a microscopia digital; a espectroscopia de infravermelho por transformada de Fourier no modo de reflexão total atenuada (ATR-FT-IR); a cromatografia líquida acoplada a um detetor por arranjo de díodos e à espectrometria de massas (LC-DAD-MS); a cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massas, com pirólise (Py-GC-MS) e a microscopia eletrónica de varrimento com espectrometria de raios-X dispersiva de energia (SEM-EDS)<sup>365</sup>. As análises decorreram em quatro centros laboratoriais<sup>366</sup>, nomeadamente: no Laboratório HERCULES da Universidade de Évora; no laboratório do Centro de Biotecnologia e Química Fina (CBQF) e no laboratório de química da Escola das Artes, ambos na Universidade Católica Portuguesa (Porto), e no laboratório da empresa Scansci<sup>367</sup> (Vila Nova de Gaia).

### 6.2.1. Inspeção visual e análise microscópica

A inspeção visual direta das peças permitiu obter um primeiro registo da natureza e estado de conservação dos materiais, bem como uma leitura preliminar das técnicas de produção e de montagem, em particular nos exemplares em que foi possível aceder ao reverso (parte posterior).

A leitura *in situ* foi realizada com um microscópio portátil para telemóvel, Universal Clip Type LED Cellphone Microscope NO.BU-60M, com ampliações entre 40x e 60x, e com dois microscópios digitais portáteis Dino-Lite, modelos AM413MT-FVW e AD3713TB, com resolução de 1,3 Mpx. O primeiro, Dino-Lite Pro, permitiu obter registos visuais com uma gama de ampliações entre 50x

---

<sup>365</sup> Ao longo do texto serão utilizadas as respetivas siglas.

<sup>366</sup> O recurso a diferentes espaços laboratoriais deveu-se às limitações de acesso e restrições de viagem impostas em contexto pandémico.

<sup>367</sup> Renova-se o agradecimento ao professor doutor Nuno Camarneiro da Escola das Artes (UCP), por se ter disponibilizado a analisar algumas amostras de gesso e cera, por SEM-EDS, na empresa Scansci.

e 200x, e a aquisição de imagens com luzes LED comutáveis, luz branca (Vis) e radiação UV. O segundo, Dino-Lite Premier permitiu a aquisição de imagens com ampliações mais elevadas, entre 380x e 490x. As leituras foram realizadas sob luz visível, a diferentes ampliações. Os equipamentos permitiram observar, em detalhe, aspetos morfológicos associados à técnica de tecelagem (entrelaçamento entre os fios de trama e os fios de teia) e à técnica de produção dos fios metálicos (tipo, cor, torção do fio, etc.), e avaliar o estado de conservação dos materiais. Em laboratório foi também utilizado o microscópio digital portátil Dino-Lite, modelo Dino-Eye Edge Eye-Piece Camera (série AM7025X), com resolução de 5 Mpx.

A inspeção visual *in situ* do simulacro de são Fortunato foi realizada com uma lupa de aumento, um microscópio portátil para telemóvel (Universal Clip Type LED Cellphone Microscope) e uma câmara de inspeção visual portátil (ou boroscópio) 1080P com cabo USB semirrígido para computador e Android (5 m), câmara de inspeção (Ø8 mm), seis luzes LED ajustáveis e registo de vídeo (AVI) e fotografia (JPEG)<sup>368</sup>. Aproveitando as aberturas existentes nos tecidos e quase sem contacto, a inspeção – embora limitada –, favoreceu a leitura interna da estrutura de suporte (arames<sup>369</sup>, estacas, cartão, estopa, algodão, etc.), das peças ósseas e da indumentária.

Em laboratório, os primeiros passos foram o exame visual e a obtenção de imagem das micro amostras com um microscópio estereoscópico Leica M205C, com iluminação externa por fibras óticas e ampliações entre 7,8x e 160x. As fotografias foram obtidas com uma câmara digital Leica DFC295. Para a caracterização morfológica das fibras têxteis recorreu-se a dois microscópios óticos, modelos: Leica DM2500M, com luz refletida em modo de iluminação em campo escuro e Olympus BX41, com luz transmitida em modo de iluminação em campo claro, ambos com

---

<sup>368</sup> Após a intervenção de conservação e restauro do simulacro de são Fortunato, a sua reposição no local de exposição original inviabilizaria qualquer possibilidade de estudo do mesmo. Perante esta situação, e na impossibilidade de recorrer ao registo radiográfico da peça (ao contrário dos simulacros incluídos no projeto PT-MOLAB - E-RHIS), a solução passou pela compra de uma câmara de inspeção portátil (boroscópio). O recurso a este equipamento adveio da leitura da tese de Anna Caroline Pfeiffer (2005). A autora recorreu ao mesmo tipo de equipamento para obter uma leitura interna dos *heilige leiber* localizados em mosteiros e museus na Alta Suábia.

<sup>369</sup> Entenda-se aqui arame como um fio de metal flexível. Este termo será frequentemente utilizado ao longo do presente capítulo como sinónimo de fio fino ou grosso, em ferro.

observações a 100x e 200x de ampliação. A documentação fotográfica foi obtida com uma câmara digital Leica MC 170HD e uma câmara digital Jenoptik ProgRes® C5 CCD 5.0, respetivamente. As fibras têxteis foram analisadas no sentido longitudinal (sem preparação)<sup>370</sup> e no sentido transversal (com preparação)<sup>371</sup>.

Os fios metálicos, as ceras e os gessos foram igualmente preparados. Os fios metálicos selecionados foram embebidos em resina epóxi transparente ClaroCit da Struers® no interior de tubos Eppendorf® de 0,5 mL<sup>372</sup> e analisados ao microscópio Leica DM2500M. As amostras das ceras e dos gessos foram previamente embebidas em resina transparente da marca Technovit® 4004<sup>373</sup>, segundo processo tradicional em cuvetes, para observação e identificação das camadas estratigráficas. A observação decorreu com o microscópio Olympus BX41.

---

<sup>370</sup> Para a observação longitudinal, os filamentos foram separados, alisados e colocados sobre um porta-objetos de vidro com uma gota de água.

<sup>371</sup> Para a observação transversal das fibras têxteis, os filamentos foram montados manualmente em pequenas rolas de cortiça com recurso a agulha, cola de secagem rápida, fio de costura e lâminas descartáveis para navalha (borda dupla). Após a montagem, as rolas foram cortadas em secções finas e perpendiculares ao sentido longitudinal dos filamentos, e colocadas sobre um porta-objetos de vidro (J. Palmeirão, 2015).

<sup>372</sup> A preparação dos fios metálicos para análise seguiu um processo mais rápido e simples do que a preparação tradicional de amostras em cuvetes. O fundo dos tubos Eppendorf® foi perfurado com estilete, por onde se fez passar e se fixou a amostra, antes da sua inclusão em resina. Após a cura (polimerização), o excesso do tubo foi cortado mecanicamente e o fundo ligeiramente polido com discos abrasivos de diferentes granulometrias, a fim de se obter uma superfície lisa e uniforme da amostra para observação transversal. Todo o processo de preparação foi orientado pela Dra. Ana Margarida Cardoso do Laboratório HERCULES a quem, desde já, se agradece a disponibilidade e colaboração.

<sup>373</sup> Um especial agradecimento à doutoranda e colega Alexandra Marco e à Mestre Carlota Carvalho pelo apoio em laboratório.

## 6.2.2. Fotografia e radiografia digitais<sup>374</sup>

O registo fotográfico das peças foi realizado com uma câmara Mamiya RZ67 Pro II com lente Mamiya-Sekor 65 mm f:4, sensor Sinar 44 e iluminação de tungsténio 2 x 1000 W. Fotografias gerais e detalhadas foram ainda obtidas com uma máquina fotográfica digital Nikon D3000, com luz visível em modo de reflexão e em modo de transmissão<sup>375</sup>.

Para o exame radiográfico digital *in situ* foi utilizada uma ampola geradora de raios-X portátil, modelo Yxlon Andrex Smart 160e e um sistema de digitalização Scanna CR35. A fonte de raios-X foi colocada a uma distância de 310 cm das placas flexíveis de raios-X<sup>376</sup>, as quais foram afixadas nas urnas-relicário ou altares, atrás dos simulacros<sup>377</sup>. Além de uma tomada integral dos corpos, realizaram-se exposições parciais da cabeça, pélvis e pés. As exposições foram obtidas com tensão de pico de 30 kV e 40 kV, e intensidade de corrente de 5 mA, durante 5 e 10 minutos, respetivamente.

O forte poder de penetração da radiação X favoreceu a leitura da estrutura interna das peças – sem recurso a metodologias invasivas e destrutivas –, mediante o registo das diferentes densidades dos materiais<sup>378</sup> na película radiográfica ou, no caso do digital, no computador.

---

<sup>374</sup> Como supramencionado, a obtenção dos registos fotográficos e radiográficos digitais de seis dos sete exemplares analisados foi possibilitada pela submissão e aprovação do projeto, em 2019, ao concurso PT-MOLAB - E-RIHS. Ambas as técnicas de registo e diagnóstico foram executadas pelo Dr. Luís Piorro do Laboratório José de Figueiredo (LJF|DGPC), a quem se renova o agradecimento pela participação ativa nas campanhas de trabalho e pelo trabalho de edição das imagens.

<sup>375</sup> Registo realizado pela autora.

<sup>376</sup> Devido ao tamanho limitado das placas (35 cm x 43 cm), foi necessário utilizar quatro a cinco placas por peça.

<sup>377</sup> Na impossibilidade de retirar os simulacros, as faces frontais envidraçadas foram retiradas para evitar interferências durante a radiografia. As vestes e os elementos externos dos simulacros não foram removidos, nem a sua posição alterada durante o exame. Todo o processo radiográfico decorreu no local de exposição original (igrejas e capelas), com as devidas precauções para garantir a segurança de todos os envolvidos.

<sup>378</sup> Este registo, na forma de gradações de claro-escuro, resulta da maior ou menor capacidade de penetração do feixe de raios-X na matéria e das propriedades de absorção dos diferentes materiais. Assim, quanto maior o número atómico dos elementos químicos que compõem um material, maior é a sua capacidade de absorver radiação (impedindo que esta atravesse o material), logo, maior o seu grau de opacidade, ou seja, maior a intensidade das áreas brancas na película radiográfica, e vice-versa. O mesmo se aplica à espessura e densidade dos materiais, e ao comprimento de onda da

### 6.2.3. ATR-FT-IR<sup>379</sup>

Para a caracterização molecular de compostos orgânicos e inorgânicos presentes nas amostras recolhidas dos rostos (cera, gesso e cabelo) e dos elementos decorativos (contas, flores, adesivos, etc.), recorreu-se à espectroscopia de infravermelho por transformada de Fourier no modo de reflexão total atenuada (ATR-FT-IR).

Os valores de energia em que ocorre a absorção da radiação na região do infravermelho são característicos das moléculas ou tipos de moléculas presentes nas amostras, sendo possível identificar grupos funcionais correspondentes a determinadas vibrações ao infravermelho e detetar compostos orgânicos de estrutura molecular variada como proteínas, ceras, gomas (polissacáridos), óleos, resinas e corantes presentes em aglutinantes, adesivos, consolidantes, vernizes, entre outros, e alguns compostos inorgânicos, como carbonatos, sulfatos, cromatos, silicatos, hidróxidos e nitratos encontrados em pigmentos, cargas, sais, produtos de corrosão, etc. (A. J. Cruz, 2000; Galeotti, Joseph, Mazzeo, & Prati, 2009; Gómez González, 2008; Stuart, 2007). As análises foram realizadas num espectrómetro portátil Brüker Alpha equipado com um detetor de sulfato de triglicina deuterado (DTGS) e um cristal de diamante como módulo de reflexão interno (ATR). Os espectros foram adquiridos na região espectral de 4000 a 375  $\text{cm}^{-1}$ , num total de 128 varrimentos com 4  $\text{cm}^{-1}$  de resolução. A análise dos espetros foi realizada no software OPUS 6.5 e a interpretação dos resultados foi obtida por comparação das bandas de absorção características de cada espetro com literatura especializada.

---

radiação, o qual depende da tensão do tubo e da distância entre o objeto e a fonte de radiação (Antelo, Bueso, Gabaldón, & Vega, 2008; Gómez González, 2008; Stuart, 2007).

<sup>379</sup> Os espectros foram obtidos pela Mestre Margarida Nunes (Laboratório HERCULES), a quem se agradece a disponibilidade e colaboração durante todo o processo analítico, e o constante apoio na interpretação dos espetros FT-IR.

#### 6.2.4. LC-DAD-MS<sup>380</sup>

A análise química dos corantes usados para tingir as fibras têxteis (tecidos, fios de fixação e almas dos fios laminados) e celulósicas (coroa e ramo de flores) foi obtida por cromatografia líquida acoplada a um detetor por arranjo de díodos e à espectrometria de massas (LC-DAD-MS).

Numa primeira fase, procedeu-se à extração dos cromóforos dos corantes presentes nas amostras. O processo consistiu na extração de aproximadamente 2 mg de fibra com 1 mL de 0,1% de ácido etilenodiaminotetraacético (EDTA) em dimetilformamida (DFM) (v/v) a 100° C, durante 30 min. Após a secagem das amostras por evaporação, seguiu-se a sua reconstituição em 250 µL de metanol:água (1:1, v/v) e filtragem com um filtro para seringa PTFE com 0,45 µm (tamanho do poro). Os extratos dos fios azuis e verdes foram reconstituídos em 250 µL de metanol:dimetilformamida (1:1, v/v) e filtrados com filtro PTFE. As amostras foram de seguida analisadas num espectrómetro de massas (MS) LCQ Fleet Thermo Finnigan equipado com uma fonte de ionização *electrospray* (ESI), um analisador de massas de armadilha de iões (*ion trap*) e um detetor de arranjo de díodos (DAD). As condições de análise do MS foram as seguintes: temperatura do capilar a 300 °C; voltagem da fonte a 5,0 kV; corrente da fonte a 100,0 µA, e voltagem do capilar a -3,0 V em modo ião negativo (NI) e 46,0 V em modo ião positivo (PI). Os analitos foram detetados no modo completo MS (m/z 100-800), com fragmentação na fonte de iões. No modo NI foram usados dois segmentos: 10 V CID dos 0-12 min e 30V CID dos 12-30 min. No modo PI foi usado o segmento 30 V CID dos 0-30 min. A temperatura da coluna e da bandeja foi programada nos 30 °C e 24 °C, respetivamente. O detetor DAD operou na faixa dos 190-800 nm. Os detetores de MS e DAD foram acoplados a um cromatógrafo líquido (LC) equipado com um amostrador automático Surveyor Thermo Finnigan. Foi utilizada uma coluna analítica de fase reversa Agilent Zorbax Eclipse XDB-C18 (C18, tamanho da partícula 3,5 µm, 150 mm x 2,1 mm). A fase móvel consistiu em acetonitrilo (A) e água acidificada com 0,1% de ácido fórmico (B). O gradiente usado foi 0-63% A dos 0-14 min, depois 63%-90% A dos 14-25 min e

---

<sup>380</sup> Todo o procedimento descrito, desde a extração dos cromóforos até à identificação das fontes de corantes, foi realizado pela doutora Ana Manhita do Laboratório HERCULES, a quem se agradece a disponibilidade e colaboração.

90% A dos 25-30 min. O fluxo de fase móvel foi de 0,2 mL/min e o volume de injeção foi ajustado para os 20 µL.

O controle e análise dos resultados decorreu através do software Xcallibur (Thermo Finnigan-Surveyor).

#### 6.2.5. Py-GC-MS<sup>381</sup>

As ceras naturais foram analisadas por cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massas, com pirólise (Py-GC-MS). Foi utilizado um sistema composto por um pirolisador (Py) de disparo duplo Frontier Lab PY-3030D acoplado a um cromatógrafo gasoso (GC) Shimadzu, modelo GC2010 e a um espectrómetro de massas (MS) Shimadzu, modelo GCMS-QP2010 Plus. A temperatura da interface foi mantida a 280 °C. Para a separação dos analitos foi utilizada uma coluna capilar Phenomenex Zebron<sup>TM</sup> ZB-5HT (30 m x 0,25 mm x 0,25 µm), com hélio como gás de arraste, ajustada para uma taxa de fluxo de 1,5 mL/min. O injetor operou no modo split (razão 15:1), à temperatura de 250 °C. O programa de temperatura do GC foi de 35 °C durante 1 min, seguido por séries de rampas de temperatura: até aos 110 °C a 60 °C/min, até aos 240 °C a 14 °C/min, até aos 280 °C a 6 °C/min, até aos 320 °C a 30 °C/min e um período isotérmico de 6 min. As temperaturas da fonte e da interface foram mantidas a 240 °C e 280 °C, respetivamente. O MS foi programado para adquirir dados entre os 40 e o 1090 m/z. Cada amostra (~300 µg) foi previamente derivatizada com 3 µL de hidróxido de tetrametilamonio (25% em metanol, v/v) numa cápsula *Eco-cup* de 50 µL e colocada no pirolisador de disparo duplo usando um *Eco-stick*. A cápsula foi, de seguida, colocada na interface da pirólise e pirolisada a 500 °C.

A identificação dos compostos e dos materiais foi obtida através da base de dados NIST-Wiley do software AMDIS.

---

<sup>381</sup> Todo o procedimento descrito, desde a separação dos analitos até à identificação das ceras, foi realizado pela doutora Ana Manhita do Laboratório HERCULES, a quem se renova o agradecimento.

### 6.2.6. SEM-EDS<sup>382</sup>

Na microscopia eletrônica de varrimento associada à microanálise por raios-X faz-se incidir na amostra um feixe de elétrons acelerados, finamente focado (por lentes eletromagnéticas), que permite obter uma resolução e profundidade de campo muito superiores aos obtidos em microscopia ótica. A interação do feixe com a amostra gera sinais – emissão de elétrons e radiação eletromagnética (radiação X) –, que podem ser analisados por detetores apropriados, permitindo assim observar e caracterizar morfológica e quimicamente as amostras em estudo, através da obtenção de imagens topográficas tridimensionais e de mapas de distribuição elementar ou análise pontual elementar (Barber, Hijas Díez, & Gomez-Morón, 2008; Ferrazza & Gertrudis Jaén, 2010; Stuart, 2007).

Para a caracterização morfológica e química dos elementos metálicos recolhidos da indumentária (lâminas, fios laminados, fios de fieira e alfinetes)<sup>383</sup>, recorreu-se a um microscópio eletrônico de varrimento (SEM) HITACHI S-3700N no modo de pressão variável, acoplado a um espectrómetro de raios-X dispersivo de energias (EDS) Brüker XFlash 5010, em modo de elétrons secundários (ES) e elétrons retrodifundidos (BSE). A resolução do detetor de EDS é de 123 eV para a energia da linha K $\alpha$  do manganês (Mn). As análises foram realizadas sob pressão de 40 Pa, com uma voltagem de 20 kV, quer para as análises químicas (mapas de EDS), quer para as imagens topográficas no modo BSE.

Para a observação longitudinal dos fios laminados, as lâminas foram desenroladas das almas com a ajuda de uma agulha fina ou estilete, por forma a permitir a observação topográfica e a análise química de ambas as superfícies (interna e externa). A observação transversal foi obtida diretamente

---

<sup>382</sup> A análise por SEM-EDS dos elementos metálicos foi realizada pela Mestre Margarida Nunes (Laboratório HERCULES), a quem se renova o agradecimento pela participação ativa no estudo analítico.

<sup>383</sup> Os elementos metálicos identificados nas vestes (tecidos e passamanes) distinguem-se, de um modo geral, em: lâminas sólidas, fios laminados, fios de fieira e alfinetes. As lâminas podem ser usadas diretamente ou enroladas em torno de uma alma ou núcleo fibroso formando um fio laminado. O núcleo pode ser branco (para fios prateados) ou amarelo (para fios dourados). Em determinadas situações, como se verá adiante, foram também encontradas almas de cor laranja nos fios dourados. Os metais identificados foram o ouro, a prata, o cobre e o zinco, puros ou na forma de ligas metálicas.

das amostras embutidas em resina em tubos Eppendorf®, segundo procedimento descrito acima. Para ambos os sentidos foram realizadas análises pontuais e de área.

### 6.3. Resultados e discussão

#### 6.3.1. Santo mártir Marciano (Sobral da Lagoa)



**Fig. 78** – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Marciano, igreja paroquial de são Sebastião, Sobral da Lagoa, Óbidos (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF | DGPC)

#### Descrição da peça

O simulacro do corpo do santo mártir Marciano está localizado no interior de uma urna-relicário, de grandes dimensões, em madeira policromada e dourada, trabalhada em estilo rococó, com a face frontal e as duas faces laterais envidraçadas. O simulacro mede 163 cm de comprimento por 50 cm de largura. Os membros superiores (cabeça, pescoço e mãos) resultam do trabalho de ceroplastia (cera). À exceção de uma fratura existente no pescoço<sup>384</sup>, não existem aberturas no simulacro que permitam observar as relíquias no interior.

O simulacro apresenta-se em posição jacente com inclinação lateral sobre o seu lado direito. A cabeça, em direção ao observador, assenta sobre duas almofadas. O tronco apresenta uma ligeira rotação para o lado direito. Os braços acompanham o tronco e os cotovelos estão fletidos. O direito

---

<sup>384</sup> Sobre a fratura reveja-se nota n.º 233.

apoia sobre a padiola e a mão, esticada e assente sobre a anca, segura uma luva. O braço esquerdo está oculto pelo manto sendo apenas visível a mão, em posição fechada, segurando um ramo de flores em papel policromo. As pernas, posicionadas uma sobre a outra, apresentam os joelhos fletidos com inclinação lateral em direção ao observador.

O rosto, em vulto-pleno e de tom amarelo-acastanhado claro, ligeiramente arredondado, possui uma aparência jovem e imberbe, com nariz proeminente, lábios semiabertos e olhos fechados (fig. 79). O rosto apresenta anotações de cor, nomeadamente nos lábios, olhos (pestanas) e sobrancelhas. Os lábios, de tonalidade rosa-claro (embora escurecidos devido à acumulação de sujidade), deixam entrever o que sugerem ser os dentes do crânio. Os apontamentos de cor nas pestanas e nas sobrancelhas são de tonalidade castanha avermelhada; nestas observam-se, ainda, pequenos tufo de pelo aderidos à tinta. O cabelo, aparentemente natural, de tom castanho-escuro, consiste numa peruca, sobre a qual assenta uma coroa de flores variadas, em papel e fios policromos. O pescoço é largo e encontra-se fraturado, deixando entrever o enchimento fibroso no interior.



**Figs. 79 e 80** – Fotografias de pormenor do rosto e da coroa de flores do simulacro do santo mártir Marciano. © Joana Palmeirão

A indumentária diferencia-se da dos simulacros vestidos à romana, que retratam soldados ou legionários romanos (traje militar romano). De facto, após a observação atenta das vestes, o simulacro parece envergar uma combinação (mistura de estilos e cronologias) de elementos do vestuário de cariz militar com peças do traje civil masculino. Assim, de dentro para fora, o simulacro veste camisa branca, a qual é identificada pelo colarinho junto ao pescoço, decorado com dois

botões em madrepérola (?) (um em cada lado). Segue-se um gibão<sup>385</sup> de pontas retas (cintura), em tecido de veludo bordeaux enfeitado com galões tecidos<sup>386</sup> dourados (1,5 cm de largura) com decoração geométrica estilizada e entrelaçados entre si formando dois laços, um em cada lado da cintura. Ao centro, desde o pescoço até à extremidade inferior do gibão e ao longo da cintura observam-se dois galões tecidos largos (3,5 cm de largura máxima) (figs. 81 e 82). A extremidade inferior do gibão, ao nível da bacia, é decorada por um largo galão de renda dourada (9,5 cm de largura), com motivos serpenteantes e decoração geométrica estilizada. Por baixo desta renda estende-se, até meio da coxa, um tecido de cetim de tom rosa-claro (visivelmente descolorado), rematado por um largo galão de renda dourada (6,5 cm de largura máxima), com decoração geométrica estilizada (fig. 83). Uma vez que se distingue do tecido e da cor da camisa anteriormente identificada, crê-se tratar de uma outra veste interior, à qual não foi possível atribuir um nome. Sobre o colarinho da camisa e nos punhos observam-se golas de renda de tule<sup>387</sup> bordada com motivos florais brancos. Sobre o gibão observa-se uma espécie de casaco de manga curta e aberto na frente, de cetim azul-celeste, que se prolonga até ao nível da bacia. Todas as bordas desta peça de vestuário são rematadas por um galão largo de renda dourada (7,8 cm de largura), com elementos serpenteantes e decoração geométrica e vegetalista estilizada, dividida ao centro por um galão tecido estreito e dourado (0,6 cm de largura) (fig. 84). O simulacro veste calções compridos ou corsários

---

<sup>385</sup> Gibão ou jubão - *Vestidura antiga, que cobria os homens desde o pescoço à cintura; colete; espécie de casaco curto que se veste sobre a camisa (...)* (C. de Figueiredo, 1996a, p. 1268). Sendo uma peça predominantemente masculina, o gibão foi inicialmente usado no vestuário militar como elemento interior, forrado e acolchoado, usado sob a cota ou armadura, tendo sido trazido, mais tarde, para o traje civil e utilizado por todas as classes sociais. Usado desde a Idade Média até ao século XVII, o gibão sofreu várias modificações ao nível das golas, mangas e cintura (Oliveira, 1998).

<sup>386</sup> Galão (passamane) - *Pequena faixa de tecido decorado, aplicada em cantos, costuras, remates, etc., de diversos materiais, cores e larguras* (M. P. da Costa, 2020, p. 70); *tira entrançada de prata, ouro, linbo, etc. para debruar ou enfeitar* (C. de Figueiredo, 1996a, p. 1234). Os galões podem ser bordados, franjados, tecidos ou de renda (M. P. da Costa, 2020; M. N. C. Guedes & Taxinha, 1990). Na presente investigação será frequente o recurso aos termos “galão tecido” e “galão de renda”, uma vez que estão presentes ambas as variantes. Entenda-se aqui como “galão de renda”: as faixas, por norma mais largas que as dos “galões tecidos”, resultantes da técnica de bilros e executadas com lâminas e fios laminados metálicos, dourados e prateados, formando motivos geométricos, serpenteantes e vegetalistas estilizados. Sobre as rendas de bilros veja-se, a título de exemplo, Calado (2003) e Medeiros (1994). Sempre que possível, serão referidas as respetivas larguras, em centímetros (cm), dos galões.

<sup>387</sup> A renda de tule distingue-se pelo ponto de fundo hexagonal (Calado, 2003).

(até abaixo do joelho) justos, em lhama<sup>388</sup> prateada sobre fundo de tecido de tom branco-pérola, sem decoração. Seguem-se botas fechadas e de cano alto de tecido (cetim?) do mesmo tom dos calções, com uma sola e um pequeno tacão em couro (22,5 cm de comprimento) (fig. 85). As botas são decoradas desde a borda superior até à ponta dos pés com galões tecidos dourados, de diferentes feitios e tamanhos, dispostos geometricamente e cruzados entre si. Dois galões de renda dourada entrelaçados em forma de laço decoram o cano das botas (remate superior). Por fim, um manto estende-se dos ombros até aos pés (fig. 78). Trata-se de um tafetá de tom creme lavrado com decoração espolinada a fio policromo (branco, bege, amarelo, salmão, laranja, rosa, ocre, verde-claro, verde-escuro, azul-claro, azul-escuro, castanho), formando ramos florais intercalados por grinaldas dispostas em banda sinuosa contínua entre canelados e linhas que acentuam a verticalidade. As extremidades são rematadas pelo mesmo galão dourado identificado no casaco (0,6 cm de largura), seguido de dois galões de renda dourada localizados na parte superior e inferior do manto (5,5 cm e 7 cm de largura maior, respetivamente), com motivos serpenteantes e decoração geométrica e vegetalista estilizada. Na parte posterior, o manto eleva-se sobre o corpo (na zona do tronco e pernas), à semelhança do que já tinha sido observado na *imagem-relicário* de santo Aurélio (J. Palmeirão, 2015). De igual modo, o manto não envolve o corpo na sua totalidade, mas sugere essa tridimensionalidade. Por fim, uma luva de renda metálica<sup>389</sup> prateada e rematada com franja larga dourada (6,2 cm de largura), repousa na mão direita do simulacro (fig. 86). Este elemento atribui um cariz militar à indumentária, tendo sido igualmente identificado no simulacro de santo Aurélio (J. Palmeirão, 2015) e no de são Burcio (veja-se *infra*). Observa-se, ainda, por todas as vestes, uma quantidade elevada de alfinetes metálicos e fios têxteis brancos e amarelos, como elementos de fixação dos têxteis e passamanes.

---

<sup>388</sup> Lhama – *Tecido ou ligamento composto de tramas de ouro ou prata. // Termo genérico, que designa a existência de fios metálicos num tecido ou malha. // Tecido de seda entretecido de fios de ouro ou de prata* (M. P. da Costa, 2020, p. 84).

<sup>389</sup> As rendas metálicas identificadas nos vários simulacros analisados – com decoração simples, semelhante à malha metálica militar (cota de malha), ou com motivos vegetalistas e estilizados –, são também resultado da técnica de bilros e executadas com lâminas e fios laminados metálicos, dourados e/ou prateados.



**Figs. 81, 82, 83, 84, 85 e 86** – Fotografias de pormenor das vestes do simulacro do santo mártir Marciano. © Joana Palmeirão

O simulacro assenta sobre um suporte de madeira ou padiola (164 cm x 46 cm) revestido com um tecido liso de tom amarelado. A cabeça repousa sobre duas almofadas com decorações muito distintas: a de baixo, apoiada diretamente sobre a padiola, é revestida a damasco<sup>390</sup> carmesim com padrões vegetalistas; a de cima, onde assenta a cabeça do santo, é revestida com um tecido de cetim de seda de tom branco-pérola, decorado com o mesmo galão de renda dourada identificado no remate inferior do gibão (9,5 cm de largura). Os lados frontal e posterior da almofada são ainda decorados com uma lhama dourada. A largura desta (18,5 cm), sugere ter sido aplicada para ocultar a almofada inferior.

---

<sup>390</sup> Damasco – *Tecido de seda com desenhos acetinados em fundo não brilhante. // Tipo de tecido, que pela sua composição de efeito de fundo e efeito de desenho, constituído pela face teia e pela face trama de um mesmo ponto, tem a particularidade de ser reversível, apresentando numa das faces o fundo opaco e os motivos brilhantes e na outra face, o fundo brilhante e os motivos opacos* (M. P. da Costa, 2020, p. 50).

## Exame visual

A observação macroscópica do simulacro do corpo do santo mártir Marciano permitiu identificar algumas particularidades do processo de montagem, mais tarde complementadas com as imagens radiográficas. No reverso, foram identificadas estruturas metálicas de sustentação dos membros (superiores e inferiores) e do manto (fig. 87). Este, por sua vez, suscitou algumas dúvidas. Na maioria dos exemplares dispostos na primeira posição (sobre esta, reveja-se subcapítulo 4.3, parte I), o manto eleva-se da padiola acompanhando a posição lateral (e respetiva altura) do corpo, ao mesmo tempo que oculta a parte posterior e inacabada dos simulacros (como igualmente observado no simulacro do santo mártir Aurélio (J. Palmeirão, 2015; J. Palmeirão et al., 2019)). Porém, no simulacro aqui analisado, considerando a sua posição jacente, o manto eleva-se muito acima do corpo (fig. 78). Além disso, nos exemplares em ceroplástica e inventariados em Portugal – cuja documentação permite comprovar a sua produção romana (santo mártir Benedito em Torres Vedras e santo mártir Vicente em Penafiel) –, as pernas e os pés (em cera) estão visíveis. Em contrapartida, o simulacro de são Marciano veste calçado fechado de cano alto e tacão (segundo a moda masculina oitocentista), ao invés das sandálias abertas ou *caligae*, características dos soldados romanos.

A presença de uma única luva de renda metálica, de duas almofadas forradas com tecidos diferentes (figs. 88 e 89) e de dois galões de renda diferentes na mesma peça de vestuário (manto), foi também registada. Também estes elementos suscitam alguma estranheza, contrariando as descrições dos restantes simulacros inventariados.

Uma observação mais atenta permitiu, também, comprovar os efeitos nefastos e irreversíveis da luz, comprovando-se a elevada descoloração dos têxteis por foto-degradação (fig. 90). Constatou-se que o tecido dos calções, aparentemente uma lhama sem decoração sobre fundo de tecido de tom branco-pérola era, originalmente, lavrado com padrões florais e vegetalistas de grande riqueza, como se pode depreender pela fig. 91. Também as botas teriam, inicialmente, uma coloração rosa-alaranjada ou salmão. Por todos os tecidos foram ainda detetadas lacerações e uma extensa acumulação de sujidade. Por baixo da luva de renda, observa-se a mão (em cera), cujo dedo indicador já não existe. A peruca resulta do entrelaçamento de pequenas mechas de cabelo (fig. 92).



Figs. 87, 88, 89, 90, 91, 92 – Fotografias de pormenor do simulacro do santo mártir Marciano. © Joana Palmeirão

### Exame radiográfico<sup>391</sup>

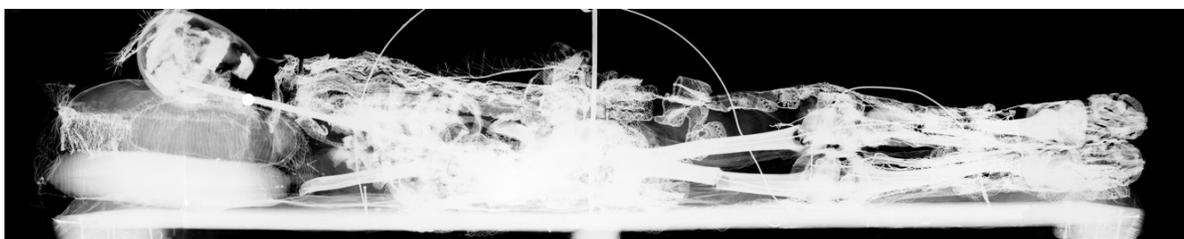
A radiografia tem-se mostrado uma técnica de diagnóstico essencial no estudo de *corpi santi* a nível internacional, tendo sido já utilizada por diversos investigadores que estudam o tema (reveja-se, *supra*, Revisão da literatura), com o propósito de obter informações sobre a estrutura interna das

---

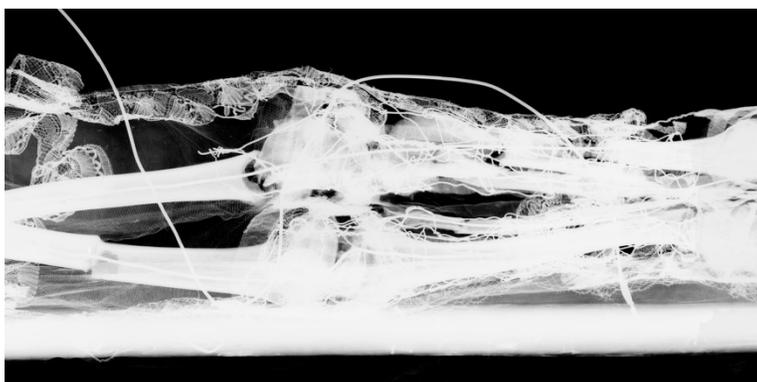
<sup>391</sup> Para o exame radiográfico, a urna-relicário foi retirada debaixo do altar, seguindo-se a extração do simulacro, mediante abertura da portada traseira.

peças, quer ao nível dos materiais e do processo de montagem dos simulacros, quer ao nível do estudo antropológico dos ossos e de patologias presentes na estrutura óssea<sup>392</sup>.

Assim, através da leitura das imagens radiográficas (integral e parciais) (figs. 93–95), foi possível identificar um esqueleto incompleto com várias fraturas ocorridas após a morte<sup>393</sup>, em particular na abóbada craniana, no maxilar inferior (mandíbula), no úmero direito, no fémur direito, nos dois perónios e em ambas as tíbias.



**Fig. 93** – Radiografia frontal e integral do simulacro do corpo do santo Marciano (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)



**Fig. 94** – Pormenor dos membros inferiores, nos quais se observa a rede metálica interna e as várias fraturas nos ossos. © Luís Piorro (LJF|DGPC)

---

<sup>392</sup> Como reforçado por Gabriela Sánchez Reyes e coautores: *Atualmente, a tecnologia, e especificamente a radiologia, permite compreender o processo e fabrico deste tipo de relicário, permitindo visualizar o seu interior, com toda a sua complexidade estrutural, assim como a visibilidade total dos restos sagrados dos mártires das catacumbas* (tradução livre do original: *En la actualidad, la tecnología y en específico la radiología, permite comprender el proceso y factura de este tipo de relicario, permitiendo visualizar el interior, con toda su complejidad estructural así como la visibilidad total de los restos sagrados de los mártires catacumbales* (Sánchez Reyes et al., 2016, p. 62)).

<sup>393</sup> Com base na informação de que o simulacro chegou a Sobral da Lagoa em meados do século XIX (atente-se, *supra*, subcapítulo 5.2.1. (parte II)) e que o mesmo nunca saiu da urna onde se encontra atualmente para culto e devoção, supõe-se que as fraturas *post mortem* tenham ocorrido antes da sua chegada a Sobral, possivelmente, durante a montagem, transporte ou transladação.

Uma estrutura metálica interna, sob a forma de uma rede complexa de arames finos, foi igualmente identificada, porém, esta é visível apenas nos membros inferiores<sup>394</sup> (ossos das pernas e pés) (fig. 94). Uma rede similar foi igualmente detetada a envolver todo o esqueleto do simulacro do santo mártir Aurélio, à exceção do rosto, mãos e pés<sup>395</sup>.

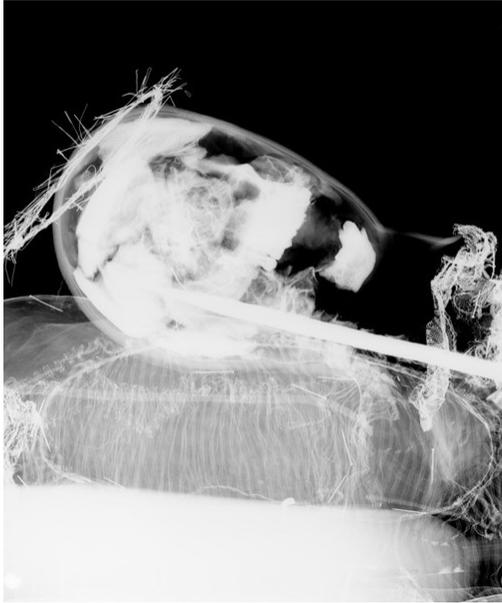
A maioria dos ossos identificados nas coxas, nas pernas e nos pés estão em posições anatomicamente corretas, nomeadamente: os dois fêmures, as duas tíbias e o perónio esquerdo (o direito, embora visível, não está em posição correta), e os ossos do tarso, do metatarso e os ossos dos dedos (falanges (F1), falanginhas (F2) e falangetas (F3)), respetivamente. Por sua vez, o tronco e os membros superiores (braços, antebraços e mãos) não dispõem de uma rede metálica interna e os ossos estão colocados desordenadamente, tendo sido identificados apenas o úmero direito, algumas vértebras dorsais e, possivelmente, algumas costelas.

Na cabeça e pescoço foram reconhecidos os ossos do crânio com várias fraturas e abaulamentos; os ossos do nariz; o maxilar superior com alguns dentes (nove?); parte do maxilar inferior; o osso zigomático e algumas vertebra cervicais (seis?) (figs. 93 e 95). Devido às extensas fraturas no crânio, este não acompanha a posição do rosto em cera, estando o primeiro posicionado para cima, e o segundo inclinado para o lado direito, em direção ao observador. Confirmou-se ainda que o rosto em cera é inteiro (vulto-pleno) e vazado (oco) (fig. 95).

---

<sup>394</sup> Em termos anatómicos, os membros inferiores compõem-se da bacia ou cintura pélvica, coxas, pernas e pés, enquanto os membros superiores englobam os ombros, braços, antebraços e mãos. Ao longo do presente capítulo, as diferentes partes dos membros serão devidamente referenciadas. Assim, por exemplo, quando se utilizar os termos “braço” e “perna”, entenda-se as partes compreendidas entre o ombro e o cotovelo, e o joelho e o tornozelo, respetivamente.

<sup>395</sup> Sobre a radiografia e o estudo realizado veja-se, atentamente, J. Palmeirão (2015), em particular as pp. 79–82 e as figs. 48–52 e 54.



**Fig. 95** – Radiografia parcial do rosto do simulacro do santo mártir Marciano (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

Por todo o esqueleto foram ainda detetados arames, ligeiramente mais grossos e soltos, no interior dos ossos e no manto, que terão sido aplicados como elementos de reforço e de sustentação, respetivamente (figs. 93 e 94). Duas estacas metálicas foram também detetadas nas radiografias. Uma, mais larga, que se prolonga desde a base do crânio até à zona da bacia – à semelhança do que tem sido observado por outros autores (J. Palmeirão, 2015; J. Palmeirão et al., 2019; Pfeiffer, 2005; Prader, 2012) –, e uma mais estreita, em posição vertical, que vai desde o centro da padiola até ao limite superior do manto (fig. 93).

Todos os passamanes, lhamas, alfinetes e o sistema de fixação da coroa de flores foram igualmente registados nas radiografias. Pela radiopacidade dos materiais, a padiola e a almofada inferior (assente diretamente no suporte) são em madeira.

Com base nas imagens radiográficas conclui-se que o simulacro do santo mártir Marciano é composto por duas estruturas de montagem: uma nos membros inferiores (pernas e pés), que consiste na combinação de uma rede metálica complexa e arames soltos, e outra nos membros superiores (tronco, braços, antebraços e mãos) e inferiores (coxas), a qual se define pela presença de arames soltos no interior dos ossos. A presença destes dois sistemas de montagem é particularmente invulgar, em especial quando aliado ao facto de que o primeiro sistema é composto

por uma maior quantidade de ossos<sup>396</sup> e quase todos em posição anatomicamente correta, enquanto no segundo os ossos são em menor número e estão, na grande maioria, dispersos ou não respeitam a posição anatômica.

Em suma, com base no exame visual do simulacro e nos resultados da radiografia crê-se que o simulacro do santo mártir Marciano tenha sofrido uma remontagem ou reconstrução – sendo o primeiro sistema de montagem descrito o original –, o que é exequível atendendo à trasladação tardia do simulacro para Sobral da Lagoa<sup>397</sup>. Perante as várias evidências descritas, supõe-se ainda que o simulacro tenha sido todo ele montado originalmente na primeira posição<sup>398</sup> e, mais tarde (possivelmente após a trasladação para Sobral), remontado ou reajustado. Por esta razão, o trabalho de ceroplastia (rosto, pescoço e mãos) terá sido realizado mais tarde, tratando-se, muito provavelmente, de uma produção nacional.

### **Amostragem**

Como primeiro caso de estudo ao qual foi permitido o acesso direto, o simulacro de São Marciano foi submetido a uma recolha de amostras exaustiva e rigorosa. No total foram recolhidas sessenta amostras do rosto, vestes (tecidos) e elementos metálicos (passamanes e alfinetes), incluindo amostras dos elementos exteriores, em particular das almofadas e da coroa de flores (atributo). Devido ao volume de amostras, serão somente apresentadas as mais representativas de cada elemento, perfazendo um total de trinta e seis amostras. Os resultados estão todos compilados na tabela VII-A (Apêndice VII).

---

<sup>396</sup> Devido à sobre-exposição das imagens radiográficas, não foi possível confirmar a presença dos ossos da bacia.

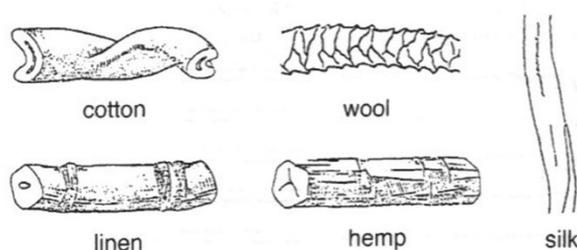
<sup>397</sup> Atente-se à informação sobre o simulacro no subcapítulo 5.2.1. (parte II).

<sup>398</sup> Sobre as posições reveja-se, *supra*, subcapítulo 4.3. (parte I).

## Fibras têxteis, papel e corantes

A observação das fibras têxteis e do papel por microscopia de campo escuro e de campo claro, permitiu a identificação de fibras naturais de origem animal (seda), e de origem vegetal (algodão e linho/cânhamo).

As imagens das fibras analisadas foram comparadas com fotografias-padrão de literatura especializada.

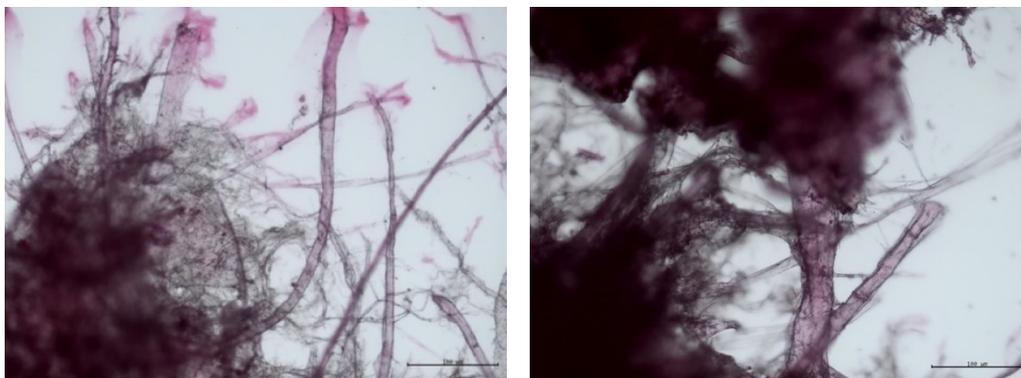


**Fig. 96** – Exemplo de um esquema de apoio na identificação das fibras têxteis (algodão, linho, cânhamo e seda). Extraído de Tímár-Balázszy & Eastop, 1998, p. 5

As fibras de seda apresentam uma superfície caracteristicamente brilhante e sedosa no sentido longitudinal, e uma estrutura semelhante a triângulos equiláteros com vértices ligeiramente arredondados no sentido transversal, sendo facilmente identificada em ambos os sentidos. Em contraste, as fibras de algodão têm um aspeto achatado e apresentam uma torção irregular em torno do eixo (convoluções). As fibras de linho foram identificadas, longitudinalmente, pela presença de pequenos nós na superfície dos filamentos e, transversalmente, pela morfologia do lúmen central, uma vez que este se caracteriza pelas paredes celulares espessas e uma seção poligonal (Boersma, Brokerhof, Berg, & Tegelaers, 2007; CCI Textile Lab, 2008; Cook, 2011; Greaves & Saville, 1995; Richardson, 1968). Embora as diferenças morfológicas entre as fibras de linho (*linen*) e as fibras de cânhamo (*hemp*) sejam evidentes no esquema de Ágnes Tímár-Balázszy e Dinah Eastop (fig. 96), estudos recentes defendem a dificuldade na distinção entre ambas as fibras (Wiener, Kovacic, & Dejlová, 2003). Por esta razão, e de modo a evitar uma incorreta identificação, optou-se por deixar as duas opções em aberto, aparecendo nos resultados como: linho ou cânhamo ou linho/cânhamo.



**Figs. 97, 98** – Da esquerda para a direita: fotografia da zona de fratura (pescoço), de onde se retirou a amostra do enchimento fibroso (amostra M2) e imagem da secção longitudinal da amostra obtida ao microscópio de campo claro (100x). © Joana Palmeirão



**Figs. 99 e 100** – Imagens da secção longitudinal da amostra MF1 (papel corado) obtidas ao microscópio de campo claro (200x), nas quais se observa um aglomerado de fibras vegetais. As fibras de linho/cânhamo são identificáveis na figura da direita. © Joana Palmeirão

As vestes do simulacro de são Marciano (tecidos, fios de fixação e almas dos fios laminados) foram produzidas, maioritariamente, com fibras de seda, à exceção dos fios de fixação do galão de renda do gibão (amostra M9) e da bota esquerda (amostra M42). Estes foram identificados como uma combinação de fibras de algodão e linho/cânhamo. O enchimento fibroso recolhido do pescoço (amostra M2) foi identificado como algodão, e o papel corado rosa da coroa de flores (amostra

MF1), foi identificado como uma combinação de fibras vegetais, entre as quais se distinguem fibras de linho/cânhamo<sup>399</sup> (figs. 97–100).

A análise por LC-DAD-MS das amostras selecionadas permitiu a identificação de corantes naturais (de origem vegetal e animal), semissintéticos e sintéticos: lírio-dos-tintureiros para fibras amarelas e verdes; carmim-de-índigo (corante semissintético) para fibras verdes; cochinha no tecido de veludo, e malveína (corante sintético) no papel corado rosa (tabela 3).

O lírio-dos-tintureiros<sup>400</sup>, corante de origem vegetal, foi identificado nas amostras com predominância de amarelo, nomeadamente nas almas de seda amarela dos fios laminados da franja da luva (amostra M6) e do galão de renda do manto (amostra M23), e na fibra de seda verde-escuro dos motivos florais do manto (amostra M28). Nesta última, para obtenção do verde, o lírio-dos-tintureiros foi misturado com o corante azul, semissintético, indigóide (azul ácido 74)<sup>401</sup> (fig. 101).

Na amostra do tecido de veludo bordeaux do gibão (M18) foi identificada a cochinha<sup>402</sup>, um corante natural de origem animal, pela deteção do ácido carmínico (fig. 102). Este foi identificado

---

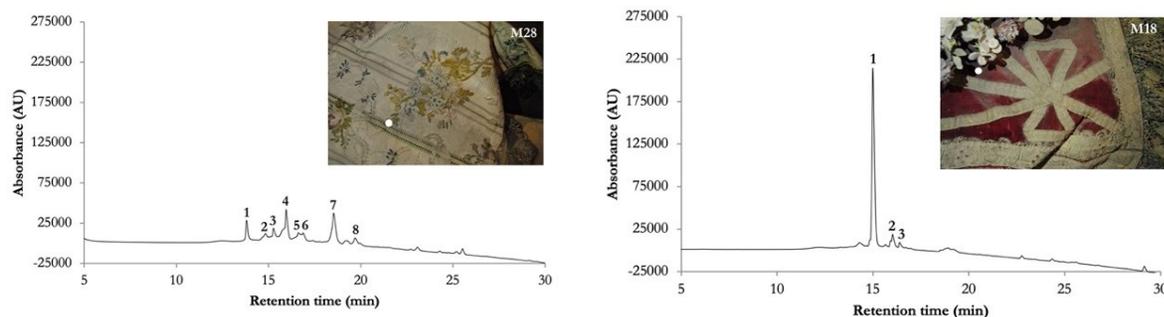
<sup>399</sup> Segundo Soares & Martins (1991), antes do recurso às fibras de madeira, os trapos de algodão e de linho eram os materiais mais utilizados na produção de papel. Porém, a escassez dos trapos de linho e de algodão levou à procura de madeira como matéria-prima. A partir do século XIX, a madeira tornou-se a fonte de celulose mais procurada para a produção de papel, devido à sua abundância e baixo custo (Proniewicz et al., 2002).

<sup>400</sup> O lírio-dos-tintureiros ou gualda (extraído da planta *Reseda luteola* L.) é o corante natural europeu conhecido há mais tempo, que tingem de amarelo. Embora seja originário da Ásia, Europa e África, o seu cultivo é frequente em Portugal. O corante é composto pelos flavonoides luteolina e apigenina (M. E. M. de Araújo, 2006; Serrano, Lopes, & Seruya, 2008).

<sup>401</sup> O corante semissintético indigóide, carmim-de-índigo ou índigo carmim (sal sódico do ácido 5,5'-indigo dissulfónico) é um sal orgânico sintetizado do índigo natural por um método de reação orgânica (sulfonação aromática), com ácido sulfúrico. Segundo Matthijs Keijzer e coautores, o corante ácido “Azul Saxão” (*Saxon Blue*, *índigo carmine*) foi inventado em 1743 pelo alemão Johann Christian Barth. Aplicado como corante na indústria têxtil para tingir lã e seda, o índigo carmim é um pó azul com um brilho arroxeadado e um tom azul forte, que esteve em uso entre 1770 e o início do século XX. Apresenta, no entanto, algumas desvantagens, uma vez que é extremamente sensível à luz e solúvel em água (Keijzer, van Bommel, Keijzer, Knaller, & Oberhumer, 2012).

<sup>402</sup> Corante vermelho extraído de insetos parasitas de plantas da família *Coccidae* (coccídeos), comumente conhecidos como cochilhas. As espécies mais conhecidas são: a cochinha americana/mexicana (*Dactylopius coccus* Costa), a cochinha polaca (*Porphyrophora polonica* L.) e a cochinha arménia (*Porphyrophora hamelii* Brandt). O componente de coloração principal de todas as cochilhas é o ácido carmínico (M. E. M. de Araújo, 2006; Ferreira, Hulme, McNab, & Qye, 2004).

juntamente com dois compostos minoritários – dcIV e dcVII –, que serão, possivelmente, isómeros da molécula do ácido carmínico (Peggie, Hulme, McNab, & Quye, 2008).



**Figs. 101 e 102** – Esquerda: perfil cromatográfico da amostra do bordado verde-escuro do manto (M28), no qual se identificam os corantes: indigóide (azul ácido 74): 1 e 2 – indigóide, e o lírio-dos-tintureiros: 3 – luteolina-di-glucosídeo, 4 – luteolina-glucosídeo, 5 – apigenina-glucosídeo, 6 – luteolina-glucosídeo, 7 – luteolina e 8 – apigenina. Direita: perfil cromatográfico da amostra do tecido de veludo (M18), no qual se identifica o corante cochinha: 1 – ácido carmínico, 2 – dcIV e 3 – dcVII. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão

Na amostra MF1 (papel corado), não foram detetados corantes naturais por LC-DAD-MS. Em contrapartida, o perfil cromatográfico mostrou-se compatível com a presença de um corante sintético, podendo tratar-se da malveína<sup>403</sup>. Sendo um corante de cor púrpura, conclui-se que esta seria a cor original da flor, embora atualmente tenha uma tonalidade rosa, provavelmente consequência de uma descoloração do corante por ação fotoquímica da radiação UV<sup>404</sup>. A possível deteção deste corante sintético, à luz das evidências dos exames visual e radiográfico do simulacro de São Marçiano, permite corroborar a hipótese de o mesmo ter sido alvo de uma reconstrução ou

<sup>403</sup> A malveína ou mauveína, também conhecida como púrpura-de-anilina ou malva (3-amino-2,9-dimetil-5-fenil-7-(p-tolilamino) acetato de fenazina), foi sintetizada pela primeira vez em 1856 pelo inglês William Perkin, tornando-se o primeiro corante orgânico sintético a ser utilizado na indústria têxtil (M. E. M. de Araújo, 2006; Cova, Pais, & Seixas de Melo, 2017; Gettens & Stout, 1947). Embora a sua descoberta tenha tido um impacto significativo na gênese da indústria de corantes sintéticos sobre os corantes naturais, o seu uso como corante foi muito curto – até meados de 1860 –, mantendo-se apenas na indústria de selos postais (impressão) (Cova et al., 2017).

<sup>404</sup> Um dos principais fatores de degradação dos têxteis e do papel é a sua sensibilidade à luz (radiações UV), a qual favorece o amarelecimento e a fragilidade das fibras, assim como o desvanecimento dos corantes e dos pigmentos mais sensíveis (Gómez González, 2008; Toca, 2004; Valgañón, 2008).

remontagem em pleno século XIX (ou, pelo menos, de alguns elementos presentes no conjunto), após a sua transladação para Sobral da Lagoa.

Para as fibras do tecido do manto (amostra M25) não foi detetado corante. Deste resultado podem extrair-se duas hipóteses: (1) o corante pode estar presente numa quantidade abaixo do limite de deteção do equipamento, (2) o tecido não foi tingido originalmente. Considerando esta última hipótese, a aparência escurecida do tecido seria consequência da acumulação de pó e sujidade ao longo dos anos. Crê-se, no entanto, tratar-se da primeira hipótese, uma vez que no avesso do tecido observa-se uma tonalidade levemente rosada, sugerindo o seu tingimento (veja-se fig. 90).

**Tabela 3** – Identificação dos corantes por LC-DAD-MS das amostras seleccionadas do simulacro do corpo do santo mártir Marciano. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão

Localização	Id	Cor	Tempo de retenção	Composição	Fonte de corante
Luva	M6	amarelo	14.96	luteolina-di-glucosídeo	lírio-dos-tintureiros
			15.40	luteolina-di-glucosídeo	
			16.10	luteolina-glucosídeo	
			16.76	apigenina-glucosídeo	
			18.70	luteolina	
			19.85	apigenina	
Gibão	M18	bordeaux	14.94	ácido carmínico	cochinilha
			15.95	dcIV	
			16.31	dcVII	
	M23	amarelo	semelhante à M6		lírio-dos-tintureiros
	M25	creme	-	-	nci <sup>405</sup>
Manto	M28	verde-escuro	13.82	dois picos a 600 nm e iões fragmento a m/z 443 e 421	lírio-dos-tintureiros
			14.85		
			15.27	luteolina-di-glucosídeo	
			15.96	luteolina-glucosídeo	
			16.62	apigenina-glucosídeo	
			16.87	luteolina-glucosídeo	
			18.54	luteolina	
19.70	apigenina				
Coroa de flores	MF1	rosa	16.12	ácido elágico <sup>406</sup>	taninos
	MF2	branco	vários picos a 550 nm		malveína
			15.89	ácido elágico	taninos

<sup>405</sup> Nenhum corante identificado.

<sup>406</sup> O ácido elágico é usado como tanino e como corante verde-claro a cinza com mordentes de ferro (Cameo, 2022).

## Elementos metálicos

Dos vários elementos metálicos amostrados, foram analisados por SEM-EDS:

- lâminas sólidas,
- lâminas enroladas em torno de uma alma fibrosa – fios laminados simples e crespos<sup>407</sup>,
- alfinetes.

Os dados obtidos, entre os quais se incluem a composição elementar das ligas metálicas, a observação de marcas de fabrico e a deteção de produtos de corrosão, foram essenciais para a compreensão da tecnologia de fabrico dos diversos elementos metálicos presentes nos têxteis históricos e do seu estado de conservação atual.

Os elementos principais detetados por EDS foram o ouro (Au), a prata (Ag), o cobre (Cu) e o zinco (Zn), puros ou combinados. Consoante as percentagens dos elementos químicos detetados, as lâminas e os fios laminados podem ser classificados como: prata dourada (amostras M20, M23 e M24), liga de prata (amostra M8), liga de prata dourada (amostras M6, M10, M11 e M19) e cobre lateado (amostras M15, M16 e M41). Os resultados das onze amostras estão reunidos na tabela 4<sup>408</sup>. Todas as combinações são características da produção de lâminas e fios laminados aplicados em têxteis históricos, entre os séculos XVII e XIX (Ferrazza & Gertrudis Jaén, 2010; Járó, 2003, 2009; Járó & Tóth, 1991; Karatzani, 2012; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998).

As lâminas e os fios laminados são, na grande maioria, de boa qualidade, uma vez que apresentam percentagens elevadas de metais nobres: Ag e Au. Embora algumas amostras tenham uma

---

<sup>407</sup> Crespo – *Fio de seda ou outra fibra, com torção muito forte. // Fio de lã, algodão ou metal, fortemente torcido* (M. P. da Costa, 2020, p. 49).

<sup>408</sup> Nesta constam: a identificação e localização das amostras; a sua descrição (lâmina, fio laminado ou fio laminado crespo); a cor (dourado ou prateado); a percentagem dos elementos químicos detetados por EDS e a respetiva composição das lâminas e fios laminados; a espessura ( $\mu\text{m}$ ); o tipo de torção da lâmina em torno da alma fibrosa (S – torção para a direita ou Z – torção para a esquerda) e, por fim, a descrição da alma fibrosa (material e cor).

tonalidade dourada, esta não é proveniente da presença de ouro à superfície, mas de um revestimento de latão<sup>409</sup> – liga de Cu e Zn –, sobre um núcleo de cobre<sup>410</sup>.

**Tabela 4** – Caracterização das lâminas e fios laminados da indumentária do simulacro de São Marçiano, por SEM-EDS (média dos valores percentuais dos elementos químicos, obtidos a partir do corte transversal dos elementos metálicos). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

ID Localização	Descrição	Cor	wt. %				Composição	µm	S/Z	Alma		
			Loc. <sup>411</sup>	Au	Ag	Cu				Zn	Material	Cor
<b>M6</b> Luva (franja)	fio laminado grosso	dourado	int.	-	97	3	-	liga de prata dourada	13	S	seda	amarelo
			ext.	x	x	-	-					
<b>M8</b> Luva (renda)	fio laminado fino	prateado	int.	-	97,5	2,5	-	liga de prata	18	S	seda	branco
			ext.	-	x	-	-					
<b>M10</b> Gibão (galão tecido)	fio laminado grosso	dourado	int.	-	98	2	-	liga de prata dourada	-	Z	seda	amarelo
			ext.	x	x	-	-					
<b>M11</b> Gibão (galão tecido)	fio laminado muito fino	dourado	int.	-	99	1	-	liga de prata dourada	17	Z	seda	amarelo
			ext.	x	x	-	-					
<b>M15</b> Gibão (galão de renda)	lâmina	dourada	int.	-	-	100	-	cobre lateado	35	-	-	-
			ext.	-	-	x	x					
<b>M19</b> Vestido int. (galão de renda)	fio laminado crespo	dourado	int.	-	98,5	1,5	-	liga de prata dourada	20	S/Z	seda	amarelo
			ext.	x	x	-	-					
<b>M20</b> Vestido int. (galão de renda)	lâmina	dourada	int.	-	100	-	-	prata dourada	52	-	-	-
			ext.	x	x	-	-					
<b>M16</b> Manto (galão de renda)	lâmina	dourada	int.	-	-	100	-	cobre lateado	32	-	-	-
			ext.	-	-	x	x					
<b>M23</b> Manto (galão de renda)	fio laminado fino	dourado	int.	-	100	-	-	prata dourada	17	S	seda	amarelo
			ext.	x	x	-	-					
<b>M24</b> Manto (galão de renda)	lâmina	dourada	int.	-	100	-	-	prata dourada	54	-	-	-
			ext.	x	x	-	-					
<b>M41</b> Almofada (lhama)	lâmina	dourada	int.	-	-	100	-	cobre lateado	-	-	-	-
			ext.	-	-	x	x					

<sup>409</sup> Era frequente a utilização de lâminas e fios metálicos em ligas de latão, devido à sua tonalidade amarelo-dourado, com o intuito de imitar o ouro. Este recurso, mais económico, surgiu a partir do século XVII (Ferrazza & Gertrudis Jaén, 2010).

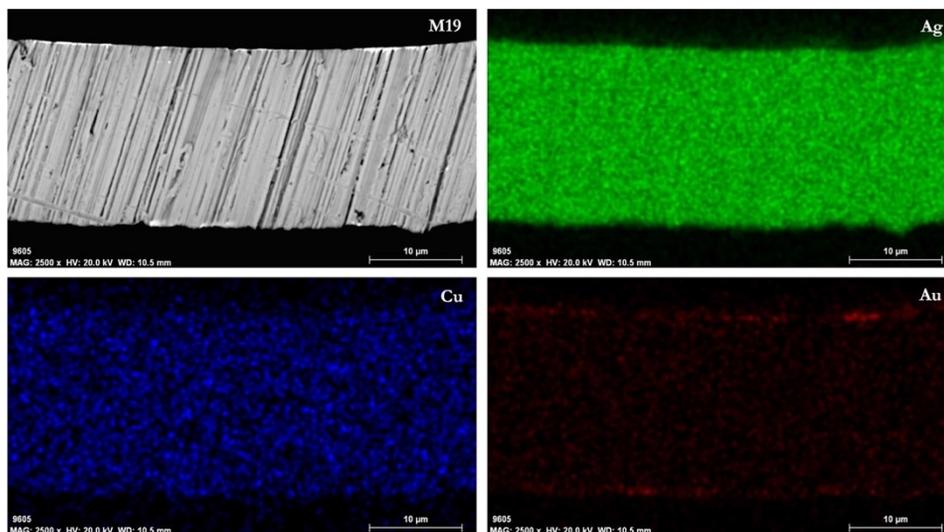
<sup>410</sup> Para estas ligas optou-se pela denominação de “cobre lateado”, uma vez que o latão foi aplicado como revestimento do núcleo de cobre, ao invés de corresponder à totalidade da lâmina ou fio.

<sup>411</sup> Localização da análise: interior (núcleo) ou exterior (revestimento).

A prata dourada foi identificada em três amostras: na lâmina do galão de renda da veste interior (M20), e no fio laminado e na lâmina do galão de renda do manto (M23 e M24, respetivamente) (figs. 103–105). A análise por EDS detetou um núcleo metálico de Ag e um revestimento, a toda a volta, de Au.



**Figs. 103, 104 e 105** – Fotografias das amostras M20, M23 (ambas em prata dourada) e M10 (liga de prata dourada), obtidas ao microscópio estereoscópico (20x, 50x, 32x, respetivamente). © Joana Palmeirão



**Fig. 106** – Imagem SEM (BSE) e mapas de distribuição elemental (EDS), da amostra M19 (liga de prata dourada), com deteção de prata (Ag), cobre (Cu) e ouro (Au). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

As ligas de prata e de prata dourada foram identificadas nos fios laminados da renda da luva (amostra M8), da franja da luva (amostra M6) e do galão tecido do gibão (amostras M10 e M11), e no fio laminado crespo do galão de renda da veste interior (amostra M19). A análise por EDS das

cinco amostras permitiu a identificação de um núcleo metálico composto por uma liga de Ag e Cu – sendo a Ag o elemento maioritário – e, nas últimas quatro, de um revestimento, a toda a volta, de Au (fig. 106).

O uso de prata ou liga de prata dourada em fios metálicos remonta ao século IX (Hacke, Carr, & Brown, 2004; Járó, 1990, 2003). A sua produção teve origem em diferentes técnicas de fabrico<sup>412</sup>. A técnica mais antiga consistia na martelagem de uma folha fina de ouro diretamente num bloco de prata, até a obtenção de folhas finas. Após o corte, obtinham-se lâminas estreitas com douramento em apenas um dos lados<sup>413</sup> (conhecida como técnica *beaten and cut*). A ferramenta de corte imprimia um aspeto rugoso nas bordas das lâminas (Hacke et al., 2004). Uma outra técnica, mais tardia (século XIII ou XIV) e possibilitada pela manufatura de fios, compreendia o achatamento de fios de prata dourada<sup>414</sup> – por martelagem ou pela passagem entre rolos –, produzindo lâminas com revestimento dourado a toda a volta<sup>415</sup> (conhecida como técnica *cast, drawn and rolled*). Em ambos os casos, as lâminas podiam ser usadas achatadas (lâminas sólidas) ou enroladas em torno de uma alma fibrosa (fio laminado) (Hacke et al., 2004; Járó, 1990; Járó & Tóth, 1991; Karatzani, 2012; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998). Mais tarde, foram adotados os métodos de douramento “a quente”, nomeadamente a soldadura e o douramento a fogo com amálgama de ouro (Hacke et al., 2004; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998). Na soldadura era utilizado um material de solda à base de cobre, enquanto no douramento a fogo era usado mercúrio (Hg) (Hacke, 2006). Segundo Anne-Marei Hacke (2006), ambas as técnicas produziam uma camada de difusão gradiente do ouro sobre o

---

<sup>412</sup> As técnicas descritas de seguida aplicam-se aos processos de douramento de um núcleo de prata ou liga de prata e de prateamento de um núcleo de cobre ou liga de cobre.

<sup>413</sup> O lado com revestimento a ouro ficava voltado para fora. No fio laminado, este lado era oposto ao que ficava diretamente em contacto com a alma fibrosa.

<sup>414</sup> Estes fios eram obtidos através do trefilamento de varas de prata, previamente douradas, através da sua passagem por furos de diâmetros sucessivamente mais pequenos. A espessura do fio ia diminuindo à medida que aumentava o seu comprimento (Hacke et al., 2004; Járó & Tóth, 1991; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998).

<sup>415</sup> Segundo um estudo de Kate Tronner e colaboradores, a utilização do douramento em ambos os lados (*double-sided gilding*) ocorreu por volta de 1650 devido à introdução de uma nova técnica de manufatura, em que os fios trefilados de prata dourada eram achatados (*cast, drawn and rolled*). Não obstante, o douramento de um só lado (*single-sided*) manteve-se até ao século XX (Tronner, Nord, Sjöstedt, & Hydman, 2002).

núcleo de prata ou liga de prata, próximo da interface, cuja extensão (espessura) dependia da temperatura e do tempo de aquecimento. Assim, o bloco de prata era coberto com folha de ouro ou amálgama de ouro (na qual era também dissolvida uma pequena quantidade de prata) e aquecido, resultando na “fusão” dos metais na interface, ou seja, entre o núcleo de prata e a camada de ouro, e na deposição de cobre ou de mercúrio, respetivamente (Hacke, 2006). O bloco era posteriormente polido e transformado em fios ou martelado até à obtenção de folhas finas adequadas para o corte de lâminas (Járó & Tóth, 1991; Tímár-Balázs & Eastop, 1998). Uma outra técnica, mais tardia (século XIX), a qual se inclui nos métodos de douramento “a frio”, baseava-se na tecnologia eletroquímica de galvanização (ou galvanoplastia). Neste caso, o ouro era depositado electroliticamente na superfície do fio trefilado num tanque contendo uma solução de ouro. A superfície ficava, assim, coberta com uma camada de ouro puro<sup>416</sup> (Járó & Tóth, 1991; Tímár-Balázs & Eastop, 1998).

Atendendo ao facto de que as lâminas e os fios laminados em prata dourada e liga de prata dourada analisados apresentam douramento a toda a volta, tudo indica que as amostras M20, M23 e M24, e as amostras M11 e M19<sup>417</sup>, respetivamente, foram produzidas a partir do processo mecânico de achatamento de fios trefilados (*cast, drawn and rolled*). Quanto ao método de douramento utilizado, o mais provável é que tenha sido aplicado um douramento a “quente”, muito embora não tenham sido detetados o Cu ou o Hg nos espectros de EDS, os quais são descritos na literatura (veja-se acima), como materiais de solda nos métodos de soldadura e de amálgama de ouro, respetivamente.

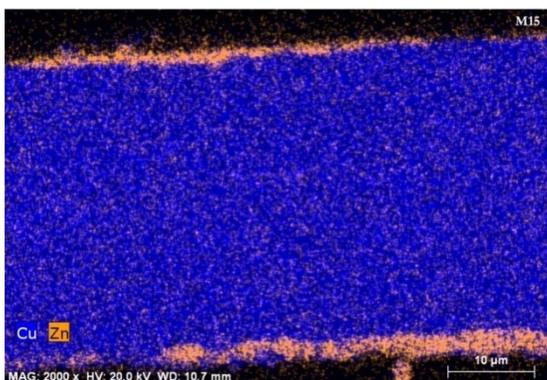
---

<sup>416</sup> Um outro método de douramento “a frio” consistia em esfregar a superfície (do fio) com ouro em pó (Járó & Tóth, 1991; Tímár-Balázs & Eastop, 1998).

<sup>417</sup> Nas amostras M6 e M10 foi detetado douramento em apenas um dos lados das lâminas. A não deteção de Au por EDS pode ser consequência: (1) do desgaste acentuado das lâminas e, por conseguinte, da perda da camada de revestimento, ou (2) de um incorreto polimento das amostras para análise. Na amostra M10, o lado da lâmina sem douramento corresponde ao lado externo, isto é, ao lado mais sujeito ao desgaste confirmando, por isso, tratar-se da primeira hipótese. Outros fatores que possam interferir na leitura dos fios metálicos em prata dourada são sugeridos por Anders G. Nord e Kate Tronner. Segundo os autores, a não deteção de ouro em fios de prata dourada (revestidos com uma camada fina de ouro), não significa a sua inexistência, mas a presença de determinados fatores que dificultam a sua deteção por SEM-EDS, tais como: defeitos ou perda da camada de revestimento; microfissuras; presença de impurezas, contaminantes ou produtos de corrosão à superfície; trocas intra-atômicas ou migração dos metais; sobreposição dos metais em maior concentração, entre outros fatores (Nord & Tronner, 2000).

Ainda assim, e tendo em consideração o desgaste mecânico acentuado da folha de ouro (revestimento), não se descarta a hipótese de ter sido utilizado um douramento a “quente”.

Por fim, o cobre lateado foi identificado em todas as lâminas douradas amostradas do galão de renda do gibão (amostra M15), do galão de renda do manto (amostras M16), e da lhama da almofada (amostra M41), pela deteção de um núcleo metálico de Cu<sup>418</sup>, revestido com uma liga de Cu e Zn (latão) (fig. 107). Na amostra M15 foram ainda identificadas percentagens muito baixas de estanho (Sn) – 1,1<sup>419</sup>.



**Fig. 107** – Mapa de distribuição elementar (EDS) da amostra M15. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

O uso de Cu revestido com latão, em lâminas e fios metálicos, remonta ao século XVIII e esteve em uso até ao século XX (Járó, 2003). A combinação dos metais permitia a produção de lâminas e fios metálicos de coloração dourada, que imitava o ouro. As lâminas podiam ser produzidas através da técnica *cast, drawn and rolled*, à semelhança das lâminas de prata, porém, o bloco ou haste de cobre inicial era previamente banhado a latão. Uma outra técnica consistia no tratamento do fio de cobre em vapor de zinco (“cimentação”)<sup>420</sup>, o qual era posteriormente achatado (Járó, 2003; Tímár-Balázszy

---

<sup>418</sup> A não deteção de Zn no núcleo metálico sugere tratar-se de Cu puro.

<sup>419</sup> Segundo Virginia Costa (2008), era frequente a introdução de pequenas quantidades de outros elementos metálicos nas ligas de cobre, nomeadamente alumínio (Al), estanho (Sn), chumbo (Pb) ou arsénio (Ar), com o intuito de alterar e melhorar as propriedades da liga, como resistência, dureza, ponto de fusão, etc.

<sup>420</sup> O vapor de zinco reagia com o cobre transformando a camada externa de cobre em latão e atribuindo-lhe uma coloração dourada. A este processo dá-se também o nome de método de Pinchbeck (Járó & Tóth, 1991; Tímár-Balázszy & Eastop, 1998).

& Eastop, 1998). Tanto na primeira como na segunda técnica, a lâmina era revestida a toda a volta. Com base, apenas, na leitura da secção transversal não é possível afirmar qual das técnicas foi utilizada na produção das lâminas de cobre lateado<sup>421</sup>.

Além das lâminas e fios laminados, dois alfinetes recolhidos das vestes do simulacro de São Marciano foram igualmente analisados por SEM-EDS. A análise foi efetuada no sentido longitudinal e com enfoque em duas áreas superficiais: 1. área sem corrosão e 2. área com corrosão. Os resultados estão reunidos na tabela seguinte:

**Tabela 5** – Caracterização dos alfinetes recolhidos do simulacro de São Marciano, por EDS. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

ID Local	1. Área sem corrosão (%)							2. Área com corrosão (%)							Composição
	Cu	Zn	Sn	Fe	Si	Al	Cl	Cu	Zn	Sn	Fe	Si	Al	Cl	
M26 Manto	61	26	12	-	0	-	1	23	63	0	0	0	0	13	latão
M36 Bota	61	23	16	-	0,5	-	1	6	78	-	1	1	1	13	

**Legenda:** 1. elementos maioritários 2. elementos minoritários ou impurezas 3. elementos associados à corrosão da liga

Os dois alfinetes foram identificados como uma liga metálica de cobre e zinco (latão), com pequenas quantidades de estanho (Sn)<sup>422</sup>.

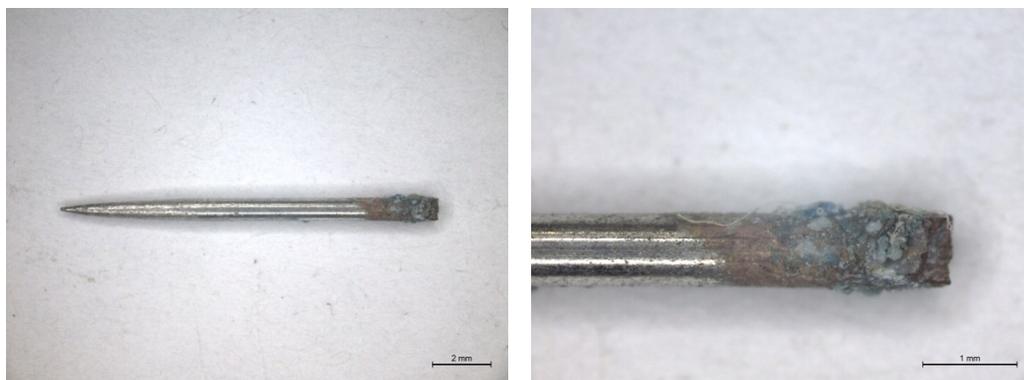
O cloro (Cl) destaca-se, visivelmente, na área com corrosão, quer nos espectros de EDS, quer nos mapas de distribuição elementar (tabela 5 e fig. 110). O mesmo ocorre com o Zn, cuja percentagem na área com corrosão é bastante mais elevada do que na área sem corrosão. Estes valores são inversos aos do Cu, sugerindo uma “corrosão seletiva”<sup>423</sup>, em que o zinco, sendo o elemento menos

<sup>421</sup> A observação das lâminas no sentido longitudinal por SEM-EDS poderia trazer novos dados sobre a técnica utilizada. Segundo a literatura especializada, as lâminas produzidas pela técnica *cast, drawn and rolled* apresentam estrias longitudinais devido ao processo mecânico de achatamento dos fios metálicos trefilados (Ferrazza & Gertrudis Jaén, 2010; Hacke et al., 2004; Marincas & Erlach, 2012; Muros et al., 2007). Em contrapartida, sendo a “cimentação” um processo químico, a superfície das lâminas apresentaria uma aparência homogênea e sem marcas de produção.

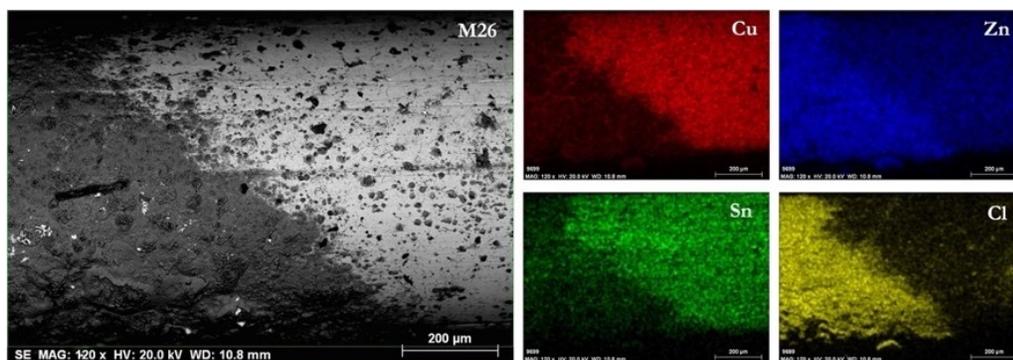
<sup>422</sup> O estanho é um metal muito resistente à corrosão sendo, por isso, frequentemente adicionado ao latão (Fragoso, 2007). Atente-se nota n.º 419.

<sup>423</sup> Virginia Costa escreveu a este respeito: *Uma forma de deterioração quase que exclusiva de ligas metálicas é a "corrosão seletiva", freqüentemente observada em materiais apresentando mais de uma fase, como objetos de latão e de prata. Nestes casos a estrutura é composta por duas fases, cujas características diferenciadas serão acentuadas pela exposição a um ambiente agressivo: uma diferença de potencial se estabelece então entre ambas, dando origem à corrosão preferencial da fase rica em elemento menos nobre. Latões com alto teor em zinco*

nobre, apresenta maior corrosão (dezincificação). A área correspondente caracteriza-se por um aglomerado heterogéneo com tonalidades que vão desde o branco-esverdeado ao branco-azulado, sobre uma superfície homogénea avermelhada (figs. 108 e 109).



**Figs. 108 e 109** – Fotografias do alfinete recolhido do manto (M26), com destaque para a zona com corrosão, obtidas pelo microscópio estereoscópico (7,8x e 25x). © Joana Palmeirão



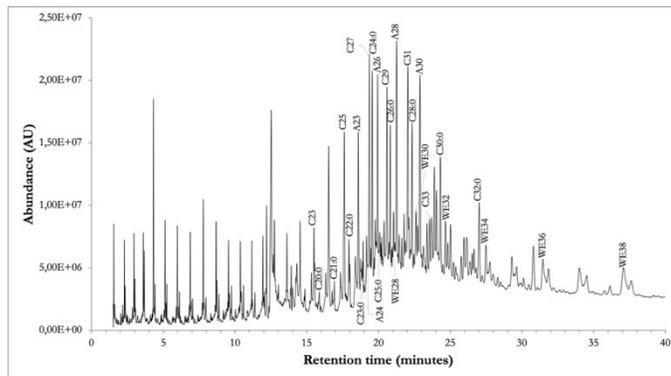
**Fig. 110** – Imagem SEM (BSE) e mapas de distribuição elemental (EDS), da amostra M26 (alfinete), com deteção de cobre (Cu), zinco (Zn), estanho (Sn) e cloro (Cl). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

---

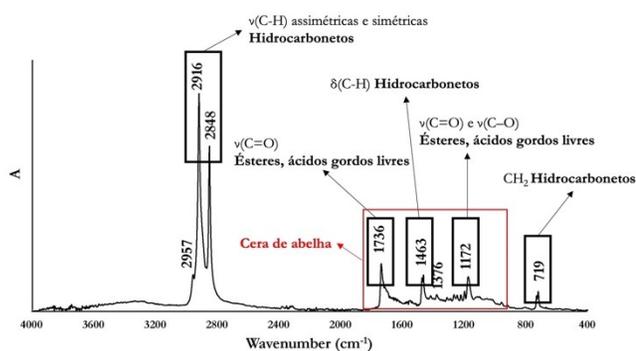
*sujeitos à corrosão seletiva se apresentam recobertos por produtos esbranquiçados, devido à dissolução preferencial do zinco. Uma vez removidos tais produtos, a superfície subjacente tem um aspeto metálico avermelhado, que corresponde ao enriquecimento local em cobre* (2008, pp. 21–22).

## Outros elementos: cera e cabelo

A cera do rosto (amostra M1) foi analisada por Py-GC-MS. Obteve-se um perfil cromatográfico compatível com a presença de cera de abelha<sup>424</sup>, tendo sido identificados os seguintes biomarcadores: distribuição simples de n-alcenos ímpares com pico a C27; ácido lignocérico, como ácido gordo principal, na faixa C22-C34; ésteres de cera palmítica de cadeia longa e álcoois gordos de cadeia longa (fig. 111). Os ésteres de alto peso molecular, os ácidos gordos e os álcoois gordos são compostos presentes na maioria das ceras naturais (Asperger, Engewald, & Fabian, 1999).



alifáticas  $\nu(\text{C-H})$ , aos 2916 e 2848  $\text{cm}^{-1}$ , respetivamente. Surge ainda a banda da vibração por deformação  $\delta(\text{C-H})$  do tipo “tesoura” aos 1463  $\text{cm}^{-1}$  e a banda relativa à deformação do grupo  $\text{CH}_2$  das cadeias alifáticas aos 719  $\text{cm}^{-1}$ . A banda que se verifica aos 1736  $\text{cm}^{-1}$  corresponde à vibração do ácido carboxílico  $\nu(\text{C=O})$ , do grupo éster), bem como a banda aos 1172  $\text{cm}^{-1}$ , resultante do estiramento  $\nu(\text{C-O})$  dos grupos éster e ácidos gordos livres.



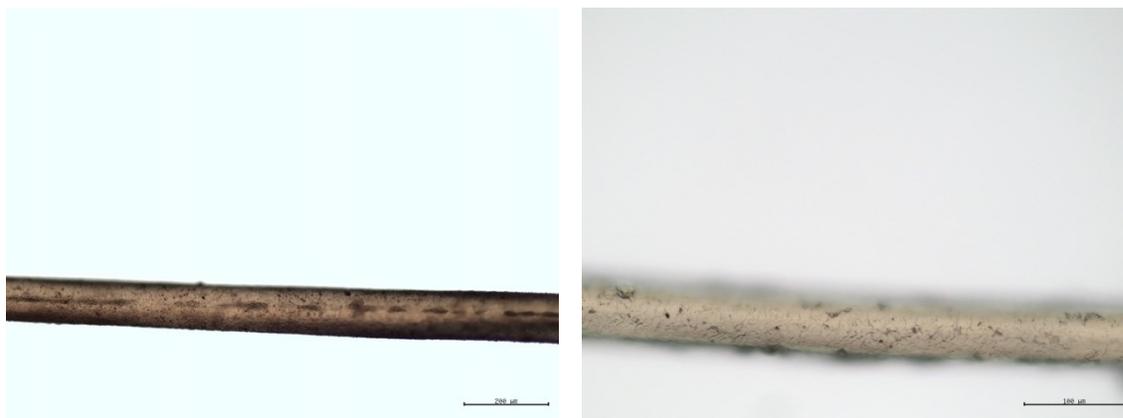
**Figs. 112 e 113** – Fotografia do rosto de onde foi recolhida a amostra M1, seguida do espectro de FT-IR. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

O pelo humano foi imediatamente identificado no sentido longitudinal devido às características morfológicas da cutícula e da medula<sup>425</sup>. A cutícula tem uma aparência de escamas sobrepostas, curtas, achatadas e irregulares, mas que não circundam o eixo do pelo. Por sua vez, a medula tem uma aparência amorfa, fina (quase sempre inferior a 1/3 do diâmetro do pelo), e fragmentada<sup>426</sup> ou ausente. Em contrapartida, no pelo de animal, a medula apresenta-se bem definida, espessa e contínua (RS' Science, n.d.; The-Crankshaft Publishing, n.d.).

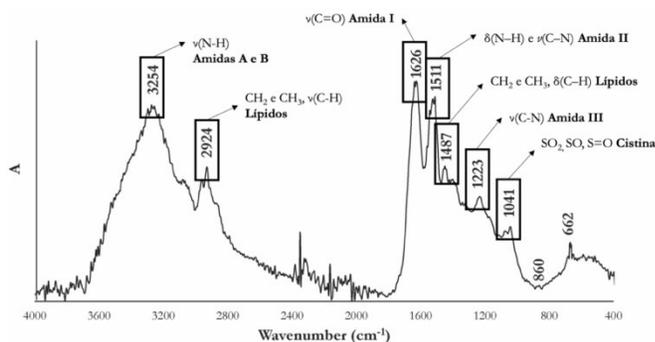
<sup>425</sup> A estrutura básica do pelo divide-se em três regiões: a cutícula, o córtex e a medula. A cutícula é uma camada protetora externa e transparente do pelo, na forma de escamas. A sua aparência deve-se à sobreposição das células de queratina (proteína que compõe o pelo dos mamíferos). Estas são transparentes, permitindo observar a medula celular ou núcleo central do pelo, quando existente. O córtex é o corpo do pelo onde está localizada a melanina (pigmento natural) (RS' Science, n.d.). A cutícula e a medula apresentam características morfológicas diferentes, consoante as espécies a que pertencem, sendo fácil a distinção entre o pelo humano e o pelo animal.

<sup>426</sup> Se a medula estiver presente e cheia de ar torna-se escura e opaca, e a sua aparência pode ser classificada como contínua (ininterrupta), intermitente (intervalos regulares) ou fragmentada (intervalos irregulares) (Crutcher, 2007; RS' Science, n.d.)

A observação por microscopia de campo claro confirmou a presença de pelo humano nas amostras do cabelo (M3) e da sobrancelha (M5), devido à aparência da cutícula – escamas curtas, achatadas e não circundantes ao eixo do pelo –, e à presença de uma estrutura interna (medula) fragmentada (figs. 114 e 115).



**Figs. 114 e 115** – Da esquerda para a direita: imagens da secção longitudinal da amostra de cabelo (M3) e da amostra da sobrancelha (M5), obtidas ao microscópio de campo claro (100x e 200x). © Joana Palmeirão



**Figs. 116 e 117** – Fotografia do cabelo de onde foi recolhida a amostra M3, seguida do espectro de FT-IR. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

A amostra de cabelo (M3) foi igualmente analisada por ATR-FT-IR. O espectro obtido permitiu identificar as bandas de absorção características de resíduos de lípidos, amidas e cistinas (Fresnais et al., 2015) (fig. 117). Estas bandas correspondem às vibrações de estiramento das ligações peptídicas  $\nu(\text{C}=\text{O})$ , a  $1626\text{ cm}^{-1}$ , atribuídas à amida I e à vibração de flexão  $-\text{NH}_2$   $\delta(\text{N}-\text{H})$ , a  $1543\text{ cm}^{-1}$ , e à vibração de estiramento  $\text{CN}$   $\nu_{\text{axial}}(\text{C}-\text{N})$ , a  $1511\text{ cm}^{-1}$ , relativos à amida II. Identificou-se

também a banda característica da amida III  $\nu(\text{C-N})$  aos  $1223 \text{ cm}^{-1}$  (Barth, 2007). As bandas de absorção características dos resíduos de cistina e de lípidos foram identificadas, respetivamente: aos  $1041 \text{ cm}^{-1}$  (vibração do grupo sulfonato), associada à presença de ácido cístico, e aos  $2924 \text{ cm}^{-1}$  e  $1487 \text{ cm}^{-1}$ , correspondentes às vibrações por estiramento e deformação de  $\text{CH}_2$  e  $\text{CH}_3$  (Fresnais et al., 2015).

### **6.3.2. Santos mártires Vitória, Eleonora e Burcio (Oeiras)**

Segundo fontes históricas (veja-se, acima, subcapítulo 5.2.1. (parte II)), os simulacros dos santos mártires Vitória, Eleonora e Burcio (e Prima) vieram de Roma como oferenda do papa Clemente XIV ao conde de Oeiras (futuro marquês de Pombal), Sebastião José de Carvalho e Melo. Os simulacros das santas mártires Vitória e Eleonora estão localizados em urnas-relicário em talha dourada, de estilo rococó, com aberturas frontal e laterais (sem vidro), sob os altares laterais da capela de Nossa Senhora das Mercês do palácio do marquês de Pombal em Oeiras. O simulacro do santo mártir Burcio está localizado em vitrina própria, embutida na parede da capela-mor.

Embora os quatros corpos santos tenham vindo para Portugal na mesma altura, os aspetos técnico-estilísticos das santas mártires Vitória e Eleonora são claramente distintos dos de são Burcio (e de santa Prima), sugerindo uma possível remontagem em contexto nacional.

Devido às diferenças ao nível dos materiais, das posições e das técnicas empregues na montagem, as santas Vitória e Eleonora serão analisadas em conjunto, seguindo-se o estudo do simulacro de são Burcio.

#### **6.3.2.1. Santas mártires Vitória e Eleonora**

##### **Descrição das peças**

Os simulacros medem  $153 \text{ cm}$  de comprimento x  $30 \text{ cm}$  de altura x  $\sim 50 \text{ cm}$  de largura (santa Vitória) e  $148 \text{ cm}$  de comprimento x  $31 \text{ cm}$  de altura x  $\sim 50 \text{ cm}$  de largura (santa Eleonora). A base das urnas ou leito, onde assentam os corpos, mede apenas  $121 \text{ cm}$  de comprimento, sendo este muito mais

pequeno do que o tamanho dos simulacros. As urnas são também mais pequenas, medindo 147 cm de comprimento x 73,5 cm de altura x 67 cm de largura. Esta particularidade é já um indício de que os simulacros sofreram uma alteração posterior à sua vinda para Oeiras.

À semelhança do simulacro do santo mártir Marciano, os membros superiores (cabeça, pescoço e mãos), resultam do trabalho de ceroplastia. Embora se observem algumas lacunas volumétricas ao nível das mãos (dedos) e uma pequena fratura no pescoço de santa Vitória (lado direito), não existem aberturas que permitam observar as relíquias no interior. À semelhança, também, do simulacro de são Marciano, as vestes das santas Vitória e Eleonora distinguem-se da indumentária à romana das virgens mártires, observando-se, maioritariamente, peças do traje civil feminino.



**Fig. 118** – Fotografia geral do simulacro do corpo da santa mártir Vitória, capela do palácio do marquês de Pombal, Oeiras (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

O simulacro do corpo da santa mártir Vitória apresenta-se em posição jacente para o lado direito, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado esquerdo e assente sobre duas almofadas. Os braços apoiam no leito e acompanham o tronco. Com os cotovelos fletidos, os antebraços assentam sobre a cintura, o esquerdo ligeiramente mais acima que o direito. As mãos estão abertas, com os dedos ligeiramente dobrados e afastados entre si. Sobre as coxas, na diagonal, observa-se a folha de palma anexa a um pequeno ramo floral. A palma é comprida e sinuosa, forrada com tecido verde-escuro,

enquanto o ramo é composto por lâminas e fios metálicos, entrelaçados entre si, e flores policromas (branco, amarelo, laranja e azul), de aspeto brilhante ou acetinado. As pernas seguem o prolongamento do corpo e os pés pendem fora da urna, pela abertura lateral<sup>427</sup>. Os elementos que compõem o ramo de flores são similares aos que decoram a coroa da santa, de estilo imperial. Esta é profusamente decorada com lâminas e fios metálicos dourados e prateados, de diferentes feitios e entrelaçados entre si, e pequenas flores policromas (beges, amarelos, laranjas e azuis), de aspeto brilhante ou acetinado (figs. 119 e 120).

O rosto, de tom alaranjado, é composto por uma máscara de cera. O rosto possui uma aparência jovem e feminina, ligeiramente mais arredondado que o de santa Eleonora, com queixo saliente, lábios pequenos e cerrados, nariz fino e proeminente, e olhos fechados. As pestanas e sobrancelhas são sugeridas pela aplicação de pelos, de tonalidade castanho-claro a escuro, no entanto estes são visíveis apenas no olho esquerdo (mais próximo do observador)<sup>428</sup>. O cabelo, aparentemente natural, de tom castanho-acinzentado, consiste numa peruca, sendo esta visível no lado esquerdo do rosto (fig. 119).



**Figs. 119 e 120** – Fotografias de pormenor do rosto e da coroa do simulacro da santa mártir Vitória. © Joana Palmeirão

De dentro para fora, o simulacro veste meias justas de malha, de tom rosa alaranjado (salmão) com padrões florais e vegetalistas bordados a prata (lâminas, fios laminados e fios crespos). Por cima,

---

<sup>427</sup> Recorde-se que as urnas das santas Vitória e Eleonora são abertas na frente e nas laterais, sem faces envidraçadas.

<sup>428</sup> Pela observação atenta do olho direito, tudo indica que os pelos das pestanas e sobrancelhas foram retirados (arrancados?), uma vez que são visíveis as pequenas concavidades onde teriam sido originalmente inseridos.

observa-se um vestido, composto por uma saia e mangas compridas. Todo o vestido é em tecido de cetim liso, de tom amarelo-claro, com motivos florais e vegetalistas bordados a ouro (lâminas, fios laminados, fios crespos, canotilhos, etc.) (fig. 121). Os punhos das mangas, em “V”, são rematados por um pequeno galão de renda dourado (~2,5 cm de largura máxima). Sobre o vestido, em particular na zona das coxas e pernas, observa-se uma saia larga e comprida, de tom rosa-amarelado<sup>429</sup>. O tecido é liso e as bordas são rematadas pelo mesmo galão de renda dourado identificado nas mangas (punhos) do vestido. Observa-se ainda um corpete de cor azul-celeste, com efeito moiré<sup>430</sup>, ajustado ao busto e fechado desde o pescoço até à bacia, com dois recortes laterais de formato triangular. As mangas terminam pouco abaixo dos cotovelos com um tecido (tafetá) de tom banco-acinzentado, listrado e bordado (listras opacas intercaladas por listras transparentes bordadas com padrões florais), e com remates ondulados em renda, seguido do mesmo galão de renda dourado identificado nas mangas do vestido. Todo o corpete é profusamente decorado com galões de renda dourada de diferentes larguras e lantejoulas fixas ao tecido com alfinetes metálicos de cabeça redonda (fig. 122). Os elementos metálicos estão dispostos em “V” ao longo do peito, desde os ombros até à bacia. Os sapatos, de estilo vitoriano, combinam com o vestido, quer a nível do tecido de base, quer a nível do bordado direto a ouro. Estes são rasos e decorados no dorso do pé com um laço bordado a prata, formando padrões florais estilizados. Este, por sua vez, combina com as meias pelo tom rosado (embora desvanecido). Por fim, um manto em tecido liso, de tom azul-esverdeado<sup>431</sup>, estende-se dos ombros até aos pés. O manto não envolve o corpo, sendo visível apenas na parte frontal da urna, junto ao corpo e caído. O tecido do manto é rematado nas bordas por dois galões de renda dourados que resultam, cada um, da união de dois galões mais pequenos

---

<sup>429</sup> O avesso da saia é forrado, do joelho para baixo, com um tecido grosso (tafetá de linho ou estopa?). Este foi cosido manualmente ao tecido da saia por meio de pontos de alinhavo curtos cruzados com pontos de alinhavo longos. No avesso, o tecido da saia apresenta a sua cor original, de cor salmão ou rosa alaranjado.

<sup>430</sup> Moiré – *Termo usado para descrever os têxteis, que receberam um tipo de acabamento por pressão a quente, a fim de lhes proporcionar um efeito visual brilhante e ondulado. // Efeito de acabamento, que cria superfícies sobre as quais a luz se reflete de forma diferente* (M. P. da Costa, 2020, p. 88).

<sup>431</sup> Esta tonalidade advém do seu estado de degradação muito avançado. Por comparação com o avesso do tecido, a cor original do manto seria igual à do corpete.

– cosidos, lado a lado, com fio amarelo, no tecido do manto (fig. 123). Observa-se, ainda, por toda a indumentária, uma quantidade elevada de alfinetes metálicos e fios têxteis brancos e amarelos, como sistema de fixação dos têxteis e passamanes.



**Figs. 121, 122 e 123** – Fotografias de pormenor da indumentária (vestido, corpete e manto) do simulacro da santa mártir Vitória. © Joana Palmeirão

Na cabeça, sob a coroa, observa-se um lenço de tafetá branco-acinzentado que cobre parcialmente a cabeça. O mesmo ter-se-á desprendido, uma vez que deixa a descoberto, no lado esquerdo do rosto, os sistemas de montagem da máscara de cera e de fixação da peruca. As duas almofadas estão forradas com damasco carmesim com decoração vegetalista e rematadas com galões de renda dourada. O leito é forrado com o mesmo tecido das almofadas.



**Fig. 124** – Fotografia geral do simulacro do corpo da santa mártir Eleonora, capela do palácio do marquês de Pombal, Oeiras (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF | DGPC)

O trabalho em cera, a posição e a indumentária do simulacro da santa Eleonora são muito similares ao da santa Vitória. O da santa Eleonora está em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto voltado para cima. Os cotovelos apresentam-se fletidos e as mãos apoiam sobre a cintura pélvica, a direita ligeiramente mais abaixo que a esquerda. Sobre o braço esquerdo, paralelos ao tronco, observam-se a folha de palma e o ramo de flores.

Quanto às vestes de santa Eleonora, observam-se as mesmas peças de indumentária identificadas na santa Vitória – meias, sapatos (figs. 125 e 126), vestido, saia, corpete e lenço na cabeça (fig. 127) –, embora com diferenças ao nível das cores dos tecidos, dos padrões e cores dos bordados, e dos feitios dos passamanes metálicos.



**Figs. 125, 126 e 127** – Fotografias de pormenor da indumentária (meias, sapatos e lenço) do simulacro da santa mártir Eleonora. © Joana Palmeirão

O vestido da santa Eleonora é composto por tecido liso, de tom creme, bordado a prata (lâminas, fios metálicos, fios crespos, canotilhos, etc.), com motivos florais e vegetalistas de grande riqueza. Os punhos das mangas, em “V”, são rematados por dois galões de renda dourada unidos por pontos de costura (8 cm de largura máxima). O mesmo galão é visível nas restantes peças do vestuário: corpete (peito e mangas), manto e saia (extremidades). A saia aparenta um tom branco-pérola, enquanto o corpete e o manto apresentam uma tonalidade rosa-amarelada<sup>432</sup>. Todo o corpete é profusamente decorado com galões de renda dourada de diferentes larguras e lantejoulas, à

---

<sup>432</sup> Pela observação do avesso dos tecidos (protegido da incidência da luz), a cor seria originalmente igual à das meias (rosa alaranjado ou salmão).

semelhança do corpete da santa Vitória. Por fim, o lenço envolve a cabeça, deixando entrever apenas um pouco do cabelo na testa e no lado direito do rosto (fig. 127).

### Exame visual

A observação macroscópica dos simulacros das santas Vitória e Eleonora permitiu, numa primeira análise, concluir que os tecidos, passamanes, padrões, cores, posição e montagem são claramente semelhantes entre si. Em contrapartida, estes elementos são muito díspares dos aspetos técnico-estilísticos dos simulacros de são Burcio (veja-se *infra*) e de santa Prima<sup>433</sup>, como já referido. Arrisca-se mesmo a afirmar que os primeiros terão sido (re)montados na mesma oficina (e na mesma altura) e, muito provavelmente, em território nacional. Além disso, a presença de uma coroa de estilo imperial no simulacro de santa Vitória (reveja-se figs. 119 e 120), torna-o num caso raro, considerando que os simulacros das santas virgens mártires, de produção italiana, não se faziam acompanhar deste adorno. Crê-se, por isso, tratar-se de uma imposição do cliente, mais do que uma característica do artífice.

O exame visual do simulacro de santa Vitória permitiu identificar uma fratura no pescoço (lado direito), assim como o sistema de montagem do rosto e da peruca, devido ao desprendimento do lenço da cabeça<sup>434</sup>. Ao contrário do rosto de são Marciano, os rostos de santa Vitória e de santa Eleonora consistem numa máscara em cera (meio-vulto e vazada). Esta foi fixa a um tecido grosso (estopa<sup>435</sup>), que reveste o pescoço, por meio de fio grosso e cera, como exemplificado na fig. 128. O mesmo sistema foi identificado no rosto de santa Eleonora, embora sem recurso à cera (fig. 129).

---

<sup>433</sup> Apesar do simulacro da santa mártir Prima não ter sido alvo de um estudo analítico, à semelhança dos casos aqui apresentados, as diferenças são imediatamente perceptíveis por comparação visual (reveja-se fig. 2 (parte I) ou consulte-se ficha de inventário n.º 7).

<sup>434</sup> O desprendimento do lenço e a inclinação do rosto poderão ser consequência da fratura do pescoço, aliada ao peso da coroa na cabeça. Neste sentido, o rosto poderia estar originalmente voltado para cima, à semelhança do que se observa no simulacro de santa Eleonora.

<sup>435</sup> Tecido em tafetá produzido com a parte mais grosseira do linho, a qual é eliminada durante a penteação da fibra (M. P. da Costa, 2020).

A peruca resulta de um sistema complexo de montagem em que pequenas mechas de cabelo são costuradas a um suporte têxtil, como se observa nas figs. 130 e 131.



**Figs. 128 e 129** – Fotografias de pormenor da montagem da máscara de cera da santa Vitória (esquerda) e da santa Eleonora (direita). © Joana Palmeirão



**Figs. 130 e 131** – Fotografia de pormenor da peruca da santa Vitória (esquerda) e imagem do sistema de montagem obtida por Dino-Lite (direita). © Joana Palmeirão e Margarida Nunes

Além das lacerações extensas, em especial nos mantos e saias, e da descoloração acentuada dos tecidos em ambos os simulacros (figs. 123, 125 e 132), foram ainda identificadas patologias no rosto e membros superiores (cera): fendas, fraturas e perdas volumétricas (dedos), e manchas esbranquiçadas superficiais de aparência pulverulenta (figs. 133 e 134).



**Figs. 132, 133 e 134** – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor das lacerações e perdas volumétricas (santa Vitória), e das manchas esbranquiçadas na cera do rosto (santa Eleonora).

### **Exame radiográfico**<sup>436</sup>

O método de montagem dos simulacros das santas mártires Vitória e Eleonora é muito similar entre si. Em nenhum dos exemplares foi identificada uma estrutura metálica interna e a maioria dos ossos está disposta de forma desordenada, sem respeito pela posição anatómica. Também não foram detetados ossos nas mãos e nos pés.

Quanto ao simulacro da santa Vitória, a leitura das imagens radiográficas permite concluir que se trata de um esqueleto incompleto e desorganizado, em particular na região toracoabdominal (figs. 135 e 136). Nesta, além de alguns ossos de difícil identificação (provavelmente algumas costelas e vertebrae), destacam-se: uma omoplata, uma vertebra, um perónio e dois úmeros fraturados. Em contrapartida, a parte superior do crânio, o úmero esquerdo, os dois fêmures e ambas as tíbias foram colocados corretamente, embora com ligeiras torções. Estas torções podem ser justificadas pela ausência de um sistema de fixação interno como uma rede metálica e/ou arames no interior dos ossos. Na cabeça, a mandíbula não existe e o posicionamento da parte superior do crânio<sup>437</sup> não

---

<sup>436</sup> Para o exame radiográfico foram retiradas as portadas envidraçadas frontais dos altares, de modo a evitar possíveis interferências de leitura. Os simulacros mantiveram-se dentro das urnas e nos respetivos locais de exposição.

<sup>437</sup> Na qual se incluem: o osso occipital; a abóbada superior (não registada devido à sobreposição da urna); os ossos do nariz; o osso zigomático e o maxilar superior. Neste, observa-se o dente do siso direito (ainda incluso?), um dente molar e as raízes dos restantes dentes, os quais, muito provavelmente, terão sido partidos após a morte.

respeita a orientação da máscara de cera<sup>438</sup>.



**Fig. 135** – Radiografia frontal do simulacro do corpo da santa mártir Vitória (após montagem e edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

À parte da estrutura e da disposição dos ossos, os bordados, passamanes, lantejoulas e alfinetes, assim como o sistema de fixação da palma e do ramo de flores foram igualmente registados, evidenciando o rico trabalho dos bordados e das rendas de bilros, e confirmando a utilização profusa de alfinetes como sistema de fixação das lantejoulas, em particular na zona do peito (corpete) (fig. 136).



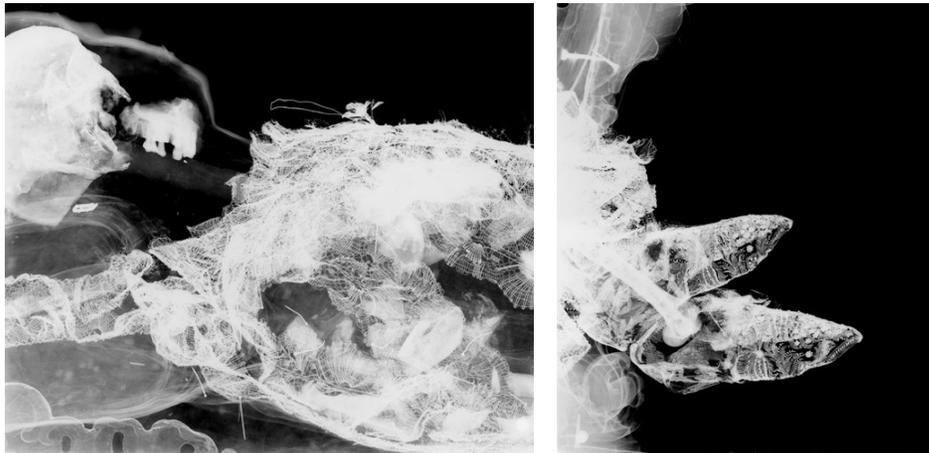
**Fig. 136** – Radiografia parcial e frontal do peito, onde é evidenciado o trabalho dos passamanes e a aplicação profusa de alfinetes (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

---

<sup>438</sup> Note-se que a máscara de cera terá, provavelmente, inclinado para o lado esquerdo devido à fratura existente no pescoço (reveja-se nota n.º 434).



**Fig. 137** – Radiografia frontal e parcial do simulacro do corpo da santa mártir Eleonora (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)



**Figs. 138 e 139** – Radiografias parciais e frontais do rosto e da região toracoabdominal (esquerda), e dos pés (direita) do simulacro do corpo da santa mártir Eleonora. © Luís Piorro (LJF|DGPC)

O simulacro da santa Eleonora contém um esqueleto muito incompleto e em posição não fisiológica. Embora seja possível identificar a abóbada craniana, os ossos do nariz, parte da maxila (?) com oito a nove dentes e ambos os fêmures, todos os ossos estão fraturados. Os restantes ossos, depositados na região toracoabdominal, estão muito danificados, o que inviabiliza a sua identificação (à exceção de um dente) (figs. 137 e 138). No calcânhar direito observa-se a extremidade inferior do fémur (os côndilos femurais), que deveriam estar no joelho pois, fazem parte da articulação deste, sendo notório o desvio do posicionamento anatómico dos ossos (fig. 139). O mesmo se aplica à cabeça de um dos fêmures (extremidade superior), a qual está posicionada em direção ao joelho, quando deveria encaixar na bacia (figs. 137 e 140), ou à maxila (rosto), que

está em posição lateral (figs. 137 e 138). Apesar da abóbada craniana se encontrar no local correspondente, também esta não respeita o posicionamento da máscara de cera.

Sobre o peito foi também registada a estrutura de suporte da palma e do ramo de flores (lâminas metálicas e arames). Na zona das coxas foram ainda detetados pequenos arames soltos, todavia sem ligação direta aos ossos (fémures) (fig. 140). De igual modo, foram registados os passamanes, as lantejoulas e os alfinetes; os primeiros interferem, inclusive, com a leitura das radiografias nas zonas do peito, bacia e joelhos.



**Fig. 140** – Radiografia parcial das coxas, onde se observam pequenos arames delgados. © Luís Piorro (LJF|DGPC)

O registo radiográfico veio, assim, confirmar as ilações aquando da inspeção visual, uma vez que a ausência de uma estrutura metálica interna, aliada à disposição desordenada dos ossos no interior, não corresponde ao processo de montagem de *corpi santi*, segundo o modelo italiano.

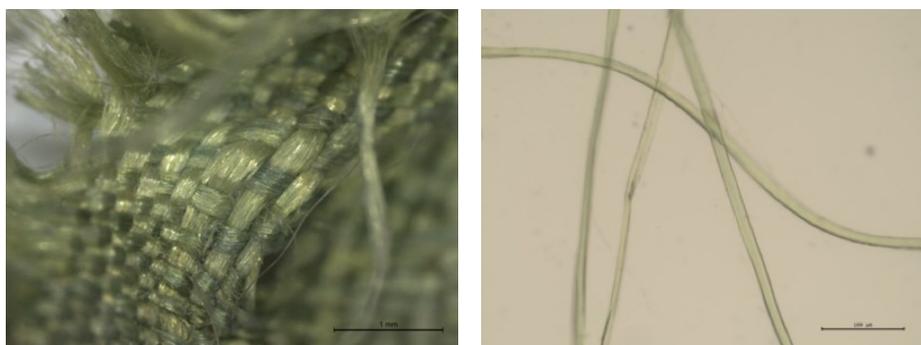
### **Amostragem**

Um total de cinquenta e cinco amostras foram recolhidas dos simulacros das santas Vitória e Eleonora, em particular do rosto, das vestes (tecidos) e dos elementos metálicos (passamanes e alfinetes), incluindo amostras dos elementos exteriores, em particular das almofadas, da coroa e dos atributos (folha de palma e ramo de flores).

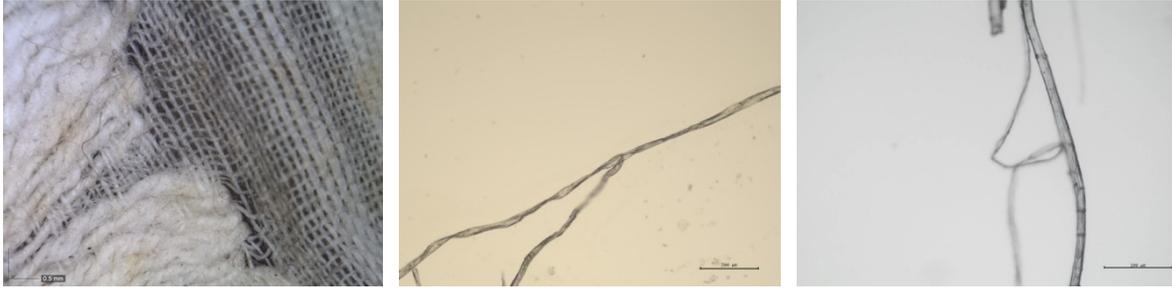
Devido às semelhanças nos resultados do estudo analítico de ambos os simulacros, optou-se pela combinação de ambas as amostragens, a fim de evitar a repetição de resultados, perfazendo um total de dezassete amostras. A compilação de todos os resultados pode ser consultada na tabela VII-B (Apêndice VII).

### **Fibras têxteis, papel e corantes**

À exceção das amostras E21 (enchimento fibroso), V20 (tecido do lenço), V17 (tecido bordado da manga do corpete), E3 (pétala do ramo de flores) e V5 (pétala da coroa), as restantes fibras têxteis analisadas por microscopia de campo escuro e de campo claro – tecidos do corpete, da saia, do manto, da almofada e da palma –, foram identificadas como seda (figs. 141 e 142). O enchimento (amostra E21), tal como no simulacro de São Marçiano, foi identificado como algodão, pela observação da estrutura característica da fibra (achatada e torcida). Por sua vez, as amostras dos tecidos do lenço (V20) e da manga do corpete (V17) resultam da combinação de fibras de algodão com fibras de linho/cânhamo (Figs. 143–145).



**Figs. 141 e 142** – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do tecido da palma (E14), obtidas ao microscópio estereoscópico (23x) e ao microscópio de campo claro (200x). © Joana Palmeirão



**Figs. 143, 144 e 145** – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do tecido bordado do corpete (V17), obtidas por Dino-Lite e ao microscópio de campo claro (100x e 200x). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão



**Figs. 146, 147, 148 e 149** – Da esquerda para a direita: imagens das amostras das pétalas da coroa (V5) e do ramo de flores (E3), obtidas ao microscópio estereoscópico (12,5x e 7,8x). © Joana Palmeirão



**Figs. 150 e 151** – Imagens da amostra da pétala do ramo de flores (E3) obtidas ao microscópio estereoscópico (20x) e ao microscópio de campo claro (100x). © Joana Palmeirão

As pétalas da coroa da santa Vitória (amostra V5) e do ramo de flores da santa Eleonora (amostra E3) foram previamente identificadas ao microscópio estereoscópico como papel corado e de aspeto lustroso à superfície, possivelmente encerado (figs. 146–149). O processo de fabrico do papel (o qual terá sido prensado), dificultou a separação das fibras, sem as danificar, para análise ao

microscópio. Não obstante, foi possível identificar uma combinação de fibras vegetais (figs. 150 e 151).

O resultado foi confirmado por ATR-FT-IR (tabela 6). Nos espectros de ambas as amostras foram identificadas as bandas características da celulose<sup>439</sup>, na região entre os 850-1500 cm<sup>-1</sup> (impressão digital da celulose), a par das bandas atribuídas à vibração das moléculas de água (grupos O–H e H–O–H) aos ~3300  $\nu$ (O–H) e ~1630 cm<sup>-1</sup>  $\delta$ (H–O–H), respetivamente, e a banda aos 2930 cm<sup>-1</sup>, relativa à vibração de estiramento da ligação C–H (Manente, Micheluz, Ganzerla, Ravagnan, & Gambaro, 2012; Proniewicz, Paluszkiwicz, Weselucha-Birczyńska, Barański, & Dutka, 2002). As bandas de absorção aos 1415 cm<sup>-1</sup> e aos 872 cm<sup>-1</sup> sugerem a presença de carbonato de cálcio na amostra E3 (Manente et al., 2012), sendo a presença deste mais acentuada na frente da pétala (espectro E3.1). Por esta razão, presume-se que o carbonato de cálcio tenha sido utilizado na policromia, possivelmente como pigmento (Calvo, 1997; Gómez González, 2008). Na amostra E3 foram também identificadas as bandas associadas a um material proteico com as vibrações de  $\nu$ (C=O) aos 1637 cm<sup>-1</sup> (amida I); as vibrações de  $\delta$ (N–H) e de  $\nu$ (C–N) aos 1532 cm<sup>-1</sup> (amida II); e as vibrações de estiramento C–N e de deformação N–H da amida III entre os 1300-1200 cm<sup>-1</sup> (Barth, 2007). No mesmo espectro foram ainda detetadas pequenas bandas aos 3692 cm<sup>-1</sup>, aos 522 cm<sup>-1</sup>  $\nu$ (Si–O–Al) e aos 467 cm<sup>-1</sup>  $\delta$ (Si–O–Si), as quais sugerem a presença de caulinita (aluminossilicato)<sup>440</sup> (Proniewicz et al., 2002).

Tendo em conta a vasta utilização do caulino na indústria do papel, este mineral poderá ter sido utilizado: (1) como material de enchimento ou carga (*paper filler*) e, por isso, adicionado à pasta de fibras celulósicas durante o processo de produção do papel ou, (2) como revestimento superficial final (*coating*) (Bundy & Ishley, 1991; Hubbe & Gill, 2016). Além de melhorar as propriedades físicas e estéticas do papel, o caulino permitia reduzir os custos de produção (Bundy & Ishley, 1991).

---

<sup>439</sup> A celulose é um polímero natural de cadeia longa composto por moléculas de  $\beta$ -D-glicose (polissacarídeo), abundante nas paredes celulares das fibras vegetais (Tímár-Balázsy & Eastop, 1998).

<sup>440</sup> O mineral caulinita  $\text{Al}_4[\text{Si}_4\text{O}_{10}](\text{OH})_8$  é o constituinte principal do caulino (argila, *China clay*), sendo este frequentemente utilizado na produção de cerâmica, papel e pintura (Eastaugh et al., 2008).

Segundo Wayne Bundy e Joseph Ishley (1991), a introdução do caulino como carga data do início do século XIX, enquanto a sua aplicação como revestimento é mais tardia, datando de finais do século, *ca.* 1870. Martin Hubbe e Robert Gill (2016) referem ainda que o caulino foi a carga dominante na indústria do papel nos inícios do século XX.

Atendendo ao facto de que não foi possível estabelecer uma correspondência entre as fibras da amostra E3 com as fibras tradicionais (seda, algodão, linho/cânhamo), e tendo em conta os resultados obtidos por ATR-FT-IR, assim como a datação do caulino na indústria do papel (século XIX), crê-se que as fibras vegetais identificadas sejam de fibras de madeira<sup>441</sup>.

Apesar do aspeto encerado de ambas as pétalas, as bandas características da cera natural foram identificadas apenas na amostra V5<sup>442</sup> (tabela 6). No espectro observam-se as vibrações por estiramento assimétricas e simétricas das cadeias alifáticas C–H, aos 2930 e 2862  $\text{cm}^{-1}$ , respetivamente, a banda da vibração por deformação C–H do tipo “tesoura” aos 1436  $\text{cm}^{-1}$  e a banda relativa à deformação do grupo  $\text{CH}_2$  das cadeias alifáticas aos 781  $\text{cm}^{-1}$ . A banda que se verifica aos 1154  $\text{cm}^{-1}$  poderá corresponder à vibração por estiramento dos grupos éster e ácidos gordos livres.

Perante os resultados apresentados aponta-se para a hipótese de o ramo de flores (amostra E3) ter sido produzido e colocado junto ao simulacro da santa mártir Eleonora após a sua vinda para Portugal<sup>443</sup>. Devido às semelhanças com o ramo de flores do simulacro da santa mártir Vitória (figs. 152 e 153), poder-se-á assumir o mesmo para este. Estas evidências não só são de grande pertinência para o estudo em questão, como vão ao encontro das suspeitas iniciais (também validadas pelo exame radiográfico), de que ambos os simulacros sofreram uma alteração, adição ou, até mesmo, uma reconstrução (total ou parcial) posterior. Tais suposições coincidem ainda com as que surgiram

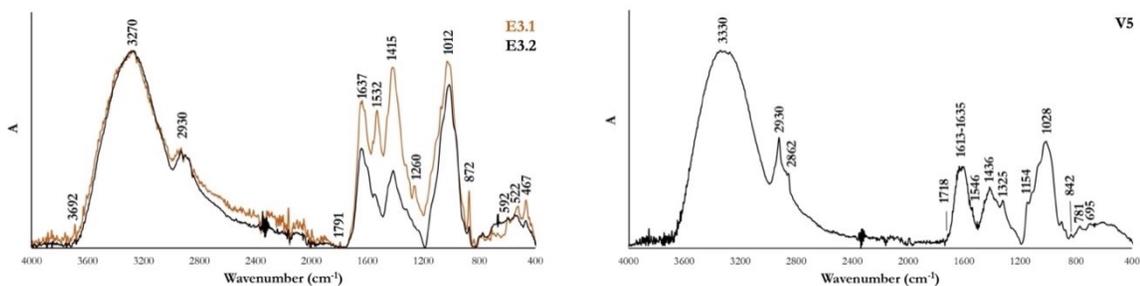
---

<sup>441</sup> Reveja-se, *supra*, nota n.º 399.

<sup>442</sup> Anna Pfeiffer, na sua tese de 2005, também referiu a presença de flores de papel de aspeto acetinado nos exemplares analisados. Embora a autora não tenha realizado análises que confirmassem a sua composição, Pfeiffer atribuiu a possibilidade de este acabamento ter sido obtido mediante a aplicação de uma fina camada de cera ou goma de tragacanto.

<sup>443</sup> Recorde-se que a data provável de chegada dos corpos santos de Roma a Portugal é de 1770.

durante o estudo do simulacro de são Marciano, o que leva a considerar a hipótese de os três exemplares serem de produção tardia (oitocentista) e nacional.



**Tabela 6** – Espectros de FT-IR e bandas de IR identificadas nas amostras E3 e V5. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Descrição	Material	Banda de absorção (cm <sup>-1</sup> )
E3.1	papel corado (frente)	celulose	850-1500 (impressão digital); ~3300 ν(O-H); 2930 ν(C-H); ~1630 cm <sup>-1</sup> δ(H-O-H)
		carbonato de cálcio	1415 ν(CO <sub>3</sub> <sup>-2</sup> ); 872 δ(CO <sub>3</sub> <sup>-2</sup> )
		proteína	1637 ν(C=O); 1532 δ(N-H) e ν(C-N); 1300-1200 ν(C-N) e δ(N-H)
		caulinita	3692, 522 ν(Si-O-Al); 467 δ(Si-O-Si)
E3.2	papel corado (reverso)	celulose	850-1500 (impressão digital); ~3300 ν(O-H); 2930 ν(C-H); ~1630 cm <sup>-1</sup> δ(H-O-H)
		carbonato de cálcio	1415 ν(CO <sub>3</sub> <sup>-2</sup> ); 872 δ(CO <sub>3</sub> <sup>-2</sup> )
		proteína	1637 ν(C=O); 1532 δ(N-H) e ν(C-N); 1300-1200 ν(C-N) e δ(N-H)
		caulinita	3692, 522 ν(Si-O-Al); 467 δ(Si-O-Si)
V5	papel corado (frente)	celulose	850-1500 (impressão digital); ~3300 ν(O-H); 2930 ν(C-H); ~1630 cm <sup>-1</sup> δ(H-O-H)
		cera natural	2930, 2862 ν(C-H); 1436 δ(C-H); 1154 ν(C=O) e ν(C-O); 781 δ(CH <sub>2</sub> )



**Figs. 152 e 153** – Fotografias de pormenor das folhas de palma e dos ramos de flores dos simulacros das santas mártires Eleonora (esquerda) e Vitória (direita). © Joana Palmeirão

A análise por LC-DAD-MS das amostras selecionadas resultou na identificação de corantes naturais, de origem vegetal e animal (tabela 7). Nas amostras com predominância de azul (V14 e V23) foi identificado o índigo ou pastel-dos-tintureiros<sup>444</sup> pela detecção dos compostos de indigotina e indirrubina<sup>445</sup>. O mesmo corante azul foi identificado na amostra da palma (E14), de cor verde-escuro, em combinação com o corante natural amarelo lírio-dos-tintureiros<sup>446</sup> (fig. 154). Este corante foi igualmente identificado no fio de fixação do galão de renda do manto (amostra V22). Por fim, e como observado nos resultados de são Marciano, a cochinha<sup>447</sup>, corante de origem animal, foi identificada no tecido da almofada (amostra V2).

**Tabela 7** – Identificação dos corantes por LC-DAD-MS das amostras selecionadas dos simulacros das santas mártires Vitória e Eleonora. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão

Localização	ID	Cor	Tempo de retenção	Composição	Fonte de corante
Corpete	V14	azul-celeste	23.46	indigotina	índigo ou pastel-dos-tintureiros
			24.09	indirrubina <sup>448</sup>	
	V23	azul-esverdeado	semelhante à V14		índigo ou pastel-dos-tintureiros
Manto	V22	amarelo	14.52	luteolina-di-glucosídeo	lírio-dos-tintureiros (planta <i>Reseda luteola</i> L.)
			15.01	luteolina-di-glucosídeo;	
			15.73	luteolina-glucosídeo	
			16.41	apigenina-glucosídeo	

<sup>444</sup> Os corantes naturais azuis índigo (anil ou indigotina) e pastel-dos-tintureiros distinguem-se entre si pelas espécies vegetais de onde são extraídos – espécies de *Indigofera* e *Isatis*, respetivamente –, assim como pela qualidade do corante, sendo o pastel-dos-tintureiros (planta europeia *Isatis tinctoria* L.), de menor qualidade, por se encontrar em menor concentração. A planta mais comum de extração do índigo é a *Indigofera tinctoria* L., originária da Ásia, em especial da Índia. Independentemente da planta de onde provêm ambos os corantes, a sua extração e preparação é semelhante, sendo o principal constituinte a indigotina (insolúvel em água). Os corantes indigóides são considerados os mais antigos na produção têxtil (M. E. M. de Araújo, 2006; Ferreira et al., 2004; Serrano et al., 2008).

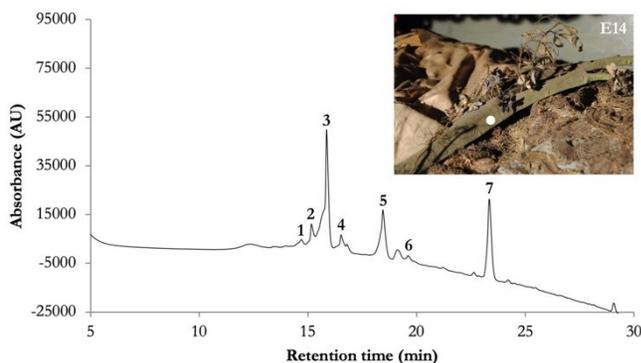
<sup>445</sup> A indirrubina, de cor avermelhada, é consequência de uma reação secundária durante a fermentação dos corantes índigo, a qual lhes confere uma tonalidade roxa/púrpura (Ferreira et al., 2004). Sobre esta substância, Maria Araújo explica: *O corante natural, comercializado com o nome de indigotina, é constituído maioritariamente por índigo e uma pequena percentagem de uma substância de cor avermelhada, a indirrubina, que lhe diminui o valor comercial* (2006, p. 46).

<sup>446</sup> Segundo Maria do Carmo Serrano e coautores, o lírio-dos-tintureiros era frequentemente usado com o corante índigo ou anil quando se pretendia um verde mais brilhante (Serrano et al., 2008). Sobre o lírio-dos-tintureiros reveja-se nota n.º 400.

<sup>447</sup> Sobre a cochinha reveja-se, *supra*, nota n.º 402.

<sup>448</sup> Indirrubina possivelmente identificada pela extração do seu ião molecular no cromatograma TIC; absorbância máxima a ~550 nm.

			18.35	luteolina	
			19.51	apigenina	
Almofada e leiteo	V2	carmesim	14.99	ácido carmínico	cochinilha
			16.02	dcIV	
			16.39	dcVII	
Palma	E14	verde-escuro	14.55	luteolina-di-glucosídeo	lírio-dos-tintureiros
			15.03	luteolina-di-glucosídeo	
			15.74	luteolina-glucosídeo	
			16.43	apigenina-glucosídeo	
			18.40	luteolina	
			19.57	apigenina	
	23.34	indigotina	índigo ou pastel-dos-tintureiros		



**Fig. 154** – Perfil cromatográfico da amostra da palma (E14), no qual se identifica o lírio-dos-tintureiros: 1 e 2 – luteolina-di-glucosídeo, 3 – luteolina-glucosídeo, 4 – apigenina-glucosídeo, 5 – luteolina e 6 – apigenina; e o índigo ou pastel-dos-tintureiros: 7 – indigotina. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão

## Elementos metálicos

Das várias decorações metálicas presentes no simulacro de santa Vitória, foram analisadas por SEM-EDS três tipos de amostras:

- lâminas sólidas,
- lâmina enrolada em espiral na forma de um pequeno canudo ou canutilho,

- fios de secção redonda ou fios de feira<sup>449</sup>.

**Tabela 8** – Caracterização dos elementos metálicos do simulacro da santa mártir Vitória, por SEM-EDS (média dos valores percentuais dos elementos químicos, obtidos a partir do corte transversal dos elementos metálicos). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

ID	Localização	Descrição	Cor	wt. %				Composição	µm	
				Loc. <sup>450</sup>	Au	Ag	Cu			Zn
V9	Corpete (galão de renda)	lâmina	dourado	int.	-	98	2	-	liga de prata dourada	43
				ext.	x	x	-	-		
V16	Vestido (canotilho)	lâmina	dourado	int.	-	95	5	-	liga de prata dourada	65
				ext.	x	x	x	-		
V7	Manto (galão de renda)	lâmina	dourado	int.	-	-	100	-	cobre lateado	28
				ext.	-	-	x	x		
V18	Outros (coroa)	fio de feira	prateado	int.	-	-	100	-	cobre prateado	Ø163
				ext.	-	x	x	-		

Os elementos principais detetados por EDS foram o ouro (Au), a prata (Ag), o cobre (Cu) e o zinco (Zn), puros ou combinados. Embora só tenham sido analisadas quatro amostras (e todas do simulacro de santa Vitória), foram identificadas três combinações metálicas, consoante as percentagens dos elementos químicos detetados: liga de prata dourada (amostras V9 e V16); cobre prateado (amostra V18), e cobre lateado (amostra V7). Os resultados das quatro amostras estão reunidos na tabela 8<sup>451</sup>. Todas as combinações são características da produção de lâminas e fios laminados aplicados em têxteis históricos (Ferrazza & Gertrudis Jaén, 2010; Járó, 2003, 2009; Karatzani, 2012; Tímár-Balázs & Eastop, 1998).

<sup>449</sup> Os dois fios de feira foram amostrados do interior de um canotilho dourado da coroa e estavam enrolados um no outro.

<sup>450</sup> Localização da análise: interior (núcleo) ou exterior (revestimento).

<sup>451</sup> Nesta constam: a identificação e localização das amostras; a sua descrição (lâmina ou fio de feira); a cor (dourado ou prateado); a percentagem dos elementos químicos detetados por EDS e a respetiva composição das lâminas e fios de feira e, por fim, a espessura (µm) ou diâmetro dos elementos analisados.

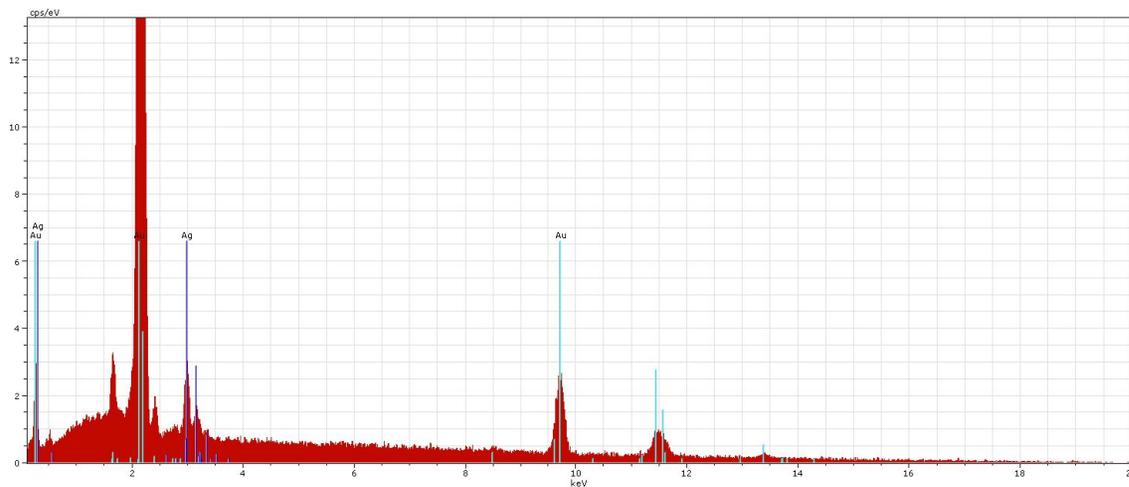
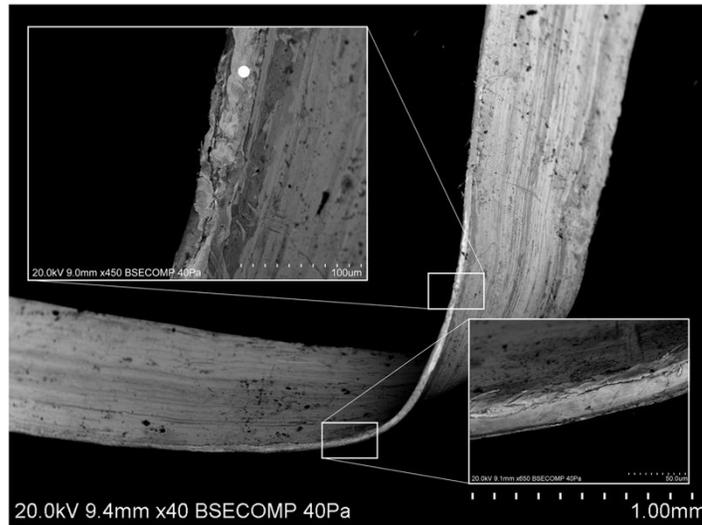
A análise por EDS da seção transversal das lâminas do galão de renda do corpete (amostra V9) e do canotilho (amostra V16), permitiu identificar um núcleo à base de uma liga de Ag e Cu (sendo a Ag o elemento maioritário), e um revestimento à base de ouro (Au) (figs. 155–157). Em ambas as amostras foi identificado douramento a toda a volta (técnica *cast, drawn and rolled*).



**Figs. 155, 156 e 157** – Da esquerda para a direita: imagens do bordado a ouro do vestido onde se observa a aplicação de canotilhos e da amostra do canotilho (V16), obtidas por Dino-Lite e por microscopia estereoscópica (20x), e imagem SEM (BSE) da mesma amostra, na qual é visível o douramento a toda a volta (técnica *cast, drawn and rolled*). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

A maior percentagem de Cu na liga (5%, wt – tabela 8) é, provavelmente, responsável pelo aspeto oxidado que o canotilho apresenta que, aliada ao desgaste do revestimento superficial a Au permitiu a exposição da liga à humidade atmosférica e a poluentes gasosos, favorecendo a sua oxidação e a combinação do Cu em diferentes compostos, responsáveis pela cor escura.

A amostra V9 foi, também, analisada no sentido longitudinal. O espectro de EDS confirmou a presença de um revestimento a Au (figs. 158–159). Foram igualmente identificadas, por SEM, estrias paralelas orientadas longitudinalmente (fig. 158). Quanto à origem destas estrias, as opiniões divergem. Enquanto alguns autores defendem que elas resultam da passagem dos fios trefilados por rolos – processo associado à técnica de manufatura *cast, drawn and rolled* (Hacke et al., 2004; Marincas & Erlach, 2012; Muros, Wärmländer, Scott, & Theile, 2007) –, outros defendem que as estrias são características do processo de douramento eletroquímico ou eletrolítico conhecido como galvanização (ou galvanoplastia), o qual implicava o douramento individual das lâminas depois do corte, e se inclui nos métodos de douramento “a frio” (Ferrazza & Gertrudis Jaén, 2010). Perante a irregularidade das estrias aponta-se uma outra hipótese: de estas serem resultado da fricção das lâminas umas nas outras, durante o processo de tecelagem.



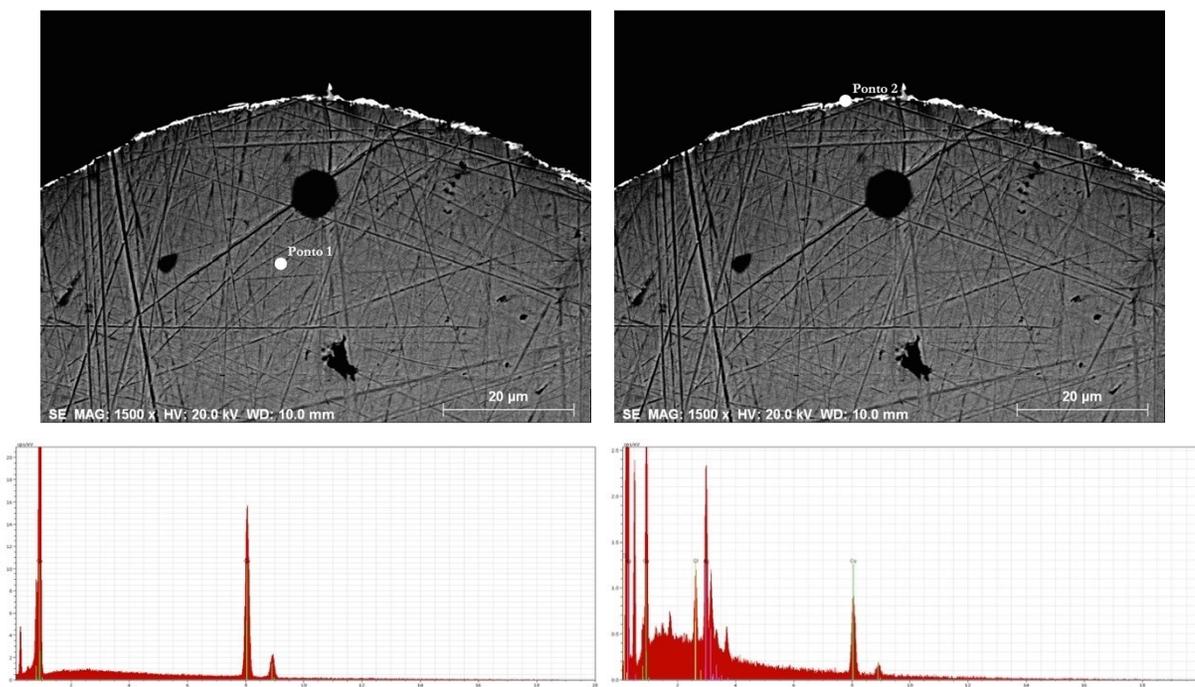
**Figs. 158 e 159** – De cima para baixo: imagem SEM (BSE) da amostra V9, na qual é visível o douramento a toda a volta (técnica *cast, drawn and rolled*) e a presença de estrias longitudinais, e espectro de EDS da análise pontual da mesma amostra (ponto branco). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

A lâmina do galão de renda do manto (amostra V7), apesar da sua tonalidade dourada, foi identificada como cobre lateado. Segundo os espectros de EDS, o núcleo metálico de Cu puro foi revestido com latão (liga de Cu e Zn). Por fim, os fios de fieira da coroa (amostra V18) foram identificados pelos espectros de EDS como cobre prateado<sup>452</sup>: um núcleo de Cu puro com

---

<sup>452</sup> O uso de cobre ou liga de cobre prateado em lâminas e fios metálicos remonta ao século XVI e manteve-se até ao século XX (Járo, 2003). O seu uso estava destinado a pessoas com menos posses, chegando a ser proibido em alguns

revestimento a Ag (figs. 160 e 161). As lâminas de cobre prateado eram produzidas à semelhança das lâminas de prata dourada<sup>453</sup>.



**Figs. 160 e 161** – De cima para baixo: imagens SEM (BSE) e espectros de EDS do núcleo de Cu (ponto 1 – 100%) e do prateamento a toda a volta do fio de feira (amostra V18). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

### Outros elementos: cera e cabelo

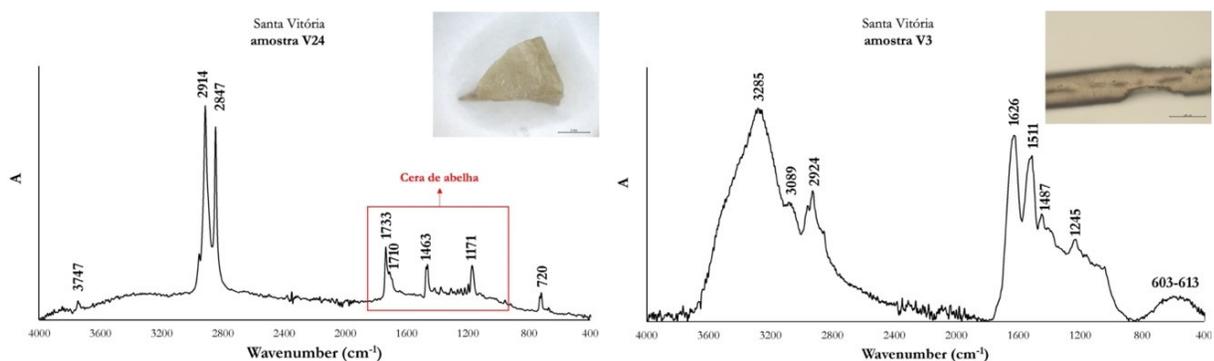
Os espectros de FT-IR das amostras de cera (V24) e do cabelo (V3) do simulacro de santa Vitória são muito semelhantes aos do simulacro de são Marciano. O perfil cromatográfico (Py-GC-MS) da amostra V24 mostrou-se, também, compatível com a presença de cera de abelha (fig. 162). A

---

países por ser considerado uma “fraude” (Járó & Tóth, 1991; Karatzani, 2012). A utilização de cobre implicava um custo de produção mais baixo pela ausência de metais nobres na composição ou pela aplicação destes em percentagens residuais, normalmente como revestimento (cobre prateado ou dourado) (Karatzani, 2012).

<sup>453</sup> Atente-se, acima, à informação sobre as técnicas de produção de lâminas e fios laminados durante a discussão dos resultados do simulacro do santo mártir Marciano.

observação ao microscópio de campo claro da amostra V3 confirmou, igualmente, a presença de pelo humano, quer pela aparência da cutícula (escamadas curtas, achatadas e não circundantes), quer pela estrutura do núcleo (opaco e fragmentado) (fig. 163).



**Figs. 162 e 163** – Da esquerda para a direita: espectros de FT-IR das amostras de cera do rosto (V24) e do cabelo (V3) do simulacro da santa Vitória, os quais registam as bandas características de cera de abelha e de resíduos de lípidos, amidas e cistinas, respetivamente (compare-se com os espectros de são Marciano, figs. 113 e 117). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

### 6.3.2.2. Santo mártir Burcio



**Fig. 164** – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Burcio, capela do palácio do marquês de Pombal, Oeiras (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF | DGPC)

#### Descrição da peça

O simulacro do corpo do santo mártir Burcio mede 126 cm de comprimento e 48 cm de altura (manto incluído). Apresenta-se deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o corpo e o rosto virados para o observador. O rosto e o cabelo de são Burcio consistem numa máscara em tecido moldado, aparentemente não pintado. Em contrapartida, as mãos vestem luvas de renda metálica e os antebraços, pernas e pés estão envolvidos por gazes com padrões vegetalistas, à semelhança do simulacro de santo Aurélio (J. Palmeirão, 2015). Devido ao espaçamento das rendas e à transparência das gazes é possível observar as relíquias no interior.

A cabeça assenta sobre uma almofada alta. Os braços acompanham o tronco: o esquerdo (incluindo o antebraço e a mão) estão completamente esticados, enquanto o direito apresenta-se fletido, com o antebraço e a mão encostados à cintura. A mão está fechada e segura uma folha de palma

comprida, forrada de tecido verde, e um pequeno ramo de flores policromas (figs. 165 e 166), semelhantes às flores dos ramos das santas mártires. Os joelhos estão fletidos e as plantas dos pés (solas) encostam ao fundo da vitrina.

O rosto, em tecido, de tom creme, não apresenta evidências de ter sido pintado. Possui uma aparência jovem e imberbe com nariz proeminente, boca ligeiramente aberta e pálpebras fechadas (fig. 167). O cabelo é sugerido pela modelagem do tecido do rosto tratando-se, por isso, da continuação deste. Pequenos aglomerados de papel no topo da testa, aliados à presença de uma estrutura metálica envolvida em papel verde sugerem a existência, no passado, de uma coroa de flores (em papel policromo) (fig. 168). Observa-se ainda a parte posterior do crânio, visivelmente fraturado e revestido com a mesma gaze decorativa aplicada nos braços e nas pernas (fig. 169). Uma auréola em fio de metal (arame grosso), repousa sobre a almofada e o leito (junto ao crânio) (fig. 169). Esta estaria originalmente levantada, em redor da cabeça, como atributo de santidade.



**Figs. 165 e 166** – Fotografias de pormenor da folha de palma e do ramo de flores do simulacro do santo mártir Burcio. © Joana Palmeirão



**Figs. 167, 168 e 169** – Fotografias de pormenor da cabeça do simulacro do santo mártir Burcio. Na fig. 168 assinalam-se os pequenos aglomerados de papel (círculos brancos). © Joana Palmeirão

Como observado anteriormente, o simulacro de São Burcio veste traje de soldado ou legionário romano. Este é identificável a partir de cinco elementos principais (D'Amato & Sumner, 2005; Sumner, 2002):

- túnica de manga curta, com saia até ao joelho (*tunica militaris*);
- armadura de torso (*lorica*)<sup>454</sup>;
- subarmadura (*subarmilis*)<sup>455</sup> sem mangas, na forma de tiras largas e compridas (*pteruges* ou *pteryges*) sobre a túnica (ombros, braços e coxas);
- cáligas ou sandálias militares de couro (*caligae*);
- manto ou capa militar.

Além destes elementos observam-se calções compridos, camisa (sob a túnica), meias (sob as cáligas) e um par de luvas calçadas.

A túnica consiste num tafetá de seda lavrada creme com decoração espolinada a fio de seda policroma (amarelo, verde-claro, verde-escuro, bege, salmão, rosa, vermelho, bordeaux, castanho, preto) e fio metálico dourado, numa composição profusa de flores, folhas e ramagens. As extremidades da túnica (mangas e saia) são rematadas por galão de renda dourada (4,5 cm de largura máxima) com motivos serpenteantes e geométricos estilizados (fig. 170). A armadura assemelha-se a um gibão sem mangas com a borda inferior ondulada. Caracteriza-se por um tafetá de seda lavrada azul-celeste com decoração espolinada a lâmina, fio laminado e fio crespo de metal prateado, formando grandes motivos florais e vegetais que se repetem. O gibão é rematado nos ombros e na bacia por dois galões tecidos pequenos e dourados (2 cm de largura), com decoração em ziguezague. Nas áreas de ondulação da extremidade inferior observam-se dois pequenos passamanes circulares, tecidos a fio de seda e fio metálico dourado (figs. 171 e 172). Do gibão

---

<sup>454</sup> As armaduras de torso eram variadas, dependendo do feitiço utilizado: *lorica segmentata* (armadura segmentada com tiras largas de metal), *lorica hamata* (armadura de malha), *lorica squamata* (armadura de escama), entre outras (D'Amato & Sumner, 2005; Roman Numismatic Gallery, n.d.; Sumner, 2002, 2003).

<sup>455</sup> Espécie de gibão acolchoado com tiras de proteção, em couro ou tecido, penduradas ao redor da cintura e nos ombros (*pteruges*). Esta peça era usada por baixo da armadura para proteger dos impactos (Sumner, 2003).

(armadura) pendem as *pteruges*, que acompanham o comprimento da túnica (mangas<sup>456</sup> e saia) e caracterizam-se por galões tecidos dourados largos (4,5 cm de largura), com motivos fitomórficos estilizados (figs. 171 e 172). As cáligas, na forma de sandálias de cano médio, são compostas por vários galões tecidos pequenos (iguais aos da armadura), cruzados entre si como que a imitar as tiras de couro das sandálias militares (fig. 173). Os galões cruzam sobre uma renda metálica, visível desde o tornozelo até à extremidade superior das cáligas, que imita a cota de malha. O remate superior das cáligas é decorado por uma tira de tecido azul envolvido por um pequeno galão de renda dourada (1,3 cm de largura máxima). No peito do pé, onde cruzam todos os galões, observa-se um pequeno passamane circular em forma de florão, tecido a fio de seda e fio metálico dourado. O manto de são Burcio consiste num tafetá liso de cor salmão. Este observa-se sobre o peito e atrás do simulacro, elevado. O simulacro veste ainda calções compridos (até pouco abaixo dos joelhos), em tafetá de seda lavrada salmão-claro espolinada a lâmina, fio laminado e fio crespo de metal dourado, formando motivos florais. O tecido é rematado por um galão tecido, seguido de um galão de renda, ambos prateados (3 cm de largura máxima). A camisa, sob a túnica (visível apenas nos antebraços), e as meias, sob as cáligas, consistem em gazes lavradas com motivos vegetalistas brancos (fig. 173). Um par de luvas encerra a indumentária à romana (fig. 174). Estas são compostas por renda metálica prateada (igual à renda identificada nas cáligas). Os punhos são envolvidos por galão tecido dourado com decoração em ziguezague (também identificado na armadura e nas cáligas), seguido de galão de renda prateada (identificado nos calções).

A cabeça assenta sobre uma almofada alta forrada com tecido de veludo bordeaux e decorada com dois galões dourados: um pequeno, de renda (1,3 cm de largura máxima) e um largo, tecido (2,5 cm de largura máxima), com motivos vegetalistas estilizados. Este, por sua vez, é decorado no canto por uma borla profusa, em forma de campânula, com fio metálico, fio crespo e canotilho de metal dourado. Por fim, o simulacro assenta sobre um leito forrado de damasco carmesim com decoração vegetalista (fig. 175).

---

<sup>456</sup> As *pteruges* do ombro direito estão elevadas e encostadas ao peito, com o avesso voltado para o observador.



**Figs. 170, 171, 172, 173, 174 e 175** – Fotografias de pormenor da indumentária e do leito do simulacro de são Marciano.  
© Joana Palmeirão

### Exame visual

Durante a observação macroscópica do simulacro de são Burcio foram identificadas algumas particularidades do processo de montagem, detetando-se várias parecenças com o simulacro de santo Aurélio (J. Palmeirão, 2015).

Uma rede metálica complexa de arames finos foi identificada por toda a indumentária, sendo particularmente visível nos antebraços e nas pernas, sob as gazes lavradas (figs. 176 e 177). A presença de produtos de oxidação de tom castanho-avermelhado sugere a existência de elementos ferrosos como base da estrutura metálica interna (Fragoso, 2007; Logan, 2007). No antebraço direito, devido às lacerações extensas na gaze e às fraturas no osso (rádio?), destaca-se a presença de um arame mais grosso no interior do osso (fig. 177). Na indumentária, verificou-se também a presença de arames finos no avesso dos tecidos, como elementos de modelação e sustentação (fig. 178). Foram igualmente observados alfinetes metálicos por toda a indumentária.



**Figs. 176, 177 e 178** – Fotografias de pormenor da rede metálica interna e da modelagem dos tecidos com arames finos (*pieruges*). © Joana Palmeirão

Outros elementos relativos à montagem foram também observados. Na coxa direita detetou-se a presença de uma massa de tonalidade castanha-avermelhada e irregular, envolvida em gaze simples, no local onde deveria existir o fémur (réplica?), assim como o sistema de costura da gaze lavrada que envolve o joelho, como exemplificado nas figs. 179 e 180. Aqui, verifica-se que o tecido dos calções não envolve o osso, permitindo observar o interior do simulacro, no qual foram detetados vários aglomerados de algodão (enchimento).



**Figs. 179 e 180** – Fotografias de pormenor da coxa (massa castanha-avermelhada) e joelho (sistema de costura da gaze), do membro inferior direito. © Joana Palmeirão

Como referido acima, o cabelo resulta da modelagem do tecido do rosto, o que sugere que a máscara terá sido produzida através de molde direto. Além disso, devido ao posicionamento do crânio na parte posterior (reveja-se fig. 169), parece existir um distanciamento acentuado entre os limites da máscara (rosto) e do crânio, o que significa que aquela não assenta diretamente sobre o osso. À vista desarmada, o tecido do rosto parece resultar da sobreposição de gazes simples, como

verificado no simulacro de santo Aurélio (figs. 181 e 182). Observam-se ainda algumas deformações no tecido, em particular no queixo, nariz e região malar esquerda (bochecha) (reveja-se fig. 167).



**Figs. 181 e 182** – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor do tecido do rosto dos simulacros dos santos mártires Aurélio (J. Palmeirão, 2015, p. 168) e Burcio, respetivamente, nas quais se observa a sobreposição de gazes simples. © Joana Palmeirão

Durante o exame visual da peça e respetiva vitrina foram identificados alguns elementos dispersos atrás do simulacro (junto à parede de fundo)<sup>457</sup>, mais concretamente:

- uma tampa dourada em forma de cruz que terá pertencido ao vaso de sangue<sup>458</sup> (fig. 183);
- um pequeno embrulho de tecido, atado com fio, com pequenos fragmentos de osso envoltos em gaze (possivelmente do crânio?) (fig. 185);
- uma folha de palma forrada com tecido verde-escuro, muito similar à que o simulacro segura na mão direita (fig. 186; reveja-se fig. 165);
- e um pequeno ramo de flores produzido em papel policromo, algodão e arame, provavelmente da coroa de flores (fig. 187).

---

<sup>457</sup> Todos os elementos foram devidamente manuseados, fotografados e colocados novamente no local onde foram encontrados.

<sup>458</sup> Confirma-se, assim, que o simulacro chegou a Portugal com o vaso de sangue característico dos *corpi santi* montados em território italiano.

Todos estes elementos, quer pela sua localização, quer pelo seu estado (de conservação) atual, sugerem que o simulacro terá sofrido algum tipo de movimentação, alteração ou acidente no passado. Aliás, o ramo de flores na mão direita e o tecido do leito são por si evidências de uma possível alteração, já que estes elementos são iguais aos das santas mártires Vitória e Eleonora. Além disso, como referido acima, o simulacro está atualmente exposto numa vitrina embutida na parede da capela-mor, o que significa que numa determinada altura foi transferido da sua urna-relicário original para o local onde se encontra atualmente. De facto, a flexão exagerada dos joelhos – em comparação com outros exemplares nacionais –, sugere que o corpo terá sido reajustado de modo a encaixar no local de exposição atual.

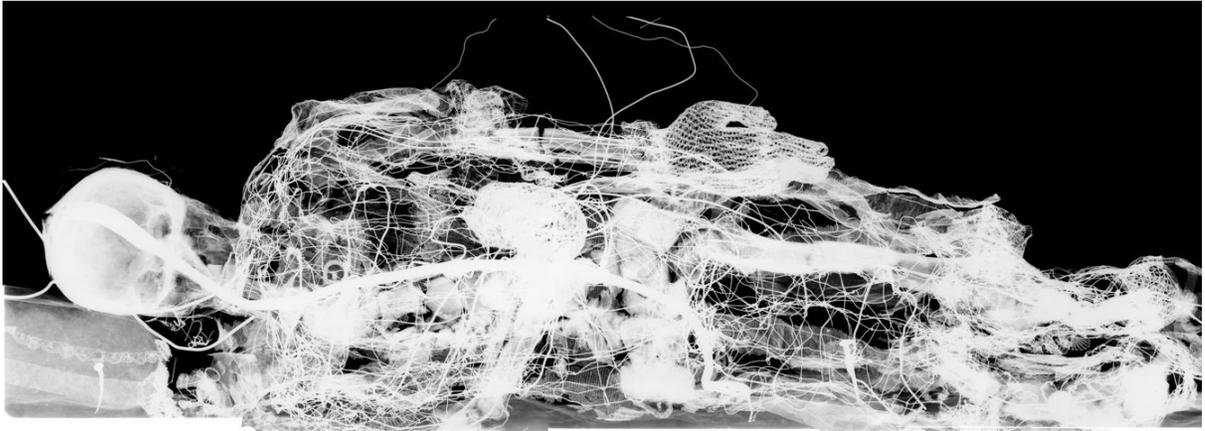


**Figs. 183 e 184** – Fotografias da tampa do vaso de sangue dos simulacros dos santos mártires Burcio (esquerda) e Aurélio (direita). © Joana Palmeirão



**Figs. 185, 186 e 187** – Da esquerda para a direita: fotografias dos elementos encontrados junto ao simulacro de São Burcio: embrulho com ossos, folha de palma e pequeno ramo de flores. © Joana Palmeirão

## Exame radiográfico



**Fig. 188** – Radiografia frontal e integral do simulacro de São Burcio (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

O exame radiográfico detetou um esqueleto incompleto, à semelhança dos simulacros anteriormente analisados (Vitória e Eleonora). Não obstante, foi identificada uma estrutura de montagem interna complexa, composta por uma rede de arames finos e grossos que favorecem a tridimensionalidade do simulacro, confirmando não só as observações durante o exame visual da peça, como as parecências com o simulacro de Santo Aurélio. Uma estaca metálica central de sustentação, que liga o crânio à bacia, foi igualmente registada. Curiosamente, esta apresenta uma curvatura acentuada, como se tivesse sido dobrada.

A posição anatómica dos ossos foi respeitada, incluindo a sua lateralidade. Embora tenham sido detetados vários fragmentos e fraturas na maioria dos ossos, o crânio apresenta-se quase na totalidade, faltando apenas a maxila e alguns dentes na mandíbula. No pescoço registam-se algumas vértebras cervicais. Nos membros superiores observam-se, no antebraço esquerdo, dois ossos fraturados que parecem corresponder ao rádio e ao cúbito e, no antebraço direito, o rádio fragmentado (este já observado durante a inspeção visual). Na região toracoabdominal parecem existir algumas vértebras. As mãos resultam da modelagem de uma massa, uma vez que não foram detetados ossos (metacarpos e falanges) nas imagens radiográficas. A posição do simulacro e o número extenso de artefactos metálicos dificultam a leitura da região pélvica e dos membros

inferiores (coxas, pernas e pés). Não obstante, nas coxas e pernas parecem existir: um fémur fraturado (coxa esquerda), duas rótulas (?) e a tibia esquerda (?). Foram igualmente registados alguns cravos metálicos ao longo da peça.

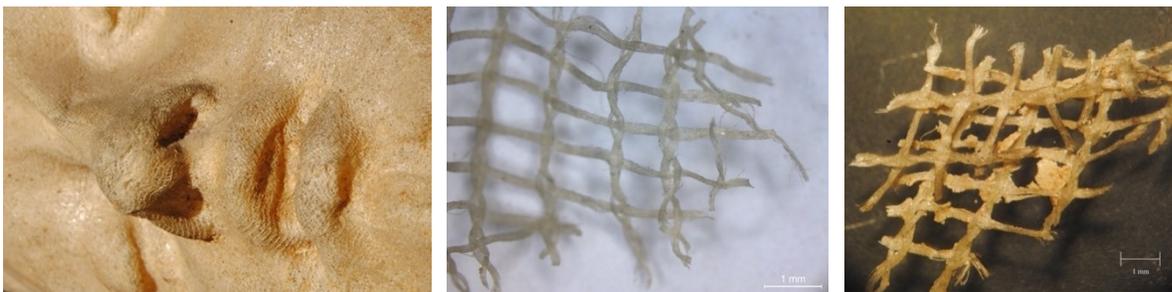
### **Amostragem**

Perante as similaridades dos tecidos e passamanes entre os simulacros de são Burcio e de santo Aurélio, optou-se por uma recolha mais limitada e de elementos concretos, perfazendo um total de cinco amostras. Pretendeu-se, acima de tudo, obter informações específicas sobre a composição da máscara de tecido, da pasta de papel e do revestimento aplicado no osso (aproveitando as zonas de fratura extensa no antebraço direito). A compilação de todos os resultados pode ser consultada na tabela VII-C (Apêndice VII).

### **Fibras têxteis e papel**

Quanto à identificação das fibras têxteis, foram analisadas as gazes do rosto e do antebraço direito (amostras B8 e B2, respetivamente), o aglomerado de papel do rosto (amostra B6) e a alma do fio laminado dourado do galão de renda da luva (amostra B4).

A análise por microscopia (estereoscópica e de campo claro) da amostra B8 permitiu confirmar as suspeitas de que a máscara resulta da sobreposição de gazes lisas de seda (figs. 189 e 190).



**Figs. 189, 190 e 191** – Da esquerda para a direita: fotografia de pormenor do tecido do rosto (sobreposição de gazes) e imagem da gaze (amostra B8), obtida ao microscópio estereoscópico (20x); e fotografia à lupa binocular do suporte têxtil do rosto do simulacro do santo mártir Aurélio (J. Palmeirão, 2015, p. 168). © Joana Palmeirão

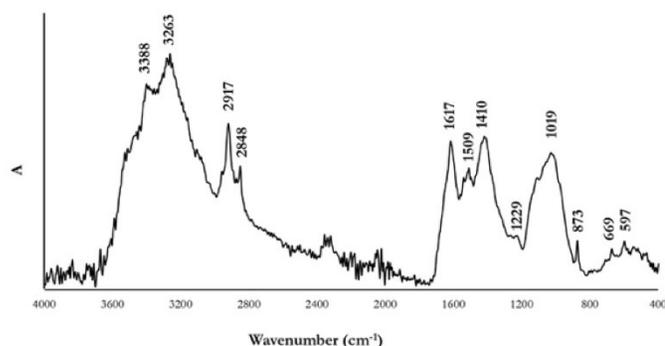
O espectro de FT-IR da mesma amostra (tabela 9), confirmou a presença de um material proteico (seda)<sup>459</sup>, pelas bandas características das vibrações de estiramento C=O, aos 1617 cm<sup>-1</sup> (amida I); as vibrações de deformação N–H e de estiramento C–N, aos 1509 cm<sup>-1</sup> (amida II); e as vibrações de  $\nu(\text{C–N})$  e de  $\delta(\text{N–H})$  da amida III, entre os 1300-1200 cm<sup>-1</sup> (Barth, 2007). Detetou-se, igualmente, o carbonato de cálcio, pelas bandas de absorção correspondentes às vibrações da calcite, a banda marcada aos ~1400 cm<sup>-1</sup>  $\nu(\text{CO}_3^{2-})$  e a banda aos 873 cm<sup>-1</sup>  $\delta(\text{CO}_3^{2-})$ . Algumas bandas parecem ainda apontar para a presença de uma goma vegetal<sup>460</sup>. Além das bandas de absorção entre os 3400-3200 cm<sup>-1</sup> associadas às vibrações de estiramento do grupo O–H e de estiramento assimétrico do grupo metileno (CH<sub>2</sub>), a banda identificada aos 1617 cm<sup>-1</sup> poderá corresponder à presença do grupo carboxilo (–COOH). Os ácidos carboxílicos mostram também uma banda característica de deformação O–H aos ~1410 cm<sup>-1</sup>. As bandas aos ~1019 cm<sup>-1</sup> e 873 cm<sup>-1</sup> podem ser atribuídas à arabinogalactana, um polissacarídeo formado por arabinose e galactose característico da goma arábica (ou goma de acácia) (Bashir & Haripriya, 2016). No espectro observam-se ainda as vibrações por estiramento assimétricas e simétricas das cadeias alifáticas C–H, aos 2930 e 2862 cm<sup>-1</sup>, respetivamente que, juntamente com um ombro à volta dos 1700 cm<sup>-1</sup>, poderão corresponder a uma cera natural ou uma resina, embora com base em estudos recentes, a cera seja o material mais provável<sup>461</sup>.

---

<sup>459</sup> Importa realçar que estas bandas podem corresponder, além da seda, à presença de uma cola animal. A cola animal foi um dos materiais básicos utilizados na montagem destas peças. Anna Pfeiffer (2005) referiu, inclusive, que era frequente a sua utilização como adesivo para fixação dos elementos decorativos, ossos e tecidos, sendo igualmente misturada com cargas e pigmentos. Em 1979, Hansjakob Achermann tinha já indicado o seu uso como material de revestimento dos ossos, no sentido de lhes dar resistência e protegê-los da humidade. Paul Koudounaris (2013) e Massimiliano Ghilardi (2019b) também realçaram o seu emprego.

<sup>460</sup> As gomas são heteropolissacarídeos ou açúcares mistos naturais e podem ser de origem vegetal e animal. As gomas vegetais são exsudações ou secreções naturais das plantas como mecanismo de defesa contra estímulos ambientais externos, como lesões físicas, ataque microbiano, entre outros. São frequentemente utilizadas como aglutinantes, adesivos e espessantes, sendo as mais comuns a goma arábica, a goma tragacanto e a goma de cerejeira (frutífera) (Bashir & Haripriya, 2016; Calvo, 1997; Gómez González, 2008; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998). As gomas são materiais utilizados como aglutinantes, colas e agentes espessantes, sendo a goma arábica aplicada como espessante de tintas e como aglutinante de aguarelas e guaches, fixando os pigmentos no suporte após secagem (Calvo, 1997).

<sup>461</sup> Na sua obra recentemente publicada, o investigador Massimiliano Ghilardi explica que o *ceroplasta* Antonio Magnani (sobre Magnani reveja-se, acima, subcapítulo 4.3. (parte I)), com o intuito de favorecer a observação dos ossos, espalhava *vélus muito finos de cera sobre gaze de seda clara (veli più sottili di cera su leggere garze retate di seta)* (Ghilardi, 2019b, p.



**Tabela 9** – Espectro de FT-IR e bandas de IR identificadas na amostra B8 (rosto). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Descrição	Material	Banda de absorção (cm <sup>-1</sup> )
B8	gaze (rosto)	proteína	amida I: 1617 $\nu$ (C=O); amida II: 1509 $\delta$ (N-H) e $\nu$ (C-N); amida III: 1300-1200 $\nu$ (C-N) e $\delta$ (N-H)
		carbonato de cálcio	$\sim$ 1400 $\nu$ (CO <sub>3</sub> <sup>-2</sup> ); 873 $\delta$ (CO <sub>3</sub> <sup>-2</sup> )
		goma	3388, 3263 $\nu$ (O-H) e $\nu$ (CH <sub>2</sub> ), $\sim$ 1617 $\nu_{as}$ (COOH); $\sim$ 1410 $\nu_s$ (-COOH); $\sim$ 1019 e 873
		cera	2917, 2848 $\nu$ (C-H); $\sim$ 1617 $\nu_{as}$ (COOH); $\sim$ 1410 $\delta$ (C-H)

A gaze lavrada do antebraço direito (amostra B2) foi também identificada como seda (figs. 192 e 193). O tecido caracteriza-se por uma combinação de gaze e tafetá: um fundo em gaze com fios de seda branca e decoração em tafetá (com os mesmos fios de seda da gaze), produzindo áreas mais densas e intensas de coloração branca (motivos vegetalistas).

57). Em contrapartida, Pfeiffer (2005) escreveu que era frequente o uso de cera misturada com resina (cera-resina), como massa de modelagem para os rostos e, por vezes, para as mãos e pés. Tratando-se claramente de uma produção italiana (são Burcio), crê-se que o mais provável seja a presença de cera no tecido do rosto.



**Figs. 192 e 193** – Da esquerda para a direita: fotografia da zona de recolha da amostra B2 com imagem do entrelaçamento da gaze (por Dino-Lite), e imagem da fibra de seda, obtida ao microscópio de campo escuro (100x). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

O aglomerado de papel (amostra B6) foi identificado como uma combinação de fibras de origem vegetal: algodão e linho/cânhamo. Este elemento terá sido aplicado como sistema de fixação da coroa de flores ao tecido do rosto.

#### **Outros elementos: revestimento (osso)**

A amostra B1 foi recolhida da mesma zona de fratura de onde foi amostrada a gaze lavrada (antebraço direito) (fig. 192). Embora o objetivo da recolha fosse o de analisar o revestimento protetor aplicado no osso, a amostra não foi sujeita a análise científica. Não obstante, foi possível observar e registar através da lupa binocular e por Dino-Lite a presença de uma substância adesiva, de aparência brilhante, aparentemente similar ao que tinha sido observado no simulacro do santo mártir Aurélio (figs. 194–196). Na amostra B1 pode, inclusive, observar-se uma gaze aderida à superfície, idêntica à gaze identificada na amostra B8 (fig. 195; reveja-se fig. 190). O reverso foi igualmente registado por Dino-Lite, tendo-se observado uma superfície irregular e esbranquiçada (fig. 196). Sem mais análises, não é possível confirmar se esta camada corresponde diretamente ao osso ou a uma camada intercalar.



**Figs. 194, 195 e 196** – Da esquerda para a direita: fotografia à lupa binocular do revestimento do osso do simulacro do santo mártir Aurélio (J. Palmeirão, 2015, p. 175), e imagens da frente e do reverso da amostra B1, obtidas por Dino-Lite. © Joana Palmeirão

### 6.3.3. Santos mártires Vicente e Frutuoso (Coimbra)

#### 6.3.3.1. Santo mártir Vicente

##### Descrição da peça



**Fig. 197** – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Vicente, capela de são Miguel do seminário maior de Coimbra (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

O simulacro do corpo do santo mártir Vicente está localizado no interior do altar do retábulo da capela de são Miguel, pertencente ao seminário maior de Coimbra. A urna-altar, em madeira

policromada e dourada, de estilo rococó, tem uma abertura frontal envidraçada, a partir da qual se observa o simulacro<sup>462</sup>.

O simulacro mede ~125 cm de comprimento por 60 cm de largura. Apresenta-se em posição jacente para o lado esquerdo. A cabeça, ligeiramente inclinada para o lado direito, apoia sobre uma almofada. No topo da cabeça observa-se uma coroa de flores decorada com papel policromo (branco, bege e verde), lâminas e fios metálicos dourados (figs. 198 e 199). À exceção da coroa de flores, nenhum outro atributo de martírio foi encontrado junto ao simulacro.



**Figs. 198 e 199** – Fotografias de pormenor da coroa de flores e do rosto do simulacro do santo mártir Vicente. © Joana Palmeirão

Os braços acompanham o tronco e as mãos apoiam-se na bacia, a direita sobre a esquerda. As pernas estão esticadas e os pés, em posição vertical, encostam na lateral da urna-altar (fig. 205). O rosto, de tom laranja acastanhado escuro, tem aparência de uma massa cérea e policromada, a qual envolve toda a cabeça. O rosto possui feições carregadas e uma aparência envelhecida. Apresenta queixo achatado, lábios proeminentes e fechados, nariz saliente, cavidades oculares profundas e olhos fechados. A orelha direita é sugerida por uma pequena protuberância na massa, não tendo sido feito o mesmo para a orelha esquerda. A ponta do nariz já não existe, deixando a descoberto

---

<sup>462</sup> No interior da urna pode ler-se a inscrição, em latim e em letras maiúsculas, pintada sobre tecido: *SS. <sup>mm</sup> CHRISTI MARTYR VINCENTIVS*, que se pode traduzir como: *SANTÍSSIMO MÁRTIR DE CRISTO VICENTE*. A autêntica que terá acompanhado as relíquias tem a data de 1760 (veja-se ficha de inventário n.º 44, Apêndice V).

o suporte céreo original. O cabelo, de tom castanho-escuro, é sugerido pela pintura do suporte; por sua vez, não foram identificados pelos ou cabelos no rosto (figs. 198 e 199).

À semelhança do simulacro de são Marciano, a indumentária de são Vicente distingue-se da indumentária à romana (traje militar romano). De facto, após uma observação atenta, o simulacro de são Vicente parece vestir elementos de cariz religioso.

O simulacro veste túnica comprida em tafetá de cor bege, lavrado e espolinado a fio de seda policroma (branco, rosa, salmão, verde e preto), lâmina dourada e prateada, e fio laminado dourado e prateado, formando pequenos motivos florais. Nas pernas destacam-se duas aberturas retangulares, através das quais é possível observar os ossos no interior (fig. 200 e 201). Estas aberturas, assim como os punhos e a bainha inferior da túnica são rematados por galão tecido dourado (1,2 cm de largura). Nos punhos e bainha observa-se ainda um galão de renda dourado (1,5 cm de largura máxima), que se repete nas restantes peças de indumentária. Um tecido branco, semelhante a uma estopa, é igualmente visível numa das aberturas da túnica (fig. 201), assim como na parte posterior do pescoço (que encosta ao leito). Tudo indica que se trata de um tecido de suporte do simulacro, aplicado aquando da montagem do mesmo, possivelmente para sustentação e proteção das relíquias (separando-as das vestes exteriores), e não de uma peça de vestuário propriamente dita<sup>463</sup>.

Na cintura, sobre a túnica, observa-se uma faixa larga de tecido de cetim azul-escuro (~8,4 cm de largura máxima) decorada ao centro por dois galões tecidos dourados e estreitos (0,5 cm de largura), que cruzam entre si formando losangos. A faixa é rematada, nos lados maiores, por dois galões de renda dourada e dois galões tecidos dourados, iguais aos identificados na túnica. Sobre esta faixa maior observam-se, ao centro, duas faixas mais pequenas com decoração similar à anterior, cruzadas uma em cima da outra (fig. 202). Por fim, um manto, cingido ao pescoço, estende-se até aos pés, cobrindo os ombros, os braços, os antebraços, as coxas e as pernas. Consiste num tecido de cetim lavrado rosa-claro com motivos geométricos e espolinado a fio de seda policroma (branco, amarelo,

---

<sup>463</sup> Um tecido similar foi identificado nos simulacros das santas mártires Vitória e Eleonora, e no simulacro de são Fortunato (veja-se *infra*).

laranja, verde, azul), lâmina prateada e dourada, e fio laminado prateado e dourado, formando grinaldas dispostas em banda sinuosa contínua, no sentido vertical, alternadas com ramos de flores dispersos. Pela observação do avesso do tecido (tafetá liso), o manto seria originalmente de cor rosa alaranjado ou salmão (fig. 203). Todo o manto é rematado pelo mesmo galão de renda já identificado. Uma gola larga envolve o pescoço. Esta é forrada pelo mesmo tecido de cetim do manto e decorada com os mesmos galões de renda, o que sugere tratar-se de uma peça única. Quer a gola, quer o manto não envolvem o corpo na sua totalidade, mas sugerem essa tridimensionalidade. No remate superior da gola, junto ao pescoço, observam-se gazes de tom acinzentado, visíveis também nos punhos. O simulacro veste luvas de renda metálica prateada, que consiste no entrelaçamento de fios têxteis brancos com fios laminados (fig. 204). Nos punhos, uma fita branca com laço remata as luvas. Uma faixa larga de tecido, igual ao da túnica, oculta parcialmente, as mãos. Os ossos das pernas (tíbia e perónio) e dos pés estão envolvidos por rendas metálicas prateadas. Os pés calçam sandálias abertas compostas por galões tecidos estreitos cruzados entre si e fixos a uma sola forrada de tecido rosa alaranjado (fig. 205).



**Figs. 200, 201, 202, 203, 204 e 205** – Fotografias de pormenor da indumentária do simulacro de são Vicente. © Joana Palmeirão

Por todo o simulacro observam-se aglomerados fibrosos (fig. 206). Um leito, revestido a tecido de cor azul, assenta diretamente sobre a base da urna-altar, em madeira policromada (fig. 207). A almofada, forrada de tecido de veludo azul-escuro e rematada por galão tecido dourado (6 cm de largura máxima), assenta sobre um suporte trapezoidal forrado e rematado com o mesmo tecido e o mesmo galão da túnica (fig. 208).



**Figs. 206, 207 e 208** – Fotografias de pormenor do enchimento, do leito, da base da urna-altar, da almofada e do suporte trapezoidal. © Joana Palmeirão

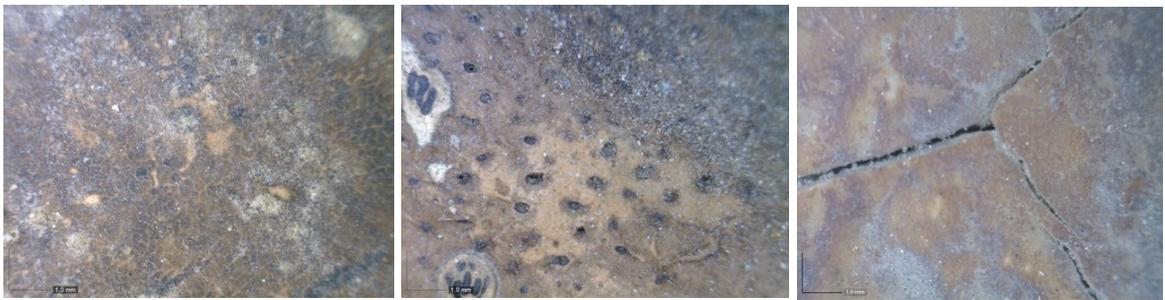
### **Exame visual**

Numa primeira análise da peça, observa-se uma extensa acumulação de sujidade: poeiras, pó, algodão, serrim, insetos mortos, fragmentos de papel, entre outras sujidades. Alguns piones metálicos de aspeto enferrujado foram também identificados (fig. 209).

A degradação acentuada dos têxteis é bastante evidente. O tecido da túnica apresenta lacerações profundas, descoloração e perda de coesão (fig. 210). Por sua vez, o tecido do manto, embora posicionado por cima do anterior, revela apenas descoloração (reveja-se fig. 203). As patologias detetadas resultam duma exposição luminosa excessiva e da consequente degradação fotoquímica por ação da radiação UV. Neste sentido, e perante o estado de degradação avançado do tecido da túnica, esta não se coaduna com o local de exposição atual. Foram também identificadas, pontualmente, manchas de humidade (fig. 211).



**Figs. 209, 210 e 211** – Fotografias de pormenor do estado de conservação da urna-altar e da indumentária do simulacro de são Vicente. © Joana Palmeirão



**Figs. 212, 213 e 214** – Imagens das patologias identificadas no rosto do simulacro de são Vicente, obtidas por Dino-Lite. © Margarida Nunes



**Figs. 215, 216, 217, 218, 219 e 220** – Imagens de pormenor dos tecidos e passamanes da indumentária do simulacro do santo mártir Vicente, obtidas por Dino-Lite. Da esquerda para a direita: gaze, renda e tafetá lavrado e espolinado (em cima); cetim espolinado, galão tecido e galão de renda (em baixo). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

A superfície policroma do rosto denota também uma oxidação e um escurecimento acentuados, fruto da acumulação extensa de sujidades e da composição do suporte ceroso. Manchas esbranquiçadas, *pitting*, fendas e fissuras foram igualmente registadas por Dino-Lite (figs. 212–214). Este equipamento permitiu também observar alguns pormenores dos tecidos e dos passamanes que compõem a indumentária (figs. 215–220).

A observação atenta dos ossos (através do tecido danificado da túnica), permitiu retirar algumas ilações. Como se pode observar na fig. 221, os ossos de ambas as pernas (perónio e tibia) apresentam uma inclinação acentuada, como se tivessem sido empurrados para o interior da urna. Crê-se que esta inclinação tenha sido consequência de uma intenção de encurtar o corpo, provavelmente, para que este encaixasse na urna-altar. De facto, o simulacro não só encaixa na perfeição dentro da urna – os pés assentam verticalmente na parede lateral do altar –, como tem um comprimento muito inferior ao normal, quando comparado com outros exemplares em posição jacente. Além disso, devido à dificuldade de acesso pela parte posterior do altar<sup>464</sup>, tudo indica que o simulacro terá sido colocado através da abertura frontal da urna-altar; para isso, terá sido necessário proceder ao reajuste dos ossos. Por conseguinte, supõe-se que o corpo terá sido retirado do seu local original (local não identificado), e reacomodado no local atual.

A foto-degradação acentuada dos têxteis – consequência, maioritariamente, de uma incidência luminosa intensa e constante –, sugere, também, ter existido um outro local de exposição, como já referido. Com efeito, a descoloração intensa dos tecidos, a acumulação extensa de sujidade superficial, assim como a presença de pingos de cera na túnica, não se coadunam com a localização atual.

---

<sup>464</sup> O único acesso é possibilitado por uma abertura lateral muito estreita no retábulo.



**Fig. 221** – Esquema representativo do posicionamento dos ossos das pernas (retângulos brancos). © Joana Palmeirão

A observação dos ossos permitiu também identificar uma fratura no fémur direito. Este, por sua vez, está mal posicionado (invertido). A fratura deixa perceber o tecido esponjoso do osso ou endósteo. O revestimento exterior, aparentemente pigmentado, poderá corresponder à camada externa e densa do osso ou perióstio<sup>465</sup> (fig. 222). Os ossos do pé direito estão desorganizados e fraturados (reveja-se fig. 205), possivelmente fruto do impacto sofrido pela deslocação dos ossos das pernas. No pulso direito, sob a túnica, observa-se ainda um osso fraturado (rádio ou cúbito?).



**Figs. 222 e 223** – Fotografias do fémur direito do simulacro do santo mártir Vicente. © Joana Palmeirão

---

<sup>465</sup> Esta identificação só poderá ser confirmada após a análise microscópica do osso (a recolha de osso para análise não foi contemplada na presente investigação).

Conclui-se, assim, que os membros superiores e inferiores do lado direito (antebraço, coxa, perna e pé) foram sujeitos a um forte impacto. Este não só levou ao reposicionamento dos membros, como causou a fratura da maioria dos ossos identificados.

Quanto à técnica de montagem, durante a observação dos membros inferiores, verificou-se a presença de um canudo de cartão enrolado à volta do fémur esquerdo, atado com fio de sisal<sup>466</sup> (fig. 224). O direito, por sua vez, não apresenta qualquer estrutura; observa-se apenas, na sua extremidade superior (virada para baixo pois, como referido acima, o osso está em posição invertida), uma massa de tom castanho acinzentado e de aspeto ceroso (cera pigmentada?) (fig. 224). Esta massa ou similar foi também identificada nos ossos dos pés, como elemento de união das falanges e na reconstrução das peças ósseas em falta (fig. 225).



**Figs. 224 e 225** – Da esquerda para a direita: fotografias representativas do sistema de montagem dos fémures e do pé esquerdo. © Joana Palmeirão

Considerando a data provável da trasladação do simulacro para o seminário maior de Coimbra (1760-61)<sup>467</sup> e as suas particularidades técnico-materiais, conclui-se que o simulacro de são Vicente

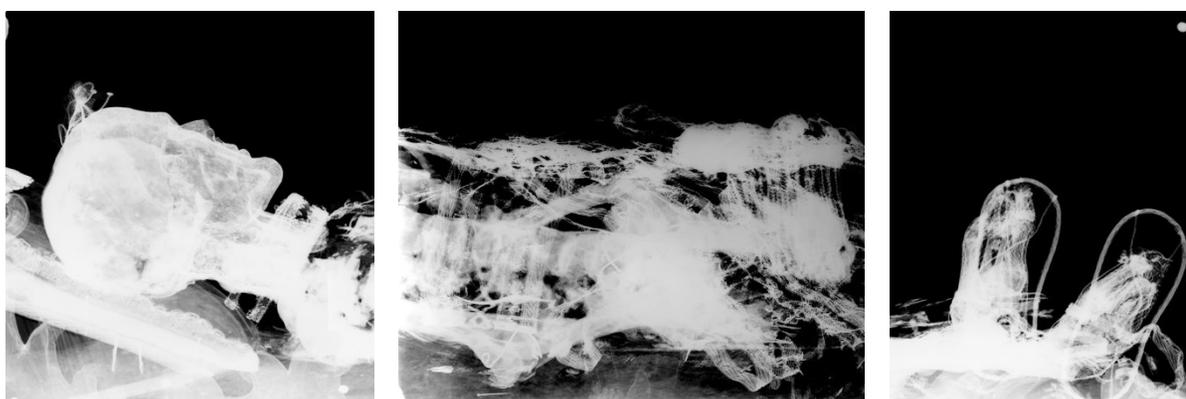
---

<sup>466</sup> Na cintura, foi identificado o mesmo fio a cingir o tecido da túnica.

<sup>467</sup> Reveja-se, *supra*, nota n.º 462.

– tal como os simulacros dos santos mártires Marciano, Vitória e Eleonora –, não encaixa nas categorias definidas anteriormente, nem tão pouco se assemelha aos *corpi santi* de produção italiana. Muito embora o corpo santo possua autêntica, que confirma a sua extração do cemitério de Priscila, o seu simulacro é resultado, muito provavelmente, de uma montagem tardia e nacional.

### Exame radiográfico



**Figs. 226, 227 e 228** – Radiografias frontais e parciais do simulacro do santo mártir Vicente (após edição de imagem).  
© Luís Piorro (LJF|DGPC)

O exame radiográfico do simulacro foi bastante dificultado, quer pela impossibilidade de retirar o exemplar da urna-altar, quer pela posição jacente do corpo. Tal resultou na sobreposição visual das peças ósseas nas imagens radiográficas, dificultando a sua identificação e enumeração. À parte das dificuldades, foi possível retirar algumas ilações.

O suporte ceroso do rosto envolve toda a cabeça e o pescoço, terminando abaixo da gola (fig. 226). A forte radiopacidade deste suporte sugere a presença de um elemento metálico (pigmento?), na sua composição. No interior observa-se um crânio incompleto e danificado, composto pela abóbada craniana, pelo osso zigomático e pela protuberância mental da mandíbula (osso correspondente ao queixo). Foram também detetadas algumas patologias, como o afundamento e uma fratura na zona do occipital e algumas fissuras na abóbada craniana. Verifica-se igualmente que o suporte em cera não assenta diretamente sobre o crânio e o osso da mandíbula está recuado e fixo (possivelmente com massa) aos restantes ossos do crânio.

Embora a sobreposição de diversos artefactos dificulte a visualização das peças ósseas, na região toracoabdominal parecem existir: algumas vertebrae dorsais; algumas costelas (?); o úmero, o cotovelo e o rádio direitos (braço e antebraço), assim como o que parece corresponder ao rádio esquerdo (fig. 227). Na ligação do úmero e rádio direitos (cotovelo) registam-se alguns arames grossos (com as extremidades enroladas), provavelmente como suporte de fixação das peças ósseas. Estruturas similares foram, também, identificadas na zona da cintura (fig. 227). À exceção destes elementos metálicos soltos, não foi identificada uma estrutura metálica interna.

Quanto aos membros inferiores (coxas, pernas e pés), a leitura das radiografias, juntamente com o exame visual, permitiu identificar a extremidade do fémur direito (mal posicionado), o perónio e a tibia da perna direita, assim como o fémur e o perónio esquerdos. Por sua vez, os pés estão incompletos (fig. 228). No direito parecem existir apenas alguns metatarsos. No esquerdo observam-se: as duas falanges do primeiro dedo (ou dedo grande), que parecem articular com o osso do metatarso; as primeiras falanges do segundo e terceiro dedos, e um metatarso fraturado ao centro. Os calcânhares e ossos do tarso resultam da modelagem da massa castanha acinzentada identificada macroscopicamente.

Todas as lâminas e fios laminados metálicos dos galões tecidos e de renda, das decorações espolinadas e das rendas metálicas, assim como os alfinetes, aparecem registados nas radiografias. Na cabeça observa-se, ainda, a estrutura metálica da coroa de flores.

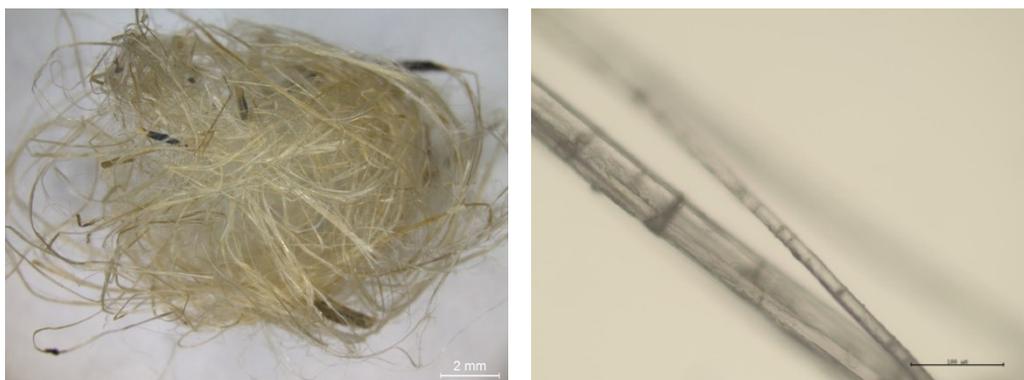
### **Amostragem**

No seguimento da amostragem do simulacro de são Burcio, o de são Vicente foi sujeito a uma recolha de amostra muito limitada, apenas com o propósito de esclarecer algumas dúvidas sobre o processo de montagem do rosto e de algum outro elemento. A compilação dos resultados pode ser consultada na tabela VII-D (Apêndice VII).

### Fibras têxteis, papel e corantes

A análise das fibras têxteis por microscopia de campo claro permitiu a identificação de fibras de origem animal e vegetal. O enchimento fibroso (amostra Vic3) foi identificado como um aglomerado de linho/cânhamo (figs. 229 e 230). O papel policromo da coroa (amostra Vic5) foi identificado como uma combinação de fibras vegetais. Embora a observação tenha sido dificultada pelo sistema de manufatura do papel (prensagem), foi possível identificar fibras de linho/cânhamo misturadas com outras fibras vegetais. Por fim, a amostra recolhida da faixa azul na cintura (amostra Vic4) foi identificada como seda.

O corante azul (amostra Vic4) foi analisado por LC-DAD-MS, tendo sido identificado o índigo ou pastel-dos-tintureiros, pela deteção de indigotina<sup>468</sup>.



**Figs. 229 e 230** – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do enchimento (Vic3), obtidas ao microscópio estereoscópico (0,78x) e ao microscópio de campo claro (200x). © Joana Palmeirão

---

<sup>468</sup> Sobre o corante reveja-se nota n.º 444.

## Outros elementos: cera

Após ter sido confirmada a presença de uma camada cromática sobre o suporte ceroso do rosto<sup>469</sup> ao microscópio estereoscópico (amostra Vic2, fig. 231), procedeu-se à preparação da amostra em resina para observação do corte estratigráfico. A análise permitiu identificar três camadas: 1 – camada de cera (suporte), 2 – camada branca (preparação?) e 3 – camada cromática (carnação) (fig. 232).



**Figs. 231 e 232** – Da esquerda para a direita: imagens da amostra do rosto (Vic2), obtidas ao microscópio estereoscópico (2,00x) e ao microscópio de campo claro (200x). © Joana Palmeirão

O suporte ceroso (camada 1) foi analisado por Py-GC-MS e ATR-FT-IR. Tal como nas amostras de cera dos simulacros dos santos mártires Marciano, Vitória e Eleonora, o perfil cromatográfico da amostra de são Vicente parece apontar para cera de abelha, pela deteção dos biomarcadores supramencionados. O espectro de FT-IR também aponta para a presença de uma cera, assim como para a presença de carbonato de cálcio ( $\text{CaCO}_3$ ), identificável pelas bandas correspondentes às vibrações da calcite: aos  $\sim 1439 \text{ cm}^{-1} \nu(\text{CO}_3^{2-})$ , e aos  $869$  e  $713 \text{ cm}^{-1} \delta(\text{CO}_3^{2-})$  (tabela 10). A presença de  $\text{CaCO}_3$  foi igualmente confirmada por SEM-EDS, pela deteção de cálcio (Ca) nos mapas de distribuição elementar (e pela ausência de enxofre (S), cuja combinação implicaria a presença de gesso) (tabela 11). Perante o facto de que o  $\text{CaCO}_3$  foi identificado apenas no suporte (camada 1),

---

<sup>469</sup> Esta observação foi possibilitada após a limpeza cuidadosa, por via mecânica, da superfície da amostra. Recorde-se que o rosto apresentava uma elevada acumulação de sujidade superficial e uma aparência enegrecida (veja-se figs. 198 e 199).

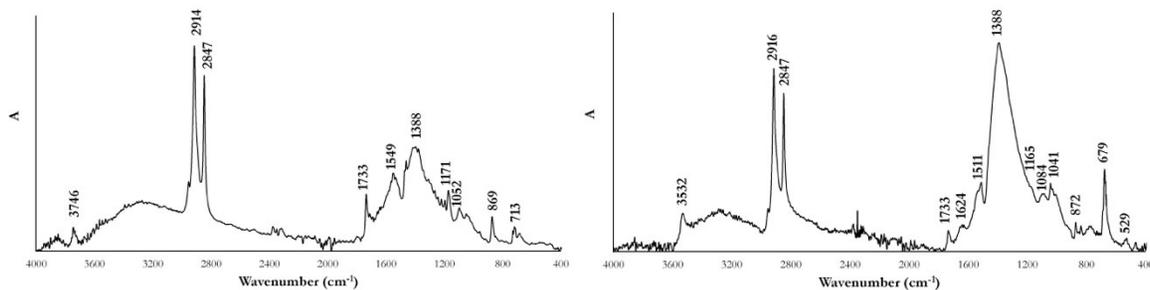
este material poderá ter sido adicionado como carga, com o intuito de alterar as propriedades da cera – possivelmente para lhe dar mais consistência e opacidade –, ou como pigmento, com o intuito de a clarear (Calvo, 1997; Gómez González, 2008).

Os restantes estratos (camadas 2 e 3) foram também analisados por SEM-EDS, tendo sido detetado, como elemento maioritário, o chumbo (Pb)<sup>470</sup> (tabela 11). Tendo em conta a coloração de ambas as camadas (veja-se fig. 232), este elemento estará associado, maioritariamente, ao pigmento branco de chumbo ( $2\text{PbCO}_3 \cdot \text{Pb}(\text{OH})_2$ ). O Pb poderá também estar relacionado com a presença de pigmento vermelho de chumbo ou mínio ( $\text{Pb}_3\text{O}_4$ ), uma vez que são observáveis, ao microscópio de campo claro, pequenas partículas de cor vermelha-alaranjada na camada 3 (Eastaugh, Walsh, Chaplin, & Siddall, 2008). A caracterização da camada pictórica foi complementada por ATR-FT-IR (tabela 10). O pigmento branco de chumbo foi identificado pelas bandas associadas às vibrações da hidrocerussite ( $2\text{PbCO}_3 \cdot \text{Pb}(\text{OH})_2$ ), resultantes das vibrações por estiramento e por deformação antissimétricas das ligações C–O do anião carbonato aos  $1388$  e  $1041 \text{ cm}^{-1}$   $\nu(\text{CO}_3^{2-})$ , e aos  $872$  e  $679 \text{ cm}^{-1}$   $\delta(\text{CO}_3^{2-})$ , respetivamente. As bandas de absorção atribuídas às vibrações das moléculas de água (ligações O–H) foram também registadas aos  $3532 \text{ cm}^{-1}$   $\nu(\text{O–H})$  e aos  $1624 \text{ cm}^{-1}$   $\delta(\text{O–H})$  (Carbó, Martínez, Adelantado, Reig, & Moreno, 1997; Issa, Abdel-Maksoud, & Magdy, 2015).

O branco de chumbo e a cera de abelha foram igualmente identificados nos espectros do suporte (1) e da camada cromática (3), respetivamente, embora em menor quantidade, podendo tratar-se de uma contaminação. No caso da cera, a sua deteção na camada cromática (3) poderá também sugerir a sua utilização como aglutinante e/ou a aplicação da policromia a quente, o que justificaria o aspeto enrugado e tosco do rosto.

---

<sup>470</sup> A presença de Pb justifica quer a opacidade acentuada do rosto nas imagens radiográficas, quer o escurecimento da carnação, pela formação dos respetivos sulfuretos de chumbo, de cor preta ou castanha, consequência da reação do chumbo com os compostos de enxofre presentes na atmosfera (ex.: sulfureto de hidrogénio ( $\text{H}_2\text{S}$ )) (A. J. Cruz, 2004; Eastaugh et al., 2008).



**Tabela 10** – Espectros de FT-IR (esquerdo: 1 – suporte ceroso; direito: 3 – camada cromática) e bandas de IR identificadas para cada material. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Camada	Material	Banda de absorção (cm <sup>-1</sup> )
Vic2	1	cera de abelha	2914, 2847 ν(C-H); 1733 ν(C=O); ~1439 δ(C-H); 1171 ν(C-O); 713 δ(CH <sub>2</sub> )
		carbonato de cálcio	~1439 ν(CO <sub>3</sub> <sup>2-</sup> ); 869, 713 δ(CO <sub>3</sub> <sup>2-</sup> )
	3	branco de chumbo	3532 ν(O-H); 1624 δ(O-H); 1388, 1041 ν(CO <sub>3</sub> <sup>2-</sup> ); 872, 679 δ(CO <sub>3</sub> <sup>2-</sup> )

**Tabela 11** – Elementos detetados por SEM-EDS da amostra Vic2 (rosto). © Joana Palmeirão

Amostra	Camada	Cor	Elementos			Composição
			Si	Ca	Pb	
Vic2	1	branca acinzentada	x	x		carbonato de cálcio
	2	branca	x		x	branco de chumbo
	3	carnação	x		x	branco de chumbo + vermelho de chumbo (?)

### 6.3.3.2. Santo mártir Frutuoso

#### Descrição da peça



**Fig. 233** – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Frutuoso, igreja da Sagrada Família do seminário maior de Coimbra (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

O simulacro do corpo do santo mártir Frutuoso está localizado no altar principal da igreja da Sagrada Família do seminário maior de Coimbra<sup>471</sup>. O altar, de formato paralelepípedo, é em madeira policromada com fingidos de marmoreado e talha dourada, de estilo rococó. O acesso ao simulacro foi possibilitado pela abertura do frontal de altar.

O simulacro, de aspeto maciço e robusto, consiste numa escultura em gesso, no qual foram embutidos os vários ossos. Trata-se de um exemplar raro em Portugal, tendo sido o único simulacro identificado, até ao momento, com este sistema de fixação. O simulacro mede 141 cm de comprimento por 53 cm de largura.

Apresenta-se em posição jacente para o seu lado direito, com a cabeça e corpo de frente para o observador. A cabeça assenta sobre uma almofada baixa, elevada por uma plataforma de formato geométrico. O tronco está em posição lateral, com o braço e o antebraço direitos estendidos e o

---

<sup>471</sup> Com base em fontes históricas, o simulacro pertenceu originalmente ao colégio de santa Rita dos Agostinhos Descalços de Coimbra (colégio dos Grilos). A cerimónia da trasladação do corpo santo para o seminário maior de Coimbra ocorreu a 16 de maio de 1844. Para mais informações veja-se ficha de inventário n.º 47 (Apêndice V). Na parte superior do altar, ao centro, observa-se uma pequena cartela em talha dourada com o nome do santo escrito e sublinhado a lápis: S. Frutuoso. (o sublinhado é original).

antebraço esquerdo fletido e assente sobre a coxa. As mãos estão abertas, com os dedos ligeiramente afastados. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo ligeiramente elevado em relação ao direito que, por sua vez, assenta sobre o suporte. O pé esquerdo apoia sobre o tornozelo do pé oposto.

O rosto encarnado possui aparência jovem e imberbe, queixo e nariz proeminentes, lábios bem delineados, boca e olhos fechados, sobrancelhas finas e pestanas espaçadas, e orelhas bem definidas. Os lábios apresentam coloração de tom vermelho alaranjado, e as sobrancelhas e as pestanas coloração de tom castanho-escuro. Cachos compridos de cabelo, aparentemente natural, de tom castanho-escuro, envolvem o topo da cabeça e emolduram o rosto. À semelhança do simulacro de são Vicente, a parte posterior da cabeça é pintada, em tom castanho-escuro (fig. 235). Nesta observa-se, ainda, uma coroa de flores, resultante do entrelaçamento de fios metálicos dourados formando flores de cinco pétalas. No topo da cabeça destaca-se uma coroa, de estilo imperial, composta por galões tecidos, lâminas e fios metálicos dourados (fig. 234). Além das coroas, observa-se um pequeno aglomerado de flores sobre a lateral esquerda do tronco, sob a renda de tule, que poderá corresponder ao ramo de flores, atributo muito frequente nesta tipologia de recetáculos devocionais. À exceção destes elementos, nenhum outro atributo de martírio (ex.: espada, vaso de sangue) foi encontrado junto ao simulacro de são Frutuoso.



**Figs. 234 e 235** – Fotografias de pormenor do simulacro de são Frutuoso. © Joana Palmeirão

Embora se note, à primeira vista, uma indumentária distinta do que tem vindo a ser descrito até aqui, o simulacro de são Frutuoso apresenta elementos característicos do traje militar romano, já identificados no simulacro de são Burcio. Assim, observam-se: saia (túnica?), *pteruges*, luvas, manto

e cáligas. Além destes elementos observam-se, ainda, calções compridos (ou corsários) e meias sob as sandálias.

De dentro para fora, o simulacro veste meias de renda metálica prateada, com espaçamento geométrico ao centro e, por cima, calções compridos em tafetá branco. Os calções são revestidos, nos joelhos, por lhama dourada e rematados, abaixo dos joelhos, por galão tecido dourado com motivos geométricos (3 cm de largura), seguido por uma faixa de tecido em tafetá policromo (4,4 cm de largura), decorada com lâminas douradas dispostas em losangos, lantejoulas e canotilhos (fig. 236). A saia é composta por um tecido lavrado creme e espolinado com lâminas e fios metálicos (fios laminados e fios crespos) dourados e prateados, formando motivos florais e vegetalistas de diferentes tamanhos e feitios. A extremidade inferior da saia é rematada por galão de renda dourado (2,5 cm de largura máxima). Sobre a saia destacam-se, em tecido de veludo bordeaux, quatro *pteruges*, rematadas por pequenos galões de renda prateada (1 cm de largura máxima) (fig. 237). O tronco é todo ele revestido a gaze simples e transparente, o que permite observar os ossos embutidos no gesso (fig. 238). No pescoço e no lado esquerdo do tronco, uma renda de tule branca-acinzentada deixa vislumbrar alguns elementos dispersos, como galões de renda, folhas metálicas douradas (~2,6 cm de largura máxima), galões tecidos dourados (1,1 cm de largura), feiras de pérolas/contas e flores em papel policromo. Um cordão dourado com argola ao centro repousa sobre o peito (fig. 238). Na cintura destaca-se uma faixa larga em tecido de cetim bege (9,5 cm de largura), ricamente bordado a fio metálico, lantejoulas e canotilhos dourados e prateados, dispostos simetricamente formando composições florais em alto-relevo (fig. 237). Um laço largo, do mesmo tecido, remata a lateral esquerda da cintura, da qual pendem duas faixas, de formato triangular, bordadas a fio metálico, lantejoulas e canotilhos prateados, formando vasos de flores. As faixas são rematadas por duas borlas profusas douradas, em forma de campânula e com decoração floral, seguidas de berloque envolto em franja.

Os membros superiores (à exceção das mãos) estão revestidos a tecido de tafetá branco. Sobre este, envolvendo os ombros e braços, observam-se damascos vermelhos lavrados a fio metálico dourado, formando motivos vegetalistas. Nos ombros destaca-se uma decoração profusa de lhamas douradas e ornamentos variados, que resultam da combinação de arames, missangas tubulares (brancas e

verdes), lâminas e fios metálicos prateados, e elementos esféricos semelhantes a pérolas (fig. 239). Rendas metálicas prateadas e um galão de renda dourado (igual ao da saia), envolvem parcialmente os antebraços. As mãos vestem luvas em renda metálica de tom acobreado (fig. 240). As cáligas são compostas por tecido (de cetim?) vermelho vivo, que envolve os tornozelos e a parte inferior das pernas, imitando o cano das sandálias (fig. 241). O tecido é decorado e rematado com galões tecidos (1,1 cm de largura), cruzados entre si em ziguezague e dispostos simetricamente. Um pequeno laço em renda de tule decora o remate superior do cano das sandálias. O dorso dos pés está envolvido por gaze e renda de tule, à semelhança do tronco. As solas são forradas com tecido de cor azul-celeste e rematado com galão tecido. Pequenos galões dourados, como que a imitar as tiras das cáligas, envolvem o dorso dos pés e prendem nas solas. Por fim, um manto estende-se desde o ombro esquerdo até ao tornozelo, tapando parcialmente o braço, todo o antebraço e parte da perna. Consiste num tecido lustroso (cetim?) vermelho vivo, igual ao tecido das cáligas. As extremidades são decoradas por dois galões de renda prateada (3 cm de largura máxima), unidos entre si por meio de costura.

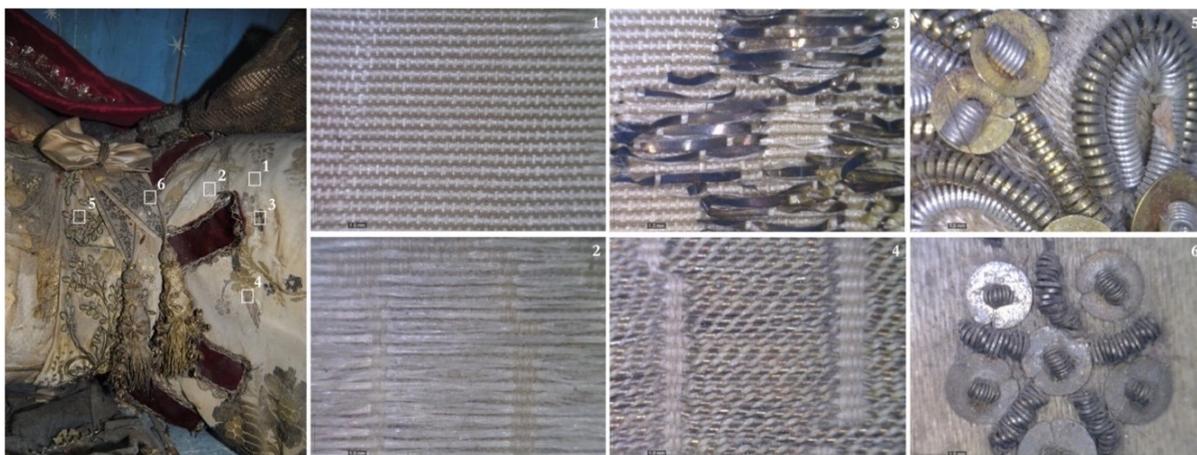


**Figs. 236, 237, 238, 239, 240 e 241** – Fotografias de pormenor da indumentária do simulacro do santo mártir Frutuoso.  
© Joana Palmeirão

A cabeça apoia sobre uma almofada baixa, forrada com tecido de damasco vermelho, lavrado a fio metálico dourado e rematado com galão tecido dourado (3 cm de largura), ambos com motivos vegetalistas. Um berloque profuso em metal dourado (~8,5 cm de comprimento) pende do canto inferior da almofada. Esta assenta sobre um suporte de formato geométrico revestido a tecido de tafetá azul e rematado com três galões tecidos dourados com decoração geométrica (0,6 cm de largura). O simulacro repousa diretamente sobre a base do altar. O interior está pintado de cor azul-celeste com estrelas brancas de seis e de oito pontas.

### Exame visual

A decoração das diversas peças de vestuário é particularmente rica em lâminas e fios metálicos dourados e prateados, assim como ornamentos metálicos, entre os quais se destacam folhas douradas, lantejoulas e canotilhos. Pormenores dos tecidos e passamanes foram obtidos por Dino-Lite (figs. 242 e 243).



**Fig. 242** – Montagem com imagens de pormenor dos tecidos e passamanes da indumentária do simulacro do santo mártir Frutuoso, obtidas por Dino-Lite. Legenda: 1 – tafetá, 2 – tecido lavrado, 3 e 4 – tecido de tafetá espolinado a lâmina e fio metálico, respetivamente, 5 e 6 – bordado direito sobre tecido de cetim (com canotilhos e lantejoulas). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão



**Fig. 243** – Montagem com imagens de pormenor dos tecidos e passamanes da indumentária do simulacro do santo mártir Frutuoso, por Dino-Lite. Legenda: 1 – lhama, 2 – renda metálica (de bilros) e tafetá com decoração a lâmina metálica, 3 – tafetá com decoração metálica (lâminas, canotilhos e lantejoulas), 4 – renda metálica (de bilros), 5 – renda de tule e 6 – osso (falange). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

A observação macroscópica do simulacro permitiu identificar algumas patologias nos tecidos, nomeadamente: descoloração, lacerações, fios quebrados e manchas de oxidação avermelhadas (do contacto com elementos ferrosos) (fig. 244). Verificou-se, ainda, que alguns tecidos estão dispostos de forma irregular e desorganizada, o que sugere que a peça terá sido remexida no passado. Isto é igualmente sugerido pela presença de alfinetes de diferentes feitios – de cabeça achatada ou redonda –, em inox ou em ferro (pela presença de concreções alaranjadas). Observam-se, também, concreções esverdeadas nas lâminas e fios metálicos dourados dos galões de renda (tronco), que consistem em produtos de corrosão do cobre (ligas de cobre) (fig. 245). Além disso, as almas dos fios laminados dos mesmos galões são de cor laranja, ao invés da tradicional cor amarela (fig. 245).



**Figs. 244 e 245** – Fotografias de pormenor do estado de conservação dos tecidos e passamanes do simulacro do santo mártir Frutuoso. © Joana Palmeirão

Devido à transparência dos tecidos e espaçamento das rendas metálicas, os ossos são visíveis no tronco, nas mãos, nas pernas e nos pés. Embora a estrutura em gesso apresente um bom estado de conservação, observam-se alguns danos nas peças ósseas, em particular nas costelas e nas falanges do pé esquerdo. Na lateral esquerda do tronco observam-se algumas costelas bastante danificadas e embutidas no gesso, sugerindo o seu prolongamento para a parte traseira (costas) (fig. 246). O dedo indicador da mão esquerda encontra-se partido (fig. 247).



**Figs. 246 e 247** – Fotografias de pormenor das costelas (lateral esquerda do tronco) e fratura do dedo indicador da mão esquerda do simulacro do santo mártir Frutuoso. © Joana Palmeirão

### **Exame radiográfico<sup>472</sup>**

Embora o simulacro consista numa estrutura de gesso, o exame radiográfico trouxe alguns dados relevantes sobre o esqueleto, precisamente sobre a quantidade, a posição e o estado de conservação dos ossos.

Mediante a análise das radiografias, parece não existirem ossos do crânio. Quanto aos membros superiores, foram identificadas seis arcadas costais que parecem íntegras, mas sem inserção nas vertebrae, o que significa que a parte traseira das costelas foi embutida no reverso do bloco de gesso (tronco), como sugerido pela observação macroscópica. Além disso, parecem existir duas vertebrae

---

<sup>472</sup> Para o exame radiográfico foi removida a portada frontal do altar e as placas radiográficas foram encostadas diretamente na parede interna do altar, atrás do simulacro.

dorsais (?), o úmero direito (?), os cinco ossos do metacarpo e os dedos (falanges) da mão direita (a esquerda é impercetível). Não é possível afirmar se existem ossos nos antebraços; crê-se, no entanto, devido à elevada radiopacidade, tratar-se de blocos maciços de gesso.

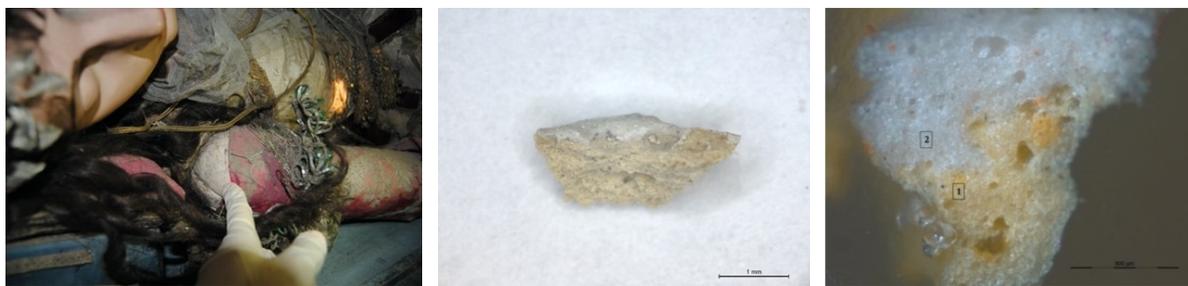


**Fig. 248** – Radiografia frontal e integral do simulacro do santo mártir Frutuoso (após edição de imagem). © Luís Piorro (LJF|DGPC)

No que diz respeito aos membros inferiores, as imagens radiográficas vieram confirmar a presença de ossos nas coxas (ocultas pela indumentária). Na coxa esquerda observa-se a parte inferior do fémur (côndilos femorais), em posição anatomicamente incorreta, uma vez que os côndilos estão no sentido oposto à tibia quando deveriam estar juntos (joelho). Na zona da bacia observa-se um artefacto posicionado na vertical e com elevada radiopacidade. Tanto este, como os cravos metálicos visíveis nos joelhos estão relacionados com o sistema de montagem interno. Nas pernas destacam-se as duas tíbias, bem posicionadas e fraturadas. No seguimento da tibia direita observam-se as falanges proximal (F1) e distal (F2) do primeiro dedo. Observam-se ainda duas falanges F1, possivelmente do segundo e terceiro dedos. Apesar de o pé esquerdo não ser perceptível na radiografia, os ossos são facilmente identificáveis à vista desarmada. Assim, distinguem-se as falanges proximal (F1) e distal (F2) do primeiro dedo, mais duas falanges F1, possivelmente do segundo e terceiro dedos (mas sem certezas devido às similaridades entre elas).

### Outros elementos: gesso<sup>473</sup>

Mediante a análise do corte estratigráfico da amostra de gesso (F1), foi possível distinguir dois estratos: 1 – camada amarela (suporte) e 2 – camada branca (camada cromática) (figs. 249–251).



**Figs. 249, 250 e 251** – Da esquerda para a direita: local de recolha da amostra F1 (ombro direito), imagem da amostra obtida ao microscópio estereoscópico (32x) e imagem do corte estratigráfico obtida ao microscópio de campo escuro (200x). © Joana Palmeirão

A amostra F1 foi analisada por SEM-EDS (tabela 12). Em ambas as camadas foram identificados, como elementos maioritários, o cálcio (Ca) e o enxofre (S), confirmando a presença de sulfato de cálcio ou gesso ( $\text{CaSO}_4 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$ ). Na camada 1 (suporte) foi ainda detetado ferro (Fe). Este elemento pode estar associado ao óxido de ferro ( $\text{Fe}_2\text{O}_3$ ), podendo significar a presença de hematite (ocre vermelho,  $\alpha\text{-Fe}_2\text{O}_3$ ) ou goetite (ocre-amarelo,  $\alpha\text{-FeOOH}$ )<sup>474</sup> (Eastaugh et al., 2008). Na camada 2 (camada cromática) foi detetado chumbo (Pb) nos mapas de EDS. Pela cor predominante da camada, este elemento aponta para a presença do pigmento branco de chumbo (hidrocerussite,  $2\text{PbCO}_3 \cdot \text{Pb}(\text{OH})_2$ ). Os elementos alumínio (Al) e silício (Si) correspondem a partículas de pó depositadas nas rugosidades ou durante o polimento do corte estratigráfico.

O espectro de FT-IR da camada 2 (tabela 13) veio confirmar a presença de gesso, pela deteção das bandas de absorção correspondentes às vibrações de estiramento e deformação das ligações O–H (moléculas de água) aos  $3511$  e  $3393 \text{ cm}^{-1}$   $\nu(\text{O-H})$ , e aos  $1674$  e  $1621 \text{ cm}^{-1}$   $\delta(\text{O-H})$ , respetivamente.

---

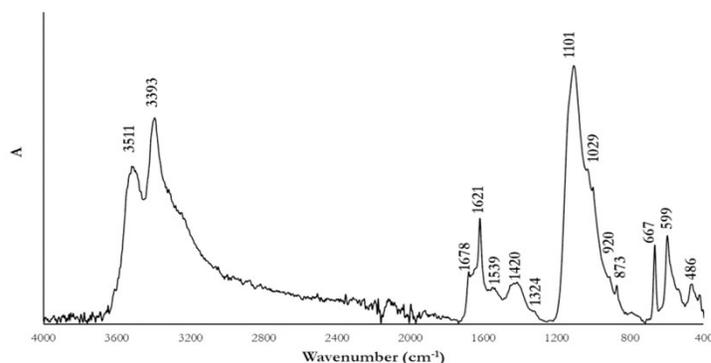
<sup>473</sup> A amostragem do simulacro de São Frutuoso cingiu-se apenas à recolha de uma amostra da estrutura de gesso (F1), para fins de estudo estratigráfico e de composição.

<sup>474</sup> Embora o suporte apresente um tom amarelo alaranjado, com base nas técnicas de análise aplicadas não é possível confirmar a qual dos óxidos de ferro corresponde a cor do suporte.

Confirmou-se, ainda, a presença das ligações S–O do anião sulfato pela identificação da banda aos 1101  $\text{cm}^{-1}$ , associada ao estiramento antissimétrico ( $\nu(\text{SO}_4^{2-})$ ), e pela banda aos 667  $\text{cm}^{-1}$ , relativa à deformação antissimétrica ( $\delta(\text{SO}_4^{2-})$ ). O branco de chumbo foi igualmente detetado. Além das bandas de absorção atribuídas às vibrações das ligações O–H aos 3511 e 3393  $\text{cm}^{-1}$   $\nu(\text{O–H})$  e aos 1621  $\text{cm}^{-1}$   $\delta(\text{O–H})$ , foram também identificadas as bandas associadas às vibrações da hidrocerussite ( $2\text{PbCO}_3 \cdot \text{Pb}(\text{OH})_2$ ), aos  $\sim 1400$  e 1029  $\text{cm}^{-1}$ , e aos 873  $\text{cm}^{-1}$  e 667  $\text{cm}^{-1}$ , resultantes das vibrações por estiramento ( $\nu(\text{CO}_3^{2-})$ ) e por deformação ( $\delta(\text{CO}_3^{2-})$ ) antissimétricas das ligações C–O do anião carbonato, respetivamente (Carbó et al., 1997; Issa et al., 2015).

**Tabela 12** – Elementos detetados por SEM-EDS da amostra F1. © Joana Palmeirão

Amostra	Camada	Cor	Elementos						Composição
			Al	Si	S	Ca	Fe	Pb	
F1	1	amarela	x	x	x	x	x		gesso + óxido de ferro
	2	branca	x	x	x	x		x	gesso + branco de chumbo



**Tabela 13** – Espectro FT-IR da amostra F1 (camada 2) e bandas de IR identificadas para cada material. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Material	Banda de absorção ( $\text{cm}^{-1}$ )
F1	sulfato de cálcio	3511, 3393 $\nu(\text{O-H})$ ; 1674, 1621 $\delta(\text{O-H})$ ; 1101 $\nu(\text{SO}_4^{2-})$ ; 667 $\delta(\text{SO}_4^{2-})$
	branco de chumbo	3511, 3393 $\nu(\text{O-H})$ ; 1621 $\delta(\text{O-H})$ ; $\sim 1400$ , 1029 $\nu(\text{CO}_3^{2-})$ ; 873, 667 $\delta(\text{CO}_3^{2-})$

#### 6.3.4. Santo mártir Fortunato (Guimarães)<sup>475</sup>

##### Descrição da peça



**Fig. 252** – Fotografia geral do simulacro do corpo do santo mártir Fortunato, igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, Guimarães. © Joana Palmeirão

O último exemplar analisado foi o simulacro do corpo do santo mártir Fortunato<sup>476</sup>, pertencente à Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (Guimarães). O simulacro mede 138 cm de comprimento por 55 cm de largura e faz-se acompanhar dos atributos de martírio, nomeadamente: o vaso de sangue, o cristograma Chi-Rho, a folha de palma e a coroa de flores. O simulacro faz-se, também, acompanhar da auréola, da espada e do elmo.

Apresenta-se em posição jacente para o lado esquerdo, com o corpo e o rosto voltados para cima. A cabeça apoia sobre duas almofadas altas. O braço direito estende-se sobre a padiola enquanto a mão, aberta, repousa sobre o punho da espada. O braço esquerdo acompanha o tronco e a mão, ligeiramente elevada em relação à coxa, segura a folha de palma em madeira policroma, de cor verde com laivos dourados (fig. 253). Os joelhos estão fletidos e elevados em relação ao suporte, o

---

<sup>475</sup> Como referido acima, o simulacro do santo mártir Fortunato foi alvo de uma intervenção de conservação e restauro (pela autora), entre outubro e novembro de 2020, o que permitiu o acesso direto à peça e o seu estudo macro e microscópico. Sobre a intervenção realizada veja-se, *infra*, subcapítulo 7.4.7. (parte IV).

<sup>476</sup> Sobre a história do simulacro reveja-se, *supra*, subcapítulo 5.2.3. (parte II).

esquerdo ligeiramente mais elevado do que o direito, e os calcanhares assentam sobre a padiola. O rosto, pescoço, antebraços, mãos e pernas consistem num suporte têxtil muito fino e moldado. O rosto, escurecido (devido à extensa acumulação de sujidade), possui uma aparência jovem e imberbe, com nariz proeminente, lábios ligeiramente abertos e olhos fechados (fig. 254). Apesar da sujidade superficial, observam-se anotação de cor nos lábios, no nariz e nos olhos. Os lábios, de tonalidade rosa-claro, deixam a descoberto os dentes do crânio. Os apontamentos de cor nas narinas e nos olhos (pestanas) são de tom castanho-escuro. O cabelo, aparentemente natural, apresenta um tom castanho alaranjado. O topo da cabeça é rematado por uma coroa de flores composta por lâminas e fios metálicos prateados combinados com missangas tubulares e flores metálicas policromas, formando composições florais, e uma auréola em fio de metal grosso, de cor bronze (fig. 255).



**Figs. 253, 254 e 255** – Fotografias de pormenor da folha de palma, do rosto e da coroa de flores do simulacro de são Fortunato (antes da intervenção). © Joana Palmeirão

Como observado no simulacro de são Burcio, o de são Fortunato veste os cinco elementos principais do traje militar ou de legionário romano, que consistem em:

- túnica curta (*tunica militaris*) produzida em tecido de seda lavrada salmão com decoração espolinada a fio de seda preta, lâmina e fio metálico dourado, formando ramos florais sinuosos contínuos que cruzam, perpendicularmente, com ondulações sinuosas, ambos em relevo (brocado) (fig. 256). As extremidades da túnica (mangas e saia) são rematadas por feira de contas e missangas de tom branco acinzentado, seguida por uma fileira de pequenas flores e losangos metálicos policromos, e galão franjado (~2,5 cm de largura);

- armadura (*lorica squamata*<sup>477</sup>), com decote quadrado, sem mangas e com extremidades (ombros e cintura) onduladas (figs. 256 e 257). A *lorica* caracteriza-se por uma lhama de aparência dourada com decoração pintada na forma de escamas, sobre as quais assentam pequenos galões dourados (~0,6 cm de largura). Cada escama é decorada ao centro por uma flor metálica de seis pétalas (2 cm de largura máxima), de tom carmim. Cada ombro é decorado por uma faixa composta por galões tecidos dourados (1 cm de largura), pequenas flores metálicas (~1 cm de largura) intercaladas por folhas metálicas policromas de formato geométrico, e feiras de contas e missangas (fig. 259). O decote é rematado por pequeno galão franjado dourado (0,9 cm de largura), enquanto as extremidades onduladas (ombros e cintura) são decoradas, ao centro, por folhas geométricas policromas e rematadas por galão tecido dourado (1,2 cm de largura);
- subarmadura (*subarmillis*), na forma de tiras largas e compridas sobre os ombros e coxas (*pteruges*) (~2,4 cm de largura), que pendem das extremidades onduladas da *lorica* (fig. 256). Estas resultam da combinação de galão tecido dourado, lhama prateada e galão franjado prateado, e são decoradas com flores metálicas de tom carmim e verde, e folhas geométricas policromas;
- cáligas (*caligae*) que consistem em sandálias de cano médio. Estas são compostas pelo mesmo tecido da túnica nas laterais das pernas e gaze na parte frontal, deixando vislumbrar o osso no interior (fig. 258). O tecido é rematado por galões prateados (~1,4 cm de largura). Sobre a gaze cruzam pequenos galões dourados (0,6 cm de largura) decorados com flores e folhas metálicas (de formato geométrico), de diferentes cores. O remate superior das sandálias (cano) é decorado com tecido de cetim creme com pequenas flores de tom vermelho e folhas metálicas policromas, feira de contas e missangas, e galão tecido dourado (igual ao dos ombros);
- manto ou capa militar de tecido de cetim azul-celeste adornado com pequenas estrelas de seis pontas e por flores de cinco pétalas, metálicas, de tonalidade prateada. Todo o manto é rematado por galão de renda dourado (~2,5 cm de largura máxima).

---

<sup>477</sup> A armadura *lorica squamata* era uma das variantes usadas pelos romanos, que consistia no encadeamento de pequenas escamas (*squama* = escama (de peixe)) de metal costuradas a um forro de tecido (Roman Numismatic Gallery, n.d.; Wijnhoven, 2009). Sobre as armaduras reveja-se, acima, nota n.º 454.

Além destes cinco elementos observam-se calções compridos (ou corsários), veste interior ou camisa (mangas até aos antebraços), faixa na cintura (*fascia ventralis*)<sup>478</sup> (fig. 260) e capacete ou elmo (fig. 261). Os primeiros dois elementos são em tecido de cetim creme rematado, respetivamente, por galão tecido (~1,9 cm de largura máxima) e galão de renda dourado (igual ao do manto). A *fascia* resume-se a uma faixa larga em lhama, de cor bronze, adornada com folhas metálicas policromas, de formato oval e retangular, estas últimas intercaladas por flores metálicas de tom carmim e verde. O elmo, localizado próximo do pé esquerdo, é revestido por lhama prateada com o mesmo feitiço da armadura (escamas avermelhadas) e decorado, simetricamente, com duas feiras de contas e missangas, e com folhas metálicas policromas de formato quadrangular. Possui, no topo, um penacho com galão franjado largo e prateado (~6 cm de largura).



**Figs. 256, 257, 258, 259, 260 e 261** – Fotografias de pormenor da indumentária do simulacro de são Fortunato. © Joana Palmeirão

As pernas e mãos não vestem meias e luvas. Em contrapartida, são revestidas com o mesmo tecido (ou similar) ao do rosto.

---

<sup>478</sup> A *fascia ventralis* consistia numa faixa larga de tecido usada, frequentemente, sob o bálteo ou cinto militar. Este, por sua vez, segurava a espada (Sumner, 2002).

As almofadas são forradas com tecido de cetim rosa-claro (desvanecido) e rematadas por um largo galão tecido dourado e ondulado, com padrão de motivos vegetalistas (~3,8 cm de largura máxima). Duas borlas profusas com berloques a lâmina e fio metálico dourado decoram as extremidades laterais de cada uma das almofadas. O simulacro e respetivos atributos assentam sobre uma padiola de madeira forrada com palha e estopa, e revestida com tecido de cetim rosa-claro (igual ao das almofadas). As extremidades são cercadas pelo mesmo galão tecido largo e ondulado aplicado nas almofadas. Sobre a padiola, junto ao corpo, observa-se a espada em talha dourada e prateada, com pomo (extremidade) decorado com cabeça de águia, guarda-mãos em “S” invertido e lâmina curva para o lado esquerdo (figs. 262 e 263). Junto às almofadas observa-se o vaso de sangue em talha dourada com pé alto, corpo pequeno e cilíndrico e face frontal envidraçada (?), através da qual são visíveis, no interior, aglomerados de aspeto terroso (fig. 264). Embora incompleto, o cristograma Chi-Rho remata a tampa do vaso. Junto à base, numa pequena cartela metálica, pode ler-se a inscrição “VAS SANGVINIS” em letras maiúsculas de tom castanho-escuro.



**Figs. 262, 263 e 264** – Fotografias de pormenor da espada e do “VAS SANGVINIS” que acompanham o simulacro de são Fortunato. © Joana Palmeirão

### **Exame visual**

A indumentária do simulacro de são Fortunato resulta da combinação de tecidos variados, de grande riqueza a nível de cor, composição e técnica. Foram igualmente identificadas várias técnicas de tecelagem (tafetá, cetim, gaze, lhama) e passamanes de diferentes tamanhos e feitios, prateados e

dourados (galões tecidos, galões de renda, galões franjados e berloques)<sup>479</sup>. Os ornamentos são igualmente diversos, desde:

- feiras de contas, pérolas falsas e missangas redondas e tubulares<sup>480</sup>;
- folhas ou chapas metálicas de formato geométrico, em tons de carmim e verde;
- flores metálicas de cinco e seis pétalas de diferentes tamanhos, em tons de carmim e verde;
- e estrelas metálicas cinzeladas, de seis pontas, prateadas.

Detetou-se ainda a presença de outras decorações – flores ou estrelas de quatro pontas –, muito irregulares e de menor qualidade do que as anteriores, sugerindo tratar-se de uma intervenção posterior. Os adornos metálicos de formato geométrico resultam de pequenas folhas ou chapas metálicas em tons de vermelho (carmim) e verde, na forma de retângulos, losangos, círculos ou ovais (figs. 265 e 266). Muitos destes adornos apresentam destacamento do revestimento policromo, o que possibilitou a observação da folha metálica como suporte. Subentende-se que o intuito da sua utilização tenha sido o de imitar as pedras semipreciosas ou preciosas<sup>481</sup>, uma vez que quando a luz incide sobre a chapa metálica cria essa ilusão. Tratar-se-ia, portanto, de um recurso mais económico. Estas chapas são emolduradas por lâmina ou fio metálico enrolado e entrelaçado à semelhança do trabalho de filigrana.

Nos locais onde os vários ornamentos metálicos (chapas, flores e estrelas) já não existem, observam-se manchas enegrecidas ou esverdeadas (de oxidação), correspondentes à zona de adesão desses

---

<sup>479</sup> Deve-se um agradecimento especial à Dra. Manuela Pinto da Costa por todo o apoio na identificação dos variados elementos têxteis e decorativos.

<sup>480</sup> Anna Pfeiffer (2005) refere a existência de receitas artesanais para a produção de missangas, as quais consistiam numa massa maleável de proteína (cola animal?) misturada com talco ou madreperla. A massa era enrolada na forma pretendida e furada com uma agulha.

<sup>481</sup> Provavelmente com o intuito de se aproximarem dos exemplares repletos de gemas e de pedras semipreciosas, da Europa Central (recorde-se, a título de exemplo, Koudounaris, 2013; Krausen, n.d.; Pfeiffer, 2005; Prader, 2012). Anna Pfeiffer (2005) refere, inclusive, que as freiras colocavam por vezes pedaços de folha de metal ou folha de alumínio por baixo das pedras de vidro, cujo reflexo aumentava a luminosidade das pedras; noutras ocasiões, as pedras preciosas eram imitadas com arame, chapa e um quadrado de papel de alumínio de coloração azul ou vermelha.

adornos aos tecidos e passamanes (fig. 267 e 268). Os adesivos apresentam-se envelhecidos e ressequidos, o que terá levado ao despreendimento dos ornamentos.

As feiras de contas e pérolas falsas terão sido outro recurso financeiro. Embora muitas se assemelhem a pérolas verdadeiras tratam-se, na verdade, de imitações (como se verá, *infra*, no subcapítulo “Outros elementos”). Além disso, pela presença de contas e missangas de diferentes materiais, tamanhos e feitios, supõe-se que estas já tenham sido alvo de intervenções (substituições) no passado.



**Figs. 265 e 266** – Fotografias de pormenor dos ornamentos metálicos (folhas ou chapas policromas de formato geométrico). © Joana Palmeirão



**Figs. 267 e 268** – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor das manchas enegrecidas (cetim) e esverdeadas (lhama) de oxidação, resultantes do envelhecimento e degradação dos adesivos. © Joana Palmeirão

É evidente, por toda a peça, uma descoloração acentuada dos tecidos, em particular da túnica, do manto, das almofadas e da padiola. No caso da túnica e das almofadas, a cor original (rosa alaranjado

ou salmão) foi identificada nas zonas ocultas dos tecidos, protegidas da radiação UV (figs. 269 e 270). Foram igualmente identificadas: manchas de humidade (avesso do manto); lacerações extensas nos tecidos de cetim da camisa (manga direita)<sup>482</sup> e do remate superior das sandálias (fig. 274), assim como nos tecidos do rosto, das mãos e antebraços (reveja-se figs. 253 e 254); presença pontual de bolores (fig. 271); mudas de insetos (exúvias)<sup>483</sup> e insetos mortos. Foram também detetados vestígios de cera de velas por todo o simulacro (tecidos, passamanes, rosto, etc.) (reveja-se fig. 254 e 263), confirmando o seu deslocamento ou abertura da urna para exibição e veneração dos fiéis<sup>484</sup>. Observou-se ainda, como verificado nos simulacros anteriores, que os tecidos não envolvem completamente o corpo, mas apenas a parte visível e perceptível ao observador.



**Figs. 269, 270 e 271** – Fotografias de pormenor da descoloração acentuada dos tecidos da almofada, do manto e da túnica, e da presença de bolores no tecido da perna. © Joana Palmeirão

Na parte traseira do simulacro identificou-se a presença de uma estrutura de suporte em papel grosso ou cartão (base cartonada), que foi moldada à forma do corpo atribuindo-lhe

---

<sup>482</sup> Durante a intervenção de 2020, concluiu-se que estas lacerações eram resultado de uma constante abertura/fecho da cortina no interior que, à data, encontrava-se obsoleta.

<sup>483</sup> As exúvias encontradas são muito similares às identificadas no simulacro de santo Aurélio. Devido à coloração castanha-alaranjada e à presença de pelos à superfície, as exúvias pertencem às larvas de *Anthrenus spp.* (J. Palmeirão, 2015).

<sup>484</sup> Durante a intervenção de conservação e restauro da urna-relicário (realizada no Centro de C&R da UCP), concluiu-se que a abertura da urna seria, originalmente, realizada pela face frontal. A presença de betume nas frinchas da moldura frontal e de pregos ao longo desta, aliada à dificuldade em extrair a urna do retábulo (esta encaixa na perfeição no banco do retábulo, e exigiu a presença de quatro pessoas e de um andaime para ser retirada), confirmam o sistema de abertura frontal. Crê-se, por isso, que o betume e os pregos tenham sido aplicados num período posterior, com o intuito de impedir essa abertura. Durante a intervenção de 2020 optou-se por manter a integridade da face frontal, tendo a extração do simulacro decorrido pela face posterior da urna. Não obstante, as tábuas traseiras já apresentavam sinais de terem sido movimentadas no passado.

tridimensionalidade. Esta é envolvida por um tecido branco, semelhante à estopa, que é observável a olho nu nas costas, braços, bacia e coxa esquerda (fig. 272). Uma rede metálica de arames finos é visível entre a base cartonada e a indumentária, favorecendo as ondulações e o posicionamento dos tecidos, em particular da túnica e do manto. Uma grande quantidade de alfinetes fixa a indumentária à base cartonada. Além desta base, observam-se tiras de papel cosidas (com fio de costura branco) ao avesso das *pteruges*, com o intuito de lhes dar forma e reforço estrutural<sup>485</sup>. Estas tiras estão enumeradas a sanguínea, como se observa na fig. 273. Devido às lacerações do tecido de cetim do remate superior da sandália (perna direita), observa-se também um suporte de papel, que parece atribuir forma ao tecido (fig. 274). Neste, pode ler-se a seguinte inscrição, em letras avermelhadas: *Sta. Maria Transportina*<sup>486</sup>.



**Figs. 272, 273 e 274** – Fotografias de pormenor da base cartonada (parte traseira do simulacro), e dos suportes de papel das *pteruges* e do remate superior da sandália direita. © Joana Palmeirão

O exame visual, à vista desarmada, seguido da inspeção pontual com um boroscópio portátil permitiu a observação da estrutura tridimensional interna e dos ossos no interior<sup>487</sup>.

---

<sup>485</sup> Estas tiras foram igualmente identificadas, por Anna Pfeiffer (2005), nos exemplares da Alta Suábia. A autora referiu, inclusive, que todos os santos examinados possuíam *camadas costuradas de tecidos enrijecidos ou de papelão fino* (*Lagen aus versteiften Textilien oder dunnenm karton*), as quais eram utilizadas para dar estabilidade à indumentária (2005, p. 47). Os estudos realizados por Pfeiffer permitiram concluir que o papel era um material frequentemente utilizado, quer como reforço dos tecidos, quer como estrutura de suporte, mediante a colagem de várias camadas de papel ou papelão fino, estrutura que a autora denominou de cartão (*Karton*) (2005, p. 50).

<sup>486</sup> Este elemento já foi apresentado e discutido no subcapítulo 5.2.3 (parte II).

<sup>487</sup> O sistema de montagem da base cartonada dificultou a introdução do cabo do boroscópio no interior do simulacro. Por esta razão só foi possível efetuar a observação através de dois pontos de acesso: (1) pelo lado direito do pescoço (devido a uma laceração no tecido) e (2) pela anca esquerda (parte traseira).

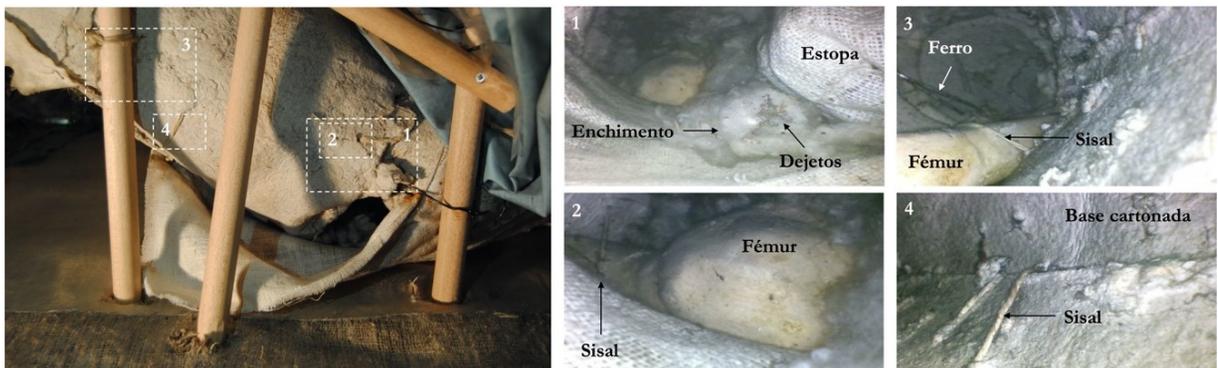


**Figs. 275, 276, 277, 278, 279 e 280** – Fotografias de pormenor do interior do simulacro (cabeça e peito), com uma câmara de inspeção visual ou boroscópio. © Joana Palmeirão

A estrutura interna caracteriza-se por uma armação metálica (de arames grossos), envolvida pela base cartonada (fig. 275), que parece servir de estrutura de apoio à indumentária, enquanto impede o contacto direto desta com as relíquias no interior. Pelo primeiro ponto de acesso (pescoço), obtiveram-se leituras pontuais da cabeça, pescoço e peito, tendo sido identificados: o maxilar e a mandíbula com uma grande variedade de dentes (no mínimo catorze); seis vertebrae (três aparentemente cervicais, uma torácica e duas lombares); três costelas (?) e as duas clavículas (?) (figs. 276–279). No maxilar foram ainda identificadas três cavidades no osso (alvéolos dentários), resultantes da perda dos dentes (fig. 278). O esterno, embora pareça existir, consiste numa massa que une as costelas na parte central do peito. As vertebrae são atravessadas por uma haste metálica grossa (pelas manchas de corrosão alaranjadas trata-se de uma estrutura de ferro) e são fixadas com corda de sisal, assim como as costelas e as clavículas (fig. 279). A mesma haste de ferro atravessa o crânio. Este é preso na base e no topo por duas peças de madeira e vários arames de ferro (fig. 290).

No interior da estrutura de suporte observam-se, ainda, aglomerados fibrosos (enchimento) (fig. 280).

O acesso pela anca esquerda – embora mais dificultado (devido à base cartonada) –, permitiu a leitura interna da zona da bacia e das coxas. Aqui, foram observados: ambos os fêmures (pela identificação dos côndilos femurais), estopa e enchimento fibroso. À semelhança do que foi observado nos ossos anteriormente identificados, os fêmures foram fixados à base cartonada com corda de sisal (fig. 281). O enchimento terá sido aplicado com o intuito de acolchoar os ossos e protegê-los do transporte e possíveis impactos. Na zona da bacia foram igualmente observados excrementos de roedores e restos de caroços, o que sugere a existência, no passado, de uma contaminação biológica no interior do simulacro<sup>488</sup>.



**Fig. 281** – Esquema representativo do sistema de montagem interno (bacia), observado pela câmara de inspeção visual ou boroscópio. © Joana Palmeirão

Pela transparência e presença de lacerações nos tecidos foram ainda identificados: os dois rádios (antebraços); os ossos do metacarpo e as falanges proximal e média (mãos) (fig. 282), e as duas tíbias (pernas). Embora existam algumas protuberâncias nos pés, não foi possível confirmar a presença de ossos no interior; visualmente, os pés parecem resultar da modelagem de uma massa ou de tecido (figs. 283 e 284).

---

<sup>488</sup> O enchimento terá funcionado como fonte de calor e ninho para os roedores.



**Figs. 282, 283 e 284** – Fotografias de pormenor da mão direita e do pé esquerdo do simulacro de são Fortunato. © Joana Palmeirão

Os ossos observados pelo boroscópio apresentam algumas fraturas e fissuras, assim como uma tonalidade amarela acastanhada, podendo tratar-se de um revestimento protetor e/ou de uma camada cromática<sup>489</sup>.

As inspeções interna e externa do simulacro permitiram igualmente identificar a presença de oito estacas de madeira (fig. 292). Estas estruturas servem de apoio à base cartonada, ao manto e ao elmo. Uma rede complexa de arames finos de ferro foi, também, aplicada para moldar e sustentar o manto e a saia (túnica), atribuindo volumetria através da sugestão de ondulações nos tecidos. Estes arames finos estão presos às estacas de madeira e ao manto através de pequenos cravos e pontos de costura, respetivamente (fig. 285). Por sua vez, as estacas de madeira e os arames grossos da estrutura interna de sustentação prendem às tábuas da padiola, sendo observáveis pelo seu reverso (figs. 286 e 287).

Nos antebraços e mãos, devido ao estado de degradação dos tecidos, observa-se a estrutura de suporte interno. Nos antebraços, em especial no esquerdo, observa-se claramente uma estrutura tridimensional de arames finos que atribui volumetria ao braço e serve de apoio ao tecido (fig. 288). Nas mãos, as falanges foram fixadas a um suporte de papel emoldurado por arames finos, como se

---

<sup>489</sup> Recorde-se que os ossos não foram alvo de análise durante a presente investigação de doutoramento. Por conseguinte, todas as informações que possam surgir a respeito do tratamento dos ossos consistem em meras conjecturas.

verifica na fig. 289. Tecidos diferentes dos originais foram identificados em ambos os antebraços e mãos sugerindo, como já evidenciado, a ocorrência de intervenções no passado.

A abóbada craniana (calvaria), a qual assenta diretamente sobre a almofada, é visível à vista desarmada e distingue-se pela presença da sutura sagital (fig. 290). Nela distingue-se, claramente, o sistema de fixação do crânio, através de uma articulação complexa de arames, madeira e pasta de papel (esta última liga a máscara de tecido ao crânio) (fig. 290) Os ossos nasais foram, também, observados através de luz transmitida, devido à transparência do tecido do rosto. Este, por sua vez, consiste na sobreposição de tecidos, em tafetá, moldados com a forma de um rosto humano. Pela leitura interna do rosto, a máscara não assenta diretamente sobre o crânio.



**Figs. 285, 286, 287, 288, 289 e 290** – Fotografias de pormenor dos sistemas de sustentação e de fixação do manto, da padiola, dos membros superiores (antebraço esquerdo e mão direita) e do crânio. © Joana Palmeirão

Quer a base cartonada, quer o sistema de estacas – assim como os tecidos, passamanes e ornamentos registados –, foram igualmente identificados no simulacro de *san Hermión*, localizado em Lagos de

Moreno, México<sup>490</sup> (figs. 293 e 294). Como se pode observar nas figs. 291–294, ambos os simulacros apresentam aspetos técnico-materiais e estilísticos muito semelhantes entre si.



**Figs. 291, 292, 293 e 294** – Fotografias gerais da frente e do reverso do simulacro do santo mártir Fortunato (em cima) e do *corpo-relicario de san Hermión* (em baixo), localizado na *Parroquia de Lagos de Moreno* (Jalisco, México), cujas relíquias foram exumadas em 1789 do cemitério de santa Ciríaca, e exposto em 1791. © Joana Palmeirão e © Gibran Huerta, INAH. Fotos gentilmente cedidas por Gabriela Sánchez Reyes

## Amostragem

Para a intervenção de conservação e restauro do simulacro do santo mártir Fortunato, a urna-relicário foi retirada do altar e as tábuas traseiras, que já apresentavam sinais de movimentação (atente-se nota n.º 484), foram reabertas para a deslocação da peça. O acesso direto possibilitou a recolha de um conjunto representativo de amostras, num total de vinte e seis amostras, do rosto,

---

<sup>490</sup> Renova-se o agradecimento à investigadora mexicana Gabriela Sánchez Reyes por partilhar a sua investigação de *corpos-relicarios* no México. *San Hermión* foi também identificado como uma produção de Antonio Magnani (atente-se subcapítulo 4.3. (parte I)).

dos tecidos (fios têxteis), dos passamanes (lâminas e fios laminados), dos ornamentos (flores e contas), e do suporte interno (base cartonada). Devido à descoloração acentuada dos tecidos, as amostras foram recolhidas de zonas protegidas da luz. A compilação de todos os resultados pode ser consultada na tabela VII-E (Apêndice VII).

### **Fibras têxteis e corantes**

As fibras têxteis e as almas dos fios laminados foram analisadas em ambos os sentidos (longitudinal e transversal), por microscopia de campo claro. À exceção do fio de fixação e da alma do galão franjado da túnica (amostras For11.2 e For12.3), da alma do galão de renda do manto (amostra For15.2), e da alma do galão franjado do elmo (amostra For19), as quais foram identificadas como uma mistura de fibras de algodão e linho/cânhamo (figs. 295–297), as restantes amostras analisadas foram identificadas como fibras de seda (figs. 298–302).

A amostra do rosto (For2), identificada como seda ao microscópio de campo claro (fig. 302), foi igualmente analisada por ATR-FT-IR. A presença de seda foi confirmada pela deteção dos componentes estruturais das proteínas (amidas I, II e III) (tabela 14). Algumas bandas parecem ainda apontar para a presença de um aglutinante ou adesivo vegetal, possivelmente uma goma<sup>491</sup>. Além das bandas de absorção aos  $\sim 3300\text{ cm}^{-1}$  e aos  $\sim 2900\text{ cm}^{-1}$  associadas às vibrações de estiramento do grupo O–H e de estiramento assimétrico do grupo metileno ( $\text{CH}_2$ ), a banda identificada aos  $1618\text{ cm}^{-1}$  poderá corresponder ao grupo carboxilo ( $-\text{COOH}$ ). Os ácidos

---

<sup>491</sup> As gomas são heteropolissacarídeos ou açúcares mistos naturais e podem ser de origem vegetal e animal. As gomas vegetais são exsudações ou secreções naturais das plantas como mecanismo de defesa contra estímulos ambientais externos, como lesões físicas, ataque microbiano, etc. São frequentemente utilizadas como aglutinantes, adesivos e espessantes, sendo as mais comuns a goma arábica, a goma tragacanto e a goma de cerejeira (frutífera) (Bashir & Haripriya, 2016; Calvo, 1997; Gómez González, 2008; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998). As gomas são materiais utilizados como aglutinantes, colas e agentes espessantes, sendo a goma arábica aplicada como espessante de tintas e como aglutinante de aguarelas e guaches, fixando os pigmentos no suporte após secagem (Calvo, 1997). Segundo Anna Pfeiffer (2005), a goma de tragacanto foi aplicada para fortalecer as vestes dos santos da Alta Suábia (reveja-se nota n.º 442).

carboxílicos mostram também uma banda característica de deformação O–H aos  $\sim 1420\text{ cm}^{-1}$  (Bashir & Haripriya, 2016).



**Figs. 295, 296 e 297** – Da esquerda para a direita: imagens da secção longitudinal da amostra For15.2 e imagem da secção transversal da amostra For19, nas quais se identificam as fibras de algodão e linho/cânhamo. © Joana Palmeirão



**Figs. 298 e 299** – Da esquerda para a direita: imagens das secções longitudinal e transversal da amostra For14.1, nas quais se identificam as fibras de seda. © Joana Palmeirão



**Figs. 300, 301 e 302** – Da esquerda para a direita: imagem da amostra For2 (rosto) obtida ao microscópio estereoscópico (32x) e imagens da secção longitudinal obtidas ao microscópio de campo claro (100x e 200x), nas quais se identificam as fibras de seda. © Joana Palmeirão

Em 2019, Laura Milán Barros apresentou, em formato de comunicação oral, o estudo analítico realizado no *corpo-relicario* de *san Hermión*<sup>492</sup> (figs. 293–294). Embora Milán Barros só tenha efetuado a observação da amostra (recolhida da perna)<sup>493</sup> ao microscópio de campo escuro, a autora sugeriu a presença de um adesivo vegetal, em particular o amido, pela presença de um padrão de estalados (*craqueladuras*), característico deste material (Milán Barros, 2019). Com efeito, Ágnes Tímár-Balázszy e Dinah Eastop, referem que a foto-oxidação do amido resulta *num filme de amido envelhecido amarelo, rígido e quebradiço com pequenos produtos de degradação de cor acastanhada*<sup>494</sup>. De facto, ao manipular a amostra, esta apresentava-se rígida e quebradiça e, em ambos os microscópios (estereoscópico e de campo claro), foram observados pequenos pontos acastanhados (fig. 301).

Dada a presença de proteína no espectro de FT-IR, a banda aos 1618 cm<sup>-1</sup> – que ajudaria a distinguir a goma (aparece em diversas gomas, mas é muito pouco intensa no amido) –, fica comprometida. Assim, a presença de amido pode ser considerada, atendendo às observações ao microscópio.

Além da possível identificação de um material proteico e de um material vegetal (goma ou amido), o espectro da amostra For2 aponta ainda para a presença de uma resina natural pela forma da banda aos 2871 cm<sup>-1</sup> ν(C–H), aliada à banda de absorção fraca aos ~1720 cm<sup>-1</sup>, embora numa quantidade muito pequena (devido à altura das bandas), podendo, por isso, tratar-se de uma contaminação.

Nas amostras For7 (manto) e For8.1 (fibras salmão da túnica) analisadas por ATR-FT-IR (tabela 14), além da deteção dos componentes estruturais das proteínas (confirmando a presença de seda), foram igualmente identificadas as bandas atribuídas às vibrações de estiramento dos grupos metil

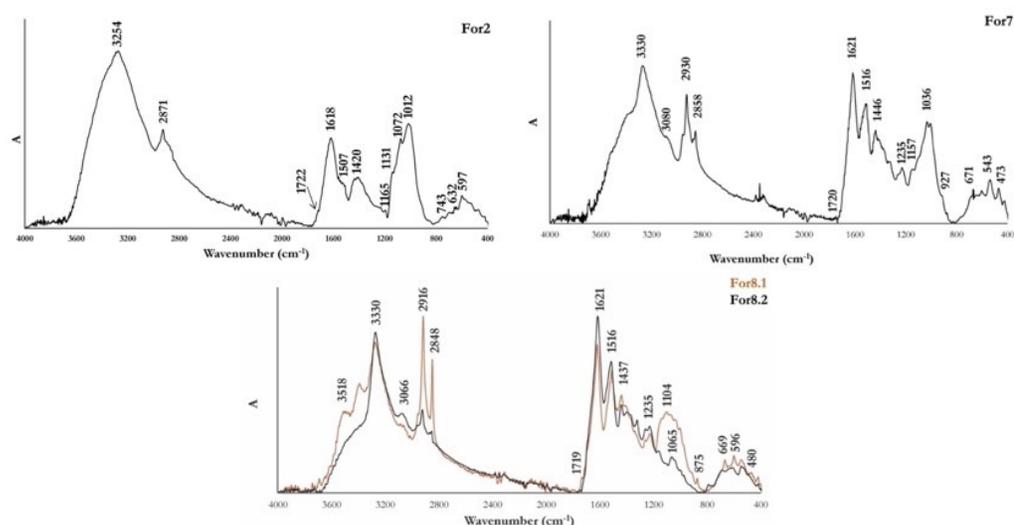
---

<sup>492</sup> No total, foram recolhidas dezassete amostras dos têxteis, metais, madeira, fios, papel e pó (Milán Barros, 2019). Embora os dados não tenham sido publicados, a apresentação oral está disponível *online* ([https://www.youtube.com/watch?v=\\_MWGCQLaLHg&t=265s](https://www.youtube.com/watch?v=_MWGCQLaLHg&t=265s)). Renova-se o agradecimento à investigadora Gabriela Sánchez Reyes pela partilha desta informação. Os resultados serão apresentados ao longo das próximas páginas, para fins de comparação com os resultados obtidos do estudo analítico do simulacro do santo mártir Fortunato.

<sup>493</sup> As fibras de seda foram atribuídas à lagarta da espécie *Bombyx Mori*, vulgarmente conhecida como bicho-da-seda. As fibras têxteis recolhidas dos tecidos e os fios de fixação foram também analisados e identificados como linho e/ou seda. Por fim, o enchimento fibroso foi identificado como algodão (*Gossypium*) (Milán Barros, 2019).

<sup>494</sup> Tradução livre do original: *Photo-oxidation results in a yellow, rigid, and brittle aged starch film with small brownish-coloured degradation products* (Tímár-Balázszy & Eastop, 1998, p. 123).

CH<sub>3</sub> e metileno CH<sub>2</sub> (hidrocarbonetos alifáticos), aos 2930 e 2916 cm<sup>-1</sup> (assimétrico), e aos 2858 e 2848 cm<sup>-1</sup> (simétrico), respetivamente, assim como a banda atribuída à vibração de estiramento do grupo carbonilo CO (ν(C=O)), aos ~1720 e 1719 cm<sup>-1</sup>, respetivamente, o que sugere a presença de uma resina natural (Daher, Paris, Le Hô, Bellot-Gurlet, & Échard, 2010). Esta última banda, característica da formação de grupos carbonilo (CO), pode também estar associada aos processos oxidativos que surgem após a quebra da ligação peptídica, ou seja, à degradação da seda (Sevim, 2019).



**Tabela 14** – Espectros de FT-IR das amostras For2, For7 e For8, e bandas de IR identificadas em cada amostra. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Descrição	Material	Banda de absorção (cm <sup>-1</sup> )
For2	tecido (rosto)	proteína	amida I: 1618 ν(C=O); amida II: ~1500 δ(N-H) e ν(C-N); amida III: 1400-1200 δ(N-H) e ν(C-N)
		goma ou amido	~3300, ~2900 ν(O-H) e ν(CH <sub>2</sub> ); 1618 ν <sub>as</sub> (COOH); ~1420 ν <sub>s</sub> (-COOH)
For7	tecido (manto)	proteína	amida I: 1621 ν(C=O); amida II: 1516 δ(N-H) e ν(C-N); amida III: 1400-1200 δ(N-H) e ν(C-N)
		resina natural	2930, 2858 ν(CH <sub>3</sub> ) e ν(CH <sub>2</sub> ); ~1720 ν(C=O)
For8.1	fibras de seda salmão (túnica)	proteína	amida I: 1621 ν(C=O); amida II: 1516 δ(N-H) e ν(C-N); amida III: 1400-1200 δ(N-H) e ν(C-N)
		resina natural	2916, 2848 ν(CH <sub>3</sub> ) e ν(CH <sub>2</sub> ); 1719 ν(C=O)
For8.2	fibras de seda preta (túnica)	proteína	amida I: 1621 ν(C=O); amida II: 1516 δ(N-H) e ν(C-N); amida III: 1400-1200 δ(N-H) e ν(C-N)

Embora as bandas dos grupos CH<sub>3</sub> e CH<sub>2</sub> sejam visíveis no espectro da amostra For8.2 (fibras pretas da túnica), o tamanho das bandas não é suficiente para que se possa afirmar a presença de uma resina natural. Neste sentido, subentende-se que as fibras salmão (For8.1) tenham sido enresinadas antes do processo de tecelagem, quiçá para fortalecer a fibra, dar brilho ou como camada protetora do corante (Tímár-Balázsy & Eastop, 1998).

A análise por LC-DAD-MS das amostras selecionadas permitiu a identificação de corantes naturais de origem vegetal (tabela 15). O corante índigo ou pastel-dos-tintureiros<sup>495</sup> – igualmente detetado nos tecidos verdes e azuis dos simulacros das santas Vitória e Eleonora, e no simulacro de São Vicente –, foi identificado no manto de cetim azul-celeste (amostra For7), pela deteção do composto de indigotina. Este composto foi igualmente identificado no cromatograma do fio de fixação do manto (amostra For7.1).

As fibras de seda salmão, preta e bege do tecido da túnica (amostras For8.1, 8.2, e 8.3, respetivamente) foram também analisadas por LC-DAD-MS. Nas fibras de cor salmão foi identificado o composto de brasileína que está associado ao pau-brasil<sup>496</sup> (fig. 303), corante vermelho conhecido pela sua cor intensa e brilhante<sup>497</sup> (M. E. M. de Araújo, 2006). A urolitina C, composto estável e não-corante, foi também detetado no cromatograma da amostra For8.1. Estudos recentes indicam que a urolitina C (metabolito benzocromenona) é o marcador-chave das

---

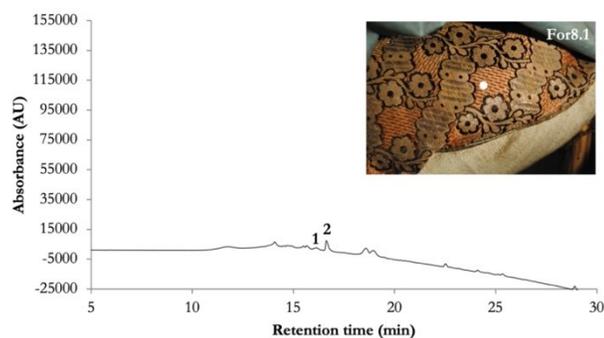
<sup>495</sup> Reveja-se nota n.º 444.

<sup>496</sup> O pau-brasil (*brazilwood*) é originário das espécies do género *Caesalpinia*, conhecidas como madeiras vermelhas (*redwood*). A *Caesalpinia echinata* (Lam.), reclassificada como *Paubrasilia echinata* (Lam.) era proveniente da mata costeira do Brasil, Nicarágua e México, tendo sido intensamente explorada (inclusive pelos portugueses), após a descoberta do Brasil, de cujo país advém o nome. Outras espécies da América do Sul são também denominadas de pau-brasil (ex.: *Caesalpinia brasiliensis* L.). A substância responsável pela cor do corante é a brasileína (C<sub>16</sub>H<sub>12</sub>O<sub>5</sub>), que é obtida por oxidação (exposição ao oxigénio do ar e à luz), durante o processo de extração da brasilina (C<sub>16</sub>H<sub>14</sub>O<sub>5</sub>, composto neoflavonóide) (M. E. M. de Araújo, 2006; Ferreira et al., 2004; Peggie et al., 2018). Devido à baixa resistência do cromóforo à luz, o seu uso como único corante vermelho foi proibido no tingimento de têxteis nos finais do século XVII, sendo frequente a sua combinação com outros corantes (Ferreira et al., 2004; Serrano et al., 2008). Este corante tingia em tons vermelhos alaranjados ou tons acastanhados, consoante os mordentes utilizados (Serrano et al., 2008).

<sup>497</sup> Importa reforçar que a amostra analisada foi recolhida da parte traseira do simulacro onde o tecido da túnica apresentava aparentemente a sua cor original, protegida da ação da luz. Caso contrário, devido à baixa foto-estabilidade do cromóforo do pau-brasil – evidente quando se observa a túnica pela parte frontal do simulacro (veja-se fig. 270) –, dificilmente a brasileína teria sido detetada por LC-DAD-MS (Doherty et al., 2021; Peggie et al., 2018).

*Caesalpinia* spp. sendo, por vezes, o único composto detetado devido à sua elevada estabilidade (resistência à luz), em comparação com o cromóforo brasileína que, muitas vezes, já não é detetado (Doherty et al., 2021; Peggie et al., 2018).

Nas fibras de seda bege (amostra For8.3), nenhum cromóforo foi identificado. O mesmo resultado foi obtido da amostra recolhida do rosto (For2) (tabela 15).



**Fig. 303** – Perfil cromatográfico das fibras salmão da túnica (For8.1), no qual se identifica o pau-brasil: 1 – brasileína e 2 – urolitina C. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão

**Tabela 15** – Identificação dos corantes por LC-DAD-MS das amostras selecionadas do simulacro de são Fortunato. © Ana Manhita (Laboratório HERCULES) e Joana Palmeirão

Localização	ID	Cor	Tempo de retenção	Composição	Fonte de corante
Rosto e membros	For2	amarelo acastanhado	-	-	nci
		For8.1	salmão	16.18 16.63	brasileína urolitina C
Túnica	For8.2	preto	15.65	ácido elágico	taninos
	For8.3	bege	-	-	nci
Manto	For7	azul-celeste	23.21	indigotina	índigo ou pastel-dos-tintureiros
	For7.1		23.43		

## Elementos metálicos

Para o estudo pontual dos passamanes que decoram a indumentária do simulacro de são Fortunato, foram analisados por SEM-EDS:

- lâminas sólidas,
- fio laminado (lâmina enrolada em torno de uma alma fibrosa),

- fio de fieira.

**Tabela 16** – Caracterização das lâminas e fios laminados da indumentária do simulacro do santo mártir Fortunato, por SEM-EDS (média dos valores percentuais dos elementos químicos, obtidos a partir do corte transversal dos elementos metálicos). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

ID Localização	Descrição	Cor	wt. %				Composição	µm
			Loc. <sup>498</sup>	Ag	Cu	Zn		
For15.1 Manto (galão de renda)	lâmina larga	dourada	int.	-	100	-	cobre lateado	140,3
			ext..	-	x	x		
For16.1 Sandálias (galão tecido)	fio de fieira	dourado	int.	-	100	-	cobre lateado	Ø141,5
			ext..	-	x	x		
For18.1 Elmo (lhama)	lâmina	prateada	int.	-	100	-	cobre prateado	19,4
			ext..	x	x	-		

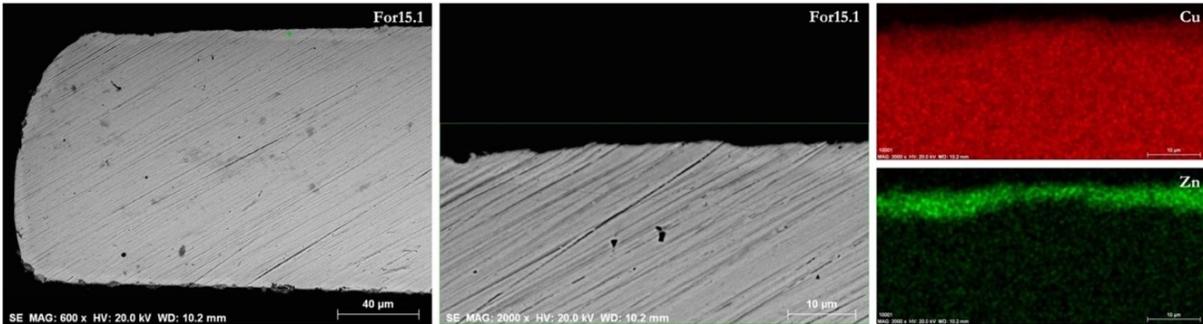
Os elementos principais detetados por EDS foram a Ag, o Cu e o Zn (tabela 16). Das quatro amostras analisadas<sup>499</sup> foram identificadas duas combinações: cobre lateado (amostras For15.1 e For16.1) e cobre prateado (amostra For18.1). A análise por EDS detetou um núcleo de cobre puro com latão a toda a volta ou revestimento de prata, em conformidade com o foi identificado nos simulacros anteriormente analisados. Assim, apesar das amostras For15.1 e For16.1 terem uma tonalidade dourada, esta deve-se ao revestimento em latão, uma liga de Cu e Zn (sendo o Cu o elemento maioritário) (figs. 304–306).

Como se pode observar na fig. 309, a análise por EDS da amostra For12.3, no sentido longitudinal, permite a identificação de um núcleo de Cu revestido a Ag (cobre prateado). A leitura do núcleo foi

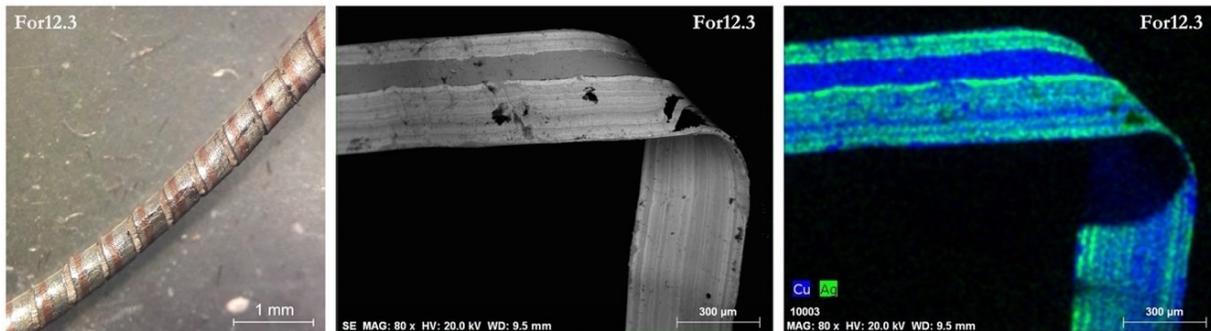
<sup>498</sup> Localização da análise: interior (núcleo) ou exterior (revestimento).

<sup>499</sup> Na tabela 16 apenas constam os resultados de três amostras, pelo facto de que o fio laminado do galão franjado da túnica (For 12.3) só foi passível de ser analisado no sentido longitudinal, o que inviabiliza a obtenção da média das percentagens dos elementos químicos presentes no núcleo. Não obstante, a deteção de percentagens elevadas de Ag e Cu, e os mapas de distribuição elementar (veja-se *infra*), confirmam tratar-se de uma lâmina de cobre prateado, à semelhança da amostra For18.1. A alma do fio laminado é de cor branca e o fio torce em “S”.

possibilitada pela perda do revestimento exterior, na forma de uma faixa longitudinal castanha-avermelhada<sup>500</sup> (fig. 307).



**Figs. 304, 305 e 306** – Da esquerda para a direita: imagens SEM (BSE) e mapas de distribuição elemental (EDS), da amostra For15.1. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão



**Figs. 307, 308 e 309** – Da esquerda para a direita: fotografia através da lupa binocular, imagem SEM (BSE) e mapa de distribuição elemental (EDS) da amostra For12.3 (técnica *cast, drawn and rolled*). © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Quanto ao processo de manufatura dos elementos metálicos, a presença de revestimento prateado a toda a volta do fio laminado (amostra For12.3) e da lâmina (amostra For18.1), aponta para o

---

<sup>500</sup> A forma relativamente homogénea da faixa longitudinal castanha-avermelhada – a qual sugere tratar-se de um movimento contínuo ao longo da lâmina –, estará, muito provavelmente, relacionada com o processo de manufatura (tecelagem).

processo mecânico de achatamento de fios trefilados (*cast, drawn and rolled*)<sup>501</sup>. No que respeita ao método de prateamento, crê-se ter sido aplicado o método de soldadura (aplicação a “quente”)<sup>502</sup>.

Em relação à lâmina e ao fio de feira, ambos em cobre lateado – amostras For15.1 e For16.1, respetivamente –, o revestimento em latão (a toda a volta), pode ter sido obtido de duas formas, como descrito anteriormente: (1) através da técnica *cast, drawn and rolled* (como nas lâminas de prata), em que o bloco ou haste de cobre inicial era previamente banhado a latão, ou (2) através da técnica de “cimentação” que consistia no tratamento do fio de cobre em vapor de zinco, antes de ser achatado<sup>503</sup> (Járó, 2003; Tímár-Balázsy & Eastop, 1998).

A análise por EDS permitiu igualmente avaliar o estado de conservação dos elementos metálicos. Na lâmina em cobre lateado do manto (amostra For15.1) foram observadas, à lupa binocular, concreções de aspeto pulverulento e ceroso, que vão desde o tom branco-esverdeado ao verde-escuro, com erupções esverdeadas (fig. 310). Os mapas de distribuição elementar desta área destacam a presença de cloro (Cl) (fig. 311), sugerindo a formação de compostos de cloreto de cobre, um produto de corrosão ativa resultante do impacto dos compostos orgânicos voláteis com o cobre ou ligas de cobre, normalmente de aspeto pulverulento e tonalidade verde-claro<sup>504</sup> (Járó, 2009; Logan, 2007; Mircea, Sandu, Vasilache, & Sandu, 2012). As restantes colorações observadas à lupa binocular sugerem a presença de compostos resultantes de outras reações do Cu com a atmosfera, nomeadamente:

- com o oxigénio (O<sub>2</sub>), formando óxido de cobre (II) (CuO), sob a forma de uma camada de corrosão preta;

---

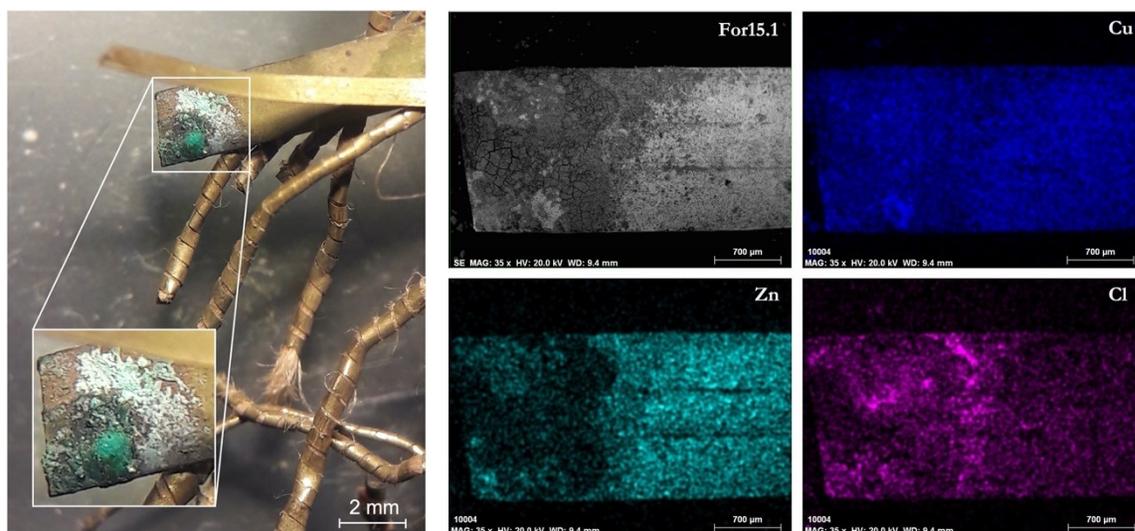
<sup>501</sup> Atente-se, acima, à informação sobre as técnicas de produção de lâminas e fios laminados durante a discussão dos resultados do simulacro do santo mártir Marciano.

<sup>502</sup> Nota anterior.

<sup>503</sup> Nota anterior.

<sup>504</sup> A este respeito, Sara Fragoso escreveu: *As ligas de cobre são igualmente sensíveis à presença de compostos orgânicos voláteis desenvolvendo um filme fino de produtos, de cor verde clara, de aspeto pulverulento, sobre a superfície dos objectos. Outra forma de corrosão activa, mais facilmente identificável, é a corrosão localizada, provocada pela contaminação pelo cloro, que resulta em erupções de compostos de cloro-cobre, polvorentas, isto é, com muito fraca adesão e coesão, de cor verde-claro e de toque ceroso* (2007, p. 70).

- com o sulfureto de hidrogénio ( $H_2S$ ), formando sulfureto de cobre ( $CuS$ ), uma camada de corrosão preta que normalmente se mistura com o óxido de cobre (II);
- com o dióxido de carbono ( $CO_2$ ), que na presença de água forma sais de cobre (II) verdes, mais concretamente carbonatos de cobre (II) ( $CuCO_3 \cdot Cu(OH)_2$ ) ou verde malaquita (Tímár-Balázs & Eastop, 1998).

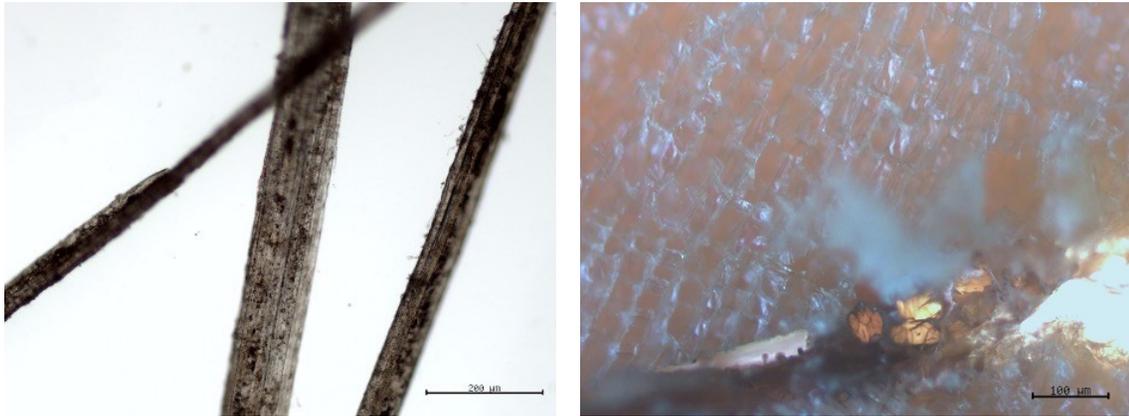


**Figs. 310 e 311** – Esquerda: fotografia da área contaminada da amostra For15.1, através de lupa binocular. Direita: imagem SEM (BSE) e mapas de distribuição elementar (EDS) da mesma área. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

### Outros elementos: cabelo, base cartonada e ornamentos

Ao contrário dos casos anteriormente analisados, o cabelo de são Fortunato (amostra For1) foi identificado, por microscopia de campo claro, como um aglomerado de fibras vegetais, aparentemente de linho/cânhamo<sup>505</sup> (figs. 312 e 313).

<sup>505</sup> O cabelo de *san Hermión* (México) também foi identificado como um aglomerado de fibras vegetais (*tejido vegetal*) (Milán Barros, 2019).



**Figs. 312 e 313** – Da esquerda para a direita: imagens das secções longitudinal e transversal da amostra For1, obtidas ao microscópio de campo claro (100x e 200x). © Joana Palmeirão

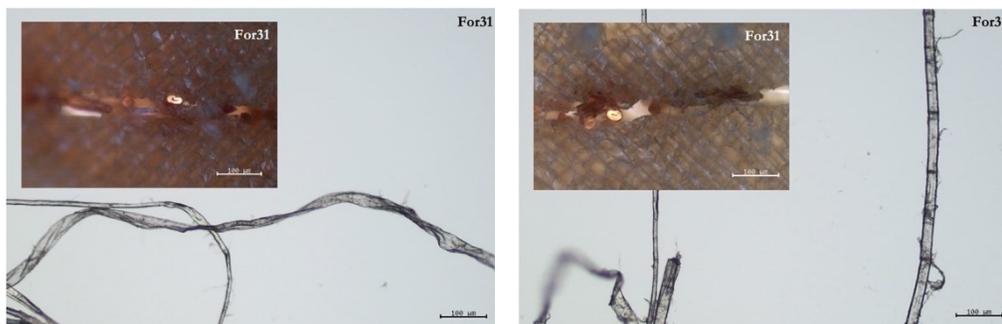
Este resultado foi, em parte, confirmado por ATR-FT-IR, uma vez que no espectro foram identificadas as bandas características da celulose (tabela 17). Algumas bandas parecem ainda apontar para a presença de uma goma vegetal.

A presença de celulose na amostra da base cartonada (For31) foi também confirmada por ATR-FT-IR (tabela 17), visto que também nesta foi identificada, por microscopia de campo claro, uma combinação de fibras vegetais: algodão e linho/cânhamo (figs. 314 e 315). Segundo Laura Milán Barros (2019), o estudo de *san Hermión* confirmou a presença de uma pasta de papel (*pulpa de papel*) à base de *pulpa de linho*<sup>506</sup> (segundo o processo tradicional de obtenção do papel), mas sem referência ao algodão, cuja presença fez-se notar na amostra For31 (fig. 314). O espectro de FT-IR da mesma amostra detetou também a presença de bandas características de sulfato de cálcio e de carbonato de cálcio (tabela 17). A presença de sulfato de cálcio (gesso) é consistente com as bandas aos 1160 e 1108  $\text{cm}^{-1}$   $\nu(\text{SO}_4^{2-})$  e à banda aos 665  $\text{cm}^{-1}$   $\delta(\text{SO}_4^{2-})$  (Liu, Wang, & Freeman, 2009). A banda aos 1422  $\text{cm}^{-1}$ , aliada a uma banda de absorção fraca aproximadamente aos  $\sim 830 \text{ cm}^{-1}$  podem ser atribuídas, respetivamente, às vibrações de estiramento e de deformação antissimétricas das ligações C–O do anião carbonato, as quais sugerem a presença de carbonato de cálcio (Gunasekaran,

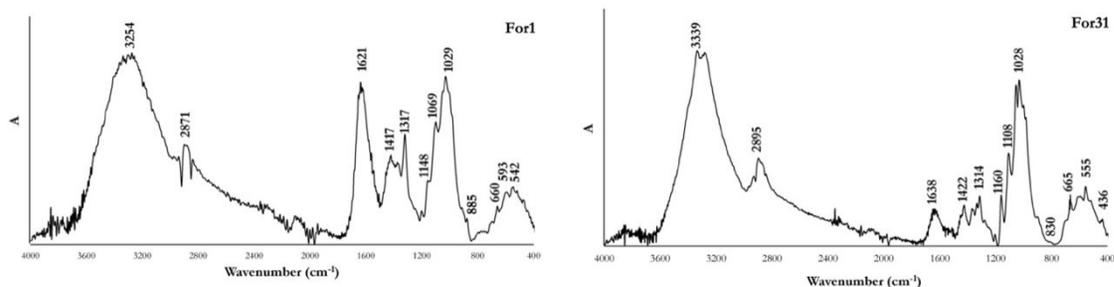
---

<sup>506</sup> A autora referiu, inclusive, que se trata de uma folha de papel muito grossa, moldada e dobrada ainda húmida sobre a estrutura de metal (Milán Barros, 2019).

Anbalagan, & Pandi, 2006; Manente et al., 2012). Tanto o sulfato de cálcio como o carbonato de cálcio estão ligados ao processo de produção do papel (Hubbe & Gill, 2016).



**Figs. 314 e 315** – Montagens com imagens das secções longitudinal e transversal da amostra For31, nas quais se identificam as fibras de algodão (esquerda) e de linho/cânhamo (direita). © Joana Palmeirão



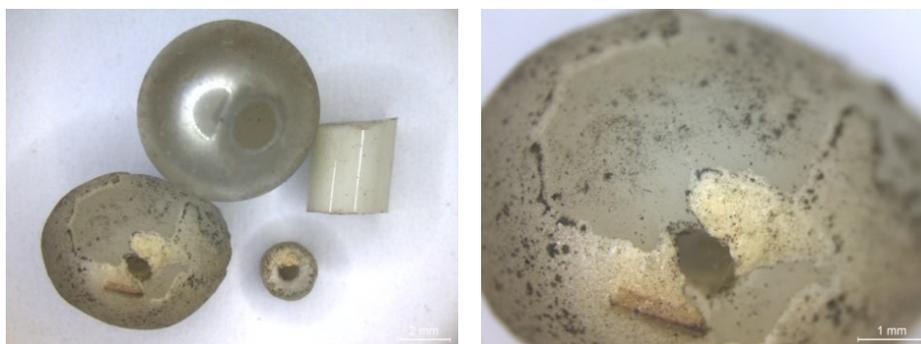
**Tabela 17** – Espectros de FT-IR das amostras For1 e For31, e bandas de IR identificadas em cada amostra. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Descrição	Material	Banda de absorção (cm <sup>-1</sup> )
For1	cabelo	celulose	850-1500 (impressão digital); 3254 ν(O-H); 2871 ν(C-H); 1621 δ(H-O-H)
		goma	~3300, ~2900 ν(O-H) e ν(CH <sub>2</sub> ); 1621 ν <sub>as</sub> (COOH); 1417 ν <sub>s</sub> (COOH)
For31	base cartonada	celulose	850-1500 (impressão digital); 3339 ν(O-H); 2895 ν(C-H); 1638 δ(H-O-H)
		sulfato de cálcio	3339 ν(O-H); 1638 δ(H-O-H); 1160, 1108 ν(SO <sub>4</sub> <sup>2-</sup> ); 665 δ(SO <sub>4</sub> <sup>2-</sup> )
		carbonato de cálcio	1422 ν(CO <sub>3</sub> <sup>2-</sup> ); ~830 δ(CO <sub>3</sub> <sup>2-</sup> )
		goma	~3300, ~2900 ν(O-H) e ν(CH <sub>2</sub> ); 1638 ν <sub>as</sub> (COOH); 1412 ν <sub>s</sub> (COOH)

Além do cabelo e da base cartonada obteve-se o espectro de FT-IR de dois ornamentos: uma conta (amostra For21) e uma flor metálica (amostra For22), recolhidas da túnica e da armadura do simulacro do santo mártir Fortunato, respetivamente. O adesivo utilizado para fixar as flores

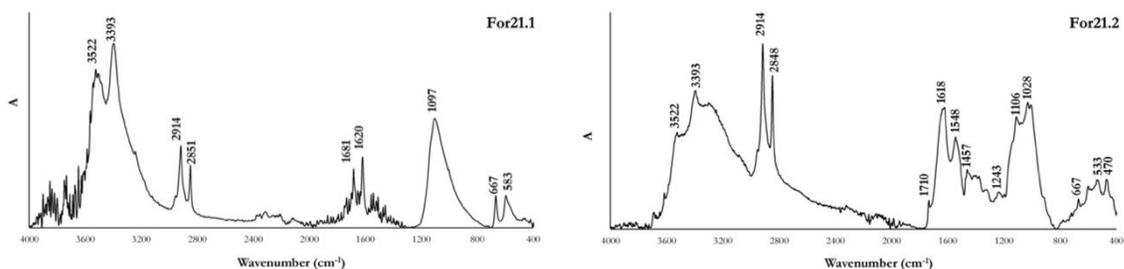
metálicas na lhama (armadura) foi também alvo de análise (amostra For24). Os resultados das três amostras estão reunidos nas tabelas 18 e 19.

Uma primeira observação da conta ao microscópio estereoscópico permitiu identificar duas estruturas: um núcleo (For21.1), de aspeto resinoso e baço, e de tom branco-acinzentado; e um revestimento ou capa exterior (For21.2), quase inexistente, de aspeto ceroso e de tom branco-amarelado (figs. 316 e 317).



**Figs. 316 e 317** – Da esquerda para a direita: imagens obtidas pelo microscópio estereoscópico das várias contas e missangas encontradas na indumentária do santo mártir Fortunato (7,8x), e da amostra For21 (20x). © Joana Palmeirão

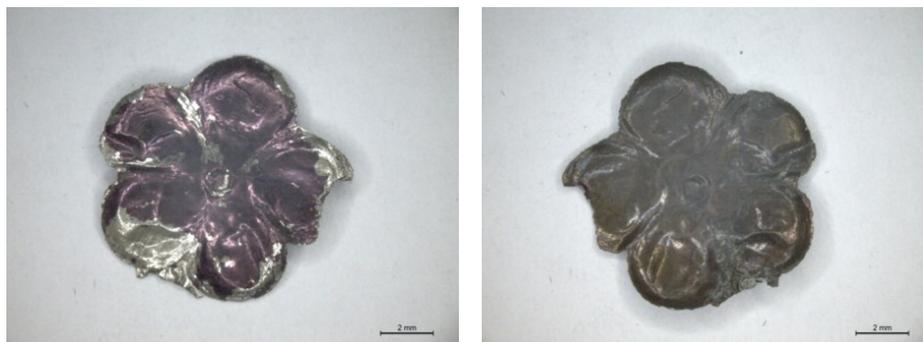
O espectro de FT-IR do núcleo da conta (For21.1) confirmou a presença de sulfato de cálcio (gesso), identificado pelas bandas características dos sulfatos, aproximadamente, aos 3522 e 3393  $\text{cm}^{-1}$   $\nu(\text{O}-\text{H})$ , aos 1620  $\text{cm}^{-1}$   $\delta(\text{O}-\text{H}-\text{O})$ , aos 1097  $\text{cm}^{-1}$   $\nu(\text{SO}_4^{-2})$ , e aos 667 e 583  $\text{cm}^{-1}$   $\delta(\text{SO}_4^{-2})$ . Além do gesso, as bandas aos 2914 e 2851  $\text{cm}^{-1}$  (vibrações  $\text{CH}_3$  e  $\text{CH}_2$ ), sugerem a presença de uma resina natural. Em contrapartida, o espectro da capa exterior (For21.2) mostra características vibracionais que podem ser atribuídas a uma mistura de cera com um material proteico. O espectro exibe uma banda de fraca absorção aos  $\sim 1710 \text{ cm}^{-1}$  do grupo carbonilo  $\nu(\text{C}=\text{O})$  dos ácidos gordos livres, juntamente com duas bandas nítidas aos 2914 e 2848  $\text{cm}^{-1}$  dos grupos metil  $\text{CH}_3$  e metileno  $\text{CH}_2$  (hidrocarbonetos alifáticos), relacionadas com componentes de cera (Svečnjak et al., 2015). As bandas típicas dos materiais proteicos aos 1618, 1548, 1457 e 1243  $\text{cm}^{-1}$  (grupos amida) confirmam a presença de uma cola animal, provavelmente utilizada como material ligante. A cor esbranquiçada da película exterior pode ser atribuída à presença de sulfato de cálcio, identificado pelas bandas características dos sulfatos na faixa dos 3520-3390  $\nu(\text{O}-\text{H})$ , 1200-1050  $\nu(\text{SO}_4^{-2})$ , e 680-530  $\delta(\text{SO}_4^{-2})$ .



**Tabela 18** – Espectros de FT-IR e bandas de IR identificadas nas duas estruturas da amostra For21. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Descrição	Material	Banda de absorção (cm <sup>-1</sup> )
For21.1	conta (núcleo)	sulfato de cálcio	3522 e 3393 $\nu(\text{O-H})$ ; 1620 $\delta(\text{H-O-H})$ ; 1097 $\nu(\text{SO}_4^{2-})$ ; 667 e 583 $\delta(\text{SO}_4^{2-})$
		resina natural	2914 e 2851 $\nu(\text{CH}_3)$ e $\nu(\text{CH}_2)$ ; $\sim 1700$ $\nu(\text{C=O})$
For21.2	conta (exterior)	Cera natural	2914 e 2848 $\nu(\text{CH}_3)$ e $\nu(\text{CH}_2)$ ; $\sim 1710$ $\nu(\text{C=O})$ ; $\sim 1457$ e $\sim 700$ $\delta(\text{C-H})$ ; 1106 $\nu(\text{C-O})$
		proteína	amida I: 1618 $\nu(\text{C=O})$ amida II: 1548, 1457 $\delta(\text{N-H})$ e $\nu(\text{C-N})$ amida III: 1300-1200 $\nu(\text{C-N})$ e $\delta(\text{N-H})$
		sulfato de cálcio	3522, 3393 $\nu(\text{O-H})$ ; 1618 $\delta(\text{H-O-H})$ ; 1106 $\nu(\text{SO}_4^{2-})$ ; 667 e 533 $\delta(\text{SO}_4^{2-})$

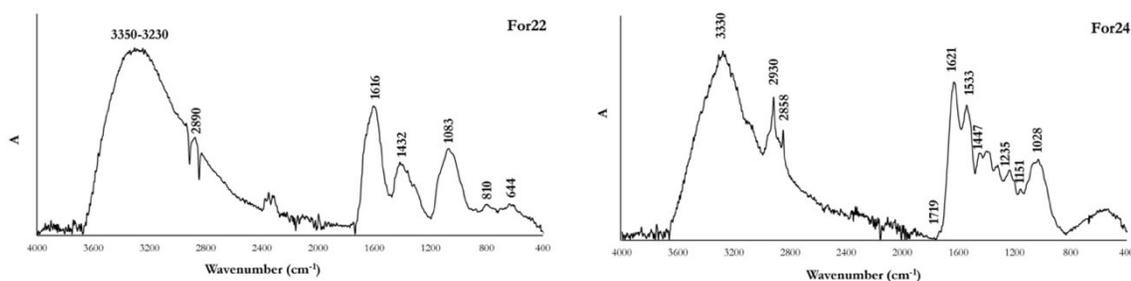
O espectro da flor metálica, de cor vermelho-púrpura (amostra For22) (figs. 318 e 319), apresenta bandas características de uma goma vegetal, a qual estará associada à cor aplicada à superfície<sup>507</sup> (tabela 19).



**Figs. 318 e 319** – Imagens obtidas ao microscópio estereoscópico da amostra For22 (frente e verso) (0,78x). © Joana Palmeirão

<sup>507</sup> Reveja-se nota n.º 491.

Por fim, o adesivo (amostra For24) foi identificado como uma mistura entre um material proteico e uma resina natural (tabela 19). As bandas de absorção características das proteínas estão distintamente marcadas aos 1621, 1533, 1447 e 1235  $\text{cm}^{-1}$  (grupos amida I, II e III), confirmando a presença de uma cola animal. A resina é identificada pelas bandas atribuídas às vibrações  $\text{CH}_3$  e  $\text{CH}_2$  aos 2930 e 2858  $\text{cm}^{-1}$ , aliadas à banda de fraca intensidade atribuída ao grupo carbonilo  $\text{CO } \nu(\text{C}=\text{O})$  aos  $\sim 1719 \text{ cm}^{-1}$  (Barth, 2007; Daher et al., 2010). A mistura de ambos os materiais adesivos poderá sugerir a colagem das flores metálicas em alturas distintas, confirmando, uma vez mais, a presença de intervenções posteriores à trasladação do simulacro.



**Tabela 19** – Espectros de FT-IR e bandas de IR identificadas nas amostras For22 e For24. © Margarida Nunes e Joana Palmeirão

Amostra	Descrição	Material	Banda de absorção ( $\text{cm}^{-1}$ )
For22	flor metálica	goma	3350-3230, $\sim 2900 \nu(\text{O-H})$ e $\nu(\text{CH}_2)$ ; 1616 $\nu_{\text{as}}(\text{COOH})$ ; 1432 $\nu_{\text{s}}(\text{COOH})$
For24	adesivo	proteína	amida I: 1621 $\nu(\text{C}=\text{O})$ amida II: 1533, 1447 $\delta(\text{N-H})$ e $\nu(\text{C-N})$ amida III: 1235 $\delta(\text{N-H})$ e $\nu(\text{C-N})$
		resina natural	2930 $\nu(\text{CH}_3)$ ; 2858 $\nu(\text{CH}_2)$ ; $\sim 1719 \nu(\text{C}=\text{O})$

Embora a estrutura interna do elmo não tenha sido alvo de análise na presente tese, Laura Milán Barros (2019) confirmou, no caso de *san Hermión*, tratar-se de papel reutilizado, já que este apresentava texto sem qualquer valor. Assim, sendo um material usado apenas como suporte para a lhama do capacete (não ficando visível), a autora assumiu que os artesãos terão utilizado restos de papel, que identificou como linho (*Linum usitatissimum*) (Milán Barros, 2019). Por fim, a palha utilizada como material de enchimento da padiola (entre a madeira e a estopa) foi identificada como madeira (Milán Barros, 2019).

Não obstante as fontes históricas confirmarem a origem romana dos exemplares analisados, o estudo efetuado aos simulacros dos santos mártires Marciano, Vitória, Eleonora, Vicente e Frutuoso comprovou diferenças significativas face aos produzidos em Roma (santos Aurélio, Burcio e Fortunato). É com base nessas diferenças assinaláveis que se formula a hipótese de adição, alteração ou remontagem dos primeiros, já em território português. As razões que motivaram essas modificações permanecem, todavia, desconhecidas.

## **PARTE IV**

### **CONSERVAÇÃO E SALVAGUARDA DOS SIMULACROS DOS SANTOS MÁRTIRES**

## 7. *Simulacra* como bens patrimoniais: reflexão e intervenções realizadas

*Neste processo dinâmico de proteção do património, as normas e boas práticas estabelecidas na execução das medidas e intervenções de conservação devem ser sempre cuidadosamente elaboradas e implementadas, considerando que os valores patrimoniais representam o interesse público.*<sup>508</sup>

(Hakan Shearer Demir, 2012, p. 11)

### 7.1. Estado atual dos *simulacra* em Portugal

Atualmente, exceto raras exceções, grande parte dos simulacros inventariados em Portugal são alvo de pouca ou quase nenhuma devoção ou romaria<sup>509</sup>. Embora a maioria dos exemplares tenha sido deixada no interior das urnas e altares – alguns expostos ao público, mas sem culto –, carecem de cuidado, estando à mercê da ação do tempo e da degradação, em particular, fotoquímica e biológica. Outros foram escondidos do olhar devocional dos crentes em espaços encerrados ao público ou mediante a colocação de portadas frontais nos altares; conseqüentemente, com o tempo, foram esquecidos. Casos raros são aqueles que, por serem associados a práticas de cultos pagãos<sup>510</sup>, foram

---

<sup>508</sup> Tradução livre do original: *In this dynamic process of protecting heritage, the established standards and good practices in carrying out conservation measures and interventions should always be carefully elaborated and implemented, considering that the heritage values represent public interest.*

<sup>509</sup> Como demonstrado na parte II da presente tese, embora ainda existam algumas festas, procissões e/ou peregrinações (recorde-se, por exemplo, a devoção e crença populares em torno do simulacro de são Vicente em Penafiel ou a festa anual em honra do simulacro de são Fiel, em Louriçal do Campo), a maioria dos simulacros inventariados já não é alvo de devoção e de culto, públicos ou privados.

<sup>510</sup> Um caso curioso é o do simulacro do santo mártir Vicente localizado na igreja de são Nicolau, no Porto (ficha de inventário n.º 24). De acordo com o relato do senhor padre Agostinho Jardim Moreira no dia 24 de julho de 2020, devido ao enorme culto vivido há mais de 50 anos, as mulheres depositavam grandes quantidades de roupa interior feminina sobre a urna-altar, onde hoje está localizado o simulacro. Encarado, pelo mesmo, como um culto pagão (na medida em que, segundo o senhor padre, a freguesia era uma zona muito pobre, com episódios de bruxaria), mandou tapar a urna-altar com o intuito de reduzir o culto e evitar a deposição dos “ex-votos” pelas mulheres que procuravam marido. O altar encontra-se, ainda hoje, tapado, sendo desconhecida a existência do simulacro pela população local.

tapados e banidos do culto litúrgico. Outros foram simplesmente retirados dos espaços sagrados, sendo hoje o seu paradeiro desconhecido. Muitos ainda estarão em propriedade privada. Nestes casos, e atendendo que muitas das propriedades dos séculos XVIII e XIX (solares, palácios, paços, etc.) se encontram em estado de abandono – fora do alcance de investigadores –, um inventário exaustivo e a salvaguarda destas peças têm limitações objetivas. Lamentavelmente, alguns exemplares já desapareceram, quer devido a situações de catástrofe (incêndio, terramoto, ...), quer por ação humana (guerra, vandalismo, negligência, ...), enquanto outros enfrentam, no presente, circunstâncias devastadoras do ponto de vista da sua conservação<sup>511</sup>.

Em contrapartida, os simulacros ainda expostos nos locais de culto são, na maioria das vezes, confundidos com “corpos incorruptos” ou “corpos mumificados” – devido às parecenças com cadáveres humanos –, e o culto que lhes é direcionado advém dessa crença. Nestes casos, os devotos acreditam piamente estarem na presença dos corpos físicos dos mártires falecidos. Por esta razão, a explicação da origem, significado e essência destas peças deve ser equacionada, uma vez que viria a refutar séculos de um culto – embora assente num equívoco –, fortemente enraizado na comunidade<sup>512</sup>.

No que diz respeito aos materiais utilizados na sua produção, a maioria dos simulacros inventariados mantêm os têxteis originais. Outros sofreram intervenções de restauro, por vezes, por mãos não especializadas, ou mesmo remontagens, observando-se mudanças nas vestes, nas almofadas e na

---

Embora o padre Moreira tenha referido que, de vez em quando, retira o tampo do altar, deixando o sagrado corpo visível, admitiu que as pessoas da zona já não se recordam do simulacro, atendendo ao facto de que eram muito novas quando ele tomou a decisão de tapar o altar. Indicou ainda que a decisão trouxe grande indignação ao povo, pois era um santo com muita devoção e entendido, por muitos fiéis, como um corpo incorrupto. Além de santo casamenteiro, são Vicente é santo padroeiro das crianças contra a doença das bexigas (varíola) (Maia, 2015). O desconhecimento da sua existência veio a ser confirmado por uma devota (perto dos seus oitenta anos) que se encontrava na igreja no dia do registo fotográfico (24 de julho de 2020). Segundo a própria, residente no local toda a sua vida, nunca tinha visto o simulacro. Com genuína admiração, apenas questionou: *é o santo verdadeiro?*

<sup>511</sup> Sobre este ponto veja-se, entre outros exemplos, as fichas de inventário n.º 35 a 39 (Apêndice V).

<sup>512</sup> Recorde-se, por exemplo, o culto ao são Vicente (Penafiel), reconhecido pelo povo como corpo incorrupto. A crença na incorruptibilidade (como sinal de santidade), aliada a uma mais antiga em que se dizia que a barba do santo crescia, é comum noutros simulacros em Portugal, como é o caso do são Vicente (Porto) ou do são Benedito (Torres Vedras).

posição dos corpos. Além disso, o desaparecimento pontual de alguns atributos (ex.: vaso de sangue, espada, elmo, etc.) confirma a abertura das urnas ou dos altares no passado.

À exceção de alguns simulacros em que o seu culto ainda se encontra muito arreigado na cultura popular, tendo sobrevivido até aos dias atuais, a maioria destes exemplares em Portugal (e no estrangeiro) tornaram-se disfuncionais<sup>513</sup>. De facto, o modo como estas peças são entendidas (ou desconhecidas) nos dias de hoje confirma que, num determinado período da história, elas deixaram de fazer parte da prática religiosa quotidiana.

## 7.2. *Simulacra* como bens patrimoniais

A sacralidade inerente às relíquias sagradas e seus relicários vai além da sua própria materialidade. Ambos são intercessores entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre o terreno e o sobrenatural, o palpável e o intangível, ou seja, entre o Homem e o Divino (Capelão, 2011b). Atendendo que muitas das vezes os relicários são o único elemento visível das relíquias no interior, eles assumem essa transcendentalidade, operando como intercessores entre os restos corpóreos e Deus (Hahn, 1997).

Como observado anteriormente, os simulacros dos santos mártires catacumbais funcionaram como instrumentos poderosos da Santa Sé, transportando uma mensagem de pureza, sacrifício e regeneração da Igreja Católica (pós-tridentina) (Bouza Álvarez, 1990; Gómez Zorraquino, 2010; Serafim, 2001). Eram, assim, reconhecidos pelas comunidades católicas como veículos de devoção.

À luz da “Teoría Contemporánea de la Restauración” (“Teoria Contemporânea do Restauo”) de Salvador Muñoz Viñas (2003), a atribuição de novos e múltiplos valores aos *objetos de Restauo* –

---

<sup>513</sup> Como observado anteriormente, a ortodoxia contrarreformista fez-se sentir na criação artístico-religiosa como mecanismo de propaganda da fé católica e do ideário tridentino, promovendo o contacto visual com as relíquias dos santos mártires do cristianismo primitivo e com a exibição dos sinais de martírio, através da representação iconográfica do túmulo como um *aviso dirigido a los vivos* (Bouza Álvarez, 1990, p. 379). Assim, a imagem do *mártir-soldado* (símbolo das virtudes heroicas dos Servos de Deus), foi a mais notável manifestação externa de piedade barroca, como expressão do triunfo e da vitória dos mártires sobre a dor e a morte (Bouza Álvarez, 1990; D. C. Dela Cruz, 2013; Woodward, 1996).

*objetos de la Restauración* (Muñoz Viñas, 2003, p. 24) –, permite responder a questões relacionadas com objetos que vão além da sua materialidade. Neste sentido, para as peças em análise, matéria<sup>514</sup> e imagem (componente estética)<sup>515</sup>, caminham em conjunto para uma manifestação transcendental, uma ponte entre o terreno e o espiritual, entre o tangível e o intangível, pois ambas servem o mesmo propósito: incentivar o culto e a devoção pelos santos mártires, suscitando nos fiéis o arrependimento pelas suas ações em vida e inculcando-lhes a fé como único meio de alcançar a absolvição (Bouza Álvarez, 1990). Estas peças tinham, portanto, um objetivo cultural (espiritual, sagrado) o que as remete, claramente, para o plano dos valores imateriais ou intangíveis, os quais, segundo Muñoz Viñas, *corresponden a sentimientos, creencias o ideologías*<sup>516</sup> (2003, p. 40). De facto, estes objetos devocionais assumiram, no passado, funções comunicativas relevantes – espirituais, culturais e mesmo políticas e/ou propagandísticas –, no seio das comunidades católicas. Simultaneamente, adquiriram valores simbólicos ou significados (intangíveis)<sup>517</sup>, relacionados com os sentimentos e emoções que suscitavam nos crentes: fé, medo, esperança, etc. Por conseguinte, o caráter intermediário e a carga funcional que lhes são característicos permitem que sejam valorizados por meio de uma perspetiva simbólica e subjetiva (Muñoz Viñas, 2002, 2003). Porém, a partir de meados do século XIX (veja-se subcapítulo 3.4, parte I), estes recetáculos devocionais

---

<sup>514</sup> Entenda-se matéria como *consistência física da obra*, recorrendo às palavras de Cesare Brandi (2006, p. 4).

<sup>515</sup> À luz da teoria brandiana (2006), imagem é a essência da obra, transmitida pela matéria.

<sup>516</sup> A forte relação simbólica, subjetiva e sentimental existente entre os crentes e as peças é também um fator preponderante para o diálogo e consenso entre os sujeitos (crentes) e o conservador-restaurador, a que Muñoz Viñas denomina de *intersubjetividad* (Muñoz Viñas, 2002, pp. 148, 154). Exemplo concreto disso é o caso do simulacro de São Clemente, ainda hoje venerado na aldeia de Bujões, em Vila Real, e intervencionado graças às doações dos fiéis. Segundo relatos do proprietário do atelier onde decorreu a intervenção (sobre esta veja-se, *infra*, subcapítulo 7.4.5), o envio do simulacro para Braga foi acompanhado de muito choro, lágrimas e lamentos dos devotos, pois acreditam tratar-se de um santo “de carne e osso”, enquanto o seu retorno foi recebido com manifestações de júbilo. Por conseguinte, nos casos em que a fé pelos santos mártires como intercessores ainda é uma prática viva, o papel dos conservadores será, também, o de preservar o vínculo entre esses objetos devocionais e os fiéis (mediante a preservação dos valores intangíveis), com vista a satisfazer as suas necessidades metafísicas.

<sup>517</sup> Os inúmeros relatos históricos, testemunhos orais e registos gráficos são exemplos disso. Destacam-se as circunstâncias em que os fiéis deixaram junto aos simulacros anéis, colares e outros objetos de valor. Além disso, as estampas devocionais, os painéis de azulejos e os ex-votos recolhidos ao longo da presente investigação, quer relativos a simulacros ainda existentes, quer dos simulacros desaparecidos ou destruídos, são manifestações tangíveis da sua existência e vinculam na história a importância que estas peças tiveram num determinado local e para uma determinada comunidade de fiéis.

sofreram uma transformação significativa que viria a culminar no entendimento que hoje se tem deles. Perdida a sua intenção devocional original para a qual foram criados – ao serem “descontinuados” como objetos culturais e simbólicos –, podem agora ser entendidos pela sua *instância histórica*<sup>518</sup> e pela sua *consistência física*<sup>519</sup> (recorrendo às expressões brandianas), o que lhes permite adquirir novos valores (histórico, artístico, arqueológico, ...) e, conseqüentemente, uma nova identidade: como bens patrimoniais. O facto de estas peças começarem, recentemente, a ser estudadas pela sua materialidade e técnica promove o seu entendimento como objetos artísticos e históricos (Sánchez Reyes et al., 2016).

O século XXI introduziu novas perspetivas sobre o significado de “património cultural”<sup>520</sup>. Ao deslocar o foco dos aspetos materiais para os imateriais ou intangíveis, o debate teórico trouxe novas abordagens e desafios para a conservação do património. Como Koïchiro Matura descreveu: *todo o património tangível incorpora componentes intangíveis, tais como valores espirituais, símbolos, significados, conhecimento ou o saber-fazer do artesanato e construção*<sup>521</sup>. Mas os valores intangíveis têm uma natureza diáfana, o que implica que o património imaterial não pode ser salvaguardado se os locais essenciais para a sua sobrevivência não forem preservados, do mesmo modo que os locais e monumentos não podem ser protegidos se os seus valores intangíveis forem desconsiderados, como argumenta Ned

---

<sup>518</sup> Cesari Brandi define *instância histórica*: como *producto humano realizado num certo tempo e lugar e que num certo tempo e lugar se encontra* (Brandi, 2006, p. 3)

<sup>519</sup> *A consistência física da obra deve necessariamente ter a precedência, porque representa o próprio lugar da manifestação da imagem, assegura a transmissão da imagem ao futuro e garante, assim, a sua recepção na consciência humana* (Brandi, 2006, p. 4)

<sup>520</sup> Entenda-se aqui “património cultural”, a partir da definição proposta pelo Conselho da Europa na Convenção de Faro de 2005, como: *um grupo de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente da propriedade, como reflexo e expressão dos seus valores, crenças, conhecimento e tradições em constante evolução. Isto inclui todos os aspetos do ambiente resultantes da interação entre pessoas e lugares ao longo do tempo* (tradução livre do original: *Cultural heritage, says the Council, is a group of resources inherited from the past which people identify, independently of ownership, as a reflection and expression of their constantly evolving values, beliefs, knowledge and traditions. It includes all aspects of the environment resulting from the interaction between people and places through time* (Council of Europe, 2005, p. 2)).

<sup>521</sup> Tradução livre do original: *In practice, however, all tangible heritage embodies intangible components such as spiritual values, symbols, meanings, knowledge, or the know-how of craftsmanship and construction* (2004, p. 5).

Kaufman (2004), defendendo, por isso, a forte ligação entre o património imaterial e os locais que lhes estão associados<sup>522</sup>.

Na mesma linha de pensamento, porém, deslocando os “locais” de Ned Kaufman para as peças em análise, sem os respetivos locais de culto (igrejas, capelas, oratórios), os *simulacra* perdem significado e a função original para a qual foram criados. Para um melhor entendimento, bastará recordar o caso de são Vicente na cidade do Porto<sup>523</sup>. A crença e a devoção desmedidas que existiam em torno do corpo santo, as quais levaram, entre outras situações, à deposição de roupa feminina no respetivo altar, foram esmorecendo após a tomada de decisão do pároco de tapar a urna<sup>524</sup>, a ponto de os populares e devotos atuais (pouco mais de 50 anos depois dessa decisão), desconhecem por completo a existência do simulacro. A sua ocultação – sinónimo, neste caso em particular, de rejeição do culto existente –, veio, claramente, interferir com o modo como o corpo santo era entendido e cultuado.

Retomando a perspetiva de Ned Kaufman, quando o simulacro de são Vicente perdeu o seu contexto original (ou a visibilidade, uma vez que nunca saiu do local original), a prática devocional que lhe era direcionada, a qual marcou uma época e uma comunidade de fiéis, foi diminuindo gradualmente até ao seu esquecimento e, com ela, todos os valores intangíveis (espirituais, simbólicos, emotivos, etc.) associados ao culto antigo.

A história do simulacro de são Vicente do Porto é apenas um exemplo da perda do contexto expositivo que marcou tantos outros simulacros em Portugal. Ao serem tapados e/ou retirados dos espaços sagrados e rejeitados (porque “descontinuados”) como objetos devocionais, estes recetáculos sofreram mudanças profundas na sua função e significado originais, convertendo-se em

---

<sup>522</sup> Como exemplo, o autor refere o tango argentino e os espaços onde esta dança é praticada, afirmando que sem esses locais específicos (cafés, bares, salões de dança) – com os quais o tango estabelece uma forte ligação funcional –, o tango deixa de existir como uma prática viva (*tango cannot survive as a living practice*) (2004, p. 23).

<sup>523</sup> Reveja-se nota n.º 510.

<sup>524</sup> Embora o culto ao “verdadeiro” são Vicente mártir (m. séc. IV), padroeiro de Lisboa, nunca tenha desaparecido, o culto popular portuense deixou de ter como foco o corpo santo homónimo e, com o passar dos anos, os “ex-votos” femininos deixaram de ser colocados sobre a urna-altar. Para que se entenda a relação entre o são Vicente do Porto e o são Vicente de Lisboa, veja-se ficha de inventário n.º 24 (Apêndice V).

meros contentores materiais – embora como criações técnico-artísticas notáveis – no entanto, sem qualquer valor para o clero e fiéis da atualidade<sup>525</sup>.

Essas mesmas mudanças (ou, por outras palavras, essa descontextualização), removeram as peças do culto e do poder que lhes era reconhecido, colocando-as sob o escrutínio de uma nova realidade. A perda de visibilidade e das implicações simbólicas inerentes a que foram sujeitas não impede, porém, o gesto retrospectivo de valorização da sua história ou, como se referiu, que nelas haja criações técnico-materiais que convocam uma reflexão sobre a dimensão artística. Note-se, porém, que não é exclusivamente na materialidade que reside, ou que se projeta, a sua importância, pois mesmo aquela intercepta dimensões espirituais que se tornam constitutivas dos próprios objetos. Assim, se todo *o património tangível incorpora componentes intangíveis* (Matsura, 2004, p. 5), urge trazer à reflexão a importância de pensar estas peças no seio da patrimonialização e da conservação, considerando tangibilidade e intangibilidade em conjunto, na medida em que se completam e dissociadas perdem sentido (Kaufman, 2004; UNESCO, 2003).

Retomando Koïchiro Matsura, ex-diretor-geral da UNESCO (1999-2009), o processo de manufatura (*o saber-fazer do artesanato e construção* (2004, p. 5)) é entendido como um valor intangível. De facto, as dezenas de simulacros inventariados em Portugal são o registo vivo de uma produção artística e artesanal caída em desuso<sup>526</sup>, mas que persistiu e evoluiu ao longo de dois séculos em ateliers de artesãos especializados que hoje os investigadores do tema procuram identificar e reconstruir. Fazem, portanto, parte da história, da arte e de uma cultura. Neste sentido, e apesar da rejeição e estado de abandono de muitos simulacros em Portugal (mas também no estrangeiro), o *saber-fazer* – como parte integrante da sua materialidade (um não subsiste sem o outro) –, deve ser entendido como património imaterial e, portanto, deve ser preservado. Neste sentido, os simulacros

---

<sup>525</sup> Bastará recordar o que aconteceu aos simulacros dos santos mártires Aurélio e Pacífico, pertencentes à sé do Porto. Após terem sido transferidos, ao longo dos séculos XIX e XX, para diferentes altares, capelas ou espaços no interior da catedral – como sinónimo da perda gradual do valor que em tempos tiveram –, no início do século XXI, os simulacros tinham como destino a destruição (J. Palmeirão, 2015).

<sup>526</sup> No presente, os simulacros são produzidos com materiais e processos contemporâneos (como se verá mais adiante), embora em menor número e para casos específicos.

não são mais meros recipientes do imaterial, mas partes integrantes de um sistema de significados que entrelaça o material e o imaterial, o passado e o presente, a religião e a arte (Kaufman, 2004), e é nesta perspetiva que devem ser definidas estratégias para a sua salvaguarda. Isto vai ao encontro do que escreveu Cláudia Jorge Freire:

*O interesse pelo 'património imaterial' vem dar relevo a práticas, representações, concepções do mundo, conhecimentos e saberes-fazer associados aos testemunhos materiais, contribuindo não só para os tornar mais ricos à luz desse contexto intangível, mas também e sobretudo para dar a compreender o Homem na sua plenitude e na sua diversidade cultural (2009, p. 216).*

Por outro lado, embora muitos simulacros ainda estejam expostos em espaços sagrados (mas sem culto, recorde-se), o conhecimento que as comunidades católicas têm a respeito deles está a desaparecer. Isto deve-se, também, ao facto de as gerações mais velhas e mais devotas estarem, também elas, inevitavelmente, a desaparecer. Sobre este tópico, importa considerar que a Igreja Católica está a viver uma crise de confiança. Com os escândalos que marcaram os últimos anos (homofobia, proibição do aborto, abuso sexual de menores, entre outros), a comunidade católica vê-se ameaçada por um real afastamento dos jovens da Igreja institucional, em particular da prática litúrgica dita convencional. Não se pretende aqui aprofundar esta discussão; importa, no entanto, referir que, segundo o relatório técnico sobre a ligação e a prática religiosas entre os jovens adultos (16-29 anos), em 22 países europeus<sup>527</sup> – que serviu para informar o Sínodo dos Bispos, realizado em 2018<sup>528</sup> –, em Portugal<sup>529</sup>: 53% dos jovens adultos assumem-se como católicos<sup>530</sup>, mas apenas 27% assiste à missa semanalmente (excetuando casamentos, funerais, etc.). Em contrapartida, 42%

---

<sup>527</sup> Relatório da autoria de Stephen Bullivant (2018), com dados recolhidos do *European Social Survey* (<https://www.europeansocialsurvey.org/>), de 2014 e 2016.

<sup>528</sup> A XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos foi direcionada ao tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” e realizou-se em outubro de 2018, em Roma (Sínodo dos Bispos, 2018).

<sup>529</sup> Para Portugal foram disponibilizados os dados apenas de 2014 (Sínodo dos Bispos, 2018).

<sup>530</sup> De entre os 22 países analisados, Portugal foi o quinto país com mais jovens adultos católicos (Bullivant, 2018). Ainda assim, atente-se que os dados recolhidos têm quase dez anos (2014-2023). Desde então, a Igreja tem-se visto severamente abalada pelos vários escândalos supramencionados e um gradual afastamento dos jovens, cada vez mais focados na sustentabilidade social e ambiental, entre outros interesses (racismo, discriminação, direitos das mulheres, etc.).

dos jovens não têm religião, tendo Portugal ficado em décimo sexto lugar num total de 22 países (Bullivant, 2018). Isto traduz-se, inevitavelmente, no desinteresse desta faixa etária pelas práticas religiosas, sejam elas de cariz litúrgico ou popular local. Esta situação é claramente distinta da relação que as gerações mais velhas (pais, avôs, bisavôs) tinham, na mesma idade, com a Igreja e respetivas práticas e crenças, existindo, por conseguinte, um distanciamento cada vez maior entre os crentes mais velhos e as gerações mais novas (Instituto Humanitas Unisinos, 2020). Um caso muito particular de uma prática que se tem vindo a perder e que foi particularmente importante para estes objetos devocionais, consiste na oferta votiva ou ex-voto (confronte-se alguns exemplos no subcapítulo 4.2., parte II). Como analisado anteriormente, o crente deixava uma oferenda ao santo em troca de uma graça ou pedido, prática que, nas palavras de João de Pina Cabral, correspondia à *troca de dádivas entre santos e seres humanos*, como uma *manifestação da associação amistosa* entre ambos (1989b, pp. 190–191) e uma forma de *validação do poder do santo* (1989b, p. 194). O autor escreveu ainda:

*Estas [ofertas votivas] são oferecidas ao santo em ação de graças pela sua participação em determinadas questões terrenas. Estes ‘votos’ ou ‘promessas’ assumem um papel fulcral no quadro da religião popular de todo o noroeste da Península Ibérica* (Cabral, 1989b, p. 188).

Em contrapartida, os jovens, em particular os jovens adultos, tendem a aderir a outras formas livres de culto como, por exemplo, as peregrinações aos santuários (talvez até mais no âmbito do turismo religioso<sup>531</sup>) ou o simples ato de acender uma vela. Ou seja, as práticas devocionais instituídas e, por

---

<sup>531</sup> O turismo religioso tem vindo a ganhar relevo nos últimos anos (Pereiro & Fernandes, 2018). Enquanto para o peregrino, a peregrinação é uma “recarga” espiritual, como uma viagem/experiência que pode ser entendida como um “rito de passagem” entre a vida quotidiana (mundo “normal” ou “profano”) e o mundo “sagrado” ou, nas palavras de Cecília Guimarães Bastos, *uma ‘re-ligação’ consigo mesmo através do deslocamento para um ‘outro mundo’* (2017, p. 312); para o turista, a viagem consiste num movimento em direção ao “centro” de outras culturas, sociedades e religiões, mais do que em direção ao seu próprio “centro” espiritual, cultural e até religioso. Mais, o turismo implica um ato voluntário como uma viagem “por prazer”, enquanto a peregrinação tem um caráter mais obrigatório (Bastos, 2017). Não obstante, o conceito de peregrinação tem vindo a alterar-se e a confundir-se, cada vez mais, com o conceito de turismo (Bastos, 2017; Pereiro & Fernandes, 2018), como se subentende da leitura da mesma autora: *Apesar de o turismo e a peregrinação operarem em diferentes esferas de significados, eles têm significativas áreas de sobreposição, pois vemos alguns turistas tendo motivações e experiências similares a peregrinos, assim como há peregrinos viajando por razões similares a de turistas* (Bastos, 2017, p. 326).

vezes, menos racionais, como o culto a um santo incorrupto ou a crença em milagres<sup>532</sup> (piedade popular) têm cada vez menos adesão pelos mais novos: o primeiro visto com repulsa e o segundo encarado com ceticismo ou falta de fé. Como observado acima, a ligação que as pessoas sentem com os santos baseia-se numa estrutura simbólica e essa ligação deve ser sentida e vivida e, acima de tudo, alimentada, caso contrário, com o tempo, perde-se o testemunho da existência das relações de reciprocidade entre as pessoas e os santos e, conseqüentemente, o conhecimento que as gerações mais velhas têm dessas práticas e crenças, por falta de continuidade (ou interesse) pelas gerações mais novas.

No documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, lê-se que: *A experiência religiosa dos jovens é fortemente influenciada pelo contexto social e cultural em que vivem* (Sínodo dos Bispos, 2018, cap. IV, art.º 48). Assim, num mundo cada vez mais ditado pela tecnologia e pelas redes sociais (mundo virtual), é compreensível que os jovens tendam a afastar-se dos cultos tradicionais e das práticas convencionais (mundo terreno/espiritual), por eles entendidas – ou, melhor dizendo, incompreendidas –, como antiquadas ou fora de moda. No mesmo documento pode, inclusive, ler-se:

*O Sínodo está ciente de que um número consistente de jovens, pelos motivos mais variados, nada pede à Igreja, porque não a consideram significativa para a sua existência. Aliás, alguns pedem-lhe expressamente para ser deixados em paz, uma vez que sentem a sua presença como importuna e até mesmo irritante. Muitas vezes este pedido não nasce dum desprezo acrítico e impulsivo, mas mergulha as raízes mesmo em razões sérias e respeitáveis: os escândalos sexuais e económicos; a falta de preparação dos ministros ordenados (...) o papel passivo atribuído aos jovens no seio da comunidade cristã; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual* (Sínodo dos Bispos, 2018, cap. IV, art.º 53).

Além do inevitável afastamento dos jovens, existe um outro fator que deve ser enfatizado e que foi sugerido nos estudos antropológicos de João de Pina Cabral. Diz respeito às atitudes dos camponeses *versus* cidadãos perante os santos e as suas relíquias. Avança o autor que *os camponeses*

---

<sup>532</sup> Por milagre atente-se à definição de João de Pina Cabral: *Um 'milagre' pode ser qualquer acontecimento que corresponde a desejos expressos previamente pelo indivíduo, sobretudo através de orações, promessas e votos* (1989b, p. 193). Sobre a definição de milagre veja-se também, na mesma obra, pp. 197–198.

*abordam os santos com uma peculiar familiaridade que é completamente estranha aos cidadãos* (1989b, p. 191). Embora o estudo tenha sido publicado em 1989, os ideais são atuais e coadunam-se com o que foi analisado na parte II da presente tese. Como ilustrado no inventário nacional, o culto dos santos mártires nas aldeias e vilas portuguesas persiste, nalguns casos, como uma prática viva<sup>533</sup>, em oposição aos seus congéneres enviados (em maior número) para as cidades, como Lisboa e Porto<sup>534</sup>. Nestas pode-se, inclusive, assumir a existência de um certo desinteresse, muito provavelmente, também, por influência das mentalidades científicas e anticlericais que marcaram os séculos XIX e XX<sup>535</sup>, o que levou ao abandono gradual e esquecimento destas peças, como reforçado no início do presente subcapítulo. Os ex-votos também sofreram com esta diferenciação, como evidenciado por Pina Cabral:

*Em meados do século XIX, a burguesia, entretanto instalada no poder, distanciou-se das suas raízes populares e este tipo de painel votivo [um tipo de ex-voto, analisado pelo autor], que implica ainda uma forma residual de reciprocidade simétrica, deixou de satisfazer os seus sentimentos religiosos. (...) Perdendo gradualmente a sua força, a prática de oferecer painéis votivos foi preservada pelos estratos populares até ao primeiro quartel do século XX* (1989b, p. 196).

Não quer isto dizer que as novas mentalidades não tenham chegado às aldeias e vilas portuguesas (embora tenham tido mais dificuldade em alcançar a população rural devido à taxa de escolaridade), mas sim que a população se terá recusado a renegar um santo que os seus antepassados, em diferentes épocas, insistiram em respeitar e venerar (e hoje, embora muito pontualmente, esse culto subsiste). Com efeito, a ligação (quotidiana) ou *relação de reciprocidade* entre as pessoas e os santos – assumindo a expressão de Pina Cabral (e entendida pelo mesmo como “apego”<sup>536</sup>) –, é a maior lacuna nos jovens contemporâneos. A falta dessa *relação* é, por sua vez, sinónimo de falta de “afeto”

---

<sup>533</sup> Recorde-se, por exemplo, dos cultos a são Clemente em Buiões (diocese de Vila Real) ou a são Fiel em Louriçal do Campo (diocese da Guarda).

<sup>534</sup> Confronte-se Apêndice IV.

<sup>535</sup> Reveja-se, *supra*, subcapítulo 3.4. (parte I).

<sup>536</sup> *O indivíduo que apela aos favores de um santo, está a ‘apegar-se ao santo’* (Cabral, 1985, p. 197).

e de “entrega” dos jovens porque *não a consideram significativa para a sua existência* (recorrendo ao texto do documento final do Sínodo dos Bispos, transcrito acima).

A crença nas relíquias sagradas como intercessoras entre o mundo dos vivos e o divino deve ser entendida como uma ligação primária, sem a qual o culto aos santos mártires (através dos seus simulacros) nunca teria existido como uma prática viva. Por conseguinte, a perda ou inexistência dessa crença pelas gerações mais novas levará, inevitavelmente, à diminuição da prática e ao seu consequente esquecimento. Crê-se, por isso, que à medida que as gerações mais velhas de católicos – que viveram essas práticas e crenças na sua juventude e idade adulta – forem desaparecendo<sup>537</sup>, muito embora os simulacros permaneçam nos locais de culto, estes serão provavelmente obliterados, a menos que se promova a sua divulgação e valorização entre os mais novos, não (apenas) pela sua vertente cultural do passado, mas como testemunhos histórico-artísticos de uma determinada época, cultura e sociedade, ou seja, como bens patrimoniais<sup>538</sup>.

### **7.3. A conservação das relíquias na ótica da Igreja Católica**

#### **7.3.1. Instrução “As Relíquias na Igreja: Autenticidade e Conservação” (2017)**

Em 2017, a Congregação para as Causas dos Santos emitiu, a 16 de dezembro, a Instrução intitulada “As Relíquias na Igreja: Autenticidade e Conservação” (“Relics in the Church: Authenticity and Preservation”), que veio substituir o apêndice “Reconhecimento Canónico dos Restos Mortais de um Servo de Deus”<sup>539</sup> (“Canonical Recognition of the Mortal Remains of a Servant of God”), da Instrução “Sanctorum Mater” de 2007 (Congregação para as Causas dos Santos, 2017; Protz, 2017). No referido apêndice constam os tópicos sobre *Autenticação* (*Authentication*), *Conservação* (*Preservation*),

---

<sup>537</sup> Obrigatoriamente desaparecem também as comunidades que conhecem, acreditam e cuidam destas peças.

<sup>538</sup> Num artigo publicado em 2021 no *site* da *Vatican News*, é realçada a importância de as relíquias sagradas serem consideradas património mundial (Collet, 2021).

<sup>539</sup> Os *restos mortais* dos servos de Deus e dos veneráveis dizem respeito aos corpos daqueles cujas causas de beatificação e canonização ainda estão em processo. Sobre estes procedimentos reveja-se nota n.º 53.

*Preparação de Relíquias (Preparation of Relics)* e *Transferência (Transfer)*. No tópico que aqui interessa realçar – *Conservação* das relíquias (art.º 6) –, lê-se o seguinte:

§ 1. Para garantir a melhor conservação das relíquias de um Santo ou de um Beato, pode ser necessário realizar um tratamento especializado nas relíquias. § 2. Para realizar qualquer tratamento sobre as relíquias, o Bispo competente peça a permissão da Congregação. § 3. Na carta, especifique o lugar exato em que se encontram as relíquias ou os restos mortais, as razões do tratamento e a natureza das operações a serem realizadas<sup>540</sup>.

Voltando à Instrução de 2017, apesar do termo *Conservação (Preservation)* constar no título do documento, este pouco ou nada diz a respeito dos procedimentos de conservação (e restauro) em relíquias sagradas. Sobre a intenção do documento, de nove páginas, pode ler-se o seguinte:

Nesta Instrução é apresentado o procedimento canónico a seguir para verificar a autenticidade das relíquias e dos restos mortais, garantir a sua conservação e promover a veneração das relíquias através dos procedimentos específicos possíveis: reconhecimento canónico, extração de fragmentos e criação de relíquias, transladação da urna e alienação de relíquias<sup>541</sup>.

Os procedimentos visam a conservação e o respeito pelas relíquias<sup>542</sup>, evitando *todo o tipo de superstição e comércio ilícito* (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 2), reiterando o cân. 1190 do “Código de Direito Canónico”, que proíbe a venda de relíquias sagradas (A. Leite, 1983, p. 207).

---

<sup>540</sup> Tradução livre do original: § 1. In order to guarantee the best preservation of the relics of a Saint or of a Blessed, it may be necessary to conduct specialized treatment on the relics. § 2. In order to perform any treatment on the relics, the competent Bishop is to ask the permission of the Congregation. § 3. In the letter, he is to specify the exact place in which the relics or mortal remains are kept, the reasons for the treatment and the nature of the operations that are to be performed (Congregação para as Causas dos Santos, 2007).

<sup>541</sup> Tradução livre do original: In this Instruction is presented the canonical procedure to follow in order to verify the authenticity of relics and mortal remains, to guarantee their preservation and to promote the veneration of relics through the possible specific procedures: canonical recognition, extraction of fragments and creation of relics, translation of the urn and alienation of relics (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 2).

<sup>542</sup> A Instrução refere-se às relíquias insignes (*significant relics*) como o corpo dos Beatos e dos Santos ou as partes notáveis dos próprios corpos ou todo o volume das cinzas obtidas pela sua cremação (reliquias de primeira classe), e às relíquias não insignes (*non-significant relics*), como pequenos fragmentos do corpo dos Beatos e dos Santos, assim como os objetos que estiveram em contacto directo com a sua pessoa (reliquias de segunda classe) (tradução livre do original: *The body of the Blessed and of the Saints or notable parts of the bodies themselves or the sum total of the ashes obtained by their cremation are traditionally considered “significant relics”. (...) Little fragments of the body of the Blessed and of the Saints as well as objects that have come in direct contact with their person are considered “non-significant relics”*) (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, pp. 1–2)). Sobre as três classes de relíquias definidas pela Igreja Católica reveja-se subcapítulo 4.2. (parte I).

O documento é dirigido *aos bispos diocesanos, às eparquias e a todos aqueles que são equivalentes pelo direito, bem como aos que participam nos procedimentos relativos às relíquias dos Beatos e Santos e aos restos mortais dos Servos de Deus e Veneráveis*, além da própria Congregação para as Causas dos Santos, os quais têm o dever de cuidar e vigiar as relíquias *para assegurar a sua conservação e veneração, e evitar abusos*<sup>543</sup>. Portanto, não é referido no documento a necessidade de recorrer a um profissional da área da Conservação e Restauro. Em contrapartida, os procedimentos devem ser realizados por pessoas dentro da Igreja ou por especialistas aprovados pelo bispo<sup>544</sup>, sendo que o bispo da diocese ou da eparquia, com o respetivo consentimento da congregação, é o *único competente para realizar todos os procedimentos necessários sobre as relíquias ou os restos mortais*, como é evidenciado no art.º 1 da Instrução<sup>545</sup>. Isto vem, uma vez mais, reforçar o cân. 1189 do “Código de Direito Canónico” sobre a obrigatoriedade de se obter uma licença por escrito do Ordinário do Lugar para qualquer *reparação*<sup>546</sup>, o qual, antes de a conceder, deverá consultar os *peritos* (A. Leite, 1983, p. 207).

---

<sup>543</sup> Tradução livre do original: *Diocesan Bishops, Eparchs, those equivalent to them in law and the Congregation for the Causes of the Saints reserve for these relics a special care and vigilance in order to assure their preservation and veneration and to avoid abuses. (...) The present “Instruction” (...) is directed to diocesan Bishops, Eparchs and those who are equivalent to them in law, as well as to those who participate in the procedures regarding the relics of Blesseds and Saints and the mortal remains of Servants of God and Venerables, in order to facilitate the application of what is required in such a particular matter* (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, pp. 1–2).

<sup>544</sup> Segundo o documento, são aprovados, apenas, médicos especialistas (patologistas anatómicos, médicos legistas ou outros médicos especializados) e, caso seja necessário, um médico assistente (técnico de autópsia): *The Bishop or the Episcopal Delegate is to nominate a medical expert (anatomical pathologist, medical examiner or another specialized doctor) and, if necessary, an assistant medical expert (autopsy technician), as well as others charged with performing the technical aspects of the work* (art.º 9) (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 3). Os artigos 10 a 12 dizem ainda respeito à presença de testemunhas e ao juramento (de cumprimento da tarefa e de manter segredo do ofício) de todos os envolvidos nos diferentes procedimentos (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 4).

<sup>545</sup> Tradução livre do original: *The one competent to perform all the possible procedures on relics or on mortal remains is the Bishop of the diocese or of the eparchy where they are preserved, if he has obtained beforehand the consent of the Congregation for the Causes of the Saints* (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 2).

<sup>546</sup> No código canónico, a *reparação* é explicitamente direcionada apenas às *imagens preciosas (...) expostas à veneração dos fiéis nas igrejas ou oratórios* (A. Leite, 1983, p. 207).

A Instrução recorda também que *as relíquias dos Beatos e dos Santos não podem ser expostas à veneração dos fiéis sem o devido certificado da autoridade eclesiástica que garanta a sua autenticidade*<sup>547</sup>, prática que se mantém desde o Concílio de Trento (1563) (veja-se subcapítulo 3.1. (parte I)).

Sobre a extração das relíquias dos locais onde estão conservadas, pode ler-se no documento de 2017 o seguinte:

*As relíquias ou os restos mortais devem ser colocados sobre uma mesa, cobertos com um pano digno, para que os especialistas anatómicos possam limpá-los do pó e de outras impurezas. Sempre que o reconhecimento canónico evidencie a necessidade ou a oportunidade de realizar tratamentos para a sua conservação, depois de obtido o consentimento do Bispo, tais tratamentos devem ser realizados aplicando-se as técnicas mais credenciadas naquele local e nos modos que os peritos anatómicos ou outros especialistas devem estabelecer*<sup>548</sup>.

Mais adiante, lê-se ainda:

*§ 1. Depois do que for necessário para providenciar a conservação das relíquias ou dos restos mortais, e o corpo tiver sido recomposto, tudo deverá ser entretanto colocado numa nova urna. § 2. Se as relíquias ou os restos mortais forem envolvidas em novas vestes, estas, quando possível, devem ser do mesmo estilo das precedentes. § 3. O Bispo ou o Delegado Episcopal deve cuidar que ninguém subtraia algo da urna ou lhe introduza algo. § 4. Se possível, que seja religiosamente guardada a velha urna e tudo o que nela for encontrado; caso contrário, que sejam destruídos*<sup>549</sup>.

---

<sup>547</sup> Tradução livre do original: *The relics of the Blessed and of the Saints may not be displayed for the veneration of the faithful without a proper certificate of the ecclesiastical authority who guarantees their authenticity* (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 1).

<sup>548</sup> Tradução livre do original: *The relics or the mortal remains are to be placed upon a table, covered with a dignified draping, so that the anatomical experts can clean them of dust and other impurities* (art.º 15); *Whenever the canonical recognition makes evident the necessity or the opportuneness of performing treatments for their preservation, after having obtained the consent of the Bishop, such treatments are to be performed by applying the most accredited techniques in that place and in the ways which the anatomical experts or other experts shall establish* (art.º 17) (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, pp. 4–5).

<sup>549</sup> Tradução livre do original: *§ 1. After that which is necessary to provide for the preservation of the relics or of the mortal remains, and the body has been recomposed, everything is to be eventually placed in a new urn. § 2. If the relics or the mortal remains are dressed in new clothes, these, as much as is possible, are to be of the same style as the previous ones. § 3. The Bishop or the Episcopal Delegate is to take care that no one takes anything out of the urn or places something in it. § 4. If possible, the old urn and everything which was found in it are to be religiously preserved; otherwise they are to be destroyed* (art.º 19) (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 5).

Embora, pela leitura da citação anterior, se subentenda o manuseio das relíquias e a sua “recomposição” (§ 1. *Depois do que for necessário para providenciar a conservação das relíquias ou dos restos mortais, e o corpo tiver sido recomposto*), a Instrução não esclarece quais os procedimentos ou as metodologias de intervenção adequadas à conservação das relíquias.

Por fim, no art.º 25 é reforçada a proibição da exposição das relíquias *em locais profanos ou não autorizados*<sup>550</sup>. Este artigo é particularmente relevante para o tema em análise, uma vez que proíbe a exposição de relíquias em museus, a menos que estes estejam localizados em solo sagrado ou sejam aprovados pela congregação.

### 7.3.2. “Protocolo” da *Regalis Lipsanoteca* (2018)

Em 2018 veio à luz um outro documento, direcionado ao exame e autenticação de relíquias insignes, e à conservação e restauro de relicários e simulacros, que se intitula: “Protocolo para intervenções envolvendo o exame, autenticação e conservação de relíquias sagradas insignes (‘corpus’) e o restauro de relicários e simulacros, e orientação para a arqueologia sacra. Guia padrão proposto para todos os autenticadores apostólicos, postuladores, comissões de relíquias, arqueólogos e conservacionistas [entenda-se “conservadores-restauradores”] autorizados pela Igreja”<sup>551</sup>. O

---

<sup>550</sup> Tradução livre do original: (...) *as well as their display in profane or unauthorized places, are absolutely prohibited* (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 6).

<sup>551</sup> Tradução livre do original: *Protocol for interventions involving the examination, authentication and conservation of major holy relics (corpus) and the restoration of reliquaries and simulacri and guidance for sacred archeology. Proposed standard guide for all Church authorized apostolic authenticators, postulators, relic commissions, archaeologists and conservationists* (Evaristo, 2018). O documento tem o apoio da Fundação Manuel II, da Fundação Histórico-Cultural Oureana, do Departamento de Arqueologia Sacra da Academia Brasileira de Hagiologia – ABRHAGI (arquiocese de São Paulo) e do Gabinete dos Patronos dos Museus do Vaticano. O mesmo documento foi aprovado pela diocese de São Tomé e Príncipe com *Nihil Obstat* (“nada contra”) e *Imprimatur* (“que se imprima”), para o seu uso no Apostolado pelas Relíquias Sagradas e proposto como guia universal para os especialistas autorizados pela Igreja. O bispo da diocese, D. Manuel António Mendes dos Santos, apresentou a primeira cópia do referido documento ao papa Francisco no dia 30 de janeiro de 2019. O documento foi igualmente apresentado no dia 24 de novembro de 2021 na conferência “RelicS 2021 – 1<sup>st</sup> Internacional Conference on Relic Studies”, organizada pelo Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR), da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (campus Foz). Renova-se o agradecimento ao doutor Carlos Evaristo pela partilha do documento e permissão para o seu estudo e divulgação na presente tese.

documento de vinte e três páginas foi redigido pelo já mencionado doutor Carlos Evaristo<sup>552</sup>, fundador, curador e conservador da *Regalis Lipsanoteca* (santuário de relíquias) e fundador do Apostolado para as Relíquias Sagradas<sup>553</sup> (entre outras funções), e dirige-se a todas as relíquias sagradas *veneradas pela Igreja Católica Romana de acordo com as Normas Canônicas* (Evaristo, 2018, p. 2), distribuídas por classes. Segundo Evaristo, na primeira classe incluem-se, entre outras relíquias:

*O próprio corpo inteiro, quer seja incorrupto ou esquelético (conservado num Ossário ou remontado numa imagem em cera ou articulada conhecida por ‘Simulacri’)*<sup>554</sup>.

Apesar de, também, não serem estabelecidos critérios específicos de atuação no âmbito da conservação e restauro de relíquias (e simulacros), o protocolo – entendido como uma proposta de atuação –, apresenta diferenças significativas quanto à Instrução de 2017, uma vez que abre as portas para uma intervenção ponderada e realizada por especialistas fora dos circuitos da Igreja<sup>555</sup> – numa perspectiva transversal e multidisciplinar –, favorecendo, desta forma, a participação ativa de conservadores-restauradores e contrariando o secretismo que envolve as práticas de conservação de outrora, no âmbito da Igreja Católica. No mesmo documento é ainda reforçada a importância do exame científico para o estudo de relíquias sagradas (Evaristo, 2018). Não obstante, mantêm-se os rituais de consagração, nomeadamente a celebração de missas, a bênção e purificação de ferramentas (de uso exclusivo em relíquias), antes e depois das intervenções, e a recolha de partículas

---

<sup>552</sup> Sobre o autor veja-se nota n.º 133.

<sup>553</sup> Em 2021, a Sagrada Congregação para a Causa dos Santos reconheceu os 32 anos de trabalho do Apostolado (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

<sup>554</sup> Tradução livre do original: *The entire body itself, whether incorrupt or skeletal, (kept in an Ossuary or reassembled in a wax or articulated image known as a ‘Simulacri’)* (...) (Evaristo, 2018, p. 2).

<sup>555</sup> Embora seja reforçado que devam ser, preferencialmente, *Católicos Romanos praticantes ou pelo menos Cristãos e pessoas que respeitem a Tradição, as Normas e a Moral Católica e que sejam de reconhecida credibilidade e defensoras dos padrões morais Católicos* (tradução livre do original: (...) *experts that are called upon to intervene with Major Holy Relics, from either the Archaeological, Medical, Scientific or Technical fields, should be preferably practicing Roman Catholics or at least Christian. These should be persons respectful of Catholic Tradition, Norms and Morals and who are of renowned credibility and upholders of Catholic moral standards* (Evaristo, 2018, p. 12)).

(*Relic Particles*) para conservação e posterior colocação em novos relicários ou tecas<sup>556</sup>, e sua distribuição devocional segundo as normas canônicas (Evaristo, 2018).

Após abordar as diferentes relíquias existentes (ex.: *paté dos santos*, *reliquias de sangue*, *lágrimas*, *água benta*, *verónicas*, *reliquias de contacto* ('*brandea*'), *leite da Nossa Senhora*, *vera efígies*, etc.), o documento trata, em primeiro lugar, a conservação, o restauro e a exposição de corpos incorruptos<sup>557</sup>, seguindo-se o capítulo direcionado aos simulacros. Neste, o autor refere as origens dos simulacros dos corpos santos e acentua a relação entre estes e os corpos incorruptos – assunto que, para o tema em análise, importa transcrever:

*Durante o século XVI, quando a exposição de corpos incorruptos se tornou uma tendência muito popular da Igreja, muitos Santuários e Ordens Religiosas que só tinham corpos esqueléticos de Santos decidiram simular os cadáveres produzindo corpos inteiros esculpidos em cera, pasta de papel, madeira, mármore[,] prata ou bronze. A ideia era 'assimilar' ou dar a aparência de um cadáver incorrupto do Santo e assim o termo para este tipo de Imagem Relicário ficou popularmente denominado como **Simulacri Corpus Sanctae** em latim. A maioria dessas imagens de corpo inteiro pode de fato ser denominada como **Simulacro Relicário**, pois são manequins ocios que simulam o corpo e que são feitos para serem preenchidos com os ossos reais, escondidos ou tornados visíveis através de aberturas cortadas nos membros ou então com o crânio, os braços, as mãos, as pernas e os pés totalmente expostos sob tecido ou malha de arame e articulados com arame. (...) A maioria dos Simulacri são de mártires e exibem os Santos vestidos como Soldados Romanos ou Virgens segurando ramos de palmeira com frascos de vidro contendo sangue seco recolhido do local da execução e colocado próximo a eles na tradição dos primeiros enterros Catacumbais<sup>558</sup>.*

---

<sup>556</sup> Pequenos relicários portáteis em forma de medalhão oval ou circular.

<sup>557</sup> *Os corpos incorruptos dos Santos são normalmente expostos em esplêndidas Urnas-Relicário, colocadas sob, acima ou perto dos altares principais dos Santuários a eles dedicados e revestidas de vidro. Os corpos, uma vez tratados, são vestidos e arranjados para uma aparência quase realista. Às vezes eram colocados em posições reclinadas pensativas, para parecer que estão a dormir ou a meditar* (tradução livre do original: *Incorrupt bodies of Saints are normally displayed in splendid Reliquary Urns, placed under, above or near the main altars of Shrines dedicated to them and plated with crystal glass. Bodies once treated are dressed and arranged to an almost life-like appearance. Sometimes they were placed in thoughtful reclining positions, to look as though they are sleeping or meditating* (Evaristo, 2018, p. 6)). O autor explica ainda que os restos mumificados eram, por vezes, cobertos com simulacros de corpo inteiro (*with a full body simulacra above it depicting the body as it would have been in life*), para disfarçar uma aparência menos agradável e pouco natural. As máscaras de cera, moldadas a partir do rosto do santo (logo após a sua morte), podiam também ser colocadas sobre o rosto incorrupto no sentido de o embelezar, disfarçando o aspeto enrugado e enegrecido da pele ou o próprio crânio (*shriveled incorrupt face or flesh-less skull*) (Evaristo, 2018, p. 7).

<sup>558</sup> Tradução livre do original: *During the XVI Century when the exposition of incorrupt bodies became a very popular Church trend, many Shrines and Religious Orders that only had skeletal bodies of Saints decided to simulate the corpses by producing entire sculptured bodies in wax, paper maché, wood, marble silver or bronze. The idea was to "assimilate" or give the appearance of an incorrupt corpse of the*

Evaristo descreve, sem dúvida, o *simulacro relicário*<sup>559</sup> que tem vindo a ser alvo de estudo na presente tese, tratando-se do primeiro documento a abordar e a dedicar alguma atenção a estes recetáculos devocionais. O autor constatou, ainda, que muitas relíquias foram retiradas ilegalmente do culto público:

*É surpreendente quantos católicos hoje, tanto no Laicato quanto no Clero, acreditam erroneamente que Relíquias Sagradas não têm mais lugar na Igreja. Muitos chegam a afirmar que são proibidas ou que fazem parte dos cultos supersticiosos da Igreja da era pré-Concílio do Vaticano II. Depois há Prelados ou Padres que removeram ilegalmente as Relíquias Insignes do Culto público para os sótãos das Igrejas ou até mesmo as deitaram fora em contradição com as Rubricas*<sup>560</sup>.

No protocolo são descritas dez guias ou diretrizes básicas para as intervenções em relíquias sagradas que, segundo Evaristo, *devem ser disponibilizadas a todas as pessoas responsáveis na Igreja que possam ser*

---

*Saint and so the term for this type of Reliquary Image became popularly termed as **Simulacri Corpus Sanctae** in Latin. Most of these full body images can in fact be termed as **Reliquary Simulacri** as they are hollow mannequins that simulate the body and which are made to be filled with the actual bones, either hidden or made visible through openings cut in the members or else with skull, arms, hands, legs and feet left fully exposed under cloth or wire mesh and articulated with wire. // (...) Most Simulacri are of Martyrs and display the Saints dressed as Roman Soldiers or Virgins holding palm branches with glass vials containing dried blood collected from the site of execution and placed next to them in the tradition of the early Catacomb burials (Evaristo, 2018, p. 9) (o negrito é original). Quanto ao termo em latim adotado pelo autor – *Simulacri Corpus Sanctae* –, sugere-se a correção para o sing. *simulacrum corporis sancti* (*simulacro do corpo do santo*) ou pl. *simulacra corporum sanctorum* (*simulacros dos corpos dos santos*).*

<sup>559</sup> O autor distingue também entre *simulacro relicário* (*Reliquary Simulacri*) e *efígie simulacro* (*Simulacri Effigy*), este último como *imagens reclinadas esculpidas sólidas ou ocas com as Relíquias Sagradas escondidas ou expostas num compartimento dentro do peito da imagem, numa almofada debaixo da cabeça ou numa Urna-Relicário ou Cofre colocado num túmulo sarcófago por baixo da imagem* (tradução livre do original: (...) **Simulacri Effigy** as they are sculpted solid or else hollow reclining images with the Holy Relics placed hidden or exposed in a compartment within the chest area of the image, in a pillow underneath its head or else in a Reliquary Urn or Coffin placed in a sarcophagus tomb underneath the image (Evaristo, 2018, p. 9) (o negrito é original). Exemplo disso são os simulacros de são Vicente (Porto), cujas relíquias estão atualmente localizadas no interior de uma pequena caixa em ébano e prata colocada junto ao corpo (veja-se ficha de inventário n.º 24, Apêndice V) e de são Donato (Vila do Conde), uma vez que a única relíquia deste santo mártir – um osso de pequenas dimensões –, está guardada numa custódia-relicário no acervo da igreja. Por esta mesma razão, são Donato foi retirado da lista de simulacros inventariados. Em contrapartida, o simulacro de são Vicente mantém-se na mesma lista, pelo facto de que as relíquias só foram colocadas na caixa após a vinda do simulacro para Portugal. Além disso, pela observação dos dentes através da boca semiaberta, crê-se que ainda exista parte do crânio no seu interior.

<sup>560</sup> Tradução livre do original: *It is surprising just how many Catholics today, both in the Laity and the Clergy, erroneously believe that Holy Relics no longer have any place in the Church. Many even go so far as to state that they are banned or else part of the Church's superstitious cults of the pre-Vatican II Council era. Then there are Prelates or Priests who have unlawfully removed Major Relics from public Cult to Church attics or even thrown them out in contradiction of the Rubrics* (Evaristo, 2018, p. 11).

chamadas a intervir num caso específico ou que tenham de convocar pessoal qualificado para formar uma Comissão de Relíquias<sup>561</sup>. São elas:

- *Recomendações para Postuladores, Membros de Comissão e Pessoal Especialista;*
- *Preparação, Juramentos, Sigilo, Bênção e Purificação de Ferramentas e Espaços de Trabalho;*
- *Cuidados na Abertura de Relicários;*
- *Cuidados na Recolha e Conservação de Partículas de Relíquias Sagradas;*
- *Limpeza e Conservação de Relíquias Sagradas Insignes, Relicários e Simulacri;*
- *Cuidados Especiais na Remoção de Vestuário dos Corpos, Esqueletos Articulados ou Simulacri;*
- *Materiais Reutilizáveis e Descartáveis;*
- *Condições para Submissão de Amostras de Relíquias Sagradas para Exame Científico;*
- *Translação, Transporte e Envio;*
- *Recomendações para a Manutenção de Registos*<sup>562</sup>.

Na quinta diretriz, as linhas gerais dizem maioritariamente respeito à limpeza de restos humanos. Assim, Evaristo esclarece que:

*A remoção de todos os vernizes antigos dos restos [humanos] costuma ser bastante simples, pois muitas vezes são compostos de resina natural de árvores. A maioria destas resinas pode ser removida na sua maioria com uma mistura de sabão neutro e água, sem necessidade de recorrer a agentes químicos abrasivos. O excesso de humidade nos ossos pode ser removido pela aplicação de tecido fino. Se houver danos nos ossos devido à exposição a um ambiente excessivamente húmido ou seco, pode ser solicitada e obtida permissão da Autoridade Eclesiástica para a aplicação de um endurecedor comercial usado na conservação de artefactos de Museu frágeis, como ossos com reconstrução ou áreas danificadas possibilitadas pelo recurso à moldagem manual ou esculpida em*

---

<sup>561</sup> Tradução livre do original: (...) *we have prepared and do Propose this document with basic Guidelines that should be made available to all persons responsible in the Church that may be called upon to intervene in a specific case or may have to call upon qualified personnel to form a Relic Commission* (...) (Evaristo, 2018, p. 12).

<sup>562</sup> Tradução livre do original: *Recommendations for Postulators, Commission Members and Expert Personnel; Preparation, Oaths, Secrecy, Blessing and Purification of Tools and Work Spaces; Care in the Opening of Reliquaries; Care in the Collection and Conservation of Holy Relic Particles; Cleaning and Conservation of Major Holy Relics, Reliquaries and Simulacri; Reusable and Discartable Materials; Conditions for Submission of Holy Relic Samples for Scientific Examination; Translation, Transport and Shipping; Recommendations for the Keeping of Records* (Evaristo, 2018, pp. 12–17)

*cera, massa ou gesso ou pela colocação de fragmentos ósseos pulverizados com uma mistura de cera ou gesso moldados em moldes ósseos Conventuais que também eram utilizados para exagerar o tamanho das Relíquias Sagradas*<sup>563</sup>.

O protocolo reforça, ainda, a importância da limpeza cuidada (com pincéis macios) dos mofos e bolores, bem como a sua recolha para posterior identificação microbiana para melhor *determinar como evitar novas formações e medidas preventivas a serem implementadas para fins de conservação*<sup>564</sup>.

Sobre os cuidados na remoção, restauro e conservação das vestes (sexta diretriz), o autor recorda que todas as peças de roupa (incluindo fios, botões e acessórios), diretamente em contacto com os restos mortais – esqueléticos ou mumificados – são, elas próprias, relíquias de segunda classe (recorde-se do mesmo assunto analisado no subcapítulo 4.2. (parte I)) devendo, por isso, ser tratadas com o devido respeito e aplicados os mesmos procedimentos de conservação, recolha e identificação das relíquias de primeira classe. O autor recomenda, inclusive, a consulta de profissionais na área de têxteis (Evaristo, 2018).

Durante o envio e transporte temporários (para intervenção, análise científica, etc.), os restos humanos devem ser tratados com o devido respeito atendendo à santidade que lhes é conferida. Este assunto é abordado na nona diretriz, após ser realçada a importância de inventariar as peças num sistema de registo, antes da sua saída. Assim, é aconselhado o recurso a um veículo particular, acompanhado por um membro da autoridade eclesiástica ou delegado. Caso isto não seja possível é permitido o envio das relíquias por correio, dentro de encomendas lacradas pela Autoridade

---

<sup>563</sup> Tradução livre do original: *The removal of all old varnishes from remains usually proves to be quite simple as they are quite often composed of natural tree resin. Most of these resins can be removed for the most part with a mild soap and water mixture with no need to have recourse to abrasive chemical agents. Excess moisture on bones can be removed by the application fine tissue. If damage has occurred to the bones due to exposure to an excessively moist or dry environment, permission may be requested and secured of the Ecclesiastic Authority for the application of a commercial hardener used in the conservation of fragile Museum artifacts such as bones with reconstruction or damaged areas made possible through with recourse to be hand molded or sculpted in wax, putty or plaster or by the placement of pulverized bone fragments with a wax or plaster mixture cast in Conventual bone moulds that were also used for the purpose of exaggerating the size of Holy Relics* (Evaristo, 2018, p. 14).

<sup>564</sup> Tradução livre do original: *Samples of the same [mold and mildew] should be collected for the Scientific study of fungus and Bacterial agents so as to best determine how to avoid new formation and preventive measures to be implemented for conservation purposes* (Evaristo, 2018, p. 14).

Eclesiástica competente e, preferencialmente, recorrendo a um correio privado (*courier*) qualificado, com correio registado e serviço de acompanhamento online<sup>565</sup>.

Na décima e última diretriz, são deixadas algumas recomendações sobre os registos, indicando que todos os procedimentos devem ser documentados em detalhe, em conteúdo gráfico, fotográfico e vídeo e, juntamente com as amostras obtidas durante a intervenção, deve ser tudo guardado em arquivo para consulta futura, de modo a garantir a autenticidade das relíquias sagradas (Evaristo, 2018).

Após a descrição das diretrizes para as intervenções em relíquias sagradas, o autor aborda também os procedimentos em situações de autenticação e reautenticação de relíquias, sendo de maior relevo para o assunto em análise o processo de abertura de relicários e urnas com selos de autenticação. Assim, na necessidade de abrir e quebrar os selos oficiais de autenticação para aceder às relíquias no interior, quer seja de relicários, sarcófagos ou altares, o processo de abertura deve ser realizado *APENAS pela Autoridade Eclesiástica delegada para o efeito*<sup>566</sup>, e todos os fragmentos recolhidos durante a abertura (lacre, chumbo, fita, fio de prata, entre outros) devem ser devidamente identificados e salvaguardados em arquivo (Evaristo, 2018). A mesma *Autoridade Eclesiástica* deverá voltar a selar os relicários, sarcófagos ou altares (originais ou novos), com fio vermelho, fita vermelha ou fio de prata, e lacre vermelho ou chumbo, com o respetivo selo e segundo as normas canônicas. Aquela é também responsável por emitir um documento de autenticidade (autêntica), com a identificação e descrição das relíquias, para que possam ser expostas à veneração pública ou privada<sup>567</sup> (Evaristo, 2018).

---

<sup>565</sup> O autor especifica que deve ser evitado o envio de relíquias (por norma, de pequenas dimensões) fixas, inadequadamente, no reverso de postais ou outros sistemas de envio abusivos, desrespeitosos e não autorizados (Evaristo, 2018). Isto apenas reforça que se trata de uma prática comum, contrária à ética da conservação em manter a integridade das peças e as condições adequadas à sua conservação.

<sup>566</sup> Tradução livre do original: (...) *ONLY be carried out by the Ecclesiastic Authority delegated for that purpose present at the intervention* (...) (Evaristo, 2018, p. 17).

<sup>567</sup> Pelo facto de o autor se referir à abertura e encerramento dos relicários segundo as normas canônicas e à emissão de autênticas para exposição das relíquias à veneração, subentende-se que estes procedimentos são direcionados apenas

Em 2021, o doutor Carlos Evaristo, como orador convidado na “RelicS 2021 – 1<sup>st</sup> Internacional Conference on Relic Studies”, ministrou um workshop com o título *Practices and Materiality*<sup>568</sup>. No seguimento do documento anteriormente apresentado, Evaristo abordou as práticas antigas da Igreja, assim como algumas intervenções por ele realizadas em *simulacra*<sup>569</sup>, reforçando que, tradicionalmente, a Igreja não recorre a técnicos especializados em Conservação e Restauro, mas a artistas monásticos para garantir o sigilo e o respeito pelos restos humanos (Evaristo, 2021). Estas intervenções eram assumidas como tratando-se do *corpo de uma pessoa viva com Sigilo Médico/Paciente*, e eram realizadas por funcionários permanentes do museu (museus do Vaticano ou diocesanos), com sigilo juramentado, recorrendo a *métodos Tradicionais Monásticos que não usam materiais sintéticos ou químicos (Monastic Traditional methods that use no synthetic or chemical materials)*, incluindo na desinfestação (através da queima, imersão em água ou defumação), na colagem, reconstrução ou substituição dos ossos (com pasta de papel, gesso, tecido, cera e pasta de osso) (Evaristo, 2021). O autor reforçou, ainda, que os simulacros deteriorados ou irreparáveis eram frequentemente destruídos pelo fogo e substituídos por outros de melhor qualidade. Por sua vez, as vestes velhas eram substituídas por *roupas na moda atual (in current fashion)* e as anteriores *destruídas por um fogo sagrado (destroyed by a sacred fire)*, e as cinzas enterradas ou recortadas, autenticadas e distribuídas como relíquias de segunda classe entre os fiéis<sup>570</sup> (Evaristo, 2021).

---

às relíquias que estão nessas mesmas circunstâncias, não se aplicando às relíquias em situação de abandono e rejeitadas do culto litúrgico.

<sup>568</sup> Renova-se o agradecimento ao autor por partilhar a apresentação.

<sup>569</sup> Evaristo referiu, inclusive, que restaurou e deu apoio como consultor durante as intervenções de conservação e restauro de mais de quarenta relíquias insignes e foi chamado como perito para criar simulacros no Canadá e nos Estados Unidos, tendo igualmente realizado os simulacros atualmente expostos na *Regalis Lipsanoteca* em Ourém, com a sua equipa (Pe. Carlo Cecchin e a artista siciliana Stella Ciardo do estúdio *Arte Cartapesta*) (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a; “Nel laboratorio di Cartapesta. Intervista a Carmelo Gallucci e Stella Ciardo,” 2011).

<sup>570</sup> A preparação e (re)autenticação de “novas” relíquias estava a cargo dos Autenticadores Apostólicos autorizados pela Igreja.

Uma vez restauradas, Evaristo reforçou que as relíquias *não podem ser exibidas em ambiente secular, profano ou museológico*<sup>571</sup>, como evidenciado na Instrução de 2017. Por fim, explicou que todos os resíduos de ossos resultantes das intervenções devem ser filtrados e mantidos num repositório de relíquias ou incinerados, sendo totalmente proibida a coleção de relíquias (Evaristo, 2021), como reforçado em 2017. O autor deu ainda a entender que a arte de produzir simulacros continua a ser praticada nos circuitos religiosos, sendo uma produção, segundo ele, que voltou “a estar na moda”, com recurso a materiais contemporâneos que melhor simulam a pele, como o poliuretano, o silicone e o latex<sup>572</sup> (Evaristo, 2021).

#### **7.4. Intervenções (de conservação e restauro) em *simulacra*, em Portugal**

Além das intervenções nos simulacros de santo Aurélio (2013-14) e de são Fortunato (2020), respetivamente em contexto de mestrado (J. Palmeirão, 2015) e no âmbito do presente projeto de doutoramento (o último será abordado mais adiante), foram identificadas pelo menos mais catorze intervenções realizadas nos últimos 30 anos (1994-2021). A estas somam-se mais duas intervenções, embora suportadas apenas por registos fotográficos, como se verá de seguida. O nome e a formação dos intervenientes, assim como a data e duração das intervenções podem ser consultados no Apêndice VIII.

Com base nas informações recolhidas, por via escrita ou oral<sup>573</sup>, sabe-se que sete dessas intervenções foram solicitadas diretamente pelos padres das igrejas onde os exemplares estavam expostos. No

---

<sup>571</sup> Tradução livre do original: *In restoration of Simulacra and Major Relics cannot leave hallowed ground and once restored cannot be displayed in secular, profane or Museum-like ambience* (Evaristo, 2021).

<sup>572</sup> Um caso muito recente é o do beato Carlo Acutis (Barreiros, 2020; Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

<sup>573</sup> O método de recolha de informação não foi igual para todas as intervenções, uma vez que a recolha esteve dependente da disponibilidade dos intervenientes. Neste sentido, enquanto para uns foi enviado um questionário (especialmente elaborado para os casos de estudo), para outros foi efetuado um contacto telefónico e/ou uma entrevista presencial, mantendo-se a estrutura do questionário. Este englobou sete tópicos principais: 1 - Intervenção e intervenientes; 2 - Processo de montagem (antes da intervenção); 3 - Estado de conservação (antes da intervenção); 4 - Processo de intervenção; 5 - Particularidades da peça; 6 - Exposição e valorização; e 7 - Outras questões (relacionadas com o estado de conservação atual, a divulgação de resultados, intervenções em casos similares e documentação existente). Através destes métodos de recolha, obteve-se informação das intervenções nos santos mártires: Justina e

caso muito particular do simulacro do santo mártir Clemente, em Bujões, a encomenda do restauro, bem como o seu pagamento, ficou a cargo dos fiéis<sup>574</sup>. Por sua vez, a intervenção do simulacro do santo mártir Fortunato (Guimarães) foi encomendada diretamente pela Mesa da RINSCSP<sup>575</sup>.

Analisadas as informações, sabe-se que a maioria das intervenções foi realizada dentro da igreja ou em espaço anexo. Exemplo disso é a intervenção do simulacro de são Fortunato (pela autora), que decorreu num espaço anexo à capela-mor, do lado do Evangelho. Este facto deveu-se, particularmente, ao tamanho das peças e ao risco associado à sua deslocação. Conclui-se que todas as intervenções foram *sui generis*, uma vez que quando questionados sobre se conheciam outras intervenções similares ou se já tinham intervencionado outros exemplares, os intervenientes responderam negativamente, assumindo como maiores dificuldades: o desconhecimento e a complexidade material e técnica das peças. O local de trabalho, em pleno contexto expositivo (sacro) foi, também ele, um desafio. Em alguns casos houve, inclusive, o receio em mexer nas peças por superstição. Por fim, o respeito permanente pelos restos sagrados e a restituição da dignidade foram os critérios comuns a todas as intervenções.

Nas próximas páginas serão apresentadas as intervenções realizadas, mediante uma abordagem sumária e por ordem cronológica (quando possível), evidenciando algum ponto mais particular sobre o processo de montagem, o estado de conservação ou outras informações relevantes sobre os exemplares intervencionados.

---

Urbano (Lisboa), Clemente (Bujões), Clemente e Severino (Porto), e Justino (Barcelos). Alguns intervenientes também disponibilizaram registos fotográficos anteriores às intervenções. Importa ainda referir que de nenhuma intervenção (à exceção dos simulacros dos santos mártires Aurélio e Fortunato) se obteve o relatório final. A todos os intervenientes reitera-se o sincero agradecimento pela disponibilidade, dedicação e contributo, sem os quais não teria sido possível escrever este subcapítulo.

<sup>574</sup> Reveja-se nota n.º 516.

<sup>575</sup> Sobre o simulacro e a sua ligação com a irmandade reveja-se subcapítulo 5.2.3. (parte II), em particular **Santo mártir Fortunato (1787)**.

#### 7.4.1. Santos mártires Bonifácio e Vitória (Lisboa)<sup>576</sup>



**Figs. 320, 321, 322 e 323** – Da esquerda para a direita, em cima: fotografias gerais dos simulacros dos santos mártires Bonifácio e Vitória, incluídas nas fichas de inventário do Patriarcado de Lisboa de 1975. © Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra. Em baixo: fotografias gerais obtidas em 2019. © Joana Palmeirão

Embora não tenha sido possível obter dados concretos sobre as intervenções realizadas nos simulacros dos santos Bonifácio e Vitória (tipo de intervenção, procedimentos e data), através da comparação entre as fichas de inventário do Patriarcado de Lisboa, de 1975, e o registo fotográfico no âmbito da presente investigação, de 2019, detetaram-se algumas diferenças merecedoras de destaque. Como se pode observar pelas figs. 321 a 324 houve, claramente, uma alteração na posição dos corpos, passando da posição decúbito lateral para a posição decúbito dorsal ou jacente. Denota-

---

<sup>576</sup> Fichas de inventário n.º 15 e 16 (Apêndice V).

se, também, que o manto de são Bonifácio, o ramo de flores de santa Vitória, e as cabeleiras e as coroas de flores de ambos já não existem nos simulacros atuais.

#### 7.4.2. Santa mártir Justina (Lisboa)<sup>577</sup>



**Figs. 324 e 325** – Fotografias do simulacro do corpo da santa mártir Justina, antes da intervenção (1994). Fotos gentilmente cedidas pela Dra. Antónia Tinturé (DGPC)

Segundo informações recolhidas<sup>578</sup>, a intervenção decorreu com a *santa-relicário* dentro do altar (onde está atualmente exposta), e em pleno mês de agosto, com grande afluência de turistas, peregrinos e fiéis. Entre missas diárias, festividades e outras cerimónias, aliadas à curiosidade dos visitantes e manifestações críticas de alguns fiéis<sup>579</sup>, a Dra. Antónia Tinturé e a Dra. Lídia Fernandes viram-se obrigadas a solicitar um andaime para ocultar o espaço de trabalho (com cortinas), durante todo o período da intervenção. O acesso ao simulacro decorreu mediante a abertura da portada frontal do altar.

---

<sup>577</sup> Ficha de inventário n.º 9 (Apêndice V).

<sup>578</sup> Obtidas através da Dra. Lídia Fernandes, via telefone. As fotografias da peça, anteriormente à intervenção, foram disponibilizadas pela Dra. Antónia Tinturé da DGPC.

<sup>579</sup> Segundo relato da Dra. Lídia, a intervenção foi encarada, por várias vezes, como profanação. Isto poderá justificar-se pela crença, à época, de se tratar de um corpo incorrupto.

Quanto ao processo de montagem, a Dra. Lúcia referiu que o rosto tinha sido produzido em cera<sup>580</sup>, com um tecido de seda colocado por cima (fig. 325); pequenos pedaços de cartão (pasta de papel) fixavam o tecido. Por sua vez, as mãos e os pés tinham palha como enchimento, em vez de algodão. Uma rede metálica interna, sob as vestes, foi igualmente identificada, porém, não foram encontrados ossos no interior<sup>581</sup>.

**Tabela 20** – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro), do simulacro da santa mártir Justina (Lisboa). © Dra. Lúcia Fernandes e Joana Palmeirão

Estado de conservação	Intervenção / Procedimentos
- Muita sujidade	- Limpeza mecânica do interior do altar
- Rosto enegrecido (acumulação de sujidade)	- Limpeza mecânica do simulacro com pincéis
- Vestígios de roedores (excrementos)	- Limpeza química (com solventes) e mecânica (pontualmente, por raspagem) do rosto
- Lacerações no tecido (rosto)	- Limpeza química (com solventes) dos tecidos
	- O tecido que emoldura o rosto (em muito mau estado), foi substituído por organza <sup>582</sup> , de tom creme
	- Os pedaços de cartão (pasta de papel) que fixavam o tecido do rosto foram substituídos por <i>novo cartão</i> , devido ao mau estado em que se encontravam os originais
<b>Observações</b>	- Por considerarem demasiado agressivo, não foi usado aspirador durante a limpeza
	- Não foi realizado nenhum procedimento de desinfestação e desinfeção

Relativamente à intervenção realizada, pouco se conseguiu apurar, na medida em que ocorreu há quase trinta anos<sup>583</sup>. Não obstante, o estado de conservação do simulacro e algumas etapas da

<sup>580</sup> Esta informação é particularmente relevante, uma vez que permite a inclusão da cera como material utilizado na segunda categoria de simulacros (veja-se as categorias, *supra*, subcapítulo 4.3. (parte I)).

<sup>581</sup> Caso existissem, *seria por baixo do rosto em cera e nas mãos*, como explicou a Dra. Lúcia. Este facto foi uma surpresa para ambas as intervenientes, atendendo ao facto de que achavam que iam intervir o material osteológico. *Se assim fosse*, disse, a intervenção *seria mais fácil*. Quando lhe foi questionada se foi sentida alguma dificuldade durante a intervenção devido ao processo de montagem da peça, a resposta foi positiva, sendo a maior causa dessa dificuldade a presença da cera. Pretende-se com isto reforçar o desconhecimento da complexidade técnico-material destas peças à data da intervenção, até mesmo pelo pároco, segundo relato da Dra. Lúcia.

<sup>582</sup> Organza – *Tecido ou musselina muito leve e transparente, com acabamento especial de goma, que lhe dá certa consistência. // Tecido fino, rígido e transparente, de seda ou fibras sintéticas* (M. P. da Costa, 2020, p. 92)

<sup>583</sup> Segundo informação partilhada pelo doutor Carlos Evaristo, terá sido o próprio que em 1993 deu o parecer ao Pe. Gualberto O.F.M. da igreja de santo António de Lisboa com os *cuidados a terem com o corpo de Santa Justina que estava em muito mau estado*. O mesmo referiu ainda que o simulacro *foi intervir em 1994 pelo restauro da Igreja pelo Centenário de*

intervenção podem ser consultados na tabela 20, seguindo-se algumas fotografias da peça, antes e depois da intervenção (figs. 326–329).



**Figs. 326, 327, 328 e 329** – Da esquerda para a direita, em cima: fotografias gerais e de pormenor do simulacro da santa mártir Justina antes da intervenção (1994). Fotos gentilmente cedidas pela Dra. Antónia Tinturé (DGPC). Em baixo: fotografias gerais e de pormenor do simulacro, depois da intervenção (2020). © Joana Palmeirão

A partir da observação atenta das fotografias do simulacro antes da intervenção e do simulacro atual é possível ainda retirar algumas ilações, designadamente: o reajuste da palma, da coroa e do ramo de flores, este último posicionado junto à palma, entre as mãos; a aplicação de um revestimento pintado sobre o rosto; a colocação de um folheto informativo junto ao corpo (veja-se ficha de

---

*Santo António*, confirmando que a cópia do processo estará na CML, uma vez que terá sido a Câmara a custear a intervenção.

inventário); a manutenção da iluminação interna e a substituição do vaso de sangue<sup>584</sup> (figs. 330 e 331).



**Figs. 330 e 331** – Da esquerda para a direita: fotografias de pormenor do vaso de sangue do simulacro da santa mártir Justina durante a intervenção de 1994 (foto cedida pela Dra. Tinturé (DGPC)) e em 2020 (© Joana Palmeirão)

#### 7.4.3. Santo mártir Urbano (Lisboa)<sup>585</sup>

A intervenção de conservação e restauro do simulacro do santo mártir Urbano foi realizada pelo Sr. Miguel Santos, com o apoio de mais três intervenientes da área de têxteis e pintura (Apêndice VIII). Segundo informação disponibilizada pelo mesmo<sup>586</sup>, o responsável foi o padre Bernardo Xavier Félix e a *intervenção resultou de uma grande campanha de obras na Igreja e edifícios adjacentes, começada em Novembro de 1989*. Toda a intervenção decorreu nas instalações da igreja das Chagas.

---

<sup>584</sup> Embora a Dr. Lídia tenha indicado que não existia vaso de sangue, as fotografias de 1994 confirmam a presença do mesmo junto ao simulacro. Crê-se, por isso, tratar-se de um equívoco, possivelmente devido ao tempo decorrido desde a intervenção. Aparentemente, o atributo não apresentava danos significativos, o que poderá indicar que o mesmo foi substituído numa outra intervenção, posterior à de 1994.

<sup>585</sup> Ficha de inventário n.º 12 (Apêndice V).

<sup>586</sup> Informações obtidas por escrito em resposta ao questionário enviado, do qual foram retiradas as citações que serão apresentadas ao longo do texto. Embora tenham sido solicitadas algumas fotografias da intervenção, estas não foram enviadas em tempo útil da escrita da presente tese. Não obstante, sabe-se que foi efetuado um registo fotográfico exaustivo de toda a intervenção, estando este depositado na igreja das Chagas em Lisboa.



**Figs. 332 e 333** – Fotografia geral e pormenor do simulacro do corpo do santo mártir Urbano na sua aparência original, antes do roubo do crânio e da intervenção de 1996. Foto pertença do Sr. Miguel Santos (fonte original: “Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra”, folha n.º 33, junho de 1982)

O simulacro sofreu vários atos de vandalismo e de furto durante o período em que a igreja esteve fechada ao culto<sup>587</sup>, *para roubar aquilo que julgavam ser ouro, prata e pedras preciosas*, quando na realidade eram *vidros coloridos facetados a imitar pedras preciosas*, como indicou. Foi, também, durante este período que lhe roubaram o crânio. Consta, ainda, que um dos vidros da urna permaneceu partido durante muitos anos expondo a peça às condições ambientais, pós e sujidades<sup>588</sup>, tendo sido, inclusive, mexida por pessoas estranhas que entravam na igreja, sem autorização, durante o período em que esteve encerrada. Com efeito, terá sido nessa época que a igreja abandonada serviu de pombal, tendo sido encontrada repleta de pombos e de excrementos quando foi reaberta, como se depreende da descrição do Sr. Miguel:

*A primeira vez que entrei na Igreja das Chagas, fiquei de tal forma impressionado com o que vi, que achava que todo aquele espaço jamais voltaria a ser uma igreja, ou pudesse ser alguma vez recuperada, em toda a minha vida até ao presente dia nunca vi imagem tão dantesca, ver o sagrado, imagens, pinturas, altares, tudo degradado, sujo e destruído, num cenário apocalíptico. Hoje dificilmente se acredita que a Igreja das Chagas esteve nessas condições.*

---

<sup>587</sup> À data da campanha de obras (1989), esta encontrava-se fechada ao público e em estado de abandono desde o início da década de oitenta.

<sup>588</sup> Atendendo ao facto de que a igreja funcionou como estaleiro de obras, a urna-relicário esteve também exposta *ao pó, poeiras de cimentos, de gessos e de entulhos*.

Quanto à técnica de montagem do simulacro, referiu tratar-se praticamente de um *esqueleto completo* (*pés, pernas, braços, pescoço e parte superior do tronco*), faltando apenas *as mãos* (falanges) e o *crânio que foi roubado, nos princípios dos anos 80, quando a Igreja esteve fechada*. Adiantou ainda que as mãos eram *feitas em gesso*<sup>589</sup> *com uma alma em arame de ferro* e vestidas com luvas em malha metálica. Uma estrutura metálica interna foi também observada, como se pode ler pela descrição:

*Quatro malhas de arames de prata, moldadas em duas pernas e dois braços. Uma armação de arame de ferro formando o tronco, arames de ferro enfiados no interior dos ossos dos braços e pernas de forma a articular o esqueleto, e um ferro vertical onde apoia toda a estrutura (tronco) que faz a vez da coluna vertebral.*

No tronco, entre as vestes e a estrutura metálica, existia, ainda, como indicou: uma *folha de papel artesanal (...)* *para dar a forma do tronco e fixar as costelas e o esterno*, provavelmente à semelhança da base cartonada encontrada no simulacro de são Fortunato (reveja-se, acima, subcapítulo 6.3.4. (parte III)). Mais adiante, especificou, também, que *uma espécie de cartão artesanal muito semelhante ao papel* servia de alma das sandálias (o mesmo foi observado nas sandálias do simulacro de santo Aurélio (J. Palmeirão, 2015)). Um facto curioso foi a descoberta, no interior do tronco, de um *pacote de papel/cartão fechado que reunia vários ossos que não se incluíram na montagem*.

A intervenção de conservação e restauro decorreu com a peça fora do altar, uma vez que também este foi intervencionado. De acordo com a descrição do Sr. Miguel Santos, o simulacro do santo Urbano foi submetido a uma intervenção *profunda de grau elevado*, na qual se incluíram, de um modo geral: *consolidações, colagens, substituição de alguns materiais, conservação dos ossos e dos têxteis/paramentos* (tabela 21). Foram, também, introduzidos novos materiais para substituir os originais, degradados ou desaparecidos, como tecidos (tule, veludo, cetim), pedras/vidros coloridos, elementos metálicos (fio metálico de prata, arame de ferro), madeira, gesso, etc. O crânio, por sua vez, foi reconstruído em gesso pelo próprio, e os dentes foram sugeridos pela adição de uma dentadura, na tentativa de substituir a cabeça roubada do santo.

---

<sup>589</sup> Esta informação é de particular interesse para o estudo da técnica de montagem dos simulacros montados na primeira posição (atente-se subcapítulo 4.3. (parte I)).

**Tabela 21** – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro), do simulacro do corpo do santo mártir Urbano (Lisboa). © Sr. Miguel Santos e Joana Palmeirão

Estado de conservação	Intervenção / Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muito mau estado de conservação</li> <li>- Muita sujidade, inclusive, poeiras sedimentadas dos dejetos de pombos, dos gessos e dos cimentos das obras</li> <li>- Ausência de crânio (roubo)</li> <li>- Ossos fraturados e dispersos, perda de material, aspeto pulverulento, etc.</li> <li>- Grau de oxidação elevada e desagregação dos elementos metálicos (estruturas metálicas ferrosas), com migração para os ossos, tecidos e restantes materiais em contacto direto</li> <li>- Grau de oxidação elevada dos arames de prata com enegrecimento superficial</li> <li>- Rasgões, descolorações, infestação (insetos xilófagos), infeção (bolores) e <i>apodrecimento</i> (fragilidade e perda de coesão das fibras) dos tecidos<sup>590</sup></li> <li>- Oxidação superficial e danos físicos nos fios metálicos (prata e ouro)<sup>591</sup></li> <li>- Infestação severa da madeira (padiola)</li> <li>- Acidificação do papel (escurecimento)</li> <li>- Cálice partido, mas em razoável estado de conservação</li> <li>- Coroa de flores em muito mau estado, com elementos amachucados, desfeitos, arames partidos, flores de papel manchadas, etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Intervenção de conservação e restauro profunda (consolidações, colagens, substituição/introdução de elementos novos, etc.)</li> <li>- Desinfestação das madeiras</li> <li>- Desinfecção pontual dos têxteis</li> <li>- Introdução de novos materiais: tule, veludo, cetim, pedras/vidros coloridos, fio metálico de prata, arame metálico, etc.</li> <li>- Reconstrução volumétrica de elementos (pétalas, crânio, etc.)</li> </ul>

Quando questionado sobre o planeamento da intervenção – sobre o facto de ter sido pioneira ou baseada numa outra anterior –, respondeu:

*A peça em si, é que determinou a intervenção, ou seja condicionou todos os procedimentos aplicados, não houve plano definido à partida ou programa estabelecido. Único critério, foi o de recuperar tudo o melhor possível (...) com o cuidado pela preservação total de tudo o que é osso/ relíquia (mesmo fragmentos minúsculos e pulverulentos) e o respeito permanente pelos restos mortais. Com a condição que o resultado final fosse digno para retomar ao seu lugar dentro da igreja e estar ao culto. (...) No fundo o critério mais forte foi o da preservação da relíquia em si, ou seja a prioridade foi a preservação do material osteológico, depois os paramentos e depois tudo o resto, mas a conservação dos ossos foi o critério primeiro, e actuar de forma preventiva para o futuro. Porque não sei quando a peça será outra vez interencionada.*

<sup>590</sup> Segundo descrição do Sr. Santos, os tecidos estavam em muito mau estado de conservação, com a presença de rasgões, descoloração, migração de ferrugem, xilófagos e insectos vários, voadores e rastejantes, os veludos desfeitos, apodrecidos, as sedas das rendas desfeitas pelos insectos.

<sup>591</sup> Neste material específico foi mais o choque mecânico, pela violência do manuseio, torção, dobras, fios desfiados, arrancados ou partidos.



Figs. 334 e 335 – Fotografias do simulacro do santo mártir Urbano depois da intervenção (2019). © Joana Palmeirão

#### 7.4.4. Santos mártires Clemente e Severino (Porto)<sup>592</sup>



Figs. 336 e 337 – Da esquerda para a direita: fotografias gerais dos simulacros dos corpos dos santos mártires Clemente e Severino (2019). © Joana Palmeirão

As intervenções nos simulacros dos corpos dos santos mártires Clemente e Severino foram obtidas através de relato oral pelo sacristão da igreja<sup>593</sup>. A intervenção decorreu há cerca de treze ou quatorze anos, na mesma altura em que os exemplares foram descobertos.

<sup>592</sup> Fichas de inventário n.º 18 e 20 (Apêndice V). Reveja-se, também, subcapítulo 5.2.2. (parte II), em particular **Santos mártires Severino (Silvério), Eugénio (1742), e Clemente (1782/3)**.

<sup>593</sup> Os intervenientes não foram identificados.

Embora a informação disponibilizada tenha sido muito concisa, sabe-se que os têxteis do simulacro do santo mártir Clemente estavam muito danificados. No que respeita à intervenção realizada, segundo relato do sacristão, o rosto foi limpo com *algodão ligeiramente humedecido em vinho do Porto* pois *limpa as impurezas todas* e que, desde então, *o rosto ficou brilhante*. Perante a descrição, pode-se assumir que a intervenção não foi realizada por profissionais especializados em conservação e restauro. Uma nota muito particular a este simulacro é a de ser completamente impercetível qual o material que foi aplicado para revestir o crânio.

Quanto ao simulacro do santo mártir Severino, apesar de, como suprarreferido, a informação disponibilizada pelo sacristão ter sido muito sumária, o simples facto de o seu companheiro (santo Eugénio)<sup>594</sup> não ter sido intervencionado permitiu, através da comparação de ambos, perceber alguns dos procedimentos realizados. Assim, a partir da comparação visual, *in situ*, dos dois simulacros (figs. 338–343), destacam-se os seguintes procedimentos:

- a aplicação de uma massa, de aspeto ceroso, no lado direito do rosto (possivelmente para colmatar alguma laceração no tecido);
- a substituição das gazes dos antebraços e pernas por tecidos opacos de tom creme, com motivos vegetalistas bordados (e a aplicação do mesmo tecido na padiola e na almofada);
- a aplicação de novos galões tecidos e franjados nos pés (a imitar as tiras das sandálias) e nos calções (remate inferior), respetivamente;
- a fixação da folha de palma à mão esquerda com uma tira de película plástica, tipo Melinex®;
- a fixação do manto à parede posterior do altar com pionés;
- e o reposicionamento da espada.

Além disso, destaca-se a ausência do vaso de sangue, visível no simulacro não intervencionado, junto ao peito (compare-se figs. 338 e 339).

---

<sup>594</sup> Segundo relato, houve receio em mexer no simulacro de santo Eugénio devido ao mau estado em que se encontrava, e que se mantém nos dias atuais.



**Figs. 338, 339, 340, 341, 342 e 343** – Fotografias de pormenor dos simulacros dos santos mártires Eugénio (coluna da esquerda) e Severino (coluna da direita), depois da intervenção do último (2019). © Joana Palmeirão

#### 7.4.5. Santo mártir Clemente (Bujões)<sup>595</sup>



**Figs. 344 e 345** – Da esquerda para a direita: fotografias do simulacro do corpo do santo mártir Clemente dentro da urna-relicário e no local da intervenção, antes da intervenção (ca. 2010-12). Fotos gentilmente cedidas pelo Sr. Manuel Velhas (Casa Clemente, Braga)

Como referido acima, o simulacro do corpo do santo mártir Clemente, pertença da aldeia de Bujões em Vila Real, foi mandado restaurar pelos bujoenses, que lhe têm muita estima e veneração.

A intervenção decorreu na antiga localização da Casa Clemente em Braga<sup>596</sup>. Apesar de não ter sido possível obter uma descrição pormenorizada da intervenção<sup>597</sup>, o Sr. Manuel Velhas insistiu ter-se tratado de uma intervenção essencialmente de *conservação* (tabela 22). Quanto aos procedimentos realizados, referiu que o simulacro foi sujeito a uma limpeza mecânica cuidadosa, seguindo-se a desinfestação por aspersão e a desinfeção do simulacro com *misturas com álcool*, uma vez que, segundo ele, as vestes *muito antigas* estavam com aspeto *apodrecido*. Embora não tenham sido retirados materiais originais (*deixámos ficar tudo o que pertencia ao corpo*, referiu), foram colmatadas algumas lacunas nos tecidos do rosto e das vestes com massas pigmentadas, tintas e pontos de costura. Atendendo à fragilidade da estrutura metálica interna foi, também, necessário proceder à fixação de

---

<sup>595</sup> Ficha de inventário n.º 49 (Apêndice V).

<sup>596</sup> Fundada em 1852, a Casa Clemente é uma das mais antigas casas de artigos religiosos de Braga, localizada atualmente na rua de São João, n.º 12, no centro da cidade (junto à sé de Braga). As informações sobre a intervenção foram obtidas através do contacto, por via telefónica e presencialmente (na modalidade de entrevista), com o Sr. Manuel Velhas, atual proprietário (d. 1996). Segundo o mesmo, a intervenção decorreu *com muito cuidado* e fora de horário de expediente.

<sup>597</sup> Isto deve-se ao facto de não ter sido o Sr. Velhas a intervencionar o simulacro já que, segundo referiu, assistiu esporadicamente à intervenção.

algumas vertebrae (pelo reverso), mediante a introdução de novos elementos, embora, segundo indicou, sem recorrer a *arames atuais*. Devido ao estado avançado de degradação do tecido de cetim da padiola, o tecido original foi substituído<sup>598</sup>. Em contrapartida, para não *alterar a autenticidade da peça*, como referiu, os tecidos das vestes foram mantidos. Por fim, foi aplicado, pontualmente, um verniz em spray como revestimento final.

De acordo com o Sr. Manuel Velhas, devido à infestação intensa da madeira da urna-relicário, esta foi substituída por uma nova em carvalho/castanho, *com aspeto velho e simples*, referindo que *procurou-se dignificar* o santo. Quanto ao cálice, este foi limpo sem, no entanto, mexerem no interior<sup>599</sup>.

**Tabela 22** – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro) do simulacro do santo mártir Clemente (Bujões). © Sr. Manuel Velhas e Joana Palmeirão

Estado de conservação	Intervenção / Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Muita sujidade (pós, excrementos, insetos mortos, etc.)</li> <li>- Infestação das madeiras</li> <li>- Infestação e infeção dos tecidos</li> <li>- Vestes <i>apodrecidas</i> (fragilidade e perda de coesão das fibras)</li> <li>- Lacerações nos tecidos</li> <li>- Dedos partidos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Limpeza mecânica do conjunto com pincéis</li> <li>- Desinfestação por aspersão (<i>spray</i>)</li> <li>- Desinfecção com <i>misturas com álcool</i></li> <li>- Aplicação de uma <i>massa com terracota pigmentada</i> no rosto</li> <li>- Aplicação de um reforço entre o crânio e a <i>pele</i> (tecido)</li> <li>- Retoque, pontual, com tinta</li> <li>- Aplicação de novos elementos metálicos nas vertebrae</li> <li>- Aplicação de betume nos orifícios</li> <li>- Pespontos com fio dourado (costura)</li> <li>- Substituição do tecido da padiola</li> <li>- Aplicação de revestimento final (verniz em <i>spray</i>)</li> </ul>
<b>Observações</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Intervenção ao nível, essencialmente, da <i>conservação</i></li> <li>- A intervenção decorreu na oficina (Casa Clemente), com luvas e máscara</li> <li>- <i>Caixote</i> antigo (urna), substituído por novo em carvalho/castanho</li> </ul>

<sup>598</sup> Sobre este ponto ficou por esclarecer qual o procedimento adotado para a substituição do tecido, ou seja, o simulacro foi separado da padiola? Foi o tecido colocado por baixo do simulacro até onde foi possível? De facto, quando observadas as fotografias atuais, tudo indica que os tecidos da padiola e das almofadas foram totalmente substituídos. Tendo por base o estudo e a intervenção realizados no simulacro de são Fortunato (recorde-se das semelhanças entre ambos os exemplares), para esse procedimento teria sido necessário separar o simulacro da padiola.

<sup>599</sup> Foi questionado ao Sr. Velhas o que tinha o cálice, ao que respondeu que *uma espécie de vidrinhos* (algo semelhante foi identificado no cálice do simulacro de são Fortunato, Guimarães). Segundo relato do Sr. Velhas, a população tinha-lhe dito que no cálice estariam as relíquias do santo.

Quanto ao processo de montagem do simulacro, foram identificados alguns ossos no interior, em particular o crânio, as vertebrae e algumas falanges, fixos com arames pequenos. O material utilizado no rosto foi identificado apenas como algo *parecido com pele*. Tendo por base o estudo realizado no simulacro de são Fortunato (subcapítulo 6.3.4. (parte III)), sabe-se agora tratar-se da sobreposição de tecidos de seda.



**Figs. 346, 347, 348 e 349** – Da esquerda para a direita: fotografias gerais e de pormenor do simulacro do santo mártir Clemente antes da intervenção (ca. 2010-12) e depois da intervenção (2018). Fotos gentilmente cedidas pelo Sr. Manuel Velhas (coluna esquerda) e © Joana Palmeirão (coluna direita)

#### 7.4.6. Santo mártir Justino (Barcelos)<sup>600</sup>



**Figs. 350 e 351** – Fotografias gerais do simulacro do corpo do santo mártir Justino (2021). © Joana Palmeirão

A intervenção no simulacro do corpo do santo mártir Justino decorreu há cerca de 4 anos devido à acumulação de serrim nos tecidos, resultante da infestação do retábulo onde estava (e está) exposto. Segundo relatos dos caseiros<sup>601</sup>, o corpo foi cuidadosamente aspirado e o tecido – posicionado sobre o simulacro (figs. 350 e 351) – cosido, na tentativa de colmatar algumas lacerações. Tendo em conta o estado de conservação atual do simulacro (acumulação de pós e outras sujidades; fissuras, destacamentos e lacunas nos membros superiores e inferiores<sup>602</sup>; quebra dos fios e despreendimento das feiras de contas, entre outras patologias (figs. 352–355)), confirma-se, de facto, ter-se tratado de uma intervenção minimalista e ponderada, baseada essencialmente numa limpeza mecânica (muito superficial) do conjunto e na consolidação pontual do tecido do *véu* (nome atribuído pela caseira), afixado, posteriormente, às paredes laterais e posterior da urna, com pionés (fig. 355).

---

<sup>600</sup> Ficha de inventário n.º 43 (Apêndice V).

<sup>601</sup> As informações foram partilhadas, via oral, pelos próprios caseiros, durante a visita à capela.

<sup>602</sup> À vista desarmada parece consistir numa estrutura de gesso policromado.



**Figs. 352, 353, 354 e 355** – Fotografias de pormenor do simulacro do corpo do santo mártir Justino (Barcelos), após a intervenção (2021). © Joana Palmeirão

#### 7.4.7. Santo mártir Fortunato (Guimarães)<sup>603</sup>

Atendendo ao estado de conservação do simulacro do corpo do santo mártir Fortunato (tabela 23), a intervenção procurou, com base nos princípios éticos da conservação e restauro, alcançar a estabilidade e a longevidade do original, em concordância com a intervenção realizada na *imagem-relicário* de santo Aurélio (J. Palmeirão, 2015). Neste sentido, optou-se por uma intervenção de conservação curativa, baseada na limpeza mecânica do conjunto (simulacro, atributos e padiola) e limpeza química pontual; consolidação e colmatação de lacunas dos tecidos (em particular dos tecidos do rosto, antebraços, mãos e do manto); remoção de ferrugem e tratamento dos metais;

---

<sup>603</sup> Sobre as particularidades técnico-materiais do exemplar reveja-se, *supra*, subcapítulo 6.3.4. (parte III). Confronte-se, também, ficha de inventário n.º 42 (Apêndice V).

colagem de decorações metálicas soltas ou em destacamento, entre outros procedimentos (tabela 23). Antes da intervenção propriamente dita, o simulacro e respetiva urna-relicário foram submetidos a um tratamento não tóxico em bolha de anoxia, tal como tinha sido também realizado em 2013 (J. Palmeirão, 2015). Para todos os procedimentos, recorreu-se a produtos de qualidade e compatíveis com os materiais originais da peça, com vista à salvaguarda da sua autenticidade<sup>604</sup> e integridade física, funcional e cultural.

Durante a intervenção, concluiu-se que o simulacro já tinha sido intervencionado no passado<sup>605</sup>, em especial no rosto, antebraços e mãos, pela identificação de tecidos distintos do original, ao nível da trama e cor. Verificou-se, igualmente, que o foco de luz e a cortina, ambos localizados no interior da urna, tiveram um impacto negativo na conservação da peça (figs. 356 e 361).



**Figs. 356, 357, 358, 359, 360 e 361** – Fotografias de pormenor do estado de conservação do simulacro do santo mártir Fortunato antes (coluna de cima) e durante a intervenção (coluna de baixo) (2020). © Joana Palmeirão

---

<sup>604</sup> Foi igualmente solicitado ao conservador-restaurador responsável pela intervenção da urna-relicário a salvaguarda do lacre identificado nas tábuas traseiras, apesar de este se apresentar muito gasto e impercetível.

<sup>605</sup> Confirmado, mais tarde, na documentação consultada (veja-se **Santo mártir Fortunato (1787)**, no subcapítulo 5.2.3. (parte II)).

**Tabela 23** – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro) do simulacro do santo mártir Fortunato (Guimarães). © Joana Palmeirão

Estado de conservação	Intervenção / Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acumulação de sujidades soltas e compactadas (pós e poeiras, insetos mortos, excrementos, serrim, resíduos de cera, etc.)</li> <li>- Infestação das madeiras, com maior intensidade nas estacas (tardoz)</li> <li>- Infestação (orifícios e exúvias) e infeção (bolores) dos tecidos</li> <li>- Escurecimento, lacerações, lacunas e resíduos de cera nos tecidos do rosto, antebraços e mãos</li> <li>- Descoloração acentuada e perda de coesão dos tecidos</li> <li>- Diferentes patologias nas lâminas e fios metálicos: enegrecimento das pratas (oxidação), concreções esverdeadas (corrosão), deformações, desgaste das superfícies metálicas, perda estrutural, etc.</li> <li>- Oxidação e corrosão dos metais (estruturas metálicas internas e externas, alfinetes e outros elementos)</li> <li>- Fendas e fissuras nas madeiras (padiola, cálice, espada e palma)</li> <li>- Lacunas ao nível do douramento e das camadas pictóricas (cálice, espada e palma)</li> <li>- Manchas alaranjadas no suporte cartonado pelo contacto direto com as estruturas ferrosas internas (migração)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Limpeza mecânica de todo o conjunto com aspirador de sucção baixa e controlada, trinchas de cerdas macias e esponjas</li> <li>- Limpeza química, por via húmida, de alguns elementos (cálice, palma, contas, pérolas falsas, etc.)</li> <li>- Remoção de ferrugem dos elementos metálicos e tratamento anti corrosão</li> <li>- Correção das deformações estruturais e nivelamento dos tecidos, em particular do rosto (pescoço)</li> <li>- Consolidação pontual dos tecidos (lacerações e lacunas), com pontos de costura e adesivo</li> <li>- Fixação dos elementos soltos (tecidos, galões, rendas) com pontos de costura e adesivo</li> <li>- Fixação dos elementos decorativos (contas, pérolas falsas) com adesivo e fio de costura</li> <li>- Consolidação e reconstrução do suporte lenhoso</li> <li>- Substituição de elementos disfuncionais (estacas de madeira no tardoz)</li> <li>- Tratamento das superfícies em talha e madeira policromada (fixação, consolidação, preenchimento e nivelamento de lacunas, e reintegração)</li> <li>- Aplicação pontual de revestimento protetor</li> </ul>
<p><b>Observações</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desinfestação/desinfeção do simulacro e urna-relicário por tratamento não tóxico em bolha de anoxia (Empresa EXPM – Desinfestação e Higienização, Lda.)</li> <li>- Identificação de intervenções anteriores</li> </ul>



**Figs. 362 e 363** – Fotografias gerais do simulacro do santo mártir Fortunato, antes e depois da intervenção (2020). © Joana Palmeirão

Com o intuito de salvaguardar a intervenção realizada e prolongar a vida útil da peça, foi sugerida a substituição do sistema de iluminação, já que a incidência da luz tinha contribuído para a descoloração acentuada dos tecidos. Uma vez que havia intenção de adicionar uma cortina nova, foi aconselhada a sua colocação no exterior da urna. Este simples procedimento não só irá permitir, sem quaisquer danos físicos para a peça, ocultar o simulacro quando as celebrações assim o exigirem, como funcionará de barreira protetora contra as radiações visível e UV.

#### 7.4.8. Vários santos mártires (Ourém)

Segundo documento *online* da Fundação Histórico-Cultural Oureana, a 31 de outubro de 2020 doze lotes de relíquias chegaram à Fundação<sup>606</sup> ao abrigo de um protocolo celebrado com a DGPC<sup>607</sup>, com o objetivo de serem estudadas, restauradas e divulgadas (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a, 2020b). De entre as várias relíquias que chegaram à Fundação Oureana encontravam-se seis corpos de santos mártires romanos (cinco identificados) e uma urna vazia com o nome de santa Vitória, exemplar desaparecido ou destruído<sup>608</sup>. Foram identificados santa Sabina<sup>609</sup>, são Clemente, são Próspero, santa Justina e santa Irene, havendo um por identificar<sup>610</sup>. Sobre estes corpos, pode ler-

---

<sup>606</sup> Estas relíquias foram arroladas pelo Estado durante a Implantação da República e estavam armazenadas no seu depósito há mais de 100 anos, *sem haver interesse durante esse tempo em os [lotes] estudar, recuperar ou exhibir*, como se lê no documento (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

<sup>607</sup> O protocolo foi assinado pelo diretor do palácio Nacional da Ajuda, Dr. José Alberto Ribeiro e pelo presidente da Fundação Oureana, doutor Carlos Evaristo (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020b, 2020a).

<sup>608</sup> Sobre o paradeiro deste simulacro, o doutor Carlos Evaristo sugere que *o mais provável é ter sido colocado numa urna para ossadas e guardado ou enterrado nalgum cemitério no tempo da primeira república como já verificámos ter acontecido em alguns casos* (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

<sup>609</sup> O simulacro de santa Sabina (muito semelhante ao são Teodoro da SCMA (ficha de inventário n.º 36)), chegou dentro de uma urna-relicário com uma pequena cartela no interior, onde se pode ler a seguinte inscrição: *Sacrum Corpus S.SABINÆ M. / hoc proprio nomine reperit [reperitur?] in Coemeterio / Callepodii An. 1756 cum sequenti Epigraphe / In Pace Dei Sabina Zezzes*. Esta pode traduzir-se como: *Sagrado Corpo da M[ártir] S[anta] SABINA / descoberto, com este nome próprio, no Cemitério / de Calepódio, no ano de 1756, com a seguinte Epígrafe / Sabina Zezzes, na Paz de Deus*. Portanto, o sagrado corpo de nome próprio (Sabina Zezzes), foi exumado no ano de 1756 do cemitério de Calepódio. À falta de documentação que confirme a data exata da vinda do simulacro para Portugal, supõe-se que o mesmo tenha chegado pouco tempo depois, quiçá no mesmo ano ou seguinte ao da exumação.

<sup>610</sup> Informação disponibilizada pelo doutor Carlos Evaristo, a quem se reitera o agradecimento pela partilha de informação e permissão para publicação na presente tese.

se que consistem em *esqueletos armados, articulados e vestidos, naquilo a que comumente se designa de 'simulacra'* (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a). O simulacro mais bem conservado é o do corpo do santo mártir Clemente, apresentando-se os restantes *num estado muito avançado de degradação* (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

O trabalho de conservação teve início com o acondicionamento adequado das peças e o seu transporte desde o depósito do palácio Nacional da Ajuda em Lisboa até à *Regalis Lipsanoteca* no castelo de Ourém. Para um melhor entendimento da envergadura deste procedimento, Evaristo explicou que foi necessário um total de oito operários para acondicionamento e transporte dos lotes, tendo sido tudo *cuidadosamente preparado com antecedência de meses* (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a). Após a chegada à *Lipsanoteca* e verificada a possibilidade de existência de danos durante o transporte: *procedeu-se a duas intervenções de desinfeção e de tratamento das madeiras com térmitas, antes da remoção das relíquias para o restauro das urnas, arca, colunas e outros relicários de suporte* (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a). Carlos Evaristo referiu, inclusive, terem sido detetados *indícios de restauros malfeitos (...)* numa época quando as Igrejas tinham poucos recursos para disponibilizar para restauros mais profissionais, nomeadamente: a forragem das urnas com papel de parede ou tecidos de seda; a presença de repintes pretos sobre o fundo original azul; repintes nas cartelas com modificação dos nomes, segundo o acordo ortográfico da época (ex.: “Vittoria” para “Victoria”), entre outros (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

A intervenção de conservação e restauro (tabela 24) esteve a cargo de uma *equipa especializada da 'Regalis Lipsanoteca', que já colaborou com os Museus do Vaticano, diversos Santuários Católicos, Postuladores e outras 'Lipsanotecas' Diocesanas*<sup>611</sup>.

A introdução de novos elementos, como tecidos, coroas de flores, máscaras de cera, perucas, fitas, etc., terá, no entanto, levado a uma descaracterização do conjunto, uma vez que se nota, em termos visuais, uma diferença acentuada resultante da inevitável combinação de materiais antigos – oxidados e envelhecidos pelo tempo –, com materiais novos que se caracterizam, de um modo geral,

---

<sup>611</sup> As intervenções terão decorrido entre o final de 2020 e durante o ano de 2021.

pelas cores vívidas dos tecidos e das flores, pelas feições contemporâneas das máscaras e pela aparência nova das urnas<sup>612</sup>.

**Tabela 24** – Estado de conservação e etapas de intervenção (de conservação e restauro) dos simulacros pertencentes à *Regalis Lipsanobeca* (Ourém). © Joana Palmeirão (fonte: Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a)

Estado de conservação	Intervenção / Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acumulação de sujidades soltas e compactadas (pós e poeiras, insetos mortos, excrementos, serrim, resíduos de cera, etc.)</li> <li>- Identificação de restauros <i>malfeitos</i></li> <li>- Descoloração dos tecidos</li> <li>- Desgaste, oxidação e escurecimento dos metais</li> <li>- Infestação e infeção das peças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tratamentos de desinfestação e desinfecção</li> <li>- Limpeza mecânica</li> <li>- Substituição das vestes danificadas por tecidos novos e semelhantes aos originais</li> <li>- Desinfecção, conservação, colagem e reforço dos ossos <i>com produtos que existem hoje no mercado para o efeito</i></li> <li>- Remontagem dos ossos com estruturas metálicas novas, pela perda funcional das estruturas originais</li> <li>- Reconstrução volumétrica, parcial ou total, das cabeças decepadas (máscaras e crânios) e dos membros superiores e inferiores, com sugestão do martírio sofrido (ex.: corte no pescoço), <i>utilizando técnicas e materiais da época</i> (cera, pasta de papel, etc.)</li> <li>- Reconstrução volumétrica parcial ou substituição de acessórios e atributos danificados ou inexistentes, como perucas, coroas de flores e vasos de sangue</li> <li>- Introdução de elementos decorativos como fitas, cordões, alfinetes de peito e flores</li> </ul>
<b>Observações</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acondicionamento e transporte das peças</li> <li>- Reaproveitamento dos fragmentos de ossos (colocados nas mãos)</li> <li>- Nova disposição e distribuição dos ossos</li> <li>- Restauro das urnas-relicário, mantendo a estrutura original</li> </ul>

### 7.5. Intervenções (de conservação e restauro) em *simulacra*, fora de Portugal

As teses de Anna Caroline Pfeiffer, Natalie Prader e Ana Lucía Montes Marrero são apenas alguns exemplos de registo de intervenções de conservação e restauro na Europa Central (Alta Suábia e Suíça) e na América do Norte (México), respetivamente (Montes Marrero, 2017; Pfeiffer, 2005; Prader, 2012). Independentemente da localização geográfica e modo expositivo dos exemplares

<sup>612</sup> As intervenções passariam, segundo Evaristo, por *devolver aos relicários o seu aspeto original, conservando, sempre que seja possível, os materiais originais, e quando isso não é possível, subsisti-los [sic] por materiais da época, guardando em arquivo, o que foi removido para estudos posteriores* (Fundação Histórico-Cultural Oureana, 2020a).

(alguns em contexto religioso, outros em contexto museológico<sup>613</sup>), as autoras defendem o mesmo: a importância de uma abordagem interdisciplinar e de um conhecimento profundo das peças antes de avançar com metodologias específicas de conservação e restauro, a favor da sua preservação e salvaguarda para o presente e futuro. Uma vez mais, a complexidade técnico-material destas peças foi realçada, assim como alguma negligência em intervenções anteriores<sup>614</sup>, daí a importância da interdisciplinaridade e de um conhecimento pormenorizado e científico dos materiais e técnica de produção das peças, *para compreender os processos de degradação, fazer um diagnóstico, proposta de intervenção e, posteriormente, tomar decisões acertadas em matéria de conservação e restauro*<sup>615</sup>.

Também no México, conhece-se o trabalho exemplar de Gabriela Sánchez Reyes e Laura Milán Barros sobre o estudo e conservação do *corpo-relicário* de *san Hermión*<sup>616</sup> (Milán Barros, 2019; Sánchez Reyes & Milan, 2018). Muito embora o *corpo-relicário* tenha sido alvo apenas de uma limpeza superficial, Laura Milán Barros apresentou, na sua comunicação de 2019<sup>617</sup>, um *protocolo de abordagem* (*protocolo de acercamiento*), no qual se incluem as etapas antes da intervenção da peça. Pela sua elevada

---

<sup>613</sup> Segundo Natalie Prader, a sala de exposição do Museu de Arte e História de Friburgo (*Musée d'art et d'histoire Fribourg*) foi organizada de forma a reproduzir uma exposição sagrada. Ou seja, foi instalada uma janela da igreja no espaço expositivo e este foi consagrado por um bispo (*Eigens wurde ein Kirchenfenster eingebaut. Ebenfalls wurde der Raum von einem Bischof geweiht* (2012, p. 25)). Neste sentido, Prader reforça a importância de discussões éticas não apenas sobre a conservação e restauro, mas também sobre o armazenamento e exposição destas peças em espaço profano e museológico.

<sup>614</sup> Segundo Prader, a consolidação dos ossos é frequentemente negligenciada, em detrimento dos têxteis. A autora escreveu, inclusive, que *atualmente quase não existem recomendações de conservação e restauro, especialmente no que diz respeito aos ossos sagrados dos relicários* (tradução livre do original: *Gegenwärtig finden sich kaum konservatorische und restauratorische Empfehlungen, vor allem in Hinblick auf die heiligen Knochen der Reliquiare* (2012, p. 7). No sentido de colmatar esta carência, a autora providenciou alguns procedimentos de conservação e restauro e manutenção do material osteológicos (veja-se, em particular, pp. 49–63).

<sup>615</sup> Tradução livre do original: (...) *para comprender los procesos de degradación, hacer un diagnóstico, propuesta de intervención y posteriormente, una toma de decisiones certera en cuanto a conservación y restauración* (Montes Marrero, 2017, p. 3). À semelhança das duas primeiras teses, Ana Lucía Montes Marrero definiu algumas recomendações gerais de conservação (preventiva) e restauro para relicários em ceroplástica, com destaque para o *corpo-relicário de san Plácido* (veja-se, em particular, pp. 104, 123–136).

<sup>616</sup> Reveja-se, no subcapítulo 6.3.4. (parte III), as informações sobre o estudo analítico e algumas fotografias de *san Hermión*.

<sup>617</sup> Sobre esta atente-se nota n.º 492.

pertinência para o estudo em questão, considera-se relevante fazer uma referência sumária a essas etapas, uma vez que poderão ser de aplicação geral em casos similares.

Antes de mais, a autora reforçou a importância de um conservador-restaurador de bens móveis, uma vez que o mesmo terá conhecimentos suficientes para registar e entender as particularidades da peça, desde materiais, técnicas, composições, patologias e eventuais necessidades para a sua salvaguarda. Além do conservador-restaurador deve existir uma equipa de trabalho (interdisciplinar) de apoio durante toda a intervenção, desde a movimentação da peça, passando pelo estudo científico da mesma e, caso necessário, para a tomada de decisão de determinadas intervenções, atendendo à sua complexidade. Um adequado equipamento de segurança e proteção foi igualmente enfatizado pela autora, como luvas, bata ou roupa de proteção, máscara de proteção de pó e, se possível, também, de microrganismos.

Segundo Milán Barros, o *protocolo de acercamiento* passou por dez etapas (tabela 25):

1. Registo gráfico e fotográfico;
2. Limpeza superficial da urna;
3. Recolha de amostras;
4. Extração do *cuervo-relicário*;
5. Nova recolha de amostras;
6. Estudos complementares;
7. Intervenção de conservação e restauro;
8. Aplicação de novo lacre;
9. Relatório final;
10. Inscrição da peça no INAH.

À semelhança do que foi realçado por outras autoras, Milán Barros reforçou a complexidade desta tipologia de *relicarios* e, por conseguinte, a importância de um estudo integral e completo do conjunto

(materiais e técnicas de manufatura)<sup>618</sup>, afirmando ser este decisivo no momento de decidir as metodologias de intervenção. A autora referiu, também, a importância da criação de uma ficha de documentação da peça, onde se incluem os materiais e as técnicas de manufatura recolhidos durante a inspeção visual e segundo os resultados analíticos, defendendo que esta base de dados poderá servir de comparação para exemplares similares que possam vir a ser intervencionados no futuro e de partilha interdisciplinar entre equipas de diferentes épocas. Milán Barros reforçou ainda que *muitas intervenções são feitas sem critérios e seguindo receitas e por isso cada caso é único e deve ser feito como um projeto específico para ele*<sup>619</sup>.

Das diferentes etapas apresentadas pela autora (tabela 25), considera-se particularmente interessante o procedimento de aplicação de novo lacre na urna<sup>620</sup>. Uma outra etapa que se reforça é a redação de um relatório final. Os relatórios das intervenções são documentos de elevado valor – embora muitas vezes subvalorizados –, principalmente para intervenções futuras, uma vez que tanto indicam que as urnas já foram abertas e os simulacros intervencionados, como especificam que materiais foram aplicados, onde e com que intuito, facilitando, em grande medida, o trabalho dos intervenientes seguintes.

---

<sup>618</sup> Por razões óbvias, este estudo nem sempre é praticável, em particular quando se fala de intervenções solicitadas a particulares (recorde-se as intervenções realizadas em Portugal). Para estes casos reforça-se a importância de solicitar o apoio a profissionais de conservação e restauro, os quais têm conhecimento e experiência para identificar a maioria dos materiais que compõem estas peças, mediante uma inspeção atenta e direta ou através de equipamentos simples e de fácil aquisição (ex.: lupa de aumento, boroscópio, etc.).

<sup>619</sup> Tradução livre do original: (...) *desafortunadamente muchas intervenciones son hechas sin criterio y siguiendo recetas por eso cada caso es un caso único y hay que hacer como un proyecto específico para ello* (...) (Milán Barros, 2019).

<sup>620</sup> De facto, este elemento indica que a urna já foi aberta. Mais interessante seria a adoção de um selo com data da sua aplicação e que indicasse ou sugerisse que o simulacro foi intervencionado nessa altura, no caso de extravio dos documentos relativos à intervenção (registos de encomenda e de despesa e/ou relatório final). Para tal, seria necessário estabelecer um consenso entre os conservadores, as instituições detentoras das peças e o bispo da diocese, uma vez que, segundo as normas canónicas, deverá ser este último a aplicar o selo.

**Tabela 25** – Etapas definidas para o *corpo-relicário* de *san Hermión*, descritas por Laura Milán Barros (2019). © Laura Milán Barros e Joana Palmeirão

<b>Estratégias</b>	<b>Procedimentos</b>
<b>1. Registo gráfico e fotográfico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo exaustivo antes da abertura da urna</li> <li>- Identificação de restos de lacre (original ou posteriores)</li> <li>- Confirmar local ou locais de abertura, já que pode existir mais do que um</li> <li>- Confirmar se a abertura é viável e, caso nunca tenha sido aberta, antes de o fazer, há que ponderar nessa possibilidade, uma vez que irá afetar a integridade e autenticidade originais do conjunto</li> <li>- O registo fotográfico, sempre que possível, deve ser realizado por profissionais</li> </ul>
<b>2. Limpeza superficial da urna</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Limpeza da urna antes da abertura da mesma, para evitar a transposição do pó exterior para o interior da urna</li> <li>- Limpeza com ferramentas adequadas</li> <li>- Recolha de pó para análise posterior em laboratório</li> </ul>
<b>3. Recolha de amostras</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolha de amostras antes de retirar a peça da urna</li> <li>- Amostras recolhidas da parte posterior e de zonas de desgaste/lacunas, evitando a recolha na parte dianteira da peça</li> </ul>
<b>4. Extração do <i>corpo-relicário</i></b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Equipa de apoio para movimentar a peça</li> </ul>
<b>5. Nova recolha de amostras</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nova recolha de amostras antes da intervenção da peça, apenas se necessário (ex.: algum elemento inacessível pela parte traseira)</li> </ul>
<b>6. Estudos complementares</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de estudos complementares de estudo e registo da peça, como raios-X, fotogrametria, scanner 3D, etc.<sup>621</sup></li> </ul>
<b>7. Intervenção de conservação e restauro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolha do pó durante a limpeza com trinchas suaves e panos humedecidos (enviados para análise)<sup>622</sup></li> <li>- Materiais compatíveis com os originais</li> </ul>
<b>8. Aplicação de novo lacre</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Durante o processo de encerramento da urna foi aplicado novo lacre, para indicar que a urna tinha sido aberta</li> </ul>
<b>9. Relatório final</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos os procedimentos foram reunidos num relatório final, o qual foi entregue à entidade responsável</li> </ul>
<b>10. Inscrição da peça no INAH</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A peça foi inscrita no INAH, ficando à responsabilidade do instituto na eventualidade de algo lhe acontecer</li> <li>- Inserção da peça numa base de dados existente</li> </ul>

<sup>621</sup> Apresentados por Gabriela Sánchez Reyes em formato de comunicação oral no congresso internacional “Relíquias y arte entre Europa y América: historias compartidas a debatir” (Sánchez Reyes, 2021).

<sup>622</sup> Milán Barros afirmou ter encontrado pedaços de seda no pó, consequência da limpeza mecânica.

## 8. Estratégias de conservação e (re)valorização de *simulacra* em Portugal

*A Igreja não adotou nenhum estilo particular de arte como seu; admitiu estilos de todas as épocas de acordo com os talentos naturais e as circunstâncias dos povos, e as necessidades dos vários ritos. Assim, no decorrer dos séculos, criou um tesouro artístico que deve ser conservado com muito cuidado.*<sup>623</sup>

(Papa Paulo VI, 1963, art.º 123)

Crê-se que nos capítulos anteriores se tenha dado a entender o quanto os recetáculos devocionais do tipo *simulacra* são complexos, quer pela heterogeneidade e natureza (maioritariamente) orgânica e inorgânica dos materiais que os compõem, quer pela variedade de técnicas aplicadas na sua produção. Como se indicou, a maioria dos simulacros está localizada no interior de urnas-relicário, em vidro e madeira policromada e/ou talha dourada, depositadas, por sua vez, no banco dos retábulos laterais ou, em casos muito raros, colocadas diretamente sobre o pavimento. Outros exemplares estão ainda no interior dos altares-relicário, ocupando os espaços vazios dos altares das capelas laterais. Mas, independentemente do tipo de relicário (expositor) onde foram colocados para veneração, a grande maioria dos simulacros dos corpos dos santos mártires inventariados em Portugal encontra-se em edifícios históricos. Por esta razão, e tendo em conta a sua complexidade material e técnica, urge compreender de que forma é que o ambiente nesses espaços afeta a sua estabilidade e que recomendações ou estratégias podem ser aplicadas com vista à conservação e salvaguarda deste património religioso<sup>624</sup>. Embora as intervenções de conservação e restauro em

---

<sup>623</sup> Tradução livre do original: *The Church has not adopted any particular style of art as her very own; she has admitted styles from every period according to the natural talents and circumstances of peoples, and the needs of the various rites. Thus, in the course of the centuries, she has brought into being a treasury of art which must be very carefully preserved.*

<sup>624</sup> Na dissertação de mestrado foram igualmente identificadas, analisadas e avaliadas as fontes de risco, e estabelecidas medidas de mitigação dos agentes de degradação para a capela de São Vicente, onde seriam expostos os simulacros dos santos mártires Aurélio e Pacífico (J. Palmeirão, 2015).

*simulacra* comecem a ser mais frequentes, as estratégias para a sua conservação (preventiva), (re)valorização<sup>625</sup> e exposição são quase inexistentes.

### **8.1. Identificação, análise e mitigação de riscos em edifícios históricos**

Em primeiro lugar, importa perceber que as medidas de conservação (preventiva) adaptadas aos museus, arquivos e bibliotecas (Casanovas, 2013; L. F. R. Pereira, 2016) são, por norma, de difícil aplicação nos edifícios históricos, quer pela carência de recursos e meios técnicos, quer pela falta de acesso a informação por parte das pessoas responsáveis por esses espaços<sup>626</sup>, o que dificulta a implementação de uma metodologia de trabalho periódico que vise a prevenção da deterioração dos bens culturais (Enamorado Martínez, 2012). Portanto, os edifícios históricos de cariz religioso carecem, muitas vezes, de estratégias e medidas de manutenção e controlo, designadamente, de um planeamento de conservação preventiva adaptado às particularidades dos seus recintos e à singularidade e complexidade do seu património móvel (Cantos Martínez, 2012; C. R. Carvalho, 2014; Cassar, 1994; Herráez & Rodríguez Lorite, 1999). Para que uma metodologia dessa natureza seja corretamente implementada e adaptada aos edifícios religiosos é imprescindível o estudo e conhecimento abrangente e rigoroso das coleções e dos espaços que as abrigam (materialidade, estado de conservação, localização, clima envolvente, fatores de risco e ameaças ambientais, horários de visitas, cerimónias, missas, festividades, ...), bem como a identificação e avaliação dos recursos existentes e necessários, mediante uma abordagem sustentável (C. R. Carvalho, 2014; Herráez, 2012; Paté, 2007).

A conservação preventiva, como método indireto ou não interventivo, baseia-se na planificação de medidas sistemáticas de manutenção e controlo (ambientais), que evitem ou minimizem os riscos e

---

<sup>625</sup> Sobre este conceito falar-se-á mais adiante.

<sup>626</sup> Nos últimos anos tem havido um esforço para incentivar à mudança e à implementação de normas de conservação preventivas em recintos sagrados, mediante a sensibilização e formação de públicos variados. É o caso do extraordinário trabalho coordenado pelo Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja (SNBCI), recentemente publicado na forma de um “Manual de Boas Práticas de Conservação Preventiva de Bens Culturais da Igreja” (Romão & Saldanha, 2020).

os processos de degradação dos materiais. O propósito destas medidas é, portanto, o de aumentar a esperança de vida dos materiais que compõem os bens culturais<sup>627</sup>, retardando a necessidade de intervenções diretas de conservação curativa<sup>628</sup> e restauro<sup>629</sup>, as quais resultam em procedimentos dispendiosos e invasivos para as peças (C. Alarcão, 2007; Homem, 2013; Paté, 2007; Romão & Saldanha, 2020; Wirilander, 2012).

Através da identificação das fontes de risco associadas a esses espaços e da análise do seu impacto na preservação dos bens, em particular dos *simulacra*, será então possível, numa fase posterior, elaborar um conjunto de recomendações práticas adaptadas às suas necessidades e particularidades, e às do espaço envolvente, que visem a mitigação dos agentes de deterioração.

Tendo por base os nove agentes de deterioração que intervêm na degradação dos bens patrimoniais (Canadian Conservation Institute, 2017; Michalski, 1990; Waller, 1995) consideram-se, para as peças em análise e por ordem de importância, os seguintes: (1) as condições ambientais inadequadas (HR – humidade relativa e T – temperatura); (2) os poluentes (2.1. depósitos de sujidade e 2.2. poluição atmosférica); (3) a contaminação biológica (microrganismos, insetos e roedores); (4) a radiação (luz visível e radiação UV); (5) as forças físicas diretas (5.1. ação humana acidental e 5.2. ação humana negligente); (6) a criminalidade (vandalismo e roubo), e (7) o fogo<sup>630</sup> (tabela 26).

---

<sup>627</sup> Uma grande maioria dos bens culturais sob a tutela da Igreja Católica é constituída, no seu todo ou em parte, por materiais orgânicos sensíveis às condições atmosféricas (humidade relativa, temperatura, luz e poluentes) e, inevitavelmente, à biodeterioração.

<sup>628</sup> Entenda-se por conservação curativa: *todas as ações aplicadas de maneira directa sobre um bem ou conjunto de bens culturais, com o objectivo de deter processos danosos presentes ou reforçar a sua estrutura. Realizam-se, somente, quando os bens se encontram num estado de fragilidade adiantada ou estão a deteriorar-se a um ritmo elevado, com risco de perda a breve prazo. Estas ações podem modificar o aspecto dos bens* (Romão & Saldanha, 2020, p. 161).

<sup>629</sup> Entenda-se por restauro: *todas as ações aplicadas de maneira directa num bem, que tenham como objectivo estabilizar, reverter danos físicos e químicos de forma a facilitar a apreciação, compreensão e uso do objecto (...) e realizam-se, somente, quando o bem perdeu uma parte de seu significado ou função através de alterações passadas. (...) Na maioria dos casos, estas ações modificam o aspecto do bem* (Romão & Saldanha, 2020, p. 166).

<sup>630</sup> A água (*water*) foi o agente que se considerou menos relevante para os simulacros, por estar particularmente associado às cheias (catástrofes naturais) ou às infiltrações (ex.: entradas de água pelos telhados) e não terem sido encontradas situações de risco para a sua salvaguarda (Canadian Conservation Institute, 2017; Michalski, 1990; Waller, 1995).

Um outro agente, considerado mais recentemente, merece especial atenção – apesar de se relacionar, de forma indireta, com a degradação material (aspecto físico) das peças –, dado o estado de abandono a que muitos *simulacra* estão votados, mesmo em espaços sagrados (recorde-se do capítulo anterior). Trata-se do agente (8) dissociação. Segundo Robert Waller e Paisley S. Cato (2019), a dissociação *resulta na perda de objetos ou dados relacionados a objetos, ou a capacidade de recuperar ou associar objetos e dados*<sup>631</sup>, ou seja, na perda de dados/informações, objetos ou os valores dos objetos, incidindo maioritariamente nos seus aspetos legais, intelectuais e/ou culturais.

No “Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico”<sup>632</sup> pode ler-se, como fontes comuns para este agente: o *inventário inexistente ou incompleto*; a *identificação indevida ou insuficiente*; a *obsolescência de ‘hardware’ ou ‘software’ utilizados para armazenar e acessar dados e informações*; as *condições inadequadas de armazenamento*; a *aposentadoria ou afastamento de funcionários detentores de conhecimento exclusivo*, etc. Estas fontes causam, por exemplo, o *extravio de objetos*, a *perda de informação* e o *comprometimento do acesso intelectual do público ao acervo* (Pedersoli Jr., Antomarchi, & Michalski, 2017, p. 48). Embora a publicação editada pelo ICCROM e pelo CCI seja direcionada ao património museológico, alguns dos tópicos descritos são uma realidade para os *simulacra*, mesmo em contexto expositivo sacro. Assim, os maiores riscos por dissociação são: (1) o abandono das peças, (2) a perda das peças e/ou dos dados/informações que lhes são próprios e (3) a perda da (sua) documentação ou a incapacidade de a recuperar devido a uma arrumação incorreta, ou a impossibilidade de associar as peças aos dados/informações. Estes/as, por sua vez, dão valor aos objetos, por meio de contexto e significado (Pedersoli Jr. et al., 2017; Waller & Cato, 2019). Como explicam Robert Waller e Paisley Cato (2019):

---

<sup>631</sup> Tradução livre do original: (...) *results in loss of objects, or object-related data, or the ability to retrieve or associate objects and data* (Waller & Cato, 2019).

<sup>632</sup> Publicação em português adaptada do manual “The ABC method – A risk management approach to the preservation of cultural heritage” (“O método ABC – Uma abordagem de gestão de riscos para a preservação do património cultural”), da autoria de Stefan Michalsky e José Luiz Pedersoli Jr. (2016).

*Perda' é usada aqui para significar 'tornar-se incapaz de recuperar sob demanda aquilo que é desejado'. No caso de perda de dados, os objetos ou coleções perdem o contexto e os valores relacionados às informações. No caso de uso inapropriado, perdem-se valores espirituais, rituais e outros valores culturais*<sup>633</sup>.

Portanto, a dissociação pode ser atribuída a ações inapropriadas como: o acondicionamento indevido e/ou em locais fechados ao público, ou o encerramento dos altares impossibilitando a observação das peças<sup>634</sup>; a substituição das urnas originais e a eliminação das cartelas identificativas exteriores<sup>635</sup>; a remoção de algum atributo<sup>636</sup> e/ou das cartelas onde consta o nome do corpo santo, a catacumba e o ano da exumação; a perda ou extravio da documentação oficial (ex.: autênticas, cartas de envio, atas da mesa, etc.); os erros de transcrição do nome, proveniência ou data, quando estas informações são colocadas em folhetos informativos ou pagelas; a inexistência de uma ficha de inventário ou de informação detalhada sobre as peças (ou qualquer registo nos locais onde estão expostas ou localizadas)<sup>637</sup>; a inexistência de relatórios de intervenção ou de notas detalhadas das intervenções mais antigas nas fontes primárias (atas, registos de encomendas, registos de obras, etc.); o abandono das peças em capelas privadas ou outros espaços fechados e deixados à mercê de atos de vandalismo e roubo, etc. Além destas ações, a incompreensão do valor cultural e religioso

---

<sup>633</sup> Tradução livre do original: *'Loss' is used here to mean 'becoming unable to retrieve on demand that which is wanted.' In the case of data loss, objects or collections lose context and information-related values. In the case of inappropriate use, spiritual, ritual, and other cultural values are lost.*

<sup>634</sup> Recorde-se, a título de exemplo, dos simulacros existentes na igreja dos Congregados (Porto), redescobertos há pouco mais de uma década durante as obras da igreja (nota n.º 236).

<sup>635</sup> Recorde-se que nestas cartelas consta o nome (por norma, em latim) dos corpos santos.

<sup>636</sup> O simulacro do corpo da santa mártir Vitória na igreja de São Nicolau (Lisboa) é um exemplo desta situação (reveja-se, *supra*, subcapítulo 6.4.1). Se não fosse o registo fotográfico de 1975 pertencente ao inventário do Patriarcado de Lisboa (no qual se observam os atributos originais e as aberturas no corpo, devido à posição lateral), o simulacro atual poderia facilmente ser confundido com uma peça de imaginária, como tantas outras nos altares laterais das igrejas em Portugal (ex.: imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, imagem de Cristo Morto, etc.).

<sup>637</sup> Como evidenciado na nota n.º 167, a grande maioria dos simulacros identificados em Portugal não constam nos inventários *online* dos Bens Culturais da Igreja. Importa igualmente referir que apesar dos vários esforços em contactar o SNBCI (através da atual diretora, a Dra. Sandra Costa Saldanha) – a solicitar o acesso às fichas de inventário direcionadas a relíquias sagradas, para que os simulacros inventariados durante a presente investigação pudessem seguir um modelo pré-existente –, nunca se obteve resposta. Como reforçado anteriormente, esta carência é talvez o maior risco para a sua preservação, atendendo ao facto de que uma peça não registada/inventariada tem uma maior probabilidade de desaparecer ou de ser esquecida.

das peças pelos seus proprietários e/ou detentores é um efeito da dissociação, uma vez que essa incompreensão se traduz na falta de atenção e de cuidado, ou seja, de manutenção que, por sua vez, poderá levar à sua degradação material. Esta atitude poderá, inclusive, levar à decisão de se desfazerem delas<sup>638</sup>.

Neste sentido, a dissociação pode ser entendida como uma ação humana negligente (confronte-se subagente 5.1, tabela 26), uma vez que, na maioria das vezes, resulta de um descuido aliado ao desinteresse pelas partes envolvidas (proprietários, sacristãos, zeladores, etc.). Como escreveram Robert Waller e Paisley Cato (2019):

*Deixar de agir pode causar dissociação diretamente. E prevenir falhas de ação requer estabelecer e manter medidas de precaução adequadas, incluindo políticas de registo, rastreamento, inventário e manuseio<sup>639</sup>.*

Segundo os mesmos autores, os outros agentes de deterioração podem influenciar diretamente a dissociação, já que a contaminação biológica (ex.: pragas), os poluentes, a radiação, a ação humana acidental, a ação do fogo, etc., podem levar à perda da informação contida em etiquetas, rótulos ou, no caso em particular dos *simulacra*, em cartelas identificativas. Os atos de criminalidade também influem diretamente na dissociação, não apenas pelo roubo de elementos que compõem as peças e as definem, como pelo valor que lhes retiram, uma vez que afetam a sua essência e autenticidade. Os autores referem, ainda, como uma ação que resulta na dissociação, *o contato inadequado de objetos culturalmente sensíveis (inappropriate contact with culturally sensitive objects)*, como é o caso dos objetos sagrados, considerando que o seu manuseio de maneira desrespeitosa pode levar à perda de valor (Waller & Cato, 2019).

Embora a perda de dados/informações ou a impossibilidade de associar os objetos à documentação disponível sejam riscos de nível reduzido para os *simulacra*, a dissociação por abandono é bastante

---

<sup>638</sup> Como ocorrido com os simulacros dos santos mártires Aurélio e Pacífico pertencentes à sé do Porto (reveja-se nota n.º 525).

<sup>639</sup> Tradução livre do original: *Failures to act can cause dissociation directly. Preventing failures to act requires establishing and maintaining adequate precautionary measures, including registration, tracking, inventory, and handling policies* (Waller & Cato, 2019).

elevada já que, com ela, a essência das peças – como testemunhos de uma época, cultura e sociedade –, vê-se em risco de desaparecimento. Além disso, como suprarreferido, a maioria dos simulacros não tem registo ou ficha de inventário (lacuna que se pretende colmatar com a presente investigação) e o esquecimento que enfrentam quando são retirados dos altares, tapados ou encerrados em espaços fechados ao público, torna-se uma realidade.

A vantagem para a maioria dos simulacros é a presença das urnas ou dos altares-relicário, os quais funcionam como invólucros protetores contra os agentes externos. Não obstante, estas estruturas não são totalmente estanques permitindo a entrada de poluentes e outros contaminantes que, aliados às flutuações ambientais (HR e T), podem favorecer *a posteriori* o surgimento de um microclima prejudicial e a proliferação de microrganismos e infestações.

**Tabela 26** – Identificação das fontes de risco (que incidem diretamente na materialidade das peças) e análise do seu impacto na conservação dos *simulacra*<sup>640</sup>. © Joana Palmeirão

<b>1. Condições ambientais</b>	<b>Riscos</b>	Flutuações acentuadas e imprevisíveis de HR e T entre os meses mais frios e húmidos (novembro – abril), e os meses mais quentes e secos (maio – outubro) - Eflorescências (sais) e infiltrações de humidade por condensação e capilaridade	
	<b>Análise</b>	- Contração e dilatação dos materiais higroscópicos (tensões mecânicas internas, perda de resistência e aumento de fragilidade das fibras, enfraquecimento da madeira, etc.) - Surgimento de microclimas dentro das urnas e altares - Proliferação de espécies biológicas (insetos e microrganismos) - Oxidação e corrosão dos metais	
	<b>Obs.:</b>	- Os valores de HR e T variam entre o norte e o centro de Portugal <sup>641</sup> . Os casos inventariados no norte denotam mais patologias do que os do centro do país - Algumas urnas estão colocadas diretamente sobre os pavimentos dos recintos sagrados, estando mais sujeitas à entrada de humidade (por capilaridade)	
<b>2. Poluentes</b>	<b>Riscos</b>	<b>2.1. Depósitos de sujidade</b>	<b>2.2. Poluição atmosférica</b>
		- Deposição e acumulação de impurezas sólidas à superfície das peças - Sujidades provenientes do ar (entrada/saída de pessoas, contínua circulação de ar) ou trazidas pelos fiéis e visitantes (calçado, roupas)	- Infiltração de poluentes externos (ex.: tráfego automóvel) - Poluentes de origem interna (ex.: suportes de informação, adesivos e revestimentos, combustão das velas, produtos de limpeza, etc.)

<sup>640</sup> Para a realização desta tabela teve-se em consideração as condições expositivas e o estado de conservação dos exemplares inventariados em Portugal.

<sup>641</sup> Recorde-se que não foram identificados simulacros no sul do país (nota n.º 186).

		<b>2.1. Depósitos de sujidade</b>	<b>2.2. Poluição atmosférica</b>
	<b>Análise</b>	- Reações químicas com os materiais nos quais se depositam - Retenção de humidade propiciando o ataque de espécies biológicas (insetos e microrganismos)	- Perda de resistência mecânica (tecidos e papel) - Alterações cromáticas (pigmentos e corantes) - Escurecimento dos metais (prata, cobre, zinco, chumbo)
	<b>Obs.:</b>	- As urnas e os altares não são estanques, quer ao nível dos vidros (muitos deles partidos), quer ao nível das madeiras, as quais apresentam entradas de ar devido às contrações/dilatações mecânicas, resultantes das constantes flutuações de HR e T - Infiltração de poluentes nas urnas e altares através de frinchas ou orifícios (por difusão) - A contínua circulação de ar dos espaços pode ser entendida como algo positivo, uma vez que evita a condensação, mas também contribui para uma maior circulação de sujidades (poeiras) que se depositam nas urnas e no seu interior, servindo de fonte nutritiva para espécies biológicas	
3. Contaminação biológica	<b>Riscos</b>	- Condições microclimáticas que incentivam o crescimento microbiano e inseticida - Depósitos de sujidade nas peças e nos espaços envolventes (fonte nutritiva)	
	<b>Análise</b>	- Sensibilidade dos materiais orgânicos à biodeterioração - Infestações das madeiras (galerias internas, orifícios, perda de material, enfraquecimento das estruturas, etc.) e dos tecidos (orifícios, exúvias de insetos, animais mortos, excrementos, ninhos, etc.) - Alterações cromáticas e danos nos tecidos devido à presença de bolores	
	<b>Obs.:</b>	- Nos casos inventariados foram detetados, maioritariamente: bolores nos tecidos; presença de serrim e orifícios de insetos xilófagos nas madeiras (suportes/padiolas e urnas); orifícios, exúvias e insetos mortos nos tecidos; excrementos de roedores; restos de comida, etc.	
4. Radiação	<b>Riscos</b>	- Luz natural direta e indireta (janelas sem cortinas e/ou filtros) - Luz artificial (focos direcionados às peças) - Ação fotoquímica (radiação de energia demasiado elevada do que o aconselhável para os materiais mais sensíveis)	
	<b>Análise</b>	- Sensibilidade dos corantes e fibras à radiação - Oxidação e quebra das ligações intermoleculares (descoloração, amarelecimento, perda de resistência estrutural, enfraquecimento das fibras, etc.) - Danos cumulativos e irreversíveis	
	<b>Obs.:</b>	- Foto-oxidação e degradação dos têxteis, notando-se: uma acentuada descoloração dos corantes, o enfraquecimento das fibras, perda de coesão e lacerações extensas - Enfraquecimento dos adesivos e resinas - A grande maioria dos simulacros inventariados são iluminados diretamente por focos de luz (localizados dentro ou fora das urnas e altares), sendo evidente uma forte descoloração e degradação dos têxteis nos locais onde essa luz incide	
5. Forças físicas diretas	<b>Riscos</b>	<b>5.1. Ação humana accidental</b> - Contacto físico accidental	<b>5.2. Ação humana negligente</b> - Descuido aliado ao desinteresse
	<b>Análise</b>	<b>5.1. Ação humana accidental</b> - Contacto físico como: choques (vibração), abrasão, deformação, destacamentos, quebra (vidros), entre outros, podendo resultar de uma limpeza, uma cerimónia, visitas turísticas, etc.	<b>5.2. Ação humana negligente</b> - Intervenções desadequadas - Transporte descuidado das peças - Descuido ou falta de manutenção, levando à perda total ou parcial das peças

	<b>Obs.:</b>	- Este risco afeta mais diretamente as urnas e altares do que os simulacros propriamente ditos, embora o choque por contacto (em particular para as urnas que são visitáveis e estão depositadas diretamente nos pavimentos), podem causar danos físicos nos simulacros
	<b>Riscos</b>	- Ação humana violenta como roubo ou vandalismo
6. Criminalidade	<b>Análise</b>	- Contacto físico violento e propositado: quebra dos vidros, desmembramentos, deslocações, etc. - Perda do carácter autêntico e da integridade das peças - Perda total ou parcial das peças - O desconhecimento das peças aliado ao brilho de alguns metais e vidros coloridos pode induzir as pessoas em erro, levando-as a pensar que existem objetos de valor
	<b>Obs.:</b>	- Embora não existam relatos atuais de situações de criminalidade com simulacros em Portugal, existem relatos de atos ocorridos no passado, os quais levaram à destruição e roubo de elementos <sup>642</sup> - Estas ações obrigam normalmente a intervenções de conservação e restauro complexas e dispendiosas
	<b>Riscos</b>	- Ação do fogo, por norma, resultante de uma ação negligente ou acidental (ex.: velas acesas durante a noite, como era hábito comum antigamente)
7. Fogo	<b>Análise</b>	- Perdas estruturais, destruição parcial ou total dos materiais orgânicos (têxteis, papel, madeira, osso) - Enegrecimento dos metais - Perdas irreversíveis
	<b>Obs.:</b>	- Durante o inventário foram identificados alguns exemplares destruídos ou com danos irreparáveis por ação do fogo de velas que permaneceram acesas durante a noite, como são os casos de santa Bonina, cujo simulacro foi destruído num incêndio a 26 de maio de 1921 (Apêndice III) e são Pio, cujo simulacro ainda existe, mas encontra-se gravemente queimado (ficha de inventário n.º 50, Apêndice V). - Noutros casos, foram identificadas manchas de carbonização nos tampos superiores das urnas e dos altares

Finalizada a avaliação dos agentes de deterioração, será altura de definir um conjunto de recomendações ou estratégias corretivas que visem regular, controlar ou evitar as situações de risco, de modo a estabilizar os bens e o ambiente onde se encontram, introduzindo boas práticas na rotina diária dos espaços (Enríquez de Salamanca & Gil Muñoz, 2012; Paté, 2007).

Para uma correta avaliação dos riscos ou dos seus impactos no ambiente e nos materiais que compõem os bens, deve ponderar-se na realização de análises ao nível dos agentes passíveis de serem quantificados (HR, T, luz, UV, poluentes), recorrendo a equipamentos de monitorização adaptados (termo-higrómetros, *dataloggers*, luxómetros, psicrómetros, dosímetros, etc.) ou mediante estudos de controlo da qualidade do ar (para o caso dos poluentes atmosféricos), considerando,

<sup>642</sup> Recorde-se do ocorrido com o simulacro do corpo do santo mártir Urbano da igreja das Chagas, Lisboa (subcapítulo 7.4.3). Veja-se, também, a título de exemplo, o estado em que ficaram os simulacros das santas mártires Aurélia e filha, na igreja paroquial de Sobral de Monte Agraço (ficha de inventário n.º 8, Apêndice V). Durante a investigação, foram igualmente identificados casos de vandalismo no estrangeiro (Bernardi, 2020).

para o efeito, a sensibilidade dos materiais e o seu estado de conservação, o modo expositivo das peças e a sua localização específica dentro dos edifícios<sup>643</sup> (C. Alarcão, 2007; Michalski, 2007; Paté, 2007).

Quando tal não é possível, devem-se estabelecer soluções sustentáveis com os recursos disponíveis nesses mesmos espaços. Estas soluções passam por recomendações ou conselhos práticos e gerais<sup>644</sup>, maioritariamente de baixo custo e de aplicação imediata, e da responsabilidade de todos os intervenientes envolvidos na dinâmica das paróquias e das instituições detentoras de *simulacra* (proprietários, padres, zeladores, sacristãos, etc.) (L. F. R. Pereira, 2016; Romão & Saldanha, 2020; Waller, 1995). Estas recomendações deveriam ser incluídas num programa calendarizado de manutenção contínuo (diário, semanal, mensal, etc.), e acompanhado por uma inspeção regular e atenta para deteção de possíveis problemas. A ausência destas e de outras ações periódicas de correção e prevenção levará, inevitavelmente, à deterioração das peças e à sua perda irremediável.

De entre os vários autores que abordam a planificação de medidas de conservação preventiva, quer seja para museus, arquivos ou locais de culto (mosteiros, catedrais, igrejas, etc.), todos concordam e defendem a necessidade de consciencializar e sensibilizar as instituições, os funcionários e o público que convivem diariamente com as peças. A envolvência das pessoas nem sempre é uma tarefa fácil porém, como escreveu Mónica Enamorado Martínez, *bastará um pouco de vontade e*

---

<sup>643</sup> O propósito destes procedimentos é o de avaliar a magnitude de todos e cada um dos riscos identificados definindo, para isso, níveis de impacto desses riscos na preservação dos bens. Esta etapa exige, como escreveu Stefan Michalski, *bom senso, um pouco de inteligência e bom olho (sentido común, um poco de inteligencia y una buena ojeada)*, considerando que será necessário imaginar tudo o que poderá correr mal (Michalski, 2007, p. 61).

<sup>644</sup> Um plano de conservação preventiva bem estruturado, realista e adaptado às instituições deveria, mediante um enfoque multi e interdisciplinar, incluir a participação de diferentes técnicos especializados e a colaboração de todo o pessoal envolvido na manutenção dos espaços. Deveriam igualmente ser considerados as distintas atividades, os recursos e as verbas da instituição (Enríquez de Salamanca & Gil Muñoz, 2012; Herráez & Rodríguez Lorite, 1999). Seria igualmente pertinente, para a eficácia do mesmo, a participação dos funcionários mediante o preenchimento de questionários ou através do diálogo sobre a viabilidade da implantação de determinadas ações, *dado serem eles os maiores conhecedores da dinâmica e do funcionamento institucional* (Nascimento, 2016, p. 95). Como defendeu Paula Menino Homem: *a planificação é essencial para a organização de sectores e serviços, para a correcta, e geradora de respeito, atribuição de funções, para a eliminação, ou pelo menos minimização, de situações de risco, para a rentabilização de recursos, enfim, para a ordem e maior garantia de sucesso no desenvolvimento da conservação preventiva* (2004, p. 108). Por estas razões, opta-se apenas por traçar um conjunto de recomendações ou soluções guiadas pelo bom senso e de fácil aplicação por todos os intervenientes que lidam diariamente com as peças e cuidam dos edifícios.

*flexibilidad por parte de todos (tan solo hay que poner por parte de todo el mundo un poco de voluntad y flexibilidad)* (2012, p. 100). A conservação e salvaguarda dos bens exige, acima de tudo, um trabalho de equipa, que concilie as diferentes atividades e rotinas decisivas para o controlo eficaz dos riscos e com impacto significativo na sua conservação (Cópico, 2011; Enamorado Martínez, 2012; Herráez & Rodríguez Lorite, 1999; Martínez & Yangas, 2012; Michalski, 2007; Romão & Saldanha, 2020). Neste sentido, seria necessário empreender ações destinadas à (in)formação das pessoas envolvidas, sobre os riscos que incorrem as peças e as necessidades conservativas dos espaços (Bruquetas Galán, 2012; Romão & Saldanha, 2020).

Considerando os principais agentes de deterioração (tabela 26), as medidas de conservação preventiva deveriam incluir: inspeções periódicas, ações de limpeza, proteção de portas e janelas, e outras tantas estratégias práticas de baixo custo e de atuação direta e imediata, que objetivem a redução de riscos (tabela 27). Em suma, a manutenção do edifício é sinónimo de estabilidade ambiental que, por sua vez, irá contribuir para a preservação dos bens.

Os riscos de dissociação podem ser minimizados por meio da inclusão das peças nos inventários das igrejas (ou, idealmente, nos inventários dos Bens Culturais da Igreja), assim como pela recolha de toda a documentação relativa ao seu contexto<sup>645</sup>. Os poucos estudos das peças, como artigos, teses, radiografias, fotografias, resultados de análises, etc. também deveriam ser incluídos nessa documentação, preferencialmente, num sistema de armazenamento digital e atualizado (e impressa). Outra recomendação passaria pela colocação dos nomes junto dos corpos santos (quando estes não estão identificados), no seguimento da diretriz de que *os objetos devem ser rotulados*<sup>646</sup>. A (in)formação

---

<sup>645</sup> Retoma-se aqui o exemplo dos simulacros das santas mártires Aurélia e filha (ficha de inventário n.º 8), cuja documentação, em 2020, estava na posse de um popular de Sobral de Monte Agraço. Idealmente, a documentação deveria estar guardada no arquivo da igreja ou da paróquia, ou mesmo no arquivo do Patriarcado de Lisboa, ou ainda, preferencialmente, nos dois últimos locais, por meio de cópias e digitalização dos originais. Nesta vertente, realça-se o trabalho exemplar do AMP onde, à data da consulta (2020) do processo respeitante ao simulacro do santo mártir Vicente de Penafiel, estava a decorrer a digitalização de toda a documentação pertencente à VOTNSCP. Além de favorecer, no futuro, o acesso à documentação (digitalizada), este procedimento impede que os originais se danifiquem de cada vez que é solicitada a sua consulta. Esta medida pode, inclusive, ser entendida como um ação de atuação perante o risco de dissociação.

<sup>646</sup> Tradução livre do original: *Objects must be labelled* (Waller & Cato, 2019).

de proprietários, funcionários, voluntários, entre outros intervenientes, também pode ser entendida como uma forma de minimizar esse risco, uma vez que a atenção que estes recetáculos irão receber irá contrariar o esquecimento (e conseqüente negligência) a que a grande maioria está votada e que constitui, provavelmente, o maior risco para os *simulacra*.

**Tabela 27** – Níveis de impacto e recomendações de conservação preventiva para mitigação dos riscos associados à degradação dos *simulacra*<sup>647</sup>. © Joana Palmeirão

Riscos	Nível <sup>648</sup>	Medidas de mitigação
1. Condições ambientais	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inspeção dos revestimentos, coberturas e pavimentos para deteção de infiltrações ou entradas de água</li> <li>- Deteção de cheiros incomuns (ex.: mofo) junto às peças</li> <li>- Deteção de manchas e alterações nas peças</li> <li>- Vedar janelas e portas, evitando correntes de ar acentuadas, muito embora um arejamento controlado é aconselhável pois evita condensações</li> <li>- Manter as portas de acesso ao exterior fechadas sempre que possível</li> <li>- Instalação de aquecedores (com termostato) e desumidificadores portáteis nos meses mais frios e chuvosos (quando os valores registados de HR são mais acentuados do que os de T)</li> <li>- Atualmente existem ferramentas de registo das condições ambientais de baixo custo e de fácil aquisição (ex.: cartões ou sensores de indicadores de HR e T), eficazes no controlo ambiental</li> <li>- Elevação das urnas-relicário (ex.: colocação sobre uma base ou suporte), de forma a evitar o contacto direto das estruturas de madeira com os pavimentos húmidos (ex.: granito)</li> <li>- Em último recurso, se possível, deslocação das urnas-relicário, afastando-as das entradas e janelas</li> </ul>
	Opção <sup>649</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Instalação de equipamentos para medição rotineira e controlo dos valores de HR e T (ex.: <i>dataloggers</i> ou termo-higrómetros) com análise de dados (por profissionais), os quais irão determinar os parâmetros estáveis e compatíveis com os diversos materiais</li> <li>- Valores recomendados de HR (45-50%) e T (18-19°C)</li> </ul>
2. Poluentes	3	<p><b>2.1. Depósitos de sujidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manutenção cuidada e limpeza regular dos espaços interiores e exteriores (capelas, claustros, naves, corredores, átrios, etc.)</li> <li>- Manter as portas de acesso ao exterior fechadas sempre que possível</li> <li>- Vedação de janelas e portas</li> </ul>

<sup>647</sup> Para a realização desta tabela teve-se em consideração as condições expositivas (que, com frequência, são bastante distintas e aleatórias) e o estado de conservação dos simulacros inventariados em Portugal. As recomendações de conservação preventiva tiveram por base as medidas preventivas estabelecidas, por outros autores (que têm vindo a ser referenciados ao longo do presente capítulo), para bens móveis (talha, imaginária, têxteis, papel, etc.).

<sup>648</sup> O impacto dos riscos foi avaliado de acordo com a seguinte classificação: **1** - alto impacto; **2** - médio impacto e **3** - baixo impacto. Assim, à medida que a intensidade do impacto diminui, diminuem também as prioridades de atuação e mitigação de riscos.

<sup>649</sup> As opções indicadas dizem respeito a estratégias práticas de custo elevado que implicam o recurso a técnicos especializados. Algumas recomendações universais são também indicadas.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Higienização com panos secos de algodão (sem produtos de limpeza comerciais, ceras ou produtos aquosos)</li> <li>- Limpeza a seco dos pavimentos com aspirador com filtro, evitando o recurso à vassoura (devido à reposição das poeiras)</li> <li>- Em último recurso e se possível, elevação das urnas-relicário, evitando a acumulação das sujidades trazidas pelos visitantes e fiéis (esta medida irá igualmente favorecer a limpeza dos espaços)</li> </ul>
		<p><b>2.2. Poluição atmosférica</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vedação de janelas e portas, com especial atenção para os recintos em espaços urbanos</li> <li>- Na necessidade de abrir as janelas, colocação de filtros humedecidos (ex.: tafetá de algodão compacto), para retenção dos poluentes atmosféricos</li> <li>- Manter as portas de acesso ao exterior fechadas sempre que possível</li> <li>- Cuidados especiais quando são encomendadas novas urnas para as peças, já que algumas madeiras e acabamentos libertam compostos voláteis nocivos (COV – compostos orgânicos voláteis)</li> </ul>
3. Contaminação biológica		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inspeção atenta dos pavimentos e dos altares, procurando fissuras, fendas, buracos e outras aberturas que possam servir de acesso a insetos e roedores</li> <li>- Detecção de serrim, orifícios e galerias nas madeiras, os quais podem ser indicativos de uma infestação ativa nas urnas e suportes lenhosos (ex.: padiolas)</li> <li>- Inspeção das peças para deteção de atividade biológica (serrim, bolores, exúvias, excrementos, insetos vivos e mortos, etc.)</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Limpeza, por aspiração, de todos os espaços, eliminando possíveis fontes nutritivas: poeiras soltas, sujidades do exterior (terras, areias, restos de plantas, etc.), restos de comida</li> <li>- Eliminação de outras fontes nutritivas como carpetes ou tapetes, a menos que seja feita uma limpeza regular e eficiente dos mesmos</li> <li>- Evitar comer nos espaços envolventes</li> <li>- Evitar a colocação de flores verdadeiras nos altares já que a sua permanência pode funcionar como foco de propagação biológica</li> <li>- Ventilação controlada dos espaços, de forma a evitar a condensação e a consequente proliferação de microrganismos</li> <li>- Monitorização e controlo ambientais (em especial da HR)</li> </ul>
	<b>Opção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Colocação de armadilhas (ex.: ratoeiras)</li> <li>- Desinfestações periódicas</li> </ul>
4. Radiação		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evitar a incidência direta da luz, mantendo as janelas fechadas</li> <li>- Colocação de cortinas, persianas ou telas nas janelas</li> <li>- Em último recurso, se possível, deslocação das urnas-relicário, afastando-as da incidência luminosa</li> <li>- Na eventualidade de existirem focos de luz artificial, estes devem ser: redirecionados ou afastados das peças (luz indireta) e/ou protegidos com filtros contra as radiações UV (em particular para as lâmpadas fluorescentes), ou substituídos por lâmpadas com tecnologia LED, de luz branca<sup>650</sup></li> <li>- Desligar os focos de luz colocados no interior das urnas-relicário e altares (e, se possível, removê-los)</li> <li>- Evitar tirar fotografias com <i>flash</i>, já que a ação da luz é cumulativa e irreversível</li> </ul>
	<b>Opção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Filtros de absorção UV nas janelas</li> </ul>

<sup>650</sup> Atualmente, as lâmpadas com tecnologia LED são as mais recomendadas por serem mais económicas, eficientes e sustentáveis (*eco-friendly*) (Romão & Saldanha, 2020).

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensores de movimento para os focos de luz junto às peças, de forma a iluminá-las apenas quando há proximidade</li> <li>- Nível de iluminação baixo, entre 50 e 150 lux</li> </ul>
5. Forças físicas diretas	3	<p><b>5.1. Ação humana acidental</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Elevação das peças como forma de assinalar a sua presença</li> <li>- Colocação de barreiras protetoras, em particular para as urnas-relicário colocadas diretamente nos pavimentos<sup>651</sup> ou para os altares de fácil acesso aos visitantes</li> <li>- Sensibilização dos visitantes mediante a colocação de informação complementar às peças (ex.: folhetos informativos, placas, pagelas, etc.), no sentido de evidenciar a sua origem, contexto histórico-artístico e culto<sup>652</sup></li> </ul>
	2	<p><b>5.2. Ação humana negligente</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vigilância dos espaços, para maior segurança das peças</li> <li>- Controlo e monitorização regular das peças, no sentido de detetar possíveis alterações, destacamentos, vidros partidos, etc.</li> <li>- Sensibilização dos visitantes para os cuidados básicos a ter na presença destas peças (evitar o uso de <i>flash</i>, aproximação e toque nos vidros, etc.)</li> </ul>
	Opção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evitar as intervenções de restauro “caseiras”, por pessoas não especializadas</li> <li>- Recorrer, sempre que possível, a profissionais de conservação e restauro</li> </ul>
6. Crimina...	3	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vigilância dos espaços, para maior segurança das peças</li> <li>- Consciencializar o público da inexistência de peças de valor</li> <li>- Recordar as normas canônicas e a proibição da venda ilegal de relíquias</li> </ul>
	Opção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Instalação de sistemas de vigilância</li> </ul>
7. Fogo	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evitar a colocação de velas de combustão sobre os altares</li> <li>- Vigilância dos espaços</li> <li>- Manutenção dos equipamentos de segurança (ex.: extintores)</li> </ul>

Em suma, a preservação de coleções expostas em locais de difícil controlo ambiental, como é o caso de edifícios históricos de cariz religioso, exige uma abordagem multidisciplinar e integral do conjunto (coleções, edifício, espaços, recursos humanos, atividades, recursos técnicos e financeiros, etc.), para um planeamento preventivo realista e adaptado à instituição e ao património que se pretende salvaguardar. Neste sentido, as recomendações preventivas que aqui foram referidas devem ser entendidas como uma breve abordagem para algo que deverá encaminhar-se para a

<sup>651</sup> Apesar das urnas-relicário funcionarem como invólucros protetores dos simulacros, elas devem ser entendidas como bens culturais com relevância histórico-artística, e por isso, não devem ser desvalorizadas, mas sim preservadas (J. P. S. F. Almeida, 2015).

<sup>652</sup> Durante o inventário constatou-se que os exemplares com informações complementares anexas são os que suscitam maior curiosidade e interesse dos visitantes.

elaboração de protocolos de conservação – os quais só podem ser alcançados por uma equipa especializada (na qual se inclui a participação dos funcionários) e mediante a avaliação dos recursos técnicos e financeiros disponíveis –, para apoiar e aconselhar as instituições religiosas e culturais que possuem e gerem estes bens. E, conseqüentemente, a redação de um manual de conservação e restauro com conhecimento técnico sobre como proceder em futuros trabalhos de conservação – desde a sua simples resolução mediante recomendações práticas de atuação até à necessidade de reportar situações mais dramáticas a profissionais de conservação e restauro –, para orientar as entidades e comunidades detentoras de *simulacra*. Este manual deveria focar-se nas diferentes etapas, desde o transporte, à conservação preventiva, conservação curativa, restauro, exibição, etc. e deveria ser elaborado por uma equipa inter, trans e multidisciplinar que englobe as áreas da Ética (da religião e do património cultural), da Ciência da Conservação e da Conservação e Restauro. Devido à constante evolução e adaptação da conservação e restauro, o manual deveria ser periodicamente atualizado e adaptado às circunstâncias do mercado, e aos gestores e fruidores dos bens.

## 8.2. Estratégias de (re)valorização e exposição dos *simulacra*

Para os *simulacra* em estado de abandono, a abordagem deve ser outra. Como analisado *supra*, a dissociação assume-se como um dos maiores riscos para os simulacros. O abandono (por negligência) a que muitas vezes estão sujeitos resulta, maioritariamente, num desinteresse voluntário pelas partes envolvidas (proprietários, detentores, padres, sacristãos, zeladores) – e, conseqüentemente, do público em geral –, por falta de conhecimento ou compreensão do seu valor cultural, religioso e contexto originais, preferindo ignorá-los ou escondê-los a entendê-los e preservá-los para as gerações presentes e futuras de crentes e não crentes (dissociação por negligência/ignorância)<sup>653</sup>. Nestes casos, o abandono resulta do incómodo que estas peças

---

<sup>653</sup> De um modo geral, durante o inventário nacional, notou-se um forte desconhecimento da sua origem e essência. De facto, quando confrontados com a existência de relíquias no interior dos simulacros (muitos padres acreditam tratar-se de meros bonecos ou peças de imaginária), o interesse aumentou drasticamente, tendo surgido, inclusive, em algumas situações, a intenção em restaurar as peças e de criar pagelas ou folhetos informativos sobre as mesmas, para divulgação

representam para os seus detentores – quer pelo seu desconhecimento, quer pelo seu tamanho –, existindo uma predisposição para a sua ocultação (mesmo em espaços sacros)<sup>654</sup> que, inevitavelmente, resulta no seu esquecimento ou, no pior dos casos, na degradação por falta de manutenção. Para estas situações, a imposição de um planeamento conservativo para a salvaguarda dos *simulacra* é infrutífero já que não existe vontade ou interesse para o seguir.

Trata-se claramente de um tópico sensível, mas atual e presente na realidade dos simulacros dos santos mártires em Portugal.

Perante este contexto deve pensar-se, primeiramente, na (re)valorização<sup>655</sup> dos *simulacra*, dando a entender a sua importância como bens patrimoniais. Esta (re)valorização deve passar, numa primeira fase, pela (re)educação do clero<sup>656</sup>. Ao contrário das relíquias sagradas (no geral), esta tipologia de recetáculos devocionais – os simulacros dos corpos dos santos mártires (ou *simulacra*) – são peças descontextualizadas (e incompreendidas) e, como tal, carecem de um lugar e de atenção no seio da Igreja. Exemplo disso é a Instrução de 2017 “As Relíquias na Igreja: Autenticidade e Conservação” (reveja-se, *supra*, subcapítulo 7.3.1.). Como se viu, além do documento se referir apenas às relíquias sagradas ao culto, pouco ou nada diz a respeito dos procedimentos de conservação (e restauro). E, embora o doutor Carlos Evaristo tenha dedicado alguma atenção às intervenções para esta tipologia de recetáculos (subcapítulo 7.3.2.), os protocolos carecem ainda de aprovação da Santa Sé e, por isso, não são do conhecimento do clero.

---

da sua origem e existência. Além disso, como referido em várias ocasiões ao longo da presente tese, são vários os simulacros equivocadamente identificados como corpos incorruptos ou mumificados, mesmo pelos seus detentores.

<sup>654</sup> Crê-se que o tamanho e o peso das peças e/ou dos expositores terá, por vezes, impedido a sua deslocação para fora do espaço de culto, onde permanecem atualmente, embora tapados.

<sup>655</sup> Entenda-se aqui “(re)valorização” como a projeção de novos valores, podendo ser culturais, religiosos, científicos, simbólicos, espirituais, afetivos, ou, simplesmente, históricos ou artísticos, ou até mesmo éticos. Consiste, de certa forma, na aquisição de uma função, não necessariamente a original para a qual a peça foi criada. Este termo foi adaptado para o contexto em análise.

<sup>656</sup> Embora, segundo a nota acima (n.º 653), a explanação da sua origem e essência tenha suscitado um interesse renovado pelas peças, outros “detentores” (em particular, os padres) foram relutantes em acreditar que os recetáculos continham as relíquias de um santo, na maioria das vezes, por falta de documentação oficial e legal. Como analisado anteriormente, o extravio desta documentação (como uma fator da dissociação) leva à impossibilidade de associar as peças a um contexto e à inevitável perda de valor.

Importa, acima de tudo, relembrar, que os simulacros devem a sua existência à Santa Sé, que autorizou a sua produção por artesãos piedosos, para exposição das relíquias autenticadas dos santos catacumbais (confronte-se partes I e II<sup>657</sup>). Contudo, e retomando as palavras do papa Paulo VI (citado no início do capítulo): *no decorrer dos séculos, [a Igreja] criou um tesouro artístico que deve ser conservado com muito cuidado* (Papa Paulo VI, 1963, art.º 123), crê-se existir uma lacuna entre o que é dito e o que é feito, já que, atendendo ao elevado número de simulacros em Portugal, salvo raras exceções, pouco ou nada é feito em prol da sua salvaguarda. Portanto, nesta primeira fase, é fulcral a participação ativa da Igreja, que deve “olhar” para estas peças e assumi-las como um marco importante da sua história (como património da Igreja) e, por conseguinte, promover a (re)educação do clero<sup>658</sup> com vista à preservação deste património.

Uma segunda etapa deve envolver os crentes que ainda se identificam com os “seus” santos, já que contribuirão com conhecimento para a (re)valorização dos simulacros e a (re)educação dos públicos-alvo.

Uma terceira e última etapa, deve passar por sensibilizar e consciencializar ((in)formar) a sociedade civil (público em geral), dando a conhecer às gerações, em particular as mais novas<sup>659</sup>, este património religioso. A educação patrimonial é aqui um fator importante e deve ser incutida desde cedo nos cidadãos. Segundo Paula Menino Homem:

---

<sup>657</sup> Recorde-se, por exemplo, do documento intitulado “[Certidão de autenticação, Declaração de Doação e Reconhecimento] da relíquia do Corpo de São Marcos...”, no qual é aprovado o artesão para a união dos ossos de São Marcos e a sua colocação num recetáculo de corpo inteiro (subcapítulo 5.2.4. (parte II)).

<sup>658</sup> Lembre-se que com o Concílio de Trento houve uma (re)educação do clero no uso dos restos sagrados. Este, por sua vez, devia orientar os artistas para a qualidade e “decência” das imagens em espaços sacros (veja-se subcapítulo 3.1. (parte I)).

<sup>659</sup> Recorde-se, como suprarreferido, estudos recentes mostram que as gerações mais jovens estão mais afastadas da Igreja e, por sinal, são menos devotas. Portanto, quando as gerações mais velhas de católicos desaparecerem, desaparecem também as comunidades que cuidam destas peças, assim como o conhecimento (histórico, cultural, ritual, etc.) que têm sobre elas.

*O investimento nas faixas etárias mais baixas resultará em profissionais sensíveis, amigos e orgulhosos do seu Património local, regional, protegendo-o como simples cidadãos, investigando-o nas diferentes áreas científicas e decidindo politicamente sobre o seu destino e qualidade de vida* (2004, p. 108).

Neste contexto, a (re)valorização obriga a uma cooperação multi e interdisciplinar, num campo de interações mais amplo, integrando instituições religiosas, associações de defesa do património cultural, conservadores-restauradores, comunidades locais e regionais, e académicos. Porém, para uma correta integração do público geral (sociedade civil), em particular das faixas etárias mais jovens e desconhecedoras do património, a Igreja tem de participar ativamente, já que é esta que tem de definir como quer que os simulacros sejam apresentados. E aqui entra, novamente, a (re)educação do clero.

Embora no século XIX, a base da origem destas peças tenha ficado manchada por críticas ao vaso de sangue, seguindo-se a descristianização e a extinção das ordens religiosas, os *simulacra* existem atualmente, são uma realidade patrimonial e devem ser assumidos pela sua condição artística, que cada vez mais fomenta o interesse de académicos e investigadores por todo o mundo. Assim, e antes que sejam entendidos ou intervencionados de formas diferentes – consoante os países em que são estudados (o que já acontece) –, a Igreja tem de assumir uma posição de destaque e trazer à luz a discussão sobre a sua essência, o estado em que se encontram e o que pode ser feito em prol da sua divulgação e salvaguarda para as gerações presentes e futuras, como património da sua história. Só depois então é que académicos, conservadores-restauradores e associações de defesa do património, tomando sempre em consideração os valores éticos (como restos osteológicos sagrados que são), podem agir em conjunto, definindo estratégias de apelo para públicos-alvo de crentes e não crentes, de todas as idades.

É neste sentido que se propõem, de seguida, algumas estratégias de consciencialização e (re)valorização dos *simulacra*, de aplicação a médio e longo prazo:

- organização de workshops, colóquios, congressos<sup>660</sup> que deem a conhecer a sua origem, o seu contexto, significado e a sua complexidade histórico-material e estilística<sup>661</sup>, a especialistas, investigadores, estudantes e ao grande público, envolvendo-os ativamente no inventário<sup>662</sup>, na conservação e na salvaguarda deste património ameaçado;
- envolver as comunidades locais na gestão e proteção do seu património, mediante ações de esclarecimento e (re)educação para a compreensão destes bens;
- ações de formação e *masterclasses* de conservação para estudantes e profissionais de conservação e restauro, mas também – numa vertente mais acessível e preventiva –, para padres, sacristãos, patronos (proprietários privados)<sup>663</sup> e outros funcionários;

---

<sup>660</sup> A este respeito importa referir que nos dias 18 e 19 de novembro de 2022 decorreu a segunda jornada do projeto *reliquarium* (após uma primeira, em fevereiro do mesmo ano), organizado pelo museu de são Roque (Lisboa), intitulada “reliquias projeto”. Além de uma oficina de formação e visita à exposição “reliquias? o projeto *reliquarium*”, foram apresentados projetos direcionados ao estudo e salvaguarda de relíquias sagradas, a decorrer em diversas universidades, dentro e fora do país. Recorde-se, também, que em novembro de 2021 decorreu na UCP a “RelicS 2021 – 1<sup>st</sup> International Conference on Relic Studies”, na qual especialistas, investigadores e académicos, de vários pontos do mundo, partilharam as suas pesquisas e investigações.

<sup>661</sup> Nestas atividades propõe-se, inclusive, o relato e partilha de histórias, crenças, festividades, etc., pelas gerações mais idosas (padres, sacristãos, devotos e população em geral) – como “heranças” de fé da comunidade –, que poderão mais tarde ser compiladas em livro ou catálogo, de forma a evitar o seu desaparecimento juntamente com essas gerações. Essas histórias (muitas delas transmitidas de geração em geração), assim como imagens, crenças e outras informações (ex.: a existência de outros simulacros) podem ainda ser partilhadas através de plataformas online de divulgação de conhecimento pelas comunidades locais (e aqui os jovens poderão certamente contribuir em colaboração com os mais velhos), sob a forma de sítios eletrónicos (*sites*), *blogs*, ou outros similares. Pretende-se, acima de tudo, promover a participação ativa das populações em ações de partilha de conhecimentos, memórias, vivências e tradições. A título de exemplo, bastará recordar a história da trasladação de são Marciano para Sobral da Lagoa (subcapítulo 5.2.1. (parte II)). Caso o estudo do simulacro não se tivesse proporcionado, a informação poderia nunca vir a ser divulgada fora da comunidade local, acabando por desaparecer juntamente com os mais idosos. O mesmo pode ser dito a respeito do santo casamenteiro no Porto (veja-se, acima, nota n.º 510).

<sup>662</sup> Aqui reforça-se a importância de incluir estas peças nos inventários das dioceses, nos quais, como já assinalado, carecem de lugar. Nota-se uma relutância em assumir estas peças como objetos artísticos, o que leva à sua exclusão dos inventários dos Bens Culturais da Igreja. Uma vez mais, a Igreja deveria aqui assumir uma posição e propor a inclusão dos simulacros nos respetivos inventários diocesanos para que a sua existência fique registada como testemunhos da sua história e do seu património.

<sup>663</sup> Durante o inventário nacional notou-se um receio geral por padres, sacristãos e proprietários privados de se aproximarem das peças, havendo inclusive alguns que evitavam olhar diretamente para elas. Este receio/respeito pode ser entendido como uma “faca de dois gumes” pois, tanto funciona como uma medida preventiva (supõe-se, aliás, que alguns simulacros ainda permanecem nos locais de culto devido a receios e superstições), como é promotora da dissociação (por negligência/ignorância) e da consequente falta de manutenção.

- exposições físicas: exposições fotográficas do espólio em risco de desaparecimento<sup>664</sup>, com o objetivo de sensibilizar as instituições, proprietários e o grande público para a sua existência, e consciencializar para a sua conservação e salvaguarda;
- exposições virtuais: experiências de realidade imersiva e de interação virtual e digital com modelos 3D das peças<sup>665</sup> para incentivo dos mais jovens, que permitam visualizar os simulacros, as relíquias no interior e o seu estado de conservação<sup>666</sup>, favorecendo a interação (virtual) dos visitantes com as peças (aumentar e diminuir de tamanho, observações a 360º, leitura das peças por camadas, ouvir/ler informação documental sobre as peças, etc.);
- roteiros ilustrados (em folheto, livro ou *e-book*), sobre percursos de visita<sup>667</sup>, apoiados na georreferenciação das peças;
- inserção de todos os *simulacra* inventariados numa base de dados (plataforma online), acessível para a comunidade científica e ao público em geral;
- por fim, a inserção de todos os *simulacra* nos respetivos inventários da Igreja, considerando que só a partir deste procedimento é que as organizações religiosas de estudo e defesa dos

---

<sup>664</sup> Importa realçar que o risco de desaparecimento que uma grande parte dos *simulacra* inventariados enfrenta deve-se, principalmente, ao desconhecimento destas peças por falta de divulgação. Mesmo os exemplares que ainda se encontram em contexto religioso (embora sem culto), são raros os que se fazem acompanhar de um folheto informativo, pagela ou outro documento que assinala a sua presença e realce o seu significado histórico, cultural e estilístico. É caso para dizer que a divulgação destas peças é o primeiro passo para a sua (re)valorização.

<sup>665</sup> Isto obrigaria a uma equipa de trabalho especializada e interdisciplinar (serviços de digitalização 3D, fotogrametria, conservadores-restauradores, etc.), e de financiamento, mas, se possível, permitiria a divulgação deste património segundo um modelo mais apelativo para as gerações mais novas. Não obstante, a segurança das peças deve ser devidamente assegurada, para evitar danos ou o risco de roubo.

<sup>666</sup> Poder-se-á, inclusive, reconstruir virtualmente os simulacros em estado de degradação avançado, restituindo as cores originais aos tecidos que apresentem descoloração intensa, ou dar uma nova imagem aos exemplares queimados, mediante simulações do que seriam estes simulacros à data da sua trasladação para os locais de culto. A todas estas criações virtuais seria adicionado um pequeno texto informativo sobre a origem das peças.

<sup>667</sup> Retoma-se aqui o conceito de turismo religioso (nota n.º 531). No entanto, não é o que se pretende aqui alcançar, uma vez que se poderia cair no erro de induzir a um turismo que busca o estranho e o macabro levando, consecutivamente, a uma má interpretação da origem e essência destas peças, ou até mesmo à sua banalidade (“cliché”) por se tornarem, elas próprias, turísticas. Além disso, a maioria dos simulacros já não é alvo de culto, por isso, o seu interesse para o turismo religioso é menos relevante do que o seu interesse como roteiro de conhecimento cultural e artístico de uma época e de uma sociedade. A intenção seria, portanto, a de dar a conhecer uma arte ou uma prática artesanal antiga (o *saber-fazer*), o contexto em que estes objetos devocionais surgiram, as suas motivações e a sua existência na contemporaneidade, como bens patrimoniais.

bens culturais (ex: SNBCI, Patriarcado de Lisboa, etc.) poderão concentrar a sua atenção e incentivar à prática de workshops e formações de conservação e salvaguarda<sup>668</sup>.

Estas e várias outras estratégias poderão resultar de protocolos estabelecidos com as diferentes instituições religiosas e culturais, câmaras municipais, universidades ou organismos de investigação, associações e outras entidades locais, mediante a criação de um projeto de sensibilização e (re)valorização deste património religioso.

Uma abordagem transnacional deve também ser mantida e enriquecida através de uma comparação sistemática entre exemplares de outros países da Europa e Américas (Itália, México, França, Alemanha, etc.). Esta abordagem poderá ser apoiada por uma plataforma online, onde todos os investigadores ligados ao tema possam adicionar (através de um acesso restrito), informações sobre os exemplares dos seus países ou outras informações complementares (ex.: informações recolhidas dos Arquivos de Roma, das visitas às catacumbas romanas, etc.), mediante uma partilha de conhecimento dinâmica, universal e digital<sup>669</sup>.

Antes de finalizar o presente e último capítulo importa ainda refletir, embora que de forma breve, sobre a exposição dos *simulacra*. Como se viu anteriormente, a Instrução de 2017 proíbe a exposição de relíquias *em locais profanos ou não autorizados* (Congregação para as Causas dos Santos, 2017, p. 6), entre os quais se incluem museus ou instituições museológicas não autorizados pela Igreja. Ou seja, a sua musealização vê-se cingida ao espaço cultural ou a um museu em contexto religioso ou consagrado como tal. Mas o que fazer com os simulacros retirados do contexto expositivo original?

---

<sup>668</sup> Um caso interessante é o projeto que tem vindo a realizar-se, desde 2021, na arquidiocese de São Paulo (Brasil), que passa pela catalogação das relíquias existentes nas várias paróquias com o intuito de dar a conhecer este espólio e incentivar à veneração (Filho, 2021).

<sup>669</sup> Isto foi já realçado pelas investigadoras Gabriela Sánchez Reyes, Eduarda Vieira e Teresa Ferreira, através do projeto internacional “CorpiSanti Project. International Network and Database” apresentado em novembro de 2018 no workshop “Labs, Art and Relics” (Bruxelas, Bélgica), embora nunca tenha chegado a realizar-se na prática.

Aqui volta-se ao cerne da questão. Se estas peças foram rejeitadas do culto e não são mais aceites pela Igreja, e uma vez que a Instrução se refere apenas a relíquias ao culto, para os simulacros em estado de abandono a solução passa pela sua exposição em espaços museológicos, como bens patrimoniais (artísticos, históricos, arqueológicos, ...) a serem salvaguardados. No entanto, a partir do momento em que a Igreja intervenha ativamente no processo de (re)pensar estas peças na contemporaneidade (como sugerido acima) e as assuma como património da sua história, as questões de exposição e musealização devem ser equacionadas à luz das normas canónicas estabelecidas.

Nas últimas décadas, o conceito de “museu” foi obrigado a adaptar as suas funções às novas realidades – as inerentes à transição digital, globalização do consumo cultural, atração de públicos – das sociedades contemporâneas, onde se inscreve uma forte dimensão de intervenção social e de participação na vida das comunidades. Com efeito, em 2022 foi aprovada uma nova definição de museu pelo ICOM, que passa a ser a seguinte:

*Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas de educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022).*

Atualmente, o museu abrange uma grande variedade de tipologias museológicas, consequência da constante adaptação à(s) realidade(s), nas quais o critério base deixa de ser a natureza das coleções (ex.: história natural, ciência, belas-artes, etc.) e passa a ser a estratégia museológica, sob a forma de eco museus, centros de interpretação de arte, museus virtuais, centros experimentais, museus para crianças, museus *in situ*, etc. Na mais recente definição do ICOM pode inclusive ler-se que *os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas de educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022)*. Esta estratégia visa, cada vez mais, a participação ativa do público e o carácter pedagógico das exposições, assim como a segurança e preservação das coleções.

Portanto, o museu entendido na contemporaneidade distingue-se, claramente, do seu conceito original (o de “coleccionar”) e assume a missão de investigar, documentar, valorizar, conservar e divulgar testemunhos materiais e imateriais do património ligado às populações e ao território em que se inserem.

Em termos práticos, embora os simulacros – como testemunhos materiais (aceites pela Igreja) – não possam ser expostos no espaço museológico, podem os testemunhos imateriais a eles associados, através da partilha de experiências e práticas que valorizem esse património, o que implica a recolha e o levantamento de estórias e testemunhos orais sobre crenças, rituais e festividades, que podem ser documentados, conservados e divulgados através do museu contemporâneo, como uma forma de manter viva a essência destas peças. Evidentemente, isto implicaria um trabalho de campo (antropológico) moroso<sup>670</sup> e um contacto contínuo com as populações, em particular as gerações mais velhas. Para tal, como suprarreferido, as comunidades devem ser incentivadas a assumir uma participação ativa – mediante a partilha de conhecimento –, na (re)valorização, divulgação e preservação deste património, quiçá até alcançando a revitalização de práticas do passado (ex.: festividades, peregrinações, feiras). Os resultados desse trabalho poderiam ser divulgados através de exposições temporárias temáticas e os respetivos estudos publicados<sup>671</sup>. Cláudia Jorge Freire escreveu que:

*Os museus podem alertar para as ameaças, e eventual extinção, que podem sofrer algumas práticas tradicionais e, por conseguinte, para a necessidade de as estudar e conhecer. Podem efectivamente contribuir para a sua valorização enquanto sinais de memória e identidade e para a tomada de consciência das mudanças que se vão operando nas sociedades* (2009, p. 221).

Por outro lado, segundo o pensamento contemporâneo, para que as peças alcancem um estatuto patrimonial não necessitam de ser musealizadas. Ou seja, enquanto a musealização implica patrimonialização, o mesmo não se aplica inversamente. Quer isto dizer que embora a

---

<sup>670</sup> Sobre o trabalho do antropólogo, Xerardo Pereiro e Filipa Fernandes escreveram que o profissional *partilha muito tempo com as pessoas, a falar, a ouvir, a observar, a gravar, a participar, a escrever, a questionar, a reflectir, etc. O antropólogo convive e partilha experiências* (2018, p. 19).

<sup>671</sup> Isto pode ser assumido como uma estratégia de (re)valorização, à semelhança das que foram descritas acima.

patrimonialização objetiva, tal como a musealização, a preservação de um bem ou espaço, não necessita de lidar com todo o processo museal. Martin R. Schärer escreveu a respeito da musealização:

*Musealização pode ser aplicada a todas as coisas naturais e 'feitas pelo homem', bem como à preservação 'in situ' (...). Museologicamente falando, não existe uma diferença real entre uma coleção de taças de prata e uma coleção de montanhas, plantas e animais num parque nacional; ambas as coleções preservam as coisas por razões ideais, esperando impedir mais mudanças. Uma pessoa pode, 'in extremis', também ser musealizada, quando um estado de existência passado é idealizado e mantido sem mudança. Os museus enfrentam problemas especiais no que diz respeito à musealização da história ('reconstrução'). A musealização é um processo temporalmente indefinido, parado e reversível; basicamente, pode acontecer a qualquer hora e em qualquer lugar, tanto no nível individual quanto no social<sup>672</sup>.*

Na perspectiva de Martin Schärer, a musealização pode acontecer *in situ* e não obrigatoriamente num (espaço de) museu, deixando de ser necessária a deslocação das peças para um contexto museal (no sentido original do termo) (Schärer, 2009). Assim, os *simulacra* podem ser (re)inseridos (ou “musealizados”) num espaço de culto – ainda que nenhum culto lhes seja prestado –, não necessariamente o original, respeitando quer as regras estabelecidas nas normas canônicas, quer o seu “novo” estatuto patrimonial sem, no entanto, afetar a sua autenticidade e integridade originais, uma vez que não perdem contexto espacial (algo que aconteceria com a sua deslocação para um museu enquanto relíquias aceites pela Igreja). Em alternativa, esta (re)inserção no contexto expositivo sacro – que irá contribuir diretamente para a sua (re)valorização –, trará uma nova leitura aos simulacros abandonados (e disfuncionais) e, conseqüentemente, a atribuição de novos significados.

Cada sociedade, em diferentes épocas, atribuiu diferentes significados e/ou valores aos mesmos objetos. São esses significados e/ou valores, embora diferentes, que no conjunto constituem a

---

<sup>672</sup> Tradução livre do original: *Musealization can be applied to all natural and 'man-made' things, as well as to the preservation 'in situ' (...). Museologically speaking, there is no real difference between a collection of silver cups and a collection of mountains, plants and animals in a national park; both collections preserve things for ideal reasons, hoping to preclude further change. A person can, 'in extremis', also be musealized, when a past state of existence is idealized and maintained without change. Museums face special problems with regard to the musealization of history ("reconstruction"). Musealization is a temporally indefinite, stoppable and reversible process; basically, it can happen at any time and at any place, on both individual and social levels* (2009, p. 88).

experiência vivencial desses bens. Ou seja, atribuir na contemporaneidade um novo significado aos *simulacra* não implica eliminar o seu significado anterior, mas sim enriquecê-lo (Muñoz Viñas, 2002; Schärer, 2009). No final, será esse enriquecimento que contribuirá para a (re)valorização e salvaguarda deste património religioso.

## Considerações finais

À semelhança de outros países católicos, Portugal também recebeu os restos mortais dos santos mártires catacumbais, logo após a descoberta fortuita dos cemitérios subterrâneos de Roma, em 1578. A distribuição dos sagrados corpos (*corpi santi*), após séculos sepultados nos nichos (*loculi*) laterais das longas galerias subterrâneas constituiu um fenómeno sem precedentes na história moderna da Igreja Católica. A distribuição dos esqueletos dos homens, mulheres e crianças martirizados durante as perseguições imperiais que caracterizaram os primeiros séculos do cristianismo, transcendeu fronteiras para disseminar a fé católica, num período ainda vincado pela XXV e última sessão do Concílio de Trento sobre a invocação dos santos e mártires através das suas imagens e relíquias sagradas (1563).

O cardeal-vigário de Roma (*cardinale vicario*) e o custódio das sagradas relíquias (*custode delle Sagre Reliquie*), bem como o sacristão do papa (*sagrista del Papa*), desempenharam um papel de grande relevo durante os processos de exumação, autenticação, nomeação e distribuição dos ossos sagrados das catacumbas de Roma. Não obstante, a clara interdição do acesso aos cemitérios subterrâneos, o comércio de relíquias mantinha-se ativo. Foi então que o decreto de 10 de abril de 1668 viria a distinguir (durante as escavações) entre simples cristãos e cristãos martirizados ao definir como elementos irrefutáveis do martírio a inscrição da palma (*palmam*) e o vaso manchado de sangue (*vas sanguinis*). Com nome próprio (*nominis proprii*) ou batizados após a exumação e, preferencialmente, com o pequeno vaso de sangue, os ossos desses indivíduos foram assumidos pela Sagrada Congregação das Indulgências e Relíquias Sagradas como os primeiros mártires do cristianismo às mãos do império romano.

Os primeiros *corpi santi* exumados das catacumbas romanas consistiam em esqueletos (quase) inteiros e eram enviados desmontados dentro de pequenas caixas de madeira (*capsula lignea*), atadas e seladas, e com os respetivos documentos de autenticação ou autênticas. Nestas, constavam o nome do santo, da catacumba de onde tinham sido exumados os seus restos ósseos e a data da doação, validando a sua legitimidade aos olhos da Igreja, segundo as diretrizes do Concílio de Trento. Por vezes, eram posteriormente colocados em relicários sumptuosos em madeira ou metais

nobres e pedras preciosas ou semipreciosas, segundo o modelo antropomórfico medieval, para fascínio e devoção dos fiéis. Como se viu, vários *corpi santi* – assumidos pelos autores consultados como *corpos inteiros* –, foram identificados em Portugal no século XVII.

Mais tarde, artesãos sob a égide da Santa Sé, começaram também a exibir esses ossos sagrados no interior de recetáculos devocionais figurativos, de corpo inteiro e tamanho natural, simulando os seus corpos físicos (*simulacra*), para veneração pública e privada. Em posição lateral – assente sobre o cotovelo ou em decúbito – e, posteriormente, em posição jacente, e vestidos como soldados ou esposas de Cristo com os atributos de santidade e martírio, este modelo pretendia exaltar a presença celeste e a glória reservada aos de verdadeira fé (baseada na *Nova Jerusalém*, segundo o “Apocalipse de São João”). Ao mesmo tempo, atraía-se a atenção dos devotos e peregrinos através dos tecidos em seda ricamente decorados com fios de ouro e prata, folhas metálicas e vidros policromos, por vezes com joias e pedras semipreciosas, e temáticas vegetalistas e florais de grande beleza segundo a moda da época. As luminárias dos espaços sagrados refletiam os brilhos dos metais e das decorações. A este cenário juntava-se o fulgor das talhas douradas das urnas-relicário ou dos altares onde eram expostos à veneração.

Embora a XXV sessão do Concílio de Trento tenha influenciado, direta ou indiretamente, a distribuição maciça dos esqueletos dos santos catacumbais, não existe uma justificação clara para a produção deste modelo devocional. As normas formais legisladas pelo concílio para a produção das imagens sacras eram extremamente rigorosas, condenando toda a superstição e idolatria, recorrendo e fomentando, ao invés, uma arte de grande austeridade e contenção, como instruído pelas “Instructiones...” (1577) do arcebispo de Milão, Carlos Borromeo, publicadas um ano antes da entrada fortuita das galerias cemiteriais de Roma. Uma vez iniciada a sua produção nos finais do século XVII, supõe-se que a estética e o espetáculo barrocos, aliados à criatividade humana, tenham tido uma grande influência na manufatura destes corpos simulados dos santos mártires. Talvez o gosto e a situação económica dos encomendadores tenham, também, desempenhado um papel relevante na sua produção.

Tendo em consideração que as relíquias de partes do corpo foram, durante séculos, homenageadas com relicários de figuração antropomórfica, outra possibilidade para a solução de exposição adotada

é a de que os esqueletos (quase) inteiros dos santos mártires catacumbais tenham encontrado um lugar nos recetáculos devocionais de corpo inteiro, o que, como antes se referiu, fundamenta a necessidade de encontrar uma terminologia capaz de definir com precisão as suas especificidades, escapando, por um lado, a equívocos quanto à sua natureza ou, por outro, ao recurso a designações já existentes para outras tipologias de relicários. Como se viu, ao longo dos últimos quarenta anos (1979-2022), foram várias as designações definidas e adotadas pelos vários investigadores que estudam esta variante – *katakombenheiligen* / *catacomb saints*; *corpi santi* / *heilige leiber* / *corps saints* / *holy bodies*; *imagen-relicario* / *cuerpo-relicario*; *corpisanti catacomb relic-sculptures*, entre muitos outros, o que se traduz claramente num obstáculo, não apenas para a identificação do tema, como para a catalogação universal destes objetos devocionais. Através de uma análise terminológica e do confronto com a documentação oficial da Sagrada Congregação dos Ritos (departamento da Cúria Romana criado em 1588), constatou-se que a expressão *simulacra sanctorum* (*simulacros de santos*) foi utilizada, entre os séculos XVIII e XIX, para descrever os recetáculos que encerram os restos mortais dos santos simulando o corpo humano, expressão esta que, nas fontes consultadas, não se confunde com relíquias, nem com imagens (imaginária) sagradas. Assim, na sequência da documentação histórica consultada e na medida em que se trata da nomenclatura litúrgica oficial e mais antiga, assumiu-se o termo *simulacra* para definir esta tipologia de recetáculos – ainda não incluídos nos inventários nacionais de objetos de cariz religioso. Tal decisão permite ainda evitar o recurso a nomenclatura que favoreça mais ou o contexto, ou a morfologia, ou mesmo a materialidade das peças. *Simulacra corporum sanctorum martyrum*, em português *simulacros dos corpos dos santos mártires*, é a proposta que nesta tese se aponta, mantendo o latim pela proximidade linguística à documentação de base que sustenta a expressão (como as autênticas) e pela natureza do próprio tema.

A este modelo devocional correspondeu, de facto, uma tipologia particular de recetáculo, conjuntamente protetor e enaltecendor das relíquias catacumbais, em uso durante o período moderno e muito distinto dos relicários medievais de partes do corpo ou antropomórficos. Constatou-se, inclusive, que os simulacros podiam ser montados em Roma ou nos locais de destino, como nos tradicionais mosteiros-produtores (*Hersteller-Kloster*) da Europa Central, maioritariamente femininos e reconhecidos pela arte do bordado, das rendas e da costura.

Como evidenciado pelas dezenas de simulacros identificados no norte e centro do país, Portugal é um exemplo da sua exportação em massa. Produzidos, então, em Roma ou na sua cercania, os *simulacra* chegavam a Portugal a partir da cidade portuária de Génova. Uma vez no porto de Lisboa eram de seguida transportados para as cidades, vilas ou aldeias portuguesas onde seriam expostos para promover a prática religiosa e nutrir a fé pelas relíquias dos santos mártires, enchendo os altares de igrejas e oratórios. Trazidas por reis, príncipes, clérigos e nobres, ou encomendadas por irmandades ou congregações, constatou-se que estas peças eram oferecidas pessoalmente pelo papa ou obtidas através das autoridades administrativas das catacumbas romanas: o sacristão do papa (a pedido do mesmo), ou o vigário-geral e o seu assistente, o custódio das relíquias sagradas. Eram também estas três personagens administrativas que assinavam os certificados de autenticação – como demonstrado em algumas autênticas –, validando a sua origem catacumbal e o seu nome, original ou adquirido por via do batismo após a exumação.

A receção das peças podia ser acompanhada por uma cerimónia de transladação ou realizada sem qualquer celebração solene que assinalasse o acontecimento, dependendo do encomendador e do local onde seriam expostas. No caso das irmandades e igrejas públicas, as cerimónias de transladação eram geralmente acompanhadas de muita música, festejos e de romaria intensa que ia ver, em primeira mão, as tão desejadas relíquias dos santos mártires. E, em vários sítios, tornaram-se um poderoso atrativo de esmolas e oferendas, deixadas por fiéis locais e por peregrinos. Com o tempo, os simulacros passaram a ser entendidos como intercessores de milagres pelas graças que muitas vezes se concediam através deles aos devotos, destes recebendo, em troca, ex-votos, esmolas e devoções populares que marcariam os séculos seguintes e se manteriam vivas, em alguns locais do país, até ao presente. São Vicente, em Penafiel, santa Clara, no Porto, são Clemente, em Bujões, e são Fiel, em Louriçal do Campo são dos poucos exemplos desse culto que rompeu séculos e persiste atualmente.

Lisboa e Porto foram as dioceses que mais receberam estas peças devocionais. Embora o número inventariado em território nacional seja bastante superior ao inicialmente previsto, considera-se que o total a que se chegou seja muito inferior ao número real. As revoluções, guerras e catástrofes naturais que marcaram os séculos seguintes ao início da sua chegada terão levado à destruição e ao

desaparecimento – supõe-se –, de um número incalculável de exemplares; alguns, inclusive, referidos no corpo do trabalho (parte II). No total, registaram-se cinquenta e quatro exemplares no norte e centro do país, nos quais se incluem: trinta e quatro homens, onze mulheres, seis crianças e duas mães com bebé, ficando a faltar um, cujo género e idade se desconhece. Um facto a assinalar foi a quase inexistência de exemplares no sul de Portugal. Devido à inventariação de um número muito acima do esperado e às correlativas limitações de tempo que tal gerou, apenas foi possível realizar uma pesquisa de arquivo para alguns dos exemplares. Infelizmente, são Severino (Viana do Castelo), santa Felicidade (Guimarães), santos Paulo e Félix (São João da Pesqueira), santa Clara (Porto), santa Aurélia & filha (Sobral de Monte Agraço), são alguns desses corpos inexplorados. Outros viram-se afetados pelas limitações de acesso impostas pelos respetivos arquivos ou por falta de resposta (às tentativas de contacto) de párocos e proprietários.

Ao longo do estudo foi possível verificar que durante quase cento e setenta anos, entre 1703 e 1870, os *simulacra* em Portugal transformaram-se estilística, material e tecnicamente, o que permitiu agrupá-los em três categorias. Constatou-se que vários exemplares inventariados apresentavam as mesmas particularidades estilísticas, nomeadamente ao nível da posição dos corpos, da forma dos atributos, dos tecidos e padrões decorativos, da decoração dos passamanes, entre outros elementos, e claras semelhanças ao nível dos materiais (tecidos, rendas metálicas, papel, cera, gesso, etc.) e das técnicas utilizadas na sua manufatura. Assim, os rostos e os membros superiores e inferiores, originalmente de aspeto ossudo, cujos restos ósseos eram deixados à vista pela transparência dos tecidos e pelos espaçamentos das rendas metálicas, foram sendo gradualmente mascarados, adquirindo traços cada vez mais realistas através de tecidos mais densos e sobrepostos, e materiais de elevada opacidade e plasticidade como o gesso e a cera. Consequentemente, os rostos foram adquirindo uma delicadeza possibilitada pela substituição das (1) gazes de seda transparentes e aplicadas diretamente sobre os crânios, pelos (2) tecidos de seda (tafetá) previamente moldados e, mais tarde, pela (3) moldagem realista da cera (e, por vezes, também, do gesso e, possivelmente, da madeira), que iludia o olho inculto ou menos conhecedor do trabalho artístico. A representação mimética possibilitada pela cera (e, por vezes, pelo tecido moldado) levou a que este modelo fosse equivocadamente assumido como “incorrupto” ou “mumificado”, o que ainda hoje acontece em

alguns pontos do país. As três variantes descritas definem, no geral, as três categorias de simulacros identificadas.

Perante as evidências históricas e analíticas apresentadas no corpo do trabalho, presume-se que a evolução dos *simulacra* tenha sido proporcional ao número de ossos no seu interior. Ou seja, mais do que uma mudança de estilo artístico (barroco, rococó, neoclássico) ou uma repulsa pela visão cadavérica da primeira categoria de *simulacra*, suspeita-se que a transformação plástica que estas peças sofreram ao longo de século e meio – sinónimo de uma ocultação progressiva das relíquias no interior –, se deva, em grande parte, à escassez de esqueletos (quase) inteiros, provenientes das catacumbas de Roma. Recorde-se que nos inícios do século XIX, os cemitérios subterrâneos já tinham sofrido dois séculos intensivos de exumações, além de que as condições ambientais das galerias subterrâneas dificultavam, em grande medida, a recolha de ossos em boas condições, pelos vários séculos decorridos desde a utilização das galerias subterrâneas como local de sepultamento dos cristãos. Deste modo se justificaria o facto de a aquisição dos *corpos inteiros* dos primeiros mártires ser cada vez mais difícil. Com o tempo, os esqueletos começaram a apresentar-se bastante incompletos, compostos apenas por alguns ossos de maiores dimensões, como o crânio, os fémures, as tíbias, ..., mas, frequentemente, fragmentados. As vértebras, costelas, metacarpos e falanges, pelo seu tamanho diminuto, eram cada vez mais raros. Com efeito, a quantidade de ossos no interior dos simulacros a partir dos finais do século XVIII dispensava a necessidade de uma rede metálica interna como a existente nos primeiros modelos. Assim, sem uma estrutura interna para dar forma e sustentar o esqueleto, a posição inicial lateral com o cotovelo apoiado deixou de ser necessária, ou mesmo praticável. E à medida que as representações se foram tornando cada vez mais realistas mediante a introdução de materiais moldáveis – e, naturalmente, mais pesados –, os simulacros foram adquirindo uma posição de conforto: a posição jacente. Tal permite supor que a posição que as peças assumiram ao longo dos anos seja uma adaptação à quantidade de relíquias no seu interior aliada ao peso dos novos materiais.

A comparação com exemplares no estrangeiro, nomeadamente de Itália (centro produtor) e México, através do contacto com os investigadores Massimiliano Ghilardi e Gabriela Sánchez Reyes respetivamente, permitiu clarificar algumas técnicas e materiais utilizados, evidenciando as

parecenças entre exemplares produzidos no mesmo período cronológico. Assim, confirmou-se que os *simulacra* eram replicados de acordo com os modelos adotados pelos artesãos ou pelos ateliers de produção. Por esta razão, os recetáculos que não correspondiam estilisticamente às categorias definidas durante a investigação levantaram dúvidas sobre a sua origem, tendo sido sugerida a sua remontagem ou reconstrução tardia em Portugal. Crê-se, inclusive, que existam outros exemplares para além dos assinalados na parte III (capítulo 6); porém, sem o acesso direto às peças para o seu diagnóstico e para o estudo analítico trata-se de mera conjectura.

No caso dos simulacros de produção romana crê-se, ainda, que este trabalho tenha sido realizado em oficinas ou ateliers dedicados a esta tarefa piedosa e, provavelmente, lucrativa, possivelmente localizada, numa primeira fase, em Roma ou na sua cercania, seguindo, posteriormente, para uma produção local que passou a ocorrer em cada país, talvez por uma questão de preço, comodidade, mudança de estilo ou, até mesmo, de conservação. Perante o carácter inédito do estudo científico realizado e a confirmação de uma produção e/ou remontagens nacionais – muito embora não tenha sido possível dar continuidade à pesquisa nesta direção –, urge agora investigar onde e por quem foram produzidos.

Considerando a evolução artística destas peças devocionais supõe-se que os artesãos dedicados à sua manufatura tenham adquirido uma habilitação cada vez mais direcionada a satisfazer uma componente artística, na medida em que os trabalhos toscos, com pouco ou quase nenhum realismo, foram sendo substituídos por trabalhos com uma qualidade técnica e perfeição estética só passíveis de serem alcançados por artistas plásticos ou indivíduos com formação artística. De facto, nos últimos anos são cada vez mais os investigadores interessados na identificação dos artífices por trás das peças. Trata-se, porém, de uma área muito recente que levará o seu tempo. Os que existem, até à data, dizem respeito ao *ceroplasta* Antonio Magnani (n. 1743 - m. 1808), natural de Sorano (Itália), médico cirurgião e cirurgião pontifício, conhecido graças aos estudos de Massimiliano Ghilardi nos últimos anos, que tem vindo a inventariar os *corpisanti* em ceroplástica que aquele produziu. Santo Fortunato mártir (1787, Guimarães), santo Bonifácio mártir (1790, Borba de Godim) e santo Justino mártir (1793, Fragoso) são três dos exemplares produzidos por Magnani e exemplos da manufatura “em massa”, já que as suas produções rapidamente se espalharam pela

Europa e Américas, com grandes semelhanças entre si. Foram inclusive identificados e comparados exemplares em Portugal, Itália e México. Estas produções tiveram início no pontificado de Clemente XVI (p. 1769 - m. 1774), embora tenham tido maior impacto durante o pontificado de Pio VI (p. 1775 – m. 1799). O estudo desenvolvido por Massimiliano Ghilardi comprovou que os modelos produzidos por Antonio Magnani seguiam um padrão previamente definido. Digna de nota é a constatação de que os *corpisanti* que Magnani montava provinham maioritariamente da catacumba de santa Ciriaca e eram encomendados diretamente pelo sacristão pontifical.

Ainda que não tenha sido alvo de um estudo detalhado pelos investigadores referenciados na revisão literária, supõe-se que a evolução estilística dos exemplares produzidos em Roma seja fruto das obras dos conventos ou mosteiros-produtores dos países da Europa Central. Para esta hipótese considera-se a utilização da cera em exemplares na Alemanha e Áustria muito anteriores aos do reconhecido *ceroplasta*, entendido por Ghilardi como o *inventor de corpos santos em ceroplástica* ('*inventore dei corpisanti in ceroplastica*').

Independentemente das razões que levaram à distribuição ou à produção destes recetáculos devocionais figurativos, certo é que os *simulacra* constituem hoje um bem único de grande valor cultural e religioso que importa preservar.

Muitos dos exemplares inventariados em contexto nacional, consequência da desvirtuação e das crises dos séculos XIX e XX – invasões, guerras civis, descristianização, extinção das ordens religiosas, desamortização dos bens eclesiais, revoluções, etc. – estão, atualmente, em perigo iminente de desaparecimento. Embora a grande maioria ainda esteja nos espaços sacros, muitos perderam o culto que lhes era direcionado, enquanto outros foram tapados e armazenados sem os cuidados capazes de garantir a sua conservação. Deste modo, abandonados ou descuidados pelos proprietários e entidades que os detêm, os *simulacra* enfrentam atualmente sérios riscos de degradação por dissociação, um dos agentes mais danosos para estas peças. O desconhecimento do seu contexto e valor, o desinteresse voluntário, ou mesmo o descuido das partes envolvidas e, conseqüentemente, do público em geral, constitui a maior ameaça à preservação destas peças de elevado valor artístico e histórico.

Com efeito, e não obstante a perda de função e significado originais dos objetos rejeitados (porque “descontinuados”), os valores intangíveis que lhes foram (e são) atribuídos por uma sociedade num determinado tempo e espaço sobrevivem com eles, são parte da sua história e da sua materialidade. Ignorar a sua existência, bem como a conceção artístico-cultural para a qual foram criados (o trabalho do artesão, o propósito institucional da Igreja, as opções estéticas dos encomendadores, a projeção religiosa dos fiéis e as suas mutações ao longo do tempo, etc.) é, na visão das teorias contemporâneas, anular parte da sua história e do seu significado e, no fim, transmitir às futuras gerações apenas uma pequena parcela de um imenso legado. Assim, é com a história, materialidade e técnica dos *simulacra* que se gera uma aquisição ativa de novos valores (históricos, artísticos, etc.) e, conseqüentemente, de uma “nova” identidade contemporânea que sustenta a respetiva patrimonialização.

Contudo, a proteção do património implica um processo dinâmico e comunitário que carece do empenho por parte de todas as entidades envolvidas. É neste sentido que se retoma a ideia de que a participação das comunidades (crentes e não crentes) é, também ela, um fator-chave no processo. Desde logo, de uma alteração comportamental em direção ao conhecimento, (re)valorização e conseqüente preservação, promovendo a consciencialização ((in)formação e educação patrimonial), a transferência de conhecimento intergeracional e a participação ativa dos diversos públicos-alvo. Mas, antes disso, a Igreja tem de atuar e mobilizar-se para as entender e preservar como património da sua história. Relembrando as palavras do papa Paulo VI: o *tesouro artístico* da Igreja *deve ser conservado com muito cuidado*.

Os trabalhos práticos já realizados, apresentados na parte IV, assinalam a necessidade de se estabelecerem protocolos de intervenção de conservação e restauro que limitem a liberdade e/ou a subjetividade nas intervenções. Isto é, que aliem a prática profissional da conservação e restauro às normas da Igreja, evitando a sobreposição de um sobre o outro, convergindo ambos para um único fim: a preservação deste património para usufruto das gerações presentes e futuras na sua plenitude artística, documental, cultural, histórica, científica e espiritual.

Ao longo da presente investigação, os riscos identificados (com base nos nove agentes que intervêm na deterioração do património) foram avaliados ao nível do seu impacto na preservação das peças.

Esta avaliação permitiu elaborar um conjunto de recomendações práticas, majoritariamente de baixo custo e de aplicação imediata que, em geral, são da responsabilidade de todos os intervenientes na dinâmica das instituições. A ausência de medidas preventivas e de uma monitorização periódica dos espaços e das peças levará, inevitavelmente, à sua perda. Mas este não é o único desafio, pois um dos maiores problemas que os conservadores-restauradores enfrentam prende-se com a necessária atualização permanente das suas abordagens e metodologias. Estas devem ser implementadas e comunicadas com estratégias responsáveis e esclarecedoras para a valorização do legado patrimonial como repositório crucial para lidar com as questões culturais, diversidade, trânsitos (migrações, riscos, por exemplo) e novos tipos de fruição proporcionados pela tecnologia pós-digital.

## Bibliografia

- @sendusyourmartyr. (n.d.). Send Us Your Martyr. Retrieved April 22, 2022, from <https://www.instagram.com/sendusyourmartyr/>
- A capela de São Sebastião. (1963). *Jornal Da Costa Do Sol*, pp. 22, 25.
- A igreja de S. Mamede destruída por um violento incêndio. (1921, May 26). *A Capital*, pp. 0001–0002. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1921/MAIO/MAIO\\_item1/P41.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1921/MAIO/MAIO_item1/P41.html)
- Academia Nacional de Belas Artes. (2000). *Inventário Artístico de Portugal - Évora (CD-ROM)* (Vol. I). Lisboa.
- Achermann, H. (1979). *Die Katakombenheiligen und ihre Translationen in der schweizerischen Quart des Bistums Konstanz*. Stans: Verlag Historischer Verein Nidwalden.
- Alarcão, C. (2007). Prevenir para preservar o património museológico. *Museal - Revista Do Museu Municipal de Faro*, (2), 10–32.
- Alarcão, T., & Carvalho, J. (1993). *Imagens em paramentos bordados. Séculos XIV e XV*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Almeida, A., Pinho, I. G. de, Teles, J. B. G., & Caldas, J. V. (2019). *Quinta de Manique, na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. Relatório de caracterização de pré-existências. 25 de Março de 2019*. Lisboa: LMT Abreu Loureiro, Correia de Matos e Galvão Teles - Consultores em História e Património.
- Almeida, J. P. S. F. (2015). *Estudo e conservação de uma urna-relicário da Sé Catedral do Porto: a urna do mártir santo Aurélio*. Tese de Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais. Universidade Católica Portuguesa.
- Alterauge, A., Becker, T., Berndt, B., Jackowski, C., & Lösch, S. (2016). Testing “Saintly” authenticity: Investigations on two catacomb saints. *RadioGraphics*, 36(2), 573–579. <https://doi.org/10.1148/rg.2016150008>

- Ameal, J. (1957). *Santos portugueses*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- Amezcuca, M. (2014). La momia de San Vicente en La Malahá (Granada). Retrieved February 7, 2022, from <https://www.fundacionindex.com/gomeres/?p=669>
- AMP. (2008). *Venerável Ordem Terceira do Carmo. Inventário do Acervo Documental*. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel. Retrieved from <https://www.cm-penafiel.pt/wp-content/uploads/2016/10/ordemterceiradocarmo.pdf>
- Andrade, A. F. de. (1926). *Descrição e historia do concelho de Moimenta da Beira*. Viseu: Tipografia do “Jornal da Beira.”
- Antelo, T., Bueso, M., Gabaldón, A., & Vega, C. (2008). Un espacio para lo invisible. In M. del Egido & T. Calderón (Eds.), *La Ciencia y el Arte: ciencias experimentales y conservación del Patrimonio Histórico* (Vol. I, pp. 25–37). Espanha: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales Instituto del Patrimonio Histórico Español.
- ANTT. (1698). *L196 Livro da capela de Nossa Senhora do Desterro 1698 PT/TT/MSMALC/L196. Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça 1153/1833 [Manuscrito digitalizado]*. Alcobaça: Ordem de Cister, Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4616072>
- ANTT. (1727). *Manuel de Sande Vasconcelos*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1883581>
- ANTT. (1742). *12 Livro de Despesa 1721/1763 PT/TT/CORP/12. Congregação do Oratório do Porto 1680/1832 [Manuscrito digitalizado]*. Porto: Congregação do Oratório do Porto.
- ANTT. (1758a). Alcabideche, Cascais PT/TT/MPRQ/1/70 [Manuscrito digitalizado]. In *Memórias Paroquiais (vol. 1, nº 70, p. 493 a 500)*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238791>
- ANTT. (1758b). Mateus, Vila Real PT/TT/MPRQ/22/84 [Manuscrito digitalizado]. In *Memórias Paroquiais (vol. 22, n.º 84, p. 565 a 572)*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4240720>

- ANTT. (1798). *Diligência de habilitação para a Ordem de Cristo de Caetano Alexandre da Fonseca Pinto de Albuquerque* PT/TT/MCO/A-C/002-003/0010/00003. *Mesa da Consciência e Ordens, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra C, mç. 10, n.º 3 [Manuscrito digitalizado]*. Lisboa, Portugal. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7678355>
- ANTT. (1876). *Inventário de extinção do Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais de Jesus de Lisboa [Manuscrito digitalizado]*. Lisboa: Ministério das Finanças. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4224405>
- ANTT. (2016). Processos de extinção das casas religiosas femininas em Portugal. Retrieved April 12, 2018, from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4224345>
- Aranha, B. M. (1761). *Cuidados da morte, e descuidos da vida, representados nas vidas dos santos, e santas, dos varoens illustres em virtude, e veneraveis servas de Deos, que, como refulgentes astros, e luzidissimos planetas, esmaltarão o etereo firmamento da Igreja Lusitana* (Vol. I). Lisboa: Na Officina de Francisco Borges de Sousa. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=-NwzgDXrRmIC&printsec=frontcover&dq=Cuidados+da+morte+e+descuidos+da+vida...+Com+a+addicao+das+prodigios+as+vidas+dous+mayores+santos...+Por+Boaventura+Maciel+Aranha&hl=pt-PT&sa=X&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Cuidados da mo](https://books.google.pt/books?id=-NwzgDXrRmIC&printsec=frontcover&dq=Cuidados+da+morte+e+descuidos+da+vida...+Com+a+addicao+das+prodigios+as+vidas+dous+mayores+santos...+Por+Boaventura+Maciel+Aranha&hl=pt-PT&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=Cuidados+da+mo)
- Araújo (O.F.M.), A. de S. (1993). Figuras Venerandas de Franciscanos. *Itinerarium - Revista Trimestral de Cultura*, XXXIX(146/147), 235–268.
- Araújo, M. E. M. de. (2006). Corantes naturais para têxteis - da Antiguidade aos tempos modernos. *Conservar Património*, 3–4, 39–51. [https://doi.org/10.14568/cp3-4\\_4](https://doi.org/10.14568/cp3-4_4)
- Araújo, N. de. (1992). *Peregrinações em Lisboa* (Vol. 4). Lisboa: Editorial Vega.
- Ariès, P. (1988). *O Homem perante a morte* (Vol. I). Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: Publicações Europa-América.
- ARINSCSP. (1804). *Livro de Inventário da Irmandade [Manuscrito]*. Guimarães: Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.
- Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. (n.d.). Festas Gualterianas. Guimarães. Retrieved May 26,

2021, from <https://www.amap.pt/p/festas-gualterianas>

- Asperger, A., Engewald, W., & Fabian, G. (1999). Analytical characterization of natural waxes employing pyrolysis–gas chromatography–mass spectrometry. *Journal of Analytical and Applied Pyrolysis*, 50(2), 103–115. [https://doi.org/10.1016/S0165-2370\(99\)00031-5](https://doi.org/10.1016/S0165-2370(99)00031-5)
- Aymon, J. (1726). *Tableau de la cour de Rome, dans lequel sont représentés au naturel sa Politique, & son Gouvernement tant Spirituel, que Temporel, les cérémonies religieuses & civiles, ce qui s'observe dans le conclave à l'élection des papes, les cavalcades, & plusieurs* (2nd ed.). Haye: Chez Jean Neaulme. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=73zq6AZ\\_9moC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=73zq6AZ_9moC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Azevedo, J. de. (1877). *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*. Porto: Typographia do Jornal do Porto.
- Azevedo, J. L. de. (1922). *O Marquês de Pombal e a sua época* (2<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro; Lisboa; Porto: Anuario de Lisboa; Seara Nova; Renascença Portuguesa. Retrieved from <https://archive.org/details/omarqusdepomba00azevuoft/page/n7/mode/2up>
- Bacocchi, S., Boutry, P., Duhamelle, C., Fabre, P.-A., & Julia, D. (2011). La distribution des corps saints des catacombes à l'époque moderne: de Rome aux nations. In J.-P. Zúñiga (Ed.), *Pratiques du transnational. Terrains, preuves, limites* (pp. 101–120). Paris: Centre de recherches historiques. Retrieved from [https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/650024/filename/CRH\\_pratiques-du-transnational.pdf](https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/650024/filename/CRH_pratiques-du-transnational.pdf)
- Bacocchi, S., & Duhamelle, C. (Eds.). (2016). *Reliques romaines : invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne*. Rome: École Française de Rome.
- Báez Hernández, M. A. (2018). The *Corpi Santi* under the government of Pius VI, materiality as a sign of identity: first approaches to novohispanic cases. In M. Van Strydonck, J. Reyniers, & F. Van Cleven (Eds.), *Relics@The Lab. An Analytical Approach to the Study of Relics* (pp. 21–42). Leuven: Peeters Publishers.
- Báez Hernández, M. A. (2021). Sacre reliquie dei cimiteri di Roma: Esbozos de un fenómeno

- internacional de traslación de corpi santi entre Italia, Francia y México (1830-1850). *Revista Eviterna*, (10), 7–24. <https://doi.org/10.24310/Eviternare.vi10.13135>
- Báez Hernández, M. A. (2022). ¿Objeto artístico o herramienta devocional? Los cuerpos relicario, un caso de olvido historiográfico. In P. Díaz Cayeros & F. U. Santoncini (Eds.), *Intervenciones y escultura virreinal: historia e interpretación*. México: Universidad Nacional Autónoma de México; Instituto de Investigaciones Estéticas.
- Ballestriero, R. (2010). Anatomical models and wax Venuses: art masterpieces or scientific craft works? *Journal of Anatomy*, 216(2), 223–234. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7580.2009.01169.x>
- Ballestriero, R. (2012). The Death in Wax - The Funeral ceroplastics in European 17th-18th century tradition. In *Proceedings of the Art of Death & Dying Symposium held at the University of Houston (TX), October 25-27, 2012* (pp. 10–23). Houston: Universidad de Houston. Retrieved from <https://journals.tdl.org/add/index.php/add/article/view/7031>
- Ballestriero, R. (2013). *Efigie, cadáver y cuerpo enfermo en la ceroplástica*. Tesis de Doctorado en Historia del Arte III. Universidad Complutense de Madrid - Facultad de Bellas Artes.
- Barber, D. J., Hijas Díez, C. M. de, & Gomez-Morón, A. (2008). Aplicaciones de la microscopía óptica y electrónica de barrido. In M. del Egido & T. Calderón (Eds.), *La Ciencia y el Arte: ciencias experimentales y conservación del Patrimonio Histórico* (pp. 68–80). España: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales Instituto del Patrimonio Histórico Español.
- Barbosa, I. de V. (1863). Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inedito). Arrabalde de Lisboa. Paço D’Arcos, Oeiras e Carcavellos. *Arquivo Pittoresco*, VI(49), 386–387. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N49/N49\\_master/ArquivoPitroesco1863N49.PDF](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N49/N49_master/ArquivoPitroesco1863N49.PDF)
- Barbosa, I. de V. (1864). Guimarães. Epochas da sua prosperidade passada; desenvolvimento da

sua indústria e povoação; praça do Toural e o Campo da Feira; a ponte do mesmo; Igreja de Nossa Senhora da Consolação. *Arquivo Pittoresco*, VII(12), 92–94. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/ArquivoPittoresco\\_TomoVII.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/ArquivoPittoresco_TomoVII.htm)

Barreiros, I. (2020). Tratamento e máscara de silicone: o que se sabe sobre o corpo de Carlo Acutis. Retrieved June 3, 2022, from <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-que-se-sabe-sobre-o-estado-de-conservacao-do-corpo-de-carlo-acutis.phtml>

Barreto, J. T. M. (1928). *Memórias do marquês de Fronteira e D'Alorna D. José Traçimundo Mascarenhas Barreto ditadas por êle próprio em 1861* (Vol. III e IV). Coimbra: Imprensa da Universidade. Retrieved from <https://purl.pt/12114/4/>

Barruncho, P. L. de S. B. (1873). *Apontamentos para a história da villa e concelho de Cascaes*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real.

Barth, A. (2007). Infrared spectroscopy of proteins. *Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - Bioenergetics*, 1767(9), 1073–1101. <https://doi.org/10.1016/j.bbabi.2007.06.004>

Bashir, M., & Haripriya, S. (2016). Assessment of physical and structural characteristics of almond gum. *International Journal of Biological Macromolecules*, 93, 476–482. <https://doi.org/10.1016/j.ijbiomac.2016.09.009>

Bastos, C. G. (2017). Perspectivas antropológicas sobre o turismo religioso: atravessando as fronteiras do turismo e da peregrinação. *Debates Do NER*, 18(31), 307–330. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.65597>

Bernardi, G. (2020). Scempio a Sant'Agata, profanata e devastata la chiesa. Non è più un caso. Retrieved September 24, 2020, from [https://www.lalucedimaria.it/santagata-caltanissetta-vandali-chiesa-gesu-caso/amp/?\\_\\_twitter\\_impression=true&s=09&fbclid=IwAR27yDo8JtPkqeXg9RI7v8kCzW99GcW8dmI7CwValtYHNwfGBE5guexHrio](https://www.lalucedimaria.it/santagata-caltanissetta-vandali-chiesa-gesu-caso/amp/?__twitter_impression=true&s=09&fbclid=IwAR27yDo8JtPkqeXg9RI7v8kCzW99GcW8dmI7CwValtYHNwfGBE5guexHrio)

Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano. (n.d.). S. Pedro Apostolo, São Pedro Apóstolo.

Retrieved September 21, 2021, from  
<http://www.iberamericadigital.net/BDPI/Search.do;jsessionid=C206A156B2D698AE15B988D3054D6348?numfields=1&field1=docId&field1val=008-2032358&field1Op=AND&advanced=true&hq=true&important=Título%3A+S.+Pedro+Apostolo>

- Boersma, F., Brokerhof, A. W., Berg, S. van den, & Tegelaers, J. (2007). *Unravelling textiles. A handbook for the preservation of textile collections*. London: Archetype Publications Ltd.
- Boldetti, M. (1720). *Osservazioni sopra i cimiterj de' Santi Martiri, ed antichi cristiani di Roma* (Vol. I). Roma: Maria Salvioni Stampatore Vaticano nell'Archiginnasio della Sapienza.
- Borgen, P. (1996). *Early Christianity and hellenistic Judaism*. Edinburgh: T&T Clark.
- Borromeo, C. (1985). *Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos*. (E. I. Estrada de Gerlero & B. Reyes Coria, Eds.), *Estudios y fuentes del arte en México* (Vol. 49). México: Universidad Nacional Autónoma de México; Impr. Universitaria.
- Bosio, A. (1632). *Roma sotterranea*. (G. Severani, Ed.). Roma: Facciotti.
- Botelho, A. (1902). A casa de Matheus, do Conde de Villa Real. *Brasil-Portugal - Revista Quinzenal Ilustrada*, (87), 612–614. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1902\\_1903/N87/N87\\_master/N87.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1902_1903/N87/N87_master/N87.pdf)
- Boutry, P. (1979). Les saints des Catacombes. Itinéraires français d'une piété ultramontaine (1800-1881). *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen-Age, Temps Modernes*, 91(2), 875–930. <https://doi.org/10.3406/mefr.1979.2519>
- Boutry, P. (2016). Les corps saints des catacombes. In S. Baciocchi & C. Duhamelle (Eds.), *Reliques romaines: invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne* (pp. 225–259). Rome: École française de Rome.
- Boutry, P., Fabre, P.-A., & Julia, D. (2009a). *Reliques modernes. Cultes et usages chrétiens des corps saints des Réformes aux révolutions*. (P. Boutry, P.-A. Fabre, & D. Julia, Eds.) (Vol. II). Paris: Éditions de l'École de hautes études en sciences sociales.

- Boutry, P., Fabre, P.-A., & Julia, D. (2009b). *Reliques modernes. Cultes et usages chrétiens des corps saints des Réformes aux révolutions*. (P. Boutry, P.-A. Fabre, & D. Julia, Eds.) (Vol. I). Paris: Éditions de l'École de hautes études en sciences sociales.
- Bouza Álvarez, J. L. (1990). *Religiosidad contrarreformista y cultura simbólica del barroco*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Braga, J. (2014). *Memórias Paroquiais: índice*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Retrieved from <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/Memorias-paroquiais-indice-final-2014.pdf>
- Brandi, C. (2006). *Teoria do restauro*. Amadora: Edições Orion.
- Brás, P. (2012). A arte depois de Trento: a apoteose da artificialização. O convento de chagas de Lamego. In A. Oliveira, J. Varanda, J. C. Peixoto, E. Gonçalves, & V. Pereira (Eds.), *O barroco em Portugal e no Brasil* (pp. 225–236). Maia: Edições ISMAI.
- Bruquetas Galán, R. (2012). Conservación preventiva en lugares de culto. Pintura de caballete. In *Conservación preventiva en lugares de culto. Actas de las jornadas celebradas en el Instituto del Patrimonio Cultural de España. 25, 26 y 27 de marzo de 2009* (pp. 61–64). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Budzyński, R., Filipchuk, D., Jakubowski, M., Marozau, D., Noyes, R. S., & Veličkaitė, V. (2021). 'Baltic catacombs.' Translating corpisanti catacomb relic-sculptures between Rome, Polish Livonia, and the Lithuanian Grand Duchy circa 1750-1800. *Open Research Europe*, 1, 18. <https://doi.org/10.12688/openreseurope.13259.1>
- Bullivant, S. (2018). *Europe's Young Adults and Religion: Findings from the European Social Survey (2014-16) to inform the 2018 Synod of Bishops. Technical Report*. Benedict XVI Centre for Religion and Society. London.
- Bundy, W. M., & Ishley, J. N. (1991). Kaolin in paper filling and coating. *Applied Clay Science*, 5(5–6), 397–420. [https://doi.org/10.1016/0169-1317\(91\)90015-2](https://doi.org/10.1016/0169-1317(91)90015-2)
- Burkardt, A. (2009). Les fêtes de translation des saints des catacombes en Bavière (XVIIe-XVIIIe

- siècles). In B. Dompnier (Ed.), *Les Cérémonies Extraordinaires du Catholicisme Baroque* (pp. 79–98). France: Presses Universitaires Blaise-Pascal.
- Bynum, C. W. (1991). Material Continuity, Personal Survival and the Resurrection of the Body: A Scholastic Discussion in Its Medieval and Modern Contexts. In *Fragmentation and Redemption. Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion* (pp. 239–295). New York: Zone Books.
- Bynum, C. W., & Gerson, P. (1997). Body-Part Reliquaries and Body Parts in the Middle Ages. *Gesta*, 36(1), 3–7. <https://doi.org/10.2307/767274>
- Cabral, J. de P. (1985). Os cultos da morte no noroeste de Portugal. In R. G. Feijó, H. Martins, & J. de P. Cabral (Eds.), *A Morte no Portugal Contemporâneo* (pp. 65–87). Lisboa: Querco.
- Cabral, J. de P. (1989a). 14. As ofertas votivas e a reciprocidade com os santos. In *Filhos de Adão, filhas de Eva: A visão do mundo camponesa no Alto Minho* (pp. 187–196). Lisboa: Etnográfica Press. <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.1709>
- Cabral, J. de P. (1989b). *Filhos de Adão, filhas de Eva: A visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Etnográfica Press. <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.1709>
- Calado, M. (2003). *História da renda de bilros de Peniche*. S.l.: Edição do Autor.
- Calvin, J. (1854). *Treatise on relics*. Edinburgh: Johnstone and Hunter.
- Calvo, A. (1997). *Conservación y restauración. Materiales, técnicas y procedimientos de la A a la Z*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Cameo. (2022). Ellagic acid. Retrieved February 14, 2022, from [https://cameo.mfa.org/wiki/Ellagic\\_acid](https://cameo.mfa.org/wiki/Ellagic_acid)
- Canadian Conservation Institute. (2017). Agents of deterioration. Retrieved June 12, 2022, from <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration.html>
- Cantos Martínez, O. (2012). Medidas de conservación preventiva aplicadas históricamente en la ejecución y mantenimiento de obras de arte en lugares de culto. In *Conservación preventiva en lugares de culto. Actas de las jornadas celebradas en el Instituto del Patrimonio Cultural de España*. 25, 26

y 27 de março de 2009 (pp. 11–13). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.

Capela, J. V., Matos, H., & Castro, S. (2006). *As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património* (Vol. 3). Braga: Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas.

Capela, J. V., Matos, H., & Castro, S. (2016). *As freguesias dos distritos de Lisboa e Setúbal nas memórias paroquiais de 1758. Memórias, História e Património* (Vol. 9). Braga: Casa Museu de Monção/Universidade do Minho.

Capelão, R. M. dos S. (2011a). *El culto de reliquias en Portugal en los siglos XVI-XVII. Contexto, norma, funciones y simbolismo*. Tese de Doutoramento em História e Estudos Políticos e Internacionais. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Capelão, R. M. dos S. (2011b). Lo racional en el culto de las reliquias: la función taumatúrgica. La necesidad de creer. *História - Revista Da Faculdade de Letras*, 1(IV), 105–117.

Carbó, M. T. D., Martínez, V. P., Adelantado, J. V. G., Reig, F. B., & Moreno, M. C. M. M. (1997). Fourier transform infrared spectroscopy and the analytical study of sculptures and wall decoration. *Journal of Molecular Structure*, 410–411, 559–563. [https://doi.org/10.1016/S0022-2860\(96\)09749-9](https://doi.org/10.1016/S0022-2860(96)09749-9)

Cardoso, G., Miranda, J., & Teixeira, C. A. (2009). *Registo fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Alcabideche: Junta de Freguesia de Alcabideche.

Cardoso, J. (1652). *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insignes patronos desta inchyta cidade Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante* (Vol. I). Lisboa: Na Officina Craesbeekiana.

Cardoso, J. (1657). *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insignes patronos desta inchyta cidade Lisboa, e a seu illustre Cabido Sede Vacante* (Vol. II). Lisboa: Na Officina de Henrique Valente D'Oliveira.

Cardoso, J. (1666). *Agiologio lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente, e S. Antonio, insignes patronos desta inchyta cidade Lisboa,*

- e a seu illustre Cabido Sede Vacante* (Vol. III). Lisboa: Na Officina de António Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza.
- Carvalho, C. R. (2014). Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos: pesquisa e prática. *Revista CPC*, (18), 141. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p141-153>
- Carvalho, A. P. de. (2017). Conto doméstico - 2. Retrieved August 27, 2019, from <http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/cronicas/625-conto-domestico-2.html?fbclid=IwAR2xgxPSm2J2gVsIl324Erp5WbL7Kr5B1EgkYC7o34YRu9z2oEraGy5jVpI>
- Carvalho, M. J. V. de. (2004). *Normas de inventário. Escultura. Artes plásticas e artes decorativas*. (Direção de Serviços de Inventário & Instituto Português de Museus, Eds.). Lisboa: Instituto Português de Museus. Retrieved from [http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/download/normas/ap\\_ad\\_escultura.pdf](http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/download/normas/ap_ad_escultura.pdf)
- Carvalho, J. A. de F. (2001). Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia. *Via Spiritus*, 8, 95–155.
- Casanovas, L. E. (2013). A sustentabilidade: o equilíbrio entre o clima exterior e as condições-ambiente dos espaços museológicos: o Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e o Museu de São Roque. *Estudos de Conservação e Restauro*, 1(2), 11–20. <https://doi.org/10.7559/ecr.2.3173>
- Cassar, M. (1994). Preventive conservation and building maintenance. *Museum Management and Curatorship*, 13(1), 39–47. [https://doi.org/10.1016/0964-7775\(94\)90023-X](https://doi.org/10.1016/0964-7775(94)90023-X)
- Castro, J. de. (1939). *Portugal em Roma* (Vol. I). Lisboa: União Gráfica.
- Castro, J. B. de. (1747). *Mappa de Portugal* (Vol. III). Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio.
- Castro, J. B. de. (1758). *Mappa de Portugal* (Vol. V). Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

*Catálogo da colecção de quadros, gravuras, estampas, móveis, esculturas, adornos e outros objectos de arte do Palácio do Senhor Marquez de Pombal em Oeiras. Exposição no Palácio ex-Camarido, por amável e honrosa cedência da Nunciatura Apostólica de Lisboa.* (1939). Lisboa: Editorial Império.

Catholic-Hierarchy. (n.d.). Bishop Giuseppe Bartolomeo Menocchio, O.E.S.A. Retrieved October 8, 2021, from <https://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bmenoc.html>

CBJM. (n.d.). N.º 60 - Rol dos dias q se gastaram no bom Jesus do Monte por mandado do mordomo o Snr. Felipe dias. In *Documentos de Despesa - Vilhetas da ordinária 1781-1787 (cota 1032) [Manuscrito]* (p. 1). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1778a). 20 de agosto de 1778. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (p. 76r-v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1778b). 6 de agosto de 1778. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (pp. 75v-76r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1779). 29 de março 1779. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (pp. 79v-80r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1780a). 10 de maio de 1780 - Termo de Meza em que se determinou a porsisam p.<sup>a</sup> o corpo santo hir p.<sup>a</sup> o Bom Jesus (...). In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (pp. 89v-90r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1780b). 16 de junho de 1780 - Tr.º de Meza p.<sup>a</sup> a factura, e fr.<sup>a</sup> da procição do corpo de São Clemente, e sua festivid.e em o Santuario do Bom Jesus do Monte, e p.<sup>a</sup> os Rd.os sacerdotes, q costumão celebrar a mayor p.te do anno em o m.º Santuario o poderem fazer q. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (pp. 93v-94r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus

do Monte.

CBJM. (1780c). 5 de julho de 1780 - Tr.º de Meza, q contem a forma da procição do Martir São Clemente, â Sua collocação e festivid.e. Hem como se mandavão recolher os Breves do Jubeo, e indulgencias, q nelle se expreção, e se despachava do juro cento, e setenta mil re. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (pp. 96v-99v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1780d). 5 de julho de 1780 - Tr.º de Meza, q contem âespontanea, e gratuita doação das Reliquias S.tas, q ão Santuario do Bom Jesus do Monte liberalizou o D.or Fran.co Ventura Maciel desta Cida.e, p.ª en a sua Capella môr se exporem â Vener.am dos fieis, e p.ª. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (pp. 94-96v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1780e). N.º 23 - Em 22 de Junho de 1780 Dei p.ª a festa e preçição do Corpo Santo por ordem do S.r Constantino Serqueira a Sera seg.te. In *Documentos de Despesa - Vilbetas da ordinária 1781-1787 (cota 1032) [Manuscrito]* (p. 1). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1781). 3 de janeiro de 1781 - Tr.º de Meza p.ª a entrega, e mostra das contas, e veronicas, q ao D.or Fran.co Ventura Maciel se havião recomend.º mandace vir de Roma bentas, e com indulgencia, em razão do interesse, q em outras se havia experimentado, e p.ª e. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as N. 2º (cota 30) [Manuscrito]* (p. 103r-v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1782a). 10 de abril de 1782 - Tr.º de Meza p.ª ô acabam.to das Imagens de meyo corpo, p.ª se encadernarem em hum L.º as Authenticas das relíquias S.tas, com os Breves do Jubilleo, e mais Indulgencias, e com o Edital do Altar privilegiado e Prov.am p.ª a colloc.am. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.º de 1770as e findou em Abril de 1786as*

N. 2º (cota 30) [Manuscrito] (pp. 127v – 130). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1782b). 7 de janeiro de 1782 - Termo de Meza p.<sup>a</sup> â demonstração da cordeal devoção do Sereniss.<sup>o</sup> Senhor Dom Gaspar, Arceb.<sup>o</sup> Primaz, p.<sup>a</sup> com o Sanctuario do Bom Jesus do Monte, em q tambem se descreve â soleniniss.<sup>a</sup> Procissão, q se fes nesta cid.e com â Imagem de. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.<sup>o</sup> de 1770as e findou em Abril de 1786as* N. 2º (cota 30) [Manuscrito] (pp. 121r-126v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1784). 27 de maio de 1784 - Termo de Meza em q se acordou se convidace o R.do D.or Provizor Pedro Paulo de Barros Per.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> hir fazer a função da primr.<sup>a</sup> pedra p.<sup>a</sup> o novo Templo. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.<sup>o</sup> de 1770as e findou em Abril de 1786as* N. 2º (cota 30) [Manuscrito] (p. 168r-v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1785). 3 de julho de 1785 - Termo de Meza por onde consta forão entregues os Breves do Jubileu, Indultos, e mais graças, e as authenticas das reliquias de q se compoem o Altar do Santuario da Capella Principal. In *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.<sup>o</sup> de 1770as e findou em Abril de 1786as* N. 2º (cota 30) [Manuscrito] (pp. 176r-179r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1786). *Livro dos termos da Confraria do Bom Jesus do Monte teve principio em Nobr.<sup>o</sup> de 1770as e findou em Abril de 1786as*. N. 2º (cota 30) [Manuscrito]. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1793). *1758-1793: Livro do recibo dos Thezoureiros* (cota 770) [Manuscrito]. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

CBJM. (1804). 23 de julho de 1804 - Termo de Meza Ordinaria q consta mandar-se demolir a Igr.<sup>a</sup> velha : aceitar hum Irmão. In *Livro dos termos, e elleiçõens da Confr. do Snr. do Monte mez de Mayo de 1786. Findou em 1809*. N. 3º (cota 31) [Manuscrito] (pp. 115v-116r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.

- CBJM. (1808a). 21 de agosto de 1808. In *Livro dos termos, e elleiçõens da Confr. do Snr. do Monte meꝝ de Mayo de 1786. Findou em 1809. N. 3º (cota 31) [Manuscrito]* (pp. 178v-179v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1808b). *Livro da Despesa 1782-1808 (cota 729) [Manuscrito]*. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1809a). 30 de outubro de 1809. In *Livro dos termos, e elleiçõens da Confr. do Snr. do Monte meꝝ de Mayo de 1786. Findou em 1809. N. 3º (cota 31) [Manuscrito]* (pp. 192r-193r). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1809b). *Livro dos termos, e elleiçõens da Confr. do Snr. do Monte meꝝ de Mayo de 1786. Findou em 1809. N. 3º (cota 31) [Manuscrito]*. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1810). N.º 63. In *Documentos de Despesa 1806-1813 (cota 1033) [Manuscrito]* (p. 1). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1819). 5 de maio de 1819. In *Nº 4 Termos de Meza de 1809 a 1838 (cota 32) [Manuscrito]* (pp. 60-61v). Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1838). *Termos de Meza de 1809 a 1838. Nº 4 (cota 32) [Manuscrito]*. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1854). *L. da desp. do Bom Iesus do Monte 1760-1854 (cota 728) [Manuscrito]*. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CBJM. (1863). *1808-1863: Livro de recebimentos do thesourado das esmolos (cota 772) [Manuscrito]*. Braga: Arquivo Histórico da Confraria do Bom Jesus do Monte.
- CCI Textile Lab. (2008). CCI Notes 13/11 - Natural Fibers. In *CCI Notes* (3rd ed., pp. 1–4). Ottawa: Canadian Conservation Institute. Retrieved from <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/natural-fibres.html>

- Cheney, D. M. (2020). Archbishop Domenico de Zaoli (Zaulis). Retrieved April 26, 2021, from <http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bzaulis.html>
- Church, A. J., & Brodribb, W. J. (1876). *Annals of Tacitus. Translated into English, with notes and maps*. London: Macmillan and Co.
- Ciappara, F. (2017). Translating “Holy Bodies” (Corpi Santi) in Malta, 1667-1795. *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, 43(3), 1–17. <https://doi.org/10.3167/hrrh.2017.430301>
- Collet, A. (2021). Cristianismo: relíquias sagradas devem ser consideradas patrimônio cultural. Retrieved June 8, 2021, from [https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-06/cristianismo-reliquias-sagradas-acervo-ourem-fatima-portugal.html?fbclid=IwAR3uEgSK9L6AKRMUIE904HpANu8zRiFA-C3fAU3ZPMuhgdb0QL\\_w1IU2w4Y](https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-06/cristianismo-reliquias-sagradas-acervo-ourem-fatima-portugal.html?fbclid=IwAR3uEgSK9L6AKRMUIE904HpANu8zRiFA-C3fAU3ZPMuhgdb0QL_w1IU2w4Y)
- Conceição, C. da. (1820). *Gabinete histórico* (Vol. VII). Lisboa: Na Impressão Regia. Retrieved from <https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&id=pFVjAAAAcAAJ&q=Athaide#v=onepage&q=Athaide&f=false>
- Conceição, C. da. (1881). *Gabinete Histórico* (2ª ed., Vol. XVI). Lisboa: Imprensa Nacional. Retrieved from <https://archive.org/details/gabinetehistoric16clau>
- Conde, A. (2012). O culto de Nossa Senhora dos Prazeres na freguesia de Mateus (Vila Real). Retrieved November 29, 2018, from <https://mateusvilareal.blogspot.com/2012/05/o-culto-de-nossa-senhora-dos-prazeres.html>
- Congregação dos Ritos. (1825). *Ad decreta authentica Congregationis Sacrorum Rituum appendix altera continens instructionem Clementis XI. Jussu editam de His, quae servanda sunt pro expositione sanctissimi sacramenti in oratione quadraginta horarum commentariis illustratam* (Vol. VI). Romae: Apud Franciscum, et Leopoldum Bourlié. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=P8lPG0gqRmkC&redir\\_esc=y](https://books.google.pt/books?id=P8lPG0gqRmkC&redir_esc=y)
- Congregação dos Ritos. (1826). *Decreta authentica Congregationis Sacrorum Rituum ex actis ejusdem Sac. Congr. collecta cura, et studio sacerdotis Aloysii Gardellini ejusdem S. R. C. assessoris, et sub-promotoris fidei*

- (Vol. VII). Romae: Typis Francisci, et Leopoldi Bourlié. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=P1oPAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=imagines simulacra &f=false](https://books.google.pt/books?id=P1oPAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=imagines simulacra &f=false)
- Congregação para as Causas dos Santos. (2007). “Sanctorum Mater”. Instruction for conducting Diocesan or Eparchial Inquiries in the Causes of Saints. Retrieved December 23, 2017, from [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/csaints/documents/rc\\_con\\_csaints\\_doc\\_20070517\\_sanctorum-mater\\_en.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20070517_sanctorum-mater_en.html)
- Congregação para as Causas dos Santos. (2017). Instruction “Relics in the Church: Authenticity and Preservation.” Retrieved December 23, 2017, from [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/csaints/documents/rc\\_con\\_csaints\\_doc\\_20171208\\_istruzione-reliquie\\_en.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20171208_istruzione-reliquie_en.html)
- Cook, J. G. (2011). *Handbook of textile fibres. Vol. I - Natural Fibres*. Oxford: Woodhead Publishing Limited.
- Cópio, S. (2011). Conservação preventiva – avaliação de risco e sustentabilidade nas igrejas de Marvila e Alhandra, da diocese de Lisboa. In G. V. e Sousa, E. Vieira, & CITAR/UCP (Eds.), *Actas do I Encontro Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro* (pp. 132–143). Porto.
- Corposantos. (n.d.). Retrieved December 4, 2013, from <https://preguntasantoral.blogia.com/temas/corposantos/>
- Costa, A. C. da. (1712). *Corografia Portuguesa, e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contêm; Varões illustres [...]* (Vol. III). Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana.
- Costa, A. R. da. (1789). *Descripção topográfica e histórica da cidade do Porto*. Porto: Na Officina de António Alvarez Ribeiro.
- Costa, M. P. da. (2004). Glossário de termos têxteis e afins. *Ciências e Técnicas Do Património - Revista Da Faculdade de Letras, III*, 137–161. Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4088.pdf>

- Costa, M. P. da. (2020). *Glossário de termos têxteis e afins (II)*. Porto: 5livros.pt.
- Costa, V. (2008). Ligas metálicas: estrutura, propriedades e conservação de objectos culturais. In A. C. F. da Silva & P. M. Homem (Eds.), *Ligas metálicas: investigação e conservação* (pp. 15–27). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Council of Europe. (2005). Framework convention on the value of cultural heritage for society. In *The Faro Convention on the Value of Cultural Heritage for Society* (pp. 1–9). Faro. Retrieved from <https://rm.coe.int/1680083746>
- Coutinho, B. X. (1970). A descristianização de Portugal no século XIX. In D. Baker (Ed.), *Miscellanea Historiae Ecclesiasticae III: Colloque de Cambridge, 24-28 september 1968* (pp. 359–379). Louvain: Nauwelaerts.
- Cova, T. F. G. G., Pais, A. A. C. C., & Seixas de Melo, J. S. (2017). Reconstructing the historical synthesis of mauveine from Perkin and Caro: procedure and details. *Scientific Reports*, 7(1), 6806. <https://doi.org/10.1038/s41598-017-07239-z>
- Crutcher, R. (2007). Hair. Retrieved March 9, 2022, from <http://www.microlabgallery.com/hair.aspx>
- Cruz, A. J. (2000). A matéria de que é feita a cor – Os pigmentos utilizados em pintura e sua identificação e caracterização. In *1.os Encontros de Conservação e Restauro – Tecnologias* (pp. 1–25). Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. Retrieved from <http://ciarte.pt/conferencias/html/200001/200001.html#ir>
- Cruz, A. J. (2004). *As cores dos artistas. História e ciência dos pigmentos utilizados em pintura*. Lisboa: Apenas Livros. Retrieved from <http://www.ciarte.pt/artigos/200401.html>
- Cuggiò, N. (2016). Du custode des saints reliques. In S. Baciocchi & C. Duhamelle (Eds.), *Reliques romaines: invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne* (pp. 119–130). Rome: École Française de Rome.
- D'Amato, R., & Sumner, G. (2005). *Roman Military Clothing (3) AD 400-640*. Oxford: Osprey Publishing.

- D'encarnação, J. (1984). *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*. Tese de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.
- Dahan, M. (2014). *Imported Devotions: Roman Catacomb Saints in Ultramontane Montreal*. Master Thesis in History. McGill University, Montreal.
- Dahan, M. (2017). Saint Zotique de Montréal : itinéraire d'une dévotion ultramontaine (1845-2005). *Études d'histoire Religieuse*, 83(1-2), 43-60. <https://doi.org/10.7202/1040857ar>
- Daher, C., Paris, C., Le Hô, A.-S., Bellot-Gurlet, L., & Échard, J.-P. (2010). A joint use of Raman and infrared spectroscopies for the identification of natural organic media used in ancient varnishes. *Journal of Raman Spectroscopy*, 41(11), 1494-1499. <https://doi.org/10.1002/jrs.2693>
- De Rossi, G. B. (1864). *La Roma sotterranea cristiana descritta ed illustrata dal Cav. G. B. De Rossi pubblicata per ordine della santità di N. S. Papa Pio nono* (Vol. I). Roma: Cromo - Litografia Pontificia.
- Dela Cruz, D. C. (2013). *More precious than gold. A catechesis on the veneration of the saints and their relics*. Philippines: Claretian Publications.
- Dicionário de Latim-Português*. (2017) (4rd ed.). Porto: Porto Editora.
- Direção-Geral do Património Cultural. (2010). MatrizNet. Retrieved September 18, 2022, from <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Home.aspx>
- Ditchfield, S. (1993). Martyrs on the move: relics as vindicators of local diversity in the tridentine church. In D. Wood (Ed.), *Martyrs and martyrologies* (pp. 283-295). Oxford: Blackwells publishers.
- Ditchfield, S. (2007). Tridentine worship and the cult of saints. In R. P. Hsia (Ed.), *The Cambridge History of Christianity. Reform and Expansion 1500-1660* (Vol. VI, pp. 201-224). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ditchfield, S. (2015). Catholic Reformation and Renewal. In P. Marshall (Ed.), *The Oxford Illustrated History of the Reformation* (pp. 152-185). Oxford: Oxford University Press.
- Ditchfield, S. (2017). Translating Christianity in an Age of Reformations. *Studies in Church History*,

53, 164–195. <https://doi.org/10.1017/stc.2016.11>

- Doherty, B., Degano, I., Romani, A., Higgitt, C., Pegg, D., Colombini, M. P., & Miliani, C. (2021). Identifying Brazilwood's Marker Component, Urolithin C, in Historical Textiles by Surface-Enhanced Raman Spectroscopy. *Heritage*, 4(3), 1415–1428. <https://doi.org/10.3390/heritage4030078>
- Domingues, C. (2010). Venerado mártir de são Fiel. Retrieved July 23, 2020, from [https://louricaldocampo.com/martir\\_sfiel.htm](https://louricaldocampo.com/martir_sfiel.htm)
- Domingues, C. (2011). Festividades e Tradições. Retrieved July 23, 2020, from [https://louricaldocampo.com/festas\\_feiras.htm](https://louricaldocampo.com/festas_feiras.htm)
- Ducreux, M.-É. (2016). «Propager la gloire des saints dans des provinces si fort éloignées de Rome». L'expansion des reliques des catacombes en Europe centrale et orientale. In S. Baciocchi & C. Duhamelle (Eds.), *Reliques romaines : invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne* (pp. 287–370). Rome: École Française de Rome.
- Duhamelle, C., & Baciocchi, S. (2016). Des gardes suisses à la frontière confessionnelle: apothéose et banalisation des corps saints des catacombes (Suisse, XVIIe-XVIIIe siècles). In S. Baciocchi & C. Duhamelle (Eds.), *Reliques romaines: invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne* (pp. 371–411). Rome: École Française de Rome.
- Dumax, V. (1864). *Sainte Aurélie. Notice sur cette jeune sainte et sur ses reliques que possède l'Église de Notre-Dame-Des-Victoires*. Paris: Au Secrétariat de l'Archiconfrérie a l'Église de Notre-Dame des Victoires. Retrieved from <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k850222w>
- Eastaugh, N., Walsh, V., Chaplin, T., & Siddall, R. (2008). *Pigment Compendium. A Dictionary and Optical Microscopy of Historical Pigments*. Oxford: Elsevier.
- Ecclesia. (2006). Os 410 anos da Irmandade dos Santos Passos. Retrieved May 4, 2021, from <https://agencia.ecclesia.pt/portal/os-410-anos-da-irmandade-dos-santos-passos/>
- Eire, C. (2015). Calvinism and the Reform of the Reformation. In P. Marshall (Ed.), *The Oxford Illustrated History of the Reformation* (pp. 76–114). Oxford: Oxford University Press.

- Elparigolon. (2014). Algo sobre la historia de San Inocencio Mártir. Retrieved December 18, 2014, from <https://elparigolon.wordpress.com/2014/09/19/algo-sobre-la-historia-de-san-inocencio-martir/>
- Enamorado Martínez, M. (2012). Conservación preventiva de textiles en lugares de culto. In *Conservación preventiva en lugares de culto. Actas de las jornadas celebradas en el Instituto del Patrimonio Cultural de España. 25, 26 y 27 de marzo de 2009* (pp. 99–103). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Enríquez de Salamanca, G., & Gil Muñoz, M. T. (2012). Seguimiento y control de las condiciones microclimáticas en lugares de culto. In *Conservación preventiva en lugares de culto. Actas de las jornadas celebradas en el Instituto del Patrimonio Cultural de España. 25, 26 y 27 de marzo de 2009* (pp. 45–53). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Espanca, T. (1975). *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Évora: concelbos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-novo, Mora e Vendas Novas* (Vol. I). Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- Etxeberria, F., Angel Carnicero, M., Vicente Rodríguez, J., Armendariz, A., Herrasti, L., & Ignacio Vegas, J. (1999). El interés popular por las momias. De la curiosidad natural a la religiosidad popular. *Zainak. Cuadernos de Antropología-Etnografía*, (18), 309–319. Retrieved from <http://hedatuz.euskomedia.org/2673/1/18309319.pdf>
- Etxeberria, F., Armendariz, A., Angel Barrutiabengoa, J., Angel Carnicero, M., Herrasti, L., Tamayo, G., & Ignacio Vegas, J. (1994). Antropología, historia y creencias populares en torno a las momias conservadas en el País Vasco. *Cuadernos de Sección. Ciencias Médicas*, (3), 11–51. Retrieved from <http://altza.info/bilduma/pdf/L19219.pdf>
- Eusébio, M. de F. (2000). A intervenção na Sé de Viseu durante o período de sede vacante (1720-1741) no quadro do espírito barroco. *Máthesis*, (9), 243–263.
- Evaristo, C. (1999). *The introduction to holy relics. The history and tradition of relics* (Vol. II). Ourém: Regina Mundi Press I.C.H.R.
- Evaristo, C. (2000). *Treasures in flesh and bones. The greatest relics of the church* (Vol. III). Ourém: Regina

Mundi Press I.C.H.R.

- Evaristo, C. (2018). *Protocol for interventions involving the examination, authentication and conservation of major holy relics (corpus) and the restoration of reliquaries and simulacri and guidance for sacred archeology. Proposed standard guide for all Church authorized Apos.* Ourém: Regina Mundi Press I.C.H.R. 1988/2018.
- Evaristo, C. (2021). *Workshop Practices and Materiality. International Conference on Relic Studies - RelicS 2021.* Porto. Retrieved from <https://artes.porto.ucp.pt/pt/relicsconference2021?msite=3>
- Evaristo, C., Evaristo, M., & Serafin, T. (1988). International Crusade for Holy Relics / Apostolate - Royal Lipsanoteca. Retrieved September 16, 2017, from [https://pt-pt.facebook.com/pg/International-Crusade-for-Holy-Relics-Apostolate-Royal-Lipsanoteca-378146955552738/about/?ref=page\\_internal](https://pt-pt.facebook.com/pg/International-Crusade-for-Holy-Relics-Apostolate-Royal-Lipsanoteca-378146955552738/about/?ref=page_internal)
- Evaristo, C., & Farah, F. T. (2022). *Relíquias Sagradas. Dos tempos bíblicos à era digital.* São Paulo: Paulus Editora.
- Evaristo, C., & Serafin, T. J. (1998). *The official handbook of relics. The forgotten sacramental (Vol. I).* Ourém: Regina Mundi Press I.C.H.R.
- Ferrazza, L., & Gertrudis Jaén, M. (2010). Caracterización de elementos metálicos en textiles históricos y estudio de sus diversas alteraciones mediante técnicas microscópicas. In M. del Egado & D. Juanes (Eds.), *La Ciencia y el Arte II: ciencias experimentales y conservación del Patrimonio Histórico* (pp. 150–161). Espanha: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales Instituto del Patrimonio Histórico Español.
- Ferreira-Alves, J. J. B. (1993). Elementos para a história da construção da casa e igreja da Congregação do Oratório do Porto (1680-1703). *História - Revista Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto*, 10, 379–406. Retrieved from <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5693>
- Ferreira-Alves, N. M. (1989). *A arte da talha no Porto na época barroca - artistas, clientela, materiais e técnica (Vol. I).* Porto: Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.
- Ferreira-Alves, N. M. (2002). O tempo de Deus e o tempo dos Homens. A talha da Sé do Porto e

o seu destino. In *Tempos e lugares de memória* (Vol. I, pp. 107–123). Porto; Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão; Universidade Católica - Centro Regional do Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Departamento de Ciências e Técnicas do Património.

- Ferreira-Alves, N. M., & Ferreira-Alves, J. J. B. (1981). Aspectos artísticos da igreja dos Congregados em meados do século XVIII. *Revista de História*, 4, 103–106. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13588/2/6532000071600.pdf>
- Ferreira, E. S. B., Hulme, A. N., McNab, H., & Quye, A. (2004). The natural constituents of historical textile dyes. *Chemical Society Reviews*, 33(6), 329. <https://doi.org/10.1039/b305697j>
- Festas e Romarias - Louriçal do Campo*. (2013). ADRACES. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=8Jk9n3mRTuA>
- Figueiredo, C. de. (1996a). *Grande dicionário da língua portuguesa (I)*. (R. Guedes, Ed.) (25th ed., Vol. I A-H). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Figueiredo, C. de. (1996b). *Grande dicionário da língua portuguesa (II)*. (R. Guedes, Ed.) (25th ed., Vol. II I-Z). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Figueiredo, C. de. (2010). *Novo dicionário de língua portuguesa*. Project Gutenberg. Retrieved from <https://www.gutenberg.org/ebooks/31552>
- Figueiredo, P., & Matos, J. (2013). IPA. 00003772 Catedral de Portalegre / Sé de Portalegre / Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção. Portugal, Portalegre, Portalegre, União das freguesias da Sé e São Lourenço. Retrieved December 3, 2019, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3772](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3772)
- Filho, J. F. (2021). Arquidiocese lança projeto para catalogação de relíquias em suas paróquias. Retrieved January 3, 2023, from <https://osaopaulo.org.br/destaque/arquidiocese-lanca-projeto-para-catalogacao-de-reliquias-em-suas-paroquias/>
- Filipe, A. (2009). IPA.00021371 Real Colégio de Nossa Senhora da Graça dos Meninos Órfãos / Igreja e Colégio dos Órfãos / Seminário Episcopal do Porto. Portugal, Porto, Porto, Bonfim.

Retrieved July 28, 2020, from  
[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=21371](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21371)

Finney, P. C. (Ed.). (2017). *The Eerdmans Encyclopedia of Early Christian Art and Archaeology* (Vol. 1 A-J). Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company.

Flickr. (n.d.). Katakombenheilige o Cuerposanto o corposanto. Retrieved March 8, 2017, from  
<https://www.flickr.com/groups/1009203@N24/>

Fragoso, S. L. (2007, June). Conservação preventiva de objectos de metal. *Museal - Revista Do Museu Municipal de Faro*, (2), 66–75.

Franco, J. E. (Ed.). (2011). *Arquivo secreto do Vaticano. Expansão portuguesa - Documentação* (Vol. II Oriente). Lisboa: Esfera do Caos Editores.

Freire, C. J. (2009). Museus e Património Imaterial: práticas em museus da RPM. In P. F. da Costa (Ed.), *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades* (pp. 211–221). Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação; Softlimits.

Fresnais, M., Richardin, P., Gimat, A., Sepúlveda, M., Leize-Wagner, E., & Charrié, A. (2015). Recent advances in the characterization of hair of mummies from the Chilean Andean coast. *Forensic Science International*, 249, 25–34. <https://doi.org/10.1016/j.forsciint.2015.01.005>

Fundação da Casa de Mateus. (2021). Casa e capela. Retrieved November 29, 2018, from  
<http://www.casademateus.com/visitas-enoturismo/museu/>

Fundação Histórico-Cultural Oureana. (2020a). A Regalis Lipsanoteca: um repositório de relíquias e centro de estudos de importância mundial. Retrieved July 30, 2021, from  
<https://www.fundacaooureana.pt/2021/01/10/a-regalis-lipsanoteca-um-repositorio-de-reliquias-e-centro-de-estudos-de-importancia-mundial/>

Fundação Histórico-Cultural Oureana. (2020b). Fundação Oureana celebrou protocolo de colaboração com a DGPC através do palácio nacional. Retrieved July 30, 2020, from  
<http://www.fundacaooureana.pt/2020/10/28/fundacao-oureana-celebra-protocolo-de-colaboracao-com-a-dgpc-e-o-palacio-nacional-da-ajuda-para-estudo-e-divulgacao-de->

coleccoes/

- Fundação Histórico-Cultural Oureana. (2021). Retrato do presidente da Fundação Oureana, Carlos Evaristo, adicionado à galeria de honra dos professores, doutores e famosos ex-alunos da Universidade Pedagógica Nacional Dragomanov de Kiev, Ucrânia. Retrieved January 25, 2022, from <https://www.fundacaooureana.pt/2021/05/29/retrato-do-presidente-da-fundacao-oureana-descerrado-na-galeria-de-honra-dos-professores-e-doutores-da-universidade-pedagogica-nacional-dragomanov-de-kiev/>
- Gagneux, Y. (2009). À propos des reliquaires, questions de méthode. *In Situ*, (11). <https://doi.org/10.4000/insitu.9909>
- Galeotti, M., Joseph, E., Mazzeo, R., & Prati, S. (2009). Fourier Transform Infrared Spectroscopy (FTIR). In D. Pinna, M. Galeotti, & R. Mazzeo (Eds.), *Scientific examination for the investigation of paintings. A handbook for conservator-restorers* (pp. 151–156). Firenze: Centro Di.
- Gallegos, M. E. (2004). Charles Borromeo and Catholic tradition regarding the design of Catholic Churches. *Journal of the Institute for Sacred Architecture*, (9), 14–18.
- Galvão-Telles, J. B. (2007). *Geração pombalina. Descendência de Sebastião José de Carvalho e Melo. Livro primeiro*. Lisboa: Dislivro Histórica.
- Gemine, D. M. da S. (1705). *Relatione della solenne traslatione del corpo del glorioso martire San' Vittorio da Roma al Convento, e Chiesa di S. Antonio del Monte appresso la città di Rieti*. Palestrina: Stamparia Barberina.
- Gettens, R. J., & Stout, G. L. (1947). *Painting materials. A short encyclopaedia* (4th ed.). New York: D. Van Nostrand Company, Inc.
- Ghilardi, M. (2005). Dall'inventio del corpo santo, alla costruzione della reliquia: Giovanni Angelo Santini, detto il Toccafondi, pittore romano. *Studi Romani*, 53(1–2), 94–121.
- Ghilardi, M. (2010). Quae signa erant illa, quibus putabant esse significativa Martyrii? *Mélanges de l'École Française de Rome. Italie et Méditerranée*, 122(122–1), 81–106. <https://doi.org/10.4000/mefrim.561>

- Ghilardi, M. (2012). Il pittore e le reliquie. Giovanni Angelo Santini e la Roma sotterranea nel primo Seicento. *Storia Dell' Arte*, 133(33), 5–23.
- Ghilardi, M. (2013). Paolino e gli altri martiri. Il culto dei «corpi santi» nella prima età moderna. In *Il Cardinal Montelpare. Atti del Convegno Montelparo 17 giugno 2012* (pp. 101–125). Teramo: Quaderni per la Ricerca.
- Ghilardi, M. (2015). Il Custode delle Reliquie e dei Cimiteri. *Studi Romani LXIII*, 175–210.
- Ghilardi, M. (2016a). Giovanni Angelo Santini dit le Toccafondo, et l'invention des reliques. Aperçus d'une recherche en cours. In S. Baciocchi & C. Duhamelle (Eds.), *Reliques romaines: invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne* (pp. 147–173). Rome: École Française de Rome.
- Ghilardi, M. (2016b). *Il martirio simulato. Fabbricazione, diffusione e devozione dei corpisanti in ceroplastica (texto cedido pelo autor). Le commerce des objets de dévotion chrétiens. Approches croisées (XVIe-XIXe siècles)*. Rome: École française de Rome.
- Ghilardi, M. (2017). «L'artiste s'était surpassé». Medicina e reliquie in ceroplastica nella prima metà del XIX secolo. In I. F. Sermattei, R. Regoli, & M. P. Sette (Eds.), *Antico, conservazione e restauro nell'età di Leone XII* (pp. 193–210). Ancona: Quaderni del Consiglio Regionale delle Marche.
- Ghilardi, M. (2018a). Entre oratorianos y jesuitas: el redescubrimiento de las catacumbas romanas a inicios de la Edad Moderna. *Historia y Grafía*, 26(51), 215–240. Retrieved from [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1405-09272018000200215](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-09272018000200215)
- Ghilardi, M. (2018b). Le simulacre du martyre. Fabrication, diffusion et dévotion des corps saints en céroplastie. *Archives de Sciences Sociales Des Religions*, (183), 167–187. <https://doi.org/https://doi.org/10.4000/assr.38845>
- Ghilardi, M. (2019a). Antonio Magnani and the invention of “corpisanti” in ceroplastic. In Roberta Ballestriero, O. Burke, & F. M. Galassi (Eds.), *Ceroplastics. The Art of Wax* (pp. 59–66). L'Erma di Bretschneider.
- Ghilardi, M. (2019b). *Il santo con due piedi sinistri. Appunti sulla genesi dei corpisanti in ceroplastica*. Italia:

LuoghInteriori.

- Ghilardi, M. (2020). The Roman catacombs in the nineteenth century: “Cradle and Archive of the Catholic Church.” In A. M. Pazos (Ed.), *Nineteenth-Century European Pilgrimages: A New Golden Age* (pp. 46–61). London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429198892-3>
- Gómez González, M. L. (2008). *La restauración. Examen científico aplicado a la conservación de obras de arte* (5ª ed.). Madrid: Ediciones Cátedra.
- Gómez Zorraquino, J. I. (2010). Los santos patronos y la identidad de las comunidades locales en la España de los siglos XVI y XVII. *Revista de Historia Jeronimo Zurita*, 85, 39–74. Retrieved from <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/30/76/04gomezzorraquino.pdf>
- Gondra Aguirre, A. (2019). El santo enjoyado... Retrieved February 3, 2022, from <https://microhistoriaalavesa.com/2019/01/08/el-santo-enjoyado/>
- Goulão, M. J. (1995). A representação do sagrado nos “Registos de Santos.” In A. Bacelar (Ed.), *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão* (pp. 312–318). Lisboa: Vega.
- Gouveia, A. C. (2001). *Relíquias*. (C. A. M. Azevedo, Ed.), *Dicionário de história religiosa de Portugal* (Vol. P-V). Lisboa: Círculo de Leitores; Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.
- Gramtorp, D., Botfeldt, K., Glastrup, J., & Simonsen, K. P. (2015). Investigation and conservation of Anne Marie Carl-Nielsen’s wax models. *Studies in Conservation*, 60(2), 97–106. <https://doi.org/10.1179/2047058413Y.0000000111>
- Grave, J. F. B. (2021). *Relicários portugueses em metal (séculos XVII e XVIII): tipologias, terminologias, obras e mecenas*. Tese de Mestrado em História da Arte e Património. Universidade do Porto. Retrieved from <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/47436>
- Greaves, P. H., & Saville, B. P. (1995). *Microscopy of textile fibers*. London: Taylor & Francis.
- Guedes, M. N. C., & Taxinha, M. J. (1990). *Mantos régios e paramentos do Paço Ducal de Vila Viçosa*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.

- Guedes, N. C., Roque, M. I., & Guerreiro, D. M. (Eds.). (2004). *Thesaurus: vocabulário de objectos do culto católico*. Vila Viçosa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança.
- Guelbenzu Fernández, M. J. (2016). La momia de San Bonifacio en Garde. Retrieved November 29, 2021, from <https://docplayer.es/50382314-La-momia-de-san-bonifacio-en-garde.html>
- Guéranger, P. (1839). *Explications sur les corps des saints martyrs extraits des catacombes de Rome et sur le culte qu'on leur rend*. Angers: Imprimerie-Librairie de G. Pigné-Chateau.
- Guimarães, J. R. (1873). *Summario de varia historia: Narrativas, lendas, biographias, descrições de templos e monumentos, estatísticas, costumes civis, políticos e religiosos de outras eras* (Vol. III). Lisboa: Editores - Rolland & Semiond.
- Gunasekaran, S., Anbalagan, G., & Pandi, S. (2006). Raman and infrared spectra of carbonates of calcite structure. *Journal of Raman Spectroscopy*, 37(9), 892–899. <https://doi.org/10.1002/jrs.1518>
- Gusmão, M. (1982). *Álbum comemorativo do 750º aniversário da morte de Santo António 1231-1981*. Lisboa: Igreja-Casa de Santo António.
- Guyard, N. (2016). Un essai de normalisation. Diffusion et réception des reliques des catacombes, l'exemple de Lyon au XVIIe siècle. *HMC - Histoire, Monde & Cultures Religieuses*, (38), 67–85.
- Hacke, A.-M. (2006). *Investigation into the nature and ageing of tapestry materials*. Doctoral Thesis In Engineering and Physical Sciences. University of Manchester.
- Hacke, A.-M., Carr, C. M., & Brown, A. (2004). Characterisation of metal threads in Renaissance tapestries. In J. Ashton & D. Hallam (Eds.), *Proceedings of Metal 2004* (pp. 415–426). Canberra: National Museum of Australia. Retrieved from [https://www.nma.gov.au/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0010/346069/NMA\\_metals\\_s4\\_p01\\_characterisation\\_metal\\_threads.pdf](https://www.nma.gov.au/__data/assets/pdf_file/0010/346069/NMA_metals_s4_p01_characterisation_metal_threads.pdf)
- Hahn, C. (1997). The Voices of the Saints: Speaking Reliquaries. *Gesta*, 36(1), 20–31. <https://doi.org/10.2307/767276>

- Hahn, C. (2010). The spectacle of the charismatic body. Patrons, artists, and body-part reliquaries. In M. Bagnoli, H. A. Klein, C. G. Mann, & J. Robinson (Eds.), *Treasures of heaven. Saints, relics, and devotion in medieval Europe* (pp. 163–172). New Haven; London: The Cleveland Museum of Art; The Walters Art Museum, Baltimore; The British Museum, London.
- Hahn, C. (2012). *Strange beauty: issues in the making and meaning of reliquaries, 400-circa 1204*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=nOmW46tr3\\_QC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=nOmW46tr3_QC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Hassett, M. (1907). Ampullae. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Retrieved from <https://www.newadvent.org/cathen/01439c.htm>
- Henschenio, G., & Papebrochio, D. (1866). *Acta Sanctorum Aprilis* (Vol. I). Parissis et Rome: Apud Victorem Palmé, Bibliopolam.
- Herráez, J. A. (2012). Introducción a la conservación preventiva. In *Conservación preventiva en lugares de culto. Actas de las jornadas celebradas en el Instituto del Patrimonio Cultural de España. 25, 26 y 27 de marzo de 2009* (p. 9). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Herráez, J. A., & Rodríguez Lorite, M. A. (1999). La conservación preventiva de las obras de arte. *Arbor*, 164(645), 141–156. <https://doi.org/10.3989/arbor.1999.i645.1601>
- Hoidn, R. (2001). *Kloster Reutberg (1606-1802). Geschichte, Kunst und Frömmigkeit mit besonderer Berücksichtigung der "Schönen Arbeiten."* Dissertation. University of Bamberg.
- Homem, P. M. (2004). O conceito, a filosofia e a prática da conservação nos museus do Norte de Portugal. Balanço e estratégias de desenvolvimento. In M. Brito & J. Cuñarro (Eds.), *Museos do Eixo Atlântico / Museos do Eixo Atlântico* (pp. 99–110). Vigo: Eixo Atlântico, coordinadores e autores da publicação.
- Homem, P. M. (2013). Conservação preventiva em contextos culturais. Recursos tecnológicos para gestão de risco ambiental; poluição. *Ciências e Técnicas Do Património - Revista Da Faculdade de Letras*, XII, 305–317. Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11737.pdf>

- Hubbe, M. A., & Gill, R. A. (2016). Fillers for Papermaking: A Review of their Properties, Usage Practices, and their Mechanistic Role. *BioResources*, 11(1). <https://doi.org/10.15376/biores.11.1.2886-2963>
- ICOM. (2022). Nova definição de Museu. Retrieved January 14, 2022, from <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>
- Igreja Católica. (1733). XCII. Diversae Ordinationes circa extractionem Reliquiarum ex Coemeteriis Urbis, & Locorum, circumvicinorum, illarumque custodiam, & distributionem. In *Bullarium Romanum seu novissima et accuratissima collectio apostolicarum constitutionum ex autographis, quae in secretiori vaticano, aliisque sedis apostolicae scriniis asservantur. cum rubricis, summariis, scholiis, & indice quadruplici tomus septimus de* (pp. 161–163). Romae: Typis, & Expensis Hieronymi Mainardi in Platea Montis Cimatorii. Retrieved from [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_sGgGm51FGAC/page/n181/mode/2up](https://archive.org/details/bub_gb_sGgGm51FGAC/page/n181/mode/2up)
- Igreja Católica. (1781). *O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento em Latim, e Portuguez: Dedicada, e Consagrada aos Excell., e Rev. Senhores Arcebispos, e Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reycond* (Vol. II). Lisboa: Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno. Retrieved from <http://purl.pt/360>
- Igreja Católica. (1916). *The Roman martyrology*. Baltimore: John Murphy Company. Retrieved from <https://archive.org/details/romanmartyrology00cathuoft>
- Igreja Católica. (1969). Motu proprio Misterii Paschalis on liturgical year and new universal roman calendar. Retrieved February 11, 2020, from [https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19690214\\_mysterii-paschalis.pdf](https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690214_mysterii-paschalis.pdf)
- Igreja Católica. (2014). Martirológio Romano. Retrieved from [http://www.liturgia.pt/martirológio/o\\_livro.php#](http://www.liturgia.pt/martirológio/o_livro.php#)
- II Concílio do Vaticano. (1963). Constitution on the sacred liturgy “Sacrosanctum Concilium” solemnly promulgated by His Holiness Pope Paul VI on December 4, 1963. Retrieved November 2, 2020, from

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)

- Instituto Humanitas Unisinos. (2020). Polônia. Igreja entra em uma espiral de crise: apenas 9% dos jovens têm uma visão positiva da instituição. Retrieved June 30, 2022, from <https://www.ihu.unisinos.br/604811-polonia-igreja-entra-em-uma-espiral-de-crise-apenas-9-dos-jovens-tem-uma-visao-positiva-da-instituicao>
- Issa, Y. M., Abdel-Maksoud, G., & Magdy, M. (2015). Analytical study of Saint Gregory Nazianzen Icon, Old Cairo, Egypt. *Journal of Molecular Structure*, 1100, 70–79. <https://doi.org/10.1016/j.molstruc.2015.07.004>
- Jácome, A. (2020). O inquisidor como político: o cardeal D. Nuno da Cunha de Ataíde, ministro do despacho Universal de D. João V (1707-1721). *Revista Do Departamento de História e Do Programa de Pós-Graduação Em História Do Brasil Da UFPI*, 9(1), 261–288. Retrieved from <https://ojs.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/11484/6572>
- Járó, M. (1990). Gold embroidery and fabrics in europe: XI – XIV centuries. *Gold Bulletin*, 23(2), 40–57. <https://doi.org/10.1007/BF03214711>
- Járó, M. (2003). Metal threads in historical textiles. In G. Tsoucaris & J. Lipkowski (Eds.), *Molecular and Structural Archaeology: Cosmetic and Therapeutic Chemicals*. (Vol. 117, pp. 163–178). Dordrecht: Springer Netherlands. [https://doi.org/10.1007/978-94-010-0193-9\\_15](https://doi.org/10.1007/978-94-010-0193-9_15)
- Járó, M. (2009). Metal thread variations and materials: simple methods of pre-treatment identification for historical textiles. In I. Éri (Ed.), *Conserving textiles: Studies in honour of Ágnes Timár-Balázsy* (pp. 68–76). Rome: ICCROM.
- Járó, M., & Tóth, A. (1991). Scientific identification of European metal thread manufacturing techniques of the 17-19th centuries. *Endeavour, New Series*, 15(4), 175–184.
- Jaugey, J. B. (1901). *Diccionario apologetico da fé catholica em que se contêm as principaes provas da verdade da religião e as respostas às objecções tiradas das sciencias humanas* (Vol. I). Porto: Antonio Dourado - Editor Catholico.

- Jeffers, J. S. (1995). *Conflito em Roma – Ordem social e hierarquia no Cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Johnson, T. (1996). Holy Fabrications: The Catacomb Saints and the Counter-Reformation in Bavaria. *The Journal of Ecclesiastical History*, 47(02), 274–297. <https://doi.org/10.1017/S0022046900012872>
- José, M., & Cunha, R. (2015). Colégios e recolhimentos - II. 4.1. - Colégio dos Meninos Órfãos - III. Retrieved July 28, 2020, from <https://portoarc.blogspot.com/2015/02/colegios-e-recolhimentos-ii.html>
- Julia, D. (2009). L'Église post-tridentine et les reliques. Tradition, controverse et critique (XVI-XVIII siècle). In P. Boutry, P.-A. Fabre, & D. Julia (Eds.), *Reliques modernes. Cultes et usages chrétiens des corps saints des Réformes aux révolutions* (Vol. I, pp. 69–120). Paris: Éditions de l'École de hautes études en sciences sociales.
- Karatzani, A. (2012). Metal threads: the historical development. In I. Tzachili & E. Zimi (Eds.), *Textiles and Dress in Greece and the Roman East: A Technological and Social Approach* (pp. 55–65). Athens: Ta pragmata Publications. Retrieved from [http://conferences.saxo.ku.dk/traditionaltextilecraft/keynote\\_speakers/presentations/Anna\\_Karatzani.pdf](http://conferences.saxo.ku.dk/traditionaltextilecraft/keynote_speakers/presentations/Anna_Karatzani.pdf)
- Karydis, C., Kyriazi, E., & Staka, C.-A. (2020). Clothed wax effigies: construction materials, challenges and suggestions for preventive conservation. *Conservar Património*. <https://doi.org/10.14568/cp2020006>
- Kaufman, N. (2004). Putting intangible heritage in its Place(s): Proposals for policy and practice. *International Journal of Intangible Heritage*, 8, 19–36.
- Keijzer, M., van Bommel, M. R., Keijzer, R. H., Knaller, R., & Oberhumer, E. (2012). Indigo carmine: Understanding a problematic blue dye. *Studies in Conservation*, 57(sup1), S87–S95. <https://doi.org/10.1179/2047058412Y.0000000058>
- Kirsch, J. P. (2012). Pope St. Silverius. In *The Catholic Encyclopedia* (Vol. 13). New York: Robert

Appleton Company. Retrieved from <https://www.newadvent.org/cathen/13793a.htm>

- Klein, H. A. (2010). Sacred things and holy bodies. Collecting relics from Late Antiquity to the Early Renaissance. In M. Bagnoli, H. A. Klein, C. G. Mann, & J. Robinson (Eds.), *Treasures of heaven. Saints, relics, and devotion in medieval Europe* (pp. 55–67). New Haven; London: The Cleveland Museum of Art; The Walters Art Museum, Baltimore; The British Museum, London.
- Koudounaris, P. (2013). *Heavenly bodies. Cult treasures & spectacular saints from the catacombs*. London: Thames & Hudson.
- Krausen, E. (1966). Die Verehrung römischer Katakombenheiliger in Altbayern im Zeitalter des Barock. *Bayerisches Jahrbuch Für Volkskunde*, 37–47.
- Kristóf, L. A., Kovács, M., Baksa, G., Bereczki, Z., Szatmári, F., Patonay, L., ... Pohárnok, L. (2015). Condition assessment of two early Christian martyrs', St. Christine's and St. Augustine's relics with paleoradiological methods in Hungary. *Journal of Cultural Heritage*, 16(2), 249–253. <https://doi.org/10.1016/j.culher.2014.04.001>
- Lake, K. (1917). The martyrdom of Polycarp. In *The apostolic fathers* (Vol. II, pp. 309–345). London; New York: William Heinemann; G. P. Putnam's Sons. Retrieved from <https://archive.org/details/apostolicfathers02lakeuoft/page/n5/mode/2up>
- Lameira, F., Evaristo, C., & Loureiro, J. J. (2016). Retábulos relicários. In *Promontoria Monográfica - História da Arte* (Vol. 16). Faro: Universidade do Algarve.
- Lanciani, R. A. (1892). *Pagan and Christian Rome*. Boston; New York: Houghton Mifflin Company.
- Leal, A. S. de A. B. de P. (1873). *Portugal antigo e moderno. Dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias...* (Vol. I). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia. Retrieved from [https://archive.org/details/gri\\_33125005925538/page/n7/mode/2up?view=theater&q=Arroios](https://archive.org/details/gri_33125005925538/page/n7/mode/2up?view=theater&q=Arroios)

- Leal, A. S. de A. B. de P. (1874). *Portugal antigo e moderno. Dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias...* (Vol. III). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Leal, A. S. de A. B. de P. (1876). *Portugal antigo e moderno. Dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias...* (Vol. VII). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Leal, A. S. de A. B. de P. (1882). *Portugal antigo e moderno. Dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias...* (Vol. X). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.  
Retrieved from [https://archive.org/details/gri\\_33125005925298/page/n5/mode/2up?view=theater](https://archive.org/details/gri_33125005925298/page/n5/mode/2up?view=theater)
- Leite, A. (Ed.). (1983). *Código de direito canónico promulgado por S.S. o Papa João Paulo II* (4<sup>a</sup> ed.). Lisboa; Braga: Conferência Episcopal Portuguesa; Editorial Apostolado da Oração. Retrieved from [http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)
- Leite, G. C. (1939). *A venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa erecta na cidade do Pôrto. Extractos do seu arquivo - notas bibliográficas*. Porto: Emp. Industrial Gráfica do Pôrto, Lda.
- Lima, A., Rodrigues, M., & Noé, P. (2004). IPA.00003530 Igreja da Senhora da Agonia / Santuário de Nossa Senhora da Agonia. Portugal, Viana do Castelo, União das freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadela. Retrieved December 22, 2021, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3530](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3530)
- Litaker, N. (2017). *Embodied faith: Whole-body catacomb saints in the Duchy of Bavaria, 1578-1803*. University of Pennsylvania. Retrieved from <https://repository.upenn.edu/edissertations/2429/>
- Litaker, N. (2020). Lost in Translation? Constructing Ancient Roman Martyrs in Baroque Bavaria. *Church History*, 89(4), 801–828. <https://doi.org/10.1017/S0009640721000020>

- Liu, Y., Wang, A., & Freeman, J. J. (2009). Raman, MIR, and NIR Spectroscopic Study of Calcium Sulfates: Gypsum, Bassanite, and Anhydrite. In *40th Lunar and Planetary Science Conference, March 23-27, 2009*. Texas. Retrieved from <https://www.lpi.usra.edu/meetings/lpsc2009/pdf/2128.pdf>
- Logan, J. (2007). CCI Notes 9/1 - Recognizing Active Corrosion. In *CCI Notes* (4th ed., pp. 1–4). Canada: Canadian Conservation Institute. Retrieved from <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/recognizing-active-corrosion.html>
- Lopes, F. F. (1976). Últimos dias do Seminário de Missionários Apostólicos de Varatojo. *Itinerarium - Revista Trimestral de Cultura*, XXII(93/94), 323–354.
- Loureiro, J. J., & Evaristo, C. (2018). Simulacra Sanctorum in Lusitana. Retrieved October 6, 2018, from <https://www.facebook.com/groups/205288253665181>
- Lourenço, M. P. M. (2017). Nobilitados entre cristãos-novos e familiares do santo ofício: o exemplo das casas da família real. *LibrosdelaCorte.Es*, 6, 142–163. <https://doi.org/10.15366/ldc2017.9.m6.007>
- Lourenço, T. B. (2019). LxConv081 Hospício de São João Nepomuceno. Retrieved July 30, 2018, from <http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=658>
- Luther, M. (1997). The 95 Theses. Retrieved April 30, 2020, from <https://www.luther.de/en/95thesen.html>
- Mabillon, J. (1698). *Dissertation sur le culte des saints inconnus. Traduite du Latin imprime sous ce titre: Lettre d'Eusebe Romain a Theophile François &c.* Paris: Chez Jean Musier.
- Macedo, L. de. (1932). Uma curiosa descrição do palácio da Regência em 1836. *Anais Das Bibliotecas, Arquivos e Museus Municipais*, III(6), 5–11. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Anais/N6/N6\\_master/N6.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Anais/N6/N6_master/N6.pdf)
- MacGrath, A. E. (2011). *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough* (2nd ed.). Manchester; Oxford: Wiley-Blackwell.

- Machado, D. B. (1747). *Bibliotheca Lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores Portuguezes, e das obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo prezente offerecida ao excellentissimo, e reverendissim* (Vol. II). Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues.
- Machado, M. de F. (Ed.). (2003). *Esta é a cabeça de São Pantaleão*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis.
- Maia, P. (2015). Braga: Fiéis cumprem tradição e pedem protecção ao Mártir São Vicente. Retrieved June 22, 2022, from <https://correiodominho.pt/noticias/braga-fieis-cumprem-tradicao-e-pedem-proteccao-ao-martir-sao-vicente/84094>
- Malo, R. (2013). *Relics and writing in late medieval England*. London: University of Toronto Press.
- Malvestiti, D. (n.d.). Cristiani Cristiano Saverio. Retrieved October 8, 2021, from <http://www.comune.montegranaro.fm.it/c109018/zf/index.php/servizi-aggiuntivi/index/index/idtesto/7>
- Manente, S., Micheluz, A., Ganzerla, R., Ravagnan, G., & Gambaro, A. (2012). Chemical and biological characterization of paper: A case study using a proposed methodological approach. *International Biodeterioration & Biodegradation*, 74, 99–108. <https://doi.org/10.1016/j.ibiod.2012.03.008>
- Marchesani, L. (1838). *Storia di Vasto, citta' in Abruzzo Citeriore*. Napoli: Da' Torchi Dell' Osservatore Medico. Retrieved from [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_hPyBOaIKmUMC/page/n5/mode/2up](https://archive.org/details/bub_gb_hPyBOaIKmUMC/page/n5/mode/2up)
- Marincas, O., & Erlach, R. (2012). Study on the conservation-restoration of textile materials from romanian medieval art collections. II. SEM-EDX studies for the identification and characterization of the historic metal threads. *Revista de Chimie*, 63(4), 390–395. Retrieved from <http://www.revistadechimie.ro/pdf/MARINCAS O 4 12.pdf>
- Martínez, M., & Yangas, M. (2012). Los planes de protección de colecciones aplicados a los lugares de culto. In *Conservación preventiva en lugares de culto. Actas de las jornadas celebradas en el Instituto del*

- Patrimonio Cultural de España. 25, 26 y 27 de marzo de 2009* (pp. 27–35). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Martins, E. C. (2006). De colégio de S. Fiel a reformatório (séculos XIX-XX). Contributos à (re)educação em Portugal. In *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino da História da Educação*. (pp. 826–851). Uberlândia: Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.
- Massara, M. F. (1988). *Santuário do Bom Jesus do Monte. Fenómeno tardo barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte.
- Matsura, K. (2004). Preface. *Museum International*, 56(1–2), 4–5.
- Medeiros, C. L. (Ed.). (1994). *Bordados e rendas nos bragais de Entre Douro e Minho. Embroidery and lace in the house of Entre Douro e Minho*. [S. l.]: Programa de Artes e Ofícios Tradicionais, D. L.
- Mégre, R., & Carvalho, S. (2019). LxConv034 Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais. Retrieved October 10, 2017, from <http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=611>
- Meldelen. (2011). Santa Plácida en Rubianes. Retrieved December 4, 2013, from <http://www.preguntasantoral.es/2011/08/santa-placida-de-rubianes/>
- Mendes, R. (2012). Fenómenos de religiosidade popular na Caparica dos séculos XVIII e XIX. “*Anais de Almada*” - *Revista Cultural*, (15–16), 215–262. Retrieved from [https://www.academia.edu/7221572/\\_Fen%C3%B3menos\\_de\\_Religi%C3%B3sidade\\_Popular\\_na\\_Caparica\\_dos\\_S%C3%A9culos\\_XVIII\\_e\\_XIX\\_](https://www.academia.edu/7221572/_Fen%C3%B3menos_de_Religi%C3%B3sidade_Popular_na_Caparica_dos_S%C3%A9culos_XVIII_e_XIX_)
- Michalski, S. (1990). An overall framework for preventive conservation and remedial conservation. In K. Grimstad (Ed.), *ICOM Committee for Conservation, 9th triennial meeting, Dresden, German Democratic Republic, 26-31 August 1990: preprints* (pp. 589–591). Paris: ICOM Committee for Conservation.
- Michalski, S. (2007). Preservación de las colecciones. In P. J. Boylan (Ed.), *Cómo administrar un museo:*

- Manual práctico* (pp. 51–90). La Habana: UNESCO, Oficina de La Habana.
- Michalski, S., & Pedersoli Jr., J. L. (2016). *The ABC method – A risk management approach to the preservation of cultural heritage*. Canada: Canadian Conservation Institute. Retrieved from <https://www.iccom.org/publication/abc-method-risk-management-approach-preservation-cultural-heritage>
- Milán Barros, L. I. (2019). *Desde el interior: análisis de materiales constitutivos en el cuerpo-relicario de san Hermion Mártir. Ciclo de Conferencias del Seminario de Historia Mexicana*. Los Lagos. Retrieved from [https://www.youtube.com/watch?v=\\_MWGCQLaLHg&t=265s](https://www.youtube.com/watch?v=_MWGCQLaLHg&t=265s)
- Milheiro, M. M. de C. (2003). *Braga. A cidade e a festa no século XVIII*. Guimarães: Universidade do Minho.
- Ministério da Educação e Saude. (1942). *Documentos históricos. Portarias 1718-1719*. (Biblioteca Nacional, Ed.) (Vol. LV). Rio de Janeiro: Typ. Baptista de Souza. Retrieved from [https://memoria.bn.br/pdf/094536/per094536\\_1942\\_00055.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/094536/per094536_1942_00055.pdf)
- Ministério dos Negócios Estrangeiros. (n.d.). Santa Sé - História Diplomática. Retrieved October 6, 2021, from <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/historia-diplomatica?view=article&id=366:santa-se&catid=119:relacoes-diplomaticas>
- Mircea, O., Sandu, I., Vasilache, V., & Sandu, I. G. (2012). A study on the deterioration and degradation of metallic archaeological artifacts. *International Journal of Conservation Science*, 3(3), 179–188.
- Mocholí Martínez, M. E. (2013). El cuerpo en la imagen, la imagen del cuerpo. Reliquias y relicários. In A. Martínez Pereira, I. Osuna, & V. Infantes (Eds.), *Palavras, símbolos, emblemas. Las estructuras gráficas de la representación* (pp. 375–386). Madrid: Turpin Editores.
- Moita, C. A. J. (1927). *O culto de Maria no Patriarcado. Memória do Patriarcado de Lisboa ao Congresso Mariano, reunido em Braga, em Maio de 1926*. Lisboa: Tipografia da União Gráfica.
- Montes Marrero, A. L. (2017). *Ceroplástica sagrada. Análisis de la técnica de factura y conservación de los relicarios de San Plácido y Santa Faustina de la Catedral de Durango*. Tesis para optar por el título de

Licenciada en Restauración de Bienes Muebles. Escuela de Conservación y Restauración de Occidente. Secretaría de Educación Jalisco.

Montgomery, S. B. (2010). *St. Ursula and the eleven thousand Virgins of Cologne. Relics, reliquaries and the visual culture of group sanctity in Late Medieval Europe*. Bern: Peter Lang AG.

Moraes, M. A. P. de, & Costa, J. C. da. (2004). *Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos - História de uma Real Irmandade*. Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.

Moroni, G. (1841). Carpegna Gasparo, Cardinale. In *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni specialmente intorno al principali santi, beati, martiri, padri, ai sommi pontefici, cardinali e più celebri scrittori ecclesiastici, ai varii gradi della gerarchia...* (Vol. X, pp. 101–102). Venezia: Tipografia Emiliana. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=W20AAAAAMAAJ&pg=PA3&dq=moroni+%22ec.+ec.+ec.%22+%22vol.+x%22&hl=it&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Cardinal&f=false](https://books.google.pt/books?id=W20AAAAAMAAJ&pg=PA3&dq=moroni+%22ec.+ec.+ec.%22+%22vol.+x%22&hl=it&redir_esc=y#v=onepage&q=Cardinal&f=false)

Moroni, G. (1842). Congregazione delle Indulgenze e sagre Reliquie. In *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni specialmente intorno al principali santi, beati, martiri, padri, ai sommi pontefici, cardinali e più celebri scrittori ecclesiastici, ai varii gradi della gerarchia...* (Vol. XVI, pp. 216–219). Venezia: Tipografia Emiliana. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=sWQAAAAAMAAJ&pg=PA3&dq=moroni+%22ec.+ec.+ec.%22+%22vol.+xvi%22&hl=it&redir\\_esc=y#v=onepage&q=moroni+%22ec.+ec.+ec.%22+%22vol.+xvi%22&f=false](https://books.google.pt/books?id=sWQAAAAAMAAJ&pg=PA3&dq=moroni+%22ec.+ec.+ec.%22+%22vol.+xvi%22&hl=it&redir_esc=y#v=onepage&q=moroni+%22ec.+ec.%22+%22vol.+xvi%22&f=false)

Moroni, G. (1853). Sagrista del Papa. In *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni specialmente intorno al principali santi, beati, martiri, padri, ai sommi pontefici, cardinali e più celebri scrittori ecclesiastici, ai varii gradi della gerarchia...* (Vol. LX, pp. 171–196). Venezia: Tipografia Emiliana. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=\\_WoAAAAAMAAJ&pg=PA1&dq=%22moroni+romano%22+lx+dizionario&hl=it&redir\\_esc=y#v=onepage&q=%22moroni+romano%22+lx+dizionario&f=false](https://books.google.pt/books?id=_WoAAAAAMAAJ&pg=PA1&dq=%22moroni+romano%22+lx+dizionario&hl=it&redir_esc=y#v=onepage&q=%22moroni+romano%22+lx+dizionario&f=false)

- Moura, V. G. (2002). *Figuras em Mateus*. Lisboa: Quetzal Editores.
- MrJam. (2012). IPA.00011081 Palácio Pereira Forjaz / Palácio da Cruz da Pedra. Portugal, Lisboa, Lisboa, Penha de França. Retrieved March 16, 2019, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=11081](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11081)
- Muñoz Viñas, S. (2002). Contemporary theory of conservation. *Reviews in Conservation*, 3, 25–34.
- Muñoz Viñas, S. (2003). *Teoría contemporánea de la Restauración*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Muros, V., Wärmländer, S. K. T. S., Scott, D. A., & Theile, J. M. (2007). Characterization of 17th–19th century metal threads from the Colonial Andes. *Journal of the American Institute for Conservation*, 46(3), 229–224. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/40024997>
- Museu de Lisboa. (2014). Nossa Senhora das Mercês. Retrieved October 10, 2019, from <http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?sugestao=1&ns=216000&id=11524>
- Nagel, A. (2010). The afterlife of the reliquary. In M. Bagnoli, H. A. Klein, C. G. Mann, & J. Robinson (Eds.), *Treasures of heaven. Saints, relics, and devotion in medieval Europe* (pp. 211–222). New Haven; London: The Cleveland Museum of Art; The Walters Art Museum, Baltimore; The British Museum, London.
- Nascimento, J. A. (2016). The Alexeïeff Collection in the Archives Françaises du Film: assessment methodology for a preventive conservation plan. *Conservar Património*, 23, 88–96. <https://doi.org/10.14568/cp2015038>
- Nel laboratorio di Cartapesta. Intervista a Carmelo Gallucci e Stella Ciardo. (2011). Italia: Salogentis. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=3S5toOPJTO0>
- Neves, E. A. da S. (1951). O Convento dos Barbadinhos Italianos. *Olisipo - Boletim Do Grupo "Amigos de Lisboa,"* XIV(56), 160–169. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1951/N56/N56\\_item1/P31.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1951/N56/N56_item1/P31.html)
- Nicolai, V. F. (2019). The Catacombs. In W. R. Caraher, T. W. Davis, & D. K. Pettegrew (Eds.), *The Oxford Handbook of Early Christian Archaeology* (pp. 65–88). Oxford University Press.

<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199369041.013.36>

- Noé, P., & Silveira, Â. (2003). IPA.00006353 Mosteiro do Varatojo / Convento de Santo António. Portugal, Lisboa, Torres Vedras, União das freguesias de Torres Vedras (São Pedro, Santiago, Santa Maria do Castelo e São Miguel) e Matacães. Retrieved July 27, 2020, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6353](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6353)
- Nord, A. G., & Tronner, K. (2000). A note on the analysis of gilded metal embroidery threads. *Studies in Conservation*, 45(4), 274–279. <https://doi.org/10.2307/1506864>
- Notizie per l'anno M.D.CCC.XXV. dedicate all'Emo e Rmo Principe il Signor Cardinale Bartolommeo Pacca Vescovo di Porto e S. Rufina, Sotto-Decano del Sagro Collegio e Pro-Datario di Sua Santità.* (1825). Roma: Nella Stamperia Cracas.
- Novinsky, A. (1974). Fontes para a história econômica e social do Brasil: inventários dos bens condenados pela inquisição (Brasil, século XVIII). *Revista de História*, 48(98), 359–392. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1974.132204>
- Nyra. (2016). Das Roggenburger Leiberfest. Retrieved June 20, 2017, from <https://www.schoenerreisen.at/index.php?thread/7147-das-roggenburger-leiberfest/>
- Oliveira, L. (Ed.). (1998). *Dicionário enciclopédico* (Vol. II E-M). [S. l.]: Temas e Debates.
- Osselaer, T. Van, Rossi, L., Smeyers, K., & Tuybens, L. (2021). What is Religious Bodies? Retrieved October 12, 2022, from <https://religiousbodies.com/>
- Palmeirão, J. (2015). *Imagem-relicário de santo Aurélio mártir pertencente à Sé Catedral do Porto. Estudo e conservação integrada das relíquias*. Tese de Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais. Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.14/18900>
- Palmeirão, J. do C., Vieira, E., Pintado, M., Costa, P. M. da, & Monteiro, P. (2014). San Aurelio mártir - Estudio y conservación de los textiles de una imagen-relicario perteneciente a la catedral de Oporto, Portugal. In M. V. Vivancos Ramón, M. T. Domenech Carbo, M. Sánchez Pons, & M. J. Osca Pons (Eds.), *Jornadas de Investigación Emergente en Conservación y Restauración de*

*Património* (pp. 423–432). Valencia: Instituto Universitario de Restauración del Patrimonio; Universitat Politècnica de València.  
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.4995/EMERGE2014.2014>

Palmeirão, J., Ferreira, T., Afonso, J. F., & Vieira, E. (2018). *Martyr's simulacra in Portugal and their inventory: a preliminary study. Workshop "Labs, Art and Relics", 22-23 November 2018, Bruxelles*. Bruxelles: Archaeological Society of Namur (SAN).

Palmeirão, J., Ferreira, T., Afonso, J. F., & Vieira, E. (2019). Unveiling the simulacri corpus sanctae. The case study of Saint Aurelius Martyr (Oporto, Portugal). In S. Albuquerque, T. Ferreira, M. de F. Nunes, A. C. de Matos, & A. Candeias (Eds.), *Web of Knowledge: A Look into the Past, Embracing the Future* (pp. 141–144). Faro: Sílabas & Desafios.

Passos, C. de. (1935). *Guia histórica e artística do Porto*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, Lda.

Passos, J. (2020). António e Mateus dos Santos fundadores da casa e capela Espregueira (ilustres pré-Espregueiras de Fragoso, de Portugal e do mundo). *Voz de Fragoso*, 51(231), 7–8.

Paté, S. (2007). A conservação preventiva no Museu Municipal de Faro - o Passado, o Presente e o Futuro. *Museal - Revista Do Museu Municipal de Faro*, (2), 120–135.

Paula, J. V. (2012). São Clemente. Retrieved October 7, 2017, from <https://paulaeisabotelho.blogspot.pt/p/sao-clemente.html>

Pedersoli Jr., J. L., Antomarchi, C., & Michalski, S. (2017). *Guia de Gestão de Riscos para o Património Museológico*. Lisboa: Ibermuseum; ICCROM. Retrieved from [https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia\\_de\\_gestao\\_de\\_riscos\\_pt.pdf](https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf)

Peggie, D. A., Hulme, A. N., McNab, H., & Quye, A. (2008). Towards the identification of characteristic minor components from textiles dyed with weld (*Reseda luteola* L.) and those dyed with Mexican cochineal (*Dactylopius coccus* Costa). *Microchimica Acta*, 162(3–4), 371–380. <https://doi.org/10.1007/s00604-007-0866-0>

Peggie, D. A., Kirby, J., Poulin, J., Genuit, W., Romanuka, J., Wills, D. F., ... Hulme, A. N. (2018). Historical mystery solved: a multi-analytical approach to the identification of a key marker for

- the historical use of brazilwood (*Caesalpinia* spp.) in paintings and textiles. *Analytical Methods*, 10(6), 617–623. <https://doi.org/10.1039/C7AY02626A>
- Peixoto, J. C. G. (2011). *Bom Jesus do Monte*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte.
- Penna, R. (1994). *Ambiente historico-cultural de los origenes del Cristianismo. Textos y comentarios*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer.
- Pereira, E., & Rodrigues, G. (1912). José Francisco Xavier Maria de Carvalho, 1.º conde da Redinha. Retrieved October 6, 2019, from <https://www.arqnet.pt/dicionario/redinha1c.html>
- Pereira, L. F. R. (2016). Preventive conservation and management: contribution to a new integrated model, based on the case study of National Archive Torre do Tombo, Portugal. *Conservar Património*, 24, 11–22. <https://doi.org/10.14568/cp2015004>
- Pereira, L. G. (1927). *Monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.
- Pereiro, X., & Fernandes, F. (2018). *Antropologia e Turismo: teorias, métodos e praxis*. Tenerife: PASOS, RTPC.
- Pfeiffer, A. C. (2005). *Auferweckt in Herrlichkeit! Barocke Heilige Leiber in Oberschwaben. Materialien, fixierungstechniken, konservatorische aspekte*. Diplomarbeit Restaurierung und Konservierung von Kunst. Fachhochschule Köln, Köln. Retrieved from <https://www.restaurierung-pfeiffer.de/index.php/werdegang/ausbildungsinhalte>
- Piedade, J. de J. M. A. da. (1737). Espelho de penitentes, e chronica de Santa Maria da Arabida em que se manifestam as Vidas de muntos Santos varoens de abalizadas virtudes, e outros que pella verdade da Fé sacrificaraõ as Vidas destribuidas por todos os dias do anno. Offerecido á sempre a. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=HLk58RHQykc&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=HLk58RHQykc&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Pimenta, A. (1937). Termos das entregas das pratas das Igrejas, Capellas, Confrarias e Irmandades

- do termo da villa de Guimarães em execução do Dec. do I.º Fevereiro do anno de 1808. *Boletim de Trabalhos Históricos*, II(1), 33–48. Retrieved from <https://www.amap.pt/r/file/36>
- Pimenta, A. (1940). Termos das entregas das pratas das Igrejas, Capellas, Confrarias e Irmandades da Villa de Guimarães em execução do Dec. do I.º Fevereiro do anno de 1808. *Boletim de Trabalhos Históricos*, V(1), 145–153. Retrieved from <https://www.amap.pt/r/file/70>
- Pimentel, A. (1955). Um documento importante e algumas considerações a propósito. *Separata de "O Penafidense,"* 5–35.
- Pinto, S. (1985). O Palácio do Metelo. *Intervenção Social*, (2/3), 99–122.
- Polonyi, A. (1994). Römische Katakombenheilige, Signa authentischer Tradition. Zur Wirkungsgeschichte einer Idee in Mittelalter und Neuzeit. *Römische Quartalschrift*, (89), 245–259.
- Portela, M., & Mendes, R. M. (2019). A Capela de Nossa Senhora do Desterro (1690-1744): Uma Pequena Jóia da Arte e Arquitetura Barroca no Mosteiro de Alcobaça. In *Cister. Tomo I - Património e Arte*. (pp. 157–200). Alcobaça: Hora de Ler.
- Prader, N. (2012). Reliquiengewebe - Nur Überreste eines toten? Dekomposition, schadensursachen und konsolidierung am beispiel des katakombenheiligen Placide. In *Master of Arts in Conservation-Restoration MA Theses 2012* (p. 18). Swiss: Conservation-Restoration Campus. Retrieved from [http://www.he-arc.ch/sites/www.he-arc.ch/files/COR/Master/brochure\\_ma\\_theses\\_2012.pdf](http://www.he-arc.ch/sites/www.he-arc.ch/files/COR/Master/brochure_ma_theses_2012.pdf)
- Previgliano, C. H., Ceruti, C., Arias Aráoz, F., González Diez, J., & Reinhard, J. (2005). Radiología en estudios arqueológicos de momias Incas. *Revista Argentina de Radiología*, 69(3), 199–210. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=382538437011>
- Proniewicz, L. M., Paluszkiewicz, C., Weselucha-Birczyńska, A., Barański, A., & Dutka, D. (2002). FT-IR and FT-Raman study of hydrothermally degraded groundwood containing paper. *Journal of Molecular Structure*, 614(1–3), 345–353. [https://doi.org/10.1016/S0022-2860\(02\)00275-2](https://doi.org/10.1016/S0022-2860(02)00275-2)

- Protz, S. J. (2017). Instrução sobre autenticidade e conservação das relíquias. Retrieved December 23, 2017, from <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2017-12/congregacao-das-causas-dos-santos--instrucao-sobre-autenticidade.html>
- Raoul-Rochette, M. D. (1838). *Troisième mémoire sur les antiquités chrétiennes des catacombes. Objets déposés dans les tombeaux antiques, qui se retrouvent, en tout ou en partie, dans les cimetières chrétiens*. Paris: Imprimerie Royale. Retrieved from [https://books.google.pt/books?id=gmEWAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=gmEWAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)
- Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. (1902). Limite das freguezias de Santa Engracia e S. Bartholomeu do Beato de Lisboa, na Calçada da Cruz da Pedra. *Boletim de Architectura e Archeologia*, IX(7), 29–35. Retrieved from [http://museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_4/Tomo IX/s4\\_tomo\\_IX\\_Bol7.pdf](http://museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_4/Tomo IX/s4_tomo_IX_Bol7.pdf)
- Redazione. (2017). Viaggio nella cappella di Santa Maria Addolorata a Giugliano dove ci sono le spoglie di San Feliciano Martire. Video. *Napoli Nord Web TV*. Retrieved from <https://www.napolinordwebtv.it/2017/02/28/viaggio-nella-cappella-santa-maria-addolorata-giugliano-ci-le-spoglie-san-feliciano-martire-video/>
- Redazione Viaggiando Italia. (2020). Vasto. Conosci la leggenda legata a San Cesario Martire che riposa nella Chiesa di Santa Maria?. Retrieved August 21, 2019, from <https://www.viaggiando-italia.it/vasto-conosci-la-leggenda-legata-a-san-cesario-martire-che-riposa-nella-chiesa-di-santa-maria/>
- Reis, H. D. e S., & BPMP. (1999). Para a verdadeira história antiga e moderna da cidade do Porto. In *Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto - II Série* (Vol. IV). Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- Repetto, J. L. (2007). *Todos los santos. Santos y beatos del martirologio Romano*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

- Rey, L. (1999). L'invention d'une vierge martyre : les reliquaires de sainte Philomène au XIXe siècle. In Y. Le Fur (Ed.), *"La mort n'en saura rien". Reliques d'Europe et d'Océanie*. Paris: Réunion des Musées Nationaux.
- Ribeiro (O.F.M.), B. (2005). *Convento de Santo António de Varatojo*. Varatojo: Gráfica Torriana, S.A.
- Ribeiro, D. V. (1985). Nero e o incêndio de Roma. *Revista Do Departamento de História*, 1, 62–75. Retrieved from [https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/57274bb75559869e24624c7d/1462193082994/6\\_Ribeiro%2C+Daniel+Valle.pdf](https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/57274bb75559869e24624c7d/1462193082994/6_Ribeiro%2C+Daniel+Valle.pdf)
- Richardson, W. A. (1968). *Identificación de fibras textiles*. Barcelona: Editorial Blume.
- RINSCSP. (1748). *Livro de receita, e despeza da Irmandade de N. S.ra da Consolação, e Santos Passos, sita na capella do S.r campo da feyra desta villa de Guimarães. 1748-1834 [Manuscrito]*. Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.
- RINSCSP. (1788). *Livro de esmolos e despesas com festividades de S. Fortunato. 1788-1859 [Manuscrito]*. Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.
- RINSCSP. (1804). *Livro de Inventário da Irmandade [Manuscrito]*. Guimarães: Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.
- RNOD (BNP). (n.d.). S. Gonçalo de Amarante. Retrieved September 21, 2021, from <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/rnod/291532>
- Roman Numismatic Gallery. (n.d.). Roman Military Equipment. Retrieved October 23, 2020, from <http://www.romancoins.info/MilitaryEquipment-Body-Armour.html#BodyArmour>
- Romão, L. P., & Saldanha, S. C. (2020). *Manual de Boas Práticas de Conservação Preventiva de Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.
- Roque, M. I. R. (2004). *Altar cristão, evolução até à reforma católica*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- RS' Science. (n.d.). Hair under a microscope. Retrieved March 9, 2022, from

<https://rscience.com/hair-under-a-microscope/>

- RTVE. (1977). El santo olvidado. Spain: Corporación de Radio y Televisión Española. Retrieved from <https://www.rtve.es/play/videos/mas-alla/mas-alla-santo-olvidado/3420218/>
- Sagrada Congregação dos Ritos. (1827). *C & D (tradução do Decreto da Sagrada Congreg.am dos Ritos de 15 de fevereiro de 1826) [Manuscrito digitalizado]. Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878)*. Penafiel: Arquivo Municipal de Penafiel.
- Saloio, M. I. R. (2016). *Os relicários em Portugal e no mundo português entre os séculos XVI e XVIII. Um estudo introdutório*. Tese de Mestrado em História da Arte Moderna. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Retrieved from [https://run.unl.pt/bitstream/10362/20132/1/VERSÃO\\_FINAL.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/20132/1/VERSÃO_FINAL.pdf)
- Sánchez Reyes, G. (2019). Forgotten Devotional Objects: A Review of Ceroplastic Reliquaries in Mexico. 17th to 19th Centuries. In Roberta Ballestrero, B. Owen, & F. M. Galassi (Eds.), *Ceroplastics. The Art of Wax* (pp. 77–84). Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Sánchez Reyes, G. (2021a). *Presencia de corpi santi en México: análisis del proceso de circulación y materialidad de un relicario. Siglos XVIII-XIX. Reliquias y arte entre Europa y América: historias compartidas a debatir. Del lunes 12 al miércoles 14 de abril del 2021*. Bogotá.
- Sánchez Reyes, G. (2021b). Relics and Reliquaries in Colonial Mexico. In *Oxford Research Encyclopedia of Religion* (pp. 1–38). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199340378.013.964>
- Sánchez Reyes, G., & Milan, L. (2018). Tecnología de vanguardia confluye en el estudio del relicario de san Hermión Mártir, en Lagos de Moreno, Jalisco. *INAH. Boletines*, (341), 17. Retrieved from [https://www.academia.edu/37479070/Tecnología\\_de\\_vanguardia\\_confluye\\_en\\_el\\_estudio\\_del\\_relicario\\_de\\_san\\_Hermión\\_Mártir\\_en\\_Lagos\\_de\\_Moreno\\_Jalisco](https://www.academia.edu/37479070/Tecnología_de_vanguardia_confluye_en_el_estudio_del_relicario_de_san_Hermión_Mártir_en_Lagos_de_Moreno_Jalisco)
- Sánchez Reyes, G., Velázquez Ramírez, J. L., & Montes Marrero, A. L. (2016). La radiología digital

- para relicarios de ceroplástica: estudio interdisciplinar para identificar el sistema constructivo y la ubicación de los restos óseos. *Ge-Conservación / Conservação*, (10), 54–65.
- Santos (O.F.M.), A. dos. (1948). O corpo de S. Benedito mártir na Igreja do Varatojo (Leitura amena). *Boletim Mensal. Missões Franciscanas e Ordem Terceira*, XLI(1º), 223–226.
- Santos, E. dos. (1982). *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Santos, F. M. dos. (1979). *Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça*. Alcobaça: Alcobasense.
- Scarre, C. (1995). *Chronicle of the Roman emperors: the reign-by-reign record of the rulers of Imperial Rome*. New York: Thames & Hudson. Retrieved from <https://archive.org/details/chronicleofroman00scar/page/170/mode/2up>
- Schärer, M. R. (2009). Things + Ideas + Musealization = Heritage. A Museological Approach. *Museologia e Patrimônio*, II(1), 85–89. Retrieved from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>
- Sclano, M. (2009). Santa Felicissima. Retrieved December 1, 2017, from <http://soranogrosseto.blogspot.pt/2009/07/santa-felicissima.html>
- Serafim, J. C. (2001). Relíquias e propaganda religiosa no Portugal pós-tridentino. *Via Spiritus*, 8, 157–184. Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3495.pdf>
- Serrano, M. do C., Lopes, A. C., & Seruya, A. I. (2008). Plantas Tintureiras. *Revista de Ciências Agrárias*, 31(2), 3–21. Retrieved from <https://revistas.rcaap.pt/index.php/rca/article/view/15595>
- Sevim, A. (2019). Investigation of the degradation stages of archaeological and historical silk textiles: An ATR-FTIR spectroscopic study. *Archaeology & Anthropology: Open Access*, 3(1), 447–451. Retrieved from <https://crimsonpublishers.com/aaoa/fulltext/AAOA.000573.php>
- Seymour, M. H. (1850). *Mornings among the Jesuits at Rome*. [S.l]: Seeleys.
- SICM – Fundação da Casa de Mateus. (1704). [Certidão de autenticação, Declaração de Doação e

- Reconhecimento] de relíquia do Corpo de São Marcos trazido de Roma pelo Santo Arcediago Diogo Álvares Mourão e oferecido a seu irmão Matias Álvares Mourão, Morgado da Prata [Manuscrito digitalizado]. In *SICM/SC04, G. 1889.9*. Roma.
- SICM – Fundação da Casa de Mateus. (1705). Autêntica de Roma para envio do corpo de São Marcos Mártir à Casa de Mateus, 21 de Março de 1705 [Manuscrito digitalizado]. In *SICM, G. 1960.2*. Roma.
- SICM – Fundação da Casa de Mateus. (1715). Mateus - Capela de Nossa Senhora dos Prazeres [Manuscrito digitalizado]. In *SICM, Maço 59, G. 1772.1, 18053\_39-40*. Braga.
- SICM – Fundação da Casa de Mateus. (1743a). Mateus - Capela de Nossa Senhora dos Prazeres [Manuscrito digitalizado]. In *SICM, Maço 59, G. 1772.1, 18053\_28-29*. Vila Real.
- SICM – Fundação da Casa de Mateus. (1743b). Mateus - Capela de Nossa Senhora dos Prazeres [Manuscrito digitalizado]. In *SICM, Maço 59, G. 1772.1, 18053\_30-31*. Braga.
- Silva, J. H. P. da, & Calado, M. (2005). *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença.
- Silva, J. P. F. da. (2012). *Primeira invasão francesa 1807-1808 : A invasão de Junot e a revolta popular*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Retrieved from [http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/1679225\\_primeira\\_invasao\\_francesa\\_1807-1808.pdf](http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/1679225_primeira_invasao_francesa_1807-1808.pdf)
- Silva, P. C. (Ed.). (1888). As nossas gravuras - Marcos Cosmelli. *A Ilustração Portuguesa. Semanario - Revista Litteraria e Artistica*, 5(5), 1–12. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AllustracaoPortuguesa\\_Semanario\\_1884\\_1890/1888/Setembro/N05/N05\\_master/AllustPort1888SetN05.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AllustracaoPortuguesa_Semanario_1884_1890/1888/Setembro/N05/N05_master/AllustPort1888SetN05.pdf)
- Silva, S. (2009, November 11). Ossos de São Gualter descobertos em igreja de Guimarães. *Jornal "Público."* Retrieved from <https://www.publico.pt/2009/10/11/jornal/ossos-de-sao-gualter-descobertos-em-igreja-de-guimaraes-17991837>
- Simões, D. (2017). *Colégio de São Fiel (Louriçal do Campo). Programa Revive*. Retrieved from [https://revive.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Sao\\_Fiel\\_Memoria\\_artistica\\_historic](https://revive.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Sao_Fiel_Memoria_artistica_historic)

a.pdf

Simon, M., & Benoit, A. (1987). *Judaísmo e Cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Pioneira.

Sínodo dos Bispos. (2018). Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. In *XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 27 de outubro de 2018*. Cidade do Vaticano. Retrieved from [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20181027\\_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani\\_po.html#\\_Toc528353920](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html#_Toc528353920)

Smith, J. (1872). *Memórias do Marquez de Pombal contendo extractos dos seus escriptos e da correspondencia diplomatica inedita existente em diferentes secretarias d'Estado*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira.

Soares, E. de C. de C. A. (1938). *Espregueiras (estudo genealógico)*. Villa do Conde.

Soares, T. de A. T., & Martins, J. A. (1991). O papel: aspectos de sua história e de sua fabricação. *Ágora - Revista Do Curso de Arquivologia Da UFSC*, 6(14), 17–21. Retrieved from <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/14113>

Sousa, A. C. de. (1744). *Agiologio lusitano, dos santos, e varões illustres em virtude Do Reino de Portugal, e suas Conquistas; consagrado à Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa, Padroeira do Reino* (Vol. IV). Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real.

Sousa, J. de S. O. e. (1934). *O Marquês de Pombal. Sua vida e morte cristãs (documentos inéditos)*. Lisboa: Tipografia Inglesa, Ltd.

Spatocco, M. (2014). San Cesario Martire (3 Novembre). Le spoglie sono custodite nella cripta all'interno della chiesa di Santa Maria Maggiore - Vasto. Retrieved May 10, 2019, from [https://www.vastospa.it/html/la\\_citta/ch\\_s\\_cesario.htm](https://www.vastospa.it/html/la_citta/ch_s_cesario.htm)

Stadler, T. D. (2018). Plínio, Cartas, Livro X Tradução das epístolas trocadas entre Plínio, o Jovem, e Trajano. *Prometheus - Journal of Philosophy*, 11(28), 1–97. <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v11i28esp.9281>

- Steinberg, M. (1982). The Twelve Tables and Their Origins: An Eighteenth-Century Debate. *Journal of the History of Ideas*, 43(3), 379. <https://doi.org/10.2307/2709429>
- Strasser, U. (1999). Bones of Contention: Cloistered Nuns, Decorated Relics, and the Contest over Women's Place in the Public Sphere of Counter-Reformation Munich. *Archiv Für Reformationsgeschichte*, 90(jg). <https://doi.org/10.14315/arg-1999-jg11>
- Stuart, B. H. (2007). *Analytical techniques in materials conservation*. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd. <https://doi.org/10.1002/9780470060520>
- Suetonius. (1889). *Suetonius: The Lives of the Twelve Caesars; An English Translation, Augmented with the Biographies of Contemporary Statesmen, Orators, Poets, and Other Associates*. Philadelphia: Gebbie & Co. Retrieved from <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:abo:phi,1348,015:25>
- Sumner, G. (2002). *Roman Military Clothing (1) 100BC-AD200*. Oxford: Osprey Publishing.
- Sumner, G. (2003). *Roman Military Clothing (2) AD 200-400*. Oxford: Osprey Publishing.
- Svečnjak, L., Baranović, G., Vinceković, M., Prđun, S., Bubalo, D., & Tlak Gajger, I. (2015). An Approach for Routine Analytical Detection of Beeswax Adulteration Using FTIR-ATR Spectroscopy. *Journal of Apicultural Science*, 59(2), 37–49. <https://doi.org/10.1515/jas-2015-0018>
- Sylva, F. X. (1750). *Elogio funebre, e historico de muito alto, poderoso, augusto, pio, e fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V. em que se referem as acçoens da sua religião, piedade, clemencia, justiça, liberalidade...* Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real.
- Tavares, J. C. (2004). *Dicionário de santos* (3ª ed.). Porto: Lello Editores.
- Tedim, J. M. (2012). Em torno da festa barroca. In A. Oliveira, J. Varanda, J. C. Peixoto, E. Gonçalves, & V. Pereira (Eds.), *O barroco em Portugal e no Brasil* (pp. 181–186). Maia: Edições ISMAI.
- Teja, R. (1990). *El Cristianismo primitivo en la sociedad romana*. Madrid: Ediciones Istmo.

- Telfer, W. (1932). *The treasure of Sao Roque. A sidelight on the counter-reformation*. London: Society for Promoting Christian Knowledge.
- The-Crankshaft Publishing. (n.d.). Identification of human and animal hair. Retrieved March 9, 2022, from <http://what-when-how.com/forensic-sciences/identification-of-human-and-animal-hair/>
- The Twelve Tables. (2005). Retrieved February 9, 2021, from <https://archive.org/stream/thetwelvetables14783gut/14783.txt>
- Thunø, E. (2018). Reliquaries and the cult of relics in Late Antiquity. In R. M. Jensen & M. D. Ellison (Eds.), *The Routledge Handbook of Early Christian Art* (pp. 150–168). London; New York: Routledge. [https://doi.org/https://doi.org/10.4324/9781315718835-10](https://doi.org/10.4324/9781315718835-10)
- Ticchi, J.-M. (2016). Mgr sacriste et la distribution des reliques des catacombes dans l'espace italien. In S. Baciocchi & C. Duhamelle (Eds.), *Reliques romaines: invention et circulation des corps saints des catacombes à l'époque moderne* (pp. 175–223). Rome: École Française de Rome.
- Tímár-Balázsy, Á., & Eastop, D. (1998). *Chemical principles of textile conservation*. Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Tingle, E. C. (2015). *Indulgences after Luther: Pardons in Counter-Reformation France, 1520-1720*. London: Taylor & Francis.
- Toca, T. (2004). *Tejidos. Conservación, restauración*. Valencia: Editorial Universidade Politècnica de Valencia.
- Tronner, K., Nord, A. G., Sjöstedt, J., & Hydman, H. (2002). Extremely thin gold layers on gilded silver threads. *Studies in Conservation*, 47(2), 109–116.
- UNESCO. (2003). Text of the Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. Retrieved January 15, 2018, from [convention @ ich.unesco.org](http://convention@ich.unesco.org)
- Vale, T., Gomes, C., & Correia, P. (2004). IPA.00004017 Convento dos Cardais / Convento de Nossa Senhora da Conceição / Capela de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais. Portugal,

- Lisboa, Lisboa, Misericórdia. Retrieved March 19, 2021, from [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=4017](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=4017)
- Vale, T. L. M. (2004). *Escultura italiana em Portugal no século XVII*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Vale, T. L. M. (2010). As encomendas de arte italiana de D. Fr. José Maria da Fonseca Évora (1690-1752). In N. M. Ferreira-Alves (Ed.), *A encomenda. O artista. A obra* (pp. 585–601). Porto: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Retrieved from <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-encomenda.-o-artista.-a-obra/as-encomendas-de-arte-italiana-de-d-fr-jose-maria-da-fonseca-evora-1690-1752>
- Vale, T. L. M. (2012). Testemunhos brônzeos do “Settecento” romano em Lisboa. As molduras do “Ecce Homo” e da “Virgem Orante” do Museu Nacional de Arte Antiga e outras obras de Francesco Giardini. *Revista de Artes Decorativas*, (6), 127–150. <https://doi.org/10.34632/revistaartesdecorativas.2012.2062>
- Vale, T. L. M. (2015). *Arte e diplomacia. A vivência romana dos embaixadores joaninos. A figura de Fr. José Maria da Fonseca Évora (1690-1752) e as suas aquisições de arte italiana*. Lisboa: Scribe.
- Valgañón, V. (2008). *Biología aplicada a la conservación y restauración*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Vance, E. (1991). Style and Value: From Soldier to Pilgrim in the Song of Roland. *Yale French Studies*, (80), 75. <https://doi.org/10.2307/2929095>
- Vasconcelos, A. de. (1987). *Escritos vários relativos à Universidade de Coimbra. Reedição preparada por Manuel Augusto Rodrigues* (Vol. I). Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- Vieira, A. M., & Raposo, T. (Eds.). (2003). *O convento dos Cardaes: veios de memória*. Lisboa: Quetzal.
- VOTNSCP. (1825a). J [Manuscrito digitalizado]. In *Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878)* (p. 1). Penafiel: Arquivo Municipal de Penafiel.
- VOTNSCP. (1825b). *Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878) [Manuscrito]*. Penafiel: Arquivo Municipal de

Penafiel.

VOINSNP. (1826a). G (Couta da Despeza q. Emportou à Condução do S. Vicente Martir, Mosso de Roma athe a Cid.e de Lx.<sup>a</sup>) [Manuscrito digitalizado]. In *Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878)* (p. 1). Roma.

VOINSNP. (1826b). I [Manuscrito digitalizado]. In *Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878)* (p. 1). Penafiel: Arquivo Municipal de Penafiel.

VOINSNP. (1826c). Q (autentica assinada no dia 15 de maio de 1826) [Manuscrito digitalizado]. In *Processo contendo documentos da vinda de S. Vicente Mártir - O Moço PT/VOTC/B/B/prc01 (1825-1827; 1878)* (p. 1). Roma.

VOINSNP. (1829). *Registo de milagres e missas PT/VOTC/B/A/002/Lv.1 (1829-1835; 1837-1839; 1842-1855)* [Manuscrito digitalizado]. Penafiel: Arquivo Municipal de Penafiel.

Waller, R. (1995). Risk Management Applied to Preventive Conservation. In C. L. Rose, C. A. Hawks, & H. H. Genoways (Eds.), *Storage of Natural History Collections: A Preventive Conservation Approach* (pp. 21–28). Iowa City: Society for the Preservation of Natural History Collections.

Waller, R., & Cato, P. S. (2019). Agents of deterioration: dissociation. Retrieved June 12, 2022, from <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/dissociation.html>

Wharton, A. J. (2006). *Selling Jerusalem. Relics, replicas, theme parks*. Chicago: The University of Chicago Press.

Wiener, J., Kovacic, V., & Dejlová, P. (2003). Differences between flax and hemp. *AUTEX Research Journal*, 3(2), 58–63. Retrieved from [https://www.autexrj.com/cms/zalaczone\\_pliki/2-03-2.pdf](https://www.autexrj.com/cms/zalaczone_pliki/2-03-2.pdf)

Wijnhoven, M. A. (2009). Lorica Hamata Squamataque. A Study of Roman Hybrid Feathered Armour. *The Journal of The Mail Research Society*, 2(1), 3–29. Retrieved from [https://www.academia.edu/1631975/Lorica\\_Hamata\\_Squamataque\\_A\\_Study\\_of\\_Roman\\_](https://www.academia.edu/1631975/Lorica_Hamata_Squamataque_A_Study_of_Roman_)

Hybrid\_Feathered\_Armour

- Wirilander, H. (2012). Preventive Conservation: a Key Method to Ensure Cultural Heritage's Authenticity and Integrity in Preservation Process. *E-Conservation Magazine*, 6(24), 164–176. Retrieved from <http://www.e-conservationline.com/content/view/1081>
- Withrow, W. H. (1874). *The catacombs of Rome, and their testimony relative to primitive Christianity*. New York; Cincinnati: Nelson & Phillips; Hitchcock & Walden. Retrieved from [https://www.gutenberg.org/files/47532/47532-h/47532-h.htm#footnote\\_31](https://www.gutenberg.org/files/47532/47532-h/47532-h.htm#footnote_31)
- Woodward, K. L. (1996). *Making Saints: How the Catholic Church determines who becomes a Saint, who doesn't, and why* (2nd ed.). New York: Touchstone.
- Zuriaga Senent, V. F. (2015). El cuerpo de los mártires y la visión simbólica del dolor. In R. García Mahiques & S. Doménech García (Eds.), *Valor discursivo del cuerpo en el barroco hispánico* (pp. 183–196). València: Universitat de València.

## Anexos

### Anexo A – Autêntica do *Sagrado Corpo do Mártir S. Clemente*

Tradução da autêntica do *Sagrado Corpo do Mártir S. Clemente*, pertencente ao Arquivo da Igreja dos Congregados, Porto



FR. SAVERIO CRISTIANI da Ordem Cristã Eremit[a] de Sto. Agostinho PELA GRAÇA DE DEUS E DA SEDE APOSTÓLICA BISPO PORFIRIENSE. PREFEITO DO SACRÁRIO/PALÁCIO APOSTÓLICO

A todos e a qualquer um que vir as nossas presentes cartas, confirmamos indubitavelmente que nós, para maior gloria de Deus Omnipotente, e para veneração dos Seus Santos, por ordem do Santíssimo N[osso] S[enhor], o Papa de entre as sagradas relíquias retiradas do Cemitério Ciriaca, reconhecidas e aprovadas pela Sagrada Congregação das Indulgências e das Sagradas Relíquias oferecemos como presente o Sagrado Corpo e um vaso com o sangue do Mártir S. Clemente colocado numa caixa de madeira atada com uma fita vermelha de seda bem fechada, e a todos a quem diz respeito concedemos, em Deus, a faculdade de manterem junto de si a mencionada relíquia sagrada, dá-la a outros e expô-la em qualquer Igreja, Oratório ou Capela para que seja venerada publicamente, exceto, contudo, no Ofício e na Missa, de acordo com o Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, publicada no dia 11 de Agosto de 1691. Para o confirmar, ordenámos que estas presentes cartas, assinadas pela nossa mão e firmadas com o nosso selo, fossem enviadas pelo nosso secretário, que assina abaixo.

Dado em Roma, no dia 12 (?) do mês de Dezembro, do ano 1782/3 (?)

F. X. Bispo de Porfírio

Gratuitamente, em qualquer lugar

Filipe Mário (?) Capelão e Pro (?)

## Anexo B – Autêntica do *Sagrado Corpo de S. VICENTE M. Adolescente*

Tradução da autêntica do *Sagrado Corpo de S. VICENTE M. Adolescente* de 24 de maio de 1826, pertencente à VOTNSCP



D. PLÁCIDO, DA CONGREGAÇÃO CAMALDULENSE DA ORDEM DE S. BENTO, TITULO/AR DE S. CRUZ EM JERUSALÉM, CARDEAL PRESBÍTERO ZURLA da Santa Igreja Romana, Vigário-geral do Santíssimo Nosso Senhor, o Papa, e da Cúria Romana daquele Distrito Juiz Ordinário, etc.

*A todos e a qualquer um que examinar as nossas cartas confirmamos/damos fé e atestamos que Nós, para maior glória de Deus Omnipotente e veneração dos seus santos oferecemos como um presente ao Muito R[everendíssimo] P[adre] Prior, e aos oficiais (?) da Ordem Terceira da B[em-aventurada] V[irgem] Maria do Monte Carmelo, da Cidade de Penafiel, da Diocese da Lusitânia, o Sagrado Corpo de S. VICENTE M[ártir] Adolescente reduzido a fragmentos, para que seja exibido para pública veneração dos Fieis, extraído por Nós, por ordem do SS[antíssimo] N[osso] S[enhor], o P[apa] LEÃO XII, no dia 28 de Janeiro do Ano do Jubileu de 1826, do Cemitério de Santa Ciriaca no Campo Verano, com um pequeno vaso de vidro quebrado, com o sangue derramado, que reverentemente colocámos, com várias Vestes de seda polida (?), distintas pelos bordados, nobremente vestido à maneira dos antigos romanos, numa Urna de madeira dourada, e pintada com várias cores, na parte da frente munida com um cristal, bem fechada e marcada com o nosso selo, e entregámos-lhes, e selámos, e para que possam mantê-lo junto de si, dá-lo a outros, enviá-lo para fora da Cidade, expô-lo e colocá-lo em qualquer Igreja, Oratório ou Capela para veneração pública dos fieis concedemos autorização em Deus, ainda que sem Ofício, e Missa, de acordo com o Decreto da Congregação dos Ritos Sagrados publicado no dia 11 de Agosto de 1691. Para dar fé, ordenamos que estas cartas, que dão testemunho, assinadas pela nossa mão, com o nosso selo, sejam expedidas pelo Custódio das Sagradas Relíquias, que assina abaixo. Roma, a partir da nossa Casa/Sede, no dia 24 do Mês de Maio Ano 1826.*

*En Patriarca de Constantinopla, Vice-gerente*

*Gratuitamente, em qualquer lugar*

*Damiano Canonico Orlandi Custódio*

## Anexo C – “Tr.º de Meza, q□ contem a forma da procição do Martir São Clemente (...)”

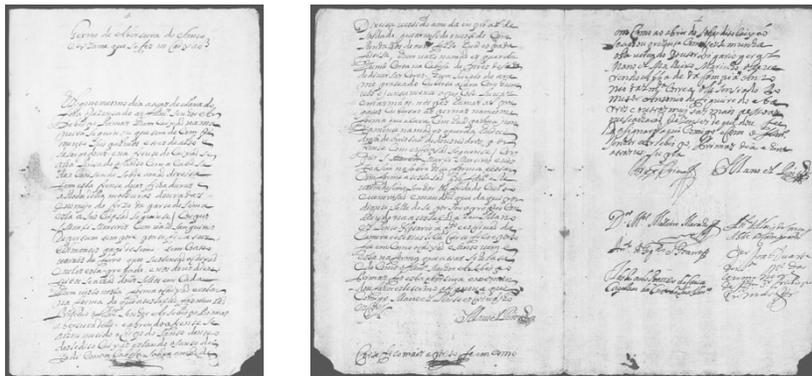
Transcrição do “Tr.º de Meza, q□ contem a forma da procição do Martir São Clemente, â Sua collocação e festivid.º ...”, pertencente ao AHCBJM

*Hem o m.º dia cinco do sobred.º meꝝ de Julho do corr.º anno de 1780., e na d.ª caꝝa do R.º Juiꝝ An.º X.º Rebello, Conego Perbend.º [prebendado] na Sé Primaꝝ, abi na prez.º [presença] deste, de mim secretr.º, e mais Meꝝa, e logo ão depois de concluido, e finalizado o tr.º [termo] sup.ª [supra] da doaçção das Reliquias S.ºas, e do mais, q□ nelle se contara, q□ teve, e tem o seu principio a fl. 94. se fes descrever neste tr.º a forma da procição, e festivid.º do Invicto Martir São Clemente, de q□ falão os tr.ºs sup.ª a fl. +93. vr.º, e o da d.ª doaçção a fl. 95; p.ª ef.º [feito] de qão futuro sempre conste com verd.º a sua realid.º, q□ foi do modo seguinte = Em a noute do dia 22. do meꝝ de Junho do refr.º anno de 1780 foi conduzido com decencia da caꝝa do Doante o D.º Fran.º Ventura Maciel, e p.ª â Igr.ª dos Terceiros, o Caixão, em q□ se achão organizados a cabeça, ossos, e mais reliquias do corpo do sobred.º Martir São Clemente, aonde no dia 23. do m.º meꝝ examinados, q□ forão os sellos, e sobre isso feitas as mais diligencias do \_\_\_\_ (?) pelo M.º R.º Dez.º Provisor desta Corte com hum escr.º [escrivão], dous Notario[s] p.ª ef.º de bem se verificar ser o m.º, q□ havia vindo da Curia Romana, e de q□ falão as Authenticas, se expor na m.ª Igr.ª com suas luzes â veneração dos feis, e em hum gracioso, e bem armado andor p.ª isso feito pela Confraria, segd.º o tr.º a fl. 93. vr.º, q□ a todos servia de admiração pela sua grandezza, perfeição, e riqueza, no meyo do qual hé q□ estava o expend.º caixão, e assim veyo p.ª â Cathedral desta Corte em a noute desse m.º dia acompanhado de m.ºas luzes, e povo, e a tempo, em q□ tocavão, e havião tocado em applauzo do m.º S.ºo Martir os sinos das Igr.ºas de toda esta Cid.º onde se pos da p.º do Evangelho, e diante do Altar da Veneravel Imagem do Senhor da (fl.97v) Agonia, em cujo lugar, e por conta de hua tão feliz not.ª [notícia] concorreu no dia 24. do mencionado meꝝ, e anno innumeravel povo a vezitar, e venerar as preciosissimas reliquias dos ossos, e sangue daquelle S.ºo Martir, q□ por se fazerem dignas de todo o louvor, e culto, o merecerão tambem de Sua Alteza Real o Sereniss.º Snr. Dom Gaspar Arcebispo Primaꝝ, q□ no tal dia 24. sabio do seu Paço a pe com a sua familia, e sem mais outro objecto, do q□ o de hir, como foi vezitar, e venerar ãs expend.ºas reliquias dos ossos, e sangue do sobred.º S.ºo. Passado, q□ foi o meyo da tarde do m.º dia 24. sabio da Cathedral o sobred.º S.ºo Martir, e foi levado atbe a Igr.ª de São Victor no andor, em q□ se achava, e em q□ se havia posto na Igr.ª dos Terceiros, com clarins, gaitas de folle, tambores grandes, e*

pequenos, q[ ] todos bião tocando diante de hua solemnissima procissão, q[ ] formavão em duas alas todas as Confrarias, Irmand.<sup>es</sup>, Religiozas, e Clerigos desta Cid.<sup>e</sup>, entre os quaes hia o tal andor com o São Clemente Martir em os hombros de seis sacerdotes, a q.<sup>m</sup> seguia, e acompanhava cantando â cõmunidade do R.<sup>mo</sup> Cabido, no fim do qual, e de baixo de hum rico pallio hia paramentado com hua boa capa de asperges o Juiç desta Confraria o R.<sup>do</sup> Conego An.<sup>to</sup> X.<sup>er</sup> Rebello com a costodia do S.<sup>to</sup> Lenho, e mais reliquias S.<sup>tas</sup>, q[ ] o refr.<sup>o</sup> Doante tambem deo ão m.<sup>o</sup> Sanctuario, segd.<sup>o</sup> a expreção do tr.<sup>o</sup> a fl. 94. vr.<sup>o</sup> infino, \_\_\_(?) 95. in principio. Os sinos das torres por onde passava este S.<sup>to</sup> Martir com a sua procição lhe tocarão todos, e os moradores das cazas por onde foi õ obsequiarão com lhe porem, (fl.98) e lançarem cobertores nas suas janellas. Em a noute deste dia 24. foi recebido, e mais a refr.<sup>a</sup> costodia em o Sanctuario do Bom Jesus do Monte, e abi logo applaudido com repiques, luminarias, fogo, e fogueiras, p.<sup>a</sup> na madrugada do dia 25. do mesmo mez, e anno amanhecer, como amanheceo posto com a d.<sup>a</sup> costodia em o Altar collateral da p.<sup>te</sup> do Evangelho da Capella môr do m.<sup>o</sup> Sanctuario, no qual se festijou com tambores, gaitas de folle, estalos, e bombas no d.<sup>o</sup> dia 25., e com Missa de tres Padres cantada â cantocham, e orgão, com seo sermão em o meyo, em q[ ] se ponderou, alem de outras couzas, o vezível prodigio do Senhor em concervar indemnes de corrupção os ossos do seu Martir São Clemente, e p.<sup>a</sup> ef.<sup>to</sup>, de q[ ] chegado, q[ ] fosse â epoca, em q[ ] se havião de supplicar â expenças de hum dos naturaes habitadores da Cid.<sup>e</sup> de Braga na Curia Romana, della sabicem, como sabirão asim perfeitos p.<sup>a</sup> se collocarem, e admirarem em hum dos Altares da Capella môr deste Sanctuario, e p.<sup>a</sup> nelle â v.<sup>ta</sup> [vista], e a face do m.<sup>o</sup> Senhor serem vezitados, honrrados, e venerados pelos Romeiros, e mais Povo, q[ ] concorrem ão lucrativo das Indulgencias, e Jubilleo, ou ainda por outro qualq.<sup>r</sup> principio, e afim de q[ ] todos em este Templo do Bom Jesus do Monte melhor possão conceguir as suas infinitas misericordias por meyo da intercessão, e patrocinio do seu servo, e bem aventurado o gloriozo São Clemente Martir &: Aq[ ] tudo foi prez.<sup>te</sup> o R.<sup>do</sup> Juiç desta Confraria, e mais Meza com o refr.<sup>o</sup> Doante, q[ ] sempre acompanhou ão d.<sup>o</sup> S.<sup>to</sup> Martir desde, q[ ] sabio da sua caça athé o Altar, em q[ ] se acha posto naquelle Sanctuario. Cujos applauzos se concluirão com o hymno = Te Deum Laudamus & = q[ ] com o Preste paramentado (fl.98v) de capa de asperges, e posto em o Altar do m.<sup>o</sup> S.<sup>to</sup> Martir, se lhe cantou â orgão, e cantocham na tarde do d.<sup>o</sup> dia 25. do mez de Junho deste corr.<sup>te</sup> anno de 1780 & = Esta a realid.<sup>e</sup> de todo o expend.<sup>o</sup> facto, q[ ] por se achar coerente, e conforme com a verd.<sup>e</sup> se authorizou, e confirmou por todos, e cada hum dos individuos desta Meza com as suas firmas, e assignaturas, q[ ] vão em o fim deste m.<sup>o</sup> tr.<sup>o</sup> (...).

## Anexo D – “Termo de Abertura do Santo e exame que se fez no Caixão”

Transcrição do “Termo de Abertura do Santo e exame que se fez no Caixão”, com data de 3 de agosto de 1708, Maço 59, G. 1772.1, 18053\_51-52, 2 fols, pertencente ao SICM – Fundação da Casa de Mateus (documentos digitalizados)



Fol. 1r:

*E logo no mesmo dia atras declarado foi apresentado ao Illm.º Senhor Arcebispo Primas hum caixão na maneira seguinte que tem de comprimento seis palmos e tres de alto e de largo dous. e na frente do caixão se acha sentado o Santo com a cabeça descansando sobre a mão direita Tem esta frente duas fichaduras e a Roda della molduras douradas e no meio do frizo da parte de cima esta a Inscriptão seguinte / Corpus S. Marçi Martiris cum vaze sanguinis Repertum tempore pontificatus Clementis pape desimi. Tem Coatro varais de ferro que sustentão o Caixão e neles esta pregado e nos dous \_\_\_\_ (?) teixos (?) se achão dous sellos em cada hum visto nesta forma o caixão e estar na forma de que atestação faz menção Presidio o Illm.º Senhor Arcebispo Primas a abertura delle e abrindo a frente se achou metido o Corpo do Santo dentro deste dito caixão estando o santo deitado com a cabeça sobre a mão di //*

Fol. 1v:

*Direita vestido a moda inperial de soldado guoarnesido o vestido com rendalhos de ouro falso huã espada feitisa, hum vazo na mão esquerda humã coroa na cabeça de flores de seda de diversas cores. hum sircolo de arame prateado cuberta a cara com hum véu e juntamente o pescoso. Luvas em as mãos. nos pes humas alpragatas (?) cubertas as pernas na*

mesma forma que a cara com buã palma juntamente na mão esquerda, buã vidrasa de christal de dous vidros por frente com escriptão seguinte / Corpus S. ~~Marcos~~ [rasurado] Marçi Martiris e visto assim na sobre dita forma, e estar conforme atestação plo Illm.º e Reverendisimo Senhor lbe foi dado culto e veneração e mandou que daqui por diante se lbe dese por ser o proprio (?) contbendo na atestação e \_\_\_\_ (?) Manoel Pinto Notario app.º e escrivão da Camera eclesiástica Certefico e \_\_\_\_ (?) fee em como o caixão e santo vem e esta na forma que atras se relata e de como o Illm.º Senhor Arcebispo Primas fes esta abertura e me mandou fazer este termo assignou aqui comigo Manoel Pinto escrivão (?) escrej (?) //

[À direita, assinatura:] Manoel Pinto //

Certefico mais e \_\_\_\_ (?) fe em como //

Fol. 2r:

em como ao abrir do sobredito caixão se achou na prezença com testemunha o Reverendo Doutor Vigario geral Manoel Malbeixo (?) Marinbo, o Reverendo Abbade da Campria (?) Antonio dalm.<sup>da</sup> [de Almeida] Correa, o llesensiado [licenciado] Prometor [Promotor?] Antonio de Figueiredo e Barros e outras mujtas mais pessoas que se achavão prezentes de que dou fee q□ assignarão aqui comigo e com o Illm.º Senhor Arcebispo, Primas dia e hora atras ref. supra //

[Assinaturas:] Arcebispo Primas / Manoel Pinto

[Várias assinaturas no final do documento]

## Apêndices

### Apêndice I – Lista de cardeais-vigários, custódios e sacristãos

Lista de cardeais-vigários, custódios e sacristãos, entre os séculos XVII e XIX<sup>673</sup> © Joana Palmeirão

Séculos	Cardeais-vigários	Data	Custódios	Data	Sacristãos	Data
Finais XVII - XVIII	Marzio Ginetti	1629-71			Ambroggio Landucci	1655-69
			Giovanni V. Guizzardi	1672-87	Giuseppe Eusani	1669-92
			Raffaele Fabretti	1687-89		
	Gasparo Carpegna	1671-1714	Alessandro Bonaventura	1689-1700	Pierre Lambert Le Drou	1692-1712
	Nicola Carraciolo	1715-17	Marcantonio Boldetti	1700-49	Agostino Nicola degli Abbati Olivieri	1712-31
	Domenico Parraciani	1717-21				
	Fabrizio Paolucci	1721-26				
	Prospero Marefoschi	1726-32				
	Giovanni Antonio Guadagni	1732-59	Giovanni Marangoni	1749-51	Tommaso Cervioni	1731-41
	Antonio Odescalchi	1759-62	Agostino Honorante	1751-73	? (...)	
		Giovanni Maria Tojetti	1773-82			
Finais XVIII - XIX	? (...)				Francesco Saverio Cristiani	1782-1800
			Giacomo Severini	1782-1801	Giuseppe Bartolomeo Menocchio	1800-23
	Giulio Maria della Somaglia	1795-?	Giacinto Ponzetti	1801-12		

<sup>673</sup> As listas apresentadas estão incompletas e foram realizadas tendo por base as fontes documentais consultadas (Boutry, 2016; Ghilardi, 2015; Ticchi, 2016). Alguns nomes foram obtidos através da consulta das autênticas, aquando do inventário nacional.

		<b>Candido Maria Frattini</b> (Vice-gerente)	1814	
?	(...)			
		<b>Pietro Combi</b>	1814-25	
<b>Plácido Zurla</b>	1821?-34			<b>Giuseppe Perugini</b> 1823-29
		<b>Damiano Canonico Orlandi</b>	1825-36	
<b>Carlo Odescalchi</b>	1834-38	<b>Filippo Lodovici</b>	1836-37	<b>Giovanni Augustini</b> 1829-39
		<b>Felice Clementi</b>	1837-50/3?	
		<b>Carlo Invernizzi</b>	?	<b>Giuseppe Maria Castellani</b> 1839-54
?	(...)	<b>Arcangelo Sconamiglio</b>	?	
		<b>Alessandro Biondi</b>	?	
		<b>Filippo Mallerini</b>	?	?
		<b>Stefano Miotti</b>	?-1884	

## Apêndice II – *Corpos santos* que chegaram a Portugal no século XVII

*Corpos santos* que chegaram a Portugal no século XVII (embora, muitas vezes, identificados como *corpos inteiros*, crê-se não serem ainda os recetáculos de corpo inteiro dos santos mártires catacumbais ou *simulacra*). © Joana Palmeirão

**Legenda:** † Terramoto de 1 de novembro de 1755 †† Invasões francesas (1807-1811) ††† República (1910) †††† Incêndio ou outras calamidades ‡ Desaparecido

Data <sup>674</sup>	Nome	Cemitério	Papa	Agente	Localização	Expressões	Fontes
1600	<i>Anastácia</i>		Clemente VIII	Bp. D. José de Melo	Igr. do ex-conv Franciscano das Chagas (Vila Viçosa)	... <i>corpos inteiros</i> ...	(J. Cardoso, 1652, p. 530(b), 26 de fevereiro; J. Cardoso, 1657, p. 482(b), 9 de abril; J. B. de Castro, 1747, p. 376, 74 Villa Viçosa)
1610	<i>Hilário</i> <i>Clemente</i>	Calisto	Paulo V			... <i>miraculoso corpo</i> ...	
1604	<i>Cristina</i>	Calisto	Clemente VIII	M. <sup>es</sup> D. João Pacheco <sup>675</sup>	Igr. do ex-conv. de S. Luís de Pinhel (Guarda)	... <i>corpos inteiros</i> ...	(J. B. de Castro, 1747, pp. 363–364, 54 Pinhel; A. C. de Sousa, 1744, p. 272(b), 24 de julho).
1614	<i>Pancrácio</i>	Calisto	-		Igr. do ex-conv. de Sta. Clara (Guarda)	... <i>venerandas Relíquias</i> ... ... <i>sagrado penhor de seu corpo</i> ...	(J. Cardoso, 1666, p. 198(b), 12 de maio; J. B. de Castro, 1747, p. 331, 33 Guarda)

<sup>674</sup> Data que consta nas fontes documentais. Poderá corresponder à data de exumação, à data de assinatura do breve pelo Papa, à data da chegada das relíquias a Portugal ou da sua transladação para o local definitivo, para culto e veneração.

<sup>675</sup> O corpo foi oferecido por D. João Fernandes Pacheco (5.<sup>o</sup> marquês de Vilhena e embaixador de Castela na Cúria Romana), ao padre Francisco Saraiva (secretário do arcebispo de Évora (1611-33) e agente de Portugal na Cúria pontifícia, D. José de Melo) que, por sua vez, doou o corpo ao convento de santa Clara no dia 10 de março de 1614 (J. Cardoso, 1666, pp. 198(b), 213(b), 12 de maio). Consta que terá sido o próprio marquês de Vilhena a hospedar D. José de Melo em Roma, enquanto agente diplomático, e que o terá apresentado, pessoalmente, ao Papa Clemente VIII (D. B. Machado, 1747, p. 877).

<sup>676</sup> Embora utilize a expressão *corpo*, Jorge Cardoso explica: *As mais Relíquias q̄ se guardaõ juntamēte coas de S. Pancrácio, num cofre forrado de veludo carmesi, saõ dos Sanctos Rustico, Vital, Antigonio (...)* [trinta e um no total] *que no Cartoreo deste Convento se guarda autentica, pelos Illustres Prelados D. Afonso Furtado, da Guarda, e D. Joseph de Mello, d'Evora* (1666, p. 213(b), 12 de maio).

1619 <sup>677</sup>	<i>Eugénio</i>						
	<i>Lúcio</i>	Calisto	Paulo V	Pe. Luís Lobo	Cap. do palácio do conde barão de Alvito (Lisboa) †	...sagrado Corpo de... ...os veneráveis corpos de...	(J. Cardoso, 1666, p. 498(b), 2 de junho; J. B. de Castro, 1747, p. 351, 37 Oratório dos Barões de Alvito)
	<i>Anastácia</i>						
1620	<i>Caio</i>	Calisto					
	<i>Vital</i>	-					
	<i>Teodora</i>	Calisto	Paulo V	Heitor de Sela Falcão	Igr. do ex-conv. de S. Luís de Pinhel (Guarda)	...sagrado corpo... ...corpos inteiros...	(J. Cardoso, 1657, pp. 387(b), 668(b), 678(b), 1 de abril, 22 de abril; J. B. de Castro, 1747, pp. 363–364, 54 Pinhel; Leal, 1876, p. 80)
	<i>Marcelo</i>	-					
	<i>Sixto</i>	-					
1642	<i>Amâncio</i>	Via Labicana	Urbano VIII	Bp. Pantaleão Rodrigues Pacheco <sup>678</sup>		...sagrado corpo... ...sanctas reliquias...	(J. Cardoso, 1652, pp. 392(a), 400(a), 10 de fevereiro)
1655	<i>Vicente</i> <sup>679</sup>	Calisto	-	Pe. Diogo Monroy	Cap. Real (Lisboa) †	...seu Corpo... ...sagrado Corpo...	(J. Cardoso, 1666, pp. 386(d), 396(d), 24 de maio)
Pré-1712 <sup>680</sup>	<i>Vítor</i>	-	-	-		...o corpo de...	(A. C. da Costa, 1712, p. 662)

<sup>677</sup> Data de chegada do *Corpus S. Eugenij Papæ* (*Corpo de S. Eugénio Papa*, inscrição que acompanhava as relíquias), a Portugal, pela mão do Pe. Luís Lobo da Companhia de Jesus (J. Cardoso, 1666, pp. 498(b), 505(b), 2 de junho).

<sup>678</sup> (...) cujo sagrado corpo nos ultimos dias do Pontificado de Urbano VIII. alcançou naquella cidade o Doctor Pantaleão Rodriguez Pacheco, Inquisidor Apostolico neste Reino, e meritissimo Bispo eleito d'Elvas, e o trouxe a esta de Lisboa (...) (J. Cardoso, 1652, p. 392(a), 10 de fevereiro).

<sup>679</sup> Este é um caso curioso, pois, segundo Jorge Cardoso, o *Corpo* de São Vicente mártir terá sido roubado da embarcação a caminho do México: (...) foi no Pontificado de Innocencio X. [p. 1644 - m. 1655] trasladado com sua licença para Mexico, nas Indias Occidentaes, á instancia, e rogo do P. Diogo Monroy, Procurador Géral da Companhia, que tinha esta Provincia na Curia Romana, mas salteada a embarcação no caminho dos Ingleses, trazendo elles a inestimavel preza a esta Cidade de Lisboa, sabendo a excimia piedade del Rei D. João [João] o IV. a mandou resgatar a preço de ouro, por hum Capellão de sua Real Capella, para a collocar entre as innumeraveis Reliquias, que trouxe de Villa-viçosa (1666, p. 386(d), 24 de maio). O seu corpo, exumado do cemitério de Calisto, foi depositado no oratório da Casa Real em Lisboa no ano de 1655 (J. Cardoso, 1666, pp. 386(d), 396(d), 24 de maio).

<sup>680</sup> O ano de 1712 foi o ano da publicação da obra “Corografia Portugueza”, na qual consta que as relíquias que estão na *Capella Real*, da Real Colegiada de São Tomé: são o corpo de S. Victor Martyr, a cabeça de hũa das onze mil Virgens, e o Santo Lenho (...) (A. C. da Costa, 1712, p. 662). Sobre a capela Real e a sua destruição no terramoto

1658 <sup>681</sup>	<b>Bono</b>	Priscila	Urbano VIII / Alexandre VII	Pe. Fr. António Teixeira	Igr. do ex-conv. da SS. Trindade (Lisboa) †	...precioso Corpo de... ...redoma de seu sangue...	(J. Cardoso, 1666, pp. 198(c), 213(c), 12 de maio; J. B. de Castro, 1747, p. 347, 37 Convento da Santíssima Trindade; A. C. da Costa, 1712, p. 464)
1658-60 <sup>682</sup>	<b>Venâncio</b>	Priscila	Alexandre VII	Emb. Francisco de Sousa Coutinho <sup>683</sup>	Igr. do ex-conv. de N. Sra. da Divina Providência (Lisboa) †	...sagrado Corpo...	(J. Cardoso, 1666, pp. 303(b), 311(b), 18 de maio; J. B. de Castro, 1747, pp. 345-346, 37 Convento dos Clerigos Regulares de S. Caetano)

de 1755 escreveu João Batista de Castro: *Existia mais nesta Igreja hum copioso, e estimavel Santuario de innumeraveis Reliquias de Santos distribuidas por todos os dias do anno. (...) A estas, e outras innumeraveis preciosidades, que ornavaõ, e continha esta Santa Igreja, consumio o fatal incendio (...). Não se salvou della senão alguma prata derretida, da qual se tem fundido mais de trinta mil marcos* (1758, pp. 648-649, 323).

<sup>681</sup> Embora esta seja a data da deposição do *corpo de S. Bono Presbyt. & Mart. juntamente com hũa redoma de seu sangue* no santuário da *Capella de todos os Santos* do convento lisbonense, aquele foi retirado do cemitério de Priscila no ano de 1642, no pontificado de Urbano VIII (p. 1623 - m. 1644). Dezas seis anos mais tarde, com licença do papa Alexandre VII (p. 1655 - m. 1667), o corpo foi trazido pelo Reverendo Pe. Fr. Antonio Teixeira, sendo *Provincial da Ordem da SSS. Trindade neste Reino* para Lisboa com público instrumento, passado ao I. de Setembro de 1657. pelos officiaes da Camera Apostolica. Escreveu, ainda, Jorge Cardoso que as reliquias foram: *vistas, examinadas, & autenticadas nesta Cidade de Lisboa pelo Ordinario, a II. de Maio de 1658. para se lhe darem o devido culto, conforme tem ordenado a S. Madre Igreja* (J. Cardoso, 1666, pp. 198(c), 213(c), 12 de maio; J. B. de Castro, 1747, p. 347, 37 Convento da Santíssima Trindade). Sobre a destruição do corpo durante o terramoto de 1755 reveja-se nota n.º 166.

<sup>682</sup> O ano de 1660 ficou marcado pelo reconhecimento, seguido da deposição do corpo na igreja do convento dos Teatinos da Divina Providência, em Lisboa: *A caixa em que veio o S. Corpo de Roma, com outra de sagradas Reliquias [vieram em caixas separadas] (...) abriu nesta Cidade de Lisboa o Bispo de Targa D. Francisco de Sotto-Maior (como Provisor do Rev. Cabido, Sede-vacante) a 14. de Junho de 1660. E reconhecendo depois as autenticas da Curia, fazendo juridico o processo, deu licença a 29. de Julio do d. anno, para se publicarem, i exporem na Igreja do Convento dos Theatinos da Divina Providência* (J. Cardoso, 1666, p. 311(b), 18 de maio). Embora o corpo do santo mártir Venâncio tenha sido exposto à veneração no ano de 1660, este foi retirado das catacumbas dois anos antes, como explica Cardoso: *seu sagrado Corpo alcançou em Roma, o Embaxador Francisco de Sousa Coutinho, como consta da licença do Papa Alexandre VII. [p. 1655 - m. 1667] (...) para se retirar do Cemeterio de Priscilla, que fica na via Salaria, passada a 12. de Dezembro de 1658* (1666, p. 311(b), 18 de maio).

<sup>683</sup> Francisco de Sousa Coutinho (n. 1597 - m. 1660) foi embaixador de Portugal em Roma, no tempo de D. João IV, entre 1655 e 1658 (T. L. M. Vale, 2004).

1672 <sup>684</sup>	<i>Hilário</i>	-	-	Bp. Pedro Vieira da Silva	Igr. do ex-conv. de Sto. António dos Capuchos (Leiria)	...o corpo de... ...ossos...	(Piedade, 1737, p. 279)
1676	<i>Celestino</i>	-	Clemente X	Gaspar de Abreu de Freitas <sup>685</sup>	Cap. de S. Pedro de Alcântara (Lisboa) <sup>686</sup>	...o corpo de...	(J. B. de Castro, 1747, p. 336, 37 Freguezia de Santa Engracia; A. C. da Costa, 1712, pp. 366–367)
1679 <sup>687</sup>	<i>Eufémia</i>	-	-	-	Igr. do ex-conv. de N. Sra. da Divina Providência (Lisboa) †	...o corpo de...	(J. B. de Castro, 1747, pp. 345–346, 37 Convento dos Clerigos Regulares de S. Caetano; A. C. da Costa, 1712, p. 507; A. C. de Sousa, 1744, p. 466, 6 de agosto)

<sup>684</sup> Escreveu Fr. José de Jesus Maria da Piedade que Pedro Vieira da Silva, enquanto bispo da diocese de Leiria (1671-76): *Collocou na Igreja deste seu Convento [dos Capuchos de Leiria] o corpo de Santo Hilario Martyr, e aos cinco dias do mez de Setembro de seiscentos e setenta e dous mandou passar huma Provisão, na qual declarava, e certificava serem aquelles ossos Reliquias do verdadeiro corpo do dito Santo Martyr canonizado pela Igreja, e que todos os fieis Catholicos como tal o venerassem, e reverenciassem. O Martyrologio Romano faz menção do seu martyrio em nove de Abril, e no mesmo dia se reza delle neste Convento com solemnidade de dobres* (Piedade, 1737, p. 279).

<sup>685</sup> Doutor Gaspar de Abreu de Freitas, cavaleiro da Ordem de Cristo, moço fidalgo da Casa Real e desembargador, entre outras funções, foi agente diplomático em Roma onde residiu entre 1672 e 1676 (período em que terá adquirido o corpo de são Celestino, o qual trouxe para Portugal no último ano como residente em Roma) (M. P. M. Lourenço, 2017, p. 155; T. L. M. Vale, 2004, p. 42).

<sup>686</sup> No terceiro volume da obra “Corografia Portugueza” consta que a ermida de são Pedro de Alcântara foi fundada no ano de 1654 pelo doutor Luís de Abreu de Freitas, pai do doutor Gaspar de Freitas, agente na Cúria. Consta ainda que a ermida tinha *tres Capellas* tendo a maior duas tribunas: *é sobre ellas a Imagem do Senhor dos Passos, é o corpo de S. Celestino Martyr; com outras Reliquias, que o Papa Clemente X. [p. 1670 - m. 1676] deo ao Doutor Gaspar de Abreu de Freytas no anno de 1676. sendo Residente deste Reyno na Curia de Roma* (A. C. da Costa, 1712, pp. 366–367). Segundo publicação no “Olisipo”, o corpo de são Celestino foi para o convento dos Barbadinhos Italianos ou convento de N. Sra. da Porciúncula (Lisboa), juntando-se aos corpos dos santos mártires Benigno e Modesto (Neves, 1951, p. 169).

<sup>687</sup> Ainda que o corpo de santa Eufémia surja associado ao de são Venâncio (1658-60) (J. B. de Castro, 1747, pp. 345–346, 37 Convento dos Clerigos Regulares de S. Caetano), na obra “Corografia Portugueza” consta a informação de que o seu corpo foi trazido, em procissão, do convento da Trindade para o da Divina Providência em janeiro de 1679 (A. C. da Costa, 1712, p. 507), quase vinte anos depois da deposição do corpo de são Venâncio no mesmo convento (confronte-se nota n.º 682).

1685	<i>Justino</i> <sup>688</sup>	-	Inocêncio XI	Marcello Durazzo <sup>689</sup>	Igr. de N. Sra. do Loreto (Lisboa)	...o corpo de... ...os veneráveis ossos...	(J. B. de Castro, 1747, p. 377, 78 Lisboa, 1758, p. 540 (221))
1690-98	<i>Constança</i> <sup>690</sup>	-	Inocêncio XII	Fr. João Paim <sup>691</sup>	Cap. de N. Sra. do Desterro (mosteiro de Alcobaça)	...corpo inteiro... ...ossada inteira...	(A. C. da Costa, 1712, p. 125; Leal, 1873, pp. 74-75; F. M. dos Santos, 1979, p. 79)

<sup>688</sup> Muito embora o Pe. João Baptista, no terceiro volume da sua obra (1747), se refira ao *corpo de S. Justino Martyr*, durante a descrição dos estragos causados pelo grande terramoto de 1 de novembro de 1755, no seu quinto volume (1758), o autor refere-se às relíquias como *os veneráveis ossos do Martyr S. Justino*, ao mesmo tempo que esclarece a sua localização e disposição: (...) *e allí se preservou intacta, participando da mesma fortuna os veneráveis ossos (...), com outras Relíquias, que se guardavaõ em huma caixa de madeira dourada no concavo do mesmo Altar [mor]* (1747, p. 377, 78 Lisboa, 1758, p. 540, 221).

<sup>689</sup> Mons. Marcello Durazzo, arcebispo de Calcedónia, desempenhou as funções como núncio apostólico (agente diplomático do Vaticano), em Lisboa, entre os anos de 1673 e 1685 (T. L. M. Vale, 2004). Teresa Leonor Vale escreveu, inclusive, que *já no final da sua nunciatura, mais precisamente em Setembro de 1685; Marcello Durazzo colocou, com grande solenidade, o corpo de S. Justino Mártir no altar-mor da igreja do Loreto* (2004, pp. 63-64).

<sup>690</sup> Na obra “Corografia Portuguesa”, lê-se o seguinte: *A grandiosa Capella de N. Senhora do Desterro contigua à Sacristia he obra, à primis fundamentis, da caridade, e devoção do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Joaõ Paim; nesta Capella se esmerou a arte, e apurou a arquitectura, está nella collocado em hum custoso, e brincado caixão o corpo inteiro de Santa Constançia Virgem, e Martyr, que por industria do dito Religioso veyo de Roma* (A. C. da Costa, 1712, p. 125). Esta informação é reforçada pela que consta no “Livro da capela de Nossa Senhora do Desterro” de 1698: *Está no nicho da S. S.<sup>ta</sup> Constançia o seu corpo dentro em hũ caixão de Evano cuberto de prata lavrada* (ANTT, 1698, fol. 102v). Na “Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça”, Fr. Manuel dos Santos escreveu, ainda, que na capela *se guarda a ossada inteira da Virgem e Martir S. Constança; está em hum caixão de cristal com cantoneiras de prata, e este dentro de outro de evano chapeado tãobem de prata; deu esta reliquia para este Real mosteiro o Papa Innocencio 12* [p. 1691 - m. 1700] *no anno de 16()* (1979, p. 79). Pela descrição dos materiais do *caixão* supõe-se não se tratar ainda de um simulacro. Aliás, a visita realizada no dia 27 de agosto de 2020 à capela de N. Sra. do Desterro, muito embora tenha permitido confirmar a existência do nicho original sobre a predela do altar, o mesmo apresenta um tamanho diminuto, onde apenas caberia uma pequena urna ou caixão e não o corpo de tamanho natural (mesmo de criança). Uma inscrição pintada em *chinoiserie* no exterior da portada que encerra o nicho confirma, igualmente, que em tempos, este albergou a ossada da santa, porém, as relíquias já não existem, possivelmente, fruto de alguma intervenção realizada na capela. Agradece-se, particularmente, à Dra. Cecília Gil e ao Sr. Rui Oliveira por tão amavelmente terem conduzido a visita à capela, apesar da mesma se encontrar encerrada ao público.

<sup>691</sup> D. Fr. João Paim foi abade-geral de Alcobaça entre 1698 e 1704, tendo mandado construir a capela de N. Sra. do Desterro no ano de 1690 (Portela & Mendes, 2019).

### Apêndice III – *Corpos santos* que chegaram a Portugal nos séculos XVIII e XIX

*Corpos santos* que chegaram a Portugal nos séculos XVIII e XIX (embora tenham sido destruídos, estejam fragmentados ou desaparecidos, crê-se terem vindo na forma de recetáculos de corpo inteiro ou *simulacra*). © Joana Palmeirão

Data <sup>692</sup>	Nome	Papa	Agente	Localização	Acontecimento/situação	Fontes
Pós-1737 <sup>693</sup>	<i>Bonina</i> <i>Fortunato</i>	-	rainha D. Maria Ana de Áustria	Igr. do ex-conv. de S. João Nepomuceno (Lisboa)	Incêndio <sup>694</sup> /destruído República 1910/destruído (?)	(“A igreja de S. Mamede destruída por um violento incêndio,” 1921; J. B. de Castro, 1747, pp. 347–347, Convento de S. João Nepomuceno)
1747-55 <sup>695</sup>	<i>Liberato</i>	-	-	Igr. do conv. da SS. Trindade (Lisboa)	Terramoto de 1755/destruído	(J. B. de Castro, 1758, pp. 680–681, 351)

<sup>692</sup> Data que consta nas fontes documentais. Poderá corresponder à data de exumação, à data de assinatura do breve pelo Papa, à data da chegada das relíquias a Portugal ou da sua trasladação para o local definitivo, para culto e veneração. Algumas datas tratam-se, ainda, de suposições, baseando-se, por exemplo, nas datas de construção dos locais sagrados ou de publicação das obras onde os corpos vêm referidos, entre outras informações, como se verá.

<sup>693</sup> Uma vez que não foi encontrada documentação sobre os corpos dos santos Bonina e Fortunato, assume-se que tenham vindo para Portugal após a data da fundação da igreja, dedicada ao mártir são João Nepomuceno e santa Ana pela rainha D. Maria Ana de Áustria (1737) (J. B. de Castro, 1747, pp. 133–134, 1758, pp. 653–654).

<sup>694</sup> Embora se desconheça o paradeiro do *corpo* de são Fortunato (sabe-se, apenas, que a igreja do extinto convento foi profanada no dia 5 de outubro de 1910), fontes jornalísticas referem que o *corpo* de santa Bonina foi transferido (não se sabe quando ao certo, mas poderá ter sido na mesma altura da profanação da igreja) do extinto convento de são João Nepomuceno para a igreja de são Mamede em Lisboa onde, lamentavelmente, terá sido destruído num incêndio decorrido no dia 26 de maio de 1921 (Lourenço, 2019). No jornal lê-se que existiam: (...) *a imagem do Senhor dos Passos e Nossa Senhora[,] as imagens, canonizada de St.ª Bonina[,] de St.ª Filomena, Senhora das Dóres, Senhora Mãe dos Homens, capela do Santíssimo, e pia batismal*. O incêndio terá tido início no altar-mor devido a umas velas que permaneceram acesas durante a noite, *junto da imagem de Nossa Senhora, que estava actualmente no altar, para comemoração do mez de Maria* (“A igreja de S. Mamede destruída por um violento incêndio,” 1921, p. 0001). A esta informação deve-se o amável contributo do pároco Ismael Teixeira da igreja de são Mamede (Lisboa).

<sup>695</sup> O *corpo inteiro* de são Liberato vem referido no quinto volume (1758) do “Mappa de Portugal” (mas não no terceiro volume (1747) da mesma obra), quando João Baptista de Castro descreve as relíquias existentes no convento da Santíssima Trindade em Lisboa, entre as quais se incluem o *corpo de S. Bono Presbytero, e Martyr*

<b>Pós-1739</b> <sup>696</sup>	<b>Benigno</b>	-	Caetano de Cavalieri	Igr. do ex-conv. de N. Sra. da Porciúncula (Lisboa)	Paradeiro desconhecido <sup>697</sup>	(J. B. de Castro, 1747, pp. 377–378, 78 Lisboa)
-	<b>Modesto</b>	-	-	-	-	(Neves, 1951, p. 169)
<b>1745</b>	<b>Basílio</b> <sup>698</sup>	Bento XIV	Manuel de Sande de Vasconcelos <sup>699</sup>	Igr. paroquial do SS. Sacramento (Lisboa)	Terramoto de 1755/fragmento (?) <sup>700</sup>	(J. B. de Castro, 1747, p. 337, Paroquial Igreja do Santíssimo Sacramento)

(confronte-se Apêndice II). Por esta razão, subentende-se que o corpo de são Liberato tenha chegado a Portugal entre a data de publicação do terceiro volume e o terramoto de 1755, onde ficou destruído. Sobre a sua destruição reveja-se nota n.º 166.

<sup>696</sup> Data de construção do convento de N. Sra. da Porciúncula, num terreno doado pelo rei D. João V, ano póstumo ao do falecimento do nuncio apostólico Caetano Orsini de Cavalieri em Lisboa (Neves, 1951; Sylva, 1750; T. L. M. Vale, 2012).

<sup>697</sup> Em conversa telefónica com o atual sacristão, Vítor Pinho, no dia 11 de agosto de 2020 – a quem, desde já, se agradece a disponibilidade e colaboração –, sabe-se que o paradeiro dos corpos dos santos mártires Benigno e Modesto é atualmente desconhecido. O contacto realizado com o Dr. Alexandre Salgueiro do CCPL teve o mesmo resultado, uma vez que nas fichas de inventário pertença do “Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra” existe, apenas, a ficha do busto-relicário, em prata, de santa Engrácia. Tentou-se, ainda, obter informações junto do pároco da igreja paroquial de santa Engrácia, mas sem sucesso. Não obstante, o doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, na sua publicação sobre o convento dos Barbadinhos Italianos (ou convento de N. Sra. da Porciúncula), no qual descreve todo o interior da igreja (altares, imagens, relicários, etc.), escreveu o seguinte: *Aqui, neste Convento, houve notáveis relíquias de Santos, entre elas, ao que se diz, o esqueleto completo de S. Modesto, oferta de um Papa. Sobre este esqueleto de S. Modesto afirmam coevos tê-lo visto num altar, envolvido por uma imagem feita em cartão pintado, no tempo do Prior Monsenhor Elviro dos Santos. Está actualmente retirado do culto, num depósito da Igreja atrás do Altar Mor* (Neves, 1951, p. 169). Confirma-se, assim, tratar-se de um simulacro. O prior Alfredo Elviro dos Santos tomou posse da freguesia de santa Engrácia a 9 de janeiro de 1890 (Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes, 1902, p. 31).

<sup>698</sup> Na 'Paroquial Igreja do Santíssimo Sacramento' he venerado com toda a decencia o corpo inteiro do glorioso Martyr S. Basílio, estimavel prenda, que fez aqui depositar no anno de 1745. Manoel de Sande de Vasconcelos, *Thesoureiro Mór da Junta dos Trez Estados* (J. B. de Castro, 1747, p. 337, Paroquial Igreja do Santíssimo Sacramento).

<sup>699</sup> Reveja-se nota n.º 202. Manuel de Sande de Vasconcelos terá sido, também, o responsável pela vinda das relíquias de santa Agatemera (1740-45).

<sup>700</sup> Sobre os bens existentes na igreja do SS. Sacramento e das consequências do terramoto de 1755, escreveu o Pe. João Baptista de Castro: *Esta mesma Irmandade se achava muy opulenta, e possubia riquissimos ornamentos, e muitas peças, e cofres de prata, e estimadissimas Relíquias (...). Em o tremendo dia do terremoto, e memoravel incendio padeceo esta Igreja huma total derrota; porque o Templo se arruinou, sepultando setenta e cinco pessoas; e todo o movel da Igreja se reduzio a cinzas (...) pois só escapou a sagrada Pyxide com o Santissimo Sacramento* (1758, pp. 675–676, 346-347). Atendendo a que o autor não esclarece sobre o paradeiro do *corpo inteiro* de são Basílio, após o terramoto, procedeu-se à visita da igreja do Santíssimo Sacramento no dia 11 de agosto de 2020. Numa sala anexa à capela-mor encontra-se uma pequena maquete de madeira com três faces envidraçadas e um crânio fragmentado no interior, envolto em flores, seda vermelha e galões dourados. Numa pequena tira de papel, fixa ao crânio e visível pelo vidro

1712-47	Marciano <sup>701</sup>	-	cardeal D. Nuno da Cunha e Ataíde <sup>702</sup>	Cap. do palácio da Inquisição ou paço dos Estaus (Lisboa)	Terramoto de 1755/destruído (?) <sup>703</sup>	(J. B. de Castro, 1747, p. 350, Palacio da Inquisição)
---------	-------------------------	---	--	---	--	--

frontal, lê-se a seguinte inscrição: *S. BASILLI M. (SÃO BASÍLIO MÁRTIR)*. Facto interessante é que numa pequena tabuleta anexa à maquete lê-se, entre outras informações, que a relíquia foi *trazida para Lisboa pelos Frades Trinitários, nas suas digressões pelo norte de África e Ásia Menor na missão de remir os cativos dos Mouros*. A mesma maquete consta no “Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa” com o n.º de ordem 121 (1985). Assim, com base nos dados recolhidos e uma vez que não foi encontrado outro santo de nome “Basílio” nas fontes documentais, crê-se tratar-se de um fragmento do *corpo inteiro* mencionado pelo Pe. João Baptista de Castro, sobrevivente do terramoto de 1755 e do incêndio que, segundo o autor, destruiu a igreja.

<sup>701</sup> *No 'Palacio da Inquisição' guarda o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha na sua Capella o corpo de S. Marciano Martyr com huma redoma de seu sangue (...)* (J. B. de Castro, 1747, p. 350, Palacio da Inquisição).

<sup>702</sup> Embora o Pe. João Baptista de Castro não especifique o nome do agente e a data da deposição do corpo no oratório do palácio, crê-se tratar-se de D. Nuno da Cunha de Ataíde (n. 1664 - m. 1750), nomeado cardeal da Santa Igreja Romana a 18 de maio de 1712 pelo papa Clemente XI (p. 1700 - m. 1721). Além deste cargo, D. Nuno da Cunha de Ataíde (grafia do nome de batismo: Nuno da Cunha de Athayde e Mello) foi, também, sumilher da cortina, deputado da Junta dos Três Estados, bispo titular, capelão mor, ministro do despacho universal de D. João V (1707-1721), inquisidor-geral (1707-1750), conselheiro real e enviado diplomático (Jácome, 2020; Sylva, 1750). Sabe-se, inclusive, que o Cardeal Cunha deslocou-se a Roma em maio de 1721 para participar do conclave que elegeu o papa Inocêncio XIII (após a morte de Clemente XI), regressando a Portugal no ano de 1723 (Conceição, 1820; Jácome, 2020). Embora haja uma forte probabilidade de o mesmo ter adquirido o corpo santo durante essa viagem, não existem bases documentais que comprovem essa hipótese. Por esta razão, estabelece-se como data provável de chegada do corpo de São Marciano, o período compreendido entre o cardinalato de D. Nuno da Cunha (1712) e a data de impressão do terceiro volume do “Mappa de Portugal” (1747), uma vez que o dito corpo já vem referido nesta obra. Quanto à ligação do cardeal com a Santa Sé, transcreve-se as palavras de Afrânio Jácome: (...) *os esforços do cardeal D. Nuno da Cunha de Ataíde para que Portugal obtivesse honrarias similares àquelas concedidas às potências católicas foram constantes. O cardeal, ao longo de décadas, manteve intensa troca de cartas com diversos cardeais e autoridades romanas (...). Desde os primórdios do reinado joanino, D. Nuno da Cunha de Ataíde encabeçou a defesa de uma política portuguesa de acompanhar os interesses da Santa Sé no âmbito da Europa, esperando com isso que a Igreja voltasse a prestigiar Portugal, restabelecendo no Reino os patamares políticos anteriores a 1580* (2020, pp. 284–285).

<sup>703</sup> O terramoto de 1755 deixou o palácio da Inquisição em ruínas (Macedo, 1932).

1777	704	Pio VI		Cap. do paço Real da Bemposta (Lisboa)	República 1910/paradeiro desconhecido <sup>705</sup>	(Gusmão, 1982, p. 125)
1780	<i>Clemente</i> <sup>706</sup>	Pio VI	Jacinto Fernandes Bandeira	Cap. de N. Sra. da Graça na quinta da Graciosa (Monte da Caparica)	Paradeiro desconhecido <sup>707</sup>	(Mendes, 2012)

<sup>704</sup> Sobre este corpo, cujo nome se desconhece, sabe-se apenas que terá vindo de Roma juntamente com o corpo de santa Justina, em setembro de 1777, oferta do papa Pio VI (p. 1775 - m. 1799) (Gusmão, 1982). Sobre esta oferenda, escreveu José de Castro na sua obra “Portugal em Roma” que o papa Pio VI, por ocasião da morte do rei D. José I (m. 1777), *querendo dar a Suas Majestades um atestado da sua afeição, ofereceu dois corpos de Santos Mártires, tirados dos santos cemitérios, que foram metidos em duas urnas riquíssimas, ornadas de metais dourados e deitados ao natural com ricos vestidos bordados a ouro e prata* (J. de Castro, 1939, p. 15). Pela datação, crê-se tratar-se das mesmas santas, mais concretamente: a santa Justina, hoje exposta na igreja de santo António (Lisboa) e cujo corpo está identificado e datado (ficha de inventário n.º 9, Apêndice V) e esta santa virgem anónima, que foi em tempos colocada numa vitrine na capela de N. Sra. da Conceição do paço da Bemposta (Gusmão, 1982).

<sup>705</sup> O contacto estabelecido com o capelão António Borges em novembro de 2020 não trouxe resultados sobre a localização do simulacro. Não obstante, obteve-se a informação de que a capela foi utilizada como armeiro depois da República, sendo atualmente propriedade do Exército Militar. Neste sentido, é possível que o exemplar tenha sobrevivido até aos dias de hoje, possivelmente, guardado em algum armazém pertença do Estado ou da DGPC. Coloca-se, inclusive, a hipótese de um dos simulacros localizados na *Regalis Lipsanoteca* – por intermédio do protocolo celebrado com a DGPC (veja-se subcapítulo 7.4.8. (parte IV)) –, possa pertencer a esta santa.

<sup>706</sup> No *despacho* do documento de (re)autenticação, com data de 1893, encontrado e transcrito pelo historiador e investigador Dr. Rui Mesquita Mendes, vem descrito que: *No vão do dito altar, sob a mesa e pedra d'ara, está collocada uma urna de madeira bem talhada, com enfeites e dourada e com vidro de cristal em duas peças na frente, a qual contém recostado sobre o lado direito com a cabeça sobre dois coxins de setim agaloados o Esqueleto inteiro do Corpo de S. Clemente Martyr, todo configurado em cera, revestido de rico trapo militar do tempo dos romanos com setim agaloado, com espada ao lado, indicando a classe a que pertencia e com ambula de sangue à cabeceira com as letras - X P -, symbolo do martyrio por a Lei de Christo [p. 1v] Senhor Nosso no tempo das perseguições dos Imperadores romanos idolatras contra os Christãos. Há tradição à falta de documentos que deviam existir mas não se encontram, que dá como mandada de Roma em tempo do Papa Pio VI pelos anos de 1780, esta Veneranda Reliquia a hum dos Bandeiras Ascendente do Supplicante Negociante de grosso trato da praça de Lisboa, e senhor da Casa dos Bandeiras, em reconhecimento dos actos de dedicação religiosa praticados por aquele respeitável e Opolente Varão na passagem gratuita dada por aquelles tempos em seus navios da Carreira da Índia e da China a muitos Missionários enviados aquellas partes pela Sagrada Congregação da Propaganda* (Mendes, 2012, p. 239). O *Auto de Autenticação* (que se segue após o *despacho*), pode ser lido em Mendes, 2012, pp. 226-227, 238-241, 248 (em particular n.º 70). No Arquivo da Nunciatura de Lisboa (Arquivo Secreto do Vaticano) consta uma carta em latim do cardeal di Pietro (prefeito da mesma Sagrada Congregação da Propaganda da Fé), datada de 1807, confirmando a vinda do simulacro para oferecer aos *senhores Bandeira*, como agradecimento do transporte gratuito de missionários da Sagrada Congregação para o Oriente (Franco, 2011, p. 232).

<sup>707</sup> A Quinta ainda se encontra na pose dos descendentes. Apesar de não ter sido possível estabelecer contacto com os proprietários atuais, crê-se que o simulacro ainda esteja na capela.

1786	<i>Plácido</i> <sup>708</sup>		Bp. D. Manuel de Vasconcelos Pereira			(Andrade, 1926, pp. 77–78) BNP (estampas)
1775- 1800 <sup>710</sup>	<i>Cândida</i>		Caetano de Albuquerque (?)	Cap. de Caetano Alexandre de Albuquerque (Moimenta da Beira)	Invasões francesas/destruídos <sup>709</sup>	(A. P. de Carvalho, 2017) BNP (estampa)
1804-06	<i>Vítor</i> <sup>711</sup>	Pio VII	Bpo. D. António de S. José e Castro	Igr. do seminário de Sto. António (Porto)	Guerras Liberais/destruído <sup>712</sup>	AAV
-	?			Cap. do palácio Forjaz (Lisboa)	Paradeiro desconhecido <sup>713</sup>	Fotografia (autoria desconhecida)

<sup>708</sup> A respeito deste simulacro, transcrevem-se as palavras de D. Joaquim de Azevedo na sua “Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego”: *Gosa Moimenta [da Beira] o corpo de S. Placido Martyr, que mandou vir de Roma o Exc.<sup>mo</sup> Snr. D. Manoel de Vasconcellos Pereira, Bispo de Lamego; mas chegando de Roma depois de sua morte, o recebeu o seu sobrinho Caetano Alexandre, filho da irmã do dito Snr. Bispo, e do Snr. capitão-mór de Trancoso, assistente n'esta villa de Moimenta, aonde casou, e o guarda com toda a decencia no oratorio domestico, aonde tem sido visitado dos povos com fama de milagres, e se lhe anda preparando uma capella magnifica* (1877, p. 153).

<sup>709</sup> Referindo-se à capela privada de Caetano Alexandre de Albuquerque em Moimenta da Beira (perto da fonte da Pipa), escreveu António Francisco de Andrade, o seguinte: *Os francezes, n'uma das invasões, praticaram o vandalismo de destruir, pelo incêndio pôsto, aquelle templo quasi concluido. Um templo glorioso, para aquelles gloriosos Santos [Plácido e Cândida], muito devia ter contribuido para a maior prosperidade d'esta villa* (1926, pp. 77–78). Confirmada a destruição da capela e dos respetivos simulacros dos santos mártires, apenas se conservaram até aos dias de hoje estampas religiosas da coleção “Registos de Santos” da BNP (n.ºs de inventário rs-1669 e rs-1671 (são Plácido) e rs-4865 (santa Cândida)). Uma outra estampa de santa Cândida está preservada em Fareja (A. P. de Carvalho, 2017). Um painel de azulejos com a representação do corpo da santa virgem e mártir está localizado na fachada de um edificio no centro de Moimenta da Beira. A presença deste azulejo com intenção devocional mostra, claramente, que a santa e a sua presença em Moimenta da Beira foi um marco importante para a vila e seus moradores.

<sup>710</sup> Quanto à data de chegada do corpo de santa Cândida à capela de Caetano de Albuquerque, não foram encontradas fontes documentais que forneçam essa informação. Existem, no entanto, alguns elementos nas gravuras identificadas *supra* que podem ajudar a determinar um período provável da sua vinda para Moimenta. Na gravura de santa Cândida da BNP (rs-4865), consta a seguinte subscrição: *Em Caça de Fr.<sup>o</sup> M.<sup>el</sup> no fim da Rua do Paçeyo Lx.<sup>a</sup>*, que corresponde ao local de publicação da estampa religiosa. Segundo dados publicados pelo RNOD da BNP, a estampa terá sido realizada entre 1775 e 1800 por Manuel da Silva Godinho (n. 1751? - m. 1809?) (grav.) e Francisco Manuel Pires (impr.), ou seja, pouco tempo após a chegada do corpo a Moimenta da Beira (Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano, n.d.; RNOD (BNP), n.d.). Uma datação mais aproximada pode ser obtida através da comparação das estampas de são Plácido e de santa Cândida, esta última preservada em Fareja. Nas duas estampas de são Plácido lê-se a seguinte inscrição: *CORPUS S. PLACIDI M / Verdadeiro Retrato de S. Placido M. Cujo Corpo se Venera na Capella de Caetano Alexandre da Fonseca Pinto d'Albuquerque Fidalgo da Caça de S. M. Fidellissima sita na Villa de Moimenta da Beira Bispado de Lamego*. Já na estampa de santa Cândida lê-se o seguinte: *S. CANDIDA / Verdadeira Imagem do Veneravel e Milagroso Corpo de Santa Candida Virgem, e Martir por cuja entresecação, obra Deos imenços prodigios, o qual se venera na Villa de Moimenta da Beira na Capella de Caetano Alexandre da Fonseca Pinto de Albuquerque, Fidalgo da Caça de Sua Alteza Real e Principe Regente Nosso Senhor, e Cavalleiro*

-	<b>Filomena</b> <sup>714</sup>	-	ex-conv. de S. Bento de Avé-Maria (Porto)	Extinção/paradeiro desconhecido	AMB e BNP (estampas)
---	--------------------------------	---	---	---------------------------------	----------------------

da *Ordem de Cristo* (Carvalho, 2017). A diferença da primeira para a segunda é que nesta lê-se: (...) e *Cavalleiro da Ordem de Cristo*. Segundo documento no ANTT, Caetano Alexandre da Fonseca Pinto de Albuquerque foi agraciado com a Ordem de Cristo no ano de 1798 (ANTT, 1798). Subentende-se, assim, que o simulacro da santa mártir Cândida tenha chegado à capela privada de Caetano de Albuquerque numa data próxima ou após este ter sido agraciado com a Ordem de Cristo. Não obstante, o modo de aquisição do simulacro permanece uma incógnita. Por fim, conclui-se, que ambos os simulacros eram pertença de Caetano de Albuquerque e estariam expostos para veneração na sua capela privada até à data em que esta e todos os seus bens foram destruídos num incêndio ateadado pelos franceses, durante a invasão de 1808.

<sup>711</sup> Deve-se a descoberta deste corpo ao Exmo. Sr. Doutor dom Carlos de Azevedo que, amavelmente, partilhou a informação da existência de documentos relativos ao pedido do corpo do santo mártir Vítor, no AAV. Os documentos dizem respeito à solicitação do corpo, pelo bispo do Porto, ao núncio apostólico em 1804 e ao respetivo agradecimento, em 1806. Segundo dados fornecidos por D. Carlos de Azevedo, o bispo D. António de S. José e Castro terá solicitado o corpo de são Vítor para que fosse depositado no seminário episcopal de santo António (Porto), aquando da sua inauguração, o que veio a acontecer em 1804 (Filipe, 2009; José & Cunha, 2015). Embora não tenha sido possível consultar o referido arquivo (nem tão pouco solicitar a reprodução dos documentos por não ter sido possível localizar a pasta com a documentação supramencionada) foi encontrada a gravura do mesmo corpo na coleção do AMB|DRCN (n.º inventário 3526 MB), cuja inscrição confirma a vinda do corpo santo para o seminário: *S. Victor. M. / Venera-se na Capella do Seminario Ep.<sup>al</sup> do Porto, e celebra-se a sua festa na Dominga infra-octava de S. An.<sup>lo</sup>, em cujo dia podem os Fieis lucrur Indulgencia Plenaria concedida pelo S.<sup>mo</sup> P. Pio VII, á m.<sup>ma</sup> Capella no respectivo octavario, além de outras parciaes*. Seguida da subscrição: *R. J. da Costa gravou. Porto* (gravura datável de ca. de 1802 a 1862(?)).

<sup>712</sup> O seminário foi atacado durante as guerras liberais (1832-34), tendo ardido completamente. Em 1899, o edifício (abandonado e em ruínas), foi reaproveitado pela CMP para a instalação do atual colégio de órfãos (Filipe, 2009; José & Cunha, 2015).

<sup>713</sup> Destes dois simulacros sobreviveu, apenas, até aos dias de hoje, uma fotografia da capela (de autoria desconhecida), onde se observam, em cada um dos lados do altar-mor, pequenos nichos na parede, onde estariam colocados os corpos. Pela análise das vestes, tamanho e posição dos corpos, tratar-se-iam de simulacros de crianças do sexo feminino e da segunda metade do século XVIII. Durante este período, o palácio foi arrendado por diferentes inquilinos (MrJam, 2012). Um especial agradecimento ao consultor do projeto, José João Loureiro, pela partilha da fotografia.

<sup>714</sup> Quanto à santa Filomena sabe-se, apenas, com base na gravura pertencente ao AMB|DRCN (n.º de inventário 3521 MB), que era venerada no *Convento de São Bento da Ave Maria do Porto* (atual estação dos comboios de são Bento, Porto). Embora existam várias estampas da santa Filomena nos “Registos de Santos” da BNP, crê-se não se tratar de simulacros, mas de peças de imaginária (em madeira ou gesso). Não obstante, sem mais provas que confirmem esta suposição, assume-se como possível a sua existência. A maioria já não existe ou o paradeiro é desconhecido.

Inícios XIX <sup>715</sup>	?	-	-	ex-conv. do Desagravo do SS. Sacramento (Lisboa)	Paradeiro desconhecido	(L. G. Pereira, 1927, p. 310)
-	Vitória	-	-	Regalis Lipsanoteca (Ourém) <sup>716</sup>	Paradeiro desconhecido/destruído (?)	

<sup>715</sup> Sobre estes dois corpos escreveu Luiz Gonzaga Pereira no livro “Monumentos sacros de Lisboa em 1833”, o seguinte: (...) e duas capellas lateraes, com dous santos em carne debaixo do sepedaneo dos altares (...) (1927, p. 310). Uma vez que os corpos são descritos como sendo *em carne*, supõe-se que sejam exemplares em cera; portanto, de produção tardia, ou seja, finais do século XVIII ou inícios do XIX. Sabe-se, ainda, que o convento ficou totalmente arruinado com o terramoto, tendo reaberto em 1783. Perante os factos, concebe-se a hipótese da sua vinda ter coincidido com a reabertura do convento.

<sup>716</sup> Localização atual, embora só tenha sobrevivido a urna da santa. Atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.8. (parte IV).

## Apêndice IV – *Simulacra* em Portugal

*Simulacra* em Portugal, distribuídos por diocese. © Joana Palmeirão

**Legenda:** \* Data na autêntica (ou documento similar), assinada em Roma; \*\* Data de chegada a Portugal ou do primeiro registo da sua presença em território nacional; \*\*\* Data de trasladação para o local de culto; □ Data provável de chegada a Portugal † Realocado; ‡ Fragmentado; [] Produção, remontagem ou recomposição nacional (provável ou confirmada)

N.º	Diocese	Nome	Data	Localização atual (aldeia/vila/cidade)	
1		[Peregrino]	1703***	Igr. de N. Sra. da Conceição dos Cardais (Lisboa)	
2		[Agatemera]	1740-45**	Cap. de N. Sra. do Pilar da quinta de Manique (Manique de Baixo)	
3		Sabino	Pós-1758	Igreja de N. Sra. das Mercês (Lisboa)	
4		[Vitória]			
5		[Eleonora]		Cap. de N. Sra. das Mercês do palácio do marquês de Pombal (Oeiras)	
6		Burcio	1770**		
7		Prima †		Cap. do Sr. Jesus dos Perdões do palácio do Mitelo (Lisboa)	
8	Lisboa (17)	Aurélia & Filha † ‡	1776*	Igr. de N. Sra. da Vida (Sobral de Monte Agraço)	
9		Justina	1777	Igr. de Sto. António (Lisboa)	
10		Ixopério	1790-91□	Basílica da Estrela (Lisboa)	
11		Benedito	1870□	Igr. do ex-conv. de Sto. António de Varatojo (Torres Vedras)	
12		[Urbano] †	-	Igr. das Chagas de Cristo (Lisboa)	
13		Vitório	-	Cap. de N. Sra. da Conceição do palácio Caldas (Lisboa)	
14		[Fulgêncio]	-	Igr. de Sta. Maria Madalena (Lisboa)	
15		[Vitória]	-		
16		[Bonifácio]	-	Igr. paroquial de são Nicolau (Lisboa)	
17		[Marciano] †	Pós-1834***	Igr. de são Sebastião (Óbidos)	
18		[Severino]	1742***		
19		Eugénio		Igr. de Sto. António dos Congregados (Porto)	
20		[Clemente]	1782/3*		
21		[Aurélio]	1749□	Cap. de são Vicente da sé do Porto (Porto)	
22		[Pacífico]			
23		Porto (10)	Vitória †	1779*	Igr. da Lapa (Porto)
24			[Vicente]	1785***	Igr. de são Nicolau (Porto)
25	[Bonifácio] †		1790*	Igr. de são Miguel (Lixa)	
26	[Clara]		1798** 1803***	Igr. paroquial do N. Sr. do Bonfim (Porto)	
27	Vicente		1826*	Igr. de N. Sra. do Carmo (Penafiel)	
28	[Sabina] †		1756*		

29		[Próspero] †	-	
30		[Justina] †	-	<i>Regalis Lipsanoteca (Ourém)</i>
31	Leiria-Fátima (6)	[Irene] †	-	
32		Clemente †	-	
33		[?] †	-	
34		Fortunato †	1770-80□	
35		Semne † ‡	1770-80□	
36	Setúbal (6)	Teodoro †	-	
37		Clementina & Simplicio † ‡	-	Armazém de materiais da SCMA (Monte de Caparica)
38		Primogénita †	-	
39		? ‡	-	
40	Braga (4)	[Felicidade]	1770-1800□	Igr. de Sto. António dos Capuchos (Guimarães)
41		Clemente	1778-80**	Santuário do Bom Jesus do Monte (Braga)
42		Fortunato	1787**	Igr. de N. Sra. da Consolação e Santos Passos (Guimarães)
43		[Justino]	1793	Cap. de Sto. António de Lisboa da casa da Espregueira (Barcelos)
44	Coimbra (4)	[Vicente] †	1760*	Cap. de são Miguel do seminário maior de Coimbra (Coimbra)
45		Liberato	1779*	
46		Fortunato		Igr. da Sagrada Família do seminário maior de Coimbra (Coimbra)
47		[Frutuoso] †	1760-79□	
48	Vila Real (3)	Marcos †	1704-5*	Cap. de N. Sra. dos Prazeres do palácio Mateus (Vila Real)
49		Clemente †	1770-1800□	Igr. do Senhor do Calvário (Bujões)
50		Pio ‡	-	Cap. de são Pio (Sta. Marta de Penaguião)
51	Lamego (2)	Félix	1746*	Cap. de N. Sra. da Assunção da casa da Torre das Pedras (São João da Pesqueira)
52		Paulo		
53	Guarda (1)	[Fiel] †	1851***	Igr. de S. Bento (Louriçal do Campo)
54	Viana do Castelo (1)	[Severino]	1783**	Santuário de N. Sra. da Agonia (Viana do Castelo)

## Apêndice V – Fichas de inventário

Fichas de inventário dos *simulacra* em Portugal (1703-1870). © Joana Palmeirão

### FICHA DE INVENTÁRIO Nº 1

#### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Peregrino



N.º de inventário existente

-

Datação

1703

Local (atual) / propriedade

Coro baixo da igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais / Congregação das Irmãs Dominicanas de santa Catarina de Sena (asilo para cegas)

Local (original) / propriedade

Capela de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais / convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais de Jesus (Ordem das Carmelitas Descalças)

Localização

Em espaço próprio no banco do retábulo-relicário no coro baixo

Estado

Exposto, mas sem culto

Cidade

Lisboa

Freguesia

Misericórdia

Concelho

Lisboa

Distrito

Lisboa

Diocese

Lisboa

Morada / GPS

Rua de O Século 123, 1200-434 Lisboa / 38.71488, -9.14769

#### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“S. PEREGRINO M.” (inscrição em cartela de papel junto ao corpo)

Autêntica (S/N) / local

Não / -

Papa

Clemente XI (p. 1700 - m. 1721)

Agente / cargo

Pe. Fr. João de Santa Teresa (Congregação de Itália) / ?

#### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular

Santo mártir Peregrino

<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Peregrino
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores, ramo de flores, cristograma Chi-Rho / bastão de peregrino, vieira
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, lâminas e fios metálicos dourados, passamanes dourados e prateados (galões, fitas, berloques, etc.), rendas metálicas, ornamentos metálicos diversos (lantejoulas, canotilhos, lâminas, folhas), metal, papel, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e a cabeça elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre a almofada e o rosto apoia sobre a mão. O braço esquerdo acompanha o corpo e segura o ramo de flores, de cores e formatos variados. A mão, ligeiramente aberta, apoia sobre a anca. O rosto resulta da sobreposição de gazes, aplicadas sobre o crânio, com protuberâncias na zona do nariz, dos lábios e do queixo. A cabeça ostenta uma generosa coroa de flores variadas e policromas. O simulacro veste túnica comprida de tom vermelho, com bordado direto a lâmina e fio metálico dourado, e decorada com passamanes variados dourados e prateados. As mãos vestem rendas metálicas e os pés, envolvidos por gazes, calçam sandálias de tiras. Um bastão metálico pende do braço direito e acompanha o corpo, terminando junto aos pés. O simulacro assenta sobre um leito forrado com o mesmo tecido da almofada, de tom vermelho. Junto ao corpo, numa cartela em papel, observa-se, em letras capitulares, o nome do santo encimado pelo cristograma. Pequenos vasos cerâmicos com arranjos florais em papel e folha metálica circundam o simulacro e decoram o interior da vitrina
<b>Observações</b>	A palma e o vaso de sangue não foram identificados. O ramo de flores é distinto da coroa a nível de estilo, dos materiais e das técnicas. A composição atual do simulacro sugere que este foi alvo de uma alteração ou recomposição no passado

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

**Estado de conservação\*** Bom

**Descrição** Sujidade superficial e acumulada; oxidação e escurecimento dos metais

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

### ANEXO FOTOGRÁFICO



## FICHA DE INVENTÁRIO Nº 2

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

<b>Nome</b>	Santa mártir Agatemera	
<b>N.º de inventário existente</b>	-	
<b>Datação</b>	1740-45	
<b>Local (atual) / propriedade</b>	Capela de Nossa Senhora do Pilar / quinta de Manique (propriedade privada)	
<b>Local (original) / propriedade</b>	Capela de Nossa Senhora do Pilar / quinta de Manique (propriedade privada)	
<b>Localização</b>	Em urna própria no banco do retábulo da capela-mor	
<b>Estado</b>	Exposto, mas sem culto	
<b>Aldeia</b>	Manique de Baixo	
<b>Freguesia</b>	Alcabideche	
<b>Concelho</b>	Cascais	
<b>Distrito</b>	Lisboa	
<b>Diocese</b>	Lisboa	
<b>Morada / GPS</b>	Estrada da Quinta, 689 Manique de Baixo / 38.73344, 9.36598	

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

<b>Inscrições (local)</b>	“AGATEMERA / D IN P XII KL. / FEB” (inscrição em placa funerária paleocristã, localizada junto ao retábulo)	
<b>Outros (local)</b>	“ESMOLAS, P, <sup>A</sup> AS OBRAS, E ÇERA / DE S, <sup>TA</sup> AGATEMERA, V, E M,” (inscrição em caixa de esmolos localizada junto à capela-mor)	
<b>Autêntica (S/N) / local</b>	N / -	
<b>Papa</b>	Bento XIV (p. 1740 - m. 1758) (?)	
<b>Agente / cargo</b>	Manuel de Sande de Vasconcelos (n. 1684 (?) - m. 1745) / mercador e contratador	
<b>Outras informações</b>	Existia romagem no dia 29 de setembro e três dias de feira	

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Santa Agatemera, virgem e mártir; corpo mumificado de santa Agatemera; múmia
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo da santa mártir Agatemera
<b>Categoria</b>	1ª (?)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (lantejoulas, vidros coloridos, missangas), metais, papel, vidro, madeira, cera, osso
<b>Descrição</b>	<p>Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e a cabeça elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre duas almofadas e o rosto apoia sobre a mão. O braço esquerdo acompanha o corpo e os joelhos estão fletidos. O rosto encontra-se bastante danificado deixando a descoberto a metade superior do crânio. A metade inferior está revestida com gazes. A cabeça ostenta uma coroa de flores variadas e policromas em tecido e folha metálica. O simulacro veste gaze transparente no peito, braços, antebraços, coxas e pernas. No peito, a gaze é decorada por fileiras de galões dourados dispostos em forma de escama. Dos ombros pendem o que aparentam ser mangas, em gaze lavrada com padrões vegetalistas brancos. Na zona da bacia, ao centro, galões tecidos dourados formam as letras “X” e “P”. Uma tira larga de tecido de tom rosa cinge o pescoço, sobre a qual pende um colar composto por pequenas missangas e vidros vermelhos e verdes, emoldurados a fio dourado entrelaçado. As pernas vestem saia em tecido liso de cor vermelha. Sobre esta, um tecido em tons de azul, lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico prateado, formando padrões florais de diferentes dimensões e de grande riqueza, corresponde ao manto. As mãos vestem rendas metálicas prateadas. Todas as peças de vestuário são rematadas por galões dourados ou prateados. A folha de palma repousa sobre as coxas. Mais abaixo, sobre o leito, observa-se o vaso de sangue, composto por um pequeno recipiente de vidro iridescente com pé em talha dourada. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com tecido vermelho (igual ao da saia) e cercados por galões tecidos dourados</p>
<b>Observações</b>	<p>Devido à transparência das gazes, observa-se o esqueleto no interior (aparentemente bastante completo) e a rede metálica interna que o envolve e dá forma ao simulacro, composta por arames de diferentes grossuras. As saliências do rosto (nariz e lábios) parecem ter sido modelados em cera. A presença de uma massa similar junto às órbitas oculares sugere que os olhos também seriam modelados, embora atualmente apenas se observam as cavidades do crânio. Com base nas evidências históricas e documentais, crê-se que esta modelagem tenha sido posterior à vinda do simulacro para Portugal. O vaso de sangue está caído e o vidro partido. A folha de palma está posicionada fora da mão esquerda e do avesso, permitindo ver o sistema de montagem. A disposição atual do simulacro sugere que este foi mexido no passado. Os vidros coloridos parecem imitar pedras semipreciosas. A decoração do peito e o tecido da túnica são muito similares aos do simulacro do santo mártir Félix (1746) (confronte-se ficha de inventário n.º 51)</p>

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial generalizada; lacerações extensas nos tecidos, em particular nas gazes; perdas volumétricas (rosto); vidros partidos (vaso de sangue); despreendimento dos galões (saia e manto); deformações; descoloração dos tecidos; fraturas e perda do material osteológico

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (11.08.2020)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 3

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Sabino



N.º de inventário existente

-

Datação

2ª metade do século XVIII

Local (atual) / propriedade

Igreja de Nossa Senhora das Mercês / Estado (propriedade pública)

Local (original) / propriedade

Igreja de Nossa Senhora de Jesus / extinto convento de Nossa Senhora de Jesus dos Religiosos Descalços (Ordem Terceira de São Francisco)

Localização

Em espaço próprio no banco do retábulo da capela lateral de Nossa Senhora das Dores (primeira capela do lado da Epístola)

Estado

Exposto, mas sem culto

Cidade

Lisboa

Freguesia

Misericórdia

Concelho

Lisboa

Distrito

Lisboa

Diocese

Lisboa

Morada / GPS

Largo de Jesus, 1200-317 Lisboa / 38.71270, -9.15045

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“S. SABINO. M.” (ao peito)

Autêntica (S/N) / local

Não / -

Registos (técnica)

Estampa religiosa (gravura a buril)

N.º de inventário

rs-01736

“Inscrição”

“S. SABINO. M. / que se venera no Convento de Jezus.”

Local

Coleção “Registos de Santos” | BNP



## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	São Sabino mártir; imagem jacente de são Sabino
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Sabino
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, vaso de sangue, espada, auréola
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas, galões tecidos e de renda), ornamentos metálicos (lantejoulas, folha policroma), policromia, cabelo, metais, vidro
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e a cabeça elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre a base e a mão encosta no ombro. O braço esquerdo está ligeiramente elevado em relação ao tronco, com o cotovelo dobrado e o antebraço caído em direção à base. A mão assenta sobre a bacia e segura uma espada com cabo trilobado e lâmina reta comprida, de aparência metálica, que se estende sobre as pernas. O rosto é pintado sobre um suporte têxtil. Apresenta rosto alongado, de tez clara e aparência jovem, com nariz, queixo e lábios proeminentes, sobrancelhas acastanhadas finas e compridas, lábios de tonalidade rosa-claro e fechados, e olhos azuis, abertos e dirigidos ao alto. Uma generosa coroa de flores variadas e policromas em tecido, papel e folha metálica assenta sobre uma peruca. Uma auréola em arame grosso circunda a cabeça. O simulacro parece vestir uma veste interior clara, envolvida em gaze e visível nos antebraços e na zona da cintura, e sobre esta uma túnica aberta, de mangas e saia curta, de cor azul (?), rematada com galões tecidos dourados. No peito, observa-se o que aparenta ser uma armadura, em tecido azul-escuro (?), guarnecido com fio dourado e prateado, e lantejoulas cosidas na forma de escamas. Ao centro, um elemento circular com sete formas radiais indica o nome do santo. Na bacia, sobressai uma larga faixa em lhamas douradas. O simulacro veste ainda luvas simples de punho largo. Atrás do simulacro observa-se um tecido liso, de tom rosado, que corresponde ao manto. O vaso de sangue, em vidro, está posicionado à frente do corpo, junto à cintura; consiste num recipiente de vidro alto, com tampa, encimada por uma cruz dourada de extremidades achatadas
<b>Observações</b>	Devido à altura do retábulo não é possível visualizar a base da vitrina, nem os membros inferiores do simulacro. Uma estaca metálica ao fundo da vitrina, junto aos pés, sugere tratar-se do suporte do elmo, cujo paradeiro é desconhecido. O tratamento do rosto e a decoração da tampa do vaso de sangue apresentam grandes semelhanças com os simulacros dos santos mártires Aurélio e Pacífico (1740) (confronte-se fichas de inventário n.º 21 e 22)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada; quebra dos fios e despreendimento das decorações metálicas; fissuras e destacamentos na policromia do rosto (carnação); lacerações nos tecidos, em particular nas gazes (antebraços)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Andrade, F. de. (1945). A igreja de Nossa Senhora de Jesus (continuação). *Olisipo - Boletim Do Grupo "Amigos de Lisboa,"* VIII(31), 140–158. Retrieved from [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1945/N31/N31\\_master/Olisipo\\_N31\\_Jul1945.PDF](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1945/N31/N31_master/Olisipo_N31_Jul1945.PDF)

ANTT. (1834). *Inventário de extinção do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa [Manuscrito digitalizado]*. Lisboa: Ministério das Finanças. Retrieved from <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4695235>

Mégre, R., & Carvalho, S. (2019). LxConv034 Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais. Retrieved October 10, 2017, from <http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=611>

Seabra, J. (2002). IPA.00006550 Convento de Jesus / Igreja Paroquial das Mercês / Igreja de Nossa Senhora das Mercês / Igreja de Nossa Senhora de Jesus. Portugal, Lisboa, Lisboa, Misericórdia. Retrieved December 11, 2018, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6550](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6550)

---

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 4

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santa mártir Vitória



N.º de inventário existente	-
Datação	1770
Local (atual) / propriedade	Capela de Nossa Senhora das Mercês / palácio do marquês de Pombal (propriedade pública: municipal)
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora das Mercês / palácio do marquês de Pombal (propriedade privada)
Localização	Em urna própria no altar da capela lateral do lado da Epístola
Estado	Exposto, mas sem culto
Vila	Oeiras
Freguesia	União das freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias
Concelho	Oeiras
Distrito	Lisboa
Diocese	Lisboa
Morada / GPS	Largo marquês Pombal 21, 2780-289 Oeiras / 38.69259, -9.31460

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“SACRUM CORPUS. / S. VICTORLÆ. M.” (inscrição na portada frontal do altar)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Papa	Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774)
Agente /cargo	Inocencio Conti / núncio apostólico em Portugal

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	Santa Vitória; ossada completa de santa Vitória
Tipologia	Simulacro do corpo da santa mártir Vitória
Categoria	3ª
Atributos / outros	Ramo de flores, folha de palma / coroa de estilo imperial

<b>Dimensões</b> (compr. x alt. x larg.)	153 cm x 30 cm x ~50 cm
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda), ornamentos metálicos diversos (lantejoulas, canotilhos, arames finos entrelaçados, etc.), metais, algodão (enchimento), cabelo, cera, papel, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado direito, com a cabeça ligeiramente inclinada para o observador. Os braços acompanham o tronco e os antebraços assentam sobre a cintura, com as mãos abertas. Sobre as coxas, na diagonal, observa-se uma folha de palma comprida e sinuosa forrada com tecido verde-escuro, anexa a um pequeno ramo de flores policromas de aspeto brilhante. As pernas seguem o prolongamento do corpo e os pés pendem fora da urna. O rosto, ligeiramente arredondado e de tom alaranjado, é composto por uma máscara de cera. Possui uma aparência jovem e feminina, com queixo saliente, lábios pequenos e fechados, nariz fino e proeminente, e olhos fechados. As pestanas e sobrancelhas são sugeridas pela aplicação de pelos. Na cabeça, sobre a peruca, um lenço branco-acinzentado envolve parcialmente a cabeça; sobre este, observa-se uma coroa de estilo imperial. Esta é profusamente decorada com lâminas e fios metálicos dourados e prateados de diferentes feitios e formatos, entrelaçados entre si, e elementos florais policromos de aspeto brilhante. O simulacro veste indumentária oitocentista composta por: meias de malha justas, vestido comprido, saia comprida, corpete cintado, sapatos de estilo vitoriano e manto. Todos os elementos são ricamente bordados a fio dourado e prateado formando padrões florais e vegetalistas de grande complexidade, decorados com passamanes dourados. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com damasco carmesim com decoração vegetalista. As almofadas são rematadas, lateralmente, por galões de renda dourada
<b>Observações</b>	Observam-se as mesmas peças de indumentária identificadas no simulacro da santa Eleonora (ficha de inventário n.º 5), embora distinguindo-se desta ao nível das cores dos tecidos, dos padrões e cores dos bordados, e dos feitios dos passamanes metálicos. O tecido do leito é igual, também, ao do simulacro de são Burcio. O simulacro ostenta uma coroa de estilo imperial, elemento raro nesta tipologia de recetáculos devocionais. Aliado a este, outros elementos presentes no simulacro sugerem a sua produção ou reconstrução nacional

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

**Estado de conservação\*** Mau

**Descrição** Sujidade superficial; fendas, fraturas, perdas volumétricas e escurecimento da cera (rosto e mãos); lacerações extensas e descoloração acentuada nos tecidos das vestes; quebra dos fios e despreendimento dos tecidos e passamanes; oxidação e escurecimento dos metais

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

#### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (24.02.2020)

**ANEXO FOTOGRAFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 5

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santa mártir Eleonora	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1770	
Local (atual) / propriedade	Capela de Nossa Senhora das Mercês / palácio do marquês de Pombal (propriedade pública: municipal)	
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora das Mercês / palácio do marquês de Pombal (propriedade privada)	
Localização	Em urna própria no altar da capela lateral do lado do Evangelho	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Vila	Oeiras	
Freguesia	União das freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias	
Concelho	Oeiras	
Distrito	Lisboa	
Diocese	Lisboa	
Morada / GPS	Largo marquês Pombal 21, 2780-289 Oeiras / 38.69259, -9.31460	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“SACRUM CORPUS. / S. ELEONORÆ. M.” (inscrição na portada frontal do altar)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Papa	Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774)
Agente /cargo	Inocencio Conti / núncio apostólico em Portugal

CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	Santa Eleonora; santa Leonor; ossada completa de santa Leonor
Tipologia	Simulacro do corpo da santa mártir Eleonora (ou Leonor)
Categoria	3ª
Atributos	Ramo de flores, folha de palma

<b>Dimensões</b> (compr. x alt. x larg.)	153 cm x 30 cm x ~50 cm
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos prateados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda), ornamentos metálicos diversos (lantejoulas, canotilhos, arames finos entrelaçados, etc.), metais, algodão (enchimento), cabelo, cera, papel, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto voltado para cima. Os braços acompanham o tronco, e os antebraços e as mãos, abertas, assentam sobre a bacia. Sobre o braço esquerdo observa-se uma folha de palma comprida e sinuosa forrada com tecido verde-escuro, envolvida por um ramo de flores policromas de aspeto brilhante. As pernas estão esticadas e os pés pendem do lado de fora da urna. O rosto, ligeiramente arredondado e de tom alaranjado, é composto por uma máscara de cera. Possui uma aparência jovem e feminina, com queixo saliente, lábios pequenos e fechados, nariz fino e proeminente, e olhos fechados. As pestanas e sobrancelhas são sugeridas pela aplicação de pelos. Na cabeça, sobre a peruca, um lenço branco-acinzentado envolve a cabeça. O simulacro veste indumentária oitocentista composta por: meias de malha justas, vestido comprido, saia comprida, corpete cintado, sapatos de estilo vitoriano e manto. Todos os elementos são ricamente bordados a fio prateado formando padrões florais e vegetalista de grande complexidade, decorados com passamanes dourados. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com damasco carmesim com decoração vegetalista. As almofadas são rematadas, lateralmente, por galões de renda dourada
<b>Observações</b>	Observam-se as mesmas peças de indumentária identificadas no simulacro da santa Vitória (ficha de inventário n.º 4), embora distinguindo-se desta ao nível das cores dos tecidos, dos padrões e cores dos bordados, e dos feitiços dos passamanes metálicos. O tecido do leito é igual, também, ao do simulacro de são Burcio. À semelhança da santa Vitória, alguns elementos presentes sugerem a sua produção ou reconstrução nacional

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; fendas, fraturas, perdas volumétricas, escurecimento e manchas esbranquiçadas pulverulentas na cera (rosto e mãos); lacerações e descoloração acentuada nos tecidos das vestes; manchas pontuais de oxidação/humidade e orifícios nos tecidos (manga esquerda); quebra dos fios e despreendimento dos tecidos e passamanes; oxidação e escurecimento dos metais

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (24.02.2020)

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 6

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Burcio	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1770	
Local (atual) / propriedade	Capela de Nossa Senhora das Mercês / palácio do marquês de Pombal (propriedade pública: municipal)	
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora das Mercês / palácio do marquês de Pombal (propriedade privada)	
Localização	Em vitrina própria embutida na parede lateral da capela-mor, do lado do Evangelho	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Vila	Oeiras	
Freguesia	União das freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias	
Concelho	Oeiras	
Distrito	Lisboa	
Diocese	Lisboa	
Morada / GPS	Largo marquês Pombal 21, 2780-289 Oeiras / 38.69259, -9.31460	

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	<p>“CORPVS S. BURTIONIS. M. / PROPRIO NOMINE· REPERTU·” (inscrição em cartela relevada no mármore da base)</p> <p>“Corpus / S. Burtionis Martyris / Cum nomine propio re- / perto” (inscrição em cartela de papel junto ao corpo)</p>
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Papa	Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774)
Agente / cargo	Inocencio Conti / núncio apostólico em Portugal

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	São Burcio; ossada completa de são Burcio
Tipologia	Simulacro do corpo do santo mártir Burcio

<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Ramo de flores, folha de palma, vaso de sangue (tampa)
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	126 cm (compr.) x 48 cm (alt.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos prateados, passamanes dourados e prateados (berloques, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, metais, algodão (enchimento), massas pigmentadas, papel, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito. A cabeça assenta sobre uma almofada alta de veludo bordeaux. Os braços acompanham o tronco: o esquerdo e a mão respetiva estão completamente esticados; o direito está fletido, e o antebraço e a mão, fechada, encostam à cintura. A mesma mão segura uma folha de palma comprida forrada com tecido verde e um pequeno ramo de flores policromas de aspeto brilhante. Os joelhos estão fletidos e as plantas dos pés (solas) encostam ao fundo da vitrina. O rosto e o cabelo consistem numa máscara em tecido moldado, aparentemente não pintado. Possui aparência jovem e imberbe com nariz proeminente, boca ligeiramente aberta e pálpebras fechadas. Uma auréola em arame grosso circunda a cabeça. O simulacro veste traje à romana (legionário), composto por túnica curta em tecido creme lavrado e espolinado formando motivos florais de grande colorido; armadura em tecido de tom azul-celeste com decoração espolinada prateada; galões tecidos dourados, largos e compridos, sobre a túnica (ombros, braços e coxas), sugerindo as <i>pteryges</i> ; sandálias (cáligas), de cano médio, em renda metálica decorada com passamanes dourados e prateados; e manto em tecido de tom salmão, visível sobre o peito e atrás do simulacro. Além destes elementos, veste calções compridos ou corsários com decoração espolinada prateada; camisa e meias sob a túnica e as cáligas, respetivamente, compostas por gazes lavradas com motivos vegetalistas; e luvas em renda metálica. O simulacro assenta sobre um leito forrado com damasco carmesim com motivos vegetalistas
<b>Observações</b>	Embora não seja visível, à vista desarmada, o vaso de sangue, foi encontrado um fragmento do tampo (pequena cruz em vidro dourado e pontas achatadas), atrás do simulacro, assim como um pequeno embrulho, em tecido, com alguns fragmentos de ossos. O tampo do vaso de sangue é semelhante ao do simulacro de São Sabino (ficha de inventário n.º 3) e aos dos simulacros dos santos Aurélio e Pacífico (fichas de inventário n.º 21 e 22). Em contrapartida, o ramo de flores e o tecido do leito são semelhantes aos simulacros das santas Vitória e Eleonora (fichas de inventário n.º 4 e 5). Vestígios de arames forrados com papel verde na zona do cabelo sugerem a presença, no passado, de uma coroa de flores. Uma rede metálica complexa de arames finos foi identificada por toda a indumentária, sendo particularmente visível nos membros superiores e inferiores (sob as gazes lavradas)

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada; lacerações extensas nas gazes, em particular no braço direito; deformação do suporte têxtil (rosto); fratura e desagregação do material osteológico (antebraço direito e parte posterior do crânio); oxidação e escurecimento dos metais

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

Joana do Carmo Palmeirão (24.02.2020)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 7

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santa mártir Prima	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1770	
Local (atual) / propriedade	Capela do Senhor Jesus dos Perdões / palácio do Mitelo (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora de Lourdes / quinta de Montalvão (propriedade privada)	
Localização	Em urna própria encostada à parede lateral da capela-mor, do lado do Evangelho	
Estado	Não visitável	
Cidade	Lisboa	
Freguesia	Arroios	
Concelho	Lisboa	
Distrito	Lisboa	
Diocese	Lisboa	
Morada / GPS	Largo Mitelo, 1150-343 Lisboa / 38.72217, -9.13895	

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“Sacrum Corpus Sanctæ Primæ Mart. / cum hoc proprio Nomine repertæ è Cœmeterio S. Callepodij cum Vase Sanguis” (inscrição em cartela de papel junto ao corpo)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Proveniência	Catacumba de Calepódio
Papa	Clemente XIV (p. 1769 - m. 1774)
Agente / cargo	Inocencio Conti / núncio apostólico em Portugal

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	Santa Prima; ossada completa de santa Prima
Tipologia	Simulacro do corpo da santa mártir Prima
Categoria	2ª
Atributos	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho

<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (borlas, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (laços, feiras de pérolas/contas e missangas, anéis e alfinetes decorados com vidros coloridos, anéis e fios de ouro), policromia, papel, vidro, metais, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito. A cabeça assenta sobre o braço direito fletido, que apoia sobre duas almofadas. O braço esquerdo estende-se ao longo do tronco e a mão segura uma folha de palma. Os joelhos estão fletidos e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto e o cabelo resultam da modelagem de tecido, aparentemente não pintado. Possui um rosto muito alongado (devido à deformação do suporte têxtil), nariz alongado e proeminente, lábios pequenos e fechados com apontamento de cor rosa, e olhos fechados. Sobre o cabelo modelado observa-se uma generosa coroa de flores de papel, de diferentes tamanhos, feitios e cores variadas. Duas feiras de pérolas/contas cingem o pescoço. O simulacro veste um vestido largo e comprido, em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico prateado e dourado, formando ramos florais, fitas e outros elementos de grande colorido e riqueza. O peito e a cintura estão decorados com feiras de contas/pérolas e missangas, vidros coloridos, galões tecidos e de renda dourados, e pequenos laços de cor salmão. Ao centro observa-se o Chi-Rho. Todo o vestido é rematado por galões de renda dourados. No remate das mangas da túnica, ao nível dos cotovelos, observam-se o que aparentam ser gazes lavradas com motivos vegetalistas. As mãos, os antebraços, as pernas e os pés vestem rendas metálicas prateadas; nas pernas e nos pés, galões tecidos dourados cruzam entre si formando as tiras das sandálias. Anéis de vidro colorido, laços, pulseiras de pérolas/contas, anéis e fios de ouro decoram os dedos e os punhos. O manto eleva-se atrás do simulacro, sendo igualmente visível na frente, entre o leito e o vestido. Aquele consiste num tecido de fundo azul, lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico prateado e dourado, formando motivos florais de grande colorido. O vaso de sangue está posicionado à frente do corpo, junto aos pés. Consiste num recipiente de vidro baixo com tampa e duas pegadas laterais, envolvido por um singelo ramo de flores. Atrás deste, sobre a túnica, numa cartela de papel encimada por anjo consta a inscrição com o nome e a origem da santa. O simulacro assenta sobre um leito forrado com tecido vermelho e duas almofadas forradas com tecido de tom azulado, rematados por passamanes dourados
<b>Observações</b>	Através dos espaçamentos das rendas metálicas observam-se os ossos nos antebraços, mãos e pés. No interior do vaso de sangue observa-se um outro recipiente, sem tampa, de coloração verde enegrecida

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Estado de conservação\* Bom

Descrição Sujidade superficial; deformação do suporte têxtil (rosto); manchas enegrecidas no rosto (pingos de cera?); oxidação e escurecimento dos metais

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

#### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (01.10.2020)

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 8

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santas mártires Aurélia & filha



N.º de inventário existente

-

Datação

1776

Local (atual) / propriedade

Igreja paroquial de Nossa Senhora da Vida / Patriarcado de Lisboa (propriedade privada)

Local (original) / propriedade

Capela do palácio do Calhariz / propriedade privada

Localização

Em urna própria no banco do retábulo da primeira capela lateral do lado da Epístola

Estado

Exposto e com culto

Vila

Sobral de Monte Agraço

Freguesia

Sobral de Monte Agraço

Concelho

Sobral de Monte Agraço

Distrito

Lisboa

Diocese

Lisboa

Morada / GPS

Praça da República 5, 2590-045 Sobral de Monte Agraço / 39.01792, -9.15168

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“RELÍQUIAS DE S.<sup>TA</sup> AURÉLIA” (inscrição no topo da urna)

Outros (local)

“O S<sup>mo</sup> Padre Pio VI. por sua Bulla, / alcançada a instancias da Ill.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> Dona / Maria Magdalena [Maria Madalena da Cruz Sobral?], concedeo ser preveli= / giado este Altar de S.<sup>ta</sup> Aurelia em todos / os dias que se diga Missa de Defunctos e / a dita Bulla se acha no Archivo do Ill.<sup>mo</sup> / Padroeiro desta Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>ra</sup> da Vida. // Renovada em o Anno 1842.” (texto emoldurado, na parede anexa ao retábulo)

“COFRE, DON / DE SE DEITAO, A / S ESMOLAS, DA MILAGROZA S / ANTA AVRÉLIA, C / OLOCADA NESTA IGRE / JA DE N.<sup>A</sup> SENHORA / DA VIDA, DESTA / V.<sup>A</sup> DO SOBRAL, D / E M<sup>TO</sup> AGRAÇO.” (inscrição em caixa de esmolas localizada junto ao retábulo onde está a urna)

Autêntica (S/N) /local

Sim / (propriedade privada)

Data oficial

1776

Papa

Pio VI (p. 1775 - m. 1799)

<b>Registos (técnica)</b>	Estampa religiosa (impressão litográfica) / cópia	
<b>N.º de inventário</b>	-	
<b>Inscrição</b>	“S. <sup>TA</sup> AURELIA MARTYR, / QUE SE VENERA NA ERMIDA DOS / CONDES DO SOBRAL, / na Villa do Sobral do Monte Agraço”	
<b>Subscrição</b>	“Desenho em Pedra Portuguesa das que forão achadas por Ant.º Joaq. <sup>m</sup> Dias Monteiro / Lithographo da Real Casa de S. Magestade Fidelissima.”	
<b>Local</b>	Igreja paroquial de Nossa Senhora da Vida	

**Outras informações**

Consta que a primeira doação da capela pelos condes de Sobral (Luís de Mello Breyner e Adelaide Braamcamp Sobral) à vila de Sobral de Monte Agraço, em 1867, deveu-se a uma promessa pela cura de uma doença que abalou a família. Após a destruição da igreja em 1919 (com o advento da República), as relíquias foram reunidas e colocadas na pequena urna de madeira e vidro onde estão atualmente, para exposição e culto. A igreja reabriu em 1934. Antes disso, consta que os simulacros estavam expostos no mesmo altar onde a urna está localizada. Sabe-se, ainda, que os simulacros estiveram no palácio do Calhariz (Lisboa), antes de irem para a capela dos condes de Sobral. Uma nova doação da capela foi feita em 1986, pelos condes de Sobral (António Braamcamp Sobral e Maria Ana Passanha Braamcamp Sobral) ao Patriarcado de Lisboa, para uso como igreja paroquial. As relíquias de santa Aurélia e filha ficaram equivocadamente associadas à ação milagrosa de santa Aurélia, uma jovem solteira e grávida que vivia perto de Sobral de Monte Agraço e que foi morta a mando dos pais, por vergonha à sua gravidez. O local para onde os simulacros foram trasladados originalmente, após chegarem a Portugal, permanece uma incógnita, uma vez que existe uma grande lacuna entre a data que consta na autêntica (1776) e a data em que supostamente os corpos foram para o palácio do Calhariz (1844?).

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Santa Aurélia e bebé
<b>Tipologia</b>	Simulacros dos corpos das santas mártires Aurélia e filha
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	-
<b>Materiais</b>	Tecidos, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda), metais, massas (?), algodão (enchimento), osso
<b>Observações</b>	Observam-se vários ossos fragmentados, entres eles algumas vértebras e ossos de maiores dimensões (possivelmente fémures, tíbias e/ou perónios). O único elemento intacto é um pequeno pé que terá pertencido ao bebé. O tecido lavrado e espolinado é igual ao tecido do vestido do simulacro da santa Felicidade (confronte-se ficha de inventário n.º 40), embora as cores deste último sejam menos intensas (descoloração)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

<b>Estado de conservação*</b>	Perda
<b>Descrição</b>	Ossos fraturados e fragmentados; oxidação e corrosão dos metais; manchas de oxidação nos tecidos (migração dos metais); perda irreversível de vários elementos e da composição original dos simulacros

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Informações disponibilizadas pelo Sr. Amílcar Leitão (via telefone), proprietário à data dos documentos de Santa Aurélia Carapinha, R., & Oliveira, S. (2005). *Arquivo da casa Sobral: inventário*. Sobral de Monte Agraço: Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço.

Cunha, J. da. (1997). *Criações do Génio Popular*. Arruda dos Vinhos: Associação para a Recuperação do Património de Arruda.

Universidade do Algarve. (n.d.). Santa Aurélia - APL 417. Retrieved October 30, 2020, from <https://lendarium.org/en/apl/miracles/saint-aurelia/>

---

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (01.10.2020)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 9

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santa mártir Justina	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1777	
Local (atual) / propriedade	Igreja de Santo António / propriedade pública: municipal	
Local (original) / propriedade	Igreja de Santo António / (?)	
Localização	No altar do retábulo lateral dedicado a Nossa Senhora das Dores, do lado da Epístola	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Cidade	Lisboa	
Freguesia	Santa Maria Maior	
Concelho	Lisboa	
Distrito	Lisboa	
Diocese	Lisboa	
Morada / GPS	Largo de Santo António da Sé, 1100-401 Lisboa / 38.71019, -9.13417	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“SAC. CORPUS. CVM. VASE / SANGUINIS S. IUSTINÆ / Me Cœmeterio Sancti / Laurentij” (inscrição em cartela de papel junto ao corpo)
Outros (local)	“SANTA JUSTINA, MARTIR // Nesta vitrine estão os ossos de Santa Justina, Mártir. // Junto do corpo está um vaso com a Legenda // [inscrição <i>supra</i> ] // Esta legenda diz-nos que o corpo desta Mártir veio do Cemitério de S. Lourenço em Roma. // Teria sido enviado pelo Papa Pio VI, Em Setembro de 1777” (texto informativo junto ao corpo)
Autêntica (S/N) / local	N / -
Proveniência	Catacumba de São Lourenço
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Outras informações	Este simulacro terá sido um dos dois oferecidos pelo papa Pio VI em setembro de 1777. O outro, cujo nome se desconhece, assim como o seu paradeiro, terá sido colocado no palácio da Bemposta (Lisboa) (confronte-se Apêndice III)

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Santa Justina mártir
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo da santa mártir Justina
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, ramo de flores, vaso de sangue
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos prateados, passamanes dourados (borlas, berloques, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (fieiras de pérolas/contas e missangas, folhas metálicas policromas, laços), policromia, papel, vidro, metais
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito. A cabeça assenta sobre duas almofadas. Os braços acompanham o tronco e os antebraços dobram em direção à bacia. Ambas as mãos seguram uma folha de palma e um ramo de flores. Os joelhos estão fletidos e o pé direito (único visível) assenta lateralmente sobre o leito. O rosto resulta da modelagem de tecido, aparentemente pintado, emoldurado por um tecido fino e liso, sobre o qual assenta uma coroa composta por flores e folhas policromas, iguais às do ramo. O simulacro veste um vestido comprido e justo no peito, em tecido lavrado azul-esverdeado e espolinado com lâmina e fio metálico prateado. Sobre a túnica, veste o que aparenta ser um casaco curto e aberto, em tecido liso de tom creme. Atrás do simulacro destaca-se um manto em tecido lavrado e espolinado com motivos vegetalistas e zoomórficos de grande colorido. As mãos e os pés vestem rendas metálicas douradas. Todos os elementos do vestuário são decorados com galões tecidos e de renda dourados e/ou fieiras de pérolas/contas e missangas. Posicionado à frente do corpo, junto aos pés, observa-se um recipiente cilíndrico, em vidro, com pequenos apontamentos florais e douramento no pé e na tampa. Ao lado, numa cartela larga de papel, decorada, lateralmente, com dois anjos ou <i>putti</i> , consta a inscrição <i>supra</i> . O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas forradas com o mesmo tecido, de tom avermelhado, e rematados por passamanes dourados
<b>Observações</b>	Alguns elementos não são originais, como o rosto e o vaso de sangue (atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.2., parte IV). Os padrões decorativos do manto são iguais aos do vestido do simulacro da santa mártir Vitória (ficha de inventário n.º 23), embora neste último as cores sejam mais intensas

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Bom
<b>Descrição</b>	Sujidades superficiais; lacerações pontuais nos tecidos; descoloração dos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / ano</b>	Sim / 1994

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

Gusmão, M. (1982). *Álbum comemorativo do 750º aniversário da morte de Santo António 1231-1981*. Lisboa: Igreja-Casa de Santo António

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (11.08.2020)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 10

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO		
Nome	Santo mártir Ixopério	Imagem indisponível
N.º de inventário existente	-	
Datação	1790-91	
Local (atual) / propriedade	Basílica da Estrela / propriedade pública: Estado	
Local (original) / propriedade	Igreja de Nossa Senhora da Lapa do convento do Santíssimo Coração de Jesus / Religiosas Carmelitas Descalças (convento feminino)	
Localização	Coro baixo (?)	
Estado	Não visitável	
Freguesia	Estrela	
Concelho	Lisboa	
Distrito	Lisboa	
Diocese	Lisboa	
Morada / GPS	Praça da Estrela 12, 1200-667 Lisboa / 38.71359, -9.16076	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local	?	
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)	
Agente / cargo	António Pusich (n. 1760 - m. 1838) / ?	
Registos (técnica) N.º de inventário “Inscrição” Local	<p>Estampa devocional (água-forte e buril) rs-974</p> <p>“S. IXOPÉRIO M. / Cujo Corpo se venera no Côro de baixo do R. Conv.º do SS. Coração de Jesus. // O Em.º Sr. Card. Patriarcha concede 100 dias de indulg.ªs a todas as peças q. rezarem hum P. N. e Ave M.ª diante desta Estampa // E o Ex.º e R.º Sr. Nuncio Apostolico, concede outras tantas indulg.ªs a q. rezarem as mesmas Oraçoens, acrescentando o Gloria Patri.”</p> <p>Coleção “Registos de Santos”   BNP</p>	
Outras informações	<p>António Pusich (n. 1760 - m. 1838) foi um nobre, natural de Ragusa (atual Dubrovnik, Croácia), com uma grande influência na corte portuguesa. Após a morte do pai, herdou uma frota mercante o que lhe possibilitou viajar por vários países, incluindo Itália. Aqui criou amizades com os cardeais Pacca e Franzoni, que mais tarde viriam a ser nuncios apostólicos em Portugal e conheceu um dos seus melhores amigos - Rodrigo de Sousa Coutinho (conde de Linhares) -, na altura embaixador português em Turim, que o convidou a visitar Portugal (Talan, 2005, p. 146). Com a ajuda de D. Rodrigo Coutinho, cedo impressionou a rainha D. Maria I que pediu pessoalmente ao jovem croata que lhe trouxesse relíquias de santos para serem colocadas na igreja do convento do Santíssimo Coração de Jesus (sua fundadora), que ficaria concluída em 1790. De entre essas relíquias poderá incluir-se o corpo do santo Ixopério. Depois de ter regressado de Itália, António Pusich aceitou o convite para entrar na Armada Real e a 2 de</p>	

---

fevereiro de 1791 foi nomeado segundo-tenente (Talan, 2005). Perante os factos históricos, o simulacro de são Ixopério terá sido trasladado para a igreja do convento entre finais de 1790 e inícios de 1791. Embora na estampa devocional venha referida a localização do simulacro à época, desconhece-se a sua localização atual

---

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

**Estado de conservação\*** ?

---

**Descrição** ?

---

**Intervenções (S/N) / ano** Sim / 2020

---

**Observações** Por motivos de intervenção (de conservação e restauro), não foi permitido o registo fotográfico do exemplar. Sabe-se apenas que, até à data da intervenção, o simulacro encontrava-se oculto e em muito mau estado de conservação, servindo a intervenção para revalorizar a peça e permitir a sua exposição no futuro

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

#### INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (29.08.2020)

---

#### FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Chaves, L. (1917). Os registos de santos (Continuação d-O Arch. Port., XXI, 50). *O Archeologo Português*, XXII(1), 345–385. Retrieved from [https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_1/volume\\_22/345\\_registos\\_santos.pdf](https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_22/345_registos_santos.pdf)

Talan, N. (2005). In memoriam à esquecida Antónia Gertrudes Pusich. *SRAZ L*, 50, 145–192. Retrieved from <https://hrcak.srce.hr/17393>

Soares, E. (1955). *Inventário da coleção de registos de santos*. Lisboa: Biblioteca Nacional

---

FICHA DE INVENTÁRIO N.º 11

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Benedito



N.º de inventário existente	-
Datação	1870
Local (atual) / propriedade	Igreja do extinto convento de santo António de Varatojo / Missões Franciscanas Portuguesas (colégio religioso)
Local (original) / propriedade	Igreja do convento e seminário de santo António de Varatojo / Ordem de Frades Menores
Localização	Em urna própria, sob o altar do retábulo da capela lateral dedicada a Nossa Senhora das Dores (segunda capela do lado da Epístola)
Estado	Exposto e sem culto
Cidade	Torres Vedras
Freguesia	Santa Maria, São Pedro e Matacães
Concelho	Torres Vedras
Distrito	Lisboa
Diocese	Lisboa
Morada / GPS	Rua do Vime 5 2560, Torres Vedras / 39.09088, -9.28015

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“CORPUS BENEDICTI MARTYRIS” (inscrição em cartela de madeira na face frontal da urna)
Outros (local)	“Insigne relíquia, em urna de cristal, do mártir S. Benedito, que se venera na igreja do Convento de Varatojo (Torres Vedras) desde 1870. Oferta de Pio IX à Princesa de Portugal, D. Isabel Maria († 1876), filha de D. João VI, a qual a ofereceu, por sua vez, ao varatojano Fr. Agostinho da Anunciação († 1875)” (texto em pagela, localizada junto ao altar)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Proveniência	Catacumba de São Lourenço
Papa	Pio IX (p. 1846 - m. 1878)
Agente / cargo	Infanta D. Isabel Maria de Bragança (n. 1801 - m. 1876) / regente de Portugal

<b>Outras informações</b>	Conta a lenda que os franciscanos cortavam a barba e o cabelo do santo. Esta lenda teve origem num dia em que um visitante, após ter esperado bastante tempo até que lhe abrissem a porta do convento, comentou que os franciscanos estariam a preparar o santo para o receber
---------------------------	--

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Mártir são Benedito
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Benedito
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos</b>	Folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, coroa de oliveira, corte no pescoço, auréola
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados, passamanes dourados e prateados (borlas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (missangas, lantejoulas, canotilhos, vidros coloridos, botões), cabelo, cera, vidro, madeira, papel, metais, policromia, gesso (?)
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com a cabeça e as pernas inclinadas para a direita. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. Os braços acompanham o tronco. A mão esquerda pende sobre a bacia e segura a folha de palma. Os joelhos estão fletidos e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto, pescoço, mãos, pernas e pés resultam da modelagem em cera. O rosto, pintado a cor de carnação, possui uma aparência jovem, nariz largo e proeminente, olhos quase fechados e lábios semiabertos, deixando a descoberto os dentes no interior. A barba, o bigode, as pestanas e as sobrancelhas são sugeridos pela aplicação de pelos. Um corte profundo no pescoço sugere o martírio sofrido. O rosto é ainda emoldurado por uma farta cabeleireira encaracolada e acinzentada, sobre a qual assenta uma coroa de oliveira envolta por uma auréola em arame grosso. O simulacro veste túnica curta de tecido liso rosado com decoração bordada nas extremidades (saia e mangas) a lâmina e fio metálico dourado e ornamentos diversos, formando motivos florais e vegetalistas. Galões tecidos franjados dourados pendem das mesmas extremidades. Uma faixa larga de tecido de veludo verde-escuro com elementos vegetalistas bordados cinge a cintura formando, ao centro, o cristograma. Além da túnica observam-se, ainda, mangas compridas e calções compridos (ou corsários) com bordados nas extremidades. Uma pequena tira em renda de tule lavrada decora o decote redondo da túnica e os punhos. Um manto de tom alaranjado com pequenas flores bordadas a lâmina e fio metálico dourado e rematado com galão tecido dourado, envolve o corpo. Os pés calçam sandálias baixas, que resultam do cruzamento de pequenos galões tecidos dourados. O vaso de sangue, aparentemente em talha dourada, tem uma aparência de troféu com duas pegas laterais retas e uma tampa alta encimada pelo entrelaçamento das letras “X” e “P”. Na frente lê-se, em letras capitulares, a inscrição “VAS SANGUINIS”. Ao centro, uma abertura circular deixa a descoberto pequenos fragmentos de vidro com aspeto iridescente e aglomerados de aspeto terroso. O simulacro assenta sobre um leito alto, forrado com tecido de tom salmão com pequenas flores bordadas e rematado com passamanes dourados, à semelhança das almofadas
<b>Observações</b>	A observação atenta da parte posterior da cabeça (lacuna) permitiu concluir que a cera foi aplicada apenas no rosto (máscara) e que o crânio (provavelmente fragmentado) foi modelado com o que aparenta ser gesso, antes da aplicação da cera. Verificou-se, também, que o olho esquerdo – aparentemente de vidro –, já não está posicionado na órbita, o que poderá justificar a lacuna na parte posterior

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Estado de conservação\* Razoável

### Descrição

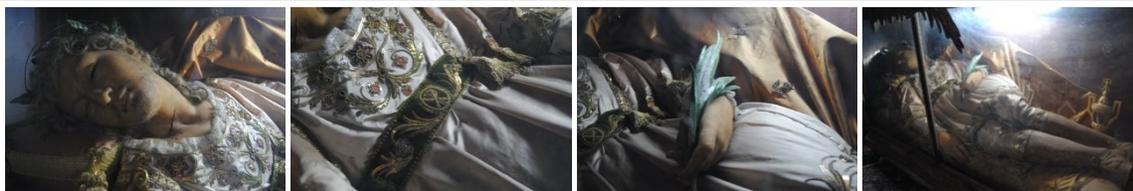
Sujidades superficiais e acumuladas; lacerações pontuais nos tecidos; descoloração acentuada dos tecidos; despreendimento de elementos; desgaste, manchas e escurecimento da cera, em particular na mão direita, pernas e pés; fratura do crânio e do revestimento (gesso?)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (04.08.2020)

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 12

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Urbano	
N.º de inventário existente	-	
Datação	?	
Local (atual) / propriedade	Igreja das Chagas de Cristo / propriedade pública: municipal	
Local (original) / propriedade	Capela da casa da família Casal Ribeiro (Lisboa) / propriedade privada	
Localização	Em urna própria, sob o altar da capela lateral do lado da Epístola	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Cidade	Lisboa	
Freguesia	Lisboa	
Concelho	Lisboa	
Distrito	Lisboa	
Diocese	Lisboa	
Morada / GPS	Rua das Chagas 4-10, 1200-429 Lisboa / 38.70903, -9.14518	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. VRBANI M” (inscrição em cartela, em talha dourada, na face frontal da urna)	
Autêntica (S/N) / local	Não / -	
Registos (técnica)	Estampa religiosa (impressão litográfica)	
N.º de inventário	rs-1907	
“Inscrição”	“S. URBANO. M. / ORAÇÃO/ Concedei-nos Omnipotente Deos, que por celebrar-mos o transito do Bemaventurado S. <sup>to</sup> Ur= / bano vosso Martyr, seja-mos pela sua intercessão firmados no amor do vosso Santo Nome. Amen. // Venera-se na Igreja das Chagas / Preço 40r.s”	
“Subscrição”		
Local	“Lith R. N. dos Mtes N.º 14. de Lopes e Bastos. Lx. <sup>a</sup> 1850 /Palhareslith” Coleção “Registos de Santos”   BNP	
Outras informações	O corpo santo foi adquirido em Itália pela família Casal Ribeiro (desconhece-se a data desta aquisição) que, em 1850, doou as relíquias à Irmandade das Chagas. Tendo em consideração a composição técnico-material e a posição do simulacro crê-se que a sua manufatura date de finais da primeira metade ou início da segunda metade do século XVIII. Embora o simulacro	

---

atual já não seja original, este apresentava grandes semelhanças com o simulacro de são Vitório (ficha de inventário n.º 13)

---

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Santo Urbano mártir
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Urbano
<b>Categoria</b>	1ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), vidros coloridos (azuis, verdes e vermelhos), gesso, madeira, metais, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco elevado em relação à bacia. Os braços acompanham o tronco. O antebraço direito assenta sobre a almofada e segura o vaso de sangue em talha dourada vazada, com tampa encimada por cruz. O antebraço esquerdo está apoiado sobre a anca e a mão segura a folha de palma. Os joelhos estão fletidos, um sobre o outro, e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o esquerdo mais avançado que o direito. Sobre o crânio observa-se uma coroa de flores e folhas pequenas, de diferentes feitios e cores. O simulacro veste túnica curta em tecido lavrado azul com decoração espolinada a lâmina e fio metálico prateado, formando padrões vegetalistas e decorado com vidros coloridos. No peito, ao centro, galões tecidos dourados entrelaçam formando o cristograma. Sob as mangas e a saia da túnica sobressaem gazes lavradas com motivos brancos. As mãos calçam luvas de renda metálica prateada. As sandálias são sugeridas pelo cruzamento de galões dourados nos pés e pernas, fixos a uma sola bordeaux. As sandálias são ainda rematadas por tiras de gaze lavrada e vidros coloridos. Atrás do simulacro e fixo à parede posterior da urna observa-se o manto, em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado formando padrões vegetalistas. Todas as peças de vestuário são rematadas por passamanes dourados e prateados. O simulacro assenta sobre um leito e uma almofada, forrados com veludo bordeaux decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	No peito, antebraços, pernas e pés observam-se várias peças ósseas. Estas estão envolvidas por uma rede metálica composta por arames de diferentes grossuras, sobre a qual assenta um tecido muito fino e transparente (tule)

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Excelente
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; depósitos de serrim
<b>Intervenções (S/N) / ano</b>	Sim / 1996

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

---

ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 13

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Vitório



N.º de inventário existente	-
Datação	-
Local (atual) / propriedade	Capela de Nossa Senhora da Conceição / palácio Caldas (sede do partido popular CDS)
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora da Conceição / palácio Caldas (propriedade privada)
Localização	Em urna própria, sob o altar-mor
Estado	Oculto e sem culto
Cidade	Lisboa
Freguesia	Santa Maria Maior
Concelho	Lisboa
Distrito	Lisboa
Diocese	Lisboa
Morada / GPS	Largo Adelino Amaro da Costa 5, 1100-006 Lisboa / 38.71178, -9.13577

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. VICTORIS M.” (inscrição em cartela, em talha dourada, na face frontal da urna e em cartela de papel anexa à folha de palma)
Autêntica (S/N) / local	Não / -

CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	Corpo mumificado de são Vitório
Tipologia	Simulacro do corpo do santo mártir Vitório
Categoria	1ª
Atributos	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho
Materiais	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, metais, papel, vidro, madeira, osso, dentes

<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e a cabeça elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre a almofada e a mão apoia a cabeça. O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão segura a folha de palma com uma pequena cartela em papel, onde consta o nome do santo em latim. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo elevado em relação ao direito e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o esquerdo mais avançado que o direito. Sobre o crânio observa-se uma coroa de flores pequenas, em tons de azul, laranja e vermelho. O simulacro veste túnica curta composta por mangas e saia em tecido lavrado salmão e espolinado a fio policromo e fio metálico, formando padrões florais. O tronco (armadura) e as <i>pteryges</i> (tiras largas sobre a saia) são em tecido de tom creme (?), espolinado a fio policromo, formando pequenos motivos florais. No peito, ao centro, observa-se o cristograma, composto por galões tecidos dourados. Sob as mangas da túnica sobressaem gazes lavradas com pequenas flores brancas. As mãos calçam luvas de renda metálica prateada. As sandálias são sugeridas pelo cruzamento de galões dourados e são rematadas por pequenos laços. Um manto, de tom amarelo-dourado, envolve o corpo. Todas as peças de vestuário são rematadas por passamanes dourados e prateados. Posicionado à frente do corpo, junto aos pés, observa-se um recipiente esférico em vidro (com aglomerados terrosos), com pé e tampo dourados. O simulacro assenta sobre um leito e uma almofada, forrados com tecido liso de tonalidade esverdeada, decorados com galões de renda dourados
<b>Observações</b>	Observam-se várias peças ósseas. O crânio, os ossos do pescoço e do tórax (vértebras, esterno e costelas), e os ossos dos antebraços, das pernas e dos pés estão envolvidos por um tecido muito fino e transparente (gaze). Nos antebraços e nas pernas observa-se uma rede metálica interna que atribui volumetria ao corpo e separa os ossos do tecido. O vaso de sangue está mal posicionado, o que sugere ter sido mexido no passado

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Estado de conservação\* Razoável

**Descrição** Sujidade superficial generalizada e acumulada; lacerações nos tecidos; contaminação biológica (bolores), em particular nos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais

**Observações** Metade da face frontal da urna não tem vidro

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

### ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 14

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Fulgêncio



N.º de inventário existente

-

Datação

-

Local (atual) / propriedade

Igreja de santa Maria Madalena / propriedade pública: Estado

Local (original) / propriedade

Igreja de santa Maria Madalena / (?)

Localização

Em espaço próprio no banco do retábulo da segunda capela lateral, do lado do Evangelho

Estado

Exposto, mas sem culto

Cidade

Lisboa

Freguesia

Santa Maria Maior

Concelho

Lisboa

Distrito

Lisboa

Diocese

Lisboa

Morada / GPS

Largo Madalena 1, 1100-404 Lisboa/ 38.71017, -9.13499

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“Sacrum Corpus / cum Vase Sanguinis S. Fulgentis / Martyris.” (inscrição em cartela de papel, localizada junto aos pés)

Autêntica (S/N) / local

Não / -

CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular

Corpo de são Fulgêncio

Tipologia

Simulacro do corpo do santo mártir Fulgêncio

Categoria

2ª

Atributos / outros

Coroa de flores, folha de palma, cristograma Chi-Rho

Materiais

Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda, borlas, berloques), rendas metálicas, pérolas/contas, policromia, metais, papel, osso, gesso/cera (?)

<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre duas almofadas e a cabeça apoia sobre as costas da mão. O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão segura a folha de palma. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo mais elevado em relação ao direito. O rosto e o cabelo consistem numa máscara moldada (gesso/cera?), aparentemente pintada. Possui olhos fechados e lábios semiabertos. Sobre o rosto observa-se uma generosa coroa de flores variadas e policromas, decorada com passamanes dourados. O simulacro veste túnica curta (saia e mangas) e armadura (peito) em tecidos lavrados e espolinados, formando motivos florais. O tecido do peito é decorado com feiras de pérolas/contas e passamanes dourados, formando, ao centro, o Chi-Rho. As <i>pteryges</i> são compostas por tiras largas e compridas de tecido vermelho sobre as mangas e a saia. As mãos calçam luvas de renda metálica. Os antebraços e as pernas estão envolvidos por tecidos finos e transparentes (tule) sobrepostos. Um manto de tonalidade salmão com elementos vegetalista eleva-se atrás do simulacro, acompanhando o corpo desde o pescoço até aos pés. À frente do corpo, junto aos pés, observa-se uma cartela de papel decorada com dois <i>putti</i> e elementos florais, onde consta a inscrição <i>supra</i> . O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com tecido liso e decorados com passamanes dourados
<b>Observações</b>	Devido à posição elevada do simulacro no retábulo não foi possível confirmar a presença do vaso de sangue, como sugerido pela inscrição que o acompanha. A máscara aplicada no rosto, de aspeto brilhante, poderá consistir numa adição/recomposição/intervenção posterior à vinda do simulacro

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Bom
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Observações</b>	A face frontal envidraçada é composta por três vidros, sendo que o vidro mais à direita encontra-se partido
*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda	

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

### ANEXO FOTOGRÁFICO



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 15

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santa mártir Vitória



N.º de inventário existente 129 (Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra)

Datação -

Local (atual) / propriedade Igreja paroquial de São Nicolau / Igreja Católica (propriedade privada)

Local (original) / propriedade ?

Localização No altar do retábulo da terceira capela lateral, do lado da Epístola

Estado Exposto, mas sem culto

Freguesia Santa Maria Maior

Concelho Lisboa

Distrito Lisboa

Diocese Lisboa

Morada / GPS R. da Vitória Igreja, 1100-618 Lisboa / 38.71127, -9.13677

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local ?

Registos (técnica) Estampa devocional (fotogravura)  
 129 (liv.º 17)  
 N.º de inventário “Santa Vitória / cujas relíquias se veneram na Igreja de S.  
 “Inscrição” Nicolau — Lisboa”  
 Data Dezembro de 1975  
 Local Comissão de Arte Sacra – Inventário Artístico |  
 Patriarcado de Lisboa



### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular Santa Vitória

Tipologia Simulacro do corpo da santa mártir Vitória

Categoria 3ª

Atributos -

<b>Materiais</b>	Tecidos variados, lâminas e fios metálicos dourados, passamanes dourados (borlas, galões tecidos e de renda), ornamentos (lantejoulas, vidros incolores), gesso/madeira (?), policromado, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e o corpo voltados para cima. A cabeça assenta sobre duas almofada. Os braços acompanham o tronco. O cotovelo direito está dobrado e o antebraço e a mão, aberta, apoiam sobre o abdómen. O antebraço esquerdo e a mão estão elevados em relação ao suporte e suspensos no ar. Os joelhos estão ligeiramente fletidos e elevados, e os calcanhares assentam no leito. O rosto, em gesso/madeira (?), policromado, possui nariz proeminente, olhos fechados e boca semiaberta, sendo perceptíveis os dentes no interior. As sobrancelhas, olhos e lábios são pintados. O simulacro veste duas túnicas compridas em tecido liso de tom branco-pérola, com a cintura cingida por um largo galão tecido. As túnicas estão parcialmente tapadas por um manto, em tecido lavrado vermelho e espolinado com motivos florais. Este envolve o rosto e prende no pescoço. As pernas estão igualmente ocultas pelo manto, sendo apenas visível a ponta do pé esquerdo. Este calça sandália composta pelo cruzamento de tiras de tecido, decoradas com lantejoulas. Uma abertura no peito do pé deixa a descoberto algumas falanges. As túnicas e o manto são rematadas por galões dourados, de diferentes feitios e tamanhos. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com tecido vermelho e decorados com passamanes dourados
<b>Observações</b>	Mediante a observação do simulacro atual e da fotografura do Patriarcado de Lisboa, de 1975 ( <i>supra</i> ), existem algumas aberturas no simulacro que deixam ver os ossos no interior, nomeadamente no pescoço, nos antebraços e nos pés

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Excelente
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / ano</b>	Sim / ?
<b>Observações</b>	Mediante a comparação da posição do simulacro atual e da posição do simulacro da fotografura do Patriarcado de Lisboa, de 1975 ( <i>supra</i> ), o antebraço esquerdo – elevado em relação ao leito – resulta da alteração da posição original. Atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.1. (parte IV)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

#### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

ANEXO FOTOGRÁFICO



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 16

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Bonifácio



N.º de inventário existente 130 (Inventário Artístico do Patriarcado de Lisboa – Comissão de Arte Sacra)

Datação -

Local (atual) / propriedade Igreja paroquial de São Nicolau / Igreja Católica (propriedade privada)

Local (original) / propriedade ?

Localização No altar do retábulo da terceira capela lateral, do lado do Evangelho

Estado Exposto, mas sem culto

Freguesia Santa Maria Maior

Concelho Lisboa

Distrito Lisboa

Diocese Lisboa

Morada / GPS R. da Vitória Igreja, 1100-618 Lisboa / 38.71127, -9.13677

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrição “S. BONIFACIO / MARTYR” (inscrição em talha dourada no escudo)

Autêntica (S/N) / local ?

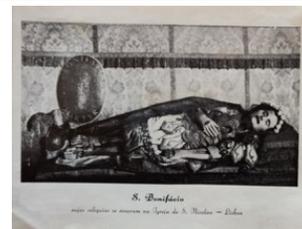
Registos (técnica) Estampa devocional (fotogravura)

N.º de inventário 130 (liv.º 17)

“Inscrição” “S. Bonifácio / cujas relíquias se veneram na Igreja de S. Nicolau — Lisboa”

Data Dezembro de 1975

Local Comissão de Arte Sacra – Inventário Artístico | Patriarcado de Lisboa



### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular São Bonifácio

Tipologia Simulacro do corpo do santo mártir Bonifácio

Categoria 3ª

<b>Atributos</b>	Cristograma Chi-Rho, elmo, escudo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, lâminas e fios metálicos dourados, passamanes dourados (borlas, galões tecidos e de renda), ornamentos (lantejoulas, vidros incolores), gesso/madeira (?) policromado, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado direito, com o rosto e o corpo voltados para cima. A cabeça assenta sobre duas almofada. Os braços acompanham o tronco. O antebraço esquerdo e a mão estão esticados e elevados em relação ao leito, sendo que neste apenas tocam os dedos da mão. O cotovelo direito está dobrado e o antebraço e a mão, aberta, apoiam sobre o abdómen. A perna esquerda está esticada e assente sobre o leito, enquanto o pé inclina levemente para o lado esquerdo. O joelho direito está ligeiramente fletido e elevado, e o pé assenta sobre o calcanhar. O rosto, em gesso/madeira (?), policromado, possui nariz largo e proeminente, orelha esquerda bem definida, olhos fechados e boca aberta, deixando visíveis os dentes no interior. As sobrancelhas, olhos, lábios e topo da nuca são pintados. O simulacro veste duas túnicas, a de baixo em tecido liso, de tom salmão, e a de cima em tecido listrado, de tom azulado. Por cima, veste o que aparenta ser uma armadura em tecido de tom acastanhado. As <i>pteruges</i> são compostas por faixas largas de tecido bordado com lantejoulas dispostas em linhas sinuosas. Os pés calçam sandálias altas, compostas por sola e pelo cruzamento de tiras de tecido, decoradas com lantejoulas. Todas as peças de indumentária são ricamente decoradas com galões tecidos e de renda dourados, de diferentes tamanhos e feitios. Junto aos pés observam-se o elmo e o escudo em talha dourada e pintados de preto. No escudo oval, além do nome do santo em letras capitulares observa-se, ao centro, o cristograma. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com tecido vermelho e decorados com passamanes dourados
<b>Observações</b>	No pescoço, peito, antebraços, mãos, pernas e pés observam-se aberturas ovais e retangulares, que deixam visíveis os ossos no interior (ossos maiores e falanges). No pescoço e no peito, as aberturas estão tapadas com tecido fino e transparente

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Excelente
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / ano</b>	Sim / ?
<b>Observações</b>	Mediante a comparação do simulacro atual e da fotografura do Patriarcado de Lisboa, de 1975 ( <i>supra</i> ), confirma-se que a posição original foi alterada e alguns elementos retirados. Atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.1. (parte IV)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.07.2019)

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 17

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

**Nome** Santo mártir Marciano



**N.º de inventário existente** -

**Datação** século XIX

**Local (atual) / propriedade** Igreja de São Sebastião ou igreja paroquial de Sobral da Lagoa / Igreja Católica (propriedade privada)

**Local (original) / propriedade** Santarém (?)

**Localização** Em urna própria, sob o altar-mor

**Estado** Exposto, mas sem culto

**Cidade** Óbidos

**Freguesia** Santa Maria, São Pedro e Sobral da Lagoa

**Concelho** Óbidos

**Distrito** Leiria

**Diocese** Lisboa

**Morada / GPS** R. Padre José Honorato 15, 2510-651 Sobral da Lagoa / 39.35156, -9.18757

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

**Inscrições (local)** “S MARCIANO M” (inscrição na face frontal da urna)

**Autêntica (S/N) / local** Não / -

**Outras informações** Segundo relatos orais sabe-se que o simulacro foi trazido de Santarém por uma família de Sobral da Lagoa, que terá oferecido o sagrado corpo à igreja. Perante os relatos e as evidências científicas crê-se que o simulacro tenha sido recomposto ou reconstruído na segunda metade do século XIX. Veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 6.3.1. (parte III)

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

**Designação popular** São Marciano mártir

**Tipologia** Simulacro do corpo do santo mártir Marciano

**categoria** 3ª

**Atributos** Coroa de flores, ramo de flores

<b>Dimensões</b> (compr. x alt. x larg.)	163 cm (compr.) x 50 cm (larg.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, passamanes dourados (galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, cera, algodão (enchimento), cabelo, papel, metais, policromia, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com inclinação lateral sobre o seu lado direito. A cabeça, em direção ao observador, assenta sobre duas almofadas. Os braços acompanham o tronco e os cotovelos estão fletidos. O direito apoia sobre a padiola e a mão, esticada e assente sobre a anca, segura uma luva em renda metálica prateada. O braço esquerdo está oculto pelo manto sendo apenas visível a mão, em posição fechada, segurando um ramo de flores em papel policromo. As pernas estão posicionadas uma sobre a outra, com os joelhos ligeiramente fletidos. O rosto em cera, ligeiramente arredondado e de tom amarelo-acastanhado, possui uma aparência jovem e imberbe, com nariz proeminente, olhos fechados e lábios semiabertos, deixando visíveis os dentes no interior. Os lábios, olhos e sobrancelhas apresentam anotações de cor e aplicações de pelos. Possui ainda uma cabeleira de cor castanho-escuro e, sobre esta, uma coroa de flores variadas, em papel e fios policromos. O pescoço é largo e encontra-se fraturado, deixando entrever o enchimento fibroso no interior. O simulacro parece vestir uma combinação de peças do vestuário militar com peças do traje civil masculino oitocentista, composta por: camisa, gibão de veludo bordeaux, casaco curto em tecido azul-celeste, calções compridos (ou corsários) em lhama prateada, botas de cano alto, manto em tecido lavrado e espolinado formando padrões vegetalistas de grande colorido, e uma luva. Todos estes elementos são guarnecidos com galões tecidos, de renda e franjados dourados, de diferentes feitios e tamanhos. O simulacro assenta sobre uma padiola revestida com tecido liso de tom amarelado. A cabeça apoia sobre duas almofadas ocultas por uma lhama e com decorações distintas: a de baixo é forrada com damasco carmesim com padrões vegetalistas e a de cima reveste-se de tecido liso de tom branco-pérola decorado com um galão de renda dourado
<b>Observações</b>	À exceção dos dentes, não se observam ossos à vista desarmada. Sobre o estudo radiográfico do simulacro veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 6.3.1. (parte III)

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial generalizada e acumulada; lacerações nos tecidos; quebra dos fios e despreendimento dos tecidos e passamanes; descoloração acentuada dos tecidos; fendas e fraturas na cera, em particular no pescoço e nos dedos da mão direita; oxidação e escurecimento dos metais; corrosão pontual dos metais na forma de concreções esverdeadas

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (24.07.2019)

**ANEXO FOTOGRAFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 18

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Severino	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1742	
Local (atual) / propriedade	Igreja de santo António dos Congregados / Irmandade de santo António dos Congregados (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Igreja de santo António dos Congregados / convento de santo António da Porta dos Carros ou da Congregação do Oratório de S. Filippe de Neri do Porto	
Localização	No altar do retábulo da capela lateral dedicada ao Sagrado Coração de Jesus (primeira capela do lado da Epístola)	
Estado	Oculto e sem culto	
Cidade	Porto	
Freguesia	União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória	
Concelho	Porto	
Distrito	Porto	
Diocese	Porto	
Morada / GPS	Rua de Sá da Bandeira 11, 4000-433 Porto / 41.14643, -8.61071	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. SILVÉRIO / PAPA E MÁRTIR / ANO 536 A 537” (inscrição em tabuleta na parte posterior da portada frontal do altar)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Papa	Bento XIV (p. 1740 - m. 1758)
Agente / cargo	Dom Frei José Maria da Fonseca Évora (n. 1690 - m. 1752) / bispo do Porto (1739-52)
Data de trasladação	1 de março de 1742
Outras informações	Embora esteja identificado como são Silvério, segundo fontes da época, o seu nome original é Severino. O simulacro foi oferecido pelo bispo do Porto a el-rei D. João V que, por sua vez, ofereceu-o – juntamente com o simulacro do santo mártir Eugénio (ficha de inventário n.º 19) –, ao convento da Congregação do Oratório do Porto

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Silvério
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Severino
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, espada, cristograma Chi-Rho (parcial), auréola
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados (?), passamanes dourados e prateados (?) (galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, policromia, madeira, metais, papel (?), osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre uma almofada enquanto a cabeça apoia sobre os dedos da mão. O braço esquerdo eleva-se acima do tronco e o antebraço pende em direção à bacia. A mão aberta sustenta a folha de palma. Os joelhos estão fletidos e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto é pintado sobre um suporte têxtil aderido ao crânio. Apresenta rosto alongado de tez escura, nariz proeminente, olhos aparentemente fechados, e lábios pequenos e fechados. Sobre o crânio observa-se uma coroa de flores pequenas, brilhantes e desordenadas, e uma auréola em arame grosso. O simulacro parece vestir traje à romana composto por: túnica curta (saia e mangas) em tecido lavrado vermelho e espolinado a fio metálico dourado, formando padrões florais de diferentes feitios e tamanhos; cota de malha composta por renda metálica bordada com motivos vegetalistas e decorada, ao centro, com galões tecidos, formando o Chi-Rho; <i>pteruges</i> nos ombros e na saia, na forma de tiras compridas de galões de renda; luvas em renda metálica; cáligas sugeridas pelo cruzamento de galões dourados e rematadas por renda metálica; e manto, de cor carmim, fixo à parede posterior do altar. Os antebraços, coxas, pernas e pés estão, ainda, forrados com tecido liso e opaco bordado com motivos fitomórficos. Todas as peças de vestuário são rematadas por passamanes dourados e prateados (?). Sobre o cotovelo direito e a coxa do mesmo lado observa-se a espada, forrada com tecido e renda metálica. O simulacro assenta sobre um leito e uma almofada, forrados com o mesmo tecido opaco e passamanes aplicados nos antebraços, coxas, pernas e pés
<b>Observações</b>	Observam-se algumas peças ósseas, em particular o crânio, os ossos do tórax (vértebras e costelas), e algumas falanges das mãos

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; lacerações nos tecidos; fendas e lacunas ao nível do suporte e da policromia (rosto); deformação dos passamanes e da palma; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / data</b>	Sim / 2008-10
<b>Observações</b>	A presença de tecidos e passamanes novos, e piónés a fixar o manto, sugere que o simulacro foi alvo de uma intervenção no passado (confronte-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.4., parte IV)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (12.12.2019)

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 19

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Eugénio



N.º de inventário existente

-

Datação

1742

Local (atual) / propriedade

Igreja de santo António dos Congregados / Irmandade de santo António dos Congregados (propriedade privada)

Local (original) / propriedade

Igreja de santo António dos Congregados / convento de santo António da Porta dos Carros ou da congregação do oratório de S. Filippe de Neri do Porto

Localização

No altar do retábulo da capela lateral dedicada a são João Batista (primeira capela do lado do Evangelho)

Estado

Oculto e sem culto

Cidade

Porto

Freguesia

União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória

Concelho

Porto

Distrito

Porto

Diocese

Porto

Morada / GPS

Rua de Sá da Bandeira 11, 4000-433 Porto / 41.14643, -8.61071

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“STO. EUGÉNIO / PAPA - SANTO / ANO 653 A 657” (inscrição em tabuleta na parte posterior da portada frontal do altar)

“S· EUGENIJ M· / Nomine Proprio” (inscrição em cartela de papel fixa à palma)

Autêntica (S/N) / local

Não / -

Papa

Bento XIV (p. 1740 - m. 1758)

Agente / cargo

Dom Frei José Maria da Fonseca Évora (n. 1690 - m. 1752) / bispo do Porto (1739-52)

Data de transladação

1 de março de 1742

Outras informações

O simulacro foi oferecido pelo bispo do Porto a el-rei D. João V que, por sua vez, ofereceu-o – juntamente com o simulacro do santo mártir Severino (ficha de inventário n.º 18) –, ao convento da Congregação do Oratório do Porto

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de santo Eugénio
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Eugénio
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Folha de palma, vaso de sangue, espada, cristograma Chi-Rho, auréola
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (?) (galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, policromia, madeira, metais, papel, vidro, osso
<b>Descrição</b>	<p>Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre uma almofada, enquanto a cabeça apoia sobre os dedos da mão. O braço esquerdo eleva-se acima do tronco e o antebraço pende em direção à bacia. Sobre a mão, aberta, observa-se a folha de palma com uma pequena cartela com o nome do santo em latim. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo elevado em relação ao direito, e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto é pintado sobre um suporte têxtil aderido ao crânio. Apresenta tez escura, nariz proeminente, olhos fechados, e lábios pequenos e fechados, com apontamentos de cor. Uma auréola em arame grosso envolve a cabeça. O simulacro parece vestir traje à romana, à semelhança do simulacro de são Severino. Veste túnica curta (saia e mangas) em tecido lavrado vermelho e espolinado a fio metálico dourado, formando padrões florais de diferentes feitios e tamanhos; cota de malha composta por renda metálica bordada com motivos fitomórficos e decorada, ao centro, com galões tecidos, formando o Chi-Rho; <i>pteryges</i> formadas por tiras curtas em tecido lavrado e espolinado, e tiras compridas de galões de renda; luvas em renda metálica; cáligas sugeridas pelo cruzamento de galões dourados e rematadas por renda metálica; e manto em tecido lavrado creme com motivos florais espolinados a fio preto e fio metálico prateado. Os antebraços, coxas, pernas e pés estão envolvidos por gazes lavradas com motivos vegetalistas brancos. Todas as peças de vestuário são rematadas por passamanes dourados e prateados (?). O vaso de sangue, em vidro, está posicionado à frente do peito; consiste num recipiente de vidro alto com tampa encimada por uma cruz dourada de extremidades achatadas e uma pequena cartela com a inscrição “VAS SANGUINIS”. No interior observa-se um recipiente mais pequeno e de aspeto iridescente. A espada, em madeira, forrada a lhama dourada e galões de renda, está posicionada à frente do corpo. O simulacro assenta sobre um leito e uma almofada, forrados com o mesmo tecido, de cor salmão, decorado com galões dourados</p>
<b>Observações</b>	<p>Observam-se várias peças ósseas, nomeadamente o crânio, os ossos do tórax (vértebras e costelas), os ossos dos antebraços e das pernas, e os ossos das mãos e dos pés (falanges). Nos antebraços e pernas observa-se uma rede metálica interna que atribui volumetria ao corpo e separa os ossos das gazes lavradas. As gazes, o tecido do manto, o vaso de sangue e a espada são iguais aos do simulacro de santo Aurélio (ficha de inventário n.º 21)</p>
<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	
<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada; laceração e lacunas extensas nos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais; quebra dos fios e despreendimento dos passamanes; deformação dos passamanes e da folha de palma
<b>Observações</b>	A presença de pionés a fixar a auréola na parte posterior do altar sugere que este foi aberto, embora, segundo relato do sacristão da igreja, o simulacro não foi intervencionado (confronte-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.4., parte IV). De facto, o simulacro mantém os tecidos originais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

---

**INVENTARIANTE (DATA)**

Joana do Carmo Palmeirão (12.12.2019)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 20

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Clemente	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1782/3	
Local (atual) / propriedade	Igreja de santo António dos Congregados / Irmandade de santo António dos Congregados (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Igreja de santo António dos Congregados / convento de santo António da Porta dos Carros ou da congregação do oratório de S. Filippe de Neri do Porto	
Localização	Em espaço próprio no banco do retábulo da capela colateral dedicada à Sagrada Família (transepto), do lado da Epístola	
Estado	Exposto	
Cidade	Porto	
Freguesia	União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória	
Concelho	Porto	
Distrito	Porto	
Diocese	Porto	
Morada / GPS	Rua de Sá da Bandeira 11, 4000-433 Porto / 41.14643, -8.61071	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. CLEMENTE / PAPA - SANTO / ANO 88 A 97” (inscrição em tabuleta na face frontal da vitrina)	
Autêntica (S/N) / local	Sim / Arquivo da Irmandade dos Congregados	
Data oficial	1782/3 (?)	
Proveniência	Catacumba de santa Ciriaca	
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)	

<b>Distribuidor / cargo</b>	Fr. Francesco Saverio Cristiani (n. 1729 - m. 1800) / sacristão do palácio apostólico e bispo de Porfírio (1782-1800)
<b>Registos (técnica)</b> <b>N.º de inventário</b> <b>“Inscrição”</b> <b>Local</b>	<p>Estampa religiosa (gravura monocromática)</p> <p>3522 MB</p> <p>“S. CLEMENTE MARTYR ADVOGADO DA PACIENCIA, E PROTECTOR DA HORA DA MORTE: CU- / JO CORPO COM SEU SANGUE SE VENERA NO ALTAR DE J.M.J. DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO / DO PORTO. // O EXC. E REV. SR. BISPO CONCEDE 40 DIAS DE INDULG. A QUEM LHE REZAR ALGÛA DEVOÇÃO. // NO DIA DA FESTA, QUE HE A SEGUNDA DOMINGA DE JULHO IN= / DULG. PLENARIA E REMISSÃO DE TODOS OS PECCADOS A QUEM VIZITAR O ALTAR DO S.”</p> <p>AMB DRCN</p>
<b>Outras informações</b>	Existem algumas diferenças entre o simulacro atual e a gravura, o que poderá indicar que o simulacro foi alvo de uma recomposição ou intervenção no passado. O simulacro encontra-se exposto há pouco mais de dez anos. Veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulos 5.2.2. (parte II) e 7.4.4. (parte IV)



## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Clemente mártir
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Clemente
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos</b>	Vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda e franjados), rendas metálicas, ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, feiras de pérolas/contas, vidros coloridos, lantejoulas, canotilhos), metais, osso, dentes, gesso/cera?
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado direito, com a cabeça e as pernas inclinadas para o seu lado esquerdo. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. Os braços estão esticados e acompanham o tronco. As pernas estão esticadas e apoiadas lateralmente sobre o leito, a esquerda mais avançada que a direita, em posição pouco anatómica. O rosto, de tom alaranjado e brilhante, tem uma aparência envelhecida, nariz proeminente, olhos fechados e lábios ligeiramente abertos, deixando à vista dois dentes. As sobrancelhas, olhos e lábios apresentam apontamentos de cor. Na cabeça destaca-se apenas a orelha direita, bem definida. O simulacro veste uma indumentária indefinida, composta pela combinação de tecido liso vermelho e folhas metálicas douradas, adornadas com feiras de pérolas/contas, folhas metálicas rosas, vidros coloridos, faixas, passamanes dourados, etc. Na cintura destaca-se o cristograma. Observa-se, ainda, o que parecem ser uns calções em tecido de tom amarelo, rematado por um galão tecido dourado. Os braços, antebraços, mãos e pernas vestem rendas metálicas de trama larga, deixando a descoberto os ossos no interior. Os pés calçam botas de ponta aberta e cano médio em tecido liso e galões tecidos entrelaçados. O manto, em tecido lavrado com composições florais espolinadas a fio policromo

---

e fio metálico prateado, de grande riqueza e colorido, envolve o corpo. Todas as peças de vestuário são rematadas por passamanes dourados. Junto às pernas observam-se o vaso de sangue e o elmo, ambos em metal prateado cinzelado. O centro do vaso é decorado com um óculo oval avermelhado, que pretende sugerir o sangue do mártir. As almofadas são forradas com tecido lavrado espolinado, formando pequenos motivos vegetalistas a fio policromo e rematado por galão tecido dourado

---

**Observações** As rendas metálicas que envolvem os braços e as mãos deixam ver a estrutura de suporte interna, envolta por folha metálica prateada e dourada, na qual assentam os ossos

---

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

**Estado de conservação\*** Razoável

---

**Descrição** Sujidade superficial generalizada; lacerações extensas, perda de coesão e lacunas nos tecidos, em particular nas almofadas e no manto; oxidação e escurecimento dos metais; fissuras, fendas, destacamentos e lacunas no rosto

---

**Intervenções (S/N) / data** Sim / 2008-10 (intervenção pontual no rosto)

---

**Observações** Veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.4. (parte IV)

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (12.12.2019)

---

### ANEXO FOTOGRÁFICO

---



## FICHA DE INVENTÁRIO N.º 21

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Aurélio



N.º de inventário existente	-
Datação	1749
Local (atual) / propriedade	Capela de são Vicente / sé do Porto (propriedade pública)
Local (original) / propriedade	Igreja de santa Maria do Porto / sé do Porto (propriedade pública)
Localização	Em urna própria, junto à entrada da capela
Estado	Exposto
Cidade	Porto
Freguesia	União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória
Concelho	Porto
Distrito	Porto
Diocese	Porto
Morada / GPS	Terreiro da Sé, 4050-573, Porto / 41.14282, -8.61118

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. AURELII M” (inscrição em pequena cartela de papel fixa à folha de palma)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Papa	Bento XIV (p. 1740 - m. 1758)
Agente / cargo	Dom Frei José Maria da Fonseca Évora (n. 1690 - m. 1752) / bispo do Porto (1739-52)
Transporte	Roma – Génova ( <i>carros-matos</i> ); Génova – Lisboa (navio); Lisboa – Porto (navio?)
Outras informações	O simulacro veio de Roma juntamente com o de são Pacífico (ficha de inventário n.º 22)

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	Corpo de santo Aurélio mártir
Tipologia	Simulacro do corpo do santo mártir Aurélio
Categoria	2ª

<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, espada, cristograma Chi-Rho
<b>Dimensões</b> (compr. x alt. x larg.)	152 cm x 57,1 cm x 52,2 cm
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, metais, papel, policromia, madeira, vidro, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre uma almofada e a cabeça apoia sobre os dedos da mão. O braço esquerdo eleva-se acima do tronco e o antebraço pende em direção à bacia. Sobre a mão, aberta, observa-se a folha de palma com uma cartela em papel na qual se lê o nome do santo em latim. Os joelhos estão fletidos e elevados em relação à padiola, e os pés assentam lateralmente sobre esta, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto é pintado sobre um suporte têxtil aderido ao crânio. Apresenta rosto alongado, tez clara, nariz proeminente, sobrancelhas acastanhadas finas e compridas, lábios de tonalidade rosa-claro e fechados, e olhos abertos, de cor verde e dirigidos ao alto. Na cabeça observa-se uma generosa coroa de flores variadas em papel e fio policromo. O simulacro veste traje à romana composto por túnica curta, armadura, <i>pteryges</i> , luvas, cáligas e manto. Observam-se ainda calções, mangas e meias em gazes lavradas com padrões geométricos (mangas) e vegetalistas (pernas). A decoração das peças de vestuário é predominantemente vegetalista, bordada ou espolinada a fio policromo, e lâminas e fios metálicos dourados e prateados. Todas as peças são ainda decoradas e rematadas por passamanes dourados. O cristograma é visível no peito, ao centro, através do entrelaçamento de galões tecidos dourados. À frente do corpo observam-se o vaso de sangue e a espada. Aquele consiste num recipiente de vidro alto com tampa encimada por uma cruz dourada de extremidades achatadas e uma pequena cartela com a inscrição “VAS SANGUINIS”. No interior observa-se um recipiente mais pequeno e de aspeto iridescente, envolvido por flores de papel. A espada, em madeira, é forrada com lhamas douradas e galões de renda dourados. O simulacro assenta sobre uma padiola e uma almofada, revestidas com o mesmo tecido, de cor verde, decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	A transparência das gazes e os espaçamentos das rendas nos antebraços, mãos, pernas e pés permitem observar os ossos no interior, assim como uma rede metálica interna. As gazes das pernas, o tecido do manto, o vaso de sangue e a espada são iguais aos do simulacro do santo mártir Eugénio (ficha de inventário n.º 19). O simulacro do santo mártir Aurélio apresenta, também, muitas semelhanças com o simulacro de são Pacífico (ficha de inventário n.º 22)

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Bom
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; depósitos de serrim; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / data</b>	Sim / 2013-14
<b>Observações</b>	Sobre a intervenção veja-se J. Palmeirão, 2015

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

#### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (2013)

ANEXO FOTOGRAFICO

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 22

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Pacífico



N.º de inventário existente -

Datação 1749

Local (atual) / propriedade Capela de são Vicente / sé do Porto (propriedade pública)

Local (original) / propriedade Igreja de santa Maria do Porto / sé do Porto (propriedade pública)

Localização Em urna própria, junto à entrada da capela

Estado Exposto

Cidade Porto

Freguesia União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória

Concelho Porto

Distrito Porto

Diocese Porto

Morada / GPS Terreiro da Sé, 4050-573, Porto / 41.14282, -8.61118

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local) “S. PACIFICI M.” (inscrição em pequena cartela de papel fixa à folha de palma)

Autêntica (S/N) / local Não / -

Papa Bento XIV (p. 1740 - m. 1758)

Agente / cargo Dom Frei José Maria da Fonseca Évora (n. 1690 - m. 1752) / bispo do Porto (1739-52)

Transporte Roma – Génova (*carros-matos*); Génova – Lisboa (navio); Lisboa – Porto (navio?)

Outras informações O simulacro veio de Roma juntamente com o de santo Aurélio (ficha de inventário n.º 21)

CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular Corpo de são Pacífico mártir

Tipologia Simulacro do corpo do santo mártir Pacífico

Categoria 2ª

Atributos Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, espada

<b>Dimensões</b> (compr. x alt. x larg.)	152 cm x 57,1 cm x 52,2 cm
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, metais, papel, policromia, madeira, vidro, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre uma almofada e a cabeça apoia sobre os dedos da mão. O braço esquerdo eleva-se acima do tronco e o antebraço pendente em direção à bacia. Entre os dedos da mão, aberta, observa-se a folha de palma com uma cartela em papel, na qual se lê o nome do santo em latim. Os joelhos estão fletidos e elevados em relação à padiola, e os pés assentam lateralmente sobre esta, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto é pintado sobre um suporte têxtil aderido ao crânio. Apresenta rosto largo, tez clara, nariz proeminente, sobrancelhas finas e compridas de tom acastanhado, lábios fechados e de tonalidade rosa-claro, e olhos abertos e castanhos, voltados para o observador. Na cabeça observa-se uma generosa coroa de flores variadas em papel e fio policromo. Uma auréola em arame grosso envolve a cabeça. O simulacro veste traje à romana composto por túnica curta, armadura, <i>pteruges</i> , luvas, calças e manto. Observam-se, ainda, calções, mangas e meias em gazes lavradas com padrões geométricos (mangas) e vegetalistas (pernas). A decoração das peças do vestuário é predominantemente vegetalista, bordada a fio policromo e lâminas e fios metálicos dourados e prateados. Todas as peças são, ainda, decoradas e rematadas por passamanes dourados. O cristograma é visível no peito, ao centro, através do entrelaçamento de galões tecidos dourados. À frente do corpo observam-se o vaso de sangue e a espada. Aquele consiste num recipiente de vidro alto, sem tampa, com a inscrição “VAS SANGUINIS”. No interior observa-se um outro recipiente, de tonalidade esverdeada e iridescente, envolvido por flores de papel. A espada, em madeira, é forrada com lhama dourada e galões de renda dourados. O simulacro assenta sobre uma padiola e uma almofada, revestidas com o mesmo tecido, de tom rosado, decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	A transparência das gazes e os espaçamentos das rendas nos antebraços, mãos, pernas e pés permitem observar os ossos no interior, assim como uma rede metálica interna. O simulacro de São Pacífico apresenta muitas semelhanças com o simulacro de Santo Aurélio (ficha de inventário n.º 21)

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Bom
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; depósitos de ferrugem; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / data</b>	Sim / 2013-14

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (2013).  
Fotografias: © Luís Ribeiro | CCR (UCP)

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 23

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santa mártir Vitória



N.º de inventário existente	-
Datação	1779
Local (atual) / propriedade	Igreja da Lapa / Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa (propriedade privada)
Local (original) / propriedade	Capela privada / família Almada e Mendonça (propriedade privada)
Localização	Em espaço próprio no banco do retábulo da capela lateral dedicada a santa Teresinha (segunda capela do lado da Epístola)
Estado	Exposto, mas sem culto
Cidade	Porto
Freguesia	União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória
Concelho	Porto
Distrito	Porto
Diocese	Porto
Morada / GPS	Largo da Lapa 1, 4050-069 Porto/ 41.15731, -8.61201

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“Sacrum Corpus cum / Vase Sanguinis Sancte Victorie Marty / ris” (inscrição em cartela de papel junto ao corpo)
Autêntica (S/N) / local	Sim / Arquivo da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa
Data oficial	1779
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Agente / cargo	Francisco de Almada e Mendonça (n. 1757 - m. 1804) / corregedor da comarca do Porto, juiz desembargador
Registos (técnica)	Estampa religiosa (gravura monocromática)
N.º de inventário	3519 MB
“Inscrição”	“Vera effigies do Sagrado Corpo de S <sup>ta</sup> Victoria Martir Colocado na Igreja da Irmandade de Nossa / Senhora da Lapa da Cidade do Porto”
Local	AMB   DRCN



	<p>Estampa religiosa (gravura monocromática)</p> <p>3530 MB</p> <p>“Ab Angelis, Victoria, / bere Immortali // Verdadeiro Retrato do Sagrado Corpo de Sancta Victoria Martyr, / collocado na Igreja da Irmand.ª de N.ª Snr.ª da Lapa da Cid.ª do Porto.”</p> <p>“Manoel Correa J.ª f. nas Antas. Porto. 1811.”</p> <p>AMB   DRCN</p>	
<b>Outras informações</b>	<p>Segundo G. C. Leite (1939), o simulacro de santa Vitória foi entregue à irmandade no ano de 1811 por Gonçalo de Sousa Alcoforado, após a morte de sua esposa e possuidora das relíquias, D. Maria Engrácia de Almada e Mendonça. Segundo o mesmo autor, a irmandade possui a autêntica que acompanhou o corpo santo de Roma, com data de 16 de maio de 1779</p>	
<b>CARACTERIZAÇÃO &amp; DESCRIÇÃO</b>		
<b>Designação popular</b>	Corpo mumificado de santa Vitória	
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo da santa mártir Vitória	
<b>Categoria</b>	3ª	
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores (?), ramo de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho	
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (berloques, borlas, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (laços, feiras de pérolas/contas e missangas, alianças, canotilhos), papel, vidro, metais, osso	
<b>Descrição</b>	<p>Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito. A cabeça assenta sobre o braço direito fletido, que apoia sobre duas almofadas. O braço esquerdo estende-se ao longo do tronco e o antebraço cai sobre o peito. A mão, aberta, assenta sobre o leito. Entre os dedos da mão observa-se um pequeno ramo de flores e a folha de palma. Os joelhos estão, aparentemente, fletidos, o esquerdo elevado em relação ao direito, e os pés repousam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto resulta da moldagem de tecido, aparentemente não pintado, e possui uma aparência jovem e feminina, nariz largo e proeminente, olhos e lábios fechados. Um tecido, em modo de turbante, encimado por flores dispersas (coroa?) em papel policromo e decorado com feiras de pérolas/contas, envolve o rosto. Três feiras cingem o pescoço e pendem do peito. O simulacro veste um vestido largo e comprido em tecido lavrado e espolinado, e um casaco comprido e aberto em tecido bordado, com motivos vegetalistas e zoomórficos de grande riqueza e colorido. Ao peito, galões entrelaçados e decorados com pérolas/contas e missangas, formam o cristograma. Atrás do simulacro destaca-se um manto em tecido lavrado azul e espolinado a fio metálico prateado. Os antebraços estão envolvidos por gazes lavradas e as mãos vestem rendas metálicas decoradas com feiras de pérolas/contas. Todas as peças de vestuário são rematadas por galões dourados. No dedo médio direito observa-se uma aliança. À frente do corpo, junto aos pés, observa-se um recipiente baixo, em vidro, com tampa encimada por um pequeno laço. Ao lado, uma cartela de papel decorada com dois <i>putti</i> e elementos florais, apresenta a inscrição com o nome da santa. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com o mesmo tecido, de tom salmão, decorado com passamanes dourados</p>	
<b>Observações</b>	<p>As gazes e as rendas que envolvem os antebraços e as mãos deixam ver os ossos no interior. Uma rede metálica interna é também visível nos antebraços. Este simulacro apresenta grandes semelhanças com os simulacros das santas Prima e Justina (fichas de inventário n.º 7 e 9). Os padrões decorativos do vestido são iguais aos do manto da santa Justina embora, neste último, a descoloração seja mais evidente</p>	

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

Estado de conservação\* Bom

---

Descrição Sujidade superficial e acumulada; oxidação e desgaste do papel; descoloração dos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Leite, G. C. (1939). *A venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa erecta na cidade do Pôrto. Extractos do seu arquivo - notas bibliográficas*. Porto: Emp. Industrial Gráfica do Pôrto, Lda.

---

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (23.12.2020)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



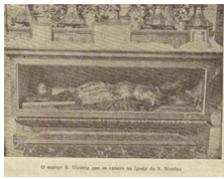
FICHA DE INVENTÁRIO N.º 24

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Vicente	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1785	
Local (atual) / propriedade	Igreja de são Nicolau / Igreja Católica (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Igreja de são Nicolau / Igreja Católica (propriedade privada)	
Localização	No altar do retábulo colateral dedicado à Nossa Senhora da Boa Nova, do lado da Epístola	
Estado	Oculto e sem culto	
Cidade	Porto	
Freguesia	União das freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória	
Concelho	Porto	
Distrito	Porto	
Diocese	Porto	
Morada / GPS	Rua do Infante D. Henrique, 93, 4050-297 Porto/ 41.14071, -8.61522	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“Estas Relíquias, são de SÃO VICENTE, / Mártir Legionário Cristão / que vieram das Catacumbas de Roma para a / Igreja de São Nicolau a 21 de Dezembro de 1785 // Venera-se, conjuntamente c/ o / Mártir e Diácono São Vicente / Padroeiro de Lisboa a 22 de Janeiro” (inscrição numa pequena caixa de ébano e prata onde estão (parte d)as relíquias do santo)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Agente / cargo	Tomás de Rocha Pinto (n. 1748 - m. 1815) / comerciante, mesário da Confraria do Santíssimo Sacramento de S. Nicolau
Data de transladação	21 de dezembro de 1785

	<p>Estampa religiosa (gravura monocromática)  PT-CMP-AM/COL/GRA/D.GRA:1.45  “S. / VICENTE / Martir. // Venera-se na Igreja de S. Nicoláo da Cid.ª / do Porto onde está colocado seu corpo”  “Santos f (?)”  Gisaweb   AMP</p>	
<p><b>Registos (técnica)</b>  <b>N.º de inventário</b>  <b>“Inscrição”</b>  <b>“Subscrição”</b>  <b>Local</b></p>	<p>Estampa religiosa (impressão litográfica monocromática)  PT-CMP-AM/COL/GRA/D.GRA:1.46  “S. VICENTE / MARTYR / Que se venera na Igreja de S. Nicolau da cidade do Porto, mandado vir de Roma, / a expensas de Thomaz da Rocha Pinto, Cavalleiro professo da Ordem / de Christo, em 21 de Dezembro de 1785.”  Gisaweb   AMP</p>	
	<p>Pagela (?)  PT-CMP-AM/COL/GRA/0011  “S. VICENTE—Corpo do Mártir, Legionário Cristão, que veio das Catacumbas de Roma a expensas de Tomás da Rocha Pinto, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo e Mesário da Confraria do Santíssimo Sacramento de S. Nicolau, Cidade do Porto, a 21 de Dezembro de 1785. // Venera-se na Igreja de S. Nicolau, Porto, conjuntamente com o mártir e diácono S. Vicente, advogado da variola, Padroeiro de Lisboa e antigo do Porto, no dia 22 de Janeiro.”  Gisaweb   AMP</p>	 <p data-bbox="1029 976 1302 1029"> S. VICENTE—Corpo do Mártir, Legionário Cristão, que veio das Catacumbas de Roma a expensas de Tomás da Rocha Pinto, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo e Mesário da Confraria do Santíssimo Sacramento de S. Nicolau, Cidade do Porto, a 21 de Dezembro de 1785.  Venera-se na Igreja de S. Nicolau, Porto, conjuntamente com o mártir e diácono S. Vicente, advogado da variola, Padroeiro de Lisboa e antigo do Porto, no dia 22 de Janeiro. </p>
	<p>Estampa religiosa (gravura monocromática)  PT-CMP-AM/COL/GRA/D.GRA.3.30  “O martyr S. Vicente que se venera na Igreja de S. Nicolau”  Gisaweb   AMP</p>	
<p><b>Outras informações</b></p>	<p>Agostinho Rebelo da Costa escreveu o seguinte: (...) S. Nicoláu', que além de ser sagrada, he a mais rica de todas, por causa do grande número de Commerçiantes, que della são freguezes, e se disvellão em desempenhar as suas funçoens com a mais plausivel magnificencia: nella foi collocado no diavinte e hum de Dezembro do anno de mil settecentos e ooitenta e cinco o Corpo de S. Vicente Martyr, que mandou conduzir de Roma á sua custa, e com a maior pompa, e despeza, Thomaz da Rocha Pinto, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e hum dos principaes Commerçiantes desta Praça (1789, p. 104). Segundo Carlos de Passos (1935), o simulacro terá chegado com o nome de são Clemente, mas a população cedo o apelidou de são Vicente. As esmolos eram tantas, bem como a devoção ao santo, que se manteve o nome. Desconhece-se a data da deposição das relíquias na caixa de ébano e prata. Crê-se, no entanto, que o crânio (parcial ou inteiro) ainda permaneça no simulacro. Atualmente já não tem culto</p>	

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	São Vicente mártir
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Vicente
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos / outros</b>	Folha de palma, espada, coroa de louros
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados, passamanes dourados (galões tecidos, de renda e franjados), folha de ouro e de prata, ornamentos diversos (canotilhos, lantejoulas, vidros incolores), metais, cabelo, cera, policromia, gesso, madeira, papel, cartão (?), dentes (?)
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado direito, com o rosto voltado para cima. Os braços acompanham o tronco. A mão direita apoia sobre a anca e segura uma folha de palma comprida. As pernas estão esticadas e os pés inclinam para o lado esquerdo, em direção ao observador. O rosto e os membros superiores e inferiores são em cera. Possui uma tez escura, feição jovem, olhos fechados e lábios semiabertos, deixando visualizar os dentes no interior. As sobrancelhas, olhos, nariz e lábios são pintados, assim como o corte no pescoço, o qual sugere o martírio sofrido. Observa-se ainda uma cabeleira de tom cinzento-escuro e uma coroa de louros. O simulacro veste indumentária de legionário romano composta por: túnica curta; armadura (lat. <i>lorica musculata</i> ); <i>pteruges</i> largas, compridas e douradas, sobre as coxas; cáligas de cano médio; e manto vermelho. Todas as peças de vestuário são rematadas por passamanes dourados. A <i>lorica</i> consiste numa estrutura em gesso dourada e prateada a folha metálica, com motivos fitomórficos simétricos. As cáligas resultam do entrelaçamento de galões tecidos dourados. No peito, sob a armadura, observa-se uma pequena gola em gaze lavrada branca. A cabeça assenta sobre um suporte coberto por um tecido bordado a lâmina, fio laminado e lantejoulas dourados, e decorado com pequenos vidros, formando ricos motivos fitomórficos. Uma longa espada assenta sobre o braço esquerdo, prolongando-se até aos pés. Atrás do rosto, encostado à parede posterior do altar, observa-se o elmo. Este é prateado e ostenta um penacho de plumas avermelhadas. O simulacro está deitado sobre o manto que cobre todo o suporte
<b>Observações</b>	Por comparação com os registos apresentados <i>supra</i> , denotam-se algumas alterações, nomeadamente ao nível da posição do elmo e da espada. O elmo estava originalmente junto aos pés onde, atualmente, se encontra a caixa com as relíquias. Em contrapartida, o vaso de sangue, que se encontrava junto ao rosto, já não é visível. O braço esquerdo estava, originalmente, tapado com o manto, estando atualmente visível

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial generalizada e acumulada; sinais de decomposição da cera: escurecimento, manchas brancas e negras, <i>pitting</i> , depósitos de sujidade, fendas, fraturas e perdas volumétricas, etc.; manchas oleosas nos tecidos (migração da cera); oxidação e escurecimento dos metais; desgaste das folhas metálicas (armadura); manchas de colonização biológica (fungos); destacamento da policromia (pescoço); despreendimento dos passamanes (ex.: cáligas)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Costa, A. R. da. (1789). *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Porto: Na Oficina de António Alvarez Ribeiro.

Passos, C. de. (1935). *Guia histórica e artística do Porto*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, Lda.

---

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (24.07.2020)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 25

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Bonifácio	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1790	
Local (atual) / propriedade	Igreja de são Miguel ou igreja paroquial de Borba de Godim / Igreja Católica (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Capela de são Francisco / quinta do paço de Borba (propriedade privada)	
Localização	Em urna própria, sob o altar do retábulo da capela colateral (transepto), do lado do Evangelho	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Cidade	Lixa	
Freguesia	União das freguesias de Vila Cova da Lixa e Borba de Godim	
Concelho	Felgueiras	
Distrito	Porto	
Diocese	Porto	
Morada / GPS	Rua de são Sebastião, 4615-316 Borba de Godim / 41.32479, -8.13604	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local	?
Data oficial	1790
Proveniência	Catacumba de santa Ciríaca
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Agente / cargo	D. Francisco Diogo de Moura Coutinho / fidalgo da Casa Real e senhor do paço de Borba
Artesão / local	Antonio Magnani / Roma
Data de trasladação	Para a capela do paço de Borba – entre 1790-94 Para a igreja de Borba – 19 de fevereiro de 1951
Outras informações	Junto aos pés do simulacro observa-se uma nota de 20 escudos, que terá sido depositada, possivelmente, em troca de uma promessa

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Mártir são Bonifácio
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Bonifácio
<b>Categoria</b>	(3ª)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, auréola, folha de palma, vaso de sangue, elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (folhas metálicas de diferentes cores e formatos, contas, missangas), madeira, papel, cabelo, pasta de papel/gesso policromado (?), osso
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o corpo e o rosto voltados para cima. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. Os braços acompanham o tronco. A mão direita repousa sobre o leito, enquanto a esquerda segura a folha de palma. Os joelhos estão dobrados e elevados em relação ao suporte, o esquerdo ligeiramente mais elevado que o direito, e os calcanhares assentam sobre a padiola. O rosto, de tom alaranjado, possui um aspeto tosco e irregular, nariz proeminente, olhos fechados e lábios semiabertos. As sobrancelhas, olhos e lábios apresentam anotações de cor. Uma coroa de flores metálicas e uma auréola de arame grosso envolvem o cabelo, de tom castanho-acinzentado. O simulacro veste indumentária romana composta por: túnica curta; armadura de escamas (lat. <i>lorica squamata</i> ); <i>pteryges</i> nos ombros e coxas; cáligas de cano médio com abertura frontal; e manto azul-celeste. Além destes elementos observam-se mangas sob a túnica e calções, em tecido liso. Todas as peças de vestuário são decoradas e rematadas com galões dourados e prateados, feiras de contas e missangas, e folhas metálicas de diferentes cores e formatos. Na parte da frente, junto às almofadas, observa-se o vaso de sangue, ligeiramente inclinado. Este consiste num recipiente em talha dourada, com pé alto, corpo pequeno e cilíndrico, e uma pequena abertura envidraçada (?). Sobre a coxa esquerda observa-se o elmo, forrado com o mesmo tecido da armadura e com penacho prateado. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, revestidos com tecido liso vermelho, decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	O simulacro do santo mártir Bonifácio apresenta grandes semelhanças com os simulacros dos santos mártires Fortunato, Justino e Clemente (fichas de inventário n.º 42, 43 e 49). Embora também este (são Bonifácio) seja uma produção de Antonio Magnani, intervenções no passado desvirtuaram a essência/autenticidade do simulacro, em particular no que respeita ao aspeto estético e aos materiais originais do rosto e dos membros superiores e inferiores. Atualmente, o rosto tem um aspeto deformado fruto de uma intervenção pictórica pouca cuidada, o que vai contra as produções de Magnani. Não obstante, por comparação com outros exemplares nacionais e internacionais, este exemplar insere-se na 3ª categoria de simulacros (atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 4.3., parte I)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Elevada acumulação de sujidade; lacerações extensas e perda de coesão dos tecidos; descoloração acentuada dos tecidos; manchas variadas nos tecidos; lacunas e perdas volumétricas (ex.: vaso de sangue, coroa de flores, rosto e membros); quebra dos fios e despreendimento das feiras de contas e passamanes; deformação dos passamanes; adesivos envelhecidos; oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / data</b>	Sim / ?

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## **FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS**

---

Borba de Godim. (n.d.). Mártir São Bonifácio. Retrieved October 10, 2019, from <http://borba-de-godim.webnode.pt/martir-sao-bonifacio/>

---

## **INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (06.02.2020)

---

## **ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 26

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santa mártir Clara



N.º de inventário existente	-
Datação	1798
Local (atual) / propriedade	Igreja paroquial do Nosso Senhor do Bonfim / Igreja Católica (propriedade privada)
Local (original) / propriedade	Igreja paroquial do Nosso Senhor do Bonfim / Igreja Católica (propriedade privada)
Localização	Em espaço próprio no banco do retábulo da capela lateral dedicada a Nossa Senhora de Fátima (primeira capela do lado do Evangelho)
Estado	Exposto e com culto (festa anual no 1º domingo de setembro)
Cidade	Porto
Freguesia	Bonfim
Concelho	Porto
Distrito	Porto
Diocese	Porto
Morada / GPS	R. do Monte do Bonfim 72, 4300-350 Porto / 41.15164, -8.59332

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local	Sim / igreja do N. Sr. do Bonfim (original ou cópia (?) dentro do expositor, junto aos pés da santa)
Data oficial	1798
Proveniência	Catacumba de santa Ciriaca
Data de exumação	1777
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Distribuidor / cargo	Fr. Francesco Saverio Cristiani (n. 1729 - m. 1800) / sacristão do palácio apostólico e bispo de Porfírio (1782-1800)
Agente / cargo	José Teixeira Barreto (n. 1763 - m. 1810) / pintor, ex-frade da Ordem de São Bento
Transporte	Navio
Data de chegada	1798
Local de depósito	Igreja de Nossa Senhora do Terço e Caridade (Porto)

<b>Data de trasladação</b>	1803	
	<p>Estampa religiosa (impressão litográfica)</p> <p>3516 MB</p> <p>“SANTA CLARA VIRGEM MARTYR // Venera-se na Igreja do Bomfim da Cidade do Porto. / O Exm.º Sr. Bispo concede 40 dias de Ind. a quem tiver esta estampa e rezar o P. N. e A. M.”</p> <p>AMB   DRCN</p>	
	<p>Estampas religiosas (gravuras monocromáticas a preto e a azul)</p> <p>3517 MB (em cima) e 3518MB (em baixo)</p> <p>“S.<sup>TA</sup> CLARA. V. M. // Que se venera na Igreja do Snr. do Bomfim, Cid.º do / Porto. O Ex.º Sr. Bispo concede 40 dias de Indulgencias a q.<sup>m</sup> / tiver esta Estampa e rezar o Padre Nosso, e Ave Maria.”</p> <p>AMB   DRCN</p>	
<p><b>Registos (técnica)</b></p> <p><b>N.º de inventário</b></p> <p><b>“Inscrição”</b></p> <p><b>“Subscrição”</b></p> <p><b>Local</b></p>	<p>Estampa religiosa (gravura monocromática)</p> <p>3520 MB</p> <p>“S.<sup>A</sup> CLARA M. // S. Exc. R.<sup>ma</sup> concede 40 dias de Indulgencia a quem tendo esta Estampa rezar o P.N. e A.M.”</p> <p>AMB   DRCN</p>	
	<p>Estampa religiosa (impressão litográfica monocromática)</p> <p>3523 MB</p> <p>“SANTA CLARA VIRGEM MARTYR // Venera-se na Igreja do Bomfim da Cidade do Porto. O Exm.º Sr. Bispo concede 40 dias de Ind. a quem tiver esta estampa e rezar o P. N. e A. M.”</p> <p>“Lth. Portuguesa. R.<sup>a</sup> de S.<sup>ta</sup> Catharina 146 Porto”</p> <p>AMB   DRCN</p>	
	<p>Estampa religiosa (gravura monocromática)</p> <p>3525 MB</p> <p>“S.<sup>TA</sup> CLARA V. M. // Venera-se na Igreja do S.<sup>r</sup> Bomfim da Cid.<sup>de</sup> do Porto. / O Ex.º S.<sup>r</sup> Bispo concede 40 dias de Ind. a q.<sup>m</sup> tiver esta Estampa / e rezar o P. N. e A. M.”</p> <p>“R. J. da Costa gravou. Porto”</p> <p>AMB   DRCN</p>	
<p><b>Outras informações</b></p>	<p>Segundo Carlos de Passos (1935), o corpo de santa Clara foi oferecido pelo cardeal Caprara a José Teixeira Barreto, que à época estudava pintura em Roma. No mesmo ano (1798), José Barreto trouxe as relíquias para o Porto, onde nasceu, tendo estas ficado em depósito na igreja do Terço, antes da sua trasladação solene para a igreja do Bonfim, que decorreria no 1º domingo de setembro de 1803. Este dia e mês ficariam associados à festa anual dedicada à santa mártir, que ainda hoje se celebra. Segundo o mesmo autor, a igreja do Terço queria ficar com as relíquias. O pedido foi, no entanto, rejeitado por José Barreto, por vontade de depositar</p>	

---

o sagrado corpo na igreja onde os seus pais eram devotos

---

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

---

**Designação popular** Santa Clara do Bonfim

---

**Tipologia** Simulacro do corpo da santa mártir Clara

---

**Categoria** 3ª

---

**Atributos** Coroa de flores, ramo de flores, folha de palma, vaso de sangue

---

**Materiais** Tecidos variados, lâminas e fios metálicos dourados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda), lantejoulas, vidro, metais, madeira/gesso (?), policromia, cabelo, osso, dentes

---

### Descrição

Corpo deitado em posição jacente para o lado direito, com a cabeça e o corpo ligeiramente inclinados para o lado esquerdo, em direção ao observador. A cabeça assenta sobre duas almofadas. Os braços acompanham o tronco e o antebraço direito assenta sobre a bacia. Os joelhos estão ligeiramente fletidos e elevado em relação ao suporte. O rosto e as mãos parecem ser modelados em madeira/gesso policromada/o. O rosto, de aparência jovem e feminina, possui tez clara, olhos fechados e lábios semiabertos, o que permite visualizar os dentes no interior. As sobrancelhas, olhos, nariz e lábios são pintados. Uma cabeleira de tonalidade acastanhada envolve o rosto. Sobre esta destaca-se uma coroa em metal prateado e cinzelado com folhas de videira e outros elementos decorativos. A folha de palma e o ramo de flores, ambos em metal cinzelado, elevam-se entre o braço esquerdo e o tronco. O simulacro veste um vestido comprido em tecido liso, uma túnica curta de tom esverdeado, um manto em tecido creme, e calça sapatos rasos, tipo chinelo. Todas as peças de vestuário são bordadas a lâmina e fio laminado dourado, formando padrões vegetalistas e florais, decoradas com passamanes dourados. No pescoço, nos punhos e nos tornozelos observam-se rendas de tule com motivos florais bordados. A transparência do tecido permite observar as aberturas circulares nas costas das mãos, propositadamente construídas para a observação das relíquias no interior. Junto ao rosto destaca-se o vaso de sangue, também em metal cinzelado, prateado e dourado. O centro do vaso é decorado com um óculo oval avermelhado, que parece sugerir a presença de sangue da santa mártir. O simulacro assenta sobre um suporte alto, forrado com tecido branco bordado a lâmina e fio metálico, formando um padrão contínuo de motivos vegetalistas intercalados por ornatos florais, que se repetem na horizontal. As almofadas são forradas com o mesmo tecido e decoradas com galões de renda dourados

### Observações

Atendendo à composição formal e aos materiais utilizados na manufatura do simulacro, crê-se tratar-se de um simulacro nacional, talvez fruto de uma intervenção ou remontagem posterior à sua vinda. Isto é deduzido pela obra de Carlos de Passos, quando o autor refere que o vestido e o manto de santa Clara eram de *velludo*, o que não se verifica atualmente (1935, p. 123). O autor refere ainda a existência de um *grilhão de ouro com medalhão filigranado, de Santa Clara*, que também já não se verifica nos dias atuais (1935, pp. 125–126). Os atributos em metal cinzelado são semelhantes aos do simulacro do santo mártir Clemente da igreja dos Congregados, Porto (ficha de inventário n.º 20)

---

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Estado de conservação\* Bom

Descrição Sujidade superficial; desgaste e destacamento da policromia (mãos); manchas de humidade nos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

Passos, C. de. (1935). *Guia histórica e artística do Porto*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, Lda.

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (10.05.2018)

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 27

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Vicente



N.º de inventário existente	-
Datação	1826
Local (atual) / propriedade	Igreja de Nossa Senhora do Carmo / Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (propriedade privada)
Local (original) / propriedade	Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo / Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (propriedade privada)
Localização	Em urna própria no banco do altar do retábulo da capela lateral (segunda do lado da Epístola)
Estado	Exposto e com culto (festa anual na oitava após a festa da Nossa Senhora do Carmo)
Cidade	Penafiel
Concelho	Porto
Distrito	Porto
Diocese	Porto
Morada / GPS	Rua do Carmo 180-208, 4560-479 Penafiel / 41.20674, -8.28919

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“CORPUS S. VICENTII MARTVRIS” (inscrição em cartela de madeira na face frontal da urna)
Autêntica (S/N) / local	Sim / Arquivo Municipal de Penafiel (provisório)
Data oficial	1826
Proveniência	Catacumba de santa Ciríaca
Data de Exumação	28 de janeiro de 1825
Papa	Leão XII (p. 1823 - m. 1829)
Distribuidor(es)	Cardeal-vigário (1821?-34) Giacinto Placido Zurla (n. 1769 - m. 1834) e custódio (1825-36) Damiano Orlandi
Agente / cargo	Bento Cosmelli / negociante e banqueiro (natural de Génova)
Transporte	Roma – Roma: por terra (não especifica o meio de transporte); Roma – Génova: navio; Génova – Lisboa: navio; Lisboa – Porto: barco a vapor; Porto – Penafiel: por terra (não especifica o meio de transporte)

<b>Data de transladação</b>	18 de dezembro de 1826
<b>Preço</b>	Custo total (corpo santo, viagem, outras despesas): 222\$110
<b>Registos (técnica)</b>	Estampa religiosa (gravura monocromática a vermelho)
<b>N.º de inventário</b>	3531 MB
<b>“Inscrição”</b>	“Verdadeiro Retrato do Milagrozo Corpo de / S VICENTE MOÇO MÁRTIR / Que se venera na Capella dos 3 <sup>os</sup> de N. Sr. <sup>a</sup> do Carmo da Cid. <sup>e</sup> de Pennafiel. // O Ex. <sup>mo</sup> S. <sup>r</sup> Bispo concede 40 dias de Ind. a todos os Fieis q <sup>o</sup> depois de receberem os Sacramentos, visitarem a / Igreja no dia da Festa e em todos os Dom. <sup>os</sup> e dias Santificados, rezando p. <sup>lo</sup> Aug. da Igr. <sup>a</sup> e Felicidad. <sup>e</sup> do Estado.”
<b>“Subscrição”</b>	“Santos sculp // Porto.”
<b>Local</b>	AMB   DRCN
	Painel de azulejo
	-
	“MILAGROSO S. VICENTE / MOÇO E MÁRTIR”
	Parede lateral exterior da igreja de N. Sra. do Carmo
	Foram também identificados três ex-votos pintados (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 5.2.2., parte II)
<b>Observação</b>	Durante todo o processo de compra e envio das relíquias, Bento Cosmelli trocou correspondência como o tesoureiro da Irmandade da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, António Joaquim de Carvalho



## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	São Vicente moço e mártir, corpo incorrupto de São Vicente
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Vicente
<b>Categoria</b>	3 <sup>a</sup>
<b>Atributos</b>	Folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, coroa de oliveira, pingos de sangue no pescoço
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados, passamanes dourados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, missangas, lantejoulas, canotilhos, vidros coloridos, botões), cabelo, cera, vidro, madeira, papel, metais, policromia, dentes (?)
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com a cabeça e as pernas inclinadas para o lado direito, em direção ao observador. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. Os braços acompanham o tronco. O cotovelo direito está dobrado e o antebraço apoia sobre o peito. A mão esquerda está apoiada sobre a anca e segura a folha de palma. O joelho esquerdo está ligeiramente fletido e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto, pescoço, mãos, pernas e pés resultam da moldagem de cera. O rosto, pintado a cor de carneação, possui uma aparência jovem e imberbe, nariz fino e proeminente, olhos quase fechados

---

– com a parte branca do olho (esclera) visível – e lábios semiabertos, deixando a descoberto os dentes no interior. As pestanas e as sobrancelhas são sugeridas pela aplicação de pelos. Pingos de sangue pintados no pescoço sugerem o ato de martírio. Uma farta cabeleira encaracolada e acinzentada emoldura o rosto. Sobre esta, assenta uma coroa de oliveira envolta por uma auréola em arame grosso. O simulacro veste túnica curta de tecido liso de tom branco-pérola, bordado a lâmina e fio metálico dourado e ornamentos diversos, formando padrões florais e vegetalistas. A túnica é rematada por passamanes dourados. Uma faixa larga de tecido de veludo alaranjado, com elementos vegetalistas bordados, cinge a túnica. Ao centro observa-se o cristograma. Por baixo da túnica observam-se ainda mangas compridas e calções compridos (ou corsários) com bordados nas extremidades. Uma pequena tira em renda de tule com motivos florais bordados e estilizados decora o decote, redondo, da túnica e os punhos. Um manto de tom rosado e rematado por galão tecido dourado eleva-se atrás do corpo. Os pés calçam sandálias baixas que resultam do cruzamento de pequenos galões tecidos dourados e prateados. Junto aos pés, na parte traseira da urna, observa-se o vaso de sangue, aparentemente em talha dourada. Este é alto e com tampa encimada pelo cristograma. Na frente lê-se, em letras capitulares: “VAS SANGUINIS”. Ao centro, dois óculos abertos deixam a descoberto pequenos fragmentos de vidro com sinais de iridescência e aglomerados de aspeto terroso. O simulacro assenta sobre um leito alto e duas almofadas, forradas com tecido liso esverdeado, decorado com passamanes dourados

---

**Observações**

O simulacro do santo mártir Vicente tem muitas parecenças com o simulacro de são Benedito (ficha de inventário n.º 11)

---

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

---

**Estado de conservação\*** Razoável

---

**Descrição**

Sujidade superficial; lacerações e orifícios nos tecidos; descoloração acentuada dos tecidos; fissuras, fendas e escurecimento da cera, em particular nas pernas; oxidação e escurecimento dos metais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (12.03.2020)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 34

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Fortunato	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1770-80	
Local (atual) / propriedade	Armazém de materiais / Santa Casa da Misericórdia de Almada	
Local (original) / propriedade	Capela do marquês de Valada / propriedade privada	
Localização	Em urna própria	
Estado	Não visitável	
Vila	Monte de Caparica	
Freguesia	União das freguesias de Caparica e Trafaria	
Concelho	Almada	
Distrito	Setúbal	
Diocese	Setúbal	
Morada / GPS	-	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“Corpus S. Pueri Fortunati Martyris” (inscrição em cartela de papel posicionada à frente do corpo)
Autêntica (S/N) /local	Não / -
Proveniência	-
Outras informações	O simulacro foi oferecido à SCMA pelo conde da Caparica (filho do marquês de Valada) em 1831, juntamente com outros quatro simulacros (três individuais e um conjunto – mãe e filho), por intermédio do administrador da casa, o Sr. Joaquim Monteiro Torres. O simulacro consta no “Inventário Geral da Igreja da Misericórdia de Almada”, datado de 31 de dezembro de 1949 (folha n.º 3): “Santas reliquias (múmias) (...) S. Fortunatús Martyres Puer (rapaz)”. As parencas com alguns simulacros inventariados e datados (veja-se <i>infra</i> ), permite estabelecer como data provável para a sua chegada a Portugal, o período compreendido entre 1770 e 1780

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Fortunato
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (borlas, berloques, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (laços, fitas, feiras de pérolas/contas e missangas), papel, metais, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito. A cabeça assenta sobre uma almofada alta. O cotovelo direito apoia sobre o leito e o antebraço encosta no peito. O braço esquerdo acompanha o tronco e a mão segura uma folha de palma. Os joelhos estão fletidos e elevados em relação suporte, e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto resulta da sobreposição de tecidos, aparentemente moldados e não pintados. Possui o rosto achatado, e os olhos e lábios fechados. Ostenta uma coroa de flores policromas e um elmo com um penacho amplo e colorido. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta (saia e mangas) em tecido lavrado e espolinado com pequenos motivos florais; armadura e calções em tecido lavrado azul-celeste com decoração espolinada prateada; <i>pteruges</i> nos ombros e coxas em tecido azul-celeste liso com pequenos adornos florais a fio metálico e pérolas/contas; luvas em renda metálica prateada; cáligas de cano médio em renda metálica prateada com remate superior em tecido azul-celeste liso e decoradas com galões dourados; e manto em tecido lavrado e espolinado com motivos vegetalistas e zoomórficos de grande colorido, que envolve o corpo. A cintura é cingida por uma larga faixa decorada com galões tecidos dourados. Todas as peças de vestuários são rematadas por galões de renda dourados. Os antebraços e as pernas são revestidas por gazes lavradas transparentes, deixando visíveis os ossos e a rede metálica interna. Na gola e no remate das mangas da túnica sobressaem rendas de tule bordado com motivos geométricos estilizados. Pequenos laços e feiras de pérolas/contas decoram o peito e os braços. À frente do corpo, junto às coxas, observa-se uma cartela de papel larga, decorada, lateralmente, por dois <i>pulti</i> e encimada por folhas de palma e motivos florais, na qual consta a inscrição <i>supra</i> . O simulacro assenta sobre um leito e uma almofada, forrados com tecido vermelho, decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	Os padrões decorativos do manto são iguais aos do manto de santa Justina e do vestido de santa Vitória (fichas de inventário n.º 9 e 23). O tratamento do rosto também se assemelha ao dos simulacros das santas Vitória e Prima (fichas de inventário n.º 23 e 7)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada (pó, depósitos variados, serrim, excrementos e restos de animais mortos); lacerações nos tecidos; deformação do rosto; oxidação e corrosão pontual dos metais
<b>Observações</b>	Dos vários simulacros pertencentes à SCMA, o de são Fortunato é o que aparenta melhores condições ao nível do estado de conservação, muito provavelmente devido ao fato de ter permanecido, durante um longo período, por baixo da urna/caixa dos simulacros dos santos Clementina e Simpício, ou seja, resguardado das condições ambientais (humidade, luz, temperatura, etc.). Não obstante, a longa permanência de um vidro (possivelmente o vidro frontal da urna) sobre o rosto do simulacro causou o achatamento e deformação do suporte têxtil

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

Joana do Carmo Palmeirão (07.03.2019)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 35

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Semne



N.º de inventário existente -

Datação 1770-80

Local (atual) / propriedade Armazém de materiais / Santa Casa da Misericórdia de Almada

Local (original) / propriedade Capela do marquês de Valada / propriedade privada

Localização Em urna própria

Estado Não visitável

Vila Monte de Caparica

Freguesia União das freguesias de Caparica e Trafaria

Concelho Almada

Distrito Setúbal

Diocese Setúbal

Morada / GPS -

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local) “Sac. Corpus cum Vase Sang. S. Semne M. Cum Pprio Nôm.º Rep.º Ex Lapide Marmoreo cum (...)” (inscrição em cartela de papel posicionada à frente do corpo)

Autêntica (S/N) /local Não / -

Proveniência -

Outras informações

O simulacro foi oferecido à SCMA pelo conde da Caparica (filho do marquês de Valada) em 1831, juntamente com outros quatro simulacros (três individuais e um conjunto – mãe e filho), por intermédio do administrador da casa, o Sr. Joaquim Monteiro Torres. O simulacro consta no “Inventário Geral da Igreja da Misericórdia de Almada”, datado de 31 de dezembro de 1949 (folha n.º 3): “Santas reliquias (múmias) (...) S. Semuc Martir-Vá Sir Sanguinis”. Crê-se ter havido um erro de escrita do nome, uma vez que na inscrição que acompanha o simulacro lê-se “S. Semne”. Apesar do mau estado de conservação, são claras as semelhanças com o simulacro de São Fortunato (ficha de inventário n.º 35) tendo ambos, provavelmente, funcionado como um par, à semelhança dos simulacros dos santos mártires Aurélio e Pacífico (sé do Porto), ou dos santos Severino e Eugénio (igreja dos Congregados, Porto).

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Semne
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, ramo de flores, elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (borlas, berloques, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (laços, fitas, fieiras de pérolas/contas e missangas), algodão/palha (enchimento), papel, metais, osso
<b>Observações</b>	Embora a posição e a composição formal do simulacro sejam muito similares às de são Fortunato, os tecidos variam em termos de posição. Ou seja, o tecido azul-celeste espolinado identificado na armadura e nos calções do simulacro de são Fortunato compõe o manto do simulacro de são Semne. Por sua vez, o tecido com motivos zoomórficos de grande colorido usado no manto do simulacro de são Fortunato foi utilizado na túnica de são Semne. Aliás, os padrões decorativos desta veste são iguais aos do manto de santa Justina e do vestido de santa Vitória (fichas de inventário n.º 9 e 23). A inexistência de gazes nas pernas e braços permite visualizar os ossos e a rede metálica interna. A deslocação do crânio do respetivo suporte metálico não permite ver o rosto de frente. Por todo o simulacro observam-se pequenos ossos, aparentemente de animais

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Deteriorado
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada (pó, depósitos variados, serrim, excrementos e restos de animais mortos); lacerações extensas e alterações cromáticas nos tecidos (manchas escuras, descoloração, amarelecimento); oxidação e corrosão dos metais; infestação dos tecidos e papel, e presença de bolores; deformações de elementos variados; perdas irreversíveis; fratura e desagregação dos ossos

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (07.03.2019)

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 36

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Teodoro



N.º de inventário existente -

Datação -

Local (atual) / propriedade Armazém de materiais / Santa Casa da Misericórdia de Almada

Local (original) / propriedade Capela do marquês de Valada / propriedade privada

Localização Em urna própria

Estado Não visitável

Vila Monte de Caparica

Freguesia União das freguesias de Caparica e Trafaria

Concelho Almada

Distrito Setúbal

Diocese Setúbal

Morada / GPS \_717

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) /local Não / -

Proveniência Catacumba de são Calisto

Outras informações

O simulacro foi oferecido à SCMA pelo conde da Caparica (filho do marquês de Valada) em 1831, juntamente com outros quatro simulacros (três individuais e um conjunto – mãe e filho), por intermédio do administrador da casa, o Sr. Joaquim Monteiro Torres. O simulacro consta no “Inventário Geral da Igreja da Misericórdia de Almada”, datado de 31 de dezembro de 1949 (folha n.º 3): “Santas reliquias (múmias) (...) S. Theodorus-do Cemitério de S:Callisto”. O simulacro de são Teodoro corresponde a um corpo de criança (*ca.* 2 anos de idade), sendo dos poucos simulacros infantis inventariados. Por comparação com outros exemplares inventariados crê-se que o período provável para a produção/chegada do simulacro a Portugal seja a segunda metade do século XVIII

<sup>717</sup> Por questões de segurança optou-se por não indicar a localização dos exemplares pertencentes à SCMA.

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Teodoro
<b>Categoria</b>	1ª/2ª (?)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, ramo de flores, folha de palma, vaso de sangue, estaurograma <sup>718</sup>
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	± 70 cm (compr.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (pérolas/contas, broches decorados com vidros incolores), metais, vidro, papel, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. A cabeça assenta sobre uma almofada alta. O cotovelo direito apoia sobre o leito e o antebraço encosta à almofada. A mão, por sua vez, encosta ao rosto. A mão esquerda, pousada sobre a anca, segura a folha de palma e o ramo de flores (ou parte dele). Os joelhos estão fletidos, o esquerdo elevado em relação ao direito e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o esquerdo mais avançado que o direito. Sobre o crânio, parcialmente destapado (originalmente estaria revestido com gazes), observa-se uma coroa de flores profusa, de formas e cores variadas. O simulacro veste indumentária à romana composta por saia em tecido lavrado com decoração espolinada prateada; armadura e calções em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado, formando padrões florais de grande riqueza e colorido; <i>pteruges</i> na forma de galões dourados; luvas em renda metálica prateada; cáligas de cano médio em renda metálica prateada com remate superior em tecido esverdeado liso e ornadas com galões dourados e broches montados com arame e vidros incolores; e manto em tecido liso de tom alaranjado com passamanes florais de oito pétalas, que envolve o corpo. A cintura é cingida por uma faixa decorada com galões tecidos prateados. Todas as peças de vestuários são rematadas por galões de renda dourados e prateados. À frente do corpo, junto ao cotovelo direito, observa-se um pequeno recipiente de vidro (partido), de tom esverdeado, encimado pelo estaurograma de tecido bordado. O simulacro assenta sobre um leito e uma almofada, forrados com tecido de tom verde, decorado com passamanes dourados e prateados
<b>Observações</b>	Os antebraços e as pernas estão envolvidos por um emaranhado de arames ferrosos (rede metálica interna) que permite visualizar os ossos no interior (as gazes originais já não existem). Na parte superior do crânio, visível à vista desarmada, denota-se o destacamento de uma película superficial, que poderá corresponder: a um revestimento (protetor) aplicado sobre o osso ou a uma camada cromática

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada (pó, depósitos variados, serrim); lacerações e infestação dos tecidos; perda irreversível das gazes; oxidação e corrosão dos metais (concreções alaranjadas); despreendimento e deformação dos passamanes; descoloração das flores de papel; destacamento do revestimento têxtil do rosto; degradação física e química do vaso de sangue

<sup>718</sup> O estaurograma (*staurogram*) ou cruz monogramática, ou ainda Tau-Rho, resulta do entrelaçamento das letras gregas tau (T) e rho (P), representando Jesus na cruz.

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

---

**INVENTARIANTE (DATA)**

Joana do Carmo Palmeirão (07.03.2019)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 37

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santos mártires Clementina & Simplício	
N.º de inventário existente	-	
Datação	-	
Local (atual) / propriedade	Armazém de materiais / Santa Casa da Misericórdia de Almada	
Local (original) / propriedade	Capela do marquês de Valada / propriedade privada	
Localização	Em urna própria	
Estado	Não visitável	
Vila	Monte de Caparica	
Freguesia	União das freguesias de Caparica e Trafaria	
Concelho	Almada	
Distrito	Setúbal	
Diocese	Setúbal	
Morada / GPS	-	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) /local	Não / -
Proveniência	Catacumba de santa Ciríaca
Outras informações	O conjunto (mãe e filho) foi oferecido à SCMA pelo conde da Caparica (filho do marquês de Valada) em 1831, juntamente com outros quatro simulacros, por intermédio do administrador da casa, o Sr. Joaquim Monteiro Torres. O conjunto consta no “Inventário Geral da Igreja da Misericórdia de Almada”, datado de 31 de dezembro de 1949 (folha n.º 3): “Santas reliquias (múmias) (...) St.ª Clementina e seu filho Simplício com Va Si do Cemitério Cirenaens”

CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Tipologia	Simulacros dos corpos dos santos mártires Clementina e Simplício
Categoria	2ª
Atributos	Coroa de flores, folha de palma

<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (borlas, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (laços, feiras de pérolas/contas e missangas), algodão (enchimento), papel, metais, osso, dentes
<b>Descrição</b>	O conjunto é constituída por dois indivíduos, mãe e filho, localizados no interior de uma caixa/urna de madeira policromada (sem vidro frontal). O simulacro de santa Clementina estaria deitado em posição lateral sobre o seu lado direito com o filho pequeno deitado sobre o seu braço direito, de frente para ela, e a cabeça apoiada sobre a sua mão. Apesar do estado de deterioração avançado da peça são visíveis alguns ossos de santa Clementina e de são Simplicio. A folha de palma e a coroa de flores também são visíveis, embora deformadas e dispersas. Todo o conjunto é decorado com tecidos variados e de grande colorido, com decoração floral espolinada a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado, e rematados com galões de feitos e tamanhos variados, dourados e prateados. As mãos vestem luvas metálicas prateadas. São igualmente visíveis, como elementos decorativos, pulseiras e colares de feiras de pérolas/contas e missangas
<b>Observações</b>	Observam-se as estruturas metálicas (estacas de ferro) nos locais onde estariam originalmente os crânios. O vaso de sangue que, segundo informação no documento do inventário, teria vindo com os corpos, não foi encontrado. A posição, os tecidos e as decorações são muito similares aos dos simulacros das santas Prima, Justina e Vitória (fichas de inventário n.º 7, 9 e 23)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Perda
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada (pó, depósitos variados, excrementos e restos de animais mortos); lacerações extensas e alterações cromáticas nos tecidos (manchas enegrecidas, descoloração, amarelecimento, etc.); perda de coesão dos tecidos; oxidação, corrosão e escurecimento dos metais; infestação dos tecidos, papel e madeiras, e presença de bolores; ossos fraturados e fragmentados; deformação dos passamanes; desconstrução do conjunto e perda irreversível da leitura da peça

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (07.03.2019)

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 38

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santa mártir Primogénita / ?	
N.º de inventário existente	-	
Datação	-	
Local (atual) / propriedade	Armazém de materiais / Santa Casa da Misericórdia de Almada	
Local (original) / propriedade	Capela do marquês de Valada / propriedade privada	
Localização	Em urna própria	
Estado	Não visitável	
Vila	Monte de Caparica	
Freguesia	União das freguesias de Caparica e Trafaria	
Concelho	Almada	
Distrito	Setúbal	
Diocese	Setúbal	
Morada / GPS	-	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) /local	Não / -
Proveniência	Catacumba de são Calisto
Outras informações	<p>O simulacro foi oferecido à SCMA pelo conde da Caparica (filho do marquês de Valada) em 1831, juntamente com outros quatro simulacros (três individuais e um conjunto – mãe e filho), por intermédio do administrador da casa, o Sr. Joaquim Monteiro Torres. O simulacro consta no “Inventário Geral da Igreja da Misericórdia de Almada”, datado de 31 de dezembro de 1949 (folha n.º 3): “Santas reliquias (múmias) (...) St.ª Primogénita-do Cemitério de S.Callisto”. Existem dois simulacros de tamanho infantil e de sexo feminino, sendo que apenas um deles se encontra identificado no inventário da Misericórdia com o nome de santa Primogénita; o outro nome é desconhecido. A ausência de uma cartela com o nome junto de cada um dos simulacros impossibilita determinar a qual dos dois corresponde o nome de Primogénita. O simulacro corresponde a um corpo de criança (<i>ca.</i> 2 anos de idade), sendo dos poucos simulacros infantis inventariados. Por comparação com outros exemplares inventariados, sugere-se como período provável para a sua produção e/ou chegada a Portugal, a segunda metade do século XVIII</p>

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo da santa mártir Primogénita / ?
<b>Categoria</b>	2ª/3ª (?)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	± 70 cm (compr.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, feiras de pérolas/contas, fitas, metais, papel, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com a cabeça e o tronco elevados em relação à bacia. A cabeça assenta sobre uma (?) almofada e inclina para a esquerda, no sentido contrário ao observador. Os braços acompanham o tronco. Os joelhos estão dobrados e ligeiramente elevados em relação ao suporte, e os calcanhares assentam sobre o leito. O rosto e o pescoço resultam da sobreposição de várias gazes. Possui nariz proeminente, olhos fechados e lábios semiabertos, deixando entrever os dentes no interior. A cabeça ostenta uma pequena coroa de flores. Outra coroa, em metal, é visível atrás do crânio, sobre a almofada. O simulacro veste vestido e manto com decoração floral de grande colorido, espolinados a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado (?). Ambas as vestes são ricamente decoradas com passamanes dourados e prateados (?), feiras de pérolas/contas e missangas, e fitas. Os antebraços e mãos vestem rendas metálicas. Os pés calçam sandálias de tiras, sugeridas pelo cruzamento de pequenos galões dourados. O simulacro assenta sobre um leito forrado com tecido de tom rosa
<b>Observações</b>	Através das rendas metálicas observam-se o que aparentam ser os ossos dos antebraços e as falanges das mãos e pés. O simulacro está localizado no interior de uma pequena caixa em madeira, parcialmente destruída

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Mau
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada (pó, depósitos variados, serrim); infestação dos tecidos e presença de bolores; lacerações e descoloração dos tecidos; oxidação e corrosão dos metais; despreendimento e deformação dos passamanes; deformação dos membros superiores e despreendimento da cabeça

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (07.03.2019)

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 39

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santa mártir Primogénita / ?



N.º de inventário existente

-

Datação

-

Local (atual) / propriedade

Armazém de materiais / Santa Casa da Misericórdia de Almada

Local (original) / propriedade

Capela do marquês de Valada / propriedade privada

Localização

Em urna própria

Estado

Não visitável

Vila

Monte de Caparica

Freguesia

União das freguesias de Caparica e Trafaria

Concelho

Almada

Distrito

Setúbal

Diocese

Setúbal

Morada / GPS

-

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) /local

Não / -

Proveniência

Catacumba de são Calisto

Outras informações

O simulacro foi oferecido à SCMA pelo conde da Caparica (filho do marquês de Valada) em 1831, juntamente com outros quatro simulacros (três individuais e um conjunto – mãe e filho), por intermédio do administrador da casa, o Sr. Joaquim Monteiro Torres. O simulacro consta no “Inventário Geral da Igreja da Misericórdia de Almada”, datado de 31 de dezembro de 1949 (folha n.º 3): “Santas relíquias (múmias) (...) St.ª Primogénita-do Cemitério de S.Callisto”. Existem dois simulacros de tamanho infantil e de sexo feminino, sendo que apenas um deles se encontra identificado no inventário da Misericórdia com o nome de santa Primogénita; o outro nome é desconhecido. A ausência de uma cartela com o nome junto de cada um dos simulacros impossibilita determinar a qual dos dois corresponde o nome de Primogénita. O simulacro corresponde a um corpo de criança (*ca.* 2 anos de idade), sendo dos poucos simulacros infantis inventariados

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo da santa mártir Primogénita (?)
<b>Categoria</b>	1ª/2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	± 70 cm (compr.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, feiras de pérolas/contas, fitas, metais, papel, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com a cabeça e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre duas almofadas. Embora já não exista, a cabeça estaria originalmente apoiada sobre a mão. O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão, assente sobre as pernas, segura a folha de palma. Os joelhos estão fletidos e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O pescoço é revestido por um suporte têxtil, que resulta da sobreposição de gazes. Na zona da cabeça observa-se um fragmento do crânio e uma coroa de flores metálicas. O simulacro veste vestido de tom rosa avermelhado e manto lavrado azul-celeste e espolinado com decoração floral a fio policromo, lâmina e fio metálico prateado. Ambas as peças são decoradas e rematadas com galões dourados e feiras de pérolas/contas e missangas. Os antebraços e as mãos vestem rendas metálicas. Os pés calçam sandálias de tiras, sugeridas pelo cruzamento de pequenos galões dourados. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com tecido liso de tom amarelo-claro, decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	Além do crânio fragmentado, observam-se o que aparentam ser os ossos dos braços e as falanges das mãos e dos pés. O simulacro está localizado no interior de uma pequena caixa em madeira, parcialmente destruída, com duas cintas e lacre vermelho (originais)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Deteriorado
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada (pó, depósitos variados, serrim); infestação dos tecidos; lacerações e descoloração dos tecidos; oxidação e corrosão dos metais; despreendimento e deformação dos passamanes; fratura, deformação e perda volumétrica do crânio; perda irreversível do rosto

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (07.03.2019)

**ANEXO FOTOGRAFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 40

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santa mártir Felicidade	
N.º de inventário existente	SCMG0469	
Datação	1770-1800	
Local (atual) / propriedade	Igreja de santo António dos Capuchos / Santa Casa da Misericórdia de Guimarães (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Igreja de santo António dos Capuchos / convento de santo António dos Capuchos (convento masculino)	
Localização	Em urna própria no banco do retábulo colateral dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, do lado da Epístola	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Cidade	Guimarães	
Freguesia	Azurém	
Concelho	Guimarães	
Distrito	Braga	
Diocese	Braga	
Morada / GPS	R. Dr. Joaquim de Meira, 4800-412 Guimarães / 41.44792, -8.29200	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local	?
Proveniência	Catacumba de santa Ciríaca
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Artesão / local	Antonio Magnani / Roma
Outras informações	A proveniência das relíquias e a datação do simulacro foram estabelecidas tendo por base o estudo comparativo entre o exemplar nacional e os exemplares estudados pelo investigador Massimiliano Ghilardi (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 3.3., parte I). Segundo relatos orais, os pescadores de Caxinas (Vila do Conde) faziam peregrinação à santa Felicidade uma vez ao ano

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de santa Felicidade
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo da santa mártir Felicidade
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores, auréola, folha de palma, cristograma Chi-Rho
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, feiras de contas e missangas, missangas policromas), metais, osso, dentes, policromia, cabelo
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e o corpo voltados para cima. A cabeça assenta sobre três almofadas. Os braços acompanham o tronco. Os cotovelos estão dobrados e os antebraços e as mãos apoiam sobre a cintura. A mão esquerda segura a folha de palma. Os joelhos estão elevados e dobrados, o esquerdo ligeiramente mais elevado que o direito, e os calcanhares assentam sobre o leito. O rosto, pescoço, antebraços, mãos e pés resultam da moldagem de tecido muito fino, que permite visualizar os ossos no interior. O rosto possui uma aparência jovem, de nariz proeminente, olhos fechados e lábios semiabertos, a partir dos quais se observam os dentes no interior. Os olhos, nariz e lábios apresentam apontamentos de cor. O cabelo, de tom acastanhado, emoldura o rosto e é decorado por uma grinalda de flores metálicas, seguida de uma auréola em arame grosso. O simulacro veste vestido comprido em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico prateado e dourado, formando motivos florais. Sobre o vestido observa-se uma túnica curta composta por tecido transparente intercalado por tiras de lhama dourada e prateada. Ambas as vestes são ricamente decoradas com passamanes dourados e prateados, feiras de pérolas/contas e missangas, e folhas metálicas coloridas de formato geométrico. No peito repousa um medalhão dourado com o cristograma Chi-Rho. Por baixo das mangas do vestido observam-se outras mangas em tecido liso, rematado por galão dourado. Os pés calçam sandálias de tiras, sugeridas pelo cruzamento de pequenos galões dourados, com solas forradas com tecido de cor salmão. Um manto de um azul intenso com pequenas estrelas bordadas pende dos ombros e prolonga-se até aos pés. O simulacro assenta sobre um leito e três almofadas, forrados com damasco avermelhado com motivos fitomórficos, decorado com galões dourados
<b>Observações</b>	Os tecidos utilizados e a cor intensa dos mesmos, em particular das almofadas e do manto, sugerem que o simulacro foi intervencionado no passado (antes de 2006). Isto é igualmente sugerido pela comparação deste exemplar com outros identificados como produções de Antonio Magnani

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; lacerações, orifícios (infestação?) e lacunas nos tecidos, em particular no rosto; descoloração dos tecidos; manchas de humidade, em particular no manto; despreendimento e deformação de alguns elementos (tecidos e passamanes)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (19.09.2019)

ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 41

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Clemente



N.º de inventário existente

-

Datação

1778-80

Local (atual) / propriedade

Santuário do Bom Jesus do Monte / Igreja Católica (propriedade privada)

Local (original) / propriedade

Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco / Real Confraria do Bom Jesus do Monte Espinho

Localização

No altar do retábulo da capela colateral (“capela das relíquias”), no transepto, do lado da Epístola

Estado

Exposto, mas sem culto

Cidade

Braga

Freguesia

União das freguesias de Nogueiró e Tenões

Concelho

Braga

Distrito

Braga

Diocese

Braga

Morada / GPS

Estrada do Bom Jesus 4715-056 Tenões / 41.55476, -8.37704

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“ESMOLAS PARA S. CLEMENTE” (inscrição na base do altar, sob a ranhura das esmolas)

Autêntica (S/N) / local

Não / -

Papa

Pio VI (p. 1775 - m. 1799)

Agente / cargo

Francisco Ventura Maciel Aranha / bacharel em Cânones e formado em Leis, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e cavaleiro fidalgo da Casa Real

Data de trasladação

Entre 1778 e 1780

Registos (técnica)

Estampa religiosa (gravura monocromática)

N.º de inventário

rs-0518

“Inscrição”

“O Corpo de S. Clemente Martyr, que se acha no Sanctuario, do / Bom Jesus do Monte da Cidade de Braga.”

“Subscrição”

“Joaquim Raimundo da Costa, grav. // Rua da Conc.ão n.º. 8. Porto 1836.”

Local

Coleção “Registos de Santos” | BNP



## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Clemente
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Clemente
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, ramo de flores, folha de palma, cristograma Chi-Rho, elmo, espada
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, vidros coloridos, missangas), pasta de papel/gesso (?), policromia, metais, madeira (?), papel, osso
<b>Descrição</b>	<p>Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e as pernas inclinados para o lado direito, em direção ao observador. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. O cotovelo direito apoia sobre o leito e a mão, ligeiramente fechada, encosta no rosto. O braço esquerdo acompanha o tronco e a mão, em posição estendida, segura o ramo de flores e a folha de palma. Os joelhos estão fletidos; o esquerdo elevado em relação ao direito. A perna esquerda cruza sobre a direita e os pés assentam lateralmente sobre o suporte, o esquerdo mais avançado do que o direito. O rosto, de tom amarelado, olhos fechados e lábios semiabertos, tem uma aparência envelhecida resultante da modelagem tosca de pasta de papel/gesso (?). As sobrancelhas, olhos e lábios apresentam apontamentos de cor. Uma pequena coroa de flores metálicas e papel policromo assenta sobre a cabeça. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta em tecido lavrado e espolinado com pequenos motivos vegetalistas; armadura em renda metálica e tecido liso branco decorado com galões tecidos, vidros coloridos verdes e vermelhos, feiras de missangas e o cristograma ao centro; <i>pteryges</i> nos ombros e coxas do mesmo tecido; luvas em renda metálica dourada; calções (ou corsários) em tecido lavrado com pequenos motivos florais; cáligas em tecido vermelho decorado com galões tecidos dourados; e manto em tecido de tom amarelo-dourado com flores metálicas bordadas. Observam-se, ainda, gazes lavradas nos cotovelos e rendas metálicas nos antebraços, pernas e pontas dos pés. Estas são mais abertas ao centro, permitindo visualizar os ossos no interior (o mesmo se aplica à renda no pescoço). Todas as peças de vestuários são rematadas por galões dourados e prateados. O elmo e a espada encontram-se atrás dos pés, encostados à parede posterior do altar. Ambos os elementos são prateados e o elmo ostenta um penacho de plumas policromas. O simulacro assenta sobre um leito forrado com tecido espolinado com pequenos padrões florais policromos e rematado por galão dourado. As almofadas estão revestidas com veludo bordeaux, decorado com galões tecidos prateados e borlas profusas douradas</p>
<b>Observações</b>	<p>Não foi identificado o vaso de sangue, embora este venha descrito nas atas da Mesa da Confraria do BJM (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 5.2.3., parte II). O tecido do manto é igual ao do simulacro do santo mártir Vitório (ficha de inventário n.º 13). O simulacro apresenta ainda grandes semelhanças com os simulacros dos santos mártires Liberato e Fortunato do seminário maior de Coimbra (fichas de inventário n.º 45 e 46)</p>

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Bom
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial; oxidação e escurecimento dos metais; fissuras, fendas e lacunas no rosto; destacamento da policromia (rosto); descoloração dos tecidos

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (02.07.2021)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 42

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Fortunato	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1787	
Local (atual) / propriedade	Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos / Igreja Católica (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (ou do Campo da Feira) / Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos	
Localização	Em urna própria, no bando do retábulo da capela lateral dedicada ao Sagrado Coração de Jesus (primeira do lado do Evangelho)	
Estado	Exposto e com culto	
Cidade	Guimarães	
Freguesia	União das freguesias de Oliveira, são Paio e são Sebastião	
Concelho	Braga	
Distrito	Braga	
Diocese	Braga	
Morada / GPS	Largo de São Brás 42, 4810-531 Guimarães / 41.44085, -8.28964	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“Sta. Maria Transportina” (inscrição em papel aplicado no avesso do tecido da bota)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Proveniência	Catacumba de santa Ciriaca
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Artesão / local	Antonio Magnani / Roma
Data de depósito / local	1787 / Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (Guimarães)
Data de trasladação	11 de dezembro de 1787
Outras informações	A proveniência e produção do simulacro foram estabelecidas tendo por base o estudo comparativo com os exemplares estudados pelo investigador Massimiliano Ghilardi (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 4.3., parte I). A festa dedicada ao santo Fortunato era comemorada no 4º domingo do mês de agosto. Apesar da festa ter terminado há muitos anos, o culto ao santo ainda persiste, como demonstram alguns ex-votos ou velas acesas (elétricas)

---

deixadas junto ao altar

---

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Fortunato; santo Fortunato de Évora
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Fortunato
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	138 cm (compr.) x 55 cm (larg.)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, auréola, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, elmo, espada
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (folhas metálicas de diferentes cores e formatos, contas, missangas), vidro, madeira, papel, osso, dentes
<b>Descrição</b>	<p>Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o corpo e o rosto voltados para cima. A cabeça assenta sobre duas almofadas. Os braços acompanham o tronco. A mão direita repousa sobre o punho da espada, enquanto a esquerda segura a folha de palma. Os joelhos estão elevados e dobrados, o esquerdo ligeiramente mais elevado que o direito, e os calcanhares assentam sobre a padiola. O rosto, pescoço, antebraços, mãos e pernas são produzidos em tecido muito fino (moldado). O rosto possui uma aparência jovem, nariz proeminente, olhos fechados e lábios semiabertos, com anotações de cor nos olhos, nariz e lábios. O cabelo, de tom castanho-alaranjado, emoldura o rosto e é decorado por uma grinalda de flores metálicas, encimada por uma auréola em metal grosso. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta em tecido lavrado e espolinado formando ramos florais; armadura em lhama com decoração em escamas (lat. <i>lorica squamata</i>); <i>pteruges</i> largas nos ombros e coxas compostas por galões dourados e lhama prateada; cáligas de cano médio forradas, lateralmente, com o mesmo tecido da túnica e abertas, na frente, mediante a aplicação de gaze e galões cruzados; e um manto de tecido liso azul-celeste com pequenas estrelas metálicas. Além destes elementos, observam-se: calções compridos (ou corsários) e veste interior ou camisa (mangas sob a túnica), ambos em tecido liso, e um cinto ou faixa na cintura (lat. <i>fascia ventralis</i>), em lhama dourada. Todas as peças de vestuário são decoradas e rematadas com galões dourados e prateados, feiras de contas e missangas, e folhas metálicas policromas. Na parte da frente, junto às almofadas, observa-se o vaso de sangue em talha dourada, com pé alto, corpo pequeno e cilíndrico, e uma pequena abertura envidraçada (?), através da qual se observam, no interior, aglomerados de aspeto terroso. Na tampa destaca-se, embora incompleto, o cristograma Chi-Rho. A espada está posicionada junto ao corpo. Esta é em talha dourada e prateada e possui cabeça de águia (pomo), guarda-mãos em “S” invertido e lâmina curva. Junto ao pé esquerdo encontra-se o elmo. Este apresenta decoração semelhança à armadura e penacho no topo. O simulacro assenta sobre uma padiola e duas almofadas, forradas com tecido liso de tom salmão, decorado com passamanes dourados</p>

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Bom
<b>Descrição</b>	Lacerações e orifícios nos tecidos; descoloração acentuada dos tecidos; manchas nos tecidos (pingos de cera, oxidação das colas); oxidação e escurecimento dos metais
<b>Intervenções (S/N) / data</b>	Sim / 2020
<b>Observações</b>	Sobre a intervenção veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.7. (parte IV)

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (20.09.2019)

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 43

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Justino



N.º de inventário existente	-
Datação	1793
Local (atual) / propriedade	Capela de santo António de Lisboa / Casa da Espregueira (propriedade privada)
Local (original) / propriedade	Capela de santo António de Lisboa / Casa da Espregueira (propriedade privada)
Localização	Em urna própria, sob o altar-mor
Estado	Oculto, mas com culto
Cidade	Barcelos
Freguesia	Fragoso
Concelho	Barcelos
Distrito	Braga
Diocese	Braga
Morada / GPS	Estrada EM 546, Fragoso / 41.615206, -8.719297

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“CORPUS / S. IUSTINI M.” (inscrição em cartela metálica na face frontal da urna)
Outros (local)	“CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DA ESPRAGUEIRA // FRAGOSO // ANO SANTO // 1975 // O Altar da Capela de Santo António da Espregueira foi considerado privilegiado por Breve de Sua Santidade Pio VI em 19 de Junho de 1781. // Neste Altar está depositado o Corpo de S. Justino extraído das Catacumbas de S. Ciriaca. // Esta Capela está sujeita, incorporada e unida com a Sagrada Basílica Lateranense de Roma desde 23 de Fevereiro de 1783. // Por Rescrita de Sua Santidade Pio VI de 22 de Junho de 1781 foi concedida indulgência plenária e perpétua a todos os fiéis que confessados nela comunguem e a visitem. // Estas Graças e Indulgências foram consideradas válidas e vigentes pela Nunciatura Apostólica no natal de 1948.” (pequeno folheto informativo sobre a capela de santo António, com data de 1975)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Data oficial	1793 (segundo informação na estampa devocional)
Proveniência	Catacumba de santa Ciriaca
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)

<b>Agente / cargo</b>	Mateus Martins dos Santos / ?
<b>Artesão / local</b>	Antonio Magnani / Roma
<b>Registos (técnica)</b>	Estampa religiosa (gravura monocromática) - cópia
<b>N.º de inventário</b>	-
<b>Inscrição</b>	“Verdadeiro Retrato de S: Iustino Mr; cujo Corpo extrahido das Catacumbas de S: Ciriaca, e de là transporta= / do por concurso e devoção de Ant.º Martins Santos, se venera na sua Capella de S. Antonio em S. Pedro de / Fragoso Arceb.º de Braga: Ann: 1793. em Roma”
<b>Subscrição</b>	“A. Magnani Vest. // C. Tinti Incis.”
<b>Local</b>	Coleção particular
<b>Outras informações</b>	Mateus Martins dos Santos era irmão de António Martins dos Santos, fundador e proprietário da capela de santo António e casa da Espregueira. Segundo fontes documentais, Mateus dos Santos viveu muito anos em Roma e tinha uma relação próxima com o papa Pio VI. Este, por sua vez, ofereceu-lhe indulgências, privilégios, graças e o corpo de são Justino para a capela em Fragoso. A estampa religiosa (gravura) confirma a produção do simulacro por Antonio Magnani (atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 3.3., parte I). Embora o simulacro esteja oculto, tapado por uma portada frontal, o culto existiu (e ainda existe, embora com menor intensidade), como se depreende dos ex-votos em cera deixados junto ao altar
<b>CARACTERIZAÇÃO &amp; DESCRIÇÃO</b>	
<b>Designação popular</b>	Corpo de são Justino; corpo incorrupto de são Justino
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Justino
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, auréola, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, elmo, espada
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, feiras de contas e missangas, lantejoulas), madeira, cabelo, gesso (?)
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e o corpo voltados para cima. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. Os braços acompanham o tronco. O direito repousa sobre o leito, enquanto a mão segura o pomo da espada. A mão esquerda, aberta, encosta na bacia, e a folha de palma pende de entre os dedos. O joelho esquerdo está ligeiramente dobrado e elevado em relação ao direito e os calcanhares apoiam no leito. O rosto, pescoço, antebraços, mãos, pernas e pés resultam da moldagem de gesso (?), pintado em tom de carnação. O rosto possui uma aparência jovem, com lábios semiabertos e olhos fechados, e anotações de cor nos olhos, nariz e lábios. O cabelo escuro emoldura o rosto e é decorado por uma grinalda profusa de flores policromas e materiais variados (papel, tecido, folha e fio metálico), e uma auréola em metal grosso. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta em tecido lavrado e espolinado formando ramos florais; armadura em lhama com decoração em escamas (lat. <i>lorica squamata</i> ); <i>pteryges</i> largas nos ombros e coxas, formadas por lhamas prateadas e galões dourados; cáligas de cano médio forradas com o mesmo tecido da túnica e abertas, na frente, pelo entrelaçamento de galões dourados; e um manto em tecido liso, de tom azul-escuro, que se estende



---

dos ombros até aos pés. Todas as peças são decoradas por feiras de contas e missangas, e folhas metálicas coloridas, e rematadas por passamanes dourados e prateados. O simulacro veste ainda calões compridos (ou corsários), em tecido liso de tom rosado. Na parte da frente, junto às almofadas, observa-se o vaso de sangue em talha dourada. Este consiste num recipiente com pé alto, corpo pequeno e tampa encimada pelo Chi-Rho (embora deformado). Junto às pernas observa-se a espada em talha dourada e prateada. O elmo encontra-se junto ao pé esquerdo, encostado à parede posterior da urna. Este atributo está forrado com o mesmo tecido da armadura e ostenta um penacho prateado. O simulacro está parcialmente tapado por um tecido rendado com pequenos elementos florais metálicos, fixo às paredes da urna com pionés. O simulacro assenta sobre um leito e almofadas, forrados com tecido liso, decorado com passamanes dourados e flores metálicas policromas

---

**Observações**

Perante as evidências de que se trata de um produção de Antonio Magnani, crê-se que o simulacro tenha sofrido uma intervenção ou remontagem no passado. O tecido aplicado sobre o simulacro dificulta, em grande medida, a sua observação podendo, inclusive, ter sido aplicado para ocultar essa alteração

---

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

---

**Estado de conservação\*** Bom/razoável

---

**Descrição**

Sujidade superficial e acumulada; lacerações e orifícios nos tecidos; descoloração dos tecidos; fissuras, fendas e lacunas no rosto e membros superiores e inferiores (gesso policromado?); destacamento da policromia; oxidação e escurecimento dos metais; quebra dos fios e despreendimento dos ornamentos e passamanes

---

**Intervenções (S/N) / data** Sim / 2017-19

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (12.03.2021)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 44

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Vicente



N.º de inventário existente -

Datação 1760

Local (atual) / propriedade Capela de São Miguel / seminário maior de Coimbra

Local (original) / propriedade ? / seminário maior de Coimbra

Localização No altar-mor da capela

Estado Exposto, mas sem culto

Cidade Coimbra

Freguesia União das freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu)

Concelho Coimbra

Distrito Coimbra

Diocese Coimbra

Morada / GPS Rua Vandelli 2, 3004-547 Coimbra / 40.20284, -8.42119

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local) “S S.<sup>mus</sup> / CHRISTI MARTYR / VINCENTIVS” (inscrição em cartela de tecido fixa à parede posterior do altar)

Autêntica (S/N) / local Sim / Arquivo do Seminário Maior de Coimbra



Data oficial 1760

Proveniência Catacumba de Santa Priscila

Distribuidor(es) Cardeal-vigário (1759-62) Antonio Maria Odescalchi, e custódio (1751-73) Agostino Honorante

Papa Clemente XIII (p. 1758 - m. 1769)

<b>Agente / cargo</b>	D. Miguel da Anunciação / bispo-conde de Coimbra (1741-79) e fundador do seminário
<b>Data de trasladação</b>	Provavelmente no mesmo ano (1760) ou início do seguinte

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Vicente
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Vicente
<b>Categoria</b>	-
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	~125 cm (compr.) x 60 cm (larg.)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, metais, massas pigmentadas, cera policromada, papel, palha (enchimento), osso
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e o corpo voltados para cima. A cabeça assenta sobre uma almofada baixa, mas elevada por um suporte trapezoidal. Os braços acompanham lateralmente o tronco e as mãos assentam sobre a bacia. As pernas estão esticadas e os pés, em posição vertical, encostam na lateral do altar. O rosto, em cera policromada, de tom alaranjado, possui uma aparência envelhecida, queixo achatado, lábios proeminentes e fechados, nariz saliente, cavidades oculares profundas e olhos fechados. A orelha direita é sugerida por uma pequena protuberância na massa cerosa. O cabelo é pintado e a cabeça ostenta uma coroa de flores em papel, lâminas e fios metálicos. O simulacro veste elementos de cariz religioso. Veste túnica comprida em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado, formando pequenos motivos florais. No peito observa-se uma faixa larga em tecido azul. O manto, cingido no pescoço por meio de um gola larga, estende-se até aos pés cobrindo os ombros, os braços e as pernas. Este é composto por um tecido lavrado com motivos geométricos e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico prateado e dourado, formando grinaldas e ramos de flores. Da gola e dos punhos sobressaem gazes lisas. As mãos, pernas e pés vestem rendas metálicas prateadas. Os pés calçam sandálias abertas, compostas pelo cruzamento de galões tecidos, fixos a uma sola de tecido liso rosa-alaranjado. Todos os elementos são decorados e rematados por passamanes dourados. O simulacro assenta sobre um leito revestido a tecido azul que, por sua vez, assenta sobre a base da urna, em madeira, pintada de azul. O suporte trapezoidal é forrado com o mesmo tecido da túnica. Por sua vez, a almofada é forrada com tecido de veludo azul-escuro, decorado com passamanes dourados
<b>Observações</b>	Devido às particularidades técnico-materiais e estilísticas do simulacro, o mesmo parece não encaixar em nenhuma das três categorias de simulacros definidas (atente-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 4.3. (parte I)). Tendo por base o estudo analítico realizado no simulacro, crê-se tratar-se de uma remontagem nacional (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 6.3.3.1. (parte III))

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

**Estado de conservação\*** Mau

---

**Descrição** Sujidade superficial e acumulada; lacerações, descoloração e perda de coesão dos tecidos, em particular da túnica; manchas de humidade nos tecidos; oxidação e escurecimento acentuado do rosto; manchas esbranquiçadas, *pitting*, fendas e fissuras do suporte ceroso (rosto); ossos fraturados e fragmentados; oxidação e escurecimento dos metais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (08.08.2019)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 45

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Liberato



N.º de inventário existente	-
Datação	1779
Local (atual) / propriedade	Igreja da Sagrada Família / seminário maior de Coimbra
Local (original) / propriedade	Igreja da Sagrada Família / seminário de Jesus, Maria e José de Coimbra
Localização	Em urna própria no banco do retábulo da capela dedicada a são José, do lado da Epístola
Estado	Exposto, mas sem culto
Cidade	Coimbra
Freguesia	União das freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu)
Concelho	Coimbra
Distrito	Coimbra
Diocese	Coimbra
Morada / GPS	Rua Vandelli 2, 3004-547 Coimbra / 40.20284, -8.42119

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local) “S. LIBERATVS / M” (inscrição em cartela, em talha dourada, na face frontal da urna)

Autêntica (S/N) / local Sim / Arquivo do Seminário Maior de Coimbra



Data oficial	1779
Distribuidor(es)	Vice-gerente (1774-86) Francisco Antonio Marcucci e secretário Pietro Argenti
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Data de transladação	Provavelmente no mesmo ano (1779) ou início do seguinte
Outras informações	Na autêntica vem referido que o sagrado corpo do mártir são Liberato ( <i>sacrum corpus S.º Liberati Martyris</i> ) foi retirado de lugares autênticos ( <i>ex authenticis locis extractum</i> ), não especificando o

nome da catacumba. E que o mesmo foi depositado numa urna em madeira envidraçada, de forma oblonga e com várias cores. No tampo da urna observam-se alguns selos lacrados a cera, de tom castanho-esverdeado, colocados sobre a fita e o selo vermelho originais, com a seguinte inscrição: “EMMANUEL EPISCOPUS CONIMBRICENSIS”. A sua presença sugere que as urnas foram inspeccionadas, autenticadas e/ou abertas por um dos bispos de Coimbra, após a sua vinda

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Liberato
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Liberato
<b>categoria</b>	2ª
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, espada e elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, vidros incolores, contas), pasta de papel/gesso (?), metais, policromia, papel policromo, madeira / cerâmica (?), osso, dentes (?)
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e as pernas inclinados para o lado direito, em direção ao observador. A cabeça assenta sobre uma almofada alta, elevada por um suporte trapezoidal. Os braços acompanham o tronco. Os cotovelos estão fletidos e os antebraços apoiam sobre a bacia. A mão esquerda segura a folha de palma. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo elevado em relação ao direito. A perna esquerda cruza sobre a direita e os pés assentam lateralmente sobre o suporte, o esquerdo mais avançado do que o direito. O rosto, de tom alaranjado, tem uma aparência ossuda e envelhecida, resultante da modelagem grosseira do gesso/pasta de papel (?), aparentemente pintado/a. Possui olhos fechados e lábios semiabertos, entre os quais é possível observar o que aparentam ser dentes falsos. Os olhos são sugeridos através de pintura e os lábios apresentam apontamentos de cor. Uma coroa de flores e folhas policromas assenta sobre a cabeça. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta em tecido lavrado e espolinado a fio policromo e lâmina dourada, formando pequenos motivos florais; armadura em renda metálica e tecido liso branco, decorado com galões tecidos, vidros, fiéis de contas e o cristograma ao centro; <i>pteruges</i> nos ombros e coxas em tecido vermelho; luvas em renda metálica dourada; calções em tecido lavrado e espolinado com pequenos motivos florais; cãlgas em tecido vermelho, decorado com galões tecidos dourados; e manto em tecido lavrado e espolinado com pequenos ramos florais de grande colorido. Todas as peças de vestuários são decoradas e rematadas por galões dourados e prateados. Observam-se, ainda, gazes lavradas nos cotovelos e rendas metálicas nos antebraços, pernas e pontas dos pés. Estas são mais abertas ao centro, deixando a descoberto os ossos no interior, à semelhança da renda no pescoço. A espada está posicionada sob o antebraço direito. Por sua vez, o vaso de sangue e o elmo estão localizados à frente e atrás dos pés, respetivamente. O vaso consiste num recipiente baixo com decoração de marmoreados fingidos e douramento. O elmo é prateado e ostenta um penacho de plumas policromas. O simulacro assenta sobre um leito e almofada, revestidos com tecido vermelho, decorado com passamanes prateados e dourados. O suporte trapezoidal é forrado com tecido lavrado azul e espolinado a lâmina e fio metálico prateado, decorado com galões dourados
<b>Observações</b>	O simulacro apresenta grandes semelhanças com os simulacros dos santos mártires Clemente e Fortunato (fichas de inventário n.º 41 e 46)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

Estado de conservação\* Bom

---

Descrição Sujeidade superficial e acumulada; quebra dos fios e despreendimento das contas; perda de alguns vidros; deformação dos passamanes; oxidação e escurecimento dos metais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (08.08.2019)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 46

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Fortunato



N.º de inventário existente

-

Datação

1779

Local (atual) / propriedade

Igreja da Sagrada Família / seminário maior de Coimbra

Local (original) / propriedade

Igreja da Sagrada Família / seminário de Jesus, Maria e José de Coimbra

Localização

Em urna própria no banco do retábulo da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, lado do Evangelho

Estado

Exposto, mas sem culto

Cidade

Coimbra

Freguesia

União das freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu)

Concelho

Coimbra

Distrito

Coimbra

Diocese

Coimbra

Morada / GPS

Rua Vandelli 2, 3004-547 Coimbra / 40.20284, -8.42119

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“S. FORTVNATVS / M” (inscrição em cartela, em talha dourada, na face frontal da urna)

Autêntica (S/N) / local

Sim / Arquivo do Seminário Maior de Coimbra



Data oficial

1779

Distribuidor(es)

Vice-gerente (1774-86) Francisco Antonio Marcucci e secretário Pietro Argenti

<b>Papa</b>	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
<b>Data de trasladação</b>	Provavelmente no mesmo ano (1779) ou início do seguinte
<b>Outras informações</b>	Tal como no documento de autenticação de são Liberato, no de são Fortunato vem referido que o seu corpo sagrado ( <i>sacrum corpus S:º Fortunati Martyris</i> ) foi retirado de lugares autênticos ( <i>ex authenticis locis extractum</i> ), não especificando o nome da catacumba. E que o mesmo foi depositado numa urna em madeira envidraçada, de forma oblonga e com várias cores

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Fortunato
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Fortunato
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue e elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, ornamentos diversos (folhas metálicas policromas, vidros incolores, contas), pasta de papel/gesso (?), metais, policromia, papel policromo, madeira/cerâmica (?), osso, dentes (?)
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto voltado para cima e as pernas inclinadas para o lado direito, em direção ao observador. A cabeça assenta sobre uma almofada alta, elevada por um suporte trapezoidal. Os braços acompanham o tronco. O cotovelo direito está fletido e o antebraço apoia sobre o peito. O antebraço esquerdo encosta à anca, enquanto a mão segura a folha de palma. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo elevado em relação ao direito. A perna esquerda cruza sobre a direita e os pés assentam lateralmente sobre o suporte, o esquerdo mais avançado do que o direito. O rosto, de tom alaranjado, tem uma aparência ossuda e envelhecida, resultante da modelagem grosseira do gesso/pasta de papel (?), aparentemente pintado/a. Possui olhos fechados e lábios semiabertos, entre os quais é possível observar o que aparentam ser dentes falsos. Os olhos são sugeridos através de pintura e os lábios apresentam apontamentos de cor. Uma coroa de flores e folhas policromas assenta sobre a cabeça. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado, formando padrões florais e geométricos de grande riqueza e colorido; armadura em renda metálica prateada, decorada com galões variados e feiras de contas; <i>pteruges</i> nos ombros e coxas em tecido lavrado e espolinado; luvas em renda metálica dourada; calções em tecido lavrado e espolinado com pequenos motivos florais (?); cáligas em tecido vermelho, decorado com galões tecidos dourados; e manto em tecido de tom amarelo-dourado. Todas as peças de vestuários são decoradas e rematadas por galões dourados e prateados. Observam-se, ainda, gazes lavradas nos cotovelos e rendas metálicas nos antebraços, pernas e pontas dos pés. Estas são mais abertas ao centro, deixando a descoberto os ossos no interior, à semelhança da renda no pescoço. O vaso de sangue e o elmo estão posicionados à frente e atrás dos pés, respetivamente. O vaso consiste num recipiente baixo, com tampa e dourado. O elmo é prateado e ostenta um penacho de plumas policromas. O simulacro assenta sobre um leito forrado com tecido lavrado e espolinado com pequenos elementos florais (?), decorado com galões dourados. A almofada é forrada com tecido de veludo bordeaux e o suporte trapezoidal com damasco vermelho com motivos vegetalistas. Ambos os elementos são decorados com passamanes prateados
<b>Observações</b>	O simulacro apresenta grandes semelhanças com os simulacros dos santos mártires Clemente e Liberato (fichas de inventário n.º 41 e 45)

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

Estado de conservação\* Bom

---

Descrição Sujidade superficial e acumulada; quebra dos fios e despreendimento das contas; oxidação e escurecimento dos metais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (08.08.2019)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 47

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Frutuoso



N.º de inventário existente

-

Datação

1760-79

Local (atual) / propriedade

Igreja da Sagrada Família / seminário maior de Coimbra

Local (original) / propriedade

Capela do colégio dos Grilos ou de santa Rita / Ordem dos Eremitas Descalços de santo Agostinho (“frades grilos”)

Localização

No altar-mor

Estado

Oculto e sem culto

Cidade

Coimbra

Freguesia

União das freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu)

Concelho

Coimbra

Distrito

Coimbra

Diocese

Coimbra

Morada / GPS

Rua Vandelli 2, 3004-547 Coimbra / 40.20284, -8.42119

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“S. Frutuoso” (inscrição em cartela, em talha dourada, na face frontal do altar, escrita a lápis)

Autêntica (S/N) / local

Não / -

Papa

Clemente XIII (p. 1758 – m. 1769) ou Pio VI (p. 1775 – m. 1799)

Agente / cargo

D. Miguel da Anunciação (b. 1741 - m. 1779) (?) / bispo-conde de Coimbra e fundador do seminário

Data de transladação

Para a capela dos Grilos - 1755-79 (?)  
Para o seminário - 16 de maio de 1844

Outras informações

As relíquias de são Frutuoso foram para a capela do colégio dos frades Agostinhos ou dos Grilos, em Coimbra, por intermédio do bispo-conde D. Miguel da Anunciação. Segundo António Ribeiro de Vasconcelos, na sequência da extinção das ordens religiosas e posterior compra do edifício por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, este veio a descobrir durante a demolição de um tabique levantado na capela, *um altar, cuja urna tinha à frente um vidro, pelo qual se via a gentil figura, ricamente vestida de brocados, de um jovem reclinado, cingindo espadim, bela máscara de cera, abundante cabeleira negra, caindo-lhe em anéis sobre os ombros! Através dos coturnos, das luvas, das vestes divisavam-se os ossos de um esqueleto, embutidos na massa que dava a forma ao corpo. Eram as relíquias*

de S. Frutuoso Mártir, com este nome enviadas de Roma no meado do século XVIII para o Colégio dos Grilos, ao mesmo tempo que vieram também... para o Seminário, as relíquias de S. Liberato, S. Fortunato e S. Clemente, igualmente preparadas, e igualmente autenticadas (Vasconcelos, 1987, pp. 282–286, como citado em Costa, 2018). Com a notícia da descoberta do sagrado corpo começaram a surgir multidões para ver o *Santo vivo* ou o *corpo milagroso do Santo*. A visita era concedida pontualmente pelo proprietário, mas cedo se insurgiram as multidões tentando invadir a propriedade. Pouco tempo depois, Pereira Forjaz doou as relíquias ao seminário onde ficariam expostas à veneração pública. A transladação ocorreu no dia 16 de maio de 1844, dia da Ascensão do Senhor. E, como escreveu António Vasconcelos, *daí em diante todos os anos, em quinta-feira da Ascensão, vinham numerosos ranchos dos arredores de Coimbra ao Seminário, visitar S. Frutuoso, orar junto dele... esta romaria anual era ainda muito concorrida nos meus tempos de estudantes, e muito depois, até há poucos anos* (Vasconcelos, 1987, pp. 282–286, como citado em Costa, 2018). Segundo o padre Calixto do arquivo do seminário maior de Coimbra, as relíquias foram primeiro colocadas na sacristia (mais tarde capela de N. Sra. das Lurdes) passando, no segundo quartel do século XX, para o altar no salão de são Tomás, depois para o coro alto da igreja do seminário e, por fim, para o local atual, *para servir de 'altar versus populi' na sequência da reforma litúrgica introduzida pelo Concílio Vaticano II*. Padre Calixto referiu, também, que a autêntica ter-se-á perdido com a dessacralização e a consequente venda dos bens do colégio. Perante a informação documental, sugere-se como data provável da chegada das relíquias a Portugal, o período compreendido entre 1760 e 1779, ano da morte do bispo-conde

#### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Relíquias de são Frutuoso; corpo milagroso de são Frutuoso
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Frutuoso
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores, ramo de flores / coroa de estilo imperial
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	141 cm (compr.) x 53 cm (larg.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas, galões tecidos e de renda), rendas metálicas, ornamentos diversos (folha metálica dourada, lantejoulas, pérolas/contas, missangas, canotilhos, cordão), cabelo, gesso, policromia, metais, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito. A cabeça assenta sobre uma almofada baixa, elevada por uma plataforma de formato geométrico. Os braços acompanham o tronco e as mãos estão abertas. Os joelhos apresentam-se fletidos, o esquerdo ligeiramente elevado em relação ao direito que assenta sobre o suporte. Os pés estão em posição lateral, o esquerdo apoiado sobre o tornozelo direito. O rosto encarnado possui uma aparência jovem e imberbe, queixo e nariz proeminentes, lábios bem delineados, boca e olhos fechados, sobrancelhas finas, pestanas espaçadas e orelhas bem definidas. Os lábios, as sobrancelhas e as pestanas são pintadas. Cachos compridos de cabelo, aparentemente natural e de tom castanho-escuro, envolvem a cabeça. Nesta, observa-se uma grinalda de flores e uma coroa de estilo imperial, ambas decoradas com lâminas, fios metálicos e galões dourados. O simulacro veste elementos característicos do traje militar romano, nomeadamente: túnica (saia) em tecido lavrado e espolinado a lâmina e fio metálico dourado e prateado, formando motivos florais e vegetais; <i>pteruges</i> nas coxas em tecido de veludo bordeaux; luvas em renda metálica de tom acobreado; cáligas compostas por tecido liso vermelho (cano), tecido azul-celeste (sola), tule e galões dourados; e manto no mesmo tecido liso vermelho,

---

que se estende do ombro esquerdo até ao tornozelo. O tronco é envolvido por tecidos leves e transparentes (gaze e tule), decorados com ornamentos metálicos dourados (cordão e folhas) e galões dourados e prateados. Sob o tule observa-se um pequeno ramo de flores pequenas e policromas. A cintura é cingida por uma larga faixa em tecido ricamente bordado a lâmina e fio metálico dourado e prateado, formando composições florais de alto-relevo. A faixa é encimada por laço e rematada por duas borlas profusas douradas. Os braços são decorados com tecidos variados e decorações florais que resultam da combinação de arames, missangas, contas/pérolas e galões dourados. O simulacro veste, ainda, calções compridos (ou corsários) em tecido e lhama dourada, e meias em renda metálica prateada. No tronco, pernas e pés observam-se os ossos embutidos no gesso. A decoração das diversas peças de vestuário é particularmente rica em lâminas e fios metálicos dourados e prateados, assim como ornamentos metálicos, entre os quais se destacam folhas douradas, lantejoulas e canotilhos. O simulacro assenta diretamente sobre a urna. A almofada é forrada com damasco vermelho, lavrado a fio metálico dourado, e a base geométrica com tecido azul. Ambos os elementos são decorados com passamanes dourados

---

**Observações** Perante as características técnico-materiais e estilísticas, e o estudo científico realizado no simulacro (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 6.3.3.2. (parte III)), supõe-se que o mesmo seja resultado de uma remontagem nacional

---

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

**Estado de conservação\*** Razoável

---

**Descrição** Sujidade superficial e acumulada; lacerações, fios quebrados, manchas de oxidação avermelhadas (migração dos elementos ferrosos) e descoloração dos tecidos; concreções esverdeadas nos passamanes (produtos de corrosão do cobre); desprendimento e deformação dos passamanes; oxidação e escurecimento dos metais; fendas e lacunas no gesso; desagregação e perdas volumétricas (ossos)

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

---

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Informações gentilmente cedidas pelo Pe. António Calixto do arquivo do seminário maior de Coimbra.

Costa, R. (2018). Coimbra: S. Frutuoso, ou «Uma tempestade num copo de água». Retrieved December 27, 2019, from <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-s-frutuoso-ou-uma-tempestade-123451>

---

## INVENTARIANTE (DATA)

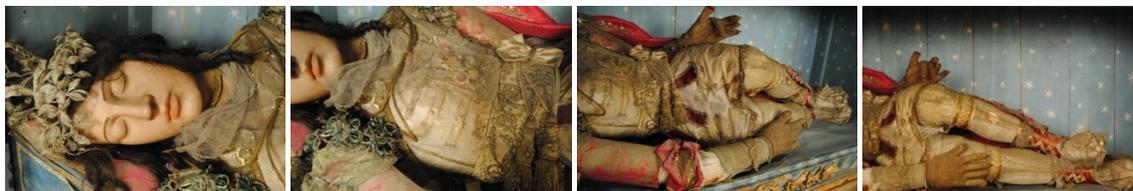
---

Joana do Carmo Palmeirão (08.08.2019)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 48

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Marcos	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1704	
Local (atual) / propriedade	Capela de Nossa Senhora dos Prazeres do palácio de Mateus / Fundação da Casa de Mateus (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora dos Prazeres (Arroios) / propriedade privada	
Localização	Em urna própria no banco do retábulo da capela lateral, do lado do Evangelho	
Estado	Exposto, mas sem culto	
Cidade	Vila Real	
Freguesia	Mateus	
Concelho	Vila Real	
Distrito	Vila Real	
Diocese	Vila Real	
Morada / GPS	Casa de Mateus, 5000-291 Vila Real / 41.29741, -7.71344	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“CORPVS S. MARCI MAR.” (inscrição em cartela de papel na face frontal envidraçada da urna)
Autêntica (S/N) / local	Não / -
Data de exumação	1670-76 (data provável)
Papa	Clemente X (p. 1670– m. 1676)
Artesão / local	Sr. Sebastiano de Hipolito / Roma
Agente / cargo	Pe. Diogo Álvarez Mourão / arcediogo da Labruge (Sé de Braga) e da Covilhã (Sé da Guarda)
Data de trasladação	1705
Transporte	Génova – Portugal: barco

<b>Registos (técnica)</b>	Ex-voto (pintura sobre tela?)	
<b>N.º de inventário</b>	?	
<b>“Inscrição”</b>	“MILAGRE · Q · FES · S · MARCVS EM · D · PAVLLA FA · DE ÍO / ACHIM REBELLO DE QVEROS E · D · MA · DE MESQA · E CARVO · / MORADORES NA SVA Q · A DO BRVNHEDO CO · DE PENAGVIAM · / DE ALIVRAR DE HV · A MELANCONIA MORTAL ·	
<b>Local</b>	Coleção da Fundação da Casa de Mateus	
<b>Observação</b>	Na documentação do arquivo da Fundação da Casa de Mateus existe uma ata notarial onde consta o processo de doação das relíquias e de autenticação, montagem e envio do simulacro para Portugal, com as datas de 1704 e 1705. O “santo Arcediago”, Pe. Diogo Álvarez Mourão, que viveu vinte anos na Cúria Romana, adquiriu o simulacro em 1704 e ofereceu-o ao seu irmão, Matias Álvares Mourão (o “Morgado da Prata”), no dia 20 de março de 1705. O simulacro foi enviado para Portugal no dia seguinte ao ato de doação. As festividades em honra de São Marcos ocorriam no dia da festa de Nossa Senhora dos Prazeres (domingo seguinte ao da Páscoa ou Pascoela). Sobre o simulacro veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 5.3.4. (parte II)	

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo inteiro de São Marcos
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Marcos
<b>Categoria</b>	2ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, auréola, folha de palma, vaso de sangue (sem tampa), espada, estaurograma
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	± 1,32 m (compr.) x ± 66 cm (alt.) x ± 55 cm (largura)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos, de renda e franjados, fitas, laços), rendas metálicas, vidro, metais, madeira, policromia, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o rosto e o tronco elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre duas almofadas e a cabeça apoia sobre os dedos da mão, ligeiramente fechada. O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão, elevada em relação à anca, segura uma folha de palma comprida, que pende sobre o peito, e um pequeno cálice de vidro, sem tampa e com pequenos aglomerados terrosos no interior. Os joelhos estão fletidos e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O rosto resulta da sobreposição de gazes moldadas, com as respetivas saliências ao nível do nariz, lábios e queixo. Os olhos fechados são sugeridos por apontamentos de cor. A cabeça ostenta uma generosa coroa de flores variadas e policromas em papel, tecido e fio. Uma auréola em metal grosso circunda a coroa. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta (saia e mangas) em tecido lavrado de tom rosa alaranjado; armadura em lhama prateada; <i>pteryges</i> nos ombros e coxas formadas por largos galões de renda dourados; luvas em renda metálica; cáligas sugeridas pelo encadeamento de galões tecidos dourados e encimadas por laço largo (do mesmo tecido da túnica); e um manto de tecido liso, de tom azulado, que envolve o simulacro. Observam-se, ainda, calções, mangas e meias em gazes lavradas lisas (pernas e pés) ou com motivos florais estilizados (calções e mangas). Todas as peças do vestuário são ricamente decoradas e rematadas com galões dourados de diferentes feitios e tamanhos. Um galão largo dourado cinge a cintura em modo de cinto. No

---

peito, observa-se o que aparenta ser uma cruz monogramática (estaurograma<sup>719</sup>). A espada está posicionada junto ao corpo. Esta aparenta ser em madeira dourada, forrada com lhama e decorada com galões tecidos dourados (iguais aos da armadura) no punho. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, revestidos com o mesmo tecido, de tom rosa, decorado com passamanes dourados

---

**Observações**

Devido à transparência das gazes nas pernas e nos pés observam-se os ossos no interior (tíbias, perónios e falanges). A rede metálica interna, que atribui volumetria às pernas, é igualmente perceptível. As mãos parecem resultar da modelagem de uma massa. No estaurograma, curiosamente, o traço horizontal do “I” está posicionado no meio da “barriga” do “P”, quando deveria estar abaixo desta. Tal posicionamento poderá sugerir tratar-se ou de um erro, ou de uma adaptação/opção estética do artífice, como forma de evitar a sobreposição das letras com os galões laterais que decoram a lhama

---

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

---

**Estado de conservação\*** Bom

---

**Descrição**

Sujidade superficial; lacerações pontuais nos tecidos, em particular nas gazes (mangas e calções); descoloração dos tecidos

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

---

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (08.02.2019)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



---

<sup>719</sup> Reveja-se nota n.º 718.

FICHA DE INVENTÁRIO Nº 49

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Clemente



N.º de inventário existente

-

Datação

1770-1800

Local (atual) / propriedade

Capela do Senhor do Calvário / Igreja Católica (propriedade privada)

Local (original) / propriedade

Capela de Nossa Senhora da Conceição / família Barbosa (propriedade privada)

Localização

Em urna própria encostada à parede lateral da igreja, do lado da Epístola

Estado

Exposto e com culto

Aldeia

Bujões

Freguesia

Abaças

Concelho

Vila Real

Distrito

Vila Real

Diocese

Vila Real

Morada / GPS

Rua José Correia Botelho, Bujões / 41.20696, -7.69337

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local

Não / -

Proveniência

Catacumba de santa Ciríaca

Papa

Pio VI (p. 1775 - m. 1799)

Agente / cargo

Joaquim José da Silva de Barbosa e Sousa (n. 1740 - m. ?) (?) / administrador da ermida de Nossa Senhora da Conceição, escrivão da câmara municipal de Vila Real e cavaleiro da Ordem de Cristo (d. 1774)

Artesão / local

Antonio Magnani / Roma

Observação

Segundo fontes consultadas, o simulacro de são Clemente esteve primeiro na ermida de Nossa Senhora da Conceição pertença da família Barbosa, uma família abastada de Bujões. Mais tarde, consequência da demolição da capela – *após um processo complicado de partilhas* –, o simulacro foi transferido para a capela de santo Amaro *situada um pouco mais acima*, entretanto demolida para dar lugar à atual capela de Nosso Senhor do Calvário (Paula, 2012). Com base na genealogia familiar dos Barbosa, crê-se que o requerente do corpo santo tenha sido Joaquim José da Silva de Barbosa e Sousa, administrador da ermida de Nossa Senhora da Conceição. O mesmo foi nomeado cavaleiro da Ordem de Cristo em 1774 (Paula, 2012).

Embora não tenha sido possível encontrar mais informações a seu respeito ou de possíveis relações com Roma, o seu tempo de vida e a sua ligação com a capela coincidem com o período provável de aquisição e trasladação do simulacro do santo mártir Clemente, uma vez que, também este, se insere nas produções de António Magnani (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 4.3., parte I). Assim, a data provável para a sua montagem e envio para Portugal estará compreendida entre os anos de 1770 e 1800. Nas “Memórias” do bujoense Domingos Teixeira, descritas por José Ventura Paula, consta que o povo e o padre da freguesia de Abaças tentaram (mais do que uma vez) roubar a relíquia de são Clemente, com o intuito de a expor na sua igreja, mas o povo de Bujões nunca deixou, defendendo sempre o seu santo. Conta a história que, numa noite, durante uma das tentativa de roubo, a sineta da capela tocou como por milagre, avisando o povo a tempo de impedir o roubo (Paula, 2012). Embora ainda exista culto em torno do santo, não há registos de festa ou de procissão em sua honra

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Clemente; santo “de carne e osso”; relíquia de são Clemente
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Clemente
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores, auréola, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho, elmo, espada
<b>Dimensões (compr. x alt. x larg.)</b>	~160 cm (compr.)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (borlas franjadas, berloques, galões tecidos, de renda e franjados), ornamentos diversos (folhas metálicas de diferentes cores e formatos, contas, missangas, medalhão, fio), vidro, madeira, papel, osso, dentes
<b>Descrição</b>	Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o corpo e o rosto voltados para cima. A cabeça assenta sobre duas almofadas altas. Os braços acompanham o tronco. A mão direita repousa sobre o punho da espada, enquanto a esquerda, apoiada sobre o abdómen, segura a folha de palma. Os joelhos estão elevados e dobrados, o esquerdo ligeiramente mais elevado que o direito, e os calcanhares assentam sobre a padiola. O rosto, pescoço, antebraços, mãos e pernas são revestidos a tecido. O rosto possui nariz proeminente, olhos fechados e lábios semiabertos, com anotações de cor nos olhos, nariz e lábios. Possui cabelo comprido, de tom alaranjado, decorado com uma coroa de flores metálicas e encimado por uma auréola em metal grosso. O simulacro veste indumentária à romana, composta por: túnica curta em tecido lavrado e espolinado, formando motivos vegetalistas; armadura em lhama com decoração em escamas (lat. <i>lorica squamata</i> ); <i>pteruges</i> compridas nos ombros e coxas, formadas por galões dourados e lhama prateada; cáligas de cano médio forradas, lateralmente, com o mesmo tecido da túnica e abertura frontal, com galões dourados cruzados; e um manto de tecido liso azul-celeste. Além destes elementos observam-se mangas sob a túnica e calções compridos (ou corsários), ambos em tecido liso, e um cinto largo. Todas as peças de vestuário são rematadas com galões dourados e prateados, e decoradas com feiras de contas e missangas, folhas metálicas de diferentes cores e formatos, e lâminas e fios metálicos dourados e prateados. No peito observa-se um medalhão dourado (semelhante ao da santa mártir Felicidade). Na parte da frente, junto às almofadas, destaca-se o vaso de sangue em talha dourada, com pé alto, corpo pequeno e cilíndrico e uma pequena abertura envidraçada (?), através da qual são visíveis, no interior, aglomerados de aspeto terroso. Na tampa observa-se, embora incompleto, o cristograma Chi-Rho. A espada está localizada junto ao corpo. Esta é em talha dourada e prateada, com cabeça de águia (pomo), guarda-mãos em “S” invertido

---

e lâmina ligeiramente curva. Junto ao pé esquerdo encontra-se o elmo. Este apresenta decoração semelhante à armadura e penacho no topo. O simulacro assenta sobre uma padiola revestida com tecido salmão. As duas almofadas estão forradas com damasco branco com motivos vegetalistas, decorado com passamanes dourados e quatro borlas profusas douradas

---

**Observações**

O simulacro apresenta grandes semelhanças com os simulacros dos santos mártires Bonifácio, Fortunato e Felicidade (fichas de inventário n.º 25, 40 e 42), todos identificados como produções de Antonio Magnani (veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 4.3. (parte I))

---

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

---

**Estado de conservação\*** Razoável

---

**Descrição**

Lacerações extensas, descoloração e perda de coesão dos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais; manchas nos tecidos, em particular no manto (oxidação das colas); quebra dos fios e desprendimento das feiras; deformação dos passamanes

---

**Intervenções (S/N) / ano** Sim / ca. 2010-12

---

**Observações** Sobre a intervenção veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 7.4.5. (parte IV)

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS**

---

Paula, J. V. (2012). São Clemente. Retrieved October 7, 2017, from <https://paulaisabotelho.blogspot.pt/p/sao-clemente.html>

Paula, J. V. (2013). Memórias de Domingos Teixeira. Retrieved October 17, 2017, from <http://jvpaulaclubaudiacardeaisabotelho.blogspot.com/p/memorias-de-domingos-teixeira.html>

Paula, J. V. (n.d.). Bujões e a sua história - desde 1911 até ao século XXI. Retrieved October 17, 2017, from <http://jvpaulaclubaudiacardeaisabotelho.blogspot.com/p/a-historia-de-bujoes.html>

---

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (29.12.2018)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO Nº 50

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Pio	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1ª ½ do século XVIII	
Local (atual) / propriedade	Capela de são Pio mártir / propriedade privada	
Local (original) / propriedade	Capela de são Pio mártir da casa grande do Serrado / propriedade privada	
Localização	Em urna própria sobre uma mesa de altar, do lado da Epístola	
Estado	Não visitável	
Vila	Santa Marta de Penaguião	
Freguesia	União de freguesias de Lobrigos (são Miguel e são João Baptista) e Sanhoane	
Concelho	Santa Marta de Penaguião	
Distrito	Vila Real	
Diocese	Vila Real	
Morada / GPS	R. do Casal 22, 5030 Sanhoane / 41.20331, -7.79877	

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local	Não / -	
	Ex-voto (pintura sobre madeira)	
	-	
Registos (técnica)	“MILAGRE. Q□. FES O MILA / GROZO CORPO SANTO. S. PIO. / MARTIR DE SANHVANE NO / ANNO DE 1780 A ÍOZE DA S. <sup>A</sup> DE / SOVTO DORIO Q□. ESTANDO A / SESTINDO A VENDÍMA DA Q. <sup>TA</sup> / DA VACARIA ___ ADOECERAÕ. / AS PESOAS Q□. NA D. <sup>A</sup> / VEND. <sup>A</sup> ANDA / VAÕ. TODAS CÔM MALEITAS E O. / DITO IOZE DA S. <sup>A</sup> DA M. <sup>MA</sup> FORMA / ADOECEO DE Q□. TEVE. 5. RECAI / DAS E VENDO Q□. OS REMEDIOS / NAÕ. SVRTIÃO. EFEITO, E COM BAS. <sup>TE</sup> / TEMOR DA MORTE POR VER QVE / OS TRABALHADORES HIAÕ. MORREN / DO. NAÕ. TENDO ESCAPADO DE. 30. / Q□. HERAÕ SENAÕ. 5 OV 6. HVA NOV. / TE VENDOSE EM GRANDE APER. / TO LHE LENBROV MILAGROZA / MENTE O D.[ito] MILAGROZO CORPO / SANTO A Q. <sup>M</sup> SE APEGOV MVUITO / CONTRITO E LOGO COMECOV A RE /	
N.º de inventário		
“Inscrição”		
Local		

COPERAR A SAVDE E EM BREVE / TEMPO FICOV  
LIVRE SEM MAIS / ALGVM REMEDIO

O QVE M.<sup>TO</sup> BEM / CONHECEV SER HVM  
EVIDENTISIMO (?) MILAGRE Q. FES O SOBRED<sup>O</sup>  
CORPO / SANTO // NO ANNO DE 1780”

Propriedade privada

Ex-voto (pintura sobre madeira)

-

“M. Q. F. S. / Pio M. AIOZE CAE- / TANO; DAS  
QVELHAS DE / SANHOANNE Q. ESTAN / DO  
EM HVA AFLIÇÃO O D.<sup>O</sup> / S.<sup>TO</sup> lhe acodio no anno  
de 1788”

Propriedade privada



**Outras informações**

A capela foi parcialmente destruída num incêndio que deflagrou nos finais da década de oitenta do século XX, devido a umas velas que permaneceram acesas. Desde então, a capela encontra-se fechada e sem culto. Embora os proprietários atuais tenham referido que o corpo de são Pio não era alvo de culto ou peregrinação, os ex-votos sugerem o contrário. É possível, no entanto, que o culto tenha sido mais localizado, permanecendo nos arredores de Santa Marta de Penaguião. A casa grande do Serrado foi vendida pela proprietária original (já falecida), ficando a capela na posse dos seus herdeiros, razão pela qual, atualmente, a capela já não é pertença da casa. Tendo por base outros exemplares analisados, crê-se como data provável para a sua vinda para Portugal a primeira metade do século XVIII

**CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO**

<b>Designação popular</b>	Corpo do santo Pio mártir
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Pio
<b>Categoria</b>	1 <sup>a</sup> /2 <sup>a</sup> (?)
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, folha de palma, vaso de sangue, cristograma Chi-Rho
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), rendas metálicas, metais, madeira, osso, dentes, massas, vidro, palha (enchimento)

**Descrição**

Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e o rosto elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre uma almofada e a cabeça apoia sobre os dedos da mão, ligeiramente fechada. O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão, assente sobre a coxa do mesmo lado, segura o que restou da folha de palma. Os joelhos estão fletidos, o esquerdo ligeiramente elevado em relação ao direito e os pés estariam assentes lateralmente sobre o leito, o esquerdo mais avançado que o direito. Sobre o crânio observa-se uma coroa de flores pequenas e metálicas, enegrecidas. O simulacro vestia traje à romana, muito similar ao do simulacro de são Vitório (ficha de inventário n.º 13), composto por: túnica curta; armadura; *pteruges*; luvas; cáligas e manto. Todos estes elementos eram compostos por tecidos variados, decorados com fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, galões dourados e prateados de diferentes feitios e tamanhos, e padrões florais de grande colorido. No peito, ao centro, observa-se parte do cristograma, formado por galões tecidos dourados. O rosto, os braços e as pernas estariam revestidos com gazes, possivelmente lavradas e lisas, à semelhança do simulacro de são Vitório. O manto é visível apenas na metade superior do corpo e é semelhante ao de são Vitório, em tecido de tom amarelo-dourado. Na

	parte da frente do simulacro, junto aos pés, observa-se o que aparenta ser o vaso de sangue: um recipiente de vidro (partido e muito escurecido) e parte de uma tampa. O simulacro assenta sobre um suporte de madeira e uma almofada forrada com tecido liso e decorada com passamanes dourados
<b>Observações</b>	Perante a observação dos danos, verifica-se que o incêndio teve uma maior incidência na metade inferior do simulacro, o que sugere que o fogo deflagrou junto aos pés. Todo o crânio apresenta sinais de destacamento de uma película que terá sido aplicada como revestimento ou proteção do osso; aquele estaria originalmente tapado com gazes sobrepostas, embora não devessem ocultar completamente o crânio (à semelhança dos simulacros dos santos mártires Urbano e Vítório – fichas de inventário nº 12 e 13). Devido aos danos extensos no tecido do peito (armadura), observa-se toda a estrutura metálica interna. Esta é composta por arames de diferentes grossuras e uma estaca de ferro comprida, que vai desde o pescoço (iniciando, provavelmente, no crânio) até à bacia. Aglomerados de palha (enchimento) são também visíveis na zona do tórax. Uma rede metálica cilíndrica é ainda visível nos membros superiores e inferiores, como verificado noutros exemplares. Um outro arame, observável na parte traseira do simulacro, funcionaria como estrutura de suporte do manto. Embora danificadas, observam-se várias peças ósseas por todo o simulacro

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

**Estado de conservação\***    Perda

**Descrição**    Exemplar gravemente queimado, com danos irreversíveis

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

#### INVENTARIANTE (DATA)

Joana do Carmo Palmeirão (29.12.2018)

#### ANEXO FOTOGRÁFICO



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 51

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Félix



N.º de inventário existente	-
Datação	1746
Local (atual) / propriedade	Capela de Nossa Senhora da Assunção da casa da Torre das Pedras / propriedade privada
Local (original) / propriedade	Capela de Nossa Senhora da Assunção da casa da Torre das Pedras / propriedade privada
Localização	Em urna própria sobre o altar do retábulo da capela lateral, do lado da Epístola
Estado	Exposto e com culto
Vila	São João da Pesqueira
Freguesia	Paredes da Beira
Concelho	São João da Pesqueira
Distrito	Viseu
Diocese	Lamego
Morada / GPS	-

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. F.” (inscrição pintada na parte superior da urna)
Autêntica (S/N) / local	Sim / propriedade privada
Data oficial	1746
Papa	Bento XIV (p. 1740 - m. 1758)
Agente / cargo	Pe. Manuel de Azevedo Vieira / religioso da Companhia de Jesus, teólogo de História Eclesiástica em Roma (filho do desembargador e fundador da capela, José de Azevedo Vieira)
Data de transladação	24 de setembro de 1746

<b>Registos (técnica)</b>	Ex-voto (pintura sobre madeira)	
<b>N.º de inventário</b>	-	
<b>“Inscrição”</b>	“M. q. fes ·S· Felis Martir, a Clara de Chaves natural / de Moldes de Alafoens Bispado de Vizeu, q□ · estado / M. <sup>to</sup> doente e sem esperanças de vida foi servido / o santo darlhe saude”	
<b>Local</b>	Propriedade privada	

**Outras informações**

O simulacro do santo mártir Félix veio para Portugal juntamente com o de São Paulo (ficha de inventário n.º 52). Segundo fontes consultadas, os santos mártires *vieram por Coimbra onde foram alvo de cerimónias especiais certamente por serem aí, nessa data, cônego regente e mestre do mosteiro de S. Cruz dois dos filhos de José António de Azevedo Vieira a quem eles vinham dirigidos* (Pinto, 1997, p. 71). Através da mesma fonte, sabe-se que o simulacro de São Félix foi colocado originalmente *sob o altar lateral esquerdo* (Pinto, 1997, p. 71). A capela de Nossa Senhora da Assunção ou capela dos santos mártires foi alvo de devoção logo após a colocação dos corpos *cujas fama rapidamente se espalhou pelas serras e povoações da região, dando lugar a diversas peregrinações vindas de muito longe; actualmente ainda ali ocorrem algumas peregrinações por ano, com centenas de pessoas em cada uma (...)* (Pinto, 1997, p. 84). Atualmente, os corpos são ainda visitados por devotos e peregrinos. Prova disso são as dezenas de ex-votos antropomórficos em cera (pernas, mãos, braços, cabeças, etc.) e ex-votos pintados, existentes na capela e sacristia, dos quais não foi possível obter o registo fotográfico.

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo do santo mártir Félix
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Félix
<b>Categoria</b>	1ª
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, cristograma Chi-Rho
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), ornamentos (fitas, medalhão), rendas metálicas, metais, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e o rosto elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre duas almofadas e a cabeça encosta na mão aberta. O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão, fechada, assenta sobre a coxa do mesmo lado. Os joelhos estão ligeiramente fletidos, o esquerdo sobre o direito e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O crânio, sem dentes, ostenta uma coroa de flores metálicas, parcialmente tapada por uma gaze lavrada com motivos florais estilizados. O simulacro veste indumentária à romana. Esta é composta por túnica curta (saia e mangas) em tecido lavrado e espolinado a fio policromo, lâmina e fio metálico dourado e prateado, formando motivos florais e padrões vegetalista de grande riqueza. O tronco é revestido com gaze lisa, decorada com fileiras de galões dourados dispostos em forma de escama (armadura). No peito, ao centro, observa-se o cristograma formado pelo cruzamento de galões dourados e um medalhão em forma de coração, que pende do pescoço. Um galão largo cinge a cintura, de onde sobressaem as <i>ptérgas</i> , formadas por tiras largas de gazes bordadas a lâmina e fio metálico dourado. As mãos vestem rendas metálicas prateadas. A esquerda é decorada com uma grande fita de tecido com motivos florais. Os antebraços e as pernas estão revestidos por tecidos lisos ornados com galões dourados, cruzados entre si. Por sua vez, os pés estão envolvidos por tecidos lavrados e espolinados a lâmina e fio metálico prateado, formando ramos florais. Um manto, em tecido lavrado azul e espolinado a fio policromo, com grandes motivos florais, destaca-se na parte traseira do simulacro, acompanhando o corpo desde a cabeça até aos pés. Todas as vestes são rematadas por galões

---

dourados ou prateados. O simulacro assenta sobre um leito e duas almofadas, forrados com damasco vermelho com decoração vegetalista e decorado com passamanes dourados. Pequenas caixinhas metálicas com motivos religiosos estão depositadas sobre o leito, junto ao simulacro

---

**Observações**

A decoração do peito é muito similar à do simulacro da santa Agatamera, assim como o tecido da túnica (ficha de inventário n.º 2), embora a túnica de são Félix esteja muito descolorada. A gaze do peito e a laceração na perna esquerda deixam a descoberto os ossos no interior e a rede metálica interna

---

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

---

**Estado de conservação\*** Razoável

---

**Descrição** Sujidade superficial e acumulada; descoloração acentuada e lacerações nos tecidos; oxidação e escurecimento dos metais; deformação e desprendimento dos passamanes

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS**

---

Pinto, J. L. de S. (1997). *Paredes da Beira. Uma Casa, Uma Capela*. Carcavelos: Moinho Velho

---

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (14.01.2018)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



FICHA DE INVENTÁRIO N.º 52

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Paulo



N.º de inventário existente

-

Datação

1746

Local (atual) / propriedade

Capela de Nossa Senhora da Assunção da casa da Torre das Pedras / propriedade privada

Local (original) / propriedade

Capela de Nossa Senhora da Assunção da casa Torre das Pedras / propriedade privada

Localização

Em urna própria sobre o altar do retábulo da capela lateral, do lado do Evangelho

Estado

Exposto e com culto

Cidade/vila

São João da Pesqueira

Freguesia

Paredes da Beira

Concelho

São João da Pesqueira

Distrito

Viseu

Diocese

Lamego

Morada / GPS

-

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)

“S. P.” (inscrição pintada na parte superior da urna)

Autêntica (S/N) / local

Sim / propriedade privada

Data oficial

1746

Papa

Bento XIV (p. 1740 - m. 1758)

Agente / cargo

Pe. Manuel de Azevedo Vieira / religioso da Companhia de Jesus, teólogo de História Eclesiástica em Roma (filho do desembargador e fundador da capela, José de Azevedo Vieira)

Data de trasladação

24 de setembro de 1746

Observação

O simulacro do santo mártir Paulo veio para Portugal juntamente com o de São Félix (ficha de inventário n.º 51). Segundo fontes consultadas, os corpos dos santos mártires vieram por Coimbra onde foram alvo de cerimónias especiais certamente por serem aí, nessa data, cónego regente e mestre

*do mosteiro de S. Cruz dois dos filhos de José António de Azevedo Vieira a quem eles vinham dirigidos* (Pinto, 1997, p. 71). Através da mesma fonte sabe-se que o simulacro de São Paulo foi colocado originalmente *debaixo do altar-mor* (Pinto, 1997, p. 71). A capela de Nossa Senhora da Assunção ou capela dos santos mártires foi alvo de devoção logo após a colocação dos simulacros dos corpos santos *cujas fama rapidamente se espalhou pelas serras e povoações da região, dando lugar a diversas peregrinações vindas de muito longe; actualmente ainda ali ocorrem algumas peregrinações por ano, com centenas de pessoas em cada uma (...)* (Pinto, 1997, p. 84). Atualmente, os corpos são ainda visitados por devotos e peregrinos. Prova disso são as dezenas de ex-votos antropomórficos em cera (pernas, mãos, braços, cabeças, etc.) e ex-votos pintados, existentes na capela e sacristia, dos quais não foi possível obter o registo fotográfico

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo do santo mártir Paulo
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Paulo
<b>Categoria</b>	1 <sup>a</sup>
<b>Atributos</b>	Coroa de flores, ramo de flores, cristograma Chi-Rho, vaso de sangue (sem tampa)
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios metálicos dourados e prateados, passamanes dourados e prateados (galões tecidos e de renda), ornamentos (fitas, laços, medalhão), rendas metálicas, metais, madeira, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição lateral sobre o seu lado direito, com o tronco e o rosto ligeiramente elevados em relação à bacia. O cotovelo direito assenta sobre uma almofada e o antebraço eleva-se em direção à cabeça, embora esta e a mão estejam descaídas para trás (a mão parece, inclusive, desfeita ou deformada). O braço esquerdo acompanha o corpo e a mão, aberta e aparentemente partida, pende sobre as coxas. Os joelhos estão ligeiramente fletidos, o esquerdo um pouco elevado em relação ao direito e os pés assentam lateralmente sobre o leito, o direito mais avançado que o esquerdo. O crânio, sem dentes e caído para trás, assenta sobre um véu em tule liso e parece ostentar uma coroa de flores metálicas. O simulacro veste túnica curta (saia e peito) em tecido lavrado branco e espolinado a fio policromo, formando padrões vegetalista de grande colorido. No peito, ao centro, observa-se um pequeno ramo de flores policromas e um medalhão em forma de coração, que pende de uma fita larga, azul e branca. No lado direito do peito observa-se, ainda, o cristograma, formado pelo cruzamento de galões dourados. Um galão largo dourado, decorado com pequenos laços prateados, cinge a cintura. As mãos vestem rendas metálicas prateadas. Os antebraços, as pernas e os pés estão envolvidos por tecidos lisos de tom creme, ornados com galões dourados cruzados entre si. Um manto, em tecido lavrado azul e espolinado a fio policromo, com grandes motivos florais, observa-se atrás do simulacro a envolver ambos os braços. As peças de indumentária são rematadas por galões de renda dourados ou prateados. Junto à cintura, uma fita larga em tecido lavrado de tom vermelho está pousada sobre o leito. Um pequeno cálice em talha dourada e pé alto encontra-se junto à portada frontal
<b>Observações</b>	O manto é igual ao do simulacro do santo mártir Félix (ficha n.º 51). Alguns elementos sugerem que o simulacro foi mexido no passado, nomeadamente: as mãos fraturadas, a ausência de uma almofada e o crânio caído; este último, possivelmente, pela falta de suporte

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

---

**Estado de conservação\*** Mau

---

**Descrição** Sujidade superficial e acumulada; descoloração acentuada e lacerações nos tecidos; tecidos descosidos (saias); deformação e desprendimento dos passamanes; fraturas e deformações volumétrica (mãos); elementos fora do sítio (crânio); oxidação e escurecimento dos metais

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

---

Pinto, J. L. de S. (1997). *Paredes da Beira. Uma Casa, Uma Capela*. Carcavelos: Moinho Velho

---

## INVENTARIANTE (DATA)

---

Joana do Carmo Palmeirão (14.01.2018)

---

## ANEXO FOTOGRÁFICO

---



FICHA DE INVENTÁRIO N° 53

IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome Santo mártir Fiel



N.º de inventário existente -

Datação 1851

Local (atual) / propriedade Igreja paroquial de são Bento / Igreja Católica (propriedade privada)

Local (original) / propriedade Casa dos Soutos de El Rei (?) / família de D. Francisco de Almada (propriedade privada)

Localização Em espaço próprio no banco do retábulo colateral, do lado do Evangelho

Estado Exposto e com culto

Freguesia Louriçal do Campo

Concelho Castelo Branco

Distrito Castelo Branco

Diocese Guarda

Morada / GPS Rua do Adro 54, Louriçal do Campo / 40.04462, -7.50967

INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Autêntica (S/N) / local Não / -

Proveniência Catacumba de santa Ciriaca

Papa Pio IX (p. 1846 - m. 1878)

Agente / cargo Fr. Agostinho da Anunciação (n. 1808 - m. ca. 1874-5) / fundador do colégio para meninos órfãos (colégio de são Fiel), em Louriçal do Campo, e capelão da infanta D. Isabel Maria de Bragança,  
Ou  
D. Isabel Maria de Bragança / infanta de Portugal e padroeira do colégio de são Fiel,  
ou  
D. Francisco de Almada / visconde de Vila Nova de Souto d'El-Rei e primo do marquês de Pombal

	<p>Estampa devocional (fotogravura) rs-0711 “S. Fiel Martyr” “P. Mar<sup>o</sup> gr.” Coleção “Registos de Santos”   BNP</p>	
<p><b>Registos (técnica)</b> <b>N.º de inventário</b> <b>“Inscrição”</b> <b>“Subscrição”</b> <b>Local</b></p>	<p>Estampa devocional (fotogravura) rs-0712 “ORPHANO TU ERIS ADJUTOR / DO ORPHÃO TU SERAS O PROTECTOR // SACR. CORP. SANC. FIDELIS M. / CUM VAS. VII. SANG. RESP. / EX. CEMET. CYRIAC. EXTRACT. // S. FIEL MARTIR / Cuja insigne Reliquia se venera no seu Seminario de Orphãos no Bispado de Castello Branco” Coleção “Registos de Santos”   BNP</p>	
	<p>Painel de azulejo monocromático - “MÁRTIR S. FIEL / Louriçal do Campo” Fontanário na rua do Casalinho, 37 Castelo Branco</p>	<p>Imagem indisponível</p>
<b>Outras informações</b>	<p>Permanecem algumas dúvidas sobre quem é que trouxe as relíquias de são Fiel para Louriçal do Campo. O corpo ainda sai em procissão durante as festas em sua honra, no 4º domingo de agosto. Sobre o corpo veja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 5.2.5. (parte II)</p>	

## CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

<b>Designação popular</b>	Corpo de são Fiel
<b>Tipologia</b>	Simulacro do corpo do santo mártir Fiel
<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos / outros</b>	Coroa de flores
<b>Materiais</b>	Tecidos lisos, lâminas e fios metálicos dourados, rendas metálicas, passamanes dourados e prateados (berloques, galões tecidos e de renda), ornamentos (pérolas/contas, fitas) cabelo, cera/madeira (?), policromia
<b>Descrição</b>	<p>Corpo em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto e o corpo voltados para cima. A cabeça assenta sobre uma almofada. Os braços acompanham o tronco. O direito estende-se sobre a padiola e a mão, fechada, segura um pequeno ornato em tecido branco, bordado a fio dourado e prateado. O cotovelo esquerdo está dobrado e o antebraço e a mão, aberta, apoiam sobre o abdómen. O joelho direito está ligeiramente fletido e inclinado para a direita (em direção ao observador). O pé do mesmo lado assenta lateralmente sobre o leito. A perna esquerda está esticada e o pé, assente sobre o calcanhar, inclina levemente para o lado esquerdo. O rosto, em cera/madeira (?) policromada, possui uma aparência de adulto com barba curta, nariz definido e proeminente, lábios semiabertos e olhos fechados. Um corte no pescoço sugere o martírio sofrido. Possui cabelo curto e escuro, e uma coroa simples de flores brancas decoradas, ao centro, com pérolas/contas. O simulacro veste túnica curta em tecido liso, de cor violeta, com padrões florais e vegetalistas no peito e nas extremidade das mangas e da saia, bordados a lâmina e fio metálico dourado. Os antebraços, as coxas e os pés estão</p>

---

revestidos a tecido liso branco, bordado a lâmina e fio metálico dourado, formando padrões vegetalistas. Aberturas retangulares nos antebraços, emolduradas por galões dourados, deixam a descoberto os ossos no interior. As mãos e as canelas são revestidas com rendas metálicas douradas, cuja trama permite, também, visualizar as relíquias no interior. O simulacro está deitado sobre um manto em tecido liso de cor magenta, decorado com pequenas flores e padrões vegetalistas, bordados a lâmina e fio metálico dourado e ornados com pérolas/contas. Uma faixa branca com berloques cinge a cintura. O simulacro deita sobre um leito revestido com tecido vermelho e a cabeça assenta sobre uma almofada forrada com tecido liso branco, com decoração bordada a lâmina e fio metálico dourado. A túnica, o manto e o leito são, ainda, rematados com galões dourados

---

**Observações**

O vaso de sangue e a palma não foram identificados. O cristograma Chi-Rho encontra-se representado no andor, sobre o qual o santo sai em procissão anualmente. Sobre o simulacro reverja-se, no corpo do trabalho, subcapítulo 5.2.5. (parte II)

---

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**

---

**Estado de conservação\*** Excelente

---

**Intervenções (S/N) / ano** Sim / ca. 2010 (segundo relatos orais)

---

**Observações**

Denota-se o preenchimento de fendas no rosto. As vestes do simulacro são recentes (pelas cores e tecidos utilizados), tratando-se, claramente, de uma remontagem nacional

---

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (22.08.2021)

---

**ANEXO FOTOGRAFICO<sup>720</sup>**

---



---

<sup>720</sup> Uma vez que o registo fotográfico foi realizado no dia da festa, o simulacro estava posicionado no andor e não no espaço para ele concebido no retábulo colateral.

## FICHA DE INVENTÁRIO Nº 54

### IDENTIFICAÇÃO & LOCALIZAÇÃO

Nome	Santo mártir Severino	
N.º de inventário existente	-	
Datação	1783	
Local (atual) / propriedade	Santuário de Nossa Senhora da Agonia / Igreja Católica (propriedade privada)	
Local (original) / propriedade	Santuário de Nossa Senhora da Agonia / Igreja Católica (propriedade privada)	
Localização	Em espaço próprio no banco do retábulo colateral, do lado da Epístola	
Estado	Exposto e com culto	
Cidade	Viana do Castelo	
Freguesia	União das freguesias de Viana do Castelo (Santa Maior e Monserrate) e Meadela	
Concelho	Viana do Castelo	
Distrito	Viana do Castelo	
Diocese	Viana do Castelo	
Morada / GPS	R. de Monserrate 12, 4900-350 Viana do Castelo / 41.69300, -8.83798	

### INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

Inscrições (local)	“S. Severino” (inscrição numa pequena placa fixada na vitrina)
Autêntica (S/N) / local	?
Papa	Pio VI (p. 1775 - m. 1799)
Data de transladação	1783 (?)
Outras informações	No dia 10 de setembro de 1783, o Dr. Pedro Paulo de Barros Pereira, desembargador e provedor do arcebispo D. Gaspar, autenticou <i>‘uma casula de madeira com o corpo de São Severino e um vaso de sangue’</i> (Lima, Rodrigues, & Noé, 2004). Crê-se, por isso, que o simulacro tenha chegado ao santuário no mesmo ano. A romaria de Nossa Senhora da Agonia decorre todos os anos em agosto; entre outras cerimónias, celebra-se a festa de São Severino (com missa)

### CARACTERIZAÇÃO & DESCRIÇÃO

Designação popular	São Severino
Tipologia	Simulacro do corpo do santo mártir Severino

<b>Categoria</b>	3ª
<b>Atributos</b>	Elmo
<b>Materiais</b>	Tecidos variados, fios policromos, lâminas e fios laminados dourados, passamanes dourados e prateados (berloques, galões tecidos, de renda e franjados), rendas metálicas, pasta de papel/gesso (?) policromado, metais, osso
<b>Descrição</b>	Corpo deitado em posição jacente para o lado esquerdo, com o rosto, as pernas e os pés voltados para o lado direito, em direção ao observador. Os braços acompanham o tronco, enquanto os antebraços e as mãos assentam sobre a bacia. As pernas estão esticadas e em posição lateral, assim como os pés. A perna direita avança perante a esquerda. O rosto parece ter sido moldado em pasta de papel/gesso (?), aparentemente pintada/o. De tonalidade acinzentada, o rosto possui feições de adulto com barba, nariz proeminente, e olhos e lábios semiabertos. As sobrancelhas, olhos, lábios e barba são pintados. A cabeça ostenta um elmo em lhama prateada com galões dourados. O simulacro parece vestir indumentária de legionário. Esta é composta por uma túnica curta (mangas e saia) em tecido espolinado a fio policromo, formando padrões florais de grande colorido. O tronco, os braços e as pernas estão revestidos a lhama prateada (igual à do capacete), como que a imitar a armadura. Nos braços, antebraços e pernas observam-se aberturas retangulares – revestidas com renda metálica –, através das quais se observam, o que aparentam ser, os ossos no interior. Os antebraços parecem revestir-se de tule e as mãos vestem rendas metálicas prateadas. Os pés calçam sandálias compostas por rendas metálicas, tecido adamascado com padrões florais, tule e galões dourados. Todas as peças são decoradas e rematadas por galões dourados e prateados, de diferentes feitios e tamanhos. Um tecido de damasco bordeaux completa o conjunto, compondo o manto. Este é visível nos ombros e no prolongamento do corpo, junto à parede posterior. O simulacro assenta sobre um leito forrado com veludo (?) bordeaux e duas almofadas, aparentemente, forradas com tecido igual ao do manto e decoradas com passamanes dourados e prateados
<b>Observações</b>	Embora venha referido que o corpo foi autenticado juntamente com o vaso de sangue, este não se encontra junto ao simulacro. Alguns elementos, em particular o feitio e o brilho de alguns galões, sugerem que o simulacro foi alvo de uma intervenção no passado

## ESTADO DE CONSERVAÇÃO

<b>Estado de conservação*</b>	Razoável
<b>Descrição</b>	Sujidade superficial e acumulada; deformação dos passamanes; esmagamento dos membros (tecidos das pernas achatados); oxidação e escurecimento dos metais; fendas, lacunas e perdas volumétricas na policromia do rosto

\*Excelente; Bom; Razoável; Mau; Deteriorado; Perda

## FONTES DOCUMENTAIS & ELETRÓNICAS

Lima, A., Rodrigues, M., & Noé, P. (2004). IPA.00003530 Igreja da Senhora da Agonia / Santuário de Nossa Senhora da Agonia. Portugal, Viana do Castelo, União das freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadela. Retrieved December 22, 2021, from [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3530](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3530)

**INVENTARIANTE (DATA)**

---

Joana do Carmo Palmeirão (19.08.2021)

---

**ANEXO FOTOGRÁFICO**

---



## Apêndice VI – Rendimento das esmolas de são Fortunato

**Tabela VI-A** – Rendimento das esmolas de são Fortunato (Guimarães), num período de vinte anos (1788-1808). © Joana Palmeirão

	Data	Caixa		Total <sup>721</sup>		Data	Caixa		Total
		Dinheiro	Pão				Dinheiro	Pão	
1ª década	<b>1788</b>	260\$818	- <sup>722</sup>	291\$248	2ª década	<b>1798</b>	355\$580	10\$050	413\$970
	<b>1789</b>	268\$915	-	383\$236		<b>1799</b>	274\$640	4\$950	353\$445
	<b>1790</b>	298\$605	-	316\$445		<b>1800</b>	274\$710	7\$360	298\$070
	<b>1791</b>	387\$310	6\$530	430\$360		<b>1801</b>	186\$664	6\$675	193\$339
	<b>1792</b>	-	-	667\$265 <sup>723</sup>		<b>1802</b>	-	-	234\$235
	<b>1793</b>	531\$003	14\$390	574\$133		<b>1803</b>	135\$959	4\$050	140\$009
	<b>1794</b>	349\$685	6\$600	358\$565		<b>1804</b>	117\$748	2\$070	121\$393
	<b>1795</b>	340\$650	6\$940	347\$590		<b>1805</b>	90\$580 <sup>724</sup>	-	-
	<b>1796</b>	238\$824	7\$665	246\$489		<b>1806</b> <sup>725</sup>	-	-	-
	<b>1797</b>	233\$630	5\$600	239\$230		<b>1807</b>	86\$739	1\$980	88\$719
<b>1798</b>	355\$580	10\$050	413\$970	<b>1808</b>	70\$480	-	80\$580		

<sup>721</sup> O valor total inclui, além das esmolas dos devotos (dinheiro e pão), as esmolas particulares, os bens ofertados (animais, ouro, tecidos, etc.), as estampas, entre outros mencionados no corpo do trabalho, que dizem respeito apenas a são Fortunato. A partir de 1794, o *Rendim.<sup>o</sup> das medidas (...)* mais *miudezas* passaram para a *Conta geral* não fazendo, por isso, parte do valor total apresentado. Deste valor foram, ainda, subtraídas as esmolas da caixa do Senhor dos Passos, que, a partir de 1798, foram somadas às do são Fortunato e a estas, por vezes, também, as esmolas das caixas da vila. Para que se entenda o processo realizado: no ano de 1807, o valor total (88\$719) foi subtraído de um total de 138\$552, no qual se incluem o *Caixão de S. Fortunato e Caixa do S.<sup>r</sup> e medidas e Estampas e Sinos e S. chrestia* [sacristia] e *Caixas da villa Como Consta do Livro das Contas do m.<sup>mo</sup> S.<sup>to</sup>* (RINSCSP, 1748, fol. 271r).

<sup>722</sup> Nos espaços em que consta o sinal gráfico ou hífen (-), desconhece-se o valor discriminado do elemento correspondente (dinheiro ou pão), mas o mesmo encontra-se incluído no valor total.

<sup>723</sup> No ano de 1792, o valor discriminado (dinheiro e pão) relativo às esmolas de são Fortunato não consta no “Livro de esmolas e despesas com festividades de S. Fortunato”. Por esta razão, apresenta-se o valor total com todos os outros rendimentos referidos na nota anterior. O mesmo se aplica ao ano de 1802.

<sup>724</sup> Aqui só vem informação do rendimento do *Caixão* de são Fortunato, entre 25 de novembro de 1804 e 29 de novembro de 1805. Neste ano é já notória a diferença de valores ao nível de esmolas, bem como a abertura da caixa, tendo esta decorrido apenas uma vez, quando nos anos anteriores a caixa foi aberta três a quatro vezes no mesmo ano, devido à quantidade elevada de esmolas ofertadas.

<sup>725</sup> Os registos do ano de 1806 aparecem com os folios riscados e os números “zerados”.

**Tabela VI-B** – Comparação dos valores das esmolas das caixas de são Fortunato e do Senhor dos Passos entre 1799-1809 e 1896-1900. © Joana Palmeirão

1799-1809			1896-1900 <sup>726</sup>					
Datas	Dinheiro		Datas	Dinheiro		Datas	Dinheiro	
	Fortunato	Passos		Fortunato	Passos		Fortunato	Passos
1799	274\$640	8\$245	1804	117\$748	4\$260	1896	1\$355	\$245
1800	274\$710	10\$100	1805	90\$580 <sup>727</sup>	-	1897	1\$295	\$080
1801	186\$664	31\$650	1806	-	-	1898	3\$200	\$425
1802	-	-	1807	86\$739	6\$595	1899	2\$855	\$190
<u>1803</u>	135\$959	18\$560	<u>1808</u>	70\$480	14\$335	1900	2\$225	\$445
1804	117\$748	4\$260	1809	21\$815	\$940			

<sup>726</sup> Valores recolhidos do “Livro de registos de esmolas” (cota 188), que compreende o período entre 1896 e 1908.

<sup>727</sup> Reveja-se, *supra*, nota n.º 724.

## Apêndice VII – Resultados analíticos

**Tabela VII-A** – Resultados analíticos das amostras recolhidas do simulacro do corpo do santo mártir Marciano, Óbidos. © Joana Palmeirão

Localização	ID	Descrição	Cor	Material (Técnicas)		
<b>Rosto e membros</b>	rosto	<b>M1</b>	cera	amarelo-acastanhado claro	cera de abelha (ATR-FT-IR) cera de abelha (Py-GC-MS)	
	pescoço	<b>M2</b>	fibra (enchimento)	branca	algodão (OM)	
	cabelo	<b>M3</b>	fio	castanho-escuro	pelo humano (OM) material proteico (ATR-FT-IR)	
	sobrancelha (esquerda)	<b>M5</b>	fio	castanho-escuro	pelo humano (OM)	
<b>Luva</b>	franja	<b>M6</b>	fio laminado grosso	dourado	liga de prata dourada (SEM-EDS)	
			alma	amarela	fibra de seda (OM) lírio-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)	
	renda metálica	<b>M8</b>	fio laminado fino	prateado	liga de prata (SEM-EDS)	
<b>Gibão</b>	galão tecido	<b>M10</b>	fio laminado grosso	dourado	liga de prata dourada (SEM-EDS)	
			alma	amarela	fibra de seda (OM)	
	galão de renda	<b>M11</b>	fio laminado muito fino	dourado	liga de prata dourada (SEM-EDS)	
			alma	amarela	fibra de seda (OM)	
	galão de renda	<b>M9</b>	fio de fixação	amarelo	fibras de algodão e de linho/cânhamo (MO)	
		<b>M15</b>	lâmina	dourada	cobre lateado (SEM-EDS)	
<b>Casaco</b>	veludo	<b>M18</b>	fibra têxtil	bordeaux	fibra de seda (OM) cochinilha (LC-DAD-MS)	
<b>Veste interior</b>	tecido	<b>M17</b>	fibra têxtil	azul-celeste	fibra de seda (OM)	
		galão de renda	<b>M19</b>	fio laminado crespo muito fino	dourado	liga de prata dourada (SEM-EDS)
				alma	amarela	fibra de seda (OM)
	galão de renda	<b>M20</b>	lâmina	dourada	prata dourada (SEM-EDS)	
		<b>M16 (baixo)</b>	lâmina	dourada	cobre lateado (SEM-EDS)	
		<b>M23 (cimo)</b>		fio laminado fino	dourado	prata dourada (SEM-EDS)
				alma	amarela	fibra de seda (OM) lírio-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
<b>Manto</b>	tecido	<b>M24 (cimo)</b>	lâmina	dourada	prata dourada (SEM-EDS)	
		<b>M25</b>	fibra têxtil	creme	fibra de seda (OM) nenhum corante identificado (LC-DAD-MS)	
	motivos florais	<b>M27</b>			verde-claro	fibra de seda (OM)
		<b>M28</b>			verde-escuro	fibra de seda (OM) lírio-dos-tintureiros + indigóide (LC-DAD-MS)
		<b>M29</b>	fibra têxtil	castanha	fibra de seda (OM)	
		<b>M30</b>		branca	fibra de seda (OM)	
		<b>M32</b>		azul	fibra de seda (OM)	
outro	<b>M34</b>		salmão	fibra de seda (OM)		
	<b>M26</b>	alfinete	cinzento	latão (SEM-EDS)		
<b>Bota (esq.)</b>	tecido	<b>M37</b>	fibra têxtil	branco-pérola	fibra de seda (OM)	
		<b>M42</b>	fio de fixação	castanho	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)	
	sola	<b>M43</b>	enchimento	castanho-escuro	fibra animal (OM)	
		<b>M44</b>	couro	castanho	fibra animal (OM)	

	outro	<b>M36</b>	alfinete	cinzento	latão (SEM-EDS)
<b>Padiola</b>	tecido (lhama)	<b>M40</b>	fibra têxtil	amarela	fibra de seda (OM)
	cetim	<b>M45</b>	fibra têxtil	branco-pérola	fibra de seda (OM)
<b>Almofadas</b>	lhama	<b>M41</b>	lâmina	dourado	cobre lateado (SEM-EDS)
	damasco	<b>M46</b>	fibra têxtil	bordeaux	fibra de seda (OM)
<b>Coroa de flores</b>	flores	<b>MF1</b>	papel corado	púrpura	fibras vegetais (OM)
		<b>MF2</b>		branco-escuro	taninos (LC-DAD-MS)

**Tabela VII-B** – Resultados analíticos das amostras recolhidas dos simulacros dos corpos das santas mártires Vitória e Eleonora, Oeiras. © Joana Palmeirão

Localização	ID	Descrição	Cor	Material (Técnicas)	
<b>Rosto e membros</b>	rosto	<b>V25</b>	cera	amarelo-alaranjado	cera de abelha (ATR-FT-IR e Py-GC-MS)
	cabelo	<b>V3</b>	fio	castanho-acinzentado	pelo humano (OM) material proteico (ATR-FT-IR)
	pescoço	<b>E21</b>	fibra (enchimento)	branco	algodão (OM)
<b>Vestido</b>	tecido (cabeça)	<b>V20</b>	fibra têxtil	branco-acinzentado	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)
	bordado a ouro (manga)	<b>V16</b>	lâmina (canotilho)	dourado	liga de prata dourada (SEM-EDS)
<b>Saia</b>	tecido	<b>V1</b>	fibra têxtil	amarelo-rosado	fibra de seda (OM)
<b>Corpete</b>	tecido	<b>V14</b>	fibra têxtil	azul-celeste	fibra de seda (OM) índigo/pastel-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
	tecido bordado (manga)	<b>V17</b>	fibra têxtil	branco-acinzentado	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)
	galão de renda	<b>V9</b>	lâmina	dourado	liga de prata dourada (SEM-EDS)
<b>Manto</b>	tecido	<b>V23</b>	fibra têxtil	azul-esverdeado	fibra de seda índigo/pastel-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
	galão de renda	<b>V7</b>	lâmina	dourada	cobre lateado (SEM-EDS)
<b>Almofada e leito</b>	tecido	<b>V22</b>	fio de fixação	amarelo	fibra de seda (OM) lírio-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
		<b>V2</b>	fibra têxtil	carmesim	fibra de seda (MO) cochinilha (LC-DAD-MS)
<b>Outros</b>	palma	<b>E14</b>	fibra têxtil	verde-escuro	fibra de seda (OM) lírio-dos-tintureiros + índigo/pastel-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
	ramo de flores	<b>E3</b>	pétala	amarela	fibras de madeira (OM) celulose + carbonato de cálcio + proteína + caulinita (ATR-FT-IR)
	coroa	<b>V5</b>	pétala	branca, amarela e azul	fibras de madeira (OM) celulose + cera natural + goma arábica (ATR-FT-IR)
		<b>V18</b>	fios de feira	prateado	cobre prateado (SEM-EDS)

**Tabela VII-C** – Resultados analíticos das amostras recolhidas do simulacro do corpo do santo mártir Burcio. © Joana Palmeirão

Localização	ID	Descrição	Cor	Material (Técnicas)	
Rosto e membros	braço direito	B1	revesti mento (osso)	amarelo acastanhado	-
		B2	gaze	branco acastanhado	fibra de seda (OM) nenhum corante identificado (LC-DAD-MS)
	rosto	B8	gaze	creme	seda (OM) proteína + carbonato de cálcio + goma + cera animal (ATR-FT-IR) taninos (LC-DAD-MS)
Luva esquerda	galão de renda	B4	alma (fio laminado dourado)	amarela	fibra de seda (OM)
Coroa	pasta de papel	B6	papel		Fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)

**Tabela VII-D** – Resultados analíticos das amostras recolhidas do simulacro do corpo do santo mártir Vicente. © Joana Palmeirão

Localização	ID	Descrição	Cor	Material (Técnicas)	
Rosto e membros	rosto	Vic2	cera (suporte)	branco acinzentado	cera animal + carbonato de cálcio (ATR-FT-IR) cera animal (Py-GC-MS)
			camada cromática	carnação	cera animal + branco de chumbo (ATR-FT-IR) pigmentos à base de chumbo (SEM-EDS)
	braço	Vic3	enchimento fibroso	amarelo-claro a laranja	fibras de linho/cânhamo (OM)
Faixa (cintura)	tecido	Vic4	fibra têxtil	azul	fibras de seda (OM) índigo/pastel-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
Coroa	folha	Vic5	papel	verde	fibras vegetais (OM)

**Tabela VII-E** – Resultados analíticos das amostras recolhidas do simulacro do santo mártir Fortunato. © Joana Palmeirão

Localização	ID	Descrição	Cor	Material (Técnicas)	
Rosto e membros	cabelo	For1	fibra vegetal	castanha alaranjada	fibras vegetais (OM) celulose + goma (ATR-FT-IR)
	pescoço	For2	fibra têxtil (tafetá)	amarela acastanhada	fibra de seda (OM) proteína + goma/amido (ATR-FT-IR) nenhum corante identificado (LC-DAD-MS)
Túnica	saia	For8.1	fibra têxtil	salmão	fibra de seda (OM)

					proteína + resina natural (ATR-FT-IR) pau-brasil (LC-DAD-MS)
		<b>For8.2</b>	fibra têxtil	preto	fibra de seda (OM) proteína (ATR-FT-IR) taninos (LC-DAD-MS)
		<b>For8.3</b>	fibra têxtil	bege	fibra de seda (OM) nenhum corante identificado (LC-DAD-MS)
	galão franjado	<b>For12.3</b>	fio laminado	prateado	cobre prateado (SEM-EDS)
			alma	branca	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)
	fio de fixação do galão	<b>For11.2</b>	fibra têxtil	branca	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)
<b>Armadura</b>	lhama (fio de teia)	<b>For10.1</b>	fibra têxtil	branca	fibra de seda (OM)
	galão tecido (peito)	<b>For14.1</b>	alma (fio laminado fino S)	amarela	fibra de seda (OM)
<b>Manto</b>	tecido (cetim)	<b>For7</b>	fibra têxtil	azul-celeste	fibra de seda (OM) proteína + resina natural (ATR-FT-IR) índigo/pastel-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
	fio de fixação do tecido e do galão	<b>For7.1</b>	fibra têxtil	azul-celeste	fibra de seda (OM) índigo/pastel-dos-tintureiros (LC-DAD-MS)
		<b>For15.1</b>	lâmina larga	dourada	cobre lateado (SEM-EDS)
	galão de renda	<b>For15.2</b>	alma (fio laminado grosso S)	rosa	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)
<b>Sandálias</b>	tecido (cetim)	<b>For9</b>	fibra têxtil	creme	fibra de seda (OM)
	galão tecido	<b>For16.1</b>	fio de feira	dourado	cobre lateado (SEM-EDS)
		<b>For16.3</b>	fibra têxtil	amarela	fibra de seda (OM)
<b>Elmo</b>	lhama	<b>For18.1</b>	lâmina	prateada	cobre prateado (SEM-EDS)
	galão franjado	<b>For19</b>	alma (fio laminado S)	branca	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM)
<b>Padiola</b>	tecido (tafetá)	<b>For28</b>	fibra têxtil	Rosa-claro	fibra de seda (OM)
	fio de fixação do galão	<b>For28.1</b>	fibra têxtil	branca	fibra de seda (OM)
<b>Outros elementos</b>	adornos	<b>For21</b>	conta	branca acinzentada	núcleo: sulfato de cálcio + resina natural exterior: cera natural + proteína + sulfato de cálcio (ATR-FT-IR)
		<b>For22</b>	flor metálica	vermelho-púrpura	goma (ATR-FT-IR)
		<b>For24</b>	adesivo das flores metálicas	vermelho acastanhado escuro	proteína + resina natural (ATR-FT-IR)
	base cartonada	<b>For26</b>	enchimento	branco acinzentado	algodão
		<b>For31</b>	fibras vegetais	brancas, verdes, azuis, vermelhas e castanhas	fibras de algodão e de linho/cânhamo (OM) celulose + sulfato de cálcio + carbonato de cálcio + goma (ATR-FT-IR)
	alfinete	<b>For33</b>		castanho acinzentado escuro	material ferroso (corrosão alaranjada) (OM)

## Apêndice VIII – Intervenções realizadas em Portugal

Intervenções (de conservação e restauro) realizadas em Portugal. © Joana Palmeirão

Nome & Localização	Interveniente(s) & Formação	Data & Duração
<b>Santos Bonifácio e Vitória</b> Igreja de são Nicolau, Lisboa	?	?
<b>Santa Justina</b> Igreja de santo António, Lisboa	Dra. Maria Antónia Tinturé – conservadora-restauradora (DGPC) Dra. Lídia Fernandes – arqueóloga (especialidade cerâmica e materiais osteológicos)	Agosto de 1994 2 semanas
<b>Santo Urbano</b> Igreja das Chagas, Lisboa	Sr. Miguel Santos – técnico de C&R de escultura Dra. Beatriz Conceição e Dra. Paula Cruz – técnicas de conservação de têxteis (IJF) Dra. Dulcina Carvalho – técnica de C&R de pintura	1996 2 ½ anos
<b>São Clemente</b> Igreja do Sr. do Calvário, Bujões	Sr. António e Sr. Carlos – artesãos (Casa Clemente, Braga)	ca. 2010-12 3 a 4 meses
<b>Santos Clemente e Severino</b> Igreja dos Congregados, Porto	?	ca. 2008-10 ?
<b>Santos Aurélio e Pacífico</b> Cap. de são Vicente, Sé do Porto	Joana Palmeirão, mestranda em C&R (EA-UCP) Cristina Basto, técnica de C&R (EA-UCP)	2013-14 2 a 3 meses
<b>São Justino</b> Capela privada da quinta da Espregueira, Barcelos	Caseiros	ca. 2017-19 ?
<b>São Ixopério</b> Basílica da Estrela, Lisboa	Equipa de conservadores-restauradores <sup>728</sup>	2020 ?
<b>São Fortunato</b> Igreja de N. Sra. da Consolação e Santos Passos, Guimarães	Dra. Joana Palmeirão – conservadora-restauradora de escultura/ talha	Novembro de 2020 37 dias
<b>Vários</b> <i>Regalis Lipsanotbeca</i> , Ourém	Doutor Carlos Evaristo – arqueólogo	2020-21 ?

<sup>728</sup> Informação cedida pelo senhor prior cónego António Marim, a 15 de agosto de 2020, sem, no entanto, especificar qual a equipa que estava a trabalhar no restauro do simulacro.